

Componente curricular: História • Ensino Fundamental • Anos Finais

Manual do
Professor

Ronaldo Vainfas
Jorge Ferreira
Sheila de Castro Faria
Daniela Buono Calainho

HISTÓ RIA.doc

9

Ronaldo Vainfas

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense

Jorge Ferreira

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense

Sheila de Castro Faria

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense
Professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense

Daniela Buono Calainho

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense
Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

HISTÓ RIA.doc

9

São Paulo, 2018
2ª edição

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Mirian Senra
Gestão de área: Wagner Nicaretta
Coordenação: Eduardo Guimarães
Edição: Aline dos Reis Neves e Carolina Leite de Souza (editoras),
Lígia Torres Figueiredo (assist. editorial)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo,
Roseli Said e Márcia Pessoa
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Moraes,
Célia Carvalho, Flávia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Maura Loria,
Paula T. de Jesus, Sandra Fernandez, Sueli Bossi, Amanda T. Silva e
Bárbara de M. Genereze (estagiárias)
Arte: Daniela Amaral (ger.), Cláudio Faustino (coord.),
Eber Alexandre de Souza (edição de arte)
Diagramação: Typegraphic
Iconografia: Sílvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.) e
Paula Dias (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.)
e Luciana Sposito (licenciamento de textos); Erika Ramires, Luciana Pedrosa
Bierbauer, Luciana Cardoso e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf, Fernanda Crevin
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Thais Ometto (proj. gráfico) e
Talita Guedes da Silva (capa)
Foto de capa: Oily Curtis/Future Publishing/Getty Images,
Berci/Shutterstock

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221, 1ª andar, Setor A –
Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902
SAC 0800 011 7875
www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

História.doc, 9º ano : ensino fundamental, anos finais /
Ronaldo Vainfas ... [et al.]. -- 2. ed. -- São Paulo :
Saraiva, 2018.

Outros autores: Jorge Ferreira, Sheila de Castro Faria,
Daniela Buono Calainho
Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3619-9 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3620-5 (professor)

1. História (Ensino fundamental). I. Vainfas,
Ronaldo. II. Ferreira, Jorge. III. Faria, Sheila de Castro.
IV. Calainho, Daniela Buono.

2018-0113 CDD: 372.89

Julia do Nascimento - Bibliotecária - CRB-8/010142

2018

Código da obra CL 820655
CAE 631644 (AL) / 631736 (PR)
2ª edição
1ª impressão



Impressão e acabamento

APRESENTAÇÃO

Caro Professor,

O principal objetivo desta coleção é atrair o interesse dos estudantes para o estudo da História e sensibilizá-lo para a importância da nossa disciplina em sua formação, não apenas como estudantes, mas como cidadãos. A História pode contribuir para estimular a tolerância, em face das diferenças; a consciência crítica, em face das desigualdades sociais e dos preconceitos culturais; a valorização da democracia como modelo para lidar com o contraditório, no campo da política.

Atrair o aluno para o estudo da História é, como todos bem sabem, tarefa difícil. Em uma época como a nossa, apegada ao imediatismo do presente em prejuízo da memória e da investigação do passado, apostar em uma coleção didática pode parecer quixotesco.

Mas essa é mesmo a nossa escolha. No combate ao convencionalismo que, tempos atrás, marcou o ensino desta disciplina, buscamos mergulhar o estudante nas tramas da História, sobretudo por meio de uma narrativa que, sem prejuízo de abordagens gerais, valoriza experiências individuais, episódios-chave, trajetórias particulares.

Trata-se de um exercício teórico-metodológico que articula um olhar para a “grande História” com uma perspectiva microanalítica. Um exercício que alterna escalas de observação das sociedades no tempo, entre o particular e o geral, entre o indivíduo e a sociedade, entre o sentimento e a razão, entre a experiência concreta e a explicação que recorre a grandes modelos.

Nossa expectativa é fazer com que os estudantes se interessem pelo que aconteceu em outras épocas, diferenciando o nosso tempo de outros tempos; valorizando as diferenças, sem negar as semelhanças; percebendo os significados dos conflitos que a humanidade atravessa desde que surgiu no planeta.

Quanto aos colegas professores, nossa expectativa é a de que sejam parceiros, companheiros de viagem, e de que a coleção que aqui apresentamos possa ser útil como um apoio na tarefa nada simples de fazer os estudantes se interessarem e se envolverem pelo estudo da História, tornando-se cidadãos conscientes e comprometidos com a democracia, com a liberdade e com a justiça.

Os autores

SUMÁRIO

Fundamentação teórica e pedagógica V

- ▶ Como pensar uma obra didática em História: pontos de partida V
 - O desenvolvimento cognitivo do estudante e a progressão didática..... V
 - O papel das coleções didáticas no ensino de História VI
 - A reelaboração dos saberes históricos em sala..... VII
- ▶ O conteúdo do texto didático em História para os anos finais do Ensino Fundamental..... VIII
 - Pressupostos didáticos da coleção..... VIII
 - A importância de conteúdos tradicionais IX
 - Tratamento dos conteúdos X
- ▶ Renovação teórico-metodológica: a construção do hipertexto X
 - O contato com as fontes escritas XI
 - A imagem como objeto de análise..... XI
 - Interdisciplinaridade XII
- ▶ Inovação teórico-metodológica na construção da narrativa: jogos de escalas XIII
 - Limites e riscos do hipertexto..... XIII
 - Familiarizar a narrativa por meio da alternância de escalas..... XIV
- ▶ Pelo ensino de uma História engajada XIX
 - O lugar da África na História XX
 - O lugar dos indígenas na História XXII
 - Combate à discriminação das alteridades XXV
- ▶ Ensino de História e experiência cotidiana na Base Nacional Comum Curricular..... XXVI
- ▶ Por uma avaliação dialógica e interativa XXVII

Plano geral da coleção e a BNCC XXVIII

- ▶ Descrição da coleção..... XXVIII
 - Estrutura da coleção XXVIII
 - Os volumes e sua estrutura..... XXX
- ▶ Adequação da coleção à BNCC..... XXXIII
 - Unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades XXXIII
 - Competências gerais da Educação Básica, específicas de Ciências Humanas e específicas de História XLIV
 - Recursos digitais disponíveis..... XLVII

Bibliografia XLVIII

- Indicações pedagógicas XLVIII
- Bibliografia consultada XLVIII



Samuca/Acervo do Cartunista

Como pensar uma obra didática em História: pontos de partida

A proposta desta coleção é auxiliar o professor a pôr em prática a vivência do ensino de uma História plural, livre de ortodoxias, atenta às diversidades regionais e sociais do país e ciosa das mudanças por que passam os estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais (6º ao 9º ano).

Não se trata de tarefa simples. Lembremos a extensão continental, as desigualdades sociais e a complexidade cultural do Brasil, o que implica considerar estudantes com perfis muito diferentes, dependendo da região em que residem ou do lugar social que ocupam.¹

Por isso, procuramos, nesta coleção, multiplicar as sugestões de textos, documentos, mapas e imagens, e incluir propostas de utilização de variados recursos didáticos passíveis de serem acionados nas várias regiões do país.

Em termos mais gerais, vivemos em uma época na qual a leitura de livros rivaliza, para dizer o mínimo, com a leitura fragmentária de textos em páginas da internet, acessados pelos computadores, *tablets* e telefones celulares. As coleções didáticas impressas não podem desconsiderar essa evidência. Não devem, é claro, desmerecer outros recursos midiáticos, mas dialogar com eles e, na medida do possível, incorporá-los ao texto impresso por meio de indicações ou conteúdos digitais articulados à matéria escrita. É o que nos sugere a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) com absoluta nitidez:

Há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, *tablets* e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. Por sua vez, essa cultura também apresenta forte

apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar.²

As inovações na abordagem não implicarão, porém abandono de certas tradições da disciplina, a exemplo da periodização e do currículo em vigor. A BNCC recomenda esse equilíbrio entre o tradicional e o novo no arrazoado sobre o primeiro procedimento do componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental:

O primeiro procedimento implica o uso de uma forma de registro de memória, a cronológica, constituída por meio de uma seleção de eventos históricos consolidados na cultura historiográfica contemporânea. A cronologia deve ser pensada como um instrumento compartilhado por professores de História com vistas à problematização da proposta, justificção do sentido (contido no sequenciamento) e discussão dos significados dos eventos selecionados por diferentes culturas e sociedades. [...] ³

O desenvolvimento cognitivo do estudante e a progressão didática

Os estudos atuais de Psicologia da Infância sugerem que a faixa etária correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental inclui estudantes em estágios muito diferentes de desenvolvimento cognitivo. Trata-se de uma faixa em que esse sistema está em formação. Estudantes do 5º ano guardam mais semelhanças do que diferenças com os do 7º ano, enquanto entre estudantes do 6º e do 9º ano predominam as diferenças. O **fator pubertário** é importante nesse processo, embora não seja decisivo. A BNCC valoriza muito tais aspectos, considerando que “os estudantes dessa fase inserem-se em uma faixa etária que corresponde à transição entre infância e adolescência, marcada por intensas mudanças decorrentes de transformações biológicas, psicológicas, sociais e emocionais. [...]”⁴

Realçar o fator pubertário não implica, necessariamente, adotar o modelo freudiano como base de um modelo educa-

1 Conforme determina o parágrafo 2º das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos, a educação de qualidade, como direito fundamental do ser humano, deve ser relevante, pertinente e equitativa, sendo que “A pertinência refere-se à possibilidade de atender às necessidades e às características dos estudantes de diversos contextos sociais e culturais e com diferentes capacidades e interesses” [Resolução CNE/CEB nº 7/2010, p. 2].

2 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 59.

3 Idem, p. 414.

4 Idem, p. 58.

cional. Como alertam André Júlio Costa e Veranilde Mota⁵, trata-se de uma teoria que superdimensiona os laços entre a psiquê e a sexualidade humanas na formação dos indivíduos. Os autores lembram o texto polêmico de Catherine Milliot, uma das maiores críticas de Freud, cujo título já diz tudo, *Freud antipedagogo*.⁶ No entanto, lembram os autores que os mesmos críticos de Freud admitem que o saber psicanalítico oferece ferramentas para o trabalho pedagógico.

Lembremos também a contribuição de Jean Piaget, que prioriza os aspectos sensório-cognitivos para o estudo da infância. Para ele, as crianças entre os 7 e os 12 anos de idade se encontram na faixa etária chamada “período das operações concretas”. Nesta fase, segundo Piaget, elas se tornam capazes de refletir sobre pontos de vista diferentes. Em geral, somente nos dois últimos anos do Ensino Fundamental os estudantes saíam dessa faixa piagetiana. Trata-se, porém, de um *continuum* gradual de evolução cognitiva que não pode ser tomado em bloco.

Uma coleção de História para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental deve, em resumo, considerar as mudanças inerentes à passagem da infância à adolescência. A maneira de apresentar os conteúdos, a linguagem da exposição didática, os tipos de atividades de fixação e reflexão, tudo isso deve acompanhar as variações no interior dessa faixa etária dos estudantes.

O papel das coleções didáticas no ensino de História

Em artigo publicado em 2010, a historiadora Crislane Barbosa Azevedo chamou de “três pecados capitais” os seguintes procedimentos prejudiciais à aprendizagem da História: o anacronismo, o voluntarismo teórico e o descritivismo nominalista⁷.

O Ministério da Educação rejeita há tempos os dois primeiros problemas conceituais em sua avaliação de livros didáticos, problemas esses que, infelizmente, marcaram por muito tempo o ensino da História em nosso país.

No caso do **anacronismo**, trata-se de aplicar critérios e sentimentos do tempo atual ao tempo passado, como se fossem valores de todas as épocas.

No caso do **voluntarismo teórico**, trata-se da aplicação a fontes históricas, documentos e textos, de uma teoria já existente no pesquisador ou autor oriunda de convicções filosóficas ou religiosas.

No caso do **descritivismo nominalista**⁸ – na feliz expressão de Crislane –, trata-se da supervalorização do factual e do anedótico, em especial nos livros voltados para a vida cotidiana na História⁹.

Esse problema aparece quando uma obra se baseia na ilusão de querer reconstruir a vida das sociedades passadas tal como as pessoas a viviam. Se aplicado a obras didáticas, há o risco de veicular estereótipos dos grupos e comportamentos sociais.

Avançando em nossas reflexões, vale retomar um texto clássico, publicado por Tania Regina de Luca e Sonia Regina Miranda na *Revista Brasileira de História*. Baseadas em um balanço das principais tendências do livro didático em História naquele momento, as autoras sugerem possibilidades de aplicação valiosas e abrangentes:

Contrariamente à apreensão predominante no âmbito do senso comum, o livro didático é um produto cultural dotado de alto grau de complexidade e que não deve ser tomado unicamente em função do que contém sob o ponto de vista normativo, uma vez que não só sua produção vincula-se a múltiplas possibilidades de didatização do saber histórico, como também sua utilização pode ensejar práticas de leitura muito diversas.¹⁰

Elaborar uma obra didática implica fazer escolhas acerca de como apresentar [didatizar] os conteúdos, levando em conta o público a que se destina (no caso, estudantes e professores dos anos finais do Ensino Fundamental).

Os livros didáticos de História, como qualquer produto cultural, são fruto de seu tempo e, assim, exprimem o ponto de vista de seus autores quanto aos conteúdos a serem contemplados

5 COSTA, André Júlio; MOTA, Veranilde. Psicanálise e educação na formação do pedagogo. *Revista do Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2011. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000032010000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 4 set. 2018.

6 MILLIOT, Catherine. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

7 AZEVEDO, Crislane Barbosa. A renovação dos conteúdos e métodos da História ensinada. *Percursos*, Florianópolis, v. 11, n. 2, 2010.

8 O nominalismo já foi um dos critérios de exclusão dos livros didáticos de história nos programas governamentais de aquisição de livros: “Nominalismo, quando a análise proposta abstrai-se de realidades vividas pelos sujeitos históricos, em proveito da mera descrição de quadros jurídicos, regulamentares ou institucionais. Ao invés de dar prioridade às relações sociais dos agentes históricos, que efetivamente são os autores da História, atribui-se vida e vontade a instituições ou categorias de análise”. BRASIL. *Edital PNLD 2008*. Brasília: Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação/Ministério da Educação, 2005. p. 45-46.

9 AZEVEDO, Crislane Barbosa, op. cit., p. 11.

10 LUCA, Tania Regina de; MIRANDA, Sônia Regina. O livro didático de História hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, 2004. p. 124.

no livro, bem como sobre o modo de apresentá-los. Na história dos livros didáticos brasileiros, muitos endossaram os valores dominantes da sociedade, enquanto outros os criticaram frontalmente.

No Brasil do século XXI, essa questão se afigura mais complexa, na medida em que visões consideradas críticas nos anos 1970-1980, como de fato eram no período de redemocratização do país, hoje são utilizadas de forma, por vezes, empobrecida.

Desde aquele período, houve avanços sobretudo quanto à valorização dos grupos oprimidos em nossa história, como os afrodescendentes, os indígenas e os trabalhadores em geral¹¹. Mas o perigo da monumentalização dos oprimidos, se não houver cuidado, também conspira contra a História, do mesmo modo que a celebração das elites opressoras.

Os autores de coleções didáticas em História devem estar atentos para esse ponto, porque seguir a “história oficial”, seja ela qual for, conduz a um resultado no mínimo discutível: os verdadeiros atores do processo pedagógico (professores e estudantes) são reificados, transformados, quando muito, em “sujeitos passivos” da pedagogia.

A BNCC, além de recomendar esses cuidados, valoriza a reflexão dos próprios estudantes sobre os conteúdos apresentados, em especial as polêmicas, os processos ou eventos que suscitem interpretações distintas, senão opostas, entre os historiadores. Nos comentários sobre o terceiro procedimento necessário ao componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental, espera-se que uma coleção de História ofereça possibilidades de reconhecimento e interpretação “de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias”.¹²

As coleções didáticas de História, com a importantíssima – e imprescindível – mediação dos professores, devem transmitir conhecimentos e valores afinados com o avanço da historiografia, abrindo caminho para a reflexão livre individual dos estudantes. Algumas novas interpretações, temas pesquisados e, sobretudo, metodologias podem ser reelaborados com proveito para os estudantes e professores dos anos finais do Ensino Fundamental. Mas se trata, na realidade, de reelaboração, jamais de transposição.

A reelaboração dos saberes históricos em sala

André Chervel, em seu clássico *História das disciplinas escolares*, faz uma advertência que cabe como uma luva nesta exposição, sobretudo quando afirma que tais disciplinas (incluindo a História) “são criações espontâneas e originais do sistema escolar” e não uma transposição do conhecimento científico¹³.

Se Chervel está correto, o livro didático de História é um produto inseparável da experiência em sala de aula, da perícia dos autores/atores na exposição dos fatos e na interpretação dos processos e, sobretudo, da criatividade e da sensibilidade de estudantes e professores na vivência pedagógica da disciplina.

O livro, *per se*, pouco significa se ficar limitado a receber conteúdos, sem imaginar meios e modos de envolver os atores do processo de ensino-aprendizagem (estudantes e professores): trazê-los para o tempo histórico de cada aula, capítulo ou unidade; motivá-los para que se assumam como sujeitos do conhecimento histórico.

Nesse sentido, a sala de aula é o *locus* de referência para a elaboração de uma obra didática. Se aplicarmos o conceitual de Roger Chartier (pensado para a história do livro) ao papel do livro didático de História no sistema escolar, diríamos que a sala de aula é, ao mesmo tempo, o lugar de representação (onde os conteúdos produzem algum sentido para os atores) e o lugar de apropriação (onde tais sentidos são recebidos e reelaborados¹⁴). Aliás, melhor falar em apropriações, no plural, do que em apropriação, no singular, na medida em que admitir a variedade de leituras e possibilidades de interpretação afasta qualquer tentação voluntarista presente em diversas tradições do ensino da História.

Ilmar Mattos reforça essa ideia ao propor um conceito de aula como espaço produtor de conhecimento histórico:

Uma leitura singular que revela o fato de nós (os professores de História) estarmos imprimindo à nossa prática cotidiana um significado diverso, provocando talvez uma surpresa e rejeitando uma inferioridade. De modo categórico, afirmamos ainda uma vez que, por meio de uma aula, também se conta uma história; que, ao se contar uma história por meio de aula, também se faz História; e que somente ao se fazer história por meio de uma aula nos tornamos professores de História.¹⁵

11 GOMES, Angela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*. 2004, v. 2, n. 34. p. 157-186.

12 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 414.

13 CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, n. 2, 1990. p. 184.

14 CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. p. 23.

15 MATTOS, Ilmar Rohloff de. Mas não somente assim! Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 1, n. 21, 2007. p. 11.

O conteúdo do texto didático em História para os anos finais do Ensino Fundamental

Pressupostos didáticos da coleção

O pressuposto mais geral de nossa coleção se encontra na segunda competência estabelecida pela BNCC para as coleções da área de Ciências Humanas:

Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.¹⁶

Para alcançar essa meta, é preciso, a nosso ver, partir de três perguntas específicas:

a) como se têm feito livros didáticos para estudantes dessa fase de formação?

b) o que podemos fazer para acompanhá-los no que possuem de melhor, do ponto de vista de um ensino atualizado?

c) o que se poderia fazer de novo, à luz de nossa análise sobre as principais coleções?

O artigo de Tania Regina de Luca e Sônia Regina Miranda, citado anteriormente, oferece um excelente modelo de possibilidade de enquadramento das coleções didáticas de História segundo quatro critérios¹⁷:

1. tipo de abordagem;
2. perspectiva pedagógica;
3. relações com o desenvolvimento da historiografia;
4. perspectiva programática.

Não sendo o caso de detalhar as grades classificatórias do citado modelo para cada um dos critérios sugeridos pelas autoras, vale explicitar a nossa opção. Referimo-nos a:

1. No caso do “tipo de abordagem”, optamos por uma **Visão Global**, que busca articular a “informação histórica derivada de um conhecimento acumulado” com a “dimensão construtiva do conhecimento histórico”¹⁸ não só por meio da narrativa do texto-base, mas também dos textos com-

plementares, boxes e seções, problematizando a leitura de fontes, a análise de imagens e as possibilidades distintas de interpretação de um mesmo fato particular ou processo histórico mais abrangente.

2. A “perspectiva pedagógica” aqui adotada é do **Paradigma Cognitivista**, que pressupõe a construção de um diálogo com o estudante¹⁹, desde a abertura dos capítulos até o roteiro de estudos que encerra cada um deles. Nosso objetivo, aqui, é tornar os recortes efetuados significativos para os leitores, sejam eles quais forem: temas, informações factuais, análise de fontes escritas ou imagéticas, explicações gerais, reflexões sobre a relação entre sociedades passadas e o tempo presente.
3. Quanto à “relação da coleção com o desenvolvimento da historiografia”, a nossa opção foi pela **Perspectiva Eclética**, porque mantivemos “a narrativa com base nos recortes clássicos de conteúdos”, mas incorporamos, no tratamento desses recortes, renovação historiográfica de caráter tópico²⁰.
4. A “perspectiva programática” dominante em nossa coleção é a **Perspectiva Integrada**²¹, que procura articular a História da Europa, a História do Brasil, a História das Américas, a História da África e a História da Ásia, tomando a História da civilização como eixo estruturante da cronologia. Adotamos, assim, no tocante à temporalidade, aquilo que Jean Chesnaux chamou de “quadripartição da História: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea”²².

A nossa opção pela Perspectiva Integrada segue a tendência predominante entre os livros didáticos de História produzidos no país desde o início do atual século.

Tania de Luca e Sônia Miranda já apontavam ser este o padrão hegemônico, no qual se incluía a maior parte das coleções. Essa tendência consolidou-se ainda mais nos anos seguintes, gerando, entre outros resultados, o quase desaparecimento de livros didáticos dedicados exclusivamente à História do Brasil nos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Isso não quer dizer, obviamente, que o ensino de História tenha abandonado a história brasileira, mas que ela foi retirada do epicentro que ocupou, em certa medida, durante várias décadas.

16 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 355.

17 LUCA, Tania Regina; MIRANDA, Sônia Regina, op. cit., p. 135.

18 Idem, idem.

19 Idem, p. 137-138.

20 LUCA, Tania Regina de; MIRANDA, Sônia Regina, op. cit. p. 140-141.

21 Idem, p. 139.

22 CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995. Apud LUCA, Tania Regina; MIRANDA, Sônia Regina, op. cit., p. 139.

Além disso, a perda de espaço da história brasileira não é resultado de uma opção pela Perspectiva Integrada da História por coleções didáticas. Nas coleções ancoradas em uma Perspectiva Temática, o rompimento com os padrões ditos tradicionais do ensino da disciplina resultou no eclipse das histórias nacionais, tanto a do Brasil como as de outras nações.

A nosso ver, esse deslocamento da História do Brasil para a posição que ocupa nos livros didáticos é correto e traz mais benefício ao conhecimento histórico do que a autonomização da nossa história no ensino escolar. Eurocêntrica ou não, a colocação do Brasil (e de outros continentes ou subcontinentes) em posição subordinada à dinâmica internacional é mais fiel ao papel do país no processo histórico ocidental, onde ele se inclui.

Trata-se, em todo caso, de uma ruptura substantiva nas tradições do ensino da História em nosso país. Vale lembrar que a História do Brasil chegou a constituir uma cátedra autônoma no então chamado Imperial Colégio de Pedro II durante alguns anos do século XIX.

No século XX, sobretudo depois da chamada Reforma Capanema (1942), separou-se a História do Brasil da História Geral, criando uma tradição que certamente irrigou a produção dos livros didáticos por mais de meio século. Nos dois momentos citados, cada qual a seu modo e por motivos diferentes, prevalecia o estímulo a uma **História pátria**, tendência, aliás, predominante na historiografia europeia nas respectivas épocas.

A tradição do ensino da História do Brasil revelou-se persistente, apesar do forte declínio dos livros didáticos específicos e do tipo de inserção que ela tem merecido nas coleções de História do século XXI.

Nas obras didáticas de História, os tópicos tradicionais da História do Brasil, ao menos nas coleções com Perspectiva Integrada, continuam fortes, por vezes, intactos. Já era assim em 2004, segundo Tania de Luca e Sonia Miranda, para as quais a Perspectiva Integrada:

[...] acabou por se vincular, ainda que sob diferentes recortes temáticos, a uma abordagem programática marcada pela valorização da identidade nacional, por intermédio da introdução dos conteúdos de História do Brasil no início da escolarização ou, mais precisamente, a partir do segundo segmento do ensino fundamental. De certo modo, a cultura instituída a partir da Reforma Capanema, que consagrou a separação entre a História Geral e a do Brasil, deixou marcas bastante notáveis sobre um modo específico de pensar a articulação das temáticas históricas.²³

23 LUCA, Tania Regina de; MIRANDA, Sônia Regina, op. cit., p. 139-140.

24 A revista *Nossa História* foi publicada, com o selo da Biblioteca Nacional, entre os anos de 2003 e 2006. Com a mesma proposta editorial e editor, foi retomada com o nome de *Revista de História da Biblioteca Nacional* entre os anos de 2007 e 2017. Assinam seus artigos pesquisadores especialistas nos temas que apresentam, muitos deles destacados historiadores dos cenários nacional e internacional.

Em outras palavras, autores, editoras e professores elaboraram maneiras novas de tratar de assuntos tradicionais, por vezes canônicos, da *Nossa História* – utilizando, aqui, o título de uma revista publicada pela Biblioteca Nacional a partir de 2003 exatamente com o objetivo de divulgar a pesquisa atual no campo da **História brasileira**²⁴.

Exemplo da vitalidade da História do Brasil na maioria das coleções didáticas pode ser visto na crescente valorização da história africana e da história indígena – assuntos de que trataremos melhor em item posterior –, exatamente pelo protagonismo desses grupos em nossa formação histórica e pela importância de seus descendentes na sociedade atual.

Essa valorização se deu, em parte, por indução de políticas governamentais no campo da Educação, em parte, por uma demanda de pesquisadores e professores brasileiros, inconformados com o apagamento de africanos e indígenas nas grades curriculares da disciplina, desde o Ensino Fundamental ao universitário. Objetiva-se, nesse caso, incentivar um ensino da História que ofereça contributo à construção da cidadania em uma sociedade democrática, tolerante e plural.

A nosso ver, assim como no caso da Perspectiva Integrada pela qual optamos, apesar de sua formulação eurocêntrica, nos parece acertadíssima a valorização da História brasileira nas coleções didáticas, não obstante o deslocamento de sua posição na arquitetura dos livros e no próprio espaço neles dedicado à nossa história. As coleções ora discutidas, convém lembrar, destinam-se a estudantes brasileiros.

A importância de conteúdos tradicionais

Nesta altura, interessa-nos explicitar o que entendemos como a informação histórica necessária para um livro didático de História para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

A inserção ou exclusão de um fato depende tanto do objeto estudado quanto do sujeito historiador. Logo, depende do olhar que o autor lança sobre a matéria estudada, suas opções teóricas, enfim, sua subjetividade. O que é desnecessário para uns pode ser essencial para outros na exposição dos processos históricos. Isso vale para os pesquisadores, historiadores, autores de livros didáticos e, certamente, para os professores de História, assim como para os alunos, público-alvo das obras.

Em todo caso, Carlo Ginzburg, em texto clássico, chamava a atenção para o fato de que a História é “uma ciência do par-

ticular”. Exatamente por essa circunstância da História como forma de conhecimento, o autor considera fundamental que os envolvidos com a produção do conhecimento histórico (e incluíramos, de nossa parte, com a divulgação e o ensino da História) façam esforço máximo para controlar as subjetividades.

Uma boa estratégia para alcançar tal controle residiria na fidelidade à informação factual, contraposta à imaginação ou à conjectura derivativa, carente de comprovação documental. Isso nos faz retornar à questão central deste item: qual é a informação histórica que merece constar de um livro didático para os anos finais do Ensino Fundamental?

Certamente não é a informação abundante, exaustiva, pois essa fase do ensino não visa à formação de historiadores. A coleção deve mostrar a importância da História como conhecimento humanista e contribuir para a formação do estudante enquanto cidadão. Se o ensino da História conseguir alcançar tais objetivos, já terá feito muito.

Na “arquitetura da informação do livro didático”, consideramos que a factualidade necessária deve, de um lado, incluir personagens e episódios suficientes para ambientar os estudantes no contexto histórico trabalhado; de outro lado, tais elementos (personagens e fatos) devem estar articulados a uma questão central do período e/ou tema. Isso vale para o texto-base, é claro, mas vale também para os boxes e seções – embora os últimos possuam, por vocação, a liberdade de extravasar os conteúdos fundamentais.

Nosso esforço no enfrentamento dessa questão foi, portanto, o de evitar o “conteudismo” absoluto, por sua impertinência, sem desmerecer, longe disso, a factualidade histórica. Trata-se de uma questão de dosagem e de critério.

Tratamento dos conteúdos

O dilema dos autores de livros didáticos em História resulta, em última análise, dos cânones da disciplina. Muito antes de a História alcançar sua autonomia como disciplina, a lembrança dos fatos passados surgiu como uma marca de sua narrativa.

No mundo ocidental, Heródoto e Tucídides, historiadores gregos da Antiguidade, escreveram obras nessa linha, o que remete à etimologia da palavra: testemunho. Para eles, História (ou historiar) era relatar o que havia acontecido, seja por se presenciar o fato, seja por saber de terceiros.

A permanência desse cânone nos leva a uma constatação que nos aproxima dos colegas autores de livros didáticos de História. A narrativa e o ensino da História precisam de fatos.

Fatos reconhecidos como centrais para o estudo de temas essenciais; fatos emblemáticos de mudanças cruciais.

O **historicismo** ou a escola metódica do século XIX – de início alemã, e logo, europeia – defendeu que o estatuto científico da História residia na exposição de fatos **verdadeiros** e **documentados**. Exageraram, é certo, nesse condicionamento, mas realçaram um aspecto essencial da nossa disciplina, além de criarem métodos para analisar criticamente os documentos. Quais fatos são verdadeiros ou falsos, quais documentos são autênticos ou falsificados? Essas são polêmicas pertinentes que, no entanto, não invalidam a importância dos fatos na narrativa histórica.

Renovação teórico-metodológica: a construção do hipertexto

No título acima, gostaríamos de destacar, de início, duas palavras: renovação e hipertexto.

Escolhemos aqui **renovação** para contrastar com **inovação** (que reservamos para o item seguinte), porque vamos tratar de procedimentos que somente são novos se comparados aos compêndios didáticos antigos – meramente factuais – ou aos livros didáticos dos anos 1980-1990, marcados pelo voluntarismo teórico e pela ideologização dos conteúdos.

Os primeiros se apegaram quase com devoção à narrativa linear de fatos oficiais; os segundos, a ideologias revolucionárias. Deram, portanto, pouca ou nenhuma importância à interdisciplinaridade, à amplitude da História como campo de conhecimento, à diversidade de fontes e metodologias de pesquisa específicas, algumas datadas do século XX, outras geradas ainda no século XIX.

As coleções didáticas dos últimos anos têm se preocupado muito com essa renovação de temas históricos e de maneiras de contar a História, de sorte que, neste ponto, vamos seguir essa tendência salutar.

A segunda palavra que merece comentário é **hipertexto**. A palavra tem sido utilizada nas últimas décadas para designar o texto cuja leitura não precisa ser feita de forma linear. Helenice Rocha utilizou o conceito de hipertexto para definir o conjunto de textos e imagens que acompanha o texto-base nos livros didáticos das últimas décadas²⁵. Voltaremos a esse assunto posteriormente. Por ora, cabe explicitar que esse é um dos recursos de renovação utilizados nas coleções didáticas de História.

Nos subitens seguintes vamos comentar alguns aspectos do hipertexto que convivem e dialogam com o texto-base dos

25 ROCHA, Helenice. A narrativa histórica nos livros didáticos entre a unidade e a dispersão. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 3, 2013. p. 54-66.

livros didáticos de História, incluindo a nossa proposta. Outros aspectos serão devidamente explicitados, de forma tão somente descritiva, na parte dedicada à caracterização morfológica da coleção.

O contato com as fontes escritas

Não é novidade o recurso à citação de documentos escritos, seja em livros de pesquisa original, seja em livros didáticos. O que vale destacar, aqui, não é o uso de documentos, mas o modo pelo qual é possível utilizá-los, com proveito, para o ensino da História. Foram os historiadores metódicos do século XIX – os do historicismo – os que melhor prepararam a disciplina para o uso criterioso das fontes escritas, por meio da crítica externa e interna dos documentos.²⁶

É certo, a nosso ver, que os documentos escritos são de suma importância para se conhecer a História das sociedades no passado e no presente. A tópica, embora exagerada, faz todo o sentido: “A História só se faz com os documentos; sem documentos, não há História”.²⁷

No caso dos livros didáticos tradicionais, o problema residia na inserção de documentos como comprovação de informações ou de interpretações já enunciadas no texto-base. O pressuposto, nesse caso, era o de que o documento é portador de verdade histórica a ser demonstrada pela simples citação.

Não tem sido este, felizmente, o pressuposto das coleções didáticas brasileiras nos últimos anos, de sorte que nossa proposta procura se alinhar com essa perspectiva. O documento histórico, seja ele qual for, deve ser questionado no teor da informação e na fórmula textual adotada. Nossa coleção problematiza a noção de **documento histórico** logo no início do volume do 6º ano. E, ao longo dos volumes, essa preocupação se encontra presente no texto-base e no hipertexto, em especial na seção **Documento**. Fundamental importância é dada ao lugar e à época em que o documento é produzido, de modo a informar aos alunos a sua construção.

Isso se fez, porém, com a devida cautela, sobretudo nas inserções documentais de textos antigos, produzidos por sociedades de épocas remotas. Muitas vezes, conforme o tema, período ou região, as traduções de fontes são discutíveis; outras vezes, aparecem redigidas de forma estranha aos usos da língua, mesmo que dentro da norma-padrão.

26 BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 93.

27 LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris: Kimé, 1992 [1898]. p. 29.

28 Referimo-nos aos documentos, de/sobre determinado fato histórico, transformados pela memória coletiva ou oficial em autênticos monumentos como se fossem lugares/marcos de memória. LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. p. 95-106. [Enciclopédia Einaudi].

29 AZEVEDO, Crislane Barbosa, op. cit., p. 15.

Traduções e transliterações à parte, o importante é destacar a nossa opção por problematizar o documento escrito: na época de sua produção; na linguagem; no fato narrado; na agência ou no autor que o emitiu; no receptor da mensagem; na memória da fonte, sobretudo no caso de “documentos monumentais”.²⁸

A imagem como objeto de análise

Não é de hoje que os livros didáticos utilizam imagens, em profusão cada vez maior, intercaladas ao texto-base. É possível dizer que, atualmente, texto e imagem disputam espaço nas coleções. A imagem é, sem dúvida, um dos elementos essenciais do hipertexto a que nos referimos anteriormente. Elas merecem seções exclusivas e ainda se fazem presentes em outras seções de corte mais textual.

A nossa coleção se insere nessa tendência valorizadora. Em certos temas, ela permite reforçar o nexo interdisciplinar entre História e Arte em vários domínios, sobretudo na pintura, na escultura, na arquitetura, etc. Mas boa parte das imagens nada têm a ver com esse nexo interdisciplinar. É o caso de inúmeras fotografias largamente utilizadas, do século XIX em diante, em cartões postais, propagandas e outras fontes imagéticas. Pode haver arte em vários deles, mas não constituem, em si mesmos, obras de arte.

O critério mais importante, assim, na utilização das imagens, é conceber a **imagem como documento histórico**, oferecendo condições para sua leitura e análise, independentemente de sua valorização como arte. O pressuposto aqui é o de que a imagem, em um livro didático de História, não deve ser tratada como simples ilustração do que está escrito, e muito menos como retrato fixo do passado, como se fosse o registro de uma verdade histórica. Tal procedimento seria completamente inadequado por trazer, entre outros riscos, o de reiterar estereótipos, positivos ou negativos, construídos sobre os sujeitos e objetos sociais da História.

A utilização da imagem não se pauta, assim, por qualquer tentativa de alinhar a coleção com o padrão fortemente imagético da sociedade global na atualidade. “É necessário que o professor analise as imagens em sala de aula” – afirma Crislane Azevedo – “pois, imagem por imagem, nossos estudantes já as têm em excesso no cinema de ação e na televisão”²⁹, ao que poderíamos acrescentar celulares, *tablets* e toda uma gama de aparatos eletrônicos contidos no **excesso** referido.

Neste Manual, esforçamo-nos por orientar o passo a passo das análises das imagens inseridas na coleção, inspirados, em boa medida, na orientação do alemão Erwin Panofsky (1892-1968), o chamado método iconológico.³⁰ Evitamos, porém, nos aprofundar desnecessariamente, restringindo a nossa orientação aos aspectos específicos que a análise de cada imagem pode evocar. Encarada como fonte, a imagem deve ser contextualizada, problematizada e analisada, como segue:

- **Contextualização** – Informações sobre a imagem propriamente dita, incluindo a sua autoria; inserção em determinado gênero iconológico (pintura, escultura, caricatura, desenho, selos, etc.) e estilo (no caso de obras de arte); data de produção; acervo depositário e, sobretudo, contexto histórico no qual está inserida.
- **Problematização** – Questionamento sobre a procedência social da imagem; reflexão sobre grupos sociais emissores e receptores (possíveis) da imagem e sobre as motivações sociais da representação imagética (celebração, idealização, crítica, estereotipação, satirização, etc.).
- **Análise** – Verticalização da leitura histórica da imagem concentrada nos detalhes, posição das figuras ou indivíduos representados, análise das cores (se for o caso), dos elementos caracterizadores de grupos sociais, étnicos, políticos, culturais, etc.

Esta coleção contém uma seção exclusivamente dedicada a esse exercício: **Imagens contam a história**; além de atividades específicas ao longo dos capítulos, como no box **O que há na imagem/no mapa?**. Nesse sentido, atribuímos às diversas formas de representações da sociedade por meio da Arte e do espaço, como à Cartografia, lugar de destaque.

Sempre que possível e adequado ao público-alvo, inserimos a Cartografia como documento imagético, buscando recuperar a representação espacial conectada às diversas expressões culturais no tempo, inclusive porque a representação do espaço, seja planetário ou territorial, é também tributária do conhecimento oriental.

Interdisciplinaridade

A defesa da interdisciplinaridade é marca da historiografia ocidental desde, pelo menos, o surgimento dos *Annales*, a “revolução da historiografia” promovida pelos historiadores

franceses na década de 1930, para usar as palavras de Peter Burke.³¹

Basta ler os brilhantes ensaios de Lucien Febvre em *Combates pela História* (1956)³² para compreender o significado da perspectiva interdisciplinar na historiografia: recusa de uma História fundamentalmente política, em menor escala militar, por uma História social, por vezes chamada de História totalizante (ou total), porque aberta às contribuições de inúmeras disciplinas.

Vale lembrar, no entanto, que esta inovação – pois na época se tratou mesmo disso – custou muito a ser incorporada pelo ensino nos níveis fundamental e médio da própria França. Somente no pós-Segunda Guerra Mundial, os compêndios didáticos franceses passaram a incorporar temas e enfoque que os *annalistes* propunham desde 1930, e mesmo assim tratou-se de uma incorporação lenta. O hiato entre a produção historiográfica e o ensino escolar da História não é – nem nunca foi – exclusivo do Brasil.

O reconhecimento da interdisciplinaridade como essencial ao conhecimento e ao ensino da História parece ser hoje consensual, presente nas principais coleções, sobretudo nas interseções entre a História e a Sociologia, a Geografia, a Economia, as Artes, a Psicologia e, sobretudo, a Antropologia. Vêm da Antropologia, afinal, os *insights* dos historiadores para analisar as alteridades, compreender as diferenças, discutir as identidades socioculturais.

Seguimos essa tendência geral no texto-base desta coleção, de forma implícita ou explícita, com destaque para a Antropologia. No entanto, no hipertexto composto pelos boxes e mapas, demos especial atenção à Geografia, que consideramos, conforme detalhado já no capítulo 1 do 6º ano, como a grande parceira da História. Não só porque a Geografia é uma disciplina da grade curricular dos anos finais do Ensino Fundamental, mas também porque espaço e tempo são coordenadas fundamentais para o conhecimento histórico desde sempre. A Geografia, na obra, está contemplada em praticamente todos os capítulos, reconhecendo-se seu protagonismo como condição das ações humanas. Geografia e História estão juntas nas grades curriculares do ensino da História por inspiração dos *Annales d'histoire économique et sociale*.³³ Marc Bloch e Lucien Febvre fundamentaram esse caminho, uma das bases da proposta dos *Annales*. Mas foi Fernand Braudel³⁴ quem deu

30 PANOFSKY, Erwin. *Estudos de iconologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

31 BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa na historiografia*. São Paulo: Unesp, 1990.

32 FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1977. 2 v.

33 BURKE, Peter, op. cit.

34 BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. São Paulo: Edusp, 2016. 2 v.

forma à relação entre História e Geografia, em seu estudo sobre o Mediterrâneo, e recuperou a importância da Geografia para o conhecimento histórico.

Dessa forma, alcançamos o item 7 das competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental

Ao utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.³⁵

Inovação teórico-metodológica na construção da narrativa: jogos de escalas

Neste item, trocamos a palavra **renovação** do título anterior, que implica reiteração da novidade, pela palavra **inovação**, que sugere uma ação realmente original na tessitura dos livros didáticos de História para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Limites e riscos do hipertexto

Desde, pelo menos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), os documentos do MEC relacionados ao ensino da História condenam a filosofia educativa dos antigos compêndios ou dos livros ideologicamente comprometidos, uns e outros dedicados a enunciar verdades absolutas e/ou arrolar fatos, nomes e datas como o conteúdo essencial a ser ensinado aos estudantes.

A História é uma disciplina aberta e humanista, ciosa da diversidade de interpretações, da relação entre passado e presente, e consciente de suas limitações quanto ao alcance de explicações definitivas, seja no campo da informação factual, seja no campo das interpretações abrangentes dos processos concretos. Se assim é a História, assim devem ser os livros didáticos.

No entendimento dos especialistas no ensino da História, os avanços são evidentes, mas ainda há muito por fazer. A persistência de certa tradição expositiva unilateral e demasiado factual, independentemente das convicções teóricas de autores, coloca em cena um problema central de todo discurso escrito: a **questão da narrativa**.

Deve-se abrir espaço para posições alternativas às do texto-base, bem como para as visões que grupos e indivíduos do

passado formularam sobre suas próprias vivências. Trata-se de um grande desafio, sem dúvida, pois implica articular narrativas diferentes que adotam pontos de vista diversos, quando não opostos.

Analisando uma coleção didática de História, Helenice Rocha levantou a questão das múltiplas narrativas que devem constar em uma obra desse tipo, não só por exigência institucional, senão por coerência com o tipo de conhecimento que a nossa disciplina pode oferecer.³⁶

A diversificação das narrativas deve ser, porém, dosada, evitando-se o risco de pulverizar o conteúdo histórico. A narrativa é um meio de apresentar o conteúdo didático da disciplina, mas ela não é o próprio conhecimento histórico.

[...] será pertinente a uma obra didática voltada ao ensino e aprendizagem de um público iniciante, que começa a estudar História, agregar tantas possibilidades e tão poucas certezas?³⁷

Certamente que não, pois, se qualquer narrativa for incorporada como versão explicativa possível para os fatos e processos históricos, sem a devida avaliação crítica e, por que não dizer, ética, o estudo da História seria inviabilizado.

A saída encontrada pelos autores tem sido a de agrupar e contrastar narrativas distintas no mesmo texto, a exemplo de boxes ou cronologias com dados factuais, imagens tratadas como documentos visuais, trechos de fontes escritas da época e, sobretudo, seções que resumem polêmicas ou explicam conceitos.

O desafio, uma vez mais, é evitar o adensamento e a multiplicação de informações recorrendo a narrativas paralelas articuladas ao texto-base. Tais narrativas, que a citada autora define como **textos complementares** da obra didática, configuram um **hipertexto** que, se não for bem concebido, pode trazer mais prejuízo do que benefício para o processo didático:

Este dilema permanece para os produtores de coleções didáticas de História. Considerando as possibilidades de abertura para narrativas concorrentes, onde havia “toda a História” passam a haver “todas as Histórias”, o que inviabiliza pelo excesso a chance de ensinar e aprender com proveito uma massa incalculável de informações e perspectivas. A necessidade de estabelecer problematizações e, a partir delas, recortes sobre todo esse conteúdo programático, está posta.³⁸

35 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 355.

36 ROCHA, Helenice. A narrativa histórica nos livros didáticos, entre a unidade e a dispersão. *Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 3, p. 54-66, dez. 2013.

37 Idem, p. 58.

38 Idem, p. 65.

Familiarizar a narrativa por meio da alternância de escalas

Explicitar os riscos do **hipertexto** não significa, porém, desmerecer a importância dos textos complementares, como são os **documentos**, sejam escritos ou imagéticos, ou as **seções temáticas** que acompanham o texto-base. Trata-se de um avanço pedagógico que desconstrói o narrador onisciente em favor de outras vozes, quer da historiografia, quer dos atores sociais da sociedade estudada.

O importante é estabelecer problematizações nítidas, princípios de ordenamento do texto-base que facilitem a articulação com os textos complementares.

O pressuposto, aqui, reside na convicção de que o livro didático, embora possua a função de apoiar o ensino e a aprendizagem em sala de aula, depende, sobretudo, da **escrita**, das estratégias narrativas concebidas pelos autores.

Em outro texto, Helenice Rocha sublinha a importância da escrita como condição para o ensino e a aprendizagem da História.³⁹ O livro didático de História pode (e deve) conter mapas, imagens, tabelas, etc., mas ele é, antes de tudo, um texto.

Essa característica da obra didática implica problemas complexos. Em primeiro lugar, o livro didático enfrenta a concorrência de outras mídias, mais rápidas para a busca de informações.

Em segundo lugar, por mais que multipliquem os recursos visuais na concepção e na diagramação da obra, o livro didático, como qualquer livro, enfrenta a concorrência de outros meios tecnológicos de divulgação, bastando lembrar a hegemonia quase tirânica das imagens que caracteriza o mundo globalizado de nossos dias.

Em terceiro lugar – e este talvez seja o ponto central –, o livro didático, quer pelo texto que oferece aos estudantes, quer pelas atividades que propõe em uma relação dialógica, pressupõe que o processo de **letramento** do educando seja relativamente consistente. Não se trata de questão de menor importância, em especial nos anos finais do Ensino Fundamental:

A segunda metade do Ensino Fundamental apresenta restrições específicas ao professor de disciplinas como História. Nesse momento, destaco a conjunção do fator tempo (duas a

três aulas semanais) com o fator extensão do conteúdo curricular proposto, que o leva a contar com a gradual agilidade do aluno no que concerne à escrita. Ele precisa aprender história pela leitura e pela escrita.⁴⁰

Isso posto, encontramos-nos diante do desafio de alcançar uma linguagem palatável para o estudante-leitor.

Não se trata apenas de utilizar linguagem acessível, evitando os academicismos, muito menos de contar a História por meio de linguagem coloquial. Trata-se, antes, de problematizar a escrita didática da História de maneira a despertar o interesse do educando, sensibilizá-lo para estudar outras épocas e sociedades, estabelecer algum tipo de **familiaridade** entre o leitor dessa faixa etária e o conteúdo programático da disciplina.

Um recurso muito usado é o das **analogias**, cujo objetivo é transformar o tempo passado em outras sociedades, ou até mesmo na nossa, em algo conectado com a experiência vivida pelo estudante, em algo que faça sentido para ele enquanto indivíduo. Em resumo: transformar o que parece estranho em algo familiar.

Este é o tema de importante artigo da historiadora Ana Maria Monteiro, para quem as analogias entre situações do passado e do presente podem contribuir para superar o “estranhamento dos alunos face ao desconhecido” e, portanto, são recursos válidos para ressignificar saberes e práticas históricas, entre o conhecimento historiográfico e o senso comum.⁴¹ No entanto, a autora adverte que, se as analogias são válidas no cotidiano da sala de aula, agilizando a comunicação entre professores e estudantes, elas também implicam riscos importantes:

O risco do anacronismo ou a transferência de características e atributos indevidos a processos e fenômenos diferenciados exige cuidado e atenção para evitar que sua utilização se torne fonte de erros ou equívocos.⁴²

Buscamos evitar, assim, o recurso a **analogias** anacrônicas, procedimento muito distinto, aliás, da **comparação histórica**. O grande historiador francês Marc Bloch já ensinava que a comparação histórica é válida, desde que as sociedades ou os processos em causa sejam comparáveis, a começar pela similitude estrutural e pela sincronia de ritmo no recorte temporal da comparação.⁴³

39 ROCHA, Helenice. A escrita como condição para o ensino e a aprendizagem de história. *Revista Brasileira de História*, v. 30, n. 60, 2010. p. 121-142.

40 Idem, p. 130.

41 MONTEIRO, Ana Maria. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino da História. *Cadernos CÊDES*, Campinas, v. 25, n. 67, p. 333-347, set./dez. 2005.

42 Idem, p. 334.

43 BLOCH, Marc. Comparaison. *Bulletin du Centre International de Synthèse*. Paris. n. 9, 1930. p. 17-35.

Evitamos, pois, as citadas analogias entre tempos distintos, exceto em uma seção específica, incluída no **Roteiro de estudos** de cada capítulo, a saber: **O passado presente**. Trata-se, neste caso, como veremos adiante, não de recorrer às analogias fáceis do “senso comum”, senão de estimular a reflexão sobre o passado no tempo presente, que pode ser lido historicamente, articulando temas similares de épocas distintas por meio de analogias.

Mas o que nos interessa destacar, nesta altura, não é tanto a impertinência do anacronismo no texto histórico, assunto tratado no início deste Manual, mas a necessidade de **familiarizar o estudante com a História**, atenuando o **estranhamento** que ele pode sentir diante das sociedades passadas.

A nossa tentativa de familiarizar os estudantes com o tempo histórico, seus atores, motivações, angústias e conflitos residuiu no recurso à **alternância de escalas de observação**. Isso significa articular a História, em perspectiva geral, com enredos muito específicos relacionados a **personagens** ou, em menor escala, a **episódios**.

A base teórica para a referida escolha encontra-se, principalmente, no texto de Jacques Revel sobre a **micro-história**, ali definida simultaneamente como metodologia de pesquisa e técnica narrativa. O pressuposto da micro-história, por sinal, longe de qualquer pretensão hegemônica, reside no reconhecimento de que a situação particular, por vezes singular, ou a trajetória de indivíduos não enquadráveis no panteão convencional dos personagens históricos, pode oferecer uma evidência diferente, nem mais nem menos importante do que a oferecida por uma visão histórica generalizante.⁴⁴

Estamos convencidos de que esta pode ser uma **inovação substantiva**, em “sintonia com as discussões e renovações da área”, e não apenas retórica, na medida em que introduz outra dimensão na narrativa do texto-base.

Mas, em nosso caso, não se trata de uma opção por justapor temáticas, tampouco de escolhas teóricas sobre tal ou qual concepção da História. Trata-se de uma opção metodológica direcionada para uma operação narrativa, amparada na **micro-história** italiana. *Microstoria*, vale lembrar, é o título de uma coleção publicada pela Einaudi, na década de 1980, de estudos monográficos dedicados a reconstruir histórias miúdas, por vezes minúsculas. Uma opção que aposta na microanálise, alternada com a História Geral, como meio de

familiarizar o leitor comum (o que pode incluir, sem dúvida, o educando dos anos finais do Ensino Fundamental) com a observação do passado.

Tendo em mente as competências específicas de Ciências Humanas para o ensino fundamental postuladas pela BNCC, através dessa opção estrutural da coleção, é possível fornecer ferramentas aos alunos para

construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.⁴⁵

Em termos concretos, todos os capítulos da coleção contêm uma **narrativa microanalítica**. Os temas de cada capítulo são introduzidos por um personagem, algumas vezes por um episódio, raras vezes por um grupo (personagem coletivo).

No mais das vezes, um personagem e seu enredo particular constituem, formalmente, um narrador do texto-base que faz parceria com o autor. É o autor quem comanda a narrativa, mas é o personagem (ou enredo particular) que funciona como guia.

Esse procedimento resulta em um **subtexto**, que não rivaliza com o assunto geral do texto-base, pelo contrário, pretende despertar o interesse pelos grandes temas ou períodos históricos a partir de experiências particulares ou episódios emblemáticos.

Os comentários de Rivair Macedo sobre o potencial pedagógico dos contos medievais no ensino da História valem para o que pretendemos estimular, entre os estudantes, com a apresentação de microenredos em cada um dos capítulos:

[o professor] deverá instigá-los a imaginar as cenas e personagens, estimular questionamentos, destacar detalhes, orientá-los para que formulem ideias gerais a respeito da história e do contexto, para que confrontem os dados narrados com as características ou particularidades do período a que se refere.⁴⁶

No que concerne aos personagens, esforçamo-nos, sempre que possível, por eleger **pessoas comuns** ou, quando menos, indivíduos não incluídos entre os “personagens históricos” convencionais. Escolha difícil, pela documentação lacunosa e mais imprecisa do que aquela disponível para personagens ilustres. Como exemplo, vale citar pelo menos sete casos particulares:

44 REVEL, Jacques (Org.). Microanálise e construção do social. In: *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 15-38.

45 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 355.

46 MACEDO, Rivair. Repensando a Idade Média no ensino da História. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceito, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 122.

- No capítulo sobre os reinos africanos subsaarianos (6º ano, cap. 12 – **Reinos ao sul do Saara**): Sundiata, filho do rei do povo mandinga, poupado pelo povo sosso, que matou todos os seus irmãos.
- No capítulo sobre ocupação holandesa no Brasil (7º ano, cap. 13 – **Os holandeses no Brasil**): Henrique Dias, homem liberto, um dos principais generais da guerra contra os holandeses, que integrou a resistência contra a conquista e também tomou parte na luta para expulsá-los.
- No capítulo sobre mineração no Brasil (7º ano, cap. 15 – **Ouro e pedras preciosas no Brasil**): Francisca, conhecida como Chica da Silva, ex-escrava que se tornou figura reconhecida na sociedade mineira não só pela relação familiar com o rico contratador de diamantes.
- No capítulo **A Revolução Francesa** (8º ano, cap. 2): Michel Merle, soldado da Guarda Imperial napoleônica, camponês de origem, prestes a combater na batalha final de Waterloo, quando relembra as etapas da Revolução pela qual lutava.
- No capítulo sobre as revoltas coloniais no Brasil (8º ano, cap. 5 – **Rebeliões e conjurações no Brasil**): Luís Gonzaga das Virgens, pardo, soldado do exército colonial português, enforcado sob a acusação de crime de lesa-majestade por participar da conjuração baiana ou dos alfaiates, ocorrida na cidade de São Salvador, Bahia, em 1798.
- No capítulo sobre a Guerra Civil nos Estados Unidos (8º ano, cap. 9 – **Os Estados Unidos entre o liberalismo e a escravidão**): William Carney, ex-escravo na Virgínia, sargento do regimento negro de voluntários de Massachusetts.
- No capítulo **A ditadura militar brasileira** (9º ano, cap. 14): Zuleika Angel Jones (Zuzu Angel), estilista de moda sem qualquer engajamento político, que se torna militante contra a ditadura quando soube que seu filho, Stuart Angel, foi assassinado pelos militares.

As dificuldades para a seleção de personagens comuns nos levou, diversas vezes, a utilizar **personagens célebres** como guias da narrativa no subtítulo: o faraó egípcio Tutancâmon (menos o personagem do que a múmia do cadáver, neste caso), Leonardo da Vinci, Bartolomeu Dias, Malinche, Martim Lutero, Thomas Jefferson, Pancho Villa, Shaka, Che Guevara, Nelson Mandela, entre outros.

Mas o que importa frisar, nesses casos, é a tentativa de **neutralizar a monumentalidade dos personagens em favor de seus dilemas pessoais, incertezas, contradições**. Utilizamos também tais personagens para iluminar questões mais gerais, como se fossem janelas de uma casa que descortinam um largo horizonte.

Houve capítulos em que, pelo grau de abstração da matéria, o recurso foi o de utilizar **personagens míticos**. Foi o caso do capítulo voltado para o tema do tempo e do espaço na História, no qual escolhemos personagem da mitologia grega: Clio. Na mesma linha, para o capítulo sobre a cultura greco-romana, o deus do Olimpo Zeus foi escolhido como personagem-guia.

Em outros momentos, a escolha recaiu sobre **episódios** monumentais ou **situações-limite**, como no capítulo sobre a ascensão dos regimes fascista e nazista no século XX, cuja tópica do subtítulo foram os encontros entre Hitler e Mussolini em 1938 e 1939.

Enfim, há casos em que a melhor opção foi a de **personagens múltiplos**, como vários líderes dos movimentos de independência na América, devidamente contrastados para demonstrar a diversidade de projetos políticos e sociais.

Nossa opção pela **redução da escala** (coadjuvante), alterada com uma visão macro-histórica (predominante), exigiu muita pesquisa paralela, inclusive documental, para construir o “pequeno” enredo do subtítulo que guia e pontua o próprio texto-base.

O mais importante nessa proposta de inovação reside na combinação entre a atualização historiográfica e os procedimentos narrativos adotados pelos autores da coleção. Combinação que não é meramente retórica, nem limitada à agregação de temas em narrativas paralelas. Escolhemos articular, no plano teórico-metodológico, níveis diferentes de observação e de narrativa. Uma combinação empenhada na alternância de escalas não apenas enquanto modo de encarar a História, senão como forma de narrá-la por escrito.

Nessa perspectiva microanalítica, como vimos, cada capítulo da coleção aborda um **personagem principal** – pessoas comuns ou célebres, por vezes um personagem mitológico – ou um evento, **articulando a História com personagens particulares**, conforme os quadros a seguir.

6º ANO

- **Capítulo 1 – Tempos e lugares da História:** a musa Clio como meio para relacionar registro da memória, tempo e espaço na construção do pensar histórico.
- **Capítulo 2 – Na África, nossos antepassados:** Pé Pequeno (*Little Foot*), um dos hominídeos encontrados nas cavernas de Sterkfontein, na África do Sul, considerado um dos ancestrais mais antigos do ser humano atual.
- **Capítulo 3 – O povoamento do continente americano:** Padre José de Acosta, jesuíta espanhol, um dos primeiros a aventar, no século XVI, a hipótese de que a origem

dos povos americanos era alóctone, mas sem recorrer a explicações bíblicas.

- **Capítulo 4 – Egito e Mesopotâmia:** Tutancâmon, faraó egípcio coroado ainda menino, aos 9 anos, em cujo túmulo os arqueólogos descobriram riquezas reveladoras da civilização egípcia.
- **Capítulo 5 – Hebreus, fenícios e persas:** Moisés, personagem central da história dos hebreus narrada no Antigo Testamento, ao qual se atribui a libertação do cativo no Egito e a migração para Canaã, a chamada “Terra Prometida”.
- **Capítulo 6 – O mundo grego:** Péricles, governante da cidade de Atenas no século V a.C., personagem que simbolizou a importância da cultura helenística na Grécia antiga.
- **Capítulo 7 – O mundo romano:** Espártaco, escravo e gladiador de origem grega, que liderou uma revolta escrava no período republicano da história romana, século I a.C.
- **Capítulo 8 – A cultura greco-romana:** Zeus, deus principal do Olimpo grego, Júpiter na versão romana.
- **Capítulo 9 – Germanos e bizantinos:** Átila, líder guerreiro dos hunos, povo asiático cuja ação precipitou a crise do Império Romano do Ocidente, favorecendo as invasões dos germanos.
- **Capítulo 10 – O feudalismo europeu:** Guilherme Marechal, um dos grandes cavaleiros da Inglaterra medieval no século XIII.
- **Capítulo 11 – O Islã em expansão: África e Europa:** Kusayla, chefe africano de um grupo berbere do Magreb, que se converteu ao islamismo no século VII e se impôs como governante islâmico em região de domínio árabe.
- **Capítulo 12 – Reinos ao sul do Saara:** Sundiata, filho do rei do povo mandinga, poupado pelos sossos, que mataram todos os seus irmãos. Vingou seus parentes e fundou o Império do Mali.

7º ANO

- **Capítulo 1 – Mudanças e crise da sociedade medieval:** Marco Polo, mercador de Veneza, exemplo de comerciante medieval que negociou além do Velho Mundo, viajando para a China no século XIII.
- **Capítulo 2 – A Europa das navegações oceânicas:** o navegador português Bartolomeu Dias, um dos protagonistas da expansão marítima, comandante que venceu o cabo das Tormentas e nele morreu, anos mais tarde.
- **Capítulo 3 – Impérios Asteca, Maia e Inca:** Tezcatlipoca, deus asteca da morte e da noite, é personagem-pre-

texto para caracterizar as especificidades dos impérios indígenas na Mesoamérica e nos Andes centrais; o entrelaçamento entre guerra, religião e trabalho; a importância do culto solar naquelas sociedades.

- **Capítulo 4 – A conquista da América:** Malinche, amante e intérprete do conquistador do México asteca, Hernán Cortés, exemplo da importância dos conflitos indígenas para o êxito dos conquistadores.
- **Capítulo 5 – A sociedade tupinambá em Pindorama:** Cunhambebe, guerreiro tamoio, exemplo dos valores sociais e culturais dos grupos Tupi.
- **Capítulo 6 – Renascimento e Humanismo:** Leonardo da Vinci, sábio do Renascimento italiano, artista e cientista, exemplo da combinação entre a renovação das artes e a experiência científica típica do Renascimento e do Humanismo na Europa.
- **Capítulo 7 – Reformas religiosas:** Martinho Lutero, monge agostiniano que desafiou a Igreja de Roma, protagonizando o movimento de reformas que rompeu a unidade religiosa da Europa ocidental.
- **Capítulo 8 – Monarquias absolutistas:** a trajetória de Jean, camponês que trabalhou para um perfumista de Paris e que presenciou, na infância, a cerimônia em que Luís XIII recebeu centenas de súditos para curá-los com seu “toque real”.
- **Capítulo 9 – Pirataria e colonização nas Américas:** o pirata escocês Willian Kidd, que aterrorizou os mares desde a costa oriental da África até o Caribe e a América do Norte, saqueando navios de inimigos dos ingleses.
- **Capítulo 10 – A África Centro-ocidental no tempo do tráfico de escravos:** Nzinga, rainha e guerreira dos jagas e, depois, rainha do Ndongo; por sua ação militar, obteve dos portugueses o reconhecimento da soberania de seu reino no século XVII.
- **Capítulo 11 – A África ocidental no tempo do tráfico de escravos – iorubas, fons, jejes e haussás:** Ali Eisami, muçulmano africano escravizado que não chegou ao seu destino no Brasil porque ingleses capturaram, em 1818, o navio em que ele era transportado. Foi levado com seus companheiros para Serra Leoa, região a oeste da África ocidental.
- **Capítulo 12 – Economia e sociedade na América portuguesa:** o Mestre de Campo Garcia d’Ávila Pereira de Aragão, da poderosa família da Casa da Torre, da Bahia, acusado de maus-tratos a seus escravos, na segunda metade do século XVIII.

- **Capítulo 13 – Os holandeses no Brasil:** Henrique Dias, homem liberto, um dos principais generais da guerra contra os holandeses, lutou na resistência contra a conquista e também na luta para expulsá-los.
- **Capítulo 14 – Palmares, a guerra dos quilombos:** Zumbi dos Palmares, último líder e guerreiro do quilombo do Nordeste açucareiro destruído pelas milícias coloniais em fins do século XVII.
- **Capítulo 15 – Ouro e pedras preciosas no Brasil:** Francisca da Silva, ou “Chica da Silva”, como é conhecida na literatura brasileira, liberta que se tornou companheira do contratador de diamantes do distrito diamantino, João Fernandes de Oliveira, no século XVIII, em Minas Gerais.

8º ANO

- **Capítulo 1 – A Europa no tempo do Iluminismo:** Emanuel Kant, filósofo alemão no século XVIII, um apologista da Razão, em lugar da Religião, como sinal da maioridade humana.
- **Capítulo 2 – A Revolução Francesa:** Michel Merle, de família camponesa de Vendôme, depois sargento da Guarda Imperial de Napoleão Bonaparte, recorda as etapas e os significados da Revolução Francesa antes da Batalha de Waterloo.
- **Capítulo 3 – Revolução Industrial:** o escocês James Watt, que desenvolveu um motor a vapor amplamente utilizado nas fábricas de tecidos e nas ferrovias dos séculos XVIII e XIX.
- **Capítulo 4 – Movimentos de independência americanos:** lideranças contrastadas nos movimentos de independência da América: Jefferson, Washington e Franklin, no caso estadunidense (projeto liberal); Toussaint Louverture, na revolução haitiana (projeto quilombola e abolicionista); Simon Bolívar, general nas guerras de emancipação hispano-americanas (projeto conservador e aristocrático).
- **Capítulo 5 – Rebeliões e conjurações no Brasil:** Luís Gonzaga das Virgens, pardo, soldado do exército colonial português, enforcado sob a acusação de crime de lesa-majestade por participar da conjuração baiana ou dos alfaiates, ocorrida na cidade de São Salvador, Bahia, em 1798.
- **Capítulo 6 – A construção do Império do Brasil:** Maria Quitéria de Jesus, mulher que se alistou no Batalhão dos Voluntários do Príncipe, na Bahia, com o nome de soldado Medeiros, nas lutas pela independência do Brasil.

- **Capítulo 7 – Rebeliões no Brasil regencial:** Cosme Bento das Chagas, ou Preto Cosme, liberto que organizou um quilombo e liderou a participação de escravizados e libertos na revolta da Balaiada, ocorrida no Maranhão, uma das principais revoltas do período regencial.
- **Capítulo 8 – A cafeicultura no Brasil escravista:** os irmãos Antônio e Francisco Clemente Pinto, que investiram na cafeicultura escravista durante o século XIX, fazendo grande fortuna.
- **Capítulo 9 – Os Estados Unidos entre o liberalismo e a escravidão:** o negro William Carney, ex-escravo na Virgínia, sargento do 54º Regimento de Voluntários da Infantaria de Massachusetts, exemplo do engajamento de ex-escravos na Guerra Civil do país.
- **Capítulo 10 – Crise da escravidão e da monarquia no Brasil:** José do Patrocínio, ou “Zé do Pato”, jornalista e abolicionista radical, que atuou no período de crise da escravidão e da decadência do Império do Brasil.
- **Capítulo 11 – Lutas dos trabalhadores:** “General Ludd”, nome pelo qual os revoltosos assinavam as cartas de ameaças a donos de máquinas, também era relacionado a Robin Hood, personagem lendário inglês que inspirou o movimento ludista na Inglaterra no início do século XIX.
- **Capítulo 12 – Nacionalismos em conflito na Europa:** a brasileira Anita, esposa do revolucionário italiano Giuseppe Maria Garibaldi, que atuou na Farroupilha, rebelião separatista e republicana do Rio Grande do Sul, e nas lutas pela unificação italiana.
- **Capítulo 13 – A partilha do mundo entre as nações industrializadas:** o rei Shaka, da nação Zulu, ao sul da África, que criou técnicas militares e organizou exércitos bem treinados, transformando o reino Zulu em uma força militar que fez frente aos reinos vizinhos e aos europeus, como os bôeres e, posteriormente, os britânicos.
- **Capítulo 14 – Ciências e costumes na sociedade burguesa:** Louis Pasteur, químico francês que revolucionou a Medicina com suas pesquisas sobre os organismos que não precisam de ar para sobreviver.

9º ANO

- **Capítulo 1 – A Primeira Guerra Mundial:** Erich Maria Remarque, autor do livro *Nada de novo no front*, em que contou os horrores que viveu na guerra.
- **Capítulo 2 – A Revolução Russa:** Joseph Stalin, revolucionário comunista russo e, posteriormente, ditador da União Soviética.

- **Capítulo 3 – A Primeira República brasileira:** Maria Lacerda de Moura, mulher pobre, anarquista e ativista na luta pelos direitos das mulheres.
- **Capítulo 4 – A Crise de 1929 e o *New Deal*:** Charles Chaplin, ícone do cinema mundial, cujos filmes criticavam a miséria social da época.
- **Capítulo 5 – Ascensão do fascismo e do nazismo:** os encontros entre Mussolini e Hitler como base do Pacto de Aço.
- **Capítulo 6 – A Segunda Guerra Mundial:** as trajetórias de Primo Levi e Solomon Perel em meio ao conflito mundial na Europa.
- **Capítulo 7 – Governo Vargas e reformas sociais no Brasil:** Abdias Nascimento, ativista negro de origem pobre, e sua luta contra o autoritarismo do Estado Novo e militância em movimentos antirracistas.
- **Capítulo 8 – A Guerra Fria:** Yuri Gagarin, astronauta russo que, em 1961, tornou-se o primeiro ser humano a ver a Terra do espaço, situação que simbolizou as rivalidades tecnológicas entre o mundo capitalista e o mundo comunista na época da Guerra Fria.
- **Capítulo 9 – Movimentos sociais na década de 1960:** Rosa Louise McCauley, conhecida como Rosa Parks, mulher negra estadunidense que, nos anos 1950, deflagrou a luta pelos direitos civis da população negra.
- **Capítulo 10 – Movimentos de emancipação na África:** a trajetória de Nelson Mandela, líder negro sul-africano, e sua luta pelo fim do regime racista em seu país.
- **Capítulo 11 – Conflitos no Oriente Médio:** Salma, mulher palestina, personagem do filme *Lemon Tree*, e sua luta para impedir que o Exército de Israel cortasse suas 300 árvores de limões.
- **Capítulo 12 – Argentina e Cuba: ditadura e revolução na América Latina:** Benjamín Ávila, cineasta argentino diretor do filme autobiográfico *Infância clandestina*, sobre a trajetória de um garoto filho de guerrilheiros *montoneros*.
- **Capítulo 13 – Democracia e desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964):** Clodesmidt Riani, trabalhador elétrico, líder sindical e deputado pelo PTB, que presidia o Comando Geral dos Trabalhadores (CGR) quando ocorreu o golpe de 1964.
- **Capítulo 14 – A ditadura militar brasileira:** Zuleika Angel Jones (Zuzu Angel), estilista de moda que se torna militante contra a ditadura ao descobrir que seu filho, Stuart Angel, foi assassinado por militares.

- **Capítulo 15 – O Brasil recente entre conquistas e desilusões:** Francisco Alves Mendes Filho, o Chico Mendes, líder dos seringueiros no Acre na luta contra o desmatamento da Amazônia e pela união dos chamados “povos da floresta”, assassinado em 1988.
- **Capítulo 16 – A nova ordem mundial, neoliberalismo e globalização:** o personagem cinematográfico Rocky Balboa, interpretado pelo ator estadunidense Sylvester Stallone, que protagonizou filmes com enredos de crises sociais, da Guerra Fria e da utopia pacifista no mundo.
- **Capítulo 17 – Guerras sem fronteiras e crise da economia mundial:** Mohamed Bouazizi, jovem que ateou fogo no próprio corpo em Túnis para protestar contra a corrupção na Tunísia, desencadeando revoltas na região que ficaram conhecidas como Primavera Árabe.

! Pelo ensino de uma História engajada

A legislação educacional brasileira reitera o compromisso que deve existir entre o ensino escolar e da História, em particular, e a construção da cidadania em uma sociedade democrática. O pressuposto geral é o de que:

Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos [...] a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, assim como os direitos das crianças e adolescentes, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/90), preservação do meio ambiente, nos termos da política nacional de educação ambiental (Lei n. 9.795/99), educação para o consumo, educação fiscal, trabalho, ciência e tecnologia, e diversidade cultural devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo.⁴⁷

Endossando essa importante tradição legislativa das últimas décadas, a BNCC considera, nas Competências Gerais, que o ensino deve oferecer condições para o aluno:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.⁴⁸

47 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 136.

48 Idem, p. 10.

Nesse sentido, nossa coleção assumiu o compromisso de **promover positivamente** a imagem e a cultura dos africanos e afrodescendentes, dos povos indígenas, dos povos do campo; a imagem da mulher e a temática de gênero; a educação e a cultura em direitos humanos, realçando, aqui, os direitos das crianças, dos adolescentes e dos idosos. Tal atitude está relacionada às competências específicas das Ciências Humanas da BNCC, principalmente aos itens:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

[...]

4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.⁴⁹

Estamos de pleno acordo com esses pressupostos, uma vez que a História, talvez a mais humanista das Ciências Humanas, deve se engajar no combate aos preconceitos de todo tipo que marcaram (e marcam) não só a sociedade brasileira como a sociedade global (ressalvadas as diversidades de cada caso): preconceitos raciais, misoginia, transfobia, homofobia, intolerância religiosa, discriminações sociais. É, por assim dizer, uma vocação da História empenhar-se em tais combates em uma **sociedade democrática**. Assim, concordamos inteiramente com a afirmação de que qualquer ensino deve:

Estar livre de estereótipos ou preconceitos de condição socioeconômica, regional, étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, de idade, de linguagem, religioso, de condição de deficiência, assim como de qualquer outra forma de discriminação, violência ou violação de direitos humanos.⁵⁰

Exatamente por isso, entendemos as recomendações de promover positivamente e de **dar visibilidade** a esses grupos, considerando que vários deles ficaram por muito tempo ausentes do ensino da disciplina, quando não tratados de forma estereotipada e preconceituosa.

Isso implica, portanto, abrir espaço, nas coleções, para tais grupos ou problemáticas em uma perspectiva crítica, sem prejuízo, porém, da ética profissional dos historiadores e professores, evitando, portanto, celebrações e idealizações.

Nossa opção para lidar com esta atitude **combativa** reside em adotar uma perspectiva histórica ampla, não restrita à

história do Brasil ou à sociedade brasileira atual. A comparação é sempre um procedimento valioso para o conhecimento histórico, e isso vale também para uma concepção do ensino da disciplina enquanto instrumento de formação da cidadania. Abordar situações históricas de preconceito racial de outras sociedades em comparação com as presentes na nossa história pode produzir bons resultados nesse sentido.

O lugar da África na História

A história da África, em particular, assume importância crucial nessa atitude engajada que o ensino da História deve assumir, considerando que, até meados da década de 1990, a inclusão de temas africanos no currículo da disciplina era insignificante. É injustificável que um país como o Brasil tenha excluído ou marginalizado durante tanto tempo o ensino da história africana e da recriação das africanidades na diáspora escravista.

A LDB de 1996, complementada pelos PCNs de 1998, deram um primeiro passo importante para a reversão desse quadro. O avanço significativo veio mais tarde, com a Lei n. 10.639/03 e, sobretudo, com a aprovação, pelo Conselho Nacional da Educação, em 2004, das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais* e para o *Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*.

A valorização da história africana e afro-brasileira pela legislação educacional nos últimos vinte anos resultou em conquistas de valor inestimável, chegando a impulsionar, no âmbito das universidades públicas, a criação de disciplinas e setores exclusivamente dedicados à história africana no continente e na diáspora. Há hoje muitos africanistas entre os pesquisadores brasileiros, vários deles lecionando nas universidades, o que sem dúvida resulta dessa mudança de perspectiva no ensino da História em nosso país.

Também são de importância crucial o texto da Constituição de 1988, que regulamentou o crime de racismo, o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos e as políticas de ações afirmativas, e a Lei n. 10.639, de 2003, que tornou obrigatório o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

No entanto, ainda há muito a ser feito nesse campo, segundo indicam os africanistas brasileiros. A própria legislação a respeito oscilou muito entre 1996 e 2004, externando dificuldades para delimitar o próprio objeto do que deve ou deveria ser o ensino de história da África.

49 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 355.

50 BRASIL. *Edital PNL D 2020*. Brasília: Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação/Ministério da Educação, 2018. p. 38.

Anderson Ribeiro Oliva realizou um balanço crítico circunstanciado da legislação produzida em âmbito federal entre 1995 e 2006, constatando que, de início, a valorização das dinâmicas próprias da História africana por vezes se explicitava através de temáticas “tradicionais”, como o tráfico negreiro, a mercantilização do continente e a escravidão de populações.

A ideia, segundo o texto oficial (1998), era alcançar, por meio do ensino, “um dimensionamento correto do absurdo, do ponto de vista ético, da escravidão”.⁵¹ Escusado dizer que a rejeição da escravidão, do ponto de vista ético, não precisaria de recomendações oficiais, tampouco é suficiente para justificar o valor da história africana como objeto de estudo.

A tentativa de descortinar o véu que cobria a história africana esbarrou, durante décadas, no desconhecimento dos historiadores brasileiros sobre o tema, o que justifica, aliás, diversas imprecisões na legislação produzida sobre o assunto. A própria dificuldade em identificar grupos e civilizações do continente deu prova do referido desconhecimento, sobretudo quando culturas étnicas aparecem confundidas com Estados africanos e, ainda por cima, denominadas de acordo com os portos africanos de embarque ou, quando menos, com troncos linguísticos genéricos (a exemplo do banto).

Hebe Mattos resumiu o problema, em texto de 2003, sobre os PCNs de 1998:

Ainda mais grave, há alguns conteúdos fundamentais [...] – especialmente a ênfase na história da África – que, infelizmente, ainda engatinham como área de discussão e pesquisa nas nossas universidades, impondo-se como limite ainda maior ao esforço pedagógico que pode ser feito para uma abordagem que rompa com o europocentrismo que ainda estrutura os programas de ensino das escolas. Esses limites e distorções refletem-se, necessariamente, na própria produção dos melhores livros didáticos.⁵²

É claro que houve avanços no conhecimento da história africana desde então, mas, em contrapartida, reforçou-se, nos textos legais, a justificativa ideologizante da recomendação oficial. Nas *Diretrizes* de 2004, já mencionadas, recomenda-se, entre outros tópicos, que:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais

positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra.⁵³

Hebe Mattos e Martha Abreu colocaram em xeque tal recomendação, lembrando que:

[...] não é possível no Brasil, em termos históricos, separar de forma rígida negros e brancos como se fossem, respectivamente, descendentes de africanos e de senhores de escravos. Muitos africanos e descendentes de africanos tornaram-se senhores de escravos; as relações interétnicas e a chamada ideologia do branqueamento tornaram brancos muitos descendentes de cativos. Por sobre eles, uma prática de silenciar a respeito das cores, ou de multiplicá-las num quase arco-íris descritivo, procurou também desconstruir o *continuum* hierárquico branco/preto, herdado da experiência colonial.⁵⁴

No comentário acima temos uma interpretação lúcida da questão racial em termos historiográficos e pedagógicos. De um lado, admissão de que o racismo, herdado do passado escravista, é uma realidade brasileira a ser combatida; de outro, a consciência de que tal combate não deve resvalar para simplificações a-históricas como a naturalização de conceitos como **brancos e negros**. Tais categorias não são operacionais nem para o estudo da África, em si mesma, nem para o entendimento do processo de formação histórica brasileira.

O impasse fundamental dos estudos africanos no ensino da História talvez resida na disputa entre dois paradigmas: de um lado, o que concebe o ensino da História da África e da cultura afro-brasileira como um instrumento para combater as desigualdades raciais no Brasil; de outro, o que, sem desmerecer o combate às desigualdades, aposta na pesquisa sobre as **histórias africanas** (no plural), mas não silencia sobre a complexidade multifacetada da formação histórica e da cultura brasileira.

Concordamos com o segundo paradigma, convencidos de que o reconhecimento de nossa diversidade sociorracial não equivale a adotar o malsinado conceito de “democracia racial”.

Em todo caso, como enunciamos no início deste item, a nossa opção em tratar os temas ligados a racismos e preconceitos sociais reside na ampliação dos horizontes histórico-geográficos. No tocante às **africanidades**, podemos ilustrar esse procedimento distribuindo diversos temas tratados na coleção por três conjuntos: a **história africana**, a **história afro-brasileira** e a **história dos africanos ou afrodescendentes em outros continentes**.

51 OLIVA, Anderson Ribeiro. A história africana nas escolas brasileiras. Entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995-2006). *História [on-line]*. 2009, v. 28, n. 2. p. 148. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742009000200007>>. Acesso em: 8 set. 2018.

52 MATTOS, Hebe Maria. O ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; FAPERJ, 2003. p. 131.

53 MEC, 2004, Apud MATTOS, Hebe; ABREU, Martha. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, 2008. p. 11.

54 MEC, 2004, Apud MATTOS, Hebe; ABREU, Martha, op. cit. p. 11.

Na história africana:

- a crítica ao eurocentrismo nas descobertas dos primeiros homínídeos;
- a África magrebina e o processo de islamização;
- a África subsaariana, reinos e alianças;
- a especificidade da escravidão e do tráfico de escravizados na África;
- as especificidades da região congo-angolana;
- as especificidades da África ocidental;
- a trajetória da rainha Nzinga entre os jagas e os portugueses;
- relações afro-europeias na tessitura do tráfico atlântico;
- a partilha imperialista do continente africano;
- as revoltas africanas contra a dominação imperialista;
- a brutalidade da invasão da Etiópia pela Itália fascista;
- as lutas pela independência na África;
- os líderes e pensadores africanos do século XX;
- o *apartheid* sul-africano e a luta de Nelson Mandela;
- os regimes autoritários do continente;
- conflitos entre grupos e culturas rivais na história africana;
- a importância da África na Revolta Árabe;
- populações africanas na Europa ocidental.

Na história afro-brasileira:

- procedência africana dos escravizados traficados para o Brasil;
- as relações sociais escravistas;
- o exemplo de aliança afro-portuguesa na atuação de Henrique Dias;
- os quilombos de Palmares como resistência à escravidão colonial e o contraste entre as lideranças de Ganga Zumba e Zumbi nas guerras palmarinas;
- religiões afro-brasileiras na mira da Inquisição portuguesa;
- a Revolta dos Malês, de Preto Cosme, de Carrancas, de Manoel Congo e outras rebeliões do século XIX;
- a condenação da África e da “origem negra” no racismo brasileiro;
- o papel dos afrodescendentes no movimento abolicionista;
- Abdias Nascimento e o movimento negro durante o Estado Novo;
- lideranças e correntes dos movimentos negros nos séculos XX e XXI;
- a condenação de Palmares pela ditadura militar brasileira;
- o resgate da história africana e da cultura afro-brasileira no ensino de História.

Na história dos africanos e afrodescendentes em outros continentes:

- as justificativas religiosas para a escravização de africanos nas Américas;
- cultura e religião africanas na diáspora colonial;
- a revolução haitiana como exemplo de luta abolicionista e emancipatória;
- a detração dos povos africanos pela Ciência do mundo ocidental;
- a trajetória de William Carney e a participação dos negros na Guerra Civil estadunidense;
- a condenação dos negros pela Ku-Klux-Klan estadunidense;
- a rejeição da “raça africana” no discurso dos regimes nazista e fascista;
- a vitalidade das culturas negras na diáspora ocidental;
- o papel de Rosa Parks na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da América;
- a luta e os principais líderes dos afrodescendentes pelos direitos civis nos EUA;
- o racismo contra os africanos na ultradireita europeia do século XXI.

Apostamos, aqui, no valor do exemplo para sustentar o nosso engajamento na valorização do lugar da África na História. Trata-se de dar a maior visibilidade possível ao protagonismo dos povos africanos na história mundial, da qual o Brasil é apenas uma parte. Mas a adoção de uma postura combativa não pode, nem deve, se afastar dos critérios pertencentes à História enquanto disciplina e ciência.

O lugar dos indígenas na História

A incorporação da história indígena no Ensino Básico de nosso país guarda semelhanças e diferenças com o que vimos no subitem anterior.

Ela também se relaciona a decisões de governo no campo educacional, desde a LDB de 1996. Mais recentemente, a Lei

n. 11.645/08 estendeu à História indígena as disposições da Lei n. 10.639/03, então restrita ao ensino da História africana e afro-brasileira. A História indígena tornou-se obrigatória nas grades curriculares.

Também nesse caso há conexões importantes entre os movimentos sociais e a renovação do ensino, como se pode constatar no **Projeto Pindorama**, criado em 2001 e voltado para a inclusão de indígenas na universidade brasileira. Foi uma iniciativa bem-sucedida que envolveu a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), lideranças xavantes, a Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo, a Associação SOS Pankararu e a Comunidade Guarani do Pico do Jaraguá.⁵⁵

Voltando ao Ensino Básico, os textos dos especialistas em História indígena dedicados à sua inserção na grade curricular, da mesma forma que os africanistas, criticam a nossa historiografia e obras didáticas pelo longo silêncio a que condenaram a história dos povos nativos, exceto em suas relações com os europeus. Trata-se, a nosso ver, de uma avaliação correta de uma posição que vem de longe, desde, no mínimo, a obra de Francisco Adolpho de Varnhagen *História Geral do Brasil*, publicada entre 1854 e 1857 em cinco volumes.

Tratando dos grupos indígenas do país em relação à cronologia da história pátria, o famoso historiador afirmou, sem rodeios, que “para os povos na infância não há história: há só etnografia”.⁵⁶ O marco inaugural da história brasileira seria, segundo o autor, o ano de 1500, quando aqui chegaram os portugueses.

Não resta dúvida de que o juízo de Varnhagen, embora muito combatido na época por colegas indianistas do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), foi consagrado nas obras didáticas desde o século XIX, a começar por *Lições de História do Brasil para os alunos do Colégio de Pedro II*, de Joaquim Manuel de Macedo [1861].

Diversos textos contemporâneos apontam omissões e estereótipos ao abordar os povos indígenas nas coleções didáticas brasileiras desde o século XIX. Podemos resumir em seis pontos:

- adoção de um conceito genérico de indígena sem problematizar as diversas culturas e sua distribuição no espaço geográfico do território;
- endosso de vocabulário preconceituoso para referir os grupos indígenas, a exemplo de “selvagens”, “silvícolas”, “ferozes”, “feras”, etc., reiterando discursos colonizadores e eurocêntricos;

- valorização da obra missionária jesuítica no tocante à extirpação dos “vícios” indígenas por meio da cristianização, o que implica negar as identidades culturais indígenas;
- valorização da expansão territorial promovida pelos bandeirantes, sem qualquer alusão aos massacres e ao tráfico de indígenas por eles realizados desde o século XVI;
- omissão da eliminação de povos indígenas no Brasil desde o século XVI, seja por ação de epidemias, seja por massacres;
- omissão da história indígena nos capítulos sobre a história brasileira nos séculos XIX e XX.

Nos últimos dez anos esse quadro certamente mudou, como se pode constatar nas coleções didáticas de História publicadas no país. Persistem, porém, como no caso da História africana e afro-brasileira, problemas de abordagem, segundo indicam os especialistas na matéria. Destacaríamos três problemas nesse tópico:

- insistência em uma leitura da história indígena como expressão de um genocídio deliberado perpetrado pelos colonizadores ou pelos “brancos”, do que resulta uma visão vitimizadora dos grupos indígenas, além de simplificadora da crise demográfica que afetou tais grupos;
- dificuldades em lidar com identidades culturais muitas vezes construídas pelo discurso colonizador, em especial quanto à ramificação dos grupos em *nações* ou grupos étnicos;
- atenuação ou omissão das estratégias movidas por diversos grupos indígenas no sentido de eliminar grupos rivais e/ou obter benefícios do sistema colonial (terras e títulos, por exemplo), uma questão central para a compreensão de identidades em processo de recriação diante de adversidades concretas.

Além disso, há quem assimile a importância da história indígena e da afro-brasileira (ou africana) no mesmo patamar. É verdade que o ensino obrigatório das duas histórias apresenta similitudes, seja quanto à fonte legal que o estimula, seja quanto à opressão que se abateu sobre as populações em causa. Mas são histórias muito diferentes sob diversos outros pontos de vista, o que não cabe aqui aprofundar.

Bastaria citar, porém, a diferença histórica no tratamento que os povos indígenas e os africanos receberam da historiografia – e do pensamento social brasileiro, em geral, com a exceção honrosa da nossa Antropologia – desde o século XIX.

Há 150 anos, por exemplo, os africanos sequer eram mencionados nos compêndios, exceto como escravizados. Eram

55 Ver o *site* Ensino Superior Indígena. Disponível em: <<https://ensinosuperiorindigena.wordpress.com/atores/nao-humanos/projeto-pindorama/>>. Acesso em: 5 set. 2018.

56 VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *História geral do Brasil*. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos. p. 42. t. I.

considerados um “problema nacional” nos debates sobre a “questão da mão de obra”; eram objeto de uma projeção **racialista** que apostava no desaparecimento dos negros através da miscigenação e do branqueamento.

Tratamento muito diferente foi dado aos indígenas, ainda que por razões ideológicas relacionadas à construção oitocentista da brasilidade. Em todo caso, os indígenas foram objeto de verdadeira celebração na literatura romântica, na ópera, na pintura, até na historiografia do IHGB do século XIX (com exceção de Varnhagen), por meio de sua facção indianista.

A profusão de títulos de nobreza concedidos pelo imperador com nomes indígenas ou pseudoindígenas confirma o

prestígio que a origem nativa alcançou na *intelligentsia* brasileira daquele tempo. É certo que a referida celebração nada tinha a ver com **políticas indigenistas**, nem partiu de alguma perspectiva etnológica. Mas essa diferença de tratamento a africanos e indígenas não é questão de pouca importância.

Do mesmo modo como no item anterior, atentos à diferença entre história indígena e história africana (e/ou afro-brasileira), a nossa opção recaiu sobre uma visão ampla, na qual a nossa história indígena foi inserida na história das populações nativas das Américas. Nesse caso, poderíamos ilustrar as temáticas trabalhadas por meio de dois conjuntos: **história indígena no Brasil e história indígena em outras regiões do continente americano**, conforme a seguir.

História indígena no Brasil:

- os sítios arqueológicos pré-coloniais brasileiros;
- cultura dos indígenas do tronco Tupi;
- a invenção dos tapuias na etnografia brasileira;
- significado da guerra e da antropofagia na cultura Tupi;
- a busca da Terra sem Mal na mitologia heroica tupinambá;
- importância da maloca na organização social dos tupis;
- o problema da nominação dos grupos étnicos da população indígena;
- a lógica indígena no escambo com os europeus;
- protagonismo de grupos indígenas na conquista portuguesa;
- hecatombe demográfica na situação colonial;
- importância dos indígenas nos conflitos entre colonizadores europeus;
- ressignificação das tradições dos indígenas submetidos à catequese;
- significado da valorização do indígena no imaginário do Brasil imperial;
- a política indigenista no Brasil desde marechal Rondon;
- processos de etnogênese entre populações indígenas do século XX;
- a imagem do indígena na tradição do ensino didático brasileiro;
- a relação entre a questão da terra e a questão indígena no Brasil contemporâneo;
- o papel da Igreja da ação missionária às pastorais indigenistas contemporâneas;
- a questão dos direitos indígenas no Brasil contemporâneo.

História indígena em outras regiões do continente americano:

- polêmicas tradicionais e atuais sobre o povoamento do continente;
- crítica ao eurocentrismo vocabular (América, pré-colombiano, índios, etc.);
- densidade e distribuição territorial dos grupos indígenas no continente;
- tecnologias indígenas na prática da caça, coleta, pesca e agricultura;
- impérios indígenas na Mesoamérica e nos Andes Centrais;
- significado dos sacrifícios humanos na sociedade asteca;
- importância do culto solar nos impérios agrícolas do continente;
- o papel das rivalidades indígenas na conquista espanhola;
- a figura de Malinche no imaginário mexicano entre a História e a Memória;
- a exploração das comunidades indígenas na colonização hispano-americana;
- a catástrofe demográfica na população indígena da América espanhola;
- rebeliões indígenas na América espanhola;
- participação de grupos indígenas nos movimentos de independência;
- reações e alianças dos grupos indígenas nas colonizações francesa e inglesa da América do Norte;

- a revolta do chefe Pontiac como exemplo da resistência anticolonizadora no século XVIII;
- opressão e resistência dos indígenas no contexto da *Marcha para o Oeste* estadunidense;
- política estadunidense de reconhecimento dos direitos indígenas no século XX;
- relações entre modernização agrícola e expropriação das terras indígenas na América Latina;
- protagonismo das lideranças indígenas na Revolução Mexicana;

- a eliminação dos grupos indígenas em áreas de forte imigração europeia (Argentina);
- memória das tradições em festas indígenas contemporâneas;
- relações entre movimentos indígenas e guerrilhas na América Latina;
- o papel das tradições e dos movimentos indígenas em países *bolivarianos* da América do Sul.

Os dois elencos temáticos enunciados anteriormente permitem demonstrar o empenho de nossa coleção em dar visibilidade à história indígena, não apenas no caso brasileiro, senão em perspectiva continental. Trata-se de uma opção dedicada a realçar o protagonismo dos grupos indígenas na História das Américas, sem endossar, no entanto, discursos vitimizadores e ideologizantes.

Combate à discriminação das alteridades

No campo da historiografia existe uma massa crítica substantiva quanto à **história das relações de gênero** e à **história da sexualidade**, uma e outra engajadas no combate aos preconceitos misóginos e homofóbicos da nossa sociedade. Iniciado na década de 1980, esse campo de pesquisa cresceu e apurou suas metodologias nas últimas décadas, em especial nos cursos de pós-graduação do país.

No caso da **história das relações de gênero**, as historiadoras Rachel Soihet e Joana Pedro – pioneiras nas pesquisas desse campo – publicaram um balanço sobre o estado da arte das pesquisas brasileiras em 2007,⁵⁷ tempo em que a área já estava bem consolidada no país.

No caso da **história da sexualidade**, o livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, de Mary Del Priore,⁵⁸ pode orientar sobre os percalços desse campo de estudos desde que as primeiras pesquisas vieram à luz, também na década de 1980.

Novamente Mary Del Priore nos socorre em um campo de pesquisas ainda incipiente se comparado aos dois campos citados acima. Organizou, em 1991, uma obra clássica sobre a infância na história brasileira desde o período colonial.⁵⁹

Quanto aos adolescentes e aos idosos, as melhores referências se encontram na bibliografia francesa. *A História da velhice no Ocidente*⁶⁰ e *A História dos jovens*⁶¹ podem orientar o professor sobre os dois campos de estudos na historiografia do século XX.

Quanto à história das relações de gênero, diversos capítulos focalizaram a condição feminina em todos os volumes, realçando o seu protagonismo em momentos cruciais, a exemplo da participação ativa das mulheres na Revolução Francesa ou dos movimentos sufragista feminino, de fins do século XIX e início do XX, e feminista, na década de 1960.

Além disso, no subtexto microanalítico dos capítulos, algumas personagens femininas foram escolhidas como guia da narrativa: **Clio**, a musa grega da História; **Malinche**, personagem-chave na conquista do México asteca; **Nzinga**, rainha angolana no século XVII; **Anita Garibaldi**, guerreira na Farrroupilha gaúcha e nas guerras italianas do século XIX; **Maria Lacerda de Moura**, anarquista brasileira que lutou pelos direitos da mulher na Primeira República; **Rosa Parks**, afrodescendente que deflagrou, com sua indignação pessoal, a luta pelos direitos civis nos EUA dos anos 1960; **Zuzu Angel**, estilista brasileira que passou de omissa a combatente contra a ditadura, após perder o filho nos porões da ditadura militar brasileira.

Realçar o protagonismo feminino, coletivo e individual, como tentamos fazer, é um passo importante no combate ao sexismo misógeno até hoje presente, embora sob fogo cerrado.

O combate à homofobia também esteve presente no ânimo dos autores em algumas passagens-chave, como na alusão à orientação homoerótica de grandes artistas do Renascimento italiano ou no destaque que demos às perseguições aos ho-

57 SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, n. 54, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000200015>>. Acesso em: 5 set. 2018.

58 PRIORE, Mary Del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

59 _____. [Org.]. *História da infância no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

60 MINOIS, Georges [Org.]. *História da velhice no Ocidente*. Lisboa: Teorema, 1991.

61 LE GOFF, Jacques; SCHMIDT, Jean-Claude [Org.]. *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 v.

mossexuais pelo nazismo, estigmatizados com o triângulo rosa no uniforme de prisioneiros, milhares deles executados durante a Segunda Guerra Mundial.

Em resumo, esse combate está amparado na BNCC, cuja primeira competência para a área de Ciências Humanas é: “Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos”.⁶² Competência esta que se reforça na quarta a ser desenvolvida pelas coleções da área, a saber:

Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.⁶³

A lista de temas sobre o protagonismo dos **povos do campo** ocuparia laudas seguidas, como na homenagem que José Saramago fez, em seu clássico *Memorial do convento*,⁶⁴ aos milhares de trabalhadores que morreram na construção do Convento de Mafra, no século XVIII. É claro que os autores desta coleção não teriam semelhante pretensão.

A **valorização dos grupos oprimidos na História** foi, de todo modo, matéria de atenção especial desta coleção. Antes de tudo, porque a opressão e a revolta contra os opressores é marca essencial da História em todos os períodos e sociedades. E sobretudo porque, na história dos livros didáticos brasileiros, passou-se de um “silêncio ensurdecido”, entre meados do século XIX e o último quartel do século XX, para um “grito voluntarista”, doutrinário, ideologizante. Nos dois casos, os estudantes ficam longe de conhecer a História, nas suas sutilezas e ambiguidades – características humanas –, em prejuízo de uma educação cidadã, democrática e tolerante em face das diferenças.

Ensino de História e experiência cotidiana na Base Nacional Comum Curricular

Seguimos, nesse ponto, as metas estabelecidas pelo texto da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), amparando-nos nas *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*, em especial:

a) compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

b) o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores.⁶⁵

Além disso, compreendemos e veiculamos a proposição de que “todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos”.⁶⁶ Procuramos, assim, ao longo de toda a coleção, trabalhar conceitos que permitam estabelecer o nexos entre ensino da História e experiência social do estudante, explorando as variações na temporalidade, o estatuto da narrativa histórica em relação a outros tipos de narrativa e a relação entre história e alteridade no passado e no presente.

Quanto à relação entre ensino da História e experiência social do estudante, investimos muito no eixo histórico-social-geográfico. Há um boxe especial em todos os capítulos chamado **O seu lugar na História**, título que objetiva **atrair** o estudante enquanto indivíduo, bem como **valorizar** o lugar de seu nascimento ou moradia, como elementos da experiência social para o aprendizado da História.

Nesse boxe, procuramos articular o tema de cada capítulo a atividades de pesquisa em biblioteca, enquete na vizinhança, bairro ou cidade, conversas em família, registros da memória local, etc., de modo a dar vida e sentido a temas abordados na coleção. Pensamos a experiência social dos estudantes no sentido mais concreto possível, de modo a estimular, no cotidiano deles, a importância da indagação histórica e a importância da disciplina para construir a visão de mundo de cada um.

A ideia de manter um questionamento sobre o “seu lugar na história”, em todos os capítulos da obra, permite ao estudante o exercício constante de aliar sua experiência e seu conhecimento adquirido ao processo de construção da História, de sua própria história, e de se posicionar em relação à história do outro, identificando seu lugar e reconhecendo a alteridade.

Além disso, grande atenção foi dada, na redação e composição da obra, para o estabelecimento de nexos entre o conteúdo já apresentado e o assunto a ser tratado. Todos os capítulos têm remissões aos anteriores e posteriores, sejam eles de natureza sincrônica, diacrônica ou temática.

62 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 355.

63 Idem, idem.

64 SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

65 BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. In: BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais*. Brasília: Ministério da Educação, 2013. p. 70. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 5 set. 2018.

66 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 395.

A mesma importância foi atribuída às relações entre os conteúdos e os temas contemporâneos, quer sejam relativos às culturas indígenas e africanas, como já explicitados, quer sejam aos direitos humanos, ao exercício da cidadania, à educação ambiental e à economia. Como já foi devidamente explicitado, as comparações só foram realizadas quando não incorriam em anacronismo ou voluntarismo teórico.⁶⁷

Por uma avaliação dialógica e interativa

Na bibliografia da área de Educação, é consensual, já de longa data, que o professor não deve ser aquele que impõe conteúdos aos estudantes para, em seguida, aplicar provas. Entendemos que o processo de avaliação deve ser contínuo, sem constrangimento, sugerindo uma parceria entre o professor e os estudantes para a **construção** do conhecimento em cada disciplina.

Atualmente, os pesquisadores distinguem, no processo educativo, a avaliação chamada tradicional daquela conhecida como integral. Na primeira situação, a avaliação, geralmente expressa em uma prova escrita, serve para medir o desempenho dos estudantes, verificar se adquiriram os conteúdos ministrados em sala de aula.

A avaliação integral, por sua vez, tem outros objetivos e práticas, pois visa ajudar o estudante no seu próprio desenvolvimento pessoal e capacitar o professor a conhecer o potencial e os limites de cada um.

Três tipos de avaliação são bem conhecidos entre os especialistas em pedagogia: a **diagnóstica**, a **contínua** ou **formativa** e a **somativa**.

Ao aplicar uma **avaliação diagnóstica ou inicial**, o professor busca obter informações sobre o estágio de cada estudante e da turma. Com base nos resultados obtidos, ele terá meios para planejar suas atividades e traçar suas estratégias para alcançar seus objetivos pedagógicos.

Na **avaliação contínua ou formativa**, o professor acompanha o processo de aprendizagem, mantendo-se atento ao desenvolvimento dos estudantes, verificando seus avanços e suas dificuldades ao longo do processo de aprendizado.

A **avaliação somativa** ocorre ao final de um processo de ensino e aprendizagem. Ela permite ao professor perceber se o estudante realizou as aprendizagens inicialmente propostas.

Nesta coleção, utilizamos as três modalidades.

No boxe **Puxando pela memória**, que compreende uma pergunta feita no início de cada capítulo, quando o estudante leu o título, mas ainda não se inteirou do conteúdo temático, a intenção é a **avaliação diagnóstica**, cujos objetivos são: 1) relacionar o tema do capítulo com conhecimentos que, porventura, os estudantes tragam em sua experiência pessoal; 2) motivar os estudantes a conhecer o conteúdo histórico ali apresentado; 3) permitir ao professor averiguar o conhecimento prévio que os estudantes possuem sobre o tópico específico.

Estamos convencidos de que “o ensino de História se justifica na relação do presente com o passado, valorizando o tempo vivido pelo estudante e seu protagonismo [...]”,⁶⁸ mas também é necessário destacar que a conquista de novos conhecimentos é salutar. Justamente para estimular a manutenção do questionamento, ao final de cada capítulo o estudante é indagado se manteria a resposta à pergunta inicial, dada antes de ler o conteúdo temático. Espera-se que o estudante acrescente informações e argumentos para contextualizar sua nova resposta, sem desmerecer seu conhecimento prévio. Essa estratégia permite que o aluno dê valor ao conhecimento adquirido por meio da leitura e reconheça que esse procedimento lhe permite agregar, aprofundar e problematizar informações.

Priorizamos, em larga medida, a chamada **avaliação contínua** ou **formativa**. Isso vale até para o **Roteiro de estudos**, que encerra cada capítulo, pois, além de um questionário intitulado **O que aprendemos? (avaliação somativa)**, incluímos atividades dialógicas e interativas, com a intenção de fazer dos estudantes **sujeitos ativos** do conhecimento histórico, e não **sujeitos passivos** de uma educação tradicional massificada. Afinal, como registra a BNCC, “[...] é importante observar e compreender que a história se faz com perguntas. Portanto, para aprender história, é preciso saber produzi-las”.⁶⁹

As referidas seções e boxes de inspiração **construtivista** são: a) **Pesquisa**; b) **Imagens contam a história**; c) **O passado presente**; d) **O que há na imagem/no mapa?** No seguimento deste Manual explicaremos, com o devido detalhe, o sentido de cada uma dessas seções e boxes.

No conjunto, a nossa proposta para as atividades de avaliação elegeu as opções integral e contínua (ou formativa) em todos os capítulos da coleção. Uma aposta no diálogo e na interação entre professores e estudantes, mediada pela obra didática.

67 A BNCC destaca essa condição no item das competências específicas de História para o Ensino Fundamental: “Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica”. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 400.

68 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 414.

69 Idem, p. 417.

I Descrição da coleção

Esta coleção divide-se em unidades e capítulos e está estruturada na divisão cronológica tradicional, em consonância com a organização dos objetos de conhecimento e das habilidades da área de História na Base Nacional Comum Curricular. Dessa forma, a obra se adéqua perfeitamente aos objetivos mais amplos da BNCC.

Tal escolha para a coleção não compromete os questionamentos inseridos nos conteúdos, que visam, antes de tudo, relativizar o eurocentrismo que tanto marca o ensino de História em nosso país, sem, contudo, eliminar, muito menos “demonizar”, os processos históricos que tiveram sua origem na Europa. Mas a crítica à temporalidade canônica na estruturação da obra assumiu, para nós, um papel estratégico. Estimulou, em vários momentos, que repensássemos as temporalidades históricas de modo a explicitar outras cronologias que nada têm a ver com a da história ocidental. Nesta edição, como se poderá constatar pelo exame do conteúdo dos capítulos e das seções, a problematização do espaço e do tempo em perspectiva histórica tem por objetivo principal tentar fazer da História o estudo de um mundo sensível, adotando uma perspectiva geral humanista, porém atenta às diversidades socioculturais.

As **unidades** reúnem capítulos em grandes contextos, permitindo uma compreensão ampla dos processos e eventos históricos.

Cada **capítulo** aborda acontecimentos históricos em um recorte espaço-temporal, além de apresentar uma narrativa microanalítica, mas sem deixar de lado a perspectiva de análise de territórios diferentes na mesma temporalidade, seja através de seções e boxes, seja através especialmente da seção **Ao mesmo tempo**, detalhada a seguir.

Nas unidades e capítulos, há seções e boxes que efetivam a proposta didática da coleção, inclusive no que diz respeito aos processos de “identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise de um objeto [...]”,⁷⁰ com o objetivo de fornecer ferramentas ao aluno de modo a:

[...] estimular a **autonomia de pensamento** e a capacidade de reconhecer que os **indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem**, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma gran-

de diversidade de sujeitos e histórias estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania.⁷¹

Estrutura da coleção

Abertura de unidade

Em uma dupla de páginas, traz uma imagem representativa que introduz e antecipa o que será estudado nos capítulos organizados naquela unidade. Apresenta também um texto que fornece uma visão abrangente dos conteúdos que serão abordados, além de um quadro com os conteúdos históricos que serão estudados.

Abertura de capítulo

Os capítulos iniciam com um texto breve e de fácil leitura, além de uma imagem, ambos relacionados aos assuntos que serão tratados nas páginas seguintes.

Texto principal

O texto principal do capítulo traz duas narrativas, uma dos acontecimentos e processos históricos e outra microanalítica, que pode ser sobre pessoas comuns ou célebres, personagens mitológicos ou até mesmo eventos. Espera-se que, por meio da articulação de narrativas particulares e gerais, o estudante se familiarize com os acontecimentos históricos abordados no capítulo.

Seções e Boxes

Outras histórias

Esta seção se desdobra em nove subtipos: Artes, Crenças, Personagens, Lugares, Lutas sociais, Modos de viver, Economia, Episódios e Tecnologias. Sua função é aprofundar e trazer informações complementares sobre determinado aspecto da narrativa histórica do capítulo. Além disso, inclui propostas de atividades que contemplam a problematização a que se refere o terceiro procedimento básico do processo de ensino e aprendizagem da História no Ensino Fundamental – Anos Finais, pois envolve a “interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias”⁷².

Documento

Seção que apresenta a transcrição ou reprodução de um documento histórico. Acompanham o documento uma breve

70 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 396.

71 Idem, p. 398.

72 Idem, p. 414.

contextualização e questões que auxiliam o estudante a interpretá-lo e a relacioná-lo à narrativa principal. Por meio desta seção, espera-se desenvolver a análise crítica do estudante na construção do conhecimento histórico. Esta seção tem como objetivo estimular interpretações nas quais professores e alunos se tornem “sujeitos do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, eles próprios devem assumir uma **atitude historiadora** diante dos conteúdos propostos no âmbito do Ensino Fundamental”.⁷³

A História não está sozinha

Seção interdisciplinar que mostra como os eventos e acontecimentos históricos só podem ser bem compreendidos por meio da contribuição de outras disciplinas. As atividades desta seção podem ser feitas em conjunto com os professores de disciplinas como Ciências da Natureza, Geografia, Língua Portuguesa, Artes, entre outras. Está de acordo, portanto, com a concepção de que os currículos têm papéis complementares, e cabe aos educadores atentar para as “formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem”.⁷⁴

Ao mesmo tempo

Esta seção traz acontecimentos históricos que ocorreram no mesmo período, mas em outro recorte geográfico. O objetivo desses paralelos traçados entre a sociedade ou processo examinado no capítulo e outras sociedades ou processos na mesma época é trabalhar a noção de simultaneidade, mostrando ao estudante que a história de determinado período não se resume ao conteúdo principal do capítulo. Atende plenamente à quinta competência estabelecida pela BNCC para as coleções de Ciências Humanas: “comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados”.⁷⁵

O seu lugar na História

Este box traz uma atividade de experimentação que estimula a pesquisa de campo e articula a História às experiências locais do estudante.

Você já ouviu falar...

Boxe que destaca e explica conceitos e termos-chave importantes para a compreensão dos assuntos estudados.

Cá entre nós

Boxe que traz assuntos complementares ao texto principal.

Fique de olho

Sugestões de livros, filmes e sites relacionados aos conteúdos estudados. São sempre acompanhadas de breves sinopses.

O que há na imagem/no mapa?

Este boxe aprofunda a leitura de uma imagem ou de um mapa, relacionando-a/o ao conteúdo do capítulo ou à realidade vivida.

Puxando pela memória

Boxe que tem como objetivo suscitar conhecimentos prévios que o estudante eventualmente possua sobre o assunto do capítulo e, ao mesmo tempo, despertar sua curiosidade e interesse. Ao final do capítulo, esse mesmo boxe recupera o tema, com o intuito de questionar se o aluno manteria a mesma resposta depois da leitura do capítulo. O objetivo é estimular a percepção de que o conhecimento pode ser contextualizado e historicizado.

Cronologia

Disposta no alto das páginas, apresenta fatos marcantes do período em estudo, organizados em ordem cronológica. Essa seção auxilia o estudante a organizar algumas das informações importantes para o estudo do capítulo.

Glossário

Explicita o significado de palavras e expressões do texto-base e das seções que podem ser de difícil compreensão, para facilitar o estudo e a assimilação dos processos e acontecimentos históricos.

Roteiro de estudos



Conjunto de atividades ao final de cada capítulo. O **Roteiro de estudos** é composto de quatro subseções, que trabalham as diferentes habilidades e competências relacionadas ao ensino-aprendizagem de História:

Em **O que aprendemos?** há 10 questões que retomam o conteúdo do capítulo e relacionam processos históricos a fatos, personagens e localidades. Nessa subseção, há atividades que propõem um desafio de interpretação ao estudante por meio de uma afirmação falsa. São identificadas pelo

73 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 399.

74 Idem, p. 16.

75 Idem, p. 355.

seguinte ícone: . Há também, nessa subseção, atividades com as quais se pretende ressaltar a importância do espaço geográfico para determinado evento histórico, em clara interdisciplinaridade com a Geografia. Tais atividades são identificadas com o seguinte ícone: .

As atividades de **Pesquisa** propõem o estudo aprofundado de um tema, que pode ser apresentado por escrito ou resultar em uma discussão com a classe. São propostas que estimulam o estudante a emitir sua opinião, argumentar e refletir sobre uma situação ou contexto histórico, de acordo com a orientação da BNCC no segundo procedimento básico a ser adotado pelo componente curricular nos anos finais do Ensino Fundamental: “que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens”.⁷⁶ E, de forma mais enfática, ao comentar o segundo procedimento citado, a BNCC explicita que

O **segundo procedimento** diz respeito à escolha de **fontes e documentos**. O exercício de transformar um objeto em **documento** é prerrogativa do sujeito que o observa e o interroga para desvendar a sociedade que o produziu. O documento, para o historiador, é o campo da produção do conhecimento histórico: portanto, é esta a atividade mais importante a ser desenvolvida com os alunos.⁷⁷

Em **Imagens contam a história**, propõe-se a análise de determinado documento iconográfico relacionado ao capítulo, dialogando com os procedimentos de interpretação de fontes da disciplina. Segue-se, aqui, a orientação da BNCC expressa na sétima competência específica para a área de Ciências Humanas, a saber:

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.⁷⁸

Por meio das atividades de **O passado presente**, espera-se que o estudante relacione os temas trabalhados no capítulo ao seu cotidiano ou a acontecimentos do Tempo Pre-

sente. Seguimos, enfim, o pressuposto indicado pela BNCC, segundo o qual:

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual.⁷⁹

Os volumes e sua estrutura

Por sua vez, a coleção foi elaborada com a preocupação em promover uma educação continuada, conforme determina a BNCC, de relacionar conhecimentos/estudos prévios aos posteriores. Esse tipo de relação está presente não só na estrutura cronológica da obra (explicitada no sumário) como também nas remissões indicadas ao professor no manual específico de cada volume e em todos os capítulos que indicam a relação com conteúdos ou problemáticas anteriores ou posteriores.

6º ano

O primeiro volume da coleção, dedicado ao 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, abrange uma extensa temporalidade. O primeiro capítulo fornece ferramentas conceituais para que os alunos possam refletir sobre as relações entre tempo, espaço e acontecimento (fato), retomando assuntos bastante trabalhados no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. A partir de então o livro mergulha no conteúdo histórico propriamente dito,⁸⁰ abordando dos primórdios da Humanidade até a Idade Média em capítulos sobre a história da Europa ocidental, da América, da África e do Oriente.

A grande preocupação na elaboração do conteúdo apresentado pela coleção foi a de articular os diversos domínios da História (cultura, sociedade, religião, poder, economia) em diferentes espaços, tendo como base a seleção de temas relevantes e/ou mais documentados de cada período ou sociedade estudados.

O livro do 6º ano está organizado em quatro unidades, cada uma com seu foco específico, mas que, ao final, e de maneira progressiva, permite ao aluno perceber e problematizar as formas como se deram as interligações entre diferentes culturas e espaços, com destaque para a Europa feudal, o Oriente islamizado e a África, em toda sua complexidade.

76 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 414.

77 Idem, p. 416.

78 Idem, p. 355.

79 Idem, p. 395.

80 Essa estratégia se justifica porque os autores estão cientes de que “Se, no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, o desenvolvimento da percepção está voltado para o reconhecimento do Eu, do Outro e do Nós, no Ensino Fundamental – Anos Finais é possível analisar os indivíduos como atores inseridos em um mundo em constante movimento de objetos e populações e com exigência de constante comunicação” (BNCC, p. 353).

6º ano	
Unidade 1 A humanidade entra em cena	
Capítulo 1	Tempos e lugares da História
Capítulo 2	Na África, nossos antepassados
Capítulo 3	O povoamento do continente americano
Unidade 2 Sociedades antigas do Mediterrâneo oriental	
Capítulo 4	Egito e Mesopotâmia
Capítulo 5	Hebreus, fenícios e persas
Unidade 3 Sociedades antigas do Mediterrâneo ocidental	
Capítulo 6	O mundo grego
Capítulo 7	O mundo romano
Capítulo 8	A cultura greco-romana
Unidade 4 A Idade Média: o Ocidente cristão, o Islã e a África	
Capítulo 9	Germanos e bizantinos
Capítulo 10	O feudalismo europeu
Capítulo 11	O Islã em expansão: África e Europa
Capítulo 12	Reinos ao sul do Saara

7º ano

O segundo volume da coleção, dedicado ao 7º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, desde o capítulo inicial tem como objetivos possibilitar e auxiliar a progressão de conteúdo em relação ao ano anterior (a Europa feudal, o Oriente islamizado e a África), além de preparar as bases para o estudo e compreensão do contexto histórico que relaciona os mundos ocidental, oriental/asiático, africano e americano: encontro e confronto entre esses mundos. Para tanto, foram criados objeto de conhecimento e habilidade específicos para o primeiro capítulo, de forma a dar conta dessa transição e favorecer a estrutura teórica e metodológica da coleção.

A proposta é examinar a conexão e os conflitos entre as sociedades dos vários continentes a partir do século XV, apresentando conteúdos sobre os povos originários das Américas, suas relações com os europeus, as Reformas religiosas, o processo de formação de reinos unificados e absolutistas

na Europa, e as articulações desse continente com a África atlântica e o Oriente. Neste volume também são trabalhados assuntos que mobilizam temas estudados no 6º ano, como ocorre entre o Renascimento (7º ano) e a Antiguidade clássica (6º ano).

O livro se organiza em cinco unidades, destacando-se: a interligação entre os continentes e o contexto histórico do Antigo Regime europeu ocidental, as sociedades indígenas da América e as diversas organizações africanas em contato com o mundo atlântico. É dado destaque especial à História do Brasil, dedicando a ela quatro capítulos desse volume, além de outros que são atravessados por sua relação com outros países e demais continentes. O volume termina tratando da crise do Antigo Regime, com ênfase no Brasil e em suas interações com os reinos europeus e africanos – prelúdio dos temas do volume dedicado ao 8º ano, a começar pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa, marcos do mundo contemporâneo.

7º ano	
Unidade 1 Mudanças no feudalismo e a expansão atlântica europeia	
Capítulo 1	Mudanças e crise da sociedade medieval
Capítulo 2	A Europa das navegações oceânicas
Unidade 2 Sociedades ameríndias e conquista europeia	
Capítulo 3	Impérios Asteca, Maia e Inca
Capítulo 4	A conquista da América
Capítulo 5	A sociedade tupinambá em Pindorama
Unidade 3 A modernidade no Ocidente europeu	
Capítulo 6	Renascimento e Humanismo
Capítulo 7	Reformas religiosas
Capítulo 8	Monarquias absolutistas
Unidade 4 América e África na modernidade	
Capítulo 9	Pirataria e colonização nas Américas
Capítulo 10	A África Centro-ocidental no tempo do tráfico de escravos
Capítulo 11	A África ocidental no tempo do tráfico de escravos – iorubas, fons, jejes e haussás

Unidade 5 América portuguesa	
Capítulo 12	Economia e sociedade na América portuguesa
Capítulo 13	Os holandeses no Brasil
Capítulo 14	Palmares, a guerra dos quilombos
Capítulo 15	Ouro e pedras preciosas no Brasil

8º ano

O terceiro volume da coleção, dedicado ao 8º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, recupera conteúdos anteriores, como o contexto histórico do Antigo Regime europeu ocidental, em que o Estado acumulou o máximo de poder, com desdobramentos nos vários continentes em maior ou menor grau: o tempo do absolutismo monárquico ou, em alguns casos, do despotismo esclarecido.

A temporalidade se estende do século XVIII ao final do século XIX, e destaca a formação e expansão do capitalismo, da sociedade burguesa e do liberalismo. Expõem-se os nexos entre os processos históricos dos quatro continentes, mostrando não apenas os locais onde essas transformações se iniciaram (Europa ocidental, Estados Unidos da América), mas as reações e adequações à expansão capitalista em lugares mais afastados do sistema econômico mundial. A História do Brasil está apresentada em cinco dos 14 capítulos do volume, sempre relacionada ao contexto mais amplo dos movimentos históricos da modernidade.

O volume se inicia com o Iluminismo, que colocou em xeque as bases do Antigo Regime e abriu caminho para as chamadas revoluções burguesas, e se conclui no final do século XIX. É dado destaque aos crescentes protestos da classe trabalhadora na Europa ocidental, que resultaram na organização sindical e partidária do operariado e na expansão do capitalismo. No caso deste último processo, os exemplos mais conhecidos são as partilhas da África e da Ásia pelas potências europeias e, secundariamente, pelos Estados Unidos da América.

O volume, composto por quatro unidades, amplia o horizonte de conhecimento do aluno ao fornecer questionamentos que o preparam para a análise da complexidade dos “mundos” dos séculos XX e XXI, temporalidade abordada no volume do 9º ano.

8º ano	
Unidade 1 A crise do Antigo Regime	
Capítulo 1	A Europa no tempo do Iluminismo

Capítulo 2	A Revolução Francesa
Capítulo 3	Revolução Industrial
Unidade 2 Américas independentes	
Capítulo 4	Movimentos de independência americanos
Capítulo 5	Rebeliões e conjurações no Brasil
Capítulo 6	A construção do Império do Brasil
Capítulo 7	Rebeliões no Brasil regencial
Unidade 3 Escravidão e liberdade	
Capítulo 8	A cafeicultura no Brasil escravista
Capítulo 9	Os Estados Unidos entre o liberalismo e a escravidão
Capítulo 10	Crise da escravidão e da monarquia no Brasil
Unidade 4 A burguesia domina o mundo	
Capítulo 11	Lutas dos trabalhadores
Capítulo 12	Nacionalismos em conflito na Europa
Capítulo 13	A partilha do mundo entre as nações industrializadas
Capítulo 14	Ciências e costumes na sociedade burguesa

9º ano

O último volume da coleção, correspondente ao 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, tem como ponto de partida o primeiro conflito considerado de esfera mundial: a Primeira Guerra Mundial. Esse fenômeno se relaciona diretamente à unificação alemã sob a liderança da Prússia, assunto analisado detalhadamente no livro anterior (8º ano), e aos diversos interesses colonialistas no auge do sistema capitalista então em vigor. Além disso, o volume do 9º ano abrange as várias crises econômicas e o conjunto de guerras que devastaram países e arruinaram sociedades, com ênfase no período de grande tensão nas relações internacionais com a Guerra Fria e o medo causado pelo terror atômico.

A história do Brasil se destaca, contemplada desde a Primeira República, passando pelo governo de Getúlio Vargas, o governo militar e a análise sobre o Brasil atual. São recuperados assuntos abordados nos volumes anteriores,

incluindo o protagonismo de afrodescendentes e indígenas nas lutas por direitos civis e políticos. O conteúdo do livro, composto de cinco unidades, tem como marcos temporais o início do século XX (com a Primeira Guerra Mundial), e se conclui com mais guerras (as “guerras sem fronteiras”) e a crise da economia mundial.

O ponto de chegada da coleção é a História e a reflexão sobre o mundo de hoje, cuja história será construída pelos alunos que agora apreendem e questionam o conteúdo apresentado nela.

9º ano	
Unidade 1 Guerra e revolução no início do século XX	
Capítulo 1	A Primeira Guerra Mundial
Capítulo 2	A Revolução Russa
Capítulo 3	A Primeira República brasileira
Unidade 2 Crises e guerras	
Capítulo 4	A Crise de 1929 e o <i>New Deal</i>
Capítulo 5	Ascensão do fascismo e do nazismo
Capítulo 6	A Segunda Guerra Mundial
Capítulo 7	Governo Vargas e reformas sociais no Brasil
Unidade 3 Nos tempos da Guerra Fria	
Capítulo 8	A Guerra Fria
Capítulo 9	Movimentos sociais na década de 1960
Capítulo 10	Movimentos de emancipação na África
Capítulo 11	Conflitos no Oriente Médio
Unidade 4 Nos tempos da Guerra Fria	
Capítulo 12	Argentina e Cuba: ditadura e revolução na América Latina
Capítulo 13	Democracia e desenvolvimentismo no Brasil [1946-1964]
Capítulo 14	A ditadura militar brasileira

Unidade 5 Passagem de século: crises e mudanças globais	
Capítulo 15	O Brasil recente entre conquistas e desilusões
Capítulo 16	A nova ordem mundial, neoliberalismo e globalização
Capítulo 17	Guerras sem fronteiras e crise da economia mundial

Adequação da coleção à BNCC

Unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades

O conjunto de objetos de conhecimento e habilidades do componente curricular História proposto pela BNCC está plenamente contemplado na coleção, conforme pode ser analisado na grade/planilha a seguir.

Deve-se ressaltar, porém, que as diversas concepções teóricas e metodológicas do estudo e da pesquisa histórica não se engessam em um só esquema. O questionamento e o respeito à diferença de opiniões, quer ocorram na vida pessoal, quer no ofício, no caso do historiador, pressupõem a possibilidade de adequações. Tal premissa está prevista na BNCC:

Cumprir destacar que os critérios de organização das habilidades na BNCC (com a explicitação dos objetos de conhecimento aos quais se relacionam e do agrupamento desses objetos em unidades temáticas) expressam um arranjo possível (dentre outros). Portanto, os agrupamentos propostos não devem ser tomados como modelo obrigatório para o desenho dos currículos. Considerando esses pressupostos, e em articulação com as competências gerais da BNCC e com as competências específicas da área de Ciências Humanas, o componente curricular de História deve garantir aos alunos o desenvolvimento de **competências específicas**.⁸¹

Dessa forma, em situações excepcionais, a obra acrescentou novos objetos de conhecimento e habilidades, de modo a dar sentido ao texto-base proposto pelos autores.

A relação detalhada entre objetos de conhecimento e habilidades relacionadas aos volumes, às unidades e aos capítulos está presente nos manuais específicos de cada volume e também pode ser verificada, de modo mais esquemático, a seguir.

Por fim, mas não menos importante, reafirmamos nosso compromisso com a qualidade e importância do ensino da História para a formação de cidadãos ativos e comprometidos com a construção de uma sociedade democrática e aberta à diversidade em suas variadas acepções.

⁸¹ Idem, p. 400.

6º ano			
Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
História: tempo, espaço e formas de registros	A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias	(EF06HI01) Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas).	Capítulo 1
	Formas de registro da história e da produção do conhecimento histórico	(EF06HI02) Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas.	Capítulo 1
	As origens da humanidade, seus deslocamentos e os processos de sedentarização	(EF06HI03) Identificar as hipóteses científicas sobre o surgimento da espécie humana e sua historicidade e analisar os significados dos mitos de fundação.	Capítulo 2
		(EF06HI04) Conhecer as teorias sobre a origem do homem americano.	Capítulo 3
		(EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.	Capítulo 2 Capítulo 3
		(EF06HI06) Identificar geograficamente as rotas de povoamento no território americano.	Capítulo 3
A invenção do mundo clássico e o contraponto com outras sociedades	Povos da Antiguidade na África (egípcios), no Oriente Médio (mesopotâmicos) e nas Américas (pré-colombianos)	(EF06HI07) Identificar aspectos e formas de registro das sociedades antigas na África, no Oriente Médio e nas Américas, distinguindo alguns significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.	Capítulo 3 Capítulo 4 Capítulo 5
	Os povos indígenas originários do atual território brasileiro e seus hábitos culturais e sociais	(EF06HI08) Identificar os espaços territoriais ocupados e os aportes culturais, científicos, sociais e econômicos dos astecas, maias e incas e dos povos indígenas de diversas regiões brasileiras.	Capítulo 3
	O Ocidente Clássico: aspectos da cultura na Grécia e em Roma	(EF06HI09) Discutir o conceito de Antiguidade clássica, seu alcance e limite na tradição ocidental, assim como os impactos sobre outras sociedades e culturas.	Capítulo 8
Lógicas de organização política	As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma	(EF06HI10) Explicar a formação da Grécia Antiga, com ênfase na formação da pólis e nas transformações políticas, sociais e culturais.	Capítulo 6
	Domínios e expansão das culturas grega e romana	(EF06HI11) Caracterizar o processo de formação da Roma Antiga e suas configurações sociais e políticas nos períodos monárquico e republicano.	Capítulo 7
	Significados do conceito de “império” e as lógicas de conquista, conflito e negociação dessa forma de organização política	(EF06HI12) Associar o conceito de cidadania a dinâmicas de inclusão e exclusão na Grécia e Roma antigas.	Capítulo 6 Capítulo 7
	As diferentes formas de organização política na África: reinos, impérios, cidades-estados e sociedades linhageiras ou aldeias	(EF06HI13) Conceituar “império” no mundo antigo, com vistas à análise das diferentes formas de equilíbrio e desequilíbrio entre as partes envolvidas.	Capítulo 11 Capítulo 12
	A passagem do mundo antigo para o mundo medieval	(EF06HI14) Identificar e analisar diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços.	Capítulo 9
	A fragmentação do poder político na Idade Média	(EF06HI15) Descrever as dinâmicas de circulação de pessoas, produtos e culturas no Mediterrâneo e seu significado.	Capítulo 5 Capítulo 11

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
Trabalho e formas de organização social e cultural	Senhores e servos no mundo antigo e no medieval Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África) Lógicas comerciais na Antiguidade romana e no mundo medieval	(EF06HI16) Caracterizar e comparar as dinâmicas de abastecimento e as formas de organização do trabalho e da vida social em diferentes sociedades e períodos, com destaque para as relações entre senhores e servos.	Capítulo 10 Capítulo 12
		(EF06HI17) Diferenciar escravidão, servidão e trabalho livre no mundo antigo.	Capítulo 7
	O papel da religião cristã, dos mosteiros e da cultura na Idade Média	(EF06HI18) Analisar o papel da religião cristã na cultura e nos modos de organização social no período medieval.	Capítulo 10
	O papel da mulher na Grécia, em Roma, e no período medieval	(EF06HI19) Descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais.	Capítulo 7 Capítulo 10

7º ano			
Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias	A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História	(EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.	Capítulo 6
	A ideia de “Novo Mundo” ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno	(EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.	Capítulo 2
	Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial	(EF07HI03) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social e o desenvolvimento de saberes e técnicas.	Capítulo 3 Capítulo 10 Capítulo 11
Humanismos, Renascimentos e o Novo Mundo	Humanismos: uma nova visão de ser humano e de mundo. Renascimentos artísticos e culturais	(EF07HI04) Identificar as principais características dos Humanismos e dos Renascimentos e analisar seus significados.	Capítulo 6
	Reformas religiosas: a cristandade fragmentada	(EF07HI05) Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.	Capítulo 7
	As descobertas científicas e a expansão marítima	(EF07HI06) Comparar as navegações no Atlântico e no Pacífico entre os séculos XIV e XVI.	Capítulo 2

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
A organização do poder e as dinâmicas do mundo colonial americano	A formação e o funcionamento das monarquias europeias: a lógica da centralização política e os conflitos na Europa	(EF07HI07) Descrever os processos de formação e consolidação das monarquias e suas principais características com vistas à compreensão das razões da centralização política.	Capítulo 8
	A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação	(EF07HI08) Descrever as formas de organização das sociedades americanas no tempo da conquista com vistas à compreensão dos mecanismos de alianças, confrontos e resistências.	Capítulo 3 Capítulo 5
		(EF07HI09) Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência.	Capítulo 4 Capítulo 5
	A estruturação dos vice-reinos nas Américas Resistências indígenas, invasões e expansão na América portuguesa	(EF07HI10) Analisar, com base em documentos históricos, diferentes interpretações sobre as dinâmicas das sociedades americanas no período colonial.	Capítulo 9 Capítulo 12
		(EF07HI11) Analisar a formação histórico-geográfica do território da América portuguesa por meio de mapas históricos.	Capítulo 12
		(EF07HI12) Identificar a distribuição territorial da população brasileira em diferentes épocas, considerando a diversidade étnico-racial e étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática).	Capítulo 12
Lógicas comerciais e mercantis da modernidade	As lógicas mercantis e o domínio europeu sobre os mares e o contraponto Oriental	(EF07HI13) Caracterizar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico.	Capítulo 9 Capítulo 13 Capítulo 15
		(EF07HI14) Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente.	Capítulo 10 Capítulo 11 Capítulo 12 Capítulo 15
	As lógicas internas das sociedades africanas As formas de organização das sociedades ameríndias A escravidão moderna e o tráfico de escravizados	(EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval.	Capítulo 12
		(EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.	Capítulo 10 Capítulo 11 Capítulo 14
	A emergência do capitalismo	(EF07HI17) Discutir as razões da passagem do mercantilismo para o capitalismo.	Capítulo 15

8º ano

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise	A questão do Iluminismo e da ilustração	[EF08HI01] Identificar os principais aspectos conceituais do iluminismo e do liberalismo e discutir a relação entre eles e a organização do mundo contemporâneo.	Capítulo 1 Capítulo 3 Capítulo 5 Capítulo 12
	As revoluções inglesas e os princípios do liberalismo	[EF08HI02] Identificar as particularidades político-sociais da Inglaterra do século XVII e analisar os desdobramentos posteriores à Revolução Gloriosa.	Capítulo 1
	Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas	[EF08HI03] Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas.	Capítulo 3 Capítulo 11 Capítulo 14
	Revolução Francesa e seus desdobramentos	[EF08HI04] Identificar e relacionar os processos da Revolução Francesa e seus desdobramentos na Europa e no mundo.	Capítulo 2 Capítulo 6 Capítulo 12
	Rebeliões na América portuguesa: as conjurações mineira e baiana	[EF08HI05] Explicar os movimentos e as rebeliões da América portuguesa, articulando as temáticas locais e suas interfaces com processos ocorridos na Europa e nas Américas.	Capítulo 5
Os processos de independência nas Américas	Independência dos Estados Unidos da América Independências na América espanhola • A revolução dos escravizados em São Domingo e seus múltiplos significados e desdobramentos: o caso do Haiti Os caminhos até a independência do Brasil	[EF08HI06] Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões.	Capítulo 4 Capítulo 6
		[EF08HI07] Identificar e contextualizar as especificidades dos diversos processos de independência nas Américas, seus aspectos populacionais e suas conformações territoriais.	Capítulo 4 Capítulo 6
		[EF08HI08] Conhecer o ideário dos líderes dos movimentos independentistas e seu papel nas revoluções que levaram à independência das colônias hispano-americanas.	Capítulo 4
		[EF08HI09] Conhecer as características e os principais pensadores do Pan-americanismo.	Capítulo 4
		[EF08HI10] Identificar a Revolução de São Domingo como evento singular e desdobramento da Revolução Francesa e avaliar suas implicações.	Capítulo 4
		[EF08HI11] Identificar e explicar os protagonismos e a atuação de diferentes grupos sociais e étnicos nas lutas de independência no Brasil, na América espanhola e no Haiti.	Capítulo 4 Capítulo 6

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
Os processos de independência nas Américas	Independência dos Estados Unidos da América Independências na América espanhola • A revolução dos escravizados em São Domingo e seus múltiplos significados e desdobramentos: o caso do Haiti Os caminhos até a independência do Brasil	[EF08HI12] Caracterizar a organização política e social no Brasil desde a chegada da Corte portuguesa, em 1808, até 1822 e seus desdobramentos para a história política brasileira.	Capítulo 6
		[EF08HI13] Analisar o processo de independência em diferentes países latino-americanos e comparar as formas de governo neles adotadas.	Capítulo 6
	A tutela da população indígena, a escravidão dos negros e a tutela dos egressos da escravidão	[EF08HI14] Discutir a noção da tutela dos grupos indígenas e a participação dos negros na sociedade brasileira do final do período colonial, identificando permanências na forma de preconceitos, estereótipos e violências sobre as populações indígenas e negras no Brasil e nas Américas.	Capítulo 4 Capítulo 8 Capítulo 10
O Brasil no século XIX	Brasil: Primeiro Reinado O Período Regencial e as contestações ao poder central. O Brasil do Segundo Reinado: política e economia • A Lei de Terras e seus desdobramentos na política do Segundo Reinado • Territórios e fronteiras: a Guerra do Paraguai	[EF08HI15] Identificar e analisar o equilíbrio das forças e os sujeitos envolvidos nas disputas políticas durante o Primeiro e o Segundo Reinado.	Capítulo 6 Capítulo 7 Capítulo 8 Capítulo 10
		[EF08HI16] Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado.	Capítulo 7 Capítulo 10
		[EF08HI17] Relacionar as transformações territoriais, em razão de questões de fronteiras, com as tensões e conflitos durante o Império.	Capítulo 6
		[EF08HI18] Identificar as questões internas e externas sobre a atuação do Brasil na Guerra do Paraguai e discutir diferentes versões sobre o conflito.	Capítulo 10
	O escravismo no Brasil do século XIX: <i>plantations</i> e revoltas de escravizados, abolicionismo e políticas migratórias no Brasil Imperial	[EF08HI19] Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.	Capítulo 8 Capítulo 10
		[EF08HI20] Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.	Capítulo 8 Capítulo 10
	Políticas de extermínio do indígena durante o Império	[EF08HI21] Identificar e analisar as políticas oficiais com relação ao indígena durante o Império.	Capítulo 8
A produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o Romantismo no Brasil	[EF08HI22] Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.	Capítulo 8	

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
Configurações do mundo no século XIX	Nacionalismo, revoluções e as novas nações europeias	[EF08HI23] Estabelecer relações causais entre as ideologias raciais e o determinismo no contexto do imperialismo europeu e seus impactos na África e na Ásia.	Capítulo 13
	Uma nova ordem econômica: as demandas do capitalismo industrial e o lugar das economias africanas e asiáticas nas dinâmicas globais	[EF08HI24] Reconhecer os principais produtos, utilizados pelos europeus, procedentes do continente africano durante o imperialismo e analisar os impactos sobre as comunidades locais na forma de organização e exploração econômica.	Capítulo 13
	Os Estados Unidos da América e a América Latina no século XIX	[EF08HI25] Caracterizar e contextualizar aspectos das relações entre os Estados Unidos da América e a América Latina no século XIX.	Capítulo 9 Capítulo 13
	O imperialismo europeu e a partilha da África e da Ásia	[EF08HI26] Identificar e contextualizar o protagonismo das populações locais na resistência ao imperialismo na África e Ásia.	Capítulo 13
	Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo O discurso civilizatório nas Américas, o silenciamento dos saberes indígenas e as formas de integração e destruição de comunidades e povos indígenas A resistência dos povos e comunidades indígenas diante da ofensiva civilizatória	[EF08HI27] Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas.	Capítulo 4 Capítulo 8 Capítulo 9

9º ano			
Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX	Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo	[EF09HI01] Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.	Capítulo 3
	A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos	[EF09HI02] Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.	Capítulo 3

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX	A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações	[EF09HI03] Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.	Capítulo 3 Capítulo 7
		[EF09HI04] Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.	Capítulo 3
	Primeira República e suas características Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930	[EF09HI05] Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.	Capítulo 3
	O período varguista e suas contradições A emergência da vida urbana e a segregação espacial O trabalhismo e seu protagonismo político	[EF09HI06] Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).	Capítulo 7
	A questão indígena durante a República (até 1964)	[EF09HI07] Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afro-descendentes.	Capítulo 3 Capítulo 7
	Anarquismo e protagonismo feminino	[EF09HI08] Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.	Capítulo 3 Capítulo 7
[EF09HI09] Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.		Capítulo 7	
Totalitarismos e conflitos mundiais	O mundo em conflito: a Primeira Guerra Mundial	[EF09HI10] Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa.	Capítulo 1 Capítulo 2
	A questão da Palestina A Revolução Russa A crise capitalista de 1929	[EF09HI11] Identificar as especificidades e os desdobramentos mundiais da Revolução Russa e seu significado histórico.	Capítulo 2
		[EF09HI12] Analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global.	Capítulo 4

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
Totalitarismos e conflitos mundiais	A emergência do fascismo e do nazismo A Segunda Guerra Mundial Judeus e outras vítimas do holocausto	[EF09HI13] Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).	Capítulo 5 Capítulo 6
	O colonialismo na África As guerras mundiais, a crise do colonialismo e o advento dos nacionalismos africanos e asiáticos	[EF09HI14] Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.	Capítulo 8 Capítulo 9 Capítulo 10 Capítulo 11
	A Organização das Nações Unidas (ONU) e a questão dos Direitos Humanos	[EF09HI15] Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.	Capítulo 8 Capítulo 11
		[EF09HI16] Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.	Capítulo 8 Capítulo 9 Capítulo 10 Capítulo 11
Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação	[EF09HI17] Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.	Capítulo 13
		[EF09HI18] Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.	Capítulo 13
	Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência As questões indígena e negra e a ditadura	[EF09HI19] Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.	Capítulo 13 Capítulo 14
		[EF09HI20] Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar.	Capítulo 14

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946	Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência As questões indígena e negra e a ditadura	(EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura.	Capítulo 13 Capítulo 14
		(EF09HI22) Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988.	Capítulo 14 Capítulo 15
		(EF09HI23) Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.	Capítulo 15
	O processo de redemocratização A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens, etc.) A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais	(EF09HI24) Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.	Capítulo 15
	Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira A questão da violência contra populações marginalizadas	(EF09HI25) Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.	Capítulo 15
	O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização	(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.	Capítulo 16
		(EF09HI27) Relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do País no cenário internacional na era da globalização.	Capítulo 16
A história recente	A Guerra Fria: confrontos de dois modelos políticos A Revolução Chinesa e as tensões entre China e Rússia A Revolução Cubana e as tensões entre Estados Unidos da América e Cuba	(EF09HI28) Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.	Capítulo 8 Capítulo 9 Capítulo 10 Capítulo 11 Capítulo 12 Capítulo 16

Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
A história recente	As experiências ditatoriais na América Latina	(EF09HI29) Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.	Capítulo 12
		(EF09HI30) Comparar as características dos regimes ditatoriais latino-americanos, com especial atenção para a censura política, a opressão e o uso da força, bem como para as reformas econômicas e sociais e seus impactos.	Capítulo 12
	Os processos de descolonização na África e na Ásia	(EF09HI31) Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.	Capítulo 8 Capítulo 9 Capítulo 10 Capítulo 11
	O fim da Guerra Fria e o processo de globalização Políticas econômicas na América Latina	(EF09HI32) Analisar mudanças e permanências associadas ao processo de globalização, considerando os argumentos dos movimentos críticos às políticas globais.	Capítulo 16
		(EF09HI33) Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.	Capítulo 16
		(EF09HI34) Discutir as motivações da adoção de diferentes políticas econômicas na América Latina, assim como seus impactos sociais nos países da região.	Capítulo 12
	Os conflitos do século XXI e a questão do terrorismo Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade As pautas dos povos indígenas no século XXI e suas formas de inserção no debate local, regional, nacional e internacional	(EF09HI35) Analisar os aspectos relacionados ao fenômeno do terrorismo na contemporaneidade, incluindo os movimentos migratórios e os choques entre diferentes grupos e culturas.	Capítulo 11 Capítulo 17
		(EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.	Capítulo 9 Capítulo 11 Capítulo 17

Objetos de conhecimento e habilidades específicas da coleção

O conteúdo temático de toda a coleção está bem alinhado com os objetos de conhecimento e as habilidades definidas pela BNCC, mas a escolha de certos temas considerados importantes para serem destacados extrapolaram em dois casos o elenco geral. São eles o capítulo sobre a crise do feudalismo, que abre o volume do 7º ano, e o capítulo 14, que trata especificamente do Quilombo dos Palmares. No primeiro caso, a estratégia foi evitar a ruptura temática e facilitar a continuidade de conteúdo do volume anterior para o do livro do 7º ano. Assim, criamos objetos de conhecimento e habilidades como elos entre a análise do feudalismo europeu, tratados nos capítulos 9 e 10 do volume anterior, cuja crise desemboca na expansão atlântica e no encontro e confronto entre o “Velho Mundo” e o “Novo Mundo”. No segundo caso, consideramos importante destacar em um capítulo específico o estudo sobre o Quilombo dos Palmares devido à atualidade do tema sobre “Remanescentes das Comunidades dos

Quilombos” e a conquista do direito à propriedade da terra, assunto inscrito na Constituição do Brasil de 1988⁸² e com desdobramento em leis e decretos posteriores.

7º ano – Específico			
Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	No volume
O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias	Crescimento do comércio e das cidades na Baixa Idade Média	Identificar os mecanismos de crescimento do comércio e das cidades no mundo feudal dos séculos XI a XIII.	Capítulo 1
	Crise do mundo feudal no século XIV Transição da Idade Média à Idade Moderna na Europa cristã	Identificar os elementos que desencadearam a crise do feudalismo no século XIV.	Capítulo 1
	Escravidão e conflitos na América portuguesa	Identificar os conflitos e as relações de poder entre administradores metropolitanos, colonos e escravizados na América portuguesa.	Capítulo 14

Competências gerais da Educação Básica, específicas de Ciências Humanas e específicas de História

As Competências gerais da Educação Básica, as específicas de Ciências Humanas e, em particular, as relacionadas à História, formam um conjunto de procedimentos que foram devidamente contemplados na coleção. Os autores estão conscientes das especificidades que envolvem os alunos dessas faixas etárias, que apresentam profundas mudanças “biológicas, psicológicas, sociais e emocionais”.⁸³

A obra, em sua estrutura, fornece ferramentas ao aluno para que possa questionar o passado, se posicionar e intervir no mundo em que vive através da interação com o professor, colegas e texto e da vivência em sala de aula. Assim, a primeira competência específica de História definida pela BNCC é a que mais expressa a intenção dos autores: “Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo”.⁸⁴ Mas é importante ressaltar que as demais competências relacionadas ao ensino da História são trabalhadas pela coleção.

Tanto o conteúdo quanto as atividades propostas na obra permitem, em maior ou menor intensidade, atender às competências gerais, as específicas de Ciências Humanas e as de História para o Ensino Básico – Anos Finais, através dos três procedimentos básicos para o ensino e a aprendizagem da História:

1. Pela identificação dos eventos considerados importantes na história do Ocidente (África, Europa e América, especialmente o Brasil), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico.
2. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens.

82 O Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Brasileira de 1988, determina: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Discussões sobre a legislação e as conquistas da propriedade da terra por parte de diversas comunidades remanescentes de quilombos podem ser acessadas no site organizado pelas historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu: <<https://conversadehistoriadoras.com/>> [acesso em: 13 set. 2018]. Artigo específico sobre a legislação, “Remanescentes das Comunidades dos Quilombos: memória do cativo, patrimônio cultural e direito à reparação”, de autoria das mesmas historiadoras, encontra-se em: <https://www.iai.spk-berlin.de/fileadmin/dokumentenbibliothek/lberoamericana/42-2011/42_Mattos_y_Abreu.pdf> [acesso em: 13 set. 2018].

83 BNCC, p. 58.

84 BNCC, p. 400.

3. Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias.⁸⁵

Competências gerais da Educação Básica	Código	Na coleção
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	CG1	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidades 1, 3, 4 9º ano – Unidades 2, 3, 4, 5
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	CG2	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 4 8º ano – Unidades 2, 3 9º ano – Unidades 1, 5
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.	CG3	6º ano – Unidades 1, 2, 3 7º ano – Unidades 1, 3 8º ano – Unidades 1, 4 9º ano – Unidades 2, 3
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.	CG4	6º ano – Unidades 1, 2, 3 7º ano – Unidades 2, 4 8º ano – Unidades 1, 4 9º ano – Unidade 5
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	CG5	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidades 1, 3, 4 9º ano – Unidades 2, 3, 4, 5
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.	CG6	6º ano – Unidades 3, 4 7º ano – Unidades 2, 4, 5 8º ano – Unidades 3, 4 9º ano – Unidade 2
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.	CG7	6º ano – Unidade 1 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidade 4 9º ano – Unidade 5
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.	CG8	6º ano – Unidade 1 7º ano – Unidades 2, 4, 5 8º ano – Unidade 4 9º ano – Unidades 2, 3, 5
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	CG9	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidades 2, 3, 4 8º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 4, 5
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	CG10	6º ano – Unidades 1, 3 7º ano – Unidade 3 8º ano – Unidades 1, 3, 4 9º ano – Unidades 2, 3, 4, 5

85 BNCC, p. 414.

Competências específicas de Ciências Humanas	Código	Na coleção
1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.	CCH1	6º ano – Unidade 1 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidade 4 9º ano – Unidade 5
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.	CCH2	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidades 1, 3, 4 9º ano – Unidades 2, 3, 4, 5
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.	CCH3	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 4 8º ano – Unidades 2, 3 9º ano – Unidades 1, 5
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	CCH4	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidades 2, 3, 4 8º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 4, 5
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.	CCH5	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 3, 5 8º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 3, 4, 5
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	CCH6	6º ano – Unidade 1 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidade 4 9º ano – Unidade 5
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.	CCH7	6º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 3, 4, 5 8º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 3, 4, 5

Competências específicas de História	Código	Na coleção
1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.	CEH1	6º ano – Unidades 3, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 8º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 4, 5
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.	CEH2	6º ano – Unidades 1, 3, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 3, 5 8º ano – Unidades 1, 2, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 3, 4, 5
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.	CEH3	6º ano – Unidade 1 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidades 2, 4 9º ano – Unidades 2, 4
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	CEH4	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidades 2, 3, 4 8º ano – Unidades 1, 2, 4 9º ano – Unidades 1, 2, 5

5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.	CEH5	6º ano – Unidades 1, 2, 3, 4 7º ano – Unidades 1, 2, 4, 5 8º ano – Unidades 1, 2, 3 9º ano – Unidades 1, 2
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.	CEH6	6º ano – Unidade 1 7º ano – Unidade 3 8º ano – Unidades 1, 3 9º ano – Unidades 2, 4, 5
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.	CEH7	6º ano – Unidades 1, 4 7º ano – Unidade 2 8º ano – Unidades 1, 3, 4 9º ano – Unidades 2, 3, 4, 5

Recursos digitais disponíveis

Esta coleção contém, além do livro impresso, um conjunto de materiais digitais que sistematiza, aprofunda e/ou complementa os temas abordados no conjunto da obra. Dessa forma, ele está intimamente vinculado às competências gerais e às específicas das Ciências Humanas e da História, em particular, conforme se detalha a seguir.

Os objetivos do **Material Digital do Professor** são basicamente os de organizar e enriquecer o trabalho do docente, de forma a contribuir para a contínua atualização e sistematização dos conteúdos. Oferece, outrossim, amplo subsídio para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Ele é composto de quatro tipos de recurso:

- Planos de desenvolvimento, dividido em quatro bimestres letivos, que abrangem os objetos de conhecimento e as habilidades trabalhados em cada bimestre, bem como a disposição deles no livro do estudante. Apresenta, também, sugestões de atividades em sala de aula interligadas às habilidades propostas para o bimestre; orientação sobre a gestão em sala de aula e sobre o acompanhamento das aprendizagens dos alunos, levando em consideração abordagens diferenciadas para aqueles que necessitem de maior investimento para alcançar o aprendizado esperado; sugestão de fontes de pesquisa voltadas para o uso dos alunos em casa e em sala de aula e proposta de projeto integrador para o bimestre. Dessa forma, os planos de desenvolvimento apoiam as práticas e a aplicação em sala de aula da metodologia adotada pela coleção.
- Sequências didáticas, em número de três para cada bimestre letivo, num total de doze por volume, que abordam, de forma seletiva, objetos de conhecimento e habilidades previstos para o período. Cada sequência apresenta o planejamento aula a aula, orientando a organização dos alunos, do espaço e do tempo para cada proposta de atividade. Contém, também, sugestões de atividades complementares; apresentação de diferentes maneiras de acompanhar o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos e questões que visam contribuir para avaliar o desenvolvimento das habilidades listadas nas sequências didáticas.
- Proposta de acompanhamento da aprendizagem com uma avaliação, para cada bimestre, composta de 10 questões abertas e de múltipla escolha. O gabarito, bastante detalhado, apresenta os objetos de conhecimento e habilidades avaliados; uma grade de correção nas questões abertas ou justificativas para as alternativas das questões de múltipla escolha e orientações sobre como interpretar as respostas e redefinir o planejamento com base nos resultados. Para auxiliar o monitoramento das aprendizagens dos alunos, são fornecidas fichas de acompanhamento das aprendizagens, que podem ser usadas como subsídio em reuniões de conselhos de classe e no atendimento aos pais ou responsáveis, fornecendo um retrato do desenvolvimento de habilidades de cada estudante.
- Material audiovisual, ou objetos digitais (vídeo ou videoaula), direcionado aos alunos com o objetivo de favorecer sua compreensão sobre relações, processos, conceitos e princípios, bem como permitir a visualização de situações e experiências da realidade, podendo ainda servir como ferramenta para o aprofundamento de conceitos, para a síntese de conteúdos e para o estabelecimento de relações com o contexto cultural do estudante. Esse material é também uma ferramenta de auxílio ao professor, de forma alinhada e complementar ao conteúdo do livro impresso.

Bibliografia

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS

ABREU, Marta; MATTOS, Hebe Maria. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, 2008.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. A renovação dos conteúdos e métodos da História ensinada. *Percursos*, Florianópolis, v. 11, n. 2, 2010.

BLOCH, Marc. Comparação [1930]. In: BLOCH, Étienne (Org.). *Marc Bloch: história e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

_____. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1990.

COSTA, André Júlio Costa; MOTA, Veranilde. Psicanálise e educação e a formação do pedagogo. *LEPSI*, São Paulo: IP/FE – USP, 8, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, n. 2, 1990.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1977. 2 v.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GOMES, Angela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 34, 2004.

GUIMARÃES, Francisco A. M. A temática indígena na escola: onde está o espelho? *Forum Identidades*, Aracaju, ano 2, v. 3, 2008.

LANGLOIS Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introdução aos Estudos Históricos* [1898]. São Paulo: Nova Jurisprudência, 1946.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Lisboa: Casa da Moeda, 1984. [Enciclopedia Einaudi].

_____; SCHMIDT, Jean-Claude. (Org.). *História dos jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 v.

LIMA, Pablo (Org.). *Fontes e reflexões para o ensino da história indígena e afro-brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

LUCA, Tania Regina de; MIRANDA, Sônia Regina. O livro didático de História hoje: um panorama a partir do PNL. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 48, 2004.

MACEDO, Rivair. Repensando a Idade Média no ensino da História. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceito, práticas e propostas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MATTOS, Hebe Maria. O Ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Faperj, 2003.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. Mas não somente assim! Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História. *Tempo*, Niterói, v. 1, n. 21, 2007.

MINOIS, Georges (Org.). *História da velhice no Ocidente*. Lisboa: Teorema, 1991.

MONTEIRO, Ana Maria. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino da História. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 25, n. 67, set./dez. 2005.

PANOFSKY, Erwin. *Estudos de iconologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

PRIORE, Mary del (Org.). *História da infância no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

REVEL, Jacques (Org.). Microanálise e construção do social. In: *Jogos de escalas*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 15-38.

ROCHA, Helenice. A narrativa histórica nos livros didáticos entre a unidade e a dispersão. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 6, n. 3, 2013.

_____. A escrita como condição para o ensino e a aprendizagem de história. *Revista Brasileira de História*, v. 30, n. 60, 2010.

SILVA, Edson. Povos indígenas e ensino de História: subsídios para a abordagem da temática indígena em sala de aula. *Revista História & Ensino*, Londrina, v. 8, 2002.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALFÖLDY, Géza. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1998.

ARIËS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada*. Do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASHERI, David. *O Estado persa*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Economia e sociedade na Grécia antiga*. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo*. São Paulo: Thompson Pioneira, 1987.

CARDOSO, Ciro. *A cidade-Estado antiga*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Antiguidade oriental: política e religião*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *O Egito antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Sete alhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Edit. da UnB, 1994.

_____. (Org.). *O trabalho compulsório na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e política na Roma antiga*. São Paulo: Contexto, 2003.

DETIENNE, Marcel. *Os gregos e nós: uma antropologia comparada da Grécia Antiga*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FINLEY, Moses. *A política no mundo antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *Os gregos antigos*. Lisboa: Edições 70, 1999.

FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O mundo antigo: economia e sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FUNARI, Pedro P. *A cultura popular na Antiguidade clássica*. São Paulo: Contexto, 1999.

GIBBON, Edward. *Declínio e queda do Império Romano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUARINELLO, Norberto L. *História antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.

LEROI-GOURHAN, André. *Caçadores da Pré-história*. Lisboa: Edições 70, 1995.

LIMA, Alexandre C. (Org.). *Pintura e Imagem: representações do Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

MAESTRI, Mário. *O escravismo antigo*. São Paulo: Atual, 1994.

MOSSÉ, Claude. *Atenas: a história de uma democracia*. Brasília: Edit. da UnB, 1999.

STARR, Chester. *O nascimento da democracia ateniense*. São Paulo: Odysseus, 2005.

VENTURA, Gilvan da Silva (Org.). *Grécia, Oriente e Roma*. Vitória: Flor e Cultura, 2009.

VENTURA, Gilvan da Silva; MENDES, Norma Musco (Org.). *Repensando o Império romano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. *O homem grego*. Lisboa: Presença, 1997.

_____. *O universo, os deuses e os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. Campinas: Papyrus, 1999.

ZAIMAN, Louise Bruit. *Os gregos e seus deuses: práticas e representações religiosas da cidade na Época clássica*. São Paulo: Loyola, 2010.

Ronaldo Vainfas

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense

Jorge Ferreira

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo
Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense

Sheila de Castro Faria

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense
Professora do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense

Daniela Buono Calainho

Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense
Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

HISTÓ RIA.doc 9

São Paulo, 2018
2ª edição



Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Mirian Senra

Gestão de área: Wagner Nicaretta

Coordenação: Eduardo Guimarães

Edição: Aline dos Reis Neves e Carolina Leite de Souza (editoras),
Lígia Torres Figueiredo (assist. editorial)

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção: Paula Godo,
Roseli Said e Márcia Pessoa

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais,
Célia Carvalho, Flávia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Maura Lória,
Paula T. de Jesus, Sandra Fernandez, Sueli Bossi, Amanda T. Silva e
Bárbara de M. Genereze (estagiárias)

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.),
Eber Alexandre de Souza (edição de arte)

Diagramação: Typegraphic

Iconografia: Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.) e
Paula Dias (pesquisa iconográfica)

Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.)
e Luciana Sposito (licenciamento de textos); Erika Ramires, Luciana Pedrosa
Bierbauer, Luciana Cardoso e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Tratamento de imagem: Cesar Wolf, Fernanda Crevin

Cartografia: Eric Fuzii (coord.), Mouses Sagiorato Prado (edit. arte)
e Ericson G. Luciano

Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Thais Ornetto (proj. gráfico) e
Talita Guedes da Silva (capa)

Foto de capa: Oily Curtis/Future Publishing/Getty Images,
Berci/Shutterstock

Todos os direitos reservados por Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor A –

Espaço 2 – Pinheiros – SP – CEP 05425-902

SAC 0800 011 7875

www.editorasaraiva.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

História.doc, 9º ano : ensino fundamental, anos finais /
Ronaldo Vainfas ... [et al.]. -- 2. ed. -- São Paulo :
Saraiva, 2018.

Outros autores: Jorge Ferreira, Sheila de Castro Faria,
Daniela Buono Calainho
Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN: 978-85-472-3619-9 (aluno)
ISBN: 978-85-472-3620-5 (professor)

1. História (Ensino fundamental). I. Vainfas,
Ronaldo. II. Ferreira, Jorge. III. Faria, Sheila de Castro.
IV. Calainho, Daniela Buono.

2018-0113

CDD: 372.89

Julia do Nascimento - Bibliotecária - CRB-8/010142

2018

Código da obra CL 820655

CAE 631644 (AL) / 631736 (PR)

2ª edição

1ª impressão



Impressão e acabamento

APRESENTAÇÃO



Reprodução/Biblioteca Roosevelt, Nova York, EUA.

Caro estudante

Você está convidado a fazer uma viagem no tempo. Uma não, várias viagens! Nesta coleção, você vai conhecer povos e costumes diferentes, modos distintos de governar as sociedades, uma variedade de crenças e religiões. Também percorrerá várias partes do mundo: África, Ásia, América, Europa.

Prepare-se para ampliar seus horizontes, relacionando a rua ou o bairro onde você mora com a História do Brasil e do mundo.

Tais viagens são possíveis por meio do estudo da História. Não apenas com base na leitura do livro, mas pelas atividades que a coleção sugere, pelas imagens de outras épocas que ela oferece.

Procuramos fazer uma coleção que o envolvesse nas tramas da História, evitando contá-la somente a partir das grandes datas e dos nomes famosos. Muitos assuntos são contados do ponto de vista individual, seja de um personagem ilustre, como um rei, seja de uma pessoa comum, como um camponês, um escravo. Outras vezes, colocamos a História em cena a partir de algum episódio, uma trama específica, ou mesmo de algum perso-

nagem que só existiu na imaginação de indivíduos que viveram em outras épocas.

Ao longo desta coleção, vocês encontrarão também muitos episódios violentos, guerras e até mesmo atitudes preconceituosas. Revoluções e bombas. Pessoas escravizando outros homens e mulheres. Governos empenhados em exterminar populações inteiras. Conflitos e tragédias provocados pelos interesses materiais e ambições políticas da Humanidade, em vários tempos.

As lutas pela sobrevivência, pela riqueza ou pelo poder marcam a História desde que o ser humano surgiu no planeta até os dias atuais.

Nesse sentido, esta coleção procura estimular a consciência de que todos devem buscar viver com dignidade e respeito aos direitos humanos, sociais, políticos, em defesa dos direitos civis de cada cidadão.

Estudar História é um passo decisivo para despertar a consciência cidadã de cada um, estimular a valorização da liberdade individual, o combate às desigualdades sociais e a luta contra todo tipo de preconceito.

Os autores

3

CONHEÇA ESTE LIVRO

Esta obra está organizada em unidades e capítulos. Neles, os temas são desenvolvidos ao longo do texto e em diferentes seções e boxes, cada um com uma finalidade. Vamos conhecer essa estrutura?

Gardiêr Bertram/Hemis/Agência France-Pressse



ABERTURA DE UNIDADE

Apresenta, em uma dupla de páginas, uma imagem representativa do contexto que será estudado, além de um quadro (“Vamos estudar”) e um texto que resume e explicitam os principais conteúdos.

ABERTURA DE CAPÍTULO

Traz um texto de introdução e uma imagem relacionados ao tema desenvolvido ao longo do capítulo.

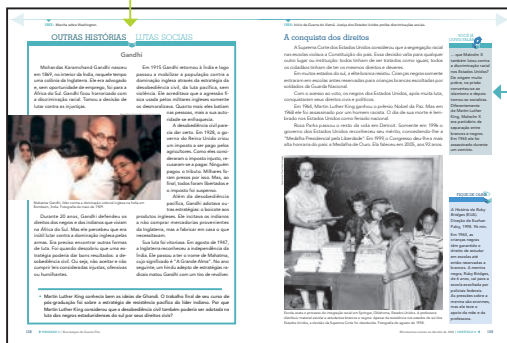


TEXTO PRINCIPAL

Além dos processos e acontecimentos históricos, aborda em cada capítulo um personagem principal (pessoas comuns ou célebres, por vezes um personagem mitológico) ou um evento, articulando a História com episódios particulares.

Puxando pela memória

Boxe no início e no final de cada capítulo com o objetivo de relacionar conhecimentos prévios ao tema em questão.



OUTRAS HISTÓRIAS

Seção que complementa o tema central do capítulo com informações paralelas ao conteúdo ou mais aprofundadas. Há nove subtipos: Artes, Crenças, Personagens, Lugares, Lutas sociais, Modos de viver, Economia, Episódios e Tecnologias.

Você já ouviu falar...

Explica conceitos e termos-chave importantes para a compreensão dos assuntos estudados.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Seção que aborda a interdisciplinaridade – a articulação da História com outras disciplinas.

Fique de olho

Sugestões de livros, filmes e sites, acompanhadas de breves sinopses.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Música

Os músicos brasileiros compõem e cantam principalmente em português e em português. Na época da guerra, os músicos brasileiros, graças ao contato com os músicos americanos, começaram a cantar em inglês. Isso aconteceu com o cantor João Gilberto, que lançou o primeiro álbum em inglês em 1964, "João Gilberto". Além disso, muitos músicos brasileiros começaram a cantar em inglês, como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque, entre outros. Isso aconteceu porque os músicos brasileiros queriam alcançar um público maior e se conectar com os músicos americanos.

Cine em um fim de mandato

Os cineastas brasileiros começaram a trabalhar com o cinema em inglês. Isso aconteceu porque os cineastas brasileiros queriam alcançar um público maior e se conectar com os cineastas americanos. Isso aconteceu porque os cineastas brasileiros queriam alcançar um público maior e se conectar com os cineastas americanos.

Arte

Os artistas brasileiros começaram a trabalhar com a arte em inglês. Isso aconteceu porque os artistas brasileiros queriam alcançar um público maior e se conectar com os artistas americanos. Isso aconteceu porque os artistas brasileiros queriam alcançar um público maior e se conectar com os artistas americanos.

GLOSSÁRIO

Explicação de palavras ou expressões que aparecem destacadas no texto, facilitando o estudo e a compreensão do tema em questão.

DOCUMENTO

Apresenta fontes documentais escritas ou visuais, complementando e enriquecendo os assuntos desenvolvidos no capítulo.

DOCUMENTO

Um relato sobre os Estados Unidos sob o Grande Depressão

Um relato sobre os Estados Unidos sob o Grande Depressão. Um relato sobre os Estados Unidos sob o Grande Depressão. Um relato sobre os Estados Unidos sob o Grande Depressão.

O New Deal

O New Deal foi um conjunto de políticas econômicas e sociais implementadas pelo presidente Franklin D. Roosevelt em resposta à Grande Depressão. O New Deal foi um conjunto de políticas econômicas e sociais implementadas pelo presidente Franklin D. Roosevelt em resposta à Grande Depressão.

A reativação da economia

A reativação da economia foi um dos principais objetivos do New Deal. A reativação da economia foi um dos principais objetivos do New Deal. A reativação da economia foi um dos principais objetivos do New Deal.

CRONOLOGIA

Disposta no alto das páginas, apresenta fatos marcantes do período em estudo em cada capítulo, organizados em ordem cronológica.

Cá entre nós

Traz assuntos complementares ao texto principal. Por vezes trabalha os conhecimentos prévios.

AO MESMO TEMPO

Seção que traça paralelos entre a sociedade ou processo examinado no capítulo e outras sociedades ou processos da mesma época.

AO MESMO TEMPO

Revolução dos Carnês

Revolução dos Carnês. Revolução dos Carnês. Revolução dos Carnês. Revolução dos Carnês.

A difícil independência

A difícil independência. A difícil independência. A difícil independência. A difícil independência.

ROTEIRO DE ESTUDOS

ROTEIRO DE ESTUDOS. ROTEIRO DE ESTUDOS. ROTEIRO DE ESTUDOS. ROTEIRO DE ESTUDOS.

A Colúmbia Prestes

A Colúmbia Prestes. A Colúmbia Prestes. A Colúmbia Prestes. A Colúmbia Prestes.

Movimento modernista

Movimento modernista. Movimento modernista. Movimento modernista. Movimento modernista.

O seu lugar na História

Boxe que estimula a pesquisa de campo, articulada à História e às experiências locais.

ROTEIRO DE ESTUDOS

Seção que finaliza o estudo de cada capítulo com propostas de atividades diversas, que trabalham as diferentes habilidades e competências relacionadas ao ensino-aprendizagem de História. É dividida em quatro subseções: **O que aprendemos?**, **Pesquisa**, **Imagens contam a história** e **O passado presente**.

FAÇA NO CADERNO

Não escreva neste livro. Faça todas as atividades em seu caderno.



Indica que há material audiovisual relacionado ao tema ou ao conteúdo abordado.

O que há na imagem/no mapa?

Aprofunda a leitura de uma imagem ou de um mapa, relacionando-a/o ao conteúdo do capítulo ou à realidade vivida.



desafio



pesquisa



interdisciplinar



dupla



grupo



individual

SUMÁRIO

UNIDADE

1 GUERRA E REVOLUÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Capítulo 1

A Primeira Guerra Mundial 12

- ▶ Um escritor na guerra, 13
- ▶ Nos tempos de Bismarck, 13
 - revanchismo francês, 14
 - A Tríplice Aliança, 14
 - Muitas rivalidades, 15
 - Avançando para a guerra, 16
- ▶ Começa a Grande Guerra, 16
 - A guerra foi longa, 17
 - A frente ocidental, 18
 - A virada da guerra, 19
 - A capitulação da Alemanha, 20
- ▶ Os tratados do fim da guerra, 20
 - O Tratado de Versalhes, 21
 - A Europa após a guerra, 22
 - A vida após a guerra, 23

Roteiro de estudos, 24

Capítulo 2

A Revolução Russa 26

- ▶ O homem de aço, 27
- ▶ A Rússia nos tempos do czar, 27
 - Partido Operário Social-Democrata Russo, 28
- ▶ A revolução de 1905, 29
 - A convocação da Duma, 29
 - A Rússia na Primeira Guerra Mundial, 30
 - A Revolução de Fevereiro de 1917, 30
- ▶ A Revolução de Outubro de 1917, 32
- ▶ O governo bolchevique, 33
 - A oposição ao novo regime, 33
 - O comunismo de guerra, 34
 - A Nova Política Econômica – NEP, 34

- ▶ A construção do socialismo soviético, 36
 - A industrialização soviética, 37
 - O Grande Terror Stalinista, 37
 - O socialismo soviético, 39

Roteiro de estudos, 40

Capítulo 3

A Primeira República brasileira 42

- ▶ Maria decidida, 43
- ▶ Construindo a República, 43
 - Governo Deodoro: muitos conflitos, 44
 - Floriano Peixoto: a República pela espada, 44
 - Revoltas no mar e na terra, 45
- ▶ A República das oligarquias, 45
 - Coronelismo e oligarquia, 45
 - Política dos governadores, café e leite, 46
- ▶ O café e outros produtos de exportação, 47
 - A borracha na Amazônia, 48
 - O *fundão loan*, 48
 - O convênio de Taubaté, 48

- ▶ Rio de Janeiro: a vitrine do Brasil, 49
 - A reforma de Pereira Passos, 49
 - A Revolta da Vacina, 50
 - A Revolta da Chibata, 51
- ▶ Revoltas no campo, 52
 - Canudos: massacre no sertão, 52
 - Contestado: guerra santa contra a República, 53
- ▶ As lutas dos trabalhadores, 54
 - Em defesa dos trabalhadores, 55
- ▶ Tenentes em armas, 56
- ▶ Movimento modernista, 57
- ▶ A Revolução de 1930, 58
 - O fim da Primeira República, 59

Roteiro de estudos, 60

UNIDADE

2 CRISES E GUERRAS

Capítulo 4

A crise de 1929 e o *New Deal* 64

- ▶ O adorável vagabundo, 65
- ▶ Fim da guerra: a ascensão dos Estados Unidos e o retorno do liberalismo, 66
 - A repressão aos trabalhadores, 67
- ▶ Os anos 1920: prosperidade, 69
 - Aumentando a produção: o taylorismo, 69
 - Euforia e problemas, 70
 - A febre especulativa, 71
- ▶ A quebra da Bolsa de Nova York, 72
 - A Grande Depressão, 72
- ▶ O *New Deal*, 75
 - A reativação da economia, 75
 - O segundo *New Deal*, 77
 - A recuperação, 78
- ▶ A crítica social de Chaplin, 79

Roteiro de estudos, 80

Capítulo 5

Ascensão do fascismo e do nazismo 82

- ▶ Mussolini e Hitler, 83
 - Fascismo e nazismo, irmãos de sangue, 83
 - O encontro dos ditadores, 84
 - Os ditadores antes da ditadura, 84
- ▶ A ascensão do fascismo, 85
 - Conflitos italianos, 85
 - A criação do Partido Nacional Fascista Italiano, 86
 - Mussolini chega ao poder, 87
 - Mussolini destrói as oposições, 87
 - Apogeu do fascismo, 88
- ▶ Alemanha nazista, 89
 - Um país derrotado, 90
 - Ascensão do nazismo, 90

- Os nazistas disputam as eleições, 91
- Hitler no poder, 91
- O golpe de Estado nazista, 92
- A perseguição aos judeus, 92
- ▶ Voltando ao encontro dos ditadores, 94
 - Aproximando os regimes, 94

Roteiro de estudos, 96

Capítulo 6

A Segunda Guerra Mundial 98

- ▶ Dois personagens (in)comuns, 99
 - Primo e Solomon, 99
- ▶ Os nazistas começam a guerra, 100
 - Ensaio da guerra, 100
 - A guerra começa na Polônia, 101
- ▶ O avanço nazista, 102
 - A queda da França, 102
 - A Itália entra em cena, 103
 - A batalha da Inglaterra, 104
- ▶ Invasão da URSS, 105
 - Solomon Perel, um judeu a serviço da Alemanha nazista, 105
 - A guerra no Extremo Oriente, 106
 - Aliados viram o jogo, 106
 - Stalingrado, 108
 - Itália invadida, Mussolini cai, 109
 - O Dia D na Normandia, 110
 - A guerra no Pacífico, 110
- ▶ Holocausto, 111
- ▶ A vitória dos Aliados, 112
 - A invasão de Berlim, 112
 - Bomba no Japão, 112
- ▶ Sobreviventes?, 113

Roteiro de estudos, 114

Capítulo 7

Governo Vargas e Reformas Sociais no Brasil 116

- ▶ Abdias vai à luta, 117
- ▶ O Governo Provisório (1930-1934), 117

- Crise econômica, 117
- Época de reformas sociais, 118
- Avanços e retrocessos, 119

- ▶ A crise do liberalismo econômico, 120
 - Tensões e conflitos, 120
- ▶ O Governo Constitucional (1934-1937), 121
 - Disputa pelo poder, 122
 - Inimigos da democracia: a Ação Integralista Brasileira, 122
 - A união pela democracia: a Aliança Nacional Libertadora, 123
 - Os comunistas e a revolta de 1935, 123
- ▶ A ditadura do Estado Novo (1937-1945), 125
 - A industrialização do Brasil, 126
 - Brasil: mostra a tua cara, 127
- ▶ Nos tempos de Vargas: autoritarismo, modernização e direitos sociais, 128
 - Trabalhismo, 130
- ▶ Rumo à democracia, 130
 - O fim do Estado Novo, 131
 - Entre a política e o teatro, 131

Roteiro de estudos, 132

UNIDADE 3 NOS TEMPOS DA GUERRA FRIA

Capítulo 8

A Guerra Fria 136

- ▶ O jovem Gagarin em um mundo atômico, 137
- ▶ Acordos rompidos, 138
 - Declarações de guerra, 139
- ▶ A reconstrução do capitalismo, 140
 - O Plano Marshall, 141
- ▶ A consolidação do bloco socialista, 142
- ▶ A guerra é fria, 142
 - A divisão da Alemanha, 143
 - Um muro separa o mundo, 144

- ▶ O terror atômico, 144
- ▶ Rumo ao espaço, 146
- ▶ A Revolução Chinesa, 147
 - A China procura seus caminhos, 147
- ▶ Coreia: da Guerra Fria para a "guerra quente", 148
- ▶ O capitalismo cresce por trinta anos, 149
- ▶ O reformismo comunista, 149
- ▶ Estados Unidos e União Soviética na corrida espacial, 151

Roteiro de estudos, 152

Capítulo 9

Movimentos sociais na década de 1960 154

- ▶ Uma Rosa negra, 155
- ▶ O movimento por direitos civis, 155
 - A discriminação racial, 156
 - O pastor vai à luta, 156
 - A conquista dos direitos, 159
 - A luta das mulheres, 160
- ▶ Contracultura, paz e amor, 160
 - É rock'n'roll, 161
 - Lutar no Vietnã, 162
 - Maio de 1968, 163

Roteiro de estudos, 164

Photo Josse/Leemage/Corbis/Getty Images



Capítulo 10

Movimentos de emancipação na África 166

- ▶ Na luta por justiça, 167
Pegando em armas, 169
- ▶ As independências na África, 169
 - O pan-africanismo, 169
 - África: diversidade cultural e divisões políticas, 170
 - As independências e os novos países, 173
 - As lutas africanas contra o colonialismo português, 175
 - A difícil independência, 176
 - A volta de Nelson Mandela, 177
- ▶ O Terceiro Mundo, 179

Roteiro de estudos, 180

Capítulo 11

Conflitos no Oriente Médio 182

- ▶ Dois povos e um grande conflito, 183
 - As independências árabes e a fundação de Israel, 184
 - Uma terra para dois povos, 184
 - A reação dos palestinos, 185
- ▶ A união dos árabes, 186
- ▶ A Guerra dos Seis Dias, 188
- ▶ A Guerra do Yom Kippur, 189
 - O petróleo como arma, 190
- ▶ Entre a guerra e a paz, 191
 - Acordos de Oslo, 191
- ▶ A Revolução Iraniana, 193
- ▶ Duas guerras, 194

Roteiro de estudos, 196



8

4 AMÉRICA LATINA E BRASIL: DEMOCRACIA, DITADURA E REVOLUÇÃO

Capítulo 12

Argentina e Cuba: ditadura e revolução na América Latina 200

- ▶ Um menino chamado Ernesto, 201
 - A dura realidade, 201
- ▶ Projetos de desenvolvimento, 202
 - Críticas ao modelo agroexportador, 202
- ▶ Argentina: do peronismo ao terrorismo militar, 203
 - O surgimento do peronismo, 203
 - O governo de Perón, 204
 - Reeleição e golpe, 205
 - Peronistas e antiperonistas, 206
 - A volta de Perón, 206
- ▶ O terrorismo de Estado, 207
 - A crise da ditadura, 208
 - A guerra das Malvinas, 209
 - O fim da ditadura, 210
- ▶ A Revolução Cubana, 210
 - A luta contra a ditadura, 211
 - No caminho da revolução, 211
- ▶ Tempos revolucionários, 212
 - Relações tensas, 212
 - Dificuldades econômicas, 213
 - Da baía dos Porcos ao socialismo, 213
 - A crise dos mísseis: o mundo em perigo, 214
 - Cuba fora das negociações, 214
- ▶ Dos Estados Unidos para a União Soviética, 215
- ▶ Exportando a revolução, 215
- ▶ Cuba e a incerteza do futuro, 215
 - Crise com o fim da Guerra Fria, 216
 - Mudança de planos, 216

Roteiro de estudos, 218

Courtesy Everett Collection/Fotoarena

Capítulo 13

Democracia e Desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964) 220

- ▶ Riani na luta por direitos, 221
- ▶ O governo de Dutra, 221
- ▶ Eleições de 1950, 222
- ▶ O governo Vargas, 222
 - Oposição a Vargas, 223
 - A crise de agosto de 1954, 224
- ▶ A crise da sucessão, 226
 - A legalidade democrática, 226
- ▶ O governo Juscelino Kubitschek, 226
 - Construção de Brasília, 227
 - Crise em fim de mandato, 228
- ▶ A sucessão presidencial, 229
- ▶ O governo Jânio Quadros, 230
- ▶ A crise da renúncia, 231
 - Campanha da Legalidade, 231
- ▶ O governo João Goulart, 232
 - Retorno do presidencialismo, 232
 - A radicalização política, 233
- ▶ Crise nas Forças Armadas, 236
 - A caminho do Rio de Janeiro, 236
 - O golpe militar, 237

Roteiro de estudos, 238

Capítulo 14

Brasil: a República dos generais 240

- ▶ Angel mãe, 241
- ▶ Ditadura em primeiro movimento: ser ou não ser uma ditadura?, 241
 - O Ato Institucional, 242
 - Começam as violências, 242
 - Modificações no processo eleitoral, 243
 - A hora do arrocho, 243
 - Oposição no governo Costa e Silva, 243
 - O aumento da repressão, 245

- ▶ Ditadura em segundo movimento: segurança e desenvolvimento, 246
 - O “milagre econômico”, 246
 - A esquerda armada, 247
 - Anos de chumbo, 248
- ▶ Ditadura em terceiro movimento: a abertura, 249
 - Crise econômica, 249
 - Diminuição do apoio político, 251
 - Oposição e repressão, 251
 - Esperança e frustração, 252
- ▶ Pela porta dos fundos: o fim da ditadura, 255

Roteiro de estudos, 256

5 PASSAGEM DE SÉCULO: CRISES E MUDANÇAS GLOBAIS

Capítulo 15

O Brasil recente entre conquistas e desilusões 260

- ▶ Chico Mendes, 261
 - Perseguições e ameaças, 261
- ▶ A Nova República, 262
 - O Plano Cruzado, 262
 - Os povos da floresta, 264
- ▶ A transição democrática, 265
 - Hiperinflação, 265
 - Fim de um líder, 266
 - Votando para presidente da República, 267
- ▶ O governo Collor, 267
 - Recessão e crise, 268
- ▶ O governo Itamar Franco no caminho da estabilidade, 269
 - A criação do Real, 269

- ▶ O governo Fernando Henrique Cardoso, 270
 - Privatizações, 270
 - Importações e gastos públicos, 270
 - Avanços políticos e sociais, 271
 - Reeleição, 271
- ▶ Novo mandato, 272
 - Em busca de mudanças, 272
- ▶ O governo Luiz Inácio Lula da Silva, 273
 - Programas sociais, 273
 - Educação e política externa, 273
 - Mensalão e reeleição, 274
- ▶ Segundo mandato de Lula, 274
 - De Lula a Dilma, 274
- ▶ Governo Dilma Rousseff, 275
 - A nova classe média, 276
 - A reeleição de Dilma e a crise política de 2016, 276
 - Temer presidente, 277

- ▶ O legado de Chico Mendes, 277

Roteiro de estudos, 278

Capítulo 16

A Nova Ordem Mundial, neoliberalismo e globalização 280

- ▶ O cinema e a História, 281
- ▶ A crise econômica dos anos 1970, 281
 - O preço do petróleo, 282
- ▶ A Revolução Técnico-Científica, 283
- ▶ Do taylorismo ao toyotismo, 284
- ▶ Nos tempos do neoliberalismo, 285
 - Margareth Thatcher, 286
 - Ronald Reagan, 286

National Archives/Agência France-Press

- ▶ A desagregação do bloco soviético, 288
 - União Soviética: das reformas à desagregação, 288
 - A nova liderança soviética: Mikhail Gorbachev, 288
 - Perestroika e glasnost, 288
 - Europa oriental rumo à democracia liberal, 289
 - O fim da União Soviética, 289
- ▶ China: comunista com capitalismo, 290
 - Abertura de mercado e globalização, 290
- ▶ A Nova Ordem Mundial, 291
 - Globalização e neoliberalismo, 291

Roteiro de estudos, 294

Capítulo 17

Guerras sem fronteiras e crise da economia mundial 296

- ▶ Uma revolta explosiva, 297
 - Indignação, 297
- ▶ Vivendo sob a Nova Ordem Mundial, 298
 - Ataque aos Estados Unidos, 298
 - O desafio ao poder, 298
 - De volta ao Oriente Médio, 299
 - O talibã e a perseguição às mulheres, 300
 - Guerra ao Terror, 301
- ▶ A crise econômica de 2007, 302
 - Os efeitos da crise, 303
 - O avanço da crise: União Europeia, 303
- ▶ A Revolta Árabe, 305
 - A Revolução da Praça Tahrir, 305
 - As revoltas em outros países, 306
- ▶ O mundo no tempo presente, 306
 - A crise migratória, 306
 - Estados Unidos em tempos de Trump, 308

Roteiro de estudos, 310

Bibliografia, 312

Unidade 1
Guerra e revolução no início do século XX

Unidade composta dos capítulos 1, 2 e 3, dedicados respectivamente ao estudo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da Revolução Russa de 1917 e da Primeira República no Brasil (1889-1930). Os principais objetos de análise referem-se, por um lado, à compreensão das causas centrais e consequências mais significativas da Primeira Guerra e da abrupta queda do czarismo na Rússia, com destaque para a formação e consolidação, entre os anos 1920 e 1940, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Por outro lado, no exame do primeiro período republicano brasileiro, serão realçados tanto a forma oligárquica de poder que se impõe no país na virada do século XIX para o XX, quanto os contextos de exclusão social e lutas populares, no campo e na cidade, existentes em diversas regiões do Brasil nessa época.

A imagem de abertura da Unidade 1 é a pintura *A família*, elaborada em 1925 por Tarsila do Amaral (1886-1973), que desde 2003 pertence ao acervo do *Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia*, em Madri, Espanha. Nesse quadro, assim como fez em obras dessa época como o *Morro da Favela* (1924), a pintora modernista coloca em primeiro plano o povo brasileiro, seus valores, crenças, expressões étnicas e modos de vida. Esta é, também, uma das características fundamentais do movimento modernista do qual Tarsila era uma das principais expoentes: produzir uma arte nacional, inspirada na cultura popular, e contribuir para o entendimento dos múltiplos significados de “ser brasileiro”.



Competências Gerais da Educação Básica	Competências Específicas de Ciências Humanas	Competências Específicas de História
CG2, CG9	CCH3, CCH4, CCH5, CCH7	CEH1, CEH2, CEH4, CEH5



Créditos das imagens de baixo para cima: Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Fine Art Images/EasyPix; Schultz Reinhard/Alamy/Fotoarena

Rômulo Faldini/Acervo do fotógrafo © Tarsila do Amaral Empreendimentos

VAMOS ESTUDAR

- » RIVALIDADES E REVANCHISMOS NA EUROPA DA BELLE ÉPOQUE
- » A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL
- » O TRATADO DE VERSALHES
- » A RÚSSIA CZARISTA
- » AS REVOLUÇÕES RUSSAS: 1905 E 1917
- » A GUERRA CIVIL, O COMUNISMO DE GUERRA E A NEP
- » A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO NA URSS E O TERROR STALINISTA
- » BRASIL: A CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA E A POLÍTICA OLIGÁRQUICA
- » ECONOMIA CAFEIEIRA, REFORMAS URBANAS E MOVIMENTO MODERNISTA
- » REBELIÕES POPULARES E A LUTA DOS TRABALHADORES POR SEUS DIREITOS
- » A CRISE DOS ANOS 1920 E A REVOLUÇÃO DE 1930

Nas primeiras décadas do século XX, artistas plásticos de diferentes nacionalidades expressaram sua maneira de interpretar o mundo em que viviam. A pintora modernista brasileira Tarsila do Amaral preocupou-se com a população de seu país, apresentando uma família brasileira. *A família*, óleo sobre tela de Tarsila do Amaral, 1925. Coleção particular.



UNIDADE

GUERRA E REVOLUÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Muitos historiadores consideram que o século XX começou em 1914, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial. O conflito, que durou quatro anos, é considerado a primeira “guerra total” da História, mobilizando populações de várias partes do mundo.

Em 1917, na Rússia, operários, camponeses e soldados, insatisfeitos com a opressão política e a pobreza, revoltaram-se. O resultado foi uma revolução que transformou a Rússia no primeiro país socialista do mundo.

Enquanto isso, o Brasil conhecia seus primeiros anos como uma república. Pela primeira vez a Constituição brasileira dizia: “Todos são iguais perante a lei”. Era preciso aprender, e sobretudo aceitar, que a lei é igual para todos os brasileiros.

Objetivos da Unidade

- Apresentar as causas centrais, as fases de desenvolvimento e as principais consequências geopolíticas, sociais e econômicas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).
- Analisar a crise final do czarismo e a revolução bolchevique na Rússia, relacionando tais processos com a desastrosa participação desse país na Primeira Guerra Mundial.
- Compreender os processos de criação, nos anos 1920, e consolidação gradual, na década seguinte, da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).
- Analisar as configurações político-institucional e econômica do Brasil nos anos da Primeira República, realçando a importância da cafeicultura e o crescimento das atividades urbanas e industriais nesse período.
- Examinar as revoltas e movimentações populares e a situação das populações indígena e negra do Brasil durante a Primeira República.
- Compreender as causas centrais da crise político-institucional dos anos 1920, relacionando-as com a Revolução de outubro de 1930.

Material digital

Para auxiliar em seu planejamento escolar e na organização de suas aulas, verifique o plano de desenvolvimento do 1º bimestre localizado no material digital do Manual do Professor.

Habilidades da BNCC trabalhadas na Unidade

EF09HI01	EF09HI02	EF09HI03	EF09HI04	EF09HI05	EF09HI07	EF09HI08	EF09HI10	EF09HI11
----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------

Capítulo 1 A Primeira Guerra Mundial

O capítulo tem como tema central a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com destaque especial para a análise circunstanciada tanto dos principais fatores que levaram à deflagração desse conflito mundial quanto das suas diversas consequências geopolíticas, sociais e econômicas. O personagem microanalítico é Erich Maria Remarque, pseudônimo do alemão Erich Paul Kramer (1898-1970), que viveu os horrores das trincheiras e campos de batalha da Primeira Guerra Mundial e publicou em 1929 o livro *Nada de novo no front*, narrando o que ele e tantos outros jovens soldados enfrentaram nos anos daquele grande conflito bélico.

Objetivos gerais do capítulo

- Apresentar as causas centrais da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), relacionando-as às dinâmicas do capitalismo industrial no início do século XX.
- Expor as diversas fases de desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial, realçando os horrores produzidos por um conflito bélico marcado pelo uso sem precedentes de tecnologias bélicas.
- Analisar as principais consequências geopolíticas, sociais e econômicas da Primeira Guerra Mundial.

Habilidade da BNCC trabalhada no capítulo

EF09HI10

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Os dois cartazes ressaltam aspectos importantes da Primeira Guerra Mundial: o nacionalismo e a mobilização social para a guerra. Que elementos dos cartazes nos permitem tecer essa afirmação?

12



Cartaz francês de autoria de Guy Arnoux, 1916. Coleção particular.



Cartaz alemão de autoria de Max Antlers, 1917. Coleção particular.

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Durante a Primeira Guerra Mundial, os governos dos países em conflito produziram cartazes a fim de mobilizar as sociedades a apoiar a guerra.

O cartaz à esquerda é francês, de 1916, e nele está escrito: "O bom francês trabalha por nossos soldados". O cartaz à direita, de 1917, é alemão e pede que o povo doe dinheiro para a compra de livros para os soldados. O slogan diz: "Nós precisamos de livros, doe dinheiro!".

Nas grandes cidades europeias houve apoio popular à guerra. Amplos setores das sociedades acreditavam na superioridade de seus exércitos e que o conflito não duraria muito tempo. Até mesmo partidos de esquerda apoiaram seus países a entrar na guerra.

A crença era a de que a guerra era necessária, mas seria bastante rápida.

Não foi.

Durou quatro longos anos.

Créditos das imagens de baixo para cima: Rômulo Faldini/Acervo do fotógrafo/© Tarsila do Amaral Empreendimentos; Photo Josse/Leemage/Corbis/Getty Images; Costal/Leemage/Agência France-Presse; Schultz Reinhardt/Alamy/Fotoarena; Bianchetti/Leemage/Agência France-Presse; Rex Features/Glow Images

Puxando pela memória

Analise com os alunos os aspectos centrais do texto e dos dois cartazes reproduzidos nesta página – o francês de 1916 (que resalta a imagem do bom francês como aquele que apoia o seu país) e o alemão de 1917 (que convoca o povo alemão para financiar o esforço de guerra) – e procure enfatizar os elementos das imagens que evidenciam a propaganda de teor nacionalista (cores nacionais, slogans, soldados no front) e a mobilização social (trabalho na indústria bélica e campanhas para doações para as tropas no front) existentes no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essa habilidade, acompanhe a sequência didática *Guerra e Revolução no início do século XX* localizada no material digital do Manual do Professor.

Um escritor na guerra

Erich Maria Remarque nasceu em 1898 na Alemanha. Ainda muito jovem entrou para a universidade de Münster, mas, com apenas 18 anos, foi convocado pelo exército alemão para lutar como soldado na guerra, iniciada em 1914.

Remarque viveu os horrores da vida nas trincheiras. Sentiu fome, frio e medo. Conseguiu sobreviver aos tiros de canhões, às metralhadoras inimigas e aos ataques de gases venenosos, além de se livrar dos ratos e piolhos. Viu amigos morrerem e outros enlouquecerem. Foi ferido três vezes, uma delas gravemente. Nos hospitais militares, presenciou colegas com membros amputados.

As guerras produzem grandes destruições e marcam a vida das pessoas para sempre. Foi o caso de Erich Maria Remarque, como veremos neste capítulo.

Nos tempos de Bismarck

Os anos que se seguiram na Europa após a Guerra Franco-Prussiana foram de paz e de grande avanço na ciência e na tecnologia. Muitas invenções surpreenderam as pessoas. O avião, o automóvel, o telégrafo foram algumas delas. Inovações ocorreram também nas artes plásticas e na literatura. Os restaurantes e cafés viviam lotados. Os franceses chamaram o período entre o fim da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, de *belle époque* (época bela).

A Alemanha passava por intenso período de crescimento industrial, tornando-se a maior produtora de carvão, ferro e aço da Europa. Nos mais diferentes ramos da indústria, os alemães se destacaram.

O crescimento econômico, no entanto, trouxe problemas, um dos quais era a concorrência com os ingleses. A Inglaterra era considerada a fábrica do mundo, mas, em 1913, foi superada pela Alemanha.

Para o **chanceler** alemão Otto von Bismarck, uma guerra com os ingleses poderia ser prejudicial para a Alemanha. Empresários e governantes da Inglaterra também não estavam dispostos a entrar em guerra. Além disso, o chanceler alemão sabia que a maior ameaça contra a Alemanha era a França.

Chanceler: na Alemanha, equivale a primeiro-ministro.

O chanceler alemão Otto von Bismarck com uniforme militar em foto de Loescher e Petsch, 1877. Coleção particular.



A Primeira Guerra Mundial | CAPÍTULO 1 ◀ 13

Para desenvolver

Nada de novo no front

Esclareça para a turma que Erich Maria Remarque era o pseudônimo de Erich Paul Kramer, jovem soldado alemão durante a Primeira Guerra Mundial que depois, em 1929, publicou um livro sobre os horrores vividos nas trincheiras e nos campos de batalha. O livro *Nada de novo no front* foi adaptado para o cinema em 1930 pelo diretor Lewis Milestone. Caso haja possibilidade, programe, a seu critério, a exibição de um trecho relevante do filme para a turma.

Texto complementar

A Primeira Guerra Mundial pelas lentes do cinema

O cinema ainda era uma arte jovem, em 1914, quando começou a Primeira Guerra Mundial. Rapidamente, no entanto, a sétima arte tornou-se uma ferramenta para fazer propaganda da guerra e recrutar soldados. [...] O filme-batalha tornou-se um gênero em si mesmo. Edições mostrando grandes operações de guerra eram imensamente populares com o público de cinema. E, autênticas ou não, essas representações foram largamente utilizadas como ferramentas de propaganda para reforçar as noções de superioridade militar e moral sobre as forças opostas. [...] “A Primeira Guerra Mundial não foi apenas uma guerra sem precedentes em relação ao número de nações e à quantidade de novos equipamentos utilizados, foi também uma guerra de imagens, onde o cinema, uma mídia relativamente nova, foi utilizado pela primeira vez na história para documentar o conflito em larga escala”, explica Anette Groschke, da Cinemateca Alemã – Museu de Cinema e Televisão, em Berlim.

[...] “Durante a guerra, muitos filmes minimizaram a extensão do sofrimento, mostrando hospitais militares com soldados levemente feridos. [...] Apenas depois de 1918 as experiências e sofrimento, os custos humanos e morais passam a ser retratados em longas-metragens. “Além de filmes que abordavam explicitamente a morte ou ferimentos na frente de batalha, muitas produções da década de 1920 podem ser lidas como respostas indiretas à experiência de sofrimento relacionado à guerra” [...]. [...] A Primeira Guerra mudou também a história do cinema europeu. A indústria cinematográfica europeia, em plena ascensão antes do conflito, não resistiu à Guerra. Somente cerca de 20% da produção do cinema mudo sobreviveu nas instituições que preservam o patrimônio cinematográfico. Parte desse acervo pode ser livremente acessado por pesquisadores, amantes do cinema e o público em geral. Por meio dele é possível conhecer parte da história da Primeira Guerra e da história do cinema.

MARIUZZO, Patrícia. A Primeira Guerra Mundial pelas lentes do cinema. *Ciência e Cultura*, v. 66, n. 2, São Paulo, jun. 2014. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252014000200024&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 out. 2018.

O que há na imagem?

A imagem faz referência à Alsácia-Lorena, região francesa tomada pela Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana, em 1871. A moça espera que os soldados franceses derrotem os alemães e que a Alsácia-Lorena retorne ao domínio francês.

Photo: Jossell/Leemage/Corbis/Getty Images



Cartaz francês de 1916 com os dizeres: "Façam! 2º empréstimo da Defesa Nacional. Subscram-se". Na França, o governo buscava apoio financeiro da população para o reforço de suas Forças Armadas. Cartazes, panfletos e filmes propagandeavam a necessidade de aumentar a capacidade armamentista do país. Coleção particular.

QUE HÁ NA IMAGEM?

O cartaz ao lado tinha o objetivo de mobilizar a população francesa para a guerra. Por que a moça, residente na Alsácia-Lorena, espera a chegada do exército francês?



White Images/Scala, Florença, Itália.

O revanchismo francês

Com a vitória na guerra, em 1871, os governantes alemães tomaram da França a Alsácia-Lorena, uma região rica em carvão. Os franceses estavam inconformados e ressentidos com aquela perda. Haveria reação, e Bismarck sabia disso. Assim, ele adotou a estratégia de isolar a França de outros países europeus. Por algum tempo, ele conseguiu evitar que a Inglaterra se aliasse à França.

A Tríplice Aliança

A Alemanha estabeleceu acordo militar e diplomático com o Império Austro-Húngaro em 1879. Mas essa aliança elevou as tensões políticas: a Inglaterra, a Rússia e principalmente a França mostraram-se descontentes com tal acordo.

As desconfianças aumentaram quando a Itália também estabeleceu acordos diplomáticos com a Alemanha e o Império Austro-Húngaro em 1882. Os três governos assinaram um tratado conhecido como **Tríplice Aliança**: no caso de um dos países ser atacado, os outros dois teriam a obrigação de apoiar militarmente o aliado.

Bismarck conseguiu esfriar os ânimos de ingleses e franceses três anos depois. Em 1885, na **Conferência de Berlim**, ele comprometeu-se com a Inglaterra e com a França a não disputar colônias na África e na Ásia com esses países.

A política externa de Otto von Bismarck de isolar a França com o objetivo de evitar guerras ficou conhecida como **sistema Bismarck**.

No cartaz produzido pelo governo da França, uma jovem com trajes típicos da região da Alsácia-Lorena sonha com a chegada do exército francês, c. 1918. Ela diz: "Finalmente estão aqui". Coleção particular.

De olho na BNCC

Professor, para realçar o contexto de exarcebação do nacionalismo, de formação de alianças militares e de mobilização social às vésperas da deflagração da Grande Guerra, sugerimos que analise com os alunos, na página 14, o outro cartaz de origem francesa com os dizeres: "Façam! 2º empréstimo da Defesa Nacional. Subscram-se", comparando-o com os dois cartazes

da página 12, e com os outros dois, ambos de 1914, um de procedência russa e outro produzido na Alemanha, reproduzidos na página 15. Essa análise aprofunda o trabalho com a habilidade EF09HI10 – Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa.

Muitas rivalidades

Além da rivalidade entre os governos, havia também forte sentimento nacionalista, que gerava ódio entre os povos. Grupos nacionalistas de um país consideravam os outros povos inferiores.

O patriotismo e o sentimento de superioridade provocavam fortes rivalidades. Na Rússia predominavam povos da etnia **eslava**. O governo russo defendia a união de todos os povos eslavos na Europa, o chamado **pan-eslavismo**. Ocorre que muitos eslavos viviam no Império Austro-Húngaro, como eslovacos, poloneses, tchecos, sérvios, entre outros.

A Sérvia também era formada por eslavos. Na região dos Balcãs, o governo sérvio queria unir outros povos eslavos, formando a Grande Sérvia.

Havia também o **pan-germanismo**, cujo ideal era o de unificar todos os povos de origem germânica na Europa, formando a "Grande Alemanha".

Também é preciso considerar o Império Otomano. Em seu território estavam países que hoje conhecemos como Turquia, Líbano, Síria, Iraque, Jordânia, Arábia Saudita, Kuwait, Israel e o território palestino. O Império Russo era rival do Império Otomano.

Avaliem a grave situação política na Europa nesse momento: a França desejava revanche contra a Alemanha. A Inglaterra estava contrariada com o crescimento industrial dos alemães. A Rússia alimentava rivalidades com o Império Otomano e tinha intenções de se apropriar de territórios do Império Austro-Húngaro em que viviam povos eslavos. Além disso, o governo russo também passou a desconfiar da Alemanha por sua aliança com a Áustria-Hungria.

QUE HÁ NAS IMAGENS?

Os cartazes desta página incentivavam a resolução dos problemas políticos por meio de guerras. Justifique essa afirmação com elementos das imagens e, em seguida, compare o ponto de vista daqueles que produziram cada um dos dois cartazes.

The Bridgeman Art Library/Easypix



Cartaz de propaganda alemã de 1914 representando três soldados: um francês (uniforme azul), um inglês (uniforme vermelho) e um russo (uniforme verde). A legenda diz: "Com estas coisas nós fecharemos suas bocas mentirosas". Museu Histórico Alemão, Berlim, Alemanha.

Reprodução/Museu Histórico Alemão, Berlim, Alemanha.



Cartaz russo de c. 1914 representando um soldado dando uma surra em Guilherme II, Kaiser da Alemanha. Com o pé, ele prende Francisco José I, imperador da Áustria-Hungria. Coleção particular.

15

Para desenvolver

Kaiser, caesar e czar

A palavra *kaiser*, em alemão, pode ser traduzida para o português como "imperador". Ambas têm origem no latim *caesar*, referindo-se ao ditador romano Júlio César. Outro termo que tem origem semelhante é *czar*, título utilizado pelo monarca no Império Russo entre 1546 e 1917.

O que há nas imagens?

Os cartazes incentivavam a rivalidade entre as nações e enfatizam a necessidade de resolver os problemas por meio de guerras. O primeiro cartaz foi produzido na Rússia e também defende o uso da força militar. O soldado russo, de grande estatura, agride os governantes da Alemanha e do Império Austro-Húngaro, bastante pequenos. O segundo cartaz foi produzido na Alemanha. Nele, representantes da Rússia, da Inglaterra e da França são chamados de "mentirosos". O cartaz também sugere que a solução para a rivalidade é a guerra.

Fique ligado

Et la nave va (Itália/França). Direção de Federico Fellini, 1983. 132 min.

O filme pode ser assistido para ampliar os conhecimentos acerca das rivalidades étnicas e nacionais nas diversas regiões da Europa às vésperas da deflagração da Primeira Guerra Mundial, pois ele aborda questões relacionadas a conflitos que antecederam a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Fique ligado

Titanic (EUA). Direção de James Cameron, 1997. 194 minutos.

O naufrágio histórico do Titanic, em abril de 1912, após colidir com um iceberg, é o pano de fundo para a história de romance entre Jack, um rapaz simples e pobre, e Rose, uma menina rica, noiva de um milionário e muito infeliz.

Nós que aqui estamos por nós esperamos (Brasil). Direção de Marcelo Masagão, 1998. 55 min.

Filme-memória do século XX, com base em recortes biográficos de pequenos e grandes personagens que por aqui passaram. 95% das imagens são de arquivo: filmes antigos, fotos e material da TV. Não há locução, nem depoimentos orais. A sonorização é toda música de Wim

Mertens, efeitos sonoros e silêncio.

Os filmes indicados são interessantes para ampliar os conhecimentos sobre as intensas transformações que ocorreram nas sociedades capitalistas no período compreendido entre o final da Guerra Franco-Prussiana, em 1871, e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, chamado pelos franceses de *Belle Époque* (época bela).

Para desenvolver

A Mão Negra

Com relação ao evento considerado como o estopim que provocou a deflagração da Grande Guerra, comentar com os estudantes que Francisco Ferdinando e sua mulher foram assassinados por Gavrilo Prnzip, integrante de um grupo político chamado Mão Negra. O objetivo da organização era concretizar a independência dessas províncias eslavas do domínio austro-húngaro e incorporá-las à Grande Sérvia.

Fique ligado

A *Primeira Guerra Mundial* (Inglaterra). BBC, 2003. 500 min.

Dividido em 10 episódios, esse documentário produzido em 2003 pela rede de comunicação inglesa BBC aborda todas as fases do conflito e realça os principais aspectos geopolíticos e tecnológicos nele envolvidos, bem como analisa a crescente destruição provocada na Europa entre os anos de 1914 e 1918 e suas diversas consequências.

Armas modernas da 1ª Guerra Mundial (EUA). History Channel, 2014. 176 min.

Série documental exibida pelo History Channel que procura demonstrar como na Primeira Guerra Mundial se processou uma transição do velho combate corpo a corpo – com armas pequenas, baionetas fixas e assaltos de cavalaria – para armamento de alta tecnologia, com os bombardeamentos aéreos a cidades, grandes batalhas entre blindados, a luta pelo domínio dos céus, o desenvolvimento dos submarinos, os *bunkers* e a guerra química.

Os dois documentários indicados têm como temas centrais as diferentes fases de desenvolvimento da Primeira Guerra Mundial e as inovações tecnológicas implementadas pelas principais potências capitalistas da época nas suas respectivas indústrias armamentistas às vésperas da deflagração de tal conflito bélico e durante seu curso, de 1914 a 1918.

FIQUE DE OLHO

HOWARD, Michael. *Primeira Guerra Mundial*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Neste livro, é possível ter uma visão abrangente da Primeira Guerra Mundial, conhecendo as políticas de alianças que levaram ao conflito, as principais inovações tecnológicas, quais foram as principais batalhas e os impactos do conflito na História do século XX.

Entente: acordo, em francês.

Avançando para a guerra

A Europa caminhou para a guerra quando, em 1889, Guilherme II assumiu o trono da Alemanha. Bismarck renunciou ao cargo de chanceler no ano seguinte. O novo imperador não concordava com a política externa de Bismarck e preferiu o enfrentamento com a França, a Inglaterra e a Rússia.

Em seguida, Guilherme II criou problemas com ingleses no Oriente Médio e com os franceses no Marrocos. Em resposta à postura agressiva de Guilherme II, a Inglaterra se aliou à França. Em 1907, ingleses, franceses e russos formaram um bloco político e militar: a **Tríplice Entente**.

Observem que, no início do século XX, dois blocos políticos e militares estavam formados: Alemanha, Itália e Império Austro-Húngaro com a Tríplice Aliança; Inglaterra, França e Rússia com a Tríplice Entente. Considerem, também, as rivalidades e ressentimentos entre os países, além dos movimentos patrióticos. A guerra estava próxima.

A Paz Armada

Nessa época, a Europa viveu algo que foi chamado de **Paz Armada**. Os países não estavam em guerra, mas se armavam cada vez mais à espera do conflito. Os governos encomendavam aos empresários a fabricação de navios de guerra, armas, munições, granadas, uniformes. Milhões de jovens eram convocados para o alistamento militar e o tempo de serviço militar aumentou. Mas, afinal, o que faltava para a guerra?

Começa a Grande Guerra

A eclosão da guerra necessitava apenas de um motivo. Isso ocorreu quando o herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, o arquiduque Francisco Ferdinando, junto com sua esposa, foi assassinado a tiros por um nacionalista sérvio. Um mês depois, em 28 de julho de 1914, o Império Austro-Húngaro declarou guerra à Sérvia.

A partir daí, uma declaração de guerra provocou outra. A Rússia saiu em defesa da Sérvia e mobilizou tropas para atacar o Império Austro-Húngaro. Como a Alemanha tinha tratado de defesa com os austro-húngaros, declarou guerra à Rússia e à França.



Primeira página do jornal *La Domenica del Corriere*, de 12 de julho de 1914, com ilustração representando o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando. Coleção particular.

16 ► UNIDADE 1 | Guerra e revolução no início do século XX

Crepúsculo das águias (EUA). Direção de John Guillermin, 1966. 156 min.

Jovem camponês torna-se ousado piloto de guerra alemão que se esforça para ser reconhecido por seus méritos, mas sofre com o preconceito social.

O Barão Vermelho (Alemanha/Reino Unido). Direção de Nikolai Müllerschön, 2008. 130 min.

Famoso piloto de guerra alemão fica desiludido quando vê soldados em hospital militar, mas não pode abandonar a carreira militar.

Flyboys (França/EUA). Direção de Tony Bill, 2006. 139 min.

Quando os Estados Unidos entram na Grande Guerra, soldados estadunidenses são treinados por pilotos franceses.

A Europa dividida (1914)



Fontes: elaborado com base em ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2009. p. 27.

A Inglaterra honrou os acordos da Tríplice Entente e declarou guerra à Alemanha em apoio à França. O Império Otomano aproveitou o conflito e declarou guerra à Rússia. A Itália não honrou os acordos da Tríplice Aliança e declarou-se neutra. Em 1915, com promessas de ganhar colônias na África, trocou de lado e aderiu à Tríplice Entente.

A guerra foi longa

A primeira fase da guerra ocorreu entre 1914 e 1915, e é conhecida como **guerra de movimentos**. O exército alemão teve de lutar em duas frentes: a ocidental, contra a França, e a oriental, contra a Rússia.

Na frente ocidental, os militares alemães puseram em ação o **Plano Schlieffen**, que consistia em invadir a França pelo norte, atravessando a Bélgica. A estratégia pegou os franceses de surpresa, permitindo que as tropas alemãs avançassem pelo território francês até as proximidades da capital, Paris. Os franceses só conseguiram barrar o avanço alemão com a ajuda dos soldados ingleses.

Sem conseguir avançar, mas sem recuar, os exércitos inimigos não saíram de suas posições. Começava a segunda fase da guerra, conhecida como **guerra de posições** ou **guerra de trincheiras**. Essa fase da guerra durou até o início de 1918.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que a Primeira Guerra era conhecida como a Grande Guerra? Até aquele momento, era a primeira vez na história da humanidade que uma guerra envolvia países em várias partes do mundo. Anos mais tarde, quando ocorreu outra guerra também mundial e ainda mais destrutiva, é que surgiram as atuais expressões Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Fique ligado

Em 2014, no momento em que diversos eventos foram realizados para marcar o centenário de início da Primeira Guerra Mundial, importantes órgãos da grande imprensa europeia – *BBC*, *Deutsche Welle* (DW), *El País*, por exemplo – publicaram uma série de artigos especiais que podem ser utilizados em sala de aula e na preparação de aulas e atividades sobre a deflagração desse conflito bélico.

NA LINHA do tempo: Há cem anos estourava a 1ª Guerra Mundial. *BBC*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140801_1a_guerra_timeline_pu>. Acesso em: 13 out. 2018.

Linha do tempo especial publicada pela *BBC* com os fatos históricos diretamente relacionados à deflagração da Grande Guerra.

A PRIMEIRA Guerra Mundial na arte. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/a-primeira-guerra-mundial-na-arte/av-17438452>. Acesso em: 13 out. 2018.

Vídeo-notícia publicado pelo *DW* sobre uma exposição realizada em 2014 na cidade de Bonn, na Alemanha, que aborda como artistas hoje famosos viram o início da Primeira Guerra e como tal conflito bélico de tristes consequências alterou profundamente os paradigmas artísticos e culturais europeus e mundiais nas décadas seguintes.

A CONFUSÃO que iniciou a Primeira Guerra Mundial. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/26/internacional/1403783382_798269.html>. Acesso em: 13 out. 2018.

Artigo publicado no jornal espanhol *El País* e que realça como um insólito acúmulo de casualidades permitiu a Gavrilo Princip assassinar o arquiduque em Sarajevo 100 anos atrás.

Para desenvolver

A Europa dividida

Realce para os alunos que a formação dos dois grandes blocos representados no mapa “A Europa dividida – 1914”, presente no início da página 17, e a corrida armamentista resultante da política de “Paz Armada” fizeram com que, ao ser deflagrada, a Grande Guerra alcançasse em pouco tempo uma dimensão mundial e produzisse uma destruição material e humana sem precedentes não apenas na Europa, mas também em determinadas regiões da África e da Ásia.

Outras histórias

Modos de viver

- Os soldados aproveitavam a suspensão dos ataques para descansar e ter algum tipo de lazer. Era a maneira que eles encontravam para enfrentar a grande tensão que viviam nas trincheiras.

Para desenvolver

Batalha de Verdun

Com relação às operações bélicas na frente ocidental, realce para os alunos que um dos maiores enfrentamentos ocorreu em 1916 e ficou conhecido como a "Batalha de Verdun", na cidade francesa de Verdun-sur-Meuse, no nordeste do país. Estima-se que o exército francês tenha perdido 315 mil homens e o alemão, 280 mil. Mesmo com todas essas perdas humanas, nenhum dos lados obteve ganhos territoriais.

Fique ligado

Feliz Natal (França/Reino Unido). Direção de Christian Carion, 2006. 115 min.

O filme usa como tema a trégua informal estabelecida por soldados ingleses, franceses, escoceses e alemães em diversos locais da frente de batalha na noite de Natal de 1914. Após os primeiros meses de guerra, esses combatentes decidem deixar a espingarda no fundo das trincheiras para se encontrar com quem está do outro lado, apertar-lhe a mão, trocar cigarros e chocolates, desejar "Feliz Natal!".

Glória feita de sangue (EUA). Direção de Stanley Kubrick, 1957. 148 min.

General do exército francês ordena uma missão suicida, mas muitos soldados desobedecem, sendo acusados de covardia e condenados à execução.

Os campos voltarão (Itália). Direção de Ermanno Olmi, 2014. 140 min.

Soldados italianos esperam ordens para avançar contra o inimigo, gerando tensão e ansiedade.

Lawrence da Arábia (Reino Unido/EUA). Direção de David Lean, 1963. 216 min.

Oficial do exército britânico luta com árabes contra dominação do Império Otomano.

OUTRAS HISTÓRIAS MODOS DE VIVER

A vida nas trincheiras

Os relatos dos soldados que viveram a guerra nas trincheiras são dramáticos. Viviam sob o frio e repletos de piolhos. Os cadáveres apodreciam nas trincheiras. As explosões de bombas e granadas os deixavam momentaneamente

surdos. Além disso, havia situações em que era impossível abastecê-los com alimentos e água. Em determinadas épocas, dormiam apenas duas horas por dia e tinham de lutar contra o inimigo e o sono.



Trincheira das forças da Entente na região de Verdun, na França, c. 1916.

- Quando as batalhas cessavam por dias seguidos, os soldados jogavam cartas, esculpavam aviões com cartuchos usados ou riam vendo gravuras que ridicularizavam o inimigo. Eles também dormiam ou cuidavam dos amigos feridos. Explique por que eles faziam isso.

FIQUE DE OLHO

Sem novidade no front (EUA). Direção de Lewis Milestone, 1930. 136 min.

Baseado no livro de Erich Maria Remarque, o filme transmite mensagem pacifista ao mostrar os horrores que os soldados viviam nas trincheiras alemãs.

A frente ocidental

Longas trincheiras, com centenas de quilômetros, foram cavadas pelos exércitos em luta. As trincheiras das tropas alemãs ficavam na frente das trincheiras dos franceses e ingleses. Sair da trincheira era morte certa.

Com a situação indefinida nos campos de batalha, os países em conflito ampliaram o combate no mar. Navios franceses e ingleses cercaram o litoral alemão. Os alemães tiveram enorme dificuldade de importar mercadorias e alimentos para abastecer sua população.

A Alemanha revidou com sua frota de submarinos. Mesmo assim, cálculos falam em 5 mil navios ingleses e franceses afundados. A Inglaterra perdeu cerca de um terço de sua frota. Alimentos também chegavam com dificuldade na Inglaterra e na França.

Gallipoli (Austrália). Direção de Peter Weir, 1981. 111 min.
A partir da história entre dois amigos, o filme reconstitui a batalha de Gallipoli, no noroeste da Turquia.

DOCUMENTO

O combate nas trincheiras

Em seu livro *Nada de novo no front*, Erich Maria Remarque narra sua vida como soldado.

No trecho a seguir, ele nos leva para dentro de uma trincheira no momento de um ataque.

Uma campainha soa entre as explosões: gongos e matracas de metal avisam em todo lugar: “Gás... Gás... Gáaaaa”. [...] Os primeiros minutos com a máscara decidem sobre a vida ou a morte: toda a questão reside em saber se será impermeável. Evoco as imagens terríveis do hospital: homens atingidos pelo gás que, durante dias seguidos, vomitam, pouco a pouco, os pulmões queimados. [...] Bombardeio, fogo cerrado, fogo de barragem, gás, minas, tanques, metralhadoras, granadas de mão... são apenas palavras, mas encerram todo o horror do mundo. Nossos rostos estão cobertos por uma crosta, nosso pensamento aniquilado; estamos exaustos. Quanto tempo se passou? Semanas? Meses? Anos? Dias, são apenas dias.

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 34-35, 39, 69-70.

- Realize uma pesquisa sobre os danos causados pelos gases tóxicos utilizados na Primeira Guerra Mundial. Em seguida, escreva um texto relacionando-os à seguinte frase: “Bombardeio, fogo cerrado, fogo de barragem, gás, minas, tanques, metralhadoras, granadas de mão... são apenas palavras, mas encerram todo o horror do mundo”.

A virada da guerra

A terceira fase da guerra começou em 1917. A Alemanha demonstrava que poderia vencer. Foi nesse momento que os Estados Unidos entraram no conflito ao lado da Entente.

Durante os três primeiros anos da guerra, os Estados Unidos mantiveram-se neutros, embora tenham lucrado vendendo navios, aviões, armas, remédios, uniformes, entre outros produtos, para a França e para a Inglaterra.

O governo estadunidense percebeu que a vitória da Alemanha resultaria em sérios prejuízos ao país. Assim, em abril de 1917, os Estados Unidos entraram na guerra, enviando tropas, armamentos, medicamentos e alimentos.

A Alemanha foi prejudicada com o apoio estadunidense aos seus inimigos, mas foi beneficiada com a vitória da revolução liderada pelo Partido Bolchevique na Rússia. O governo revolucionário russo retirou o país da guerra. Alemanha e Rússia assinaram, em 3 de março de 1918, o **Tratado de Brest-Litovsk**. Segundo ele, os russos saíram da guerra, mas foram obrigados a ceder para a Alemanha muitos territórios.

Schultz Reinhard/Alamy/Fotoarena



Cartaz de propaganda britânico saúda o alistamento de soldados dos Estados Unidos na guerra, c. 1917. Coleção particular.

De olho na BNCC

A participação dos EUA

Analise com a turma, de modo circunstanciado, a participação dos EUA nos momentos decisivos da Primeira Guerra Mundial, realçando as razões tanto para que essa nação se mantivesse neutra a princípio, quanto para que, a partir de abril de 1917, intervesse no conflito ao lado da Tríplice Entente, dando continuidade ao desenvolvimento da habilidade EF09H10 da BNCC.

Documento

- Com base nesta atividade, os estudantes poderão construir uma argumentação própria a respeito das armas químicas produzidas pela indústria bélica e suas consequências para os seres humanos.

Fique ligado

HÁ 100 ANOS, os EUA abandonavam a neutralidade e entravam na Primeira Guerra Mundial. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ha-100-anos-eua-abandonavam-neutralidade-e-entravam-na-primeira-guerra-mundial,12754,0.Htm>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Link com acervo do jornal *O Estado de S. Paulo* com reportagens de 1917 sobre a Primeira Guerra Mundial.

No centenário do início da Primeira Guerra Mundial, relatos das experiências de jovens soldados nas trincheiras, como os produzidos por Erich Maria Remarque, na obra *Nada de novo no front*, deram origem a duas minisséries para TV que você também pode utilizar em sala de aula e/ou na preparação de atividades sobre o tema:

Nossa Guerra Mundial (Inglaterra). History Channel, 2014. 175 min.

Minissérie em três episódios, com cerca de 58 minutos cada um, cuja narrativa documental – elaborada com base em registros de cartas, testemunhos e entrevistas com soldados que lutaram na guerra – acompanha um pelotão integrado por jovens britânicos lutando na linha de frente.

Ao mesmo tempo

- O governo brasileiro enviou uma pequena frota para o norte da África, mas, quando chegou ao estreito de Gibraltar, a guerra havia terminado.

Texto complementar**Da neutralidade à beligerância**

Quando eclodiu a guerra na Europa, o Brasil mantinha relações bastante cordiais com os principais países beligerantes, como a Alemanha, que era seu principal parceiro comercial, seguida pela Inglaterra e depois França. Outro setor onde se fazia notar a influência alemã era o militar. Desde a ascensão do marechal Hermes da Fonseca ao Ministério da Guerra em 1906, o Exército brasileiro seria profundamente influenciado pela organização militar alemã, com o envio inclusive de jovens oficiais para servirem no Exército alemão, considerado o mais bem organizado da época.

Deflagrado o conflito, o governo brasileiro adotou a completa neutralidade, fixando regras para sua observação. Ao optar pela neutralidade, o Brasil sofreu com uma série de restrições comerciais impostas pelos países beligerantes aos países neutros. [...]

O reconhecimento do estado de guerra com o Império Alemão se deu após o torpedeamento do vapor brasileiro *Macau* e do aprisionamento de seu comandante. [...]

Apesar de uma atuação inexpressiva militarmente, o Brasil foi o único país da América do Sul a participar do conflito, o que garantiu sua presença na Conferência de Paz, que seria realizada em 1919 em Versalhes, e na organização da Liga das Nações.

Implicações importantes da Primeira Guerra Mundial no Brasil foram a consolidação da política externa brasileira voltada para os Estados Unidos e a desilusão com a civilização *Belle Époque* que marcou o pós-guerra, anunciando o declínio da cultura europeia e a aurora do novo mundo representado pela América.

FAGUNDES, Luciana. Participação brasileira na Primeira Guerra Mundial. CPDOC/FGV. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTICIPAC%C3%A7%C3%87%C3%83O%20BRASILEIRA%20NA%20PRIMEIRA%20GUERRA%20MUNDIAL.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2018.

AO MESMO TEMPO**O Brasil e a Primeira Guerra Mundial**

Quando a guerra começou, o presidente do Brasil, Hermes da Fonseca, declarou a neutralidade do país. Contudo, navios de guerra alemães impediam que navios cargueiros brasileiros exportassem café para a França e a Inglaterra, causando prejuízos para a economia brasileira.

Os alemães não respeitaram a neutralidade brasileira e três navios mercantes

brasileiros foram afundados. Nas ruas, os brasileiros exigiram atitude enérgica do governo. Assim, o então presidente Wenceslau Brás, em 26 de outubro de 1917, declarou guerra à Alemanha.

Uma pequena frota brasileira foi enviada para o norte da África; quando chegou ao estreito de Gibraltar, a guerra havia terminado.



- Após a declaração de guerra, o governo brasileiro enviou algum apoio militar para a Europa?

A capitulação da Alemanha

Em 1917, a guerra era insuportável para a população europeia. Fome, racionamento, doenças, alta dos preços das mercadorias, entre outros problemas, provocaram grandes protestos nas cidades europeias. Exigia-se o fim da guerra.

Em julho de 1918, o exército alemão ainda tentou a última grande ofensiva, mas sem sucesso. A partir daí sofreu derrotas sucessivas. Além disso, enquanto na Alemanha a população passava fome, os Estados Unidos forneciam alimentos para franceses e ingleses.

No final de 1918, revoltas populares na Alemanha obrigaram o imperador Guilherme II a abdicar. Em 11 de novembro desse mesmo ano, o governo alemão assinou o **armistício**.

▶ **Armistício:** suspensão ou fim da guerra.

Os tratados do fim da guerra

Ao final da guerra, o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, propôs que os países europeus chegassem a acordos de paz. A proposta conhecida como Quatorze Pontos de Wilson tinha por objetivo uma paz sem vencedores ou vencidos.

Entre os pontos constavam a autodeterminação dos povos que viviam nas colônias africanas e asiáticas; a liberdade de comércio entre as nações; a redução da capacidade armamentista dos países; um tratado de paz sem indenizações exageradas e a formação de um órgão mundial que evitasse futuros conflitos.

O Tratado de Versalhes

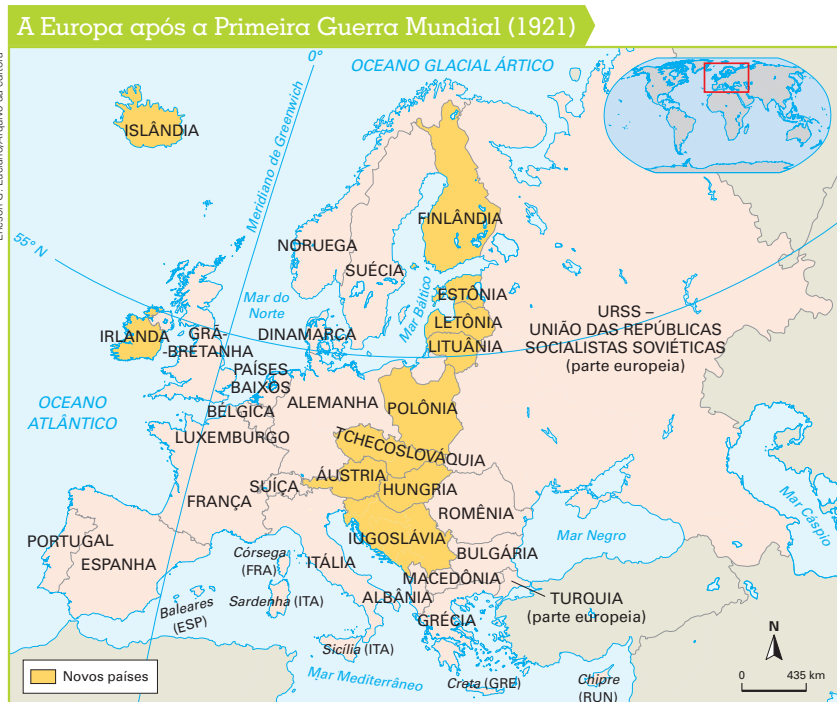
Os governos da França e da Inglaterra queriam a revanche contra a Alemanha e por isso rejeitaram a proposta de Wilson. Em janeiro de 1919, representantes de países que participaram do conflito reuniram-se em Paris. Da reunião surgiu o Tratado de Versalhes, a ser aplicado à Alemanha. As exigências eram duríssimas, com severas punições e altíssimas indenizações.

Os vencedores ocuparam dois terços das minas de ferro e um sexto das terras alemãs, além das colônias na África. Também confiscaram a maior parte dos seus navios mercantes, locomotivas e gado. A Alemanha foi obrigada a devolver a região da Alsácia-Lorena para a França. Parte do território alemão foi cedido à Polônia. Além disso, a Alemanha não poderia possuir armas, navios e aviões de guerra. Ainda deveria pagar enormes indenizações em dinheiro.

O surgimento de novos países

Outros tratados mudaram o mapa da Europa. O Império Austro-Húngaro deixou de existir e novos países surgiram, como Áustria, Hungria, Tchecoslováquia, Iugoslávia. A Polônia voltou a existir como país independente.

O Império Otomano também foi desmantelado, surgindo o Iraque, a Síria, o Líbano, a Palestina e a Transjordânia – territórios que passaram a ser controlados pela Inglaterra e pela França. O Império Otomano foi reduzido à atual Turquia.



Fontes: elaborado com base em ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2009. p. 27.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

O ano de 2014 marcou os 100 anos do início da Primeira Guerra Mundial. Você tomou conhecimento de algum encontro de historiadores com o objetivo de analisar e discutir aquela guerra? Busque em sites da internet congressos, seminários ou encontros sobre o tema e procure neles algo que chame sua atenção, como a vida nas trincheiras, os armamentos, o sofrimento dos moradores das cidades e cartazes de propaganda.

Para desenvolver

Tratados e indenizações pós-guerra

Realçando os aspectos principais do mapa “A Europa após a Primeira Guerra Mundial [1921]”, analise com a turma os tratados estabelecidos após o armistício, e resalte também, entre outros aspectos, que as indenizações de guerra exigidas no Tratado de Versalhes totalizavam 132 milhões de marcos alemães ou 6,6 milhões de libras esterlinas.

Fique ligado

Os 100 ANOS da guerra que não acabou. *Observatório da Imprensa*. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/oitv/os-100-anos-da-guerra-que-nao-acabou/>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

O programa apresenta análises de jornalistas e historiadores sobre o papel desempenhado pela imprensa e os meios de comunicação de massa – especialmente o cinema – nos anos iniciais da Primeira Guerra Mundial.

O seu lugar na História

Os estudantes poderão tomar por base os temas abordados no livro ou explorar áreas de seu interesse, aproveitando seus conhecimentos prévios. Podem ser encontrados inúmeros depoimentos de soldados sobreviventes. No acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, há reportagens do período da guerra.

Uma seleção dessas reportagens pode ser acessada no endereço eletrônico <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos,1-guerra-mundial,883,0.htm>>. Os 100 anos do conflito foram lembrados em um infográfico online disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/public/especiais/100-anos-primeira-guerra-mundial/>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

Outras histórias

Lutas sociais

- Espera-se que os alunos respondam que sim. Com a guerra, as mulheres conquistaram o direito de trabalhar, assumindo várias funções que eram restritas aos homens. Trabalhando e tendo os próprios rendimentos, as mulheres alcançaram independência financeira e autonomia perante os homens.

Fique ligado

Lendas da paixão (EUA). Direção de Edward Zwick, 1995. 133 min.

A Primeira Guerra Mundial muda a vida de um pai e seus três filhos nos Estados Unidos.

Cavalo de guerra (EUA). Direção de Steven Spielberg, 2012. 147 min.

Jovem é afeiçoado a um cavalo, mas o animal é vendido para atuar na guerra. Ele se alista no exército para reencontrá-lo.

O último batalhão (EUA/Luxemburgo). Direção de Russell Mulcahy, 2001. 92 min.

Batalhão formado por soldados estadunidenses não recebe o reforço que esperava e termina encurralado pelo exército alemão.

Atividade complementar

Mobilização e perdas humanas

Análise com a turma os quadros “Número de militares mobilizados e baixas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)”, das páginas 22 e 23 deste manual, enfatizando, por exemplo, que na Tríplice Entente o país que mais mobilizou homens para a guerra e o que mais perdeu soldados foi a Rússia, enquanto no caso da Tríplice Aliança, foi a Alemanha. Os Estados Unidos foram o país com o menor número de perdas na guerra. Exponha também, de modo circunstanciado, as diversas consequências geopolíticas, sociais, econômicas e culturais da Primeira Guerra Mundial, realçando, de modo especial, que foram os EUA a potência capitalista que mais lucrou com esse conflito bélico.

A Europa após a guerra

Os países europeus envolvidos na guerra saíram destruídos. As perdas humanas foram chocantes. Cálculos apontam entre 8,5 e 10 milhões de soldados mortos nos campos de batalha, além de 20 milhões de feridos. O número de mortos da população civil também é enorme. Somente na Rússia morreram quase 2 milhões de pessoas. Estatísticas apontam para um total de 30 milhões de civis e militares mortos no conflito.

Os soldados que sobreviveram voltaram traumatizados. Cidades foram destruídas e fábricas foram fechadas. Depois disso, a Europa conheceu o declínio econômico.

O país que mais lucrou com a guerra foi os Estados Unidos, tornando-se a maior potência industrial e financeira do mundo.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

As mulheres conquistam seus direitos

Durante a guerra, cresceu o número de mulheres que trabalhavam fora de casa. Com os homens nos campos de batalha, as mulheres tornaram-se operárias nas fábricas, motoristas de ônibus, telefonistas e assumiram muitos

cargos nos escritórios. Houve casos, embora raros, de mulheres que atuaram como soldados. Seja como for, com o fim da guerra as mulheres haviam conquistado uma grande vitória na luta por seus direitos: o de trabalhar.

Ernst Hieker/Alamy-Image/Fotografia



Mulheres trabalham em fábrica de munição militar na Alemanha em 1916. Coleção Arquivo para Arte e História, Berlim, Alemanha.



- Podemos considerar que a abertura do mercado de trabalho para as mulheres foi uma conquista de seus direitos de cidadania? Justifique.

Número de militares mobilizados e baixas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Tríplice Entente e aliados	Militares mobilizados	Militares mortos
Império Britânico	8 780 000	900 000
França	8 660 000	1 390 000
Rússia	12 000 000	1 800 000
Itália	5 900 000	460 000
Estados Unidos	4 350 000	50 000

A vida após a guerra

Terminada a guerra, Erich Maria Remarque retornou para a Alemanha e sofreu com a crise econômica e social que dominou o país. Trabalhou como pedreiro, professor, motorista, entre outras profissões. Tornou-se jornalista especializado em teatro e esportes. Em 1929, publicou o livro *Nada de novo no front*, narrando o que viveu na guerra.

O livro foi grande sucesso na Alemanha e no mundo, com adaptação para o cinema. Erich Maria Remarque relata os horrores vividos nas trincheiras e como as guerras produzem homens sofridos e amargurados. O livro tem mensagem profundamente pacifista. Tanto é assim que em 1933, ao assumir o poder na Alemanha, Hitler proibiu a exibição do filme e determinou a queima dos livros.

Erich Maria Remarque foi obrigado a se exilar nos Estados Unidos. Morreu em 1970, aos 72 anos.

Nada de novo no front foi publicado em 58 idiomas.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Ciências da Natureza

O historiador pode recorrer às Ciências da Natureza para compreender como doenças interferiram e mesmo alteraram a vida das sociedades. É o caso da **pandemia de influenza**, ou “gripe espanhola”.

A primeira onda da gripe começou em março de 1918 nos Estados Unidos, e no mês seguinte atingiu os soldados estadunidenses que estavam na França. Em agosto, toda a Europa ocidental sofria com a doença.

Extremamente infecciosa, a gripe, de maneira rápida, evoluía para pneumonia.

Nos primeiros meses de 1919 a *influenza* matou milhões de europeus enfraquecidos pela falta de alimentos. Estima-se que metade da população do mundo tenha sofrido com a “gripe espanhola”, sendo que 40 milhões de pessoas morreram.

▶ **Pandemia:** epidemia de doença infecciosa que afeta a população de uma grande região, até mesmo de continentes.



- A gripe espanhola atingiu o Brasil? Pesquise sobre o tema.

Créditos das imagens de baixo para cima: Rômulo Fialdini/Acervo do fotógrafo © Tarsila do Amaral Empreendimentos; Photo Josse/Leemage/Corbis/Getty Images; Costa/Leemage/Agência France-Press; Schultz Reinhard/Alamy/Fotoarena; Bianchetti/Leemage/Agência France-Press; Rex Features/Glow Images; Ullstein Bild/Easypix; Jean-Pierre Verney/Album/akg-images/Fotoarena

Para desenvolver

Analise com a turma as informações acerca da vida de Erich Maria Remarque após a Primeira Guerra Mundial e resalte que ele enfrentou muitas dificuldades na Alemanha quando os nazistas chegaram ao poder, tendo em vista que o livro *Nada de novo no front* foi proibido e o escritor, obrigado a se exilar nos EUA.

A História não está sozinha

Ciências da Natureza

- A gripe espanhola chegou ao Brasil em setembro de 1919. Marinheiros de um navio inglês, vindo de Lisboa, todos doentes, desembarcaram nas cidades de Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Logo a doença chegou a São Paulo e a diversas cidades do Nordeste brasileiro. As pessoas não saíam às ruas com medo. Cientistas calculam que 65% da população do país adoeceu devido à gripe espanhola. Milhares morreram.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Oriente os alunos a reler a pergunta da página 12 e as respostas que deram a ela, estabelecendo um debate com a turma, em especial sobre os contornos que o nacionalismo assumiu na Europa no período entre-guerras, especialmente na Itália e na Alemanha – países em que, nos anos 1920 e 1930, movimentos e regimes totalitários e nacionalistas se impuseram, conduzindo tais sociedades a um novo contexto de guerra – temas abordados nos capítulos 5 e 6.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 12?

23

Número de militares mobilizados e baixas durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Tríplice Aliança e aliados	Militares mobilizados	Militares mortos
Alemanha	13 400 000	2 040 000
Império Austro-Húngaro	7 800 000	1 020 000
Império Turco-Otomano	1 000 000	240 000
Bulgária	1 200 000	80 000

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. O objetivo do sistema Bismarck consistia em isolar a França do restante dos países europeus, evitando que ela formasse alianças militares e tentasse a revanche contra a Alemanha.
2. Entre as diversas rivalidades no período anterior à guerra, podemos citar a derrota francesa para a Alemanha em 1871; a concorrência comercial entre Alemanha e Inglaterra; o revanchismo do Império Russo após a derrota para o Império Otomano na Guerra da Crimeia em 1856; o pan-eslavismo russo, motivo de atritos com o Império Austro-Húngaro; a aliança diplomática e militar da Alemanha com o Império Austro-Húngaro, causando contrariedade no Império Russo; a afinidade étnica e cultural entre russos e sérvios e seus interesses na região dos Balcãs, contrariando interesses do Império Austro-Húngaro.
3. A primeira fase ocorreu entre 1914 e 1915. O exército alemão atuou em duas frentes. Na frente ocidental, invadiu a França; na frente oriental, atacou a Rússia. As tropas alemãs avançaram bastante, mas foram detidas pelas forças militares francesas e russas. Essa foi a fase conhecida como “guerra de movimentos”. A partir de 1915, começava a segunda fase, que se estendeu até o início de 1918. Na frente ocidental, as tropas alemãs não conseguiam avançar, mas também não recuavam. Ambos os lados cavaram longas trincheiras, paralisando os adversários. Essa fase foi conhecida como “guerra de posições” ou “de trincheiras”.
4. Durante a guerra, os Estados Unidos venderam armas e alimentos à França e à Inglaterra. No caso de vitória da Alemanha na guerra, franceses e ingleses não teriam como pagar as dívidas que chegavam a 11 bilhões de dólares. Afinidades culturais com a Inglaterra também influenciaram na decisão do go-



24

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Qual o principal objetivo do sistema Bismarck?
- 2 | Existiam muitas rivalidades entre os países europeus antes da eclosão da guerra. Cite três exemplos dessas rivalidades.
- 3 | Os historiadores geralmente dividem a Primeira Guerra Mundial em duas fases. A primeira é chamada de “guerra de movimentos”; a segunda, de “guerra de posições”. Comente essas duas fases da guerra.
- 4 | Por que os Estados Unidos entraram na guerra? Qual aliança militar foi beneficiada com a participação estadunidense?
- 5 | Por que a Rússia saiu da guerra? Qual o preço pago pelo governo russo por deixar o conflito? Que país foi beneficiado com a saída da Rússia da guerra?
- 6 | Relacione o presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson às propostas de paz na Europa ao final da guerra.
- 7 | Para a Inglaterra e a França, o Tratado de Versalhes tinha o objetivo de punir duramente a Alemanha e impedir que o país recuperasse sua economia e voltasse a ser uma potência. Cite três cláusulas do Tratado de Versalhes que demonstram as intensões punitivas.
- 8 | Que relação pode ser estabelecida entre a guerra e a abertura do mercado de trabalho para as mulheres nos países envolvidos no conflito?
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?
A guerra de trincheiras foi a estratégia mais eficiente encontrada pelos países em guerra para avançar sobre o território inimigo.
- 10 | Por que a região conhecida por Alsácia-Lorena foi importante no acirramento das rivalidades entre França e Alemanha?

PESQUISA

Leia um trecho escrito por Erich Maria Remarque em *Nada de novo no front*.

Sou jovem, tenho vinte anos, mas da vida conheço apenas o desespero, o medo, a morte e a mais insana superficialidade que se estende sobre um abismo de sofrimento. Vejo como os povos são insuflados uns contra os outros e como se matam em silêncio, ignorantes, tolos, submissos e inocentes. Vejo que os cérebros mais inteligentes do mundo inventam armas e palavras para que tudo isto se faça com mais requintes e maior duração. [...] Durante todos esses anos a nossa única preocupação foi matar. Nossa primeira profissão na vida. Nosso conhecimento da vida limita-se à morte. Que se pode fazer, depois disso? Que será de nós?

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PM, 2005. p. 130.

- Pesquise outro relato de um soldado que lutou na Primeira Guerra Mundial e o apresente oralmente para a sala. Lembre-se de fornecer informações sobre o autor do relato, como o país de origem e o ano em que o depoimento foi escrito.

verno estadunidense de entrar na guerra ao lado de ingleses e franceses. A Tríplice Entente foi beneficiada com a entrada de um forte aliado na guerra.

5. Em outubro de 1917 ocorreu na Rússia uma revolução de caráter socialista. O novo governo bolchevique havia prometido ao povo retirar a Rússia da guerra. O preço, no entanto, foi caro. Pelo Tratado de Brest-Litovsk, a Rússia entregou à Alemanha vastos e ricos territórios, como a Ucrânia, a Bielorrússia, a Polônia, a Finlândia, a Letônia, a Estônia e a Lituânia. A

Alemanha foi, portanto, o país mais beneficiado com a saída da Rússia da guerra.

6. O presidente Wilson apresentou aos líderes dos países europeus uma proposta de paz duradoura, os chamados Quatorze Pontos de Wilson. Elaborados antes da entrada dos EUA na guerra, propunham acordos entre os países beligerantes para que terminassem o conflito sem que houvesse vencedores e vencidos.
7. Entre diversas cláusulas que puniam a Alemanha, podem ser citadas: entregar à França dois terços de suas minas de fer-

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Durante a guerra, a Sra. Smith (segurando bebê no colo) passou por situações muito difíceis na Inglaterra. Como o marido estava no campo de batalha, ela encontrou grandes dificuldades para alimentar os seis filhos.

- 1 | Sabendo que em um dos cartazes da fotografia está escrito “Meu pai está lutando, dê leite ao seu filho”, descreva a imagem em seu caderno e tente relacioná-la à história da Sra. Smith.
- 2 | Que argumento a Sra. Smith poderia usar para justificar a ação apresentada na fotografia?

Topical Press Agency/Hulton Archive/Getty Images



Senhora Smith e seus filhos protestam contra os preços dos alimentos na Inglaterra, em 1916. Coleção particular.

O PASSADO PRESENTE

Um dos artefatos mais letais utilizados na Primeira Guerra Mundial foi a arma química. O gás mostarda é mortífero. Em 1925, diversos países assinaram o Protocolo de Genebra, proibindo o uso de armas químicas e biológicas, mas sem grandes resultados. Em 1972, a Convenção de Armas Biológicas e Químicas proibiu a produção e estocagem de armas químicas e biológicas. Em 1993, um novo acordo foi assinado por vários países, a Convenção sobre Armas Químicas. Muitos países, porém, não ratificaram o acordo. Armas químicas ainda são usadas em guerras. Em 1988, o ditador do Iraque, Saddam Hussein, bombardeou a cidade de Halajba, de população curda, no Irã. Cerca de 5 mil curdos morreram e outros 7 mil ficaram seriamente feridos. Em março de 2011, a população da Síria se revoltou contra o governo de Bashar al-Assad. Além de atacar a população com armas de guerra, o governo ainda usou gás sarin contra habitantes de subúrbios da capital, Damasco.



Forme um grupo com seus colegas. Pesquisem sobre o gás sarin e seus efeitos destrutivos no corpo humano. Depois, utilizando também essas informações, façam um texto argumentando sobre a necessidade de banir as armas químicas do mundo.

Rex Features/Glow Images



Granadeiros alemães usam máscaras para se proteger de gases venenosos em trincheira no leste da França, em 1916.

Pesquisa

A atividade desenvolve a capacidade de expressão oral e de análise crítica de fontes de pesquisa, pois os alunos terão de trabalhar com as obras de ficção e seus distintos suportes e com os relatos não fictícios daqueles que viveram o momento histórico.

Imagens contam a história

1. A senhora Smith organizou um protesto, registrado na fotografia, contra o aumento do preço do leite e de denúncia dos cartéis de alimentos na Inglaterra.
2. O marido da senhora Smith foi obrigado a deixar o emprego para lutar por seu país. Assim, para ela, o governo tinha a obrigação de cuidar de sua família, principalmente fornecendo alimento às crianças.

O passado presente

A quantidade de gás sarin necessária para matar uma pessoa é de apenas 1 ml, quando em contato com a pele. Entre os sintomas que esse gás pode causar estão os enjoos, a perda da consciência, a dificuldade de respiração e o formigamento na boca.

- ro; devolver a região da Alsácia-Lorena; entregar parte de seu território à Polônia; a Alemanha estava proibida de manter navios e aviões de guerra; e deveria, além disso, pagar pesadas indenizações de guerra que chegariam a 30 bilhões de dólares.
8. Com os homens lutando na frente de batalha, abriram-se inúmeras oportunidades de emprego nas cidades, aproveitadas pelas mulheres. Elas passaram a trabalhar nas indústrias, nos escritórios e no setor de serviços.

9. As trincheiras foram cavadas porque as tropas não conseguiam avançar sobre o território inimigo. A estratégia foi ineficaz porque os soldados passavam meses parados sob as piores condições de vida.
10. A região da Alsácia-Lorena pertencia à França e era rica em carvão. Em 1871, após vencer os franceses na guerra, os alemães incorporaram a Alsácia-Lorena ao seu território. O episódio gerou grande ressentimento na sociedade francesa, sendo um dos motivos para a nova guerra que eclodiu em 1914.

Capítulo 2 A Revolução Russa

O capítulo tem como temas centrais a Revolução Russa de 1917 e a formação e consolidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), entre as décadas de 1920 e 1940. Nesse sentido, por um lado, o foco da análise se concentrará nas causas centrais da revolução socialista na Rússia, que se ligam tanto à crise do czarismo quanto à desastrosa participação desse país na Primeira Guerra Mundial; por outro lado, será realizada uma exposição acerca do desenvolvimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), primeiro sob o governo de Vladimir Lenin e, depois, a partir de sua morte, sob o comando cada vez mais centralizado de Joseph Stalin, personagem microanalítico deste capítulo.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar a situação econômica, social e política na Rússia durante o governo do czar Nicolau II, autocrata russo de 1894 a 1917.
- Relacionar a queda do czarismo e a eclosão da revolução socialista na Rússia ao contexto de profunda crise social, política e econômica resultante do envolvimento desse país na Primeira Guerra Mundial.
- Avaliar o surgimento e o desenvolvimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) entre as décadas de 1920 e 1940.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI10

EF09HI11



Amizade dos povos, óleo sobre tela de Stepan Karpov, c. 1924. Museu Histórico do Estado, Moscou, Rússia.

CAPÍTULO

2

A REVOLUÇÃO RUSSA

Em torno de 1924, o artista plástico Stepan Karpov pintou a tela *Amizade dos povos*. Ele fazia referência à revolução ocorrida na Rússia em outubro de 1917. O impacto dessa revolução no mundo foi enorme. Afinal, pela primeira vez uma revolução tinha o propósito de pôr fim ao capitalismo e construir uma sociedade socialista.

A Revolução Russa, também conhecida como Revolução Soviética, pôs fim à monarquia absolutista, legalizou a reforma agrária feita pelos próprios camponeses, retirou o país da Grande Guerra e apoiou as reivindicações dos operários.

Para Karpov, a revolução também reforçaria a união entre os trabalhadores do mundo. O socialismo não ficaria restrito à Rússia, mas seria a bandeira de luta entre os povos dos países pobres contra a exploração social e o imperialismo. Na tela, homens de várias nacionalidades carregam diversos símbolos. Um deles é a sigla, em língua russa, СССР. Traduzida para o português, a sigla significa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), também conhecida como União Soviética.

Neste capítulo, vamos conhecer o processo revolucionário russo e a construção do socialismo soviético.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Stepan Karpov faz referência à Revolução Russa, à união dos povos e à União Soviética. Você saberia dizer que país foi esse?

Créditos das imagens de baixo para cima: akg-images/Album/Fotoarena; Fine Art Images/Esayovic; Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Getty Images; Fine Art Images/Heritage Images/Getty Images; Agência France-Presse; adoc-photos/Album Art/Fotoarena

26

Puxando pela memória

Foi a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Analise com os alunos os aspectos mais significativos da obra *Amizade dos povos* (c. 1924), do artista plástico Stepan Karpov e, por meio de um breve debate em sala de aula, incentive-os a apresentar seus conhecimentos prévios acerca dos termos “Revolução Russa” e “União Soviética”, temas centrais do presente capítulo.

▶ O homem de aço

No interior da Rússia imperial, em Gori, atualmente na República da Geórgia, nasceu, no final do século XIX, o filho de um sapateiro. O menino recebeu o nome de Iossif Vissarionovitch Djugachvili. Mais tarde ele ficaria conhecido como Joseph **Stalin**, sobrenome que ele mesmo escolheu. É assim que o chamaremos a partir deste momento.

Sua vida foi muito pobre e sofrida. Quando o pai morreu, sua mãe quis dar ao filho um futuro melhor. Assim, aos 15 anos de idade, Stalin foi enviado para o Seminário Teológico da Igreja ortodoxa russa, em Tiflis, capital da Geórgia.

Stalin: na língua russa, significa “homem de aço”.
Czar: na língua russa, significa “imperador”.

▶ A Rússia nos tempos do czar

No início do século XX, o Império Russo ainda mantinha um regime de governo semelhante ao Absolutismo Monárquico europeu. O **czar** Nicolau II, da dinastia Romanov, governava com amplos poderes.

A Rússia era um país muito pobre. Cerca de 85% de sua população era de camponeses. A maioria deles trabalhava para grandes proprietários rurais. Viviam na pobreza, sujeitos a doenças e fome.

O czar Nicolau II incentivou a instalação de indústrias no país, oferecendo vantagens para empresários ingleses e franceses. Nas fábricas, os operários e suas famílias ganhavam salários miseráveis, não tinham nenhum direito social, enfrentavam longas jornadas de trabalho, alimentavam-se mal e viviam em péssimas habitações.

A Rússia, nessa época, tinha uma sociedade muito injusta. Alguns grupos sociais eram privilegiados, como empresários, grandes proprietários de terras, a nobreza, os oficiais militares e o alto clero da Igreja ortodoxa russa. Os empresários das cidades e os grandes proprietários de terras enriqueciam com o trabalho de operários e camponeses. A nobreza, os militares e o clero viviam confortavelmente, desfrutando dos privilégios concedidos pelo czar.

Família de camponeses russos retorna do trabalho no campo. Fotografia de c. 1900.



27

■ Para desenvolver

Joseph Stalin

Explique para a turma que Iossif Vissarionovitch Djugachvili era o verdadeiro nome de Joseph Stalin, que governou a União Soviética de meados da década de 1920 até sua morte em 1953. A seguir, a seu critério, realce os aspectos mais relevantes da trajetória política de Stalin – sobrenome adotado e que corresponde a um termo que em russo significa “homem de aço” – durante os anos finais do czarismo na Rússia, período em que ele era militante da ala bolchevique do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR).

Fique ligado

Para ampliar seus conhecimentos sobre as características histórico-culturais do Império Russo e, em especial, sobre o aprofundamento da crise do czarismo durante o governo autocrático de Nicolau II, entre 1894 e 1917, indicamos os seguintes documentos:

Do Czar a Lenin [EUA]. Direção de Herman Axelbank, 1937. 68 min.

Documentário narrado pelo escritor estadunidense Max Eastman e composto por filmagens de fontes variadas – provenientes do arquivo do próprio czar, dos soviets, de aventureiros de diversas nacionalidades, de militares franceses, ingleses, japoneses e do Estado Maior Alemão. O resultado é um documento histórico raríssimo sobre um dos mais importantes acontecimentos do século XX.

Construindo um Império: Rússia [EUA]. History Channel, 2006. 45 min.

Documentário que aborda a formação e o desenvolvimento do Império Russo, que no seu auge chegou a abranger a sexta parte da Terra, com quinze zonas horárias em sua extensão e a incorporação de cerca de 160 grupos étnicos diferentes. Os anos derradeiros desse Império, sob o governo de Nicolau II, são apresentados com base na análise da construção da ferrovia Transiberiana, na virada do século XIX para o XX, e na derrota da Rússia na guerra que travou contra o Japão entre 1904 e 1905.

Para desenvolver

Revolução democrático-burguesa e a revolução socialista

Explique aos estudantes que os sociais-democratas europeus, incluindo os russos, adotavam as ideias de Karl Marx sobre a revolução em duas etapas. No caso de países de economia agrária e de fraca industrialização, a proposta era a da “revolução democrático-burguesa”. Nesse sentido, caberia à burguesia instituir o regime liberal-democrático e investir na expansão industrial do país. Com o país amplamente industrializado e uma classe operária forte, haveria condições favoráveis para a segunda revolução, a socialista.

Fique ligado

WILSON, Edmund. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

Obra escrita originalmente em 1940 pelo escritor e historiador estadunidense Edmund Wilson (1895-1972), sobre os movimentos e ideias socialistas na Europa entre os séculos XIX e XX.

LENIN, Vladimir. *Projeto de Programa do Partido Operário Social-Democrata da Rússia, 1902*. Disponível em: <www.marxists.org/portugues/lenin/1902/02/projeto.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

Obra produzida por Lenin, no momento em que cresciam as divergências de opiniões no interior de tal organização política, divergências que em 1903 conduziram à formação de dois grupos nesse partido, os bolcheviques, liderados por Lenin, e os mencheviques, cujas principais lideranças eram Julius Martov e George Plekhanov.

Bolchevique: em russo, significa “maioria”.
Menchevique: expressão russa que pode ser traduzida como “minoria”.

O Partido Operário Social-Democrata Russo

As injustiças sociais eram muitas e revoltaram o jovem Stalin, que aderiu aos ideais socialistas aos 19 anos.

O maior movimento político de esquerda era o Partido Operário Social-Democrata Russo (POS DR). Vários intelectuais, influenciados pelas ideias de Karl Marx e Friedrich Engels, fundaram o partido em 1898. Entre eles destacava-se Vladimir Ilitch Ulianov, mais conhecido como Lenin.

Nessa época, Stalin foi expulso do seminário por propagar a doutrina marxista, e entrou para o Partido Operário Social-Democrata Russo. No partido, ele participou de greves, manifestações de rua, comícios, reuniões secretas com operários, distribuição de panfletos em portas de fábricas, entre outras atividades.

No entanto, a partir de 1903, o POS DR se dividiu em dois grupos: os **bolcheviques** e os **mencheviques**. Os bolcheviques, liderados por Lenin, queriam militantes dedicados exclusivamente ao partido. Os mencheviques defendiam que qualquer pessoa poderia aderir ao POS DR. Stalin concordou com os bolcheviques. Mas um destacado militante, Leon Trotski, preferiu a proposta dos mencheviques. O partido ficou dividido e, em 1912, rompeu-se definitivamente, formando o Partido Bolchevique e o Partido Menchevique.

CÁ ENTRE NÓS

Além do POS DR, existiam duas outras importantes organizações de esquerda na Rússia: os narodniks, palavra que foi traduzida para o português como “populista”, defendiam que os camponeses fariam a revolução socialista; e o Partido Socialista-Revolucionário (SR), que conquistou o apoio dos camponeses por defender a reforma agrária.



Trabalhadores almoçam sopa de repolho com peixe na Rússia. Nas cidades, os operários viviam na pobreza. Coleção Staperton. Fotografia do final do século XIX.

▶ A revolução de 1905

Em 1905, a Rússia foi derrotada na guerra contra o Japão – o que aumentou o descontentamento da população com Nicolau II.

Em janeiro de 1905, cerca de 200 mil operários declararam greve geral na cidade de São Petersburgo, então capital do país.

Liderados por um padre, milhares de operários marcharam em direção ao palácio do czar. Muitos deles carregavam imagens de santos e retratos de Nicolau II. Inesperadamente, a polícia atirou nos manifestantes, matando 92 pessoas e ferindo milhares de operários. O episódio ficou conhecido como “Domingo Sangrento”.

Domingo sangrento, óleo sobre tela de Ivan Vladimirov, 1905. Muitos anos depois do episódio conhecido como “Domingo Sangrento”, o artista plástico soviético Ivan Vladimirov elaborou uma representação do evento de acordo com as regras do Realismo socialista, estilo artístico oficial na União Soviética. Museu da Revolução, Moscou, Rússia.



Sovfoto/UiG/Getty Images

Os operários ficaram desiludidos com o czar. Greves eclodiram em várias cidades do país. Os camponeses se rebelaram exigindo terras. Em junho, marinheiros tomaram o **encouraçado** Potemkin, exigindo melhor alimentação e o fim dos castigos físicos.

Encouraçado:
navio de guerra.

A convocação da Duma

Diante de tantas pressões políticas, Nicolau II admitiu a convocação de eleições, a formação de uma Duma (parlamento, em russo) e a adoção de uma Constituição para o país. O czar garantiu que o país se tornaria uma monarquia constitucional, como ocorria na maioria dos países europeus. Mas ele não cumpriu com sua promessa.

FIQUE DE OLHO

O encouraçado Potemkin (URSS).
Direção de Sergei Eisenstein, 1925. 74 min.

O filme trata da revolta dos marinheiros do encouraçado Potemkin durante a Revolução de 1905. Tornou-se um clássico do cinema mundial.

■ Para desenvolver

Crise na Rússia

Exponha para a turma, de modo circunstanciando, as consequências sociais e políticas da derrota da Rússia para o Japão na guerra que travaram, entre 1904 e 1905, pelo controle da Manchúria, realçando também para os alunos, por meio da análise da imagem referente ao “Domingo Sangrento” em São Petersburgo, a forma violenta como o governo czarista reprimia as manifestações populares nessa época. Enfatize ainda que o czar Nicolau II não cumpriu as promessas após a revolução de 1905, uma vez que, logo após a Duma aprovar o sistema eleitoral e outras reformas, mandou o exército fechá-la.

Atividade complementar

O encouraçado Potemkin

Selecione e exiba para a turma um trecho, com cerca de 15 a 20 minutos, do filme *O encouraçado Potemkin*, produzido em 1925 pelo cineasta russo Sergei Eisenstein [1898-1948], estabelecendo, em seguida, um debate para que os alunos possam se expressar oralmente sobre a forma com que regimes autoritários, como o de Nicolau II, lidavam com as manifestações populares nessa época.

De olho na BNCC

Ao tratar da participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial, o capítulo promove o trabalho em sala de aula com a seguinte habilidade:

- EF09HI10 – Identificar e relacionar as dinâmicas do capitalismo e suas crises, os grandes conflitos mundiais e os conflitos vivenciados na Europa.

Professor, nesse sentido, é importante por um lado incentivar a turma a se expressar oralmente sobre as causas centrais da Grande Guerra e dos dois blocos geopolíticos que se defrontaram nesse contexto, temas amplamente debatidos no capítulo 1; por outro lado, realce que as revoluções de fevereiro e outubro na Rússia, no ano de 1917, também foram importantes consequências da Primeira Guerra Mundial.

Para desenvolver Soviete

Nas democracias liberais, o deputado é eleito pelo povo para um mandato com duração fixa. Há o risco de ele não cumprir suas promessas eleitorais. O caso dos sovietes era diferente. Ele não se tornava deputado pelo voto da população, mas por eleitorado bastante determinado: operários de uma fábrica, soldados de um quartel ou empregados de qualquer local de trabalho. Seu mandato não era fixo, e ele poderia ser destituído a qualquer momento. Ele também tinha a obrigação de defender os interesses dos trabalhadores que o elegeram.

Comitê Central:
órgão decisório máximo do partido.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que durante as greves de 1905 operários criaram um conselho (soviete em língua russa) que os representaria. Os membros desse conselho eram eleitos, mas não tinham mandato fixo e executariam as decisões dos próprios operários. A partir daí, surgiram centenas de sovietes na Rússia.

As mulheres participaram da Revolução de Fevereiro de 1917. Em um protesto na avenida Nevsky, em Petrogrado, seus cartazes exigiam o direito de votar. Museu Estatal de História Política da Rússia, São Petersburgo, Rússia.

Stalin, na época, era militante bolchevique na distante região do Cáucaso. Ele vivia exclusivamente para o partido. Eram militantes assim que Lenin queria para o Partido Bolchevique. Por indicação dele, Stalin assumiu cargo no Comitê Central do partido. A partir daí ele não atuaria como simples militante em região distante dos principais centros, mas faria parte da direção do partido em Moscou.

A Rússia na Primeira Guerra Mundial

Nicolau II cometeu um erro grave ao decidir que a Rússia entraria na Primeira Guerra Mundial, em 1914. Não havia armas e munições suficientes para os soldados lutarem. Havia até mesmo dificuldade de alimentá-los. As derrotas para os exércitos alemães eram sucessivas durante a Grande Guerra. Quase 2 milhões de homens morreram nos campos de batalha.

Em 1916, greves ocorreram em várias cidades e milhares de soldados abandonaram os campos de batalha. A alta dos preços e a falta de mercadorias levaram a Rússia ao colapso econômico.

A Revolução de Fevereiro de 1917

Diante da grave crise vivida pelo país, a oposição liberal-democrata liderou uma revolução que derrubou o czar do poder, em fevereiro de 1917. A Revolução de Fevereiro instituiu na Rússia a forma de governo republicana com um regime parlamentar liberal-democrático. O poder executivo passou a ser exercido pelo primeiro-ministro eleito pela Duma.

Na capital, Petrogrado, os operários e os soldados criaram um soviete, liderado por Leon Trotski. Nessa época, Trotski, com o apoio de Lenin, aderiu ao Partido Bolchevique.

A Duma e o soviete de Petrogrado estavam constantemente em conflito. Os deputados da Duma queriam que a Rússia continuasse na guerra, lutando ao lado dos ingleses e franceses. Também queriam elaborar uma Constituição para o país e consolidar o sistema de governo liberal-democrático.

O soviete de Petrogrado tinha outros objetivos: o fim da guerra, melhorar a vida dos operários e distribuir terras para os camponeses.



DOCUMENTO

O soviete de Petrogrado, o povo e a democracia
(27 de fevereiro de 1917)

O antigo regime conduziu o país à ruína e a população à fome. Era impossível suportá-lo por mais tempo e os habitantes de Petrogrado saíram às ruas para demonstrar seu descontentamento. Foram recebidos a tiro. [...]

Mas os soldados não quiseram agir contra o povo e se voltaram contra o governo. Reunidos, apoderaram-se dos arsenais, dos fuzis e de importantes órgãos do poder. [...]

A fim de ganhar esta luta pela democracia, o povo deve criar seus próprios órgãos de governo. Ontem, 27 de fevereiro, formou-se um *Soviet* de deputados operários composto dos representantes das fábricas, das oficinas, dos partidos e organizações democráticos e socialistas. O *Soviet*, instalado na Duma, impôs-se como tarefa essencial organizar as forças populares e lutar pela consolidação da liberdade política e do governo popular.

FERRO, Marc. *A Revolução Russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 105-106.



- O documento acima foi redigido por líderes do soviete de Petrogrado logo após a Revolução de Fevereiro de 1917. Eles propunham democratizar a Rússia a partir de duas iniciativas: a participação popular e a reforma eleitoral. Comente as duas propostas do soviete de Petrogrado.



Todo o poder aos sovietes

Em abril, Lenin exigiu o fim do governo da Duma e defendeu o lema: “Todo o poder aos sovietes”. Para ele, a revolução socialista deveria ocorrer imediatamente.

Imaginem uma panela de pressão prestes a explodir. Era o que ocorria na Rússia em 1917: os soldados exigiam o fim da guerra e abandonavam os campos de batalha; os camponeses tomavam as terras dos grandes proprietários; nas fábricas, operários grevistas exigiam melhores condições de vida.

O primeiro-ministro Alexander Kerensky, um social-democrata, mesmo com apoio da Duma, não conseguia dar solução para tantos problemas. Assim, em outubro daquele ano, a panela de pressão explodiu: outra revolução aconteceu.

Popperfoto/Getty Images



Automóvel com bolcheviques armados patrulham as ruas de Petrogrado, Rússia, durante a Revolução de Outubro. Fotografia de outubro de 1917.

Para desenvolver

Lenin e a Revolução Russa

Comente com a turma que durante a Revolução de Fevereiro de 1917, Vladimir Lenin estava exilado na Suíça. Mas o governo alemão permitiu que ele atravessasse o país para retornar à Rússia, acreditando que ele provocaria novas crises políticas que poderiam levar a Rússia a sair da Primeira Guerra Mundial. Viajando em um trem blindado, ele chegou a Petrogrado defendendo as chamadas Teses de Abril, ou seja, afirmando que a revolução em curso deveria ser socialista.

Documento

- Espera-se que os alunos comentem que, no primeiro caso, os líderes dos sovietes propunham que o povo se organizasse em comitês para administrar os bairros e criasse um governo popular. No segundo caso, defendiam eleições com voto direto e secreto para a formação de uma Assembleia Constituinte que elaboraria uma Constituição para o país.

Fique ligado

LENIN, Vladimir. *Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução, 1917*. Disponível em: <www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm>. Acesso em: 15 out. 2018.

Texto escrito por Lenin em sua viagem de retorno à Rússia e publicado em 7 de abril de 1917 no jornal *Pravda*, contendo as Teses de Abril.

A História não está sozinha

Matemática

1. Dia 8 de março.
2. Um calendário é uma construção das sociedades e não uma verdade absoluta. A maneira de medir e calcular o tempo resulta da história das sociedades, de suas relações com a natureza e de seu desenvolvimento técnico-científico. Portanto, os calendários são construções históricas e culturais.

Fique ligado

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2010.

Obra em que o jornalista e ativista estadunidense John Reed (1887-1920) narra os acontecimentos que viveram na cidade de Petrogrado naquele mês emblemático de 1917.

100 anos da Revolução Russa. *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <<http://infograficos.estado.com.br/internacional/100-anos-revolucao-russa/>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

Em 2017, para marcar o centenário da Revolução de Outubro de 1917 na Rússia, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou um infográfico com uma linha do tempo ilustrada do “século soviético”.

Outubro (URSS). Direção de Sergei M. Eisenstein, 1928. 142 min.

Filme de comemoração ao 10º aniversário da Revolução Soviética de 1917, realizado com grandes recursos e utilizando gente do povo que havia realmente participado da Revolução nas ruas.

Reds (EUA). Direção de Warren Beatty, 1981. 194 min.

O filme mostra a vida do jornalista estadunidense John Reed e sua participação nos acontecimentos da Revolução de Outubro, que resultou na mais famosa cobertura jornalística da revolução, imortalizada no livro *Os dez dias que abalaram o mundo*.

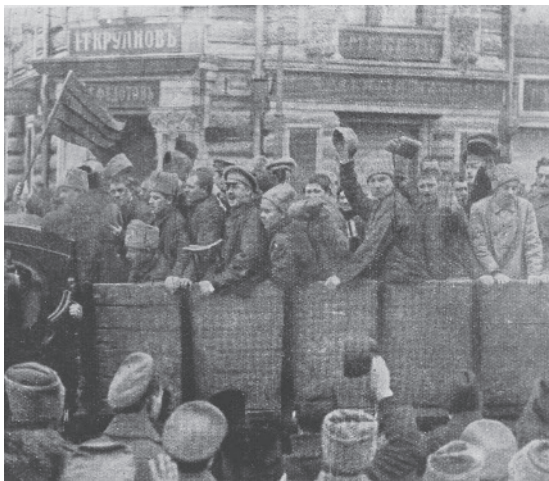
FIQUE DE OLHO

Doutor Jivago (EUA). Direção de David Lean, 1965. 201 min.

Médico russo apaixona-se por uma mulher. Seu amor resiste aos tempos do czar e dos comunistas no poder após a Revolução.

▶ A Revolução de Outubro de 1917

Na noite do dia 24 para o dia 25 de outubro, o Comitê Militar Revolucionário do soviete de Petrogrado, liderado por Trotski, tomou o Palácio de Inverno, sede do governo na Rússia. A Duma foi fechada e o governo de Kerensky deixou de existir. O episódio ficou conhecido como Revolução Soviética, Revolução de Outubro ou Revolução Russa de 1917.



Bolcheviques no caminhão comemoram a tomada do Palácio de Inverno em Petrogrado, Rússia. Coleção particular. Fotografia de 1917.

Ullstein Bild/Easypix

No poder, Lenin emitiu decretos legalizando o que já estava acontecendo na Rússia. Legalizou a posse das terras tomadas pelos camponeses dos grandes proprietários e da Igreja ortodoxa russa; as reivindicações de diversas nacionalidades por seus direitos; a saída do país da guerra; entre outras medidas.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Matemática

Por vezes, o historiador necessita recorrer à matemática em seu ofício. Vejam o caso das revoluções que ocorreram na Rússia em 1917: naquela época, a maioria dos países do Ocidente utilizava o calendário gregoriano, o mesmo que usamos hoje. Ele foi instituído em 1582 pelo papa Gregório XIII.

Entretanto, a Rússia ainda adotava o calendário juliano em 1917. Dessa maneira, quando

dizemos que a Revolução Soviética ocorreu no dia 25 de outubro, estamos nos referindo ao dia do calendário juliano, porque, no gregoriano, a revolução ocorreu no dia 7 de novembro. Uma diferença de 13 dias.

Em fevereiro de 1918, o governo de Lenin adotou o calendário gregoriano, mas o dia 25 de outubro foi preservado como data oficial da Revolução.



- 1 | Pelo calendário juliano, a Revolução de Fevereiro iniciou no dia 23. Se considerarmos o calendário gregoriano, qual foi o dia do início dessa revolução?
- 2 | Com base nas informações acima, podemos afirmar que um calendário é uma construção da sociedade, ou ele representa uma verdade absoluta em termos de periodização do tempo? Justifique sua resposta.

1917: Revolução liberal-democrática derruba a monarquia czarista e estabelece a república na Rússia. Revolução Socialista em outubro.

O governo bolchevique

Uma das maiores reivindicações da população era o fim da participação russa na guerra. O acordo de Brest-Litovsk, assinado com a Alemanha, permitiu à Rússia sair da guerra. Contudo, cláusulas do acordo resultaram em muitas críticas ao governo.

Com o decorrer do tempo, os bolcheviques mostraram-se cada vez mais autoritários.

Primeiro, dominaram os soviets e os sindicatos de trabalhadores, que passaram a apoiar, sem qualquer crítica, o governo de Lenin. O governo também criou uma polícia política, a Tcheka, com a função de vigiar e prender opositores ao regime.

Outra medida autoritária foi dissolver a Assembleia Nacional Constituinte, em janeiro de 1918. Os deputados tinham sido eleitos no ano anterior com a tarefa de escrever uma nova Constituição para o país.

Também em 1918 Lenin mudou o nome do partido, que passou a se chamar Partido Comunista.

O governo bolchevique estatizou grandes empresas, como bancos, empresas de seguros, estradas de ferro, siderúrgicas e empresas de comércio exterior. Pequenos e médios empresários puderam manter seus negócios.

Mesmo antes da revolução, os camponeses tomaram as terras dos grandes proprietários rurais. No ano seguinte, preços dos produtos agrícolas passaram a ser tabelados pelo governo com valores muito baixos. Os camponeses não aceitaram.

A partir daí, militantes do Partido Comunista passaram a invadir as propriedades dos camponeses e tomar os produtos agrícolas à força.

A oposição ao novo regime

Os comunistas na Rússia esperavam que outras revoluções socialistas ocorressem na Europa, principalmente na Alemanha. Assim, eles receberiam apoio político e ajuda econômica para construir o socialismo em seu país.

No entanto, não aconteceram, na Europa, revoluções semelhantes à que ocorreu na Rússia. E, pior, eclodiu uma guerra civil.

Os grupos sociais que perderam o poder com a Revolução de Outubro não se conformaram. Eram ex-empresários e ex-latifundiários, além de membros da nobreza, do clero e militares. Com o apoio de países como Inglaterra, França e Estados Unidos, eles criaram o chamado Exército Branco. O governo comunista, por sua vez, criou o Exército Vermelho, comandado por Trotski.

Receosos de que o Exército Branco restituísse o poder ao czar, os comunistas ordenaram que Nicolau II e sua família fossem fuzilados.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) defende que o desenvolvimento econômico não é sinônimo de desenvolvimento humano.

No Brasil, há o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). Esse índice está disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 21 jun. 2018. Nele você encontra o ranking de todos os municípios brasileiros de acordo com o IDHM, com dados do Censo de 2010.

O IDHM considera três questões para avaliar o desenvolvimento humano: a longevidade, a educação e a renda dos moradores do município. O índice varia de 0 a 1 e, quanto mais próximo de 1, maior é o IDHM.

Consulte no site o IDHM do município em que você mora. Em seguida, discuta com os colegas se o índice é satisfatório e o que pode ser feito para melhorá-lo.

Texto complementar

Indicamos a leitura do artigo acadêmico “Violências de baixo, violências de cima na Revolução Russa”, do pesquisador Nicolas Werth, que analisa como surgiu, a partir da tomada do poder pelos bolcheviques em outubro de 1917, uma “cultura política da violência” na Rússia, uma cultura que se instalou, muito rapidamente, no coração do Estado “sucessor” do ex-império czarista, a URSS. Confira:

Violências de baixo, violências de cima na Revolução Russa

[...] Os conceitos de brutalização e de banalização das violências, propostos por George Mosse, revelam-se particularmente pertinentes para descrever a experiência vivida pela sociedade russa e, posteriormente, soviética, mergulhada entre 1914 e 1922 em uma “guerra prolongada de 8 anos” extraordinariamente violenta.

[...] Defensores de uma ideologia que fazia da violência das massas o motor da História, [...] em uma verdadeira cultura política de guerra civil e em uma ideologia radical e explicativa que legitimava o uso da violência a serviço de um modelo político-militar de construção de uma sociedade nova, os bolcheviques souberam, melhor do que seus adversários, instrumentalizar e canalizar as violências sociais [...].

[...] Por tempo demais, cientistas políticos e historiadores concentraram-se apenas na violência bolchevique, decretada de cima, após outubro de 1917 [...]. A análise das violências que vêm de baixo, oriundas de uma sociedade em guerra, em revolução e em guerra civil foi longamente negligenciada. [...] Hoje em dia, principalmente graças a toda uma série de trabalhos recentes [...] e à luz dos arquivos abertos desde a dissolução da URSS, é possível entender melhor a interação entre as violências sociais “de baixo” da Rússia em revolução e as violências políticas de cima, sobretudo a violência política bolchevique (mas não unicamente); entre a “brutalização” oriunda da Primeira Guerra Mundial e as “culturas políticas” (bolchevique e antibolchevique) implantadas a partir de 1917; entre a violência política “vermelha” e a violência política “branca”.

WERTH, Nicolas. Violências de baixo, violências de cima na Revolução Russa. *Lua Nova*: revista de cultura e política, n. 75, São Paulo, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452008000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2018.

Para desenvolver

A Assembleia Nacional Constituinte

Na análise com a turma das primeiras medidas adotadas pelos bolcheviques logo após tomarem o poder, ressalte que nas eleições para a formação de uma Assembleia Nacional Constituinte, os social-revolucionários elegeram 370 parlamentares e os bolcheviques, 175. Após a derrota, os Guardas Vermelhos Bolcheviques, sob ordens de Lenin, fecharam a Assembleia Nacional Constituinte, sob a alegação de que o verdadeiro poder emanava dos soviets, e não do Parlamento.

O seu lugar na História

Esta atividade permite aos estudantes uma reflexão a respeito da situação econômica e social dos habitantes de sua própria cidade. É um momento para que a turma discuta ações políticas e sociais em voga no município e quais poderiam ser colocadas em prática a fim de melhorar as condições de vida de todos.

Para desenvolver

Cartazes da revolução

Analise com a turma as mensagens presentes nos dois cartazes soviéticos na página 34 do livro do aluno, expondo as características centrais do regime político e econômico comandado pelos bolcheviques tanto durante a guerra civil, entre 1917 e 1921, quanto nos anos da Nova Política Econômica (NEP), iniciada por Vladimir Lenin em fins de 1921 e abandonada por Joseph Stalin em 1928, quando foi lançado o I Plano Quinquenal (1928-1932).

O exílio de Trotski

Explique para seus alunos que Leon Trotski exilou-se no México em 1936, onde continuou a fazer oposição a Joseph Stalin, e fundou a IV Internacional. Em maio de 1940, um militante comunista, Ramón Mercader, a mando de Stalin, matou Trotski com um golpe de picareta em sua cabeça.



Cartaz de propaganda do governo comunista incentivando as tropas do Exército Vermelho a derrotar o Exército Branco, liderado pelo general Wrangel. No cartaz, de c. 1920, está escrito: "Wrangel ainda está vivo. Bata nele sem piedade!". Arquivo Gerstenberg.

O comunismo de guerra

Para enfrentar a guerra civil, o governo russo implantou medidas drásticas, conhecidas como **comunismo de guerra**. As empresas comerciais, industriais e de serviços tornaram-se propriedades do governo e todos passaram a ganhar o mesmo salário. Os preços passaram a ser determinados pelo governo. Com a guerra civil e a desestruturação econômica, a alta dos preços foi tão grande que já não se usava dinheiro nas transações comerciais.

A guerra civil chegou ao fim em 1921 com a vitória do Exército Vermelho. Mas a Rússia estava destruída.

Com a vitória dos comunistas na guerra civil, Lenin instituiu o regime de partido único. Somente o Partido Comunista poderia atuar legalmente, proibindo também a existência de oposições dentro do próprio partido.

A Nova Política Econômica – NEP

Após a guerra civil, o país estava destruído: desemprego, alta dos preços, desorganização da economia, queda da produção industrial e agrícola. A insatisfação de operários e camponeses era enorme.

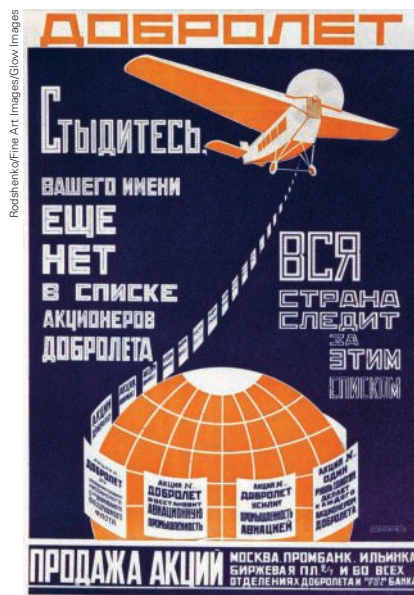
Para recuperar a economia do país, em 1921, Lenin propôs ao Partido Comunista suspender a economia do comunismo de guerra e adotar algumas medidas capitalistas. A esse conjunto de medidas ele deu o nome de Nova Política Econômica (NEP).

Nesse retorno limitado à economia de mercado, os camponeses podiam vender seus produtos livremente nas feiras. Algumas empresas estatizadas foram devolvidas aos seus donos. Lenin também quis atrair empresas estrangeiras, mas elas não investiram na Rússia. O resultado da NEP foi a elevação da produção agrícola, embora a recuperação industrial fosse pequena.

Em 1922, Stalin foi indicado por Lenin para o cargo de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. No cargo, Stalin se tornou muito conhecido no Partido Comunista e em todo o país.

Lenin morreu em 1924. Na sua ausência, era o secretário-geral quem realmente governava o país. E quem estava no poder era Stalin. A outra liderança expressiva no Partido Comunista era Leon Trotski, que passou a liderar a oposição.

A maioria no Partido Comunista apoiou Stalin e, em 1929, Trotski foi expulso do país.



Neste cartaz de propaganda de 1923, o governo comunista, durante a NEP, incentivava a população a comprar ações de empresa de aviação. Uma das frases diz: "Crie vergonha. Seu nome ainda não está na lista de acionistas do Dobroliet. O país inteiro acompanha esta lista". Coleção particular.

OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

Lenin

De família de classe média, Lenin (Vladimir Ilitch Uliianov) nasceu em 1870. Estudou Direito e, na universidade, tomou conhecimento das ideias marxistas. Ele se envolveu em atividades revolucionárias e foi condenado à prisão na Sibéria, em 1897, o que o levou ao exílio em 1900.

Lenin participou do II Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo em 1903, quando o partido se dividiu; tornou-se líder da ala bolchevique. Depois das revoltas de 1905, Lenin continuou exilado na Europa.

Lenin retornou à Rússia em 1917 e liderou a revolução que ocorreu em outubro. Assumiu

a presidência do Conselho de Comissários do Povo e, conseqüentemente, o poder no país. Foi o responsável pelo comunismo de guerra e pela Nova Política Econômica. Decretou o regime de partido único no país e proibiu as facções e os debates internos dentro do Partido Comunista, criando uma estrutura partidária rigidamente disciplinada.

A partir de maio de 1922, Lenin sofreu vários acidentes vasculares cerebrais (AVC) e faleceu em 1924. Para homenageá-lo, o governo soviético embalsamou seu corpo e o expôs à visitação em um mausoléu construído em Moscou.

Sputnik/Agência France-Presse



Na praça Vermelha, em 1ª de maio de 1919, Lenin participa das comemorações do Dia do Trabalho junto com o povo. Instituto de Marxismo-Leninismo, Moscou, Rússia.



- Discuta com seus colegas por que, em sua opinião, o corpo de Lenin foi preservado e posto em exibição. Qual é o significado desse ato?

Outras histórias

Personagens

- Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes possam chegar à conclusão de que o embalsamamento de Lenin tinha o objetivo de lembrar ao povo sua atuação na Revolução Russa.

Fique ligado

Um homem com uma câmera (URSS). Direção de Dziga Vertov, 1929. 68 min.

O filme documenta a vida dos habitantes de uma cidade soviética no final dos anos 1920. Seus atores são as máquinas e as pessoas da cidade, filmadas em todos os tipos de situações, com a câmera seguindo todos os seus movimentos.

Para desenvolver

Os Planos Quinquenais

Na exposição sobre as características e os resultados dos planos quinquenais na URSS durante os anos 1930, resalte também para a turma que os Estados Unidos e a Inglaterra sofriam, nessa época, com a crise econômica de 1929 e não se importaram de vender máquinas e equipamentos para a União Soviética. Naquele período, não havia a preocupação com transferência de tecnologia. Somente após 1947, com a eclosão da Guerra Fria, os países capitalistas alinhados com os Estados Unidos decidiram impedir qualquer transferência de tecnologia para a União Soviética.

O que há na imagem?

O pôster de propaganda política apresenta a coletivização no campo como um grande sucesso. Nele, estão presentes máquinas colheitadeiras, tratores e caminhões que permitem colheitas agrícolas fartas. Mas os pôsteres de propaganda política não estavam de acordo com o que ocorria na época: o trabalho no campo ainda era realizado com ferramentas manuais, as colheitas eram reduzidas e a insatisfação dos camponeses com as fazendas coletivas era grande.

Plano Quinquenal: plano político definido para um prazo de 5 anos. O primeiro plano quinquenal implantado na Rússia foi formulado a partir de metas para a industrialização do país e a coletivização do campo entre os anos 1928 e 1932.

VOCE JÁ OUVIU FALAR

... em URSS? Em 1922, os comunistas mudaram o nome do país para União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Tratava-se do reconhecimento das múltiplas nacionalidades reunidas no país. Na prática, havia o domínio da República da Rússia sobre todas as outras.

1922: Tratado cria a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas; Stalin assume o cargo de secretário-geral do Partido Comunista.

➤ A construção do socialismo soviético

Para Stalin e os militantes do Partido Comunista, a “construção do socialismo” no país exigia duas medidas: acabar com a propriedade camponesa da terra e industrializar o país. Os recursos para investir na industrialização viriam da exportação de alimentos e de impostos cobrados sobre os camponeses. A formação de fazendas coletivas e a industrialização faziam parte do **Plano Quinquenal**, anunciado por Stalin em 1929.

No início de 1930, começou a primeira fase da “construção do socialismo”: a coletivização do campo. As terras dos camponeses foram tomadas à força. Quem resistisse era mandado para as regiões geladas da Sibéria ou era fuzilado.

Cerca de 100 milhões de camponeses passaram a viver em *kolkhozes* (em russo, fazendas coletivas), que eram, em suma, fazendas do Estado. Em 1935, cerca de 98% dos camponeses trabalhavam nos *kolkhozes*.

Nas fazendas coletivizadas, os camponeses eram empregados do Estado e recebiam salários baixos. A produção agrícola pertencia ao governo e o lucro da sua venda seria utilizado para financiar a industrialização. Os camponeses viviam desestimulados, o que resultou na queda da produção agrícola.

🔍 QUE HÁ NA IMAGEM?

Descreva em seu caderno, com detalhes, o pôster do governo de Stalin apresentado abaixo. Em seguida, discuta com seus colegas: De que maneira essa imagem apresenta a coletivização no campo?



Pôster de propaganda política do governo, de 1930, dizendo: “Dia da colheita e da coletivização”. Biblioteca Nacional Russa, Moscou, Rússia.

Fique ligado

Entusiasmo: a sinfonia de Donbass (URSS). Direção de Dziga Vertov, 1931. 67 min.

Primeiro filme sonoro de Vertov, que aborda o trabalho no campo e em fábricas e minas soviéticas durante o Primeiro Plano Quinquenal, iniciado em 1928. Trata-se de uma conchamação para que camponeses, operários industriais, mineiros e a juventude comunista se empenhem para atingir as metas de produção e garantir avanços no processo de construção do modelo de socialismo concebido por Stalin.

Três canções para Lenin (URSS). Direção de Dziga Vertov, 1934. 62 min.

Filme produzido para marcar o décimo aniversário de morte de Vladimir Lenin e que reúne imagens tanto desse líder soviético no poder e durante o seu funeral, em 1924, quanto do desenvolvimento social e econômico do URSS sob o governo centralizado de Joseph Stalin.

A industrialização soviética

Terminada a coletivização do campo, começou a segunda fase da “construção do socialismo”: a industrialização do país. O governo de Stalin contratou técnicos e engenheiros ingleses e estadunidenses e importou máquinas e tecnologia.

Stalin privilegiou a indústria pesada – petróleo, aço, hidrelétricas, aviões, turbinas, tratores, etc. A indústria de bens de consumo popular era muito pequena. Assim, o mesmo país que fabricava toneladas de aço, tinha dificuldades de produzir sapatos e botões para camisas.

Apesar do fracasso na produção agrícola e dos poucos investimentos em bens de consumo, no final dos anos 1930, a União Soviética se tornou um país industrializado.

Produção industrial na URSS: 1900-1940 (em milhões de toneladas)					
	1900	1913	1929	1938	1940
Carvão	16,0	36,0	40,1	132,9	164,9
Ferro	2,7	4,8	8,0	26,3	14,9
Aço	2,5	5,2	4,9	18,0	18,4

Produção de grãos na URSS: 1913-1937									
Colheita real de grãos (em milhões de toneladas)									
1913	1928	1929	1930	1931	1932	1933	1934	1936	1937
80,1	73,3	71,7	83,5	69,5	69,6	68,4	67,6	56,1	97,4

Fonte: LOWE, Norman. *História do mundo contemporâneo*. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 383 e 387.

O Grande Terror Stalinista

Stalin alcançou grande prestígio no Partido Comunista. Mas muitos militantes o criticavam pelas brutalidades que ocorreram durante a coletivização do campo.

Diante das críticas, Stalin, em 1935, denunciou a presença de inimigos e sabotadores dentro do Partido Comunista.

Em 1936, começaram as perseguições da polícia política, que passou a prender pessoas inocentes. Por meio de torturas, admitiram culpas por crimes que não cometeram. Milhões de pessoas foram fuziladas ou presas em campos de concentração.

O stalinismo

Durante o Grande Terror Stalinista ninguém ousava criticar Stalin. Em 1938, as perseguições em massa acabaram, mas qualquer um que manifestasse oposição poderia ser preso.

Ao mesmo tempo, o Estado começou a produzir propaganda política elogiosa a Stalin. Em filmes, cartazes, panfletos e outros meios de comunicação, ele era apresentado como líder infalível que deveria ser amado pelo povo. Entre os títulos dados a Stalin estavam: “Guia genial dos povos”, “Locomotiva da História”, “Guia do proletariado mundial” e “Construtor do socialismo”.

FIQUE DE OLHO

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Os animais se revoltam contra a exploração pelo proprietário da fazenda e tomam o poder. O autor do livro utiliza a fábula para criticar o regime comunista sob o domínio de Stalin.

Atividade complementar

Planos Quinquenais

No início da aula sobre a economia da URSS durante a aplicação dos Planos Quinquenais, oriente os alunos para que analisem os quadros estatísticos presentes na página do livro do aluno com base nas duas questões abaixo:

1. No caso da indústria, por que podemos afirmar que o modelo planejado foi um sucesso?
2. Como avaliar o desempenho da produção agrícola do país após a coletivização do campo?

Professor, por meio dos quadros estatísticos “Produção industrial na URSS: 1900-1940 [em milhões de toneladas]” e “Produção de grãos na URSS: 1913-1937”, analise com a turma os resultados negativos e positivos alcançados pelos Planos Quinquenais aplicados na URSS a partir de 1928. Ressalte que, no caso da indústria, esse modelo de economia planejada foi muito bem-sucedido. Os números da produção de carvão, ferro e aço são muito próximos em 1913 e 1929 – antes e depois da Revolução Russa de 1917. A partir de 1931, com o Plano Quinquenal, a produção industrial cresceu muito, mas com a agricultura foi diferente. Os números da produção agrícola após a coletivização do campo foram menores que os de antes da Revolução de 1917, pelo menos até 1936. Somente em 1937 a produção de grãos superou o período anterior à revolução, mesmo assim por pouco.

Para desenvolver

O poder de Stalin

Ao falar sobre o stalinismo, ressalte para a turma que no posto de secretário-geral do Partido Comunista, Stalin tinha poderes para promover pessoas a cargos de sua confiança em diversas partes do país. Desse modo, aos poucos ele foi dominando a máquina partidária com homens que o apoiavam e, por extensão, apoiavam o próprio governo.

Outras histórias

Artes

- Resposta pessoal. Os alunos devem reconhecer que a tela segue as regras do Realismo socialista e que a cena é de uma fábrica de tecidos, na qual o pintor procura representar o ambiente de trabalho com grande número de detalhes. Diante das máquinas, as operárias dedicam-se ao trabalho e, dessa forma, contribuem para o crescimento do país. Suas expressões faciais não denotam nenhuma preocupação, mostrando também que estão concentradas no trabalho.

Atividade complementar

Realismo socialista

No Brasil, o maior representante do Realismo socialista na literatura foi Jorge Amado; o melhor exemplo é sua trilogia *Os subterrâneos da liberdade*. Mas, em 1956, ele rompeu com o Partido Comunista e, dois anos depois, publicou *Gabriela, cravo e canela*, abandonando aquele estilo artístico. Oriente os alunos a realizar uma pesquisa sobre a relação desse escritor brasileiro, entre os anos 1930 e 1950, com a cultura política comunista daquela época.

Fique ligado

CESAR, João Batista. Um amado comunista. *Caros amigos*, 30 nov. 2017. Disponível em: <www.carosamigos.com.br/index.php/cultura/11413-um-amado-comunista>. Acesso em: 15 out. 2018.

Artigo que ajuda a ampliar os conhecimentos sobre a obra de Jorge Amado.

OUTRAS HISTÓRIAS ARTES

Realismo socialista

O Realismo socialista foi uma expressão artística que surgiu nos anos 1920 na União Soviética. Tornou-se arte oficial a partir de 1934, no governo de Stalin. Na pintura, escultura, literatura, teatro, poesia, música, entre outras manifestações no campo da arte, determinadas regras deveriam ser obedecidas. Inovações eram proibidas.

Os artistas deveriam ser associados a organizações vinculadas ao Partido Comunista, ou não poderiam exercer a profissão. As obras deveriam ser acessíveis à compreensão do povo e com mensagens que elogiassem o regime soviético e o socialismo. Os personagens das

obras deveriam ser operários, camponeses, soldados ou homens do povo, sempre fortes, felizes e saudáveis. Todos deveriam ser representados dedicando-se à construção do socialismo, nas fábricas, fazendas e campos de batalha.

Na literatura, por exemplo, os personagens não tinham dúvidas, incertezas, dilemas ou ambiguidades.

Todos estavam empenhados na construção do socialismo e, via de regra, um "inimigo do povo" tentava sabotar o trabalho de todos, mas logo era descoberto por membros do Partido Comunista. Ao final, todos ficavam felizes.



Setor de tecelagem, óleo sobre tela de Aleksandr Samochvalov, 1929. Museu Russo, São Petersburgo, Rússia.

- Em dupla, descrevam a imagem no caderno. Em seguida, justifiquem o motivo pelo qual ela pode ser relacionada ao Realismo socialista.

O socialismo soviético

A palavra **socialismo** tem muitos significados. A proposta mais conhecida no mundo foi o socialismo construído na União Soviética na época de Stalin, chamado de **socialismo soviético**.

Os fundamentos do socialismo soviético foram estabelecidos na época do **comunismo de guerra**: a estatização da economia, a suspensão da economia de mercado, o planejamento econômico estatal, o sistema de partido único, a perseguição policial a qualquer oposição ao regime e o controle dos meios de comunicação pelo Estado. Stalin acrescentou outras práticas, como a coletivização da agricultura, a ênfase na indústria pesada e o culto ao líder, visto como pessoa infalível.

O socialismo soviético na época de Stalin conjugou a repressão política, o crescimento industrial e a melhoria de vida da população. Milhões de camponeses que foram para as cidades ascenderam socialmente. As mulheres tiveram seus direitos reconhecidos, acesso a emprego e se libertaram da opressão de pais e maridos. Um dos grandes avanços do regime foi na área da educação. O analfabetismo caiu drasticamente. O Estado criou sistemas de educação, saúde, assistência médica e habitação básica para todos.

O poder de Stalin, portanto, não se explica apenas pela repressão política. Não se deve esquecer de que milhões de pessoas sofreram com a coletivização dos campos e com as perseguições políticas. Mas outros milhões de pessoas, que foram beneficiadas pela industrialização acelerada e pelas políticas sociais, apoiaram o regime soviético e o próprio Stalin.



Cartaz soviético de autoria de Gustav Klutsis, 1930. O cartaz convoca a população a cumprir as metas do Plano Quinquenal. Nele, pode-se ler: "Vamos executar este grande projeto!". Coleção particular.

Para desenvolver Socialismo

Procure analisar com a turma os diversos significados do termo "socialismo", dando ênfase às características centrais do "socialismo soviético", tanto nos anos imediatamente posteriores à Revolução de Outubro quanto durante os anos de aplicação dos três primeiros Planos Quinquenais, entre o final dos anos 1920 e o início da década de 1940, quando a URSS era governada por Joseph Stalin.



PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 26?

Créditos das imagens de baixo para cima:
Fine Art Images/EasyPix; Communist Leader Leon Trotsky; Fine Art Images/Heritage Images/Getty Images; akig-images/Album/Fotoarena; adoc-photos/Album Art; Fotoarena; Sputnik/Agência France-Press; Agência France-Press

39

Fique ligado

REABILITAÇÃO de Stalin avança na Rússia. *Istoé Dinheiro*. Disponível em: <<https://www.istoedineiro.com.br/reabilitacao-de-stalin-avanca-na-russia/>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Artigo da *Agence France-Presse*, reproduzido pela revista *Istoé Dinheiro*, que sustenta que a personalidade de Joseph Stalin continua a dividir a sociedade russa entre os que o enxergam como principal responsável pela industrialização do país e a vitória sobre a Alemanha nazista e os que o encaram como tirano, responsável por milhões de mortos e por inúmeras perseguições aos que ousavam se opor a seu regime.

O STALINISMO ainda perdura. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/20/cultura/1532089646_961876.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

Entrevista com o escritor e historiador britânico Simon Sebag Montefiore, estudioso do período stalinista.

Stalin (EUA/Hungria). Direção de Ivan Passer, 1992. 173 min.

O filme narra a trajetória de Stalin à frente do poder na União Soviética.

O círculo do poder (Rússia/Itália/EUA). Direção de Andrei Konchalovsky, 1991. 137 min.

Funcionário encarregado de projetar filmes vive o autoritarismo do regime soviético sob a liderança de Stalin.

A morte de Stalin (EUA/França/Reino Unido). Direção de Armando Iannucci, 2018. 108 min.

Em estilo de comédia dramática, filme traz narrativa sobre como a morte de Stalin abre uma luta pelo poder entre os homens mais próximos a ele.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 26 e as respostas que eles deram a tal questão. A seu critério, a seguir, estabeleça um debate sobre os problemas enfrentados e avanços verificados pela sociedade soviética na década de 1930, em especial, no período em que sucessivos Planos Quinquenais foram implementados na URSS sob a direção cada vez mais centralizada e autoritária de Joseph Stalin.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. A economia russa era predominantemente rural e as poucas indústrias do país pertenciam a empresas estrangeiras. A maioria da população era constituída de camponeses explorados pelos grandes proprietários rurais. Nas cidades, os operários viviam em grande pobreza. Os setores sociais privilegiados eram os empresários, os grandes proprietários de terra, os militares de alta patente, os nobres e o alto clero.
2. Na Revolução de 1905, os soviets surgem no curso de um conjunto de greves operárias por melhores salários, de revoltas camponesas por terra e do levante dos marinheiros do encouraçado Potemkin, que exigiam melhor tratamento militar. Na revolução de fevereiro de 1917, liderada por liberais-democratas, o czar perdeu o poder com a instituição de uma república democrática parlamentarista. Na revolução de outubro 1917, liderada pelos bolcheviques, o socialismo é implantado na Rússia.
3. Para fazer frente à grave situação econômica e à grande destruição material resultante da guerra civil (1918-1921), o governo bolchevique implantou o chamado “comunismo de guerra”, englobando: estatização das grandes empresas; salário igual para todos os trabalhadores; tabelamento de preços; expropriação pelo governo das colheitas para alimentar as tropas e abastecer as cidades.
4. A NEP objetivava estimular a economia de mercado, dando aos camponeses a liberdade de vender seus produtos nas feiras, permitindo a propriedade privada dos meios de produção e a entrada do capital estrangeiro na Rússia. O resultado da NEP foi o aumento da produção agrícola e uma pequena recuperação da produção industrial.
5. A primeira foi a coletivização do campo, com o Estado se apossando de terras de milhões de camponeses,



40

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Descreva a situação econômica e social da Rússia na época do czar Nicolau II.
- 2 | Diferencie as três grandes revoluções que ocorreram na Rússia: a de 1905, a de fevereiro e a de outubro de 1917.
- 3 | Durante a guerra civil, o governo bolchevique instituiu a política econômica conhecida como “comunismo de guerra”. Descreva essa política.
- 4 | Ao final da guerra civil, Lenin adotou um conjunto de iniciativas conhecidas como Nova Política Econômica (NEP). O que foi a NEP e por que Lenin implantou tais medidas?
- 5 | Para Stalin e a maioria dos militantes do Partido Comunista, a “construção do socialismo” exigia o cumprimento de duas fases. Quais são essas fases e como elas ocorreram?
- 6 | Quais foram os principais fundamentos do socialismo soviético?
- 7 | Relacione a atuação de Stalin ao Grande Terror.
- 8 | Contextualize o surgimento dos soviets na Revolução de 1905 na Rússia.
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?
Ao final do Plano Quinquenal, a União Soviética estava dotada de indústrias devido ao sucesso da coletivização da terra.
- 10 | Por que a cidade de Petrogrado foi importante na história da Revolução de Outubro de 1917?

PESQUISA

Em fevereiro de 1917 ocorreu uma revolução liberal-democrática na Rússia. Em outubro do mesmo ano, o país viveu outra revolução, a socialista. Essas revoluções instituíram diferentes sistemas políticos: no primeiro caso, o regime de democracia liberal, também chamado de democracia representativa; no segundo caso, o regime socialista.

Realize uma pesquisa sobre esses dois tipos de regimes políticos.

- 1 | Como se organiza o sistema político e partidário?
- 2 | Como é a organização econômica?
- 3 | Qual a importância dada, nesses regimes, aos temas da liberdade e da igualdade?



Em 1914, nove anos após a Revolução de 1905, o jornal italiano *La Domenica del Corriere* noticiou na primeira página que cerca de 100 mil manifestantes tomaram a cidade de São Petersburgo para homenagear os mortos do Domingo Sangrento. Coleção particular.

ses, que foram transformados em assalariados em fazendas estatais (*kolkhozes*). A segunda, a industrialização acelerada, envolveu um forte investimento do governo na construção de usinas siderúrgicas, hidrelétricas, fábricas de turbinas, motores, aviões, caminhões, deixando em segundo plano a produção de bens de consumo popular.

6. A estatização da economia, a coletivização da agricultura, o estímulo à indústria pesada, o planejamento econômico estatal, o sistema de partido único, o controle dos meios de co-

municação, as perseguições aos opositores do regime, o líder político visto como infalível, benefícios sociais à população.

7. Sob forte crítica de membros do Partido Comunista devido às brutalidades verificadas no curso da coletivização do campo, Stalin lançou uma perseguição implacável a antigos líderes bolchevistas, que confessaram crimes que não haviam cometido. Nos anos do Grande Terror (1936-1938) milhões de pessoas foram fuziladas ou presas em campos de concentração e Stalin conseguiu dominar e controlar o Partido Comunista.

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Na União Soviética, muitos pôsteres faziam propaganda política positiva de Stalin, ressaltando suas qualidades como governante e líder político. Esses pôsteres associavam a imagem de Lenin à de Stalin.

- Interprete as mensagens contidas no pôster ao lado.

Pôster de propaganda política soviética de autoria de Naum Karnovsky, 1948. Nele, estão os dizeres "Vida longa ao Komsomol" (juventude comunista). Biblioteca Russa, Moscou, Rússia.



Fine Art Images/Esyrukh

O PASSADO PRESENTE

Atualmente, apenas quatro países no mundo se declaram comunistas: China, Vietnã, Cuba e Coreia do Norte. A China manteve as instituições do comunismo soviético, como o partido único, a intolerância com opositores ao regime e o controle dos meios de comunicação. Mas, em termos econômicos, o governo chinês estimulou o crescimento do capitalismo, inserindo o país no processo de globalização. As privatizações de empresas estatais, o apoio à livre iniciativa e os baixos salários dos trabalhadores são exemplos da alternativa chinesa – misto de comunismo na política e capitalismo na economia. O Vietnã seguiu modelo similar.

Em Cuba, o governo manteve o partido único, a estatização de empresas e o controle dos meios de comunicação. O embargo econômico imposto pelos Estados Unidos prejudicou sua economia, mas o governo cubano, atualmente, atrai capital estrangeiro, sobretudo no setor de turismo, e estabelece acordos comerciais com países da América Latina e da União Europeia e com a China.

O mais fechado desses regimes é o da Coreia do Norte. Alegando praticar o "verdadeiro" comunismo, o regime norte-coreano isolou-se do mundo e revive o período mais repressivo da época de Stalin na União Soviética.

- 1 | Faça uma pesquisa sobre a atual Coreia do Norte. Procure saber: quem é seu governante; como é o regime político imposto ao país; como é o nível de vida da população; por que o governo comunista isola o país do resto do mundo; quais os motivos para desenvolver mísseis e armas nucleares. Outras questões podem surgir durante a pesquisa.



- 2 | Com essa pesquisa elaborada, formem grupos e preparem três pequenos artigos de jornal, cada um sobre um tema investigado, os quais devem ter relação com as características da atual Coreia do Norte. Posteriormente, combinem um dia com o professor para que todos os artigos sejam reunidos em um só jornal, cujo assunto será esse país comunista nos dias de hoje. Não se esqueçam de pesquisar fotos do país.

A Revolução Russa | CAPÍTULO 2 ◀ 41

Pesquisa

1. Espera-se que os alunos identifiquem que, nos regimes liberais-democráticos, a vontade popular é manifestada pelo voto nas eleições. Vários partidos políticos apresentam seus programas de governo, tanto para o Poder Legislativo quanto para o Executivo. As oposições têm liberdade para criticar o governo, e as liberdades de expressão e informação são garantidas. Nos regimes socialistas há eleições, mas existe somente um partido político. Opositores ao regime são considerados inimigos e os meios de comunicação são controlados pelo governo.
2. Na democracia liberal, a economia é capitalista e de livre-mercado. No regime socialista, o capitalismo e a economia de mercado são abolidos. As empresas são estatais e o governo controla a economia.
3. Embora os trabalhadores conquistem leis sociais, nos regimes liberais-democráticos a ênfase é na questão da liberdade e menos na igualdade. Nos regimes socialistas há grandes investimentos na área social, particularmente em saúde e educação públicas, além de habitações e previdência social. Nesses regimes, a ênfase é na questão da igualdade e menos na liberdade.

Imagens contam a história

Resposta pessoal. Os alunos devem observar que no pôster Stalin é reverenciado por diversos grupos sociais. Todos se mostram felizes e agradecidos a ele. No fundo está a figura de Lenin, líder do Partido Bolchevique e da Revolução Soviética. A propaganda política na época de Stalin procurava aproximar a imagem dele à de Lenin. A mensagem contida no pôster dá a entender que Stalin era o continuador da obra de Lenin.

O passado presente

Respostas pessoais. O país é governado pelo Partido dos Trabalhadores da Coreia e seu líder é Kim Jong-un. O regime político é de partido único, culto ao líder, estatização da economia, censura à informação e perseguição aos opositores.

8. Durante a Revolução de 1905, em diversas cidades da Rússia, grupos de trabalhadores formaram sovietes (conselho, em língua russa), cujos membros elegiam deputados que podiam ser destituídos a qualquer momento e que tinham a tarefa de representar as reivindicações de operários e soldados. Centenas de sovietes surgiram em fábricas e quartéis na Rússia entre 1905 e 1917.
9. O Plano Quinquenal implantou no país indústrias pesadas, tornando a União Soviética uma potência industrial, mas foi

um fracasso no setor agrícola devido à implantação de fazendas coletivas.

10. Durante a Revolução de Fevereiro de 1917, operários e soldados criaram na cidade de Petrogrado um soviete para disputar o poder com a Duma (parlamento). Na noite do dia 24 para 25 de outubro, o Comitê Militar Revolucionário do soviete de Petrogrado tomou o Palácio de Inverno, a sede do governo na Rússia, e fechou a Duma. O episódio ficou conhecido como Revolução de Outubro de 1917.

Capítulo 3 A Primeira República brasileira

O capítulo tem como tema central a Primeira República no Brasil (1889-1930), com o foco da análise se concentrando, a princípio, na configuração político-institucional e econômica do país em seus primeiros tempos republicanos, durante os governos dos militares Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto e no período de ascensão ao poder da oligarquia cafeeira, a partir da presidência de Campos Sales. A seguir, são abordados temas sociais candentes na Primeira República, tanto no campo quanto na cidade, com destaque para a Guerra de Canudos, as revoltas da Vacina e da Chibata e a crescente luta do operariado por direitos – lutas essas às quais estava vinculada a educadora anarquista e defensora da causa feminista Maria Lacerda de Moura, a personagem microanalítica deste capítulo. Por fim, será analisado o contexto de crise da República Oligárquica nos anos 1920, visando à compreensão das causas centrais da Revolução de Outubro de 1930.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar a configuração político-institucional e as principais atividades econômicas brasileiras durante as quatro primeiras décadas republicanas.
- Compreender as razões e os eventos mais significativos das revoltas e movimentações populares, no campo e na cidade, nos anos da Primeira República brasileira.
- Avaliar a questão indígena e a situação da população negra no pós-abolição, realçando os valores culturais e a participação desses grupos étnicos nos movimentos sociais.
- Relacionar a crise político-institucional da República Oligárquica, no decurso da década de 1920, com a eclosão da Revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.



A Proclamação da República no Brasil ocorreu no dia 15 de novembro de 1889. Um mês depois, na edição de dezembro da revista francesa *L'illustration*, foi publicada uma imagem sobre como o evento teria ocorrido nas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.

CAPÍTULO 3

A PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA

Em 15 de novembro de 1889, militares, com apoio de importantes grupos políticos, proclamaram que o Brasil era uma República. No ano anterior, em 1888, a escravidão tinha sido abolida.

A abolição da escravidão e a adoção do regime republicano implicavam uma novidade para a sociedade brasileira: todos eram iguais perante a lei. Era algo que precisava ser aprendido.

A luta para fazer valer na prática os valores republicanos não foi fácil. Sobretudo porque a vida política do país era dominada por oligarquias, e os “coronéis” nos municípios controlavam o voto da população. No entanto, a sociedade brasileira vivenciou revoltas populares, rebeliões militares e greves de trabalhadores. A economia cresceu com a produção do café e a vida urbana se desenvolveu, mas as injustiças sociais permaneceram.

Ao longo dos anos 1920 ocorreram crises políticas e movimentos de oposição. Em 1930, um movimento civil e militar – chamado de Revolução de 1930 – pôs fim à Primeira República brasileira.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

O marechal Deodoro da Fonseca foi indicado pela Assembleia Constituinte como o primeiro presidente da República. Hoje em dia, no Brasil, como um presidente é escolhido? Quantos anos dura seu mandato? Quem tem o direito ao voto?

42

Créditos das imagens de baixo para cima: Rômulo Fialdini/Acervo do fotógrafo/© Tarsila do Amaral Empreendimentos; Acervo do autor/Arquivo da editora; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Reprodução/Coleção particular

Puxando pela memória

O presidente da República, no Brasil, é eleito pelo voto dos eleitores. Seu mandato é de quatro anos, com direito a concorrer a uma reeleição. O voto é obrigatório para todos os brasileiros entre 18 e 70 anos de idade. Entre 16 e 18 anos e após os 70 anos de idade e entre os analfabetos, o voto é facultativo.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI01	EF09HI05
EF09HI02	EF09HI07
EF09HI03	EF09HI08
EF09HI04	

↳ Maria decidida

Maria Lacerda de Moura, desde jovem, era crítica da sociedade em que vivia. Ela nasceu em 1887 na cidade de Manhuaçu, Minas Gerais. Em casa, ouvia seus pais conversarem sobre as injustiças sociais no Brasil. Aos 16 anos de idade formou-se na **Escola Normal** e passou a trabalhar como professora na cidade de Barbacena.

Comprometida com a educação, ela fundou na cidade a Liga Contra o Analfabetismo e incentivou mulheres da região a construir casas no sistema de mutirão. Casou-se aos 17 anos.

Retrato de Maria Lacerda de Moura, que, desde jovem, lutou pelos direitos das mulheres. Fotografia da década de 1920. Coleção particular.



↳ Construindo a República

No dia 15 de novembro de 1889, o marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República no Brasil, pondo fim ao regime imperial. Deodoro teve o apoio do Exército e da **oligarquia** cafeeira de São Paulo e convocou uma Assembleia Nacional Constituinte para redigir uma nova Constituição.

Mas como seria organizada a República? As oligarquias de São Paulo, Minas Gerais e outros estados defendiam o modelo federalista, como o dos Estados Unidos, em que os estados têm grande autonomia. Se fosse adotado o federalismo, as oligarquias teriam amplo poder para governar seus estados. Não interessava a elas o poder centralizado na capital do país, como ocorria nos tempos do Império.

Em 24 de fevereiro de 1891, a nova Constituição do Brasil foi promulgada. O país se tornou uma República federativa com os poderes divididos em Executivo, Legislativo e Judiciário. Deodoro da Fonseca foi eleito pelos constituintes como primeiro presidente da República.

Escola Normal: equivalente ao atual Ensino Médio profissionalizante, formava professores para o ensino primário, equivalente aos primeiros anos do Ensino Fundamental em nossos dias.

Oligarquia: grupo de pessoas que domina a política ou a economia de uma região (cidade, estado ou país).

De olho na BNCC

As mulheres na política

Relacionando com a questão sobre o direito ao voto abordada na página 42, resalte que as mulheres não podiam votar durante a Primeira República. Em seguida, apresente os dados biográficos iniciais da personagem microanalítica do capítulo, a educadora anarquista e defensora da causa feminista Maria Lacerda de Moura. Esse debate é importante para o trabalho com a habilidade:

- EF09HI08 – Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

■ Para desenvolver A “República Velha”

Na análise da configuração político-institucional do Brasil durante os momentos iniciais da República, resalte para a turma que o termo “República Velha” era usado para caracterizar o período que se iniciou com a Proclamação da República em 1889 e terminou com a Revolução de 1930. Essa expressão foi inventada pelos ideólogos do Estado Novo para justificar a ditadura de Vargas. Para eles, a República antes de 1930 era “velha” e o Estado brasileiro após 1937 seria “novo”. Opondo-se a essas desqualificações como essas, os historiadores passaram a chamar o período de Primeira República.

Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ



Nesta caricatura da Revista *Illustrada*, de 1891, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto saem de uma urna colocada sobre a Constituição. Cada um segura uma cédula eleitoral. Na de Deodoro está escrito: presidente; na de Floriano, vice-presidente. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

A Primeira República brasileira | CAPÍTULO 3 ◀ 43

Fique ligado

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

A obra ajuda a aprofundar os conhecimentos em relação ao processo político de legitimação da República nos primeiros anos de sua instalação no Brasil.

História do Brasil por Bóris Fausto – República Velha [Brasil]. TV Escola/MEC, 2002. 28 min. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video/historia-do-brasil-por-boris-fausto-republica-velha>>. Acesso em: 15 out. 2018.

O documentário auxilia no entendimento dos embates políticos e nas transformações sociais que caracterizaram o período, em particular as disputas pelo poder entre as elites civis e militares.

Para desenvolver

A República da Espada

Ao expor o contexto político e econômico do Brasil nos anos da “República da Espada”, que corresponde aos anos dos governos dos marechais Deodoro da Fonseca (1889-1891) e Floriano Peixoto (1891-1894), realçando os elementos das imagens da *Revista Ilustrada* reproduzidas nas páginas 43 e 44, destaque as características mais importantes da Constituição de 1891 e analise os efeitos sociais da crise provocada pelo encilhamento, como ficou conhecida a política econômica do governo Deodoro.

Rui Barbosa

Ressalte para a turma que Rui Barbosa era um liberal e intelectual de destaque em sua época e que em questões de economia era admirador do liberalismo praticado nos Estados Unidos, sobretudo na questão da industrialização. Explique que, por isso, sua política econômica visava industrializar rapidamente o Brasil.

CÁ ENTRE NÓS

A Constituição estabelecia que, caso o presidente renunciasse antes de cumprir dois anos de mandato, o vice-presidente assumiria interinamente e convocaria eleições presidenciais. Floriano não obedeceu à Constituição e se recusou a deixar o cargo.

Governo Deodoro: muitos conflitos

O Brasil era um país basicamente agrário e o principal produto de exportação era o café. O ministro da Fazenda, Rui Barbosa, criou um plano para industrializar o país. Em 1890, ele permitiu que bancos emitissem dinheiro e o emprestassem a pessoas que se comprometessem a abrir uma empresa. Se o empréstimo não fosse pago, o governo federal assumiria a dívida com o banco. Rui Barbosa acreditava que dessa maneira muitas indústrias surgiriam no Brasil.

Os resultados foram desastrosos para a economia brasileira. Muitas pessoas tomaram empréstimos, abriram empresas que só existiam no papel e colocaram as ações delas para serem negociadas na Bolsa de Valores. No final, descobertas as fraudes, quem comprou as ações perdeu tudo.

A política econômica do governo de Deodoro ficou conhecida como **Encilhamento** e resultou em grave crise econômica e na chamada inflação, ou seja, a alta constante e acelerada dos preços das mercadorias. Os trabalhadores foram os mais prejudicados.

Encilhamento:

expressão usada entre os adeptos do hipismo. Encilhar é equipar o cavalo para a corrida. Na época, a expressão foi usada, entre outras razões, porque a política econômica de Rui Barbosa deu início a uma corrida especulativa na Bolsa de Valores.

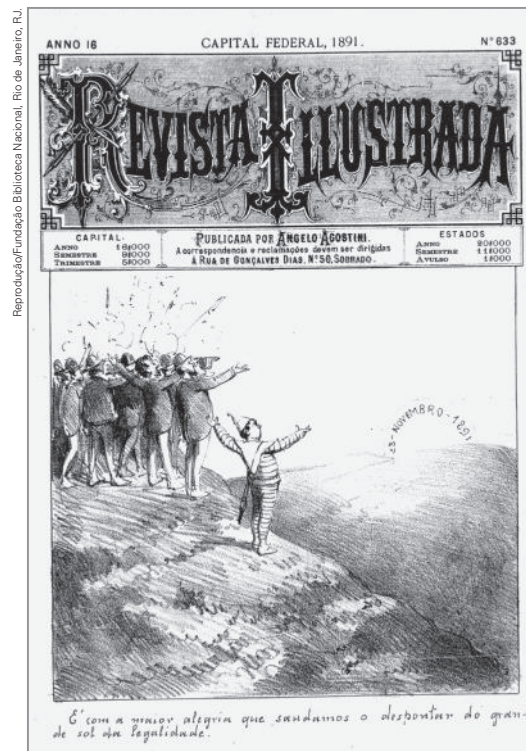
Floriano Peixoto: a República pela espada

Em 3 novembro de 1891, oito meses depois de ser eleito, Deodoro tentou impor uma ditadura no país. Ele não soube lidar com as críticas dos parlamentares e jornalistas. A manobra não teve apoio do seu vice-presidente, o marechal Floriano Peixoto, do Exército e da Marinha.

Em 22 de novembro, Deodoro da Fonseca renunciou à Presidência da República. O vice-presidente Floriano Peixoto assumiu seu lugar.

O novo presidente estava determinado a consolidar a República no Brasil. Para isso, ele contava com o apoio do Exército e das oligarquias de São Paulo organizadas no Partido Republicano Paulista (PRP). Grupos de republicanos radicais do Rio de Janeiro também o apoiaram.

Desse modo, ele pôde enfrentar duas grandes revoltas, a crise econômica gerada pelo Encilhamento, além de grupos republicanos de oposição e monarquistas que queriam a volta do Império.



Fique ligado

Revista Ilustrada (RJ) – 1876 a 1898. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/revista-illustrada/332747>>. Acesso em: 15 out. 2018.

A *Revista Ilustrada* começou a circular em 1876, quando o Rio de Janeiro era a capital do Império, e continha muitas crônicas, sendo muito conhecida pelos desenhos de Angelo Agostini, cujo traço era bastante detalhista, no estilo esfuminho, quase fotográfico. A

revista defendia a abolição da escravidão e a implantação da República, regime que continuou a defender após 1889. No site da Biblioteca Nacional, é possível consultar o acervo digitalizado da *Revista Ilustrada*, estando disponíveis edições do período compreendido entre 1876 e 1898.

ATLAS Histórico do Brasil. *FGV/CPDOC*. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

A plataforma *on-line* ajuda a ampliar os conhecimentos sobre os aspectos fundamentais das conjunturas política e econômica do país nos anos dos governos de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Para isso, indicamos uma pesquisa sobre os termos “Constituição de 1891”, “encilhamento”, “Revolta da Armada” e “Revolução Federalista”.

Revoltas no mar e na terra

A primeira revolta do período republicano ficou conhecida como **Revolta da Armada**. No início de setembro de 1893, almirantes amotinados exigiram a convocação de eleições presidenciais. Eles levaram os navios de guerra para a Baía de Guanabara e apontaram os canhões contra as cidades do Rio de Janeiro e Niterói.

Nesse mesmo ano, ocorreu no Rio Grande do Sul a **Revolução Federalista**. Republicanos e federalistas travaram luta sangrenta pelo controle político do estado. Contando com a ajuda de Floriano Peixoto, o Partido Republicano Rio-Grandense saiu vitorioso.

Floriano Peixoto encerrou seu governo com a República consolidada. Ganhou de seus admiradores o apelido de “Marechal de Ferro”.

As eleições presidenciais de 1894 deram vitória a Prudente de Moraes, do PRP. Em 15 de novembro desse ano, o militar Floriano Peixoto passou a faixa presidencial para o civil Prudente de Moraes.

➤ A República das oligarquias

No Brasil da Primeira República, os fazendeiros dominavam a política no país. Eles formavam as oligarquias estaduais. Naquela época, as oligarquias mais poderosas eram as de São Paulo e Minas Gerais.

A nova Constituição, promulgada em 1891, garantiu aos brasileiros direitos políticos, como o de votar e ser votado, embora mulheres, analfabetos, entre outros, fossem excluídos desse direito.

É preciso observar algo muito importante: o sistema político não garantia que o voto representasse a vontade dos eleitores. O Brasil ainda não contava com uma Justiça Eleitoral e as eleições eram organizadas pelos políticos poderosos, chamados de coronéis em seus municípios.

Coronelismo e oligarquia

O voto não era secreto. O coronel organizava as eleições no município e exigia que os eleitores votassem nos candidatos indicados por ele: era o chamado **voto de cabresto**. O coronel também fazia a ata da eleição. As fraudes eleitorais eram frequentes e era muito difícil um candidato de oposição ser eleito. Se algum candidato de oposição às oligarquias conseguisse se eleger, a Comissão Verificadora de Poderes não lhe dava o diploma de posse.

Embora o voto fosse de cabresto, o coronel ainda precisava ter prestígio político junto ao eleitorado. Para isso, ele contava com o apoio financeiro do **governador do estado**, chamado na época de presidente do estado, para realizar obras públicas – construir estradas, pontes, etc.

Criou-se, assim, uma relação de dependência entre o presidente de cada estado e os coronéis dos municípios: o coronel apoiava os candidatos indicados pelas oligarquias nas eleições e, em contrapartida, o presidente do estado liberava verbas para a construção de obras nos municípios.

CÁ ENTRE NÓS

Com a abolição da escravidão, homens e mulheres negros estavam livres. Na luta por seus direitos, eles fundaram clubes e associações assistencialistas, culturais e recreativas. Também deram início à formação de sindicatos. Uma novidade foi a chamada “imprensa negra”, com jornais publicados em diversos estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Esses jornais discutiam temas relacionados ao preconceito racial, à precária situação econômica e social, à intolerância e à violência que sofriam, além de matérias elogiosas aos líderes abolicionistas. Os jornais da imprensa negra sobreviviam com muitas dificuldades devido à escassez de recursos financeiros.

➤ **Cabresto:** espécie de arreio feito de corda ou couro que serve para controlar a marcha de animais de montaria, como o cavalo e a mula.

Texto complementar

Para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre as organizações sociais negras e seus jornais na Primeira República, indicamos a leitura do artigo acadêmico “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, de Petrônio Domingues, que tem trechos significativos transcritos a seguir:

Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos

[...] Um ano após a abolição da escravatura, foi proclamada a República no Brasil, em 1889. O novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra. [...] Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil, criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação. [...] Simultaneamente, apareceu o que se denomina imprensa negra: jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões.

[...] Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram veículos de denúncia do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo, Revista do Departamento de História da UFF*, v. 12, n. 23, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

■ Para desenvolver

Sistema político na passagem do século XIX ao XX

Na análise com a turma da transição da “República da Espada” para a “República das Oligarquias”, sugerimos que você problematize a origem do apelido “Marechal de Ferro” dado a Floriano Peixoto por seus admiradores e exponha de forma circunstanciada as características eleitorais do sistema político excludente que as oligarquias de São

Paulo e Minas Gerais impuseram ao país a partir das eleições presidenciais de 1894, em que o candidato do Partido Republicano Paulista [PRP], Prudente de Moraes, foi o vitorioso. Nesse sentido, ressalte que o número de votantes era muito pequeno. Nas eleições de 1906, os eleitores chegavam a apenas 1,4% da população e a 5,7% em 1930.

O que há na imagem?

Resposta pessoal. Espera-se que os alunos identifiquem que a imprensa ironiza a prática eleitoral. Para ela, política e carnaval não têm diferença, pois as eleições, como o carnaval, são uma brincadeira e, por isso, não devem ser levadas a sério.

De olho na BNCC

A “política dos governadores”

Na análise com a turma da “política dos governadores”, realce para os alunos que a aliança entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais não era tão sólida e, por vezes, havia disputas. O caso mais conhecido foi o das eleições de 1930, quando as oligarquias mineira e paraibana se aliaram à gaúcha, na disputa da Presidência da República com o Partido Republicano Paulista (PRP). Também é importante lembrar que naquele período não havia partidos nacionais. Essa análise propicia o trabalho com a habilidade:

- EF09HI02 – Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

QUE HÁ NA IMAGEM?

Na capa da revista *D. Quixote* de março de 1922, ao lado, a mulher representa a imprensa; a urna, a política; e o homem de terno, o personagem Zé Eleitor. Leia com atenção o diálogo entre os dois e analise como a charge interpreta as eleições daquela época no Brasil.

IMPRESA – Deixa ficar a urna; preciso ainda dela para recolher os votos dos concursos carnavalescos.

ZÉ ELEITOR – Mas esta é da política...

IMPRESA – É a mesma coisa!



Capa da revista *D. Quixote* de março de 1922. A imprensa criticava os políticos e as fraudes eleitorais. Coleção particular.

Política dos governadores, café e leite

O presidente Campos Sales, eleito em 1898, propôs um grande acordo com as oligarquias estaduais: por um lado, o presidente não iria interferir na política dos estados; por outro, os presidentes dos estados, por meio de suas bancadas de deputados federais e senadores, deveriam apoiar politicamente o presidente da República.

O resultado é que, durante a Primeira República, as oligarquias estabeleceram apoios mútuos: coronéis, presidentes dos estados e presidente da República. O presidente Campos Sales chamou esse sistema político de **política dos governadores** ou, ainda, de **política dos estados**.

Quando era chegado o momento de escolher o candidato a presidente da República, os dois partidos políticos mais fortes do país, o Partido Republicano Paulista (PRP) e Partido Republicano Mineiro (PRM), entravam em acordo e lançavam um nome para disputar a eleição. O domínio nas eleições presidenciais por esses dois partidos ficou conhecido como **política do café com leite**.

Fique ligado

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

Livro em que é possível aprofundar os conhecimentos em relação ao processo político na Primeira República.

ATLAS Histórico do Brasil. FGV/CPDOC. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

A plataforma *on-line* ajuda a ampliar os conhecimentos sobre as principais características do sistema político e eleitoral nos anos da “República oligárquica”, que se iniciaram em fins de 1894 e se estenderam até a Revolução de 1930. Para isso, indicamos uma pesquisa sobre o termo “política dos governadores”.

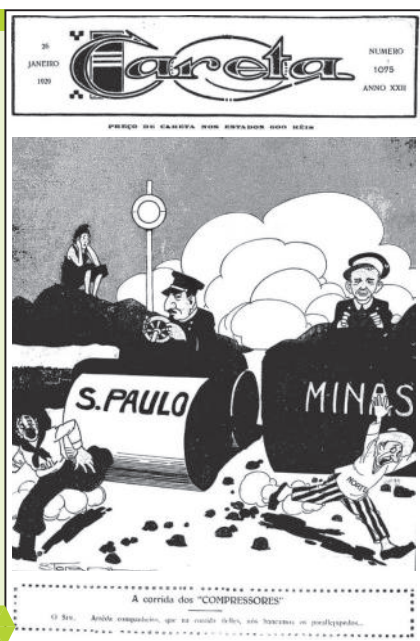
LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LESSA, Renato. *A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República*. São Paulo: Topbooks, 1988.

Obras historiográficas para aprofundar os conhecimentos em relação às características eleitorais do sistema político excludente da Primeira República.

QUE HÁ NA IMAGEM?

1. Por que os rolos compressores têm o título de S. Paulo e Minas?
2. Que personagem está representada pela mulher à esquerda e por que ela aparenta tristeza?



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Em janeiro de 1929, a capa da revista *Caretta* ironizava as eleições presidenciais que ocorreriam em março de 1930. Na época, os políticos paulistas ainda eram aliados dos mineiros. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que coronel, fora do Exército, era o nome dado ao mais alto oficial da Guarda Nacional, instituição militar criada durante o período regencial? Após a Guerra do Paraguai, a Guarda Nacional começou a perder sua importância, mas, nos municípios do interior, a expressão permaneceu. O coronel não era mais o militar, mas o chefe político local e, na maioria das vezes, um grande fazendeiro. O seu poder se baseava no controle dos votos da população dos eleitores do município. Essa prática política ficou conhecida na Primeira República como coronelismo.

O que há na imagem?

1. A charge deixa claro que os estados do sul e do norte não são páreos diante do poder político dos estados de São Paulo e Minas Gerais. O homem chamado Sul representa os estados do sul do país, enquanto o chamado Norte representa os estados do norte e do nordeste brasileiros. Os rolos compressores perseguem os dois.
2. A mulher com a touca, chamada de barrete frígido, simboliza a República e mostra-se triste com o domínio de paulistas e mineiros sobre os outros estados.

De olho na BNCC O café na economia brasileira

Para a melhor compreensão do papel central da cafeicultura na economia da Primeira República, procure recordar com os alunos assuntos tratados no livro do 8º ano, como a expansão do café pelo Oeste Paulista a partir da década de 1870 e o aumento da produtividade proporcionada pela chamada “terra roxa”, típica daquela região. Ressalte também a forma pela qual a atividade cafeeira estimulou no Brasil, no limiar do século XX, uma série de atividades urbanas e industriais. Identificar esses processos de urbanização e modernização na Primeira República é trabalhar a habilidade:

- EF09HI05 – Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

O café e outros produtos de exportação

A economia cafeeira estimulou o crescimento de outras atividades econômicas.

Para escoar a produção do interior do estado de São Paulo para o porto de Santos, foi necessário construir ferrovias e estradas. Foram fundadas empresas de navegação, casas de câmbio, bancos, moinhos, entre outros, nos setores de atividades comerciais, financeiras e de serviços.

Outra atividade importante gerada pela produção e exportação de café foi a indústria de bens de consumo popular. Eram produtos baratos, mas necessários para os trabalhadores nas fazendas e nas cidades: chapéus, móveis, velas, calçados, bebidas, tecidos, etc. A economia cafeeira também estimulou o crescimento das cidades que, por seu lado, exigiam serviços públicos tipicamente urbanos, como transportes e iluminação das ruas.

Mulheres tratam dos pés de café em fazenda no Oeste paulista em c. 1910, enquanto são vigiadas pelo capataz. Museu da Imigração do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.



Reprodução/Museu da Imigração, São Paulo, SP.

Fique ligado

COLISTETE, Renato Perim. Regiões e especialização na agricultura cafeeira: São Paulo no Início do Século XX. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, jul./set., 2015, p. 331-354. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402015000300331>. Acesso em: 15 out. 2018.

CALIARI, Thiago; BUENO, Newton Paulo. O ciclo do café durante a República Velha: uma análise com a abordagem de dinâmi-

ca de sistemas. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 491-506, dez. 2010. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-6352010000300004>. Acesso em: 15 out. 2018.

Os dois artigos acadêmicos fornecem bases para a ampliação dos conhecimentos sobre a atividade cafeeira no Brasil na Primeira República.

Para desenvolver

O café e a borracha

Procure ressaltar a predominância das atividades agrícolas e extrativistas na pauta de exportações brasileiras no início do século XX, destacando que o café e a borracha, produzida em seringais amazônicos, representavam então cerca de 72,5% e 26,0%, respectivamente, das exportações do país. Com relação ao *funding loan* e ao Convênio de Taubaté, exponha de modo circunstanciado o quanto diversos setores sociais e produtivos de nossa sociedade eram prejudicados para que os lucros dos grandes cafeicultores se mantivessem sempre preservados.

Atividade complementar

Sugerimos que você apresente para a turma um quadro estatístico com os principais produtos exportados pelo Brasil durante a Primeira República (1889-1930) e elabore questões para que os alunos reflitam sobre a centralidade da cafeicultura na economia do país nessa época. De fato, as exportações de café superavam, em muito, as de qualquer outro produto. A produção cresceu anualmente, em especial entre 1924 e 1928, quando alcançou 72,5% de tudo o que o Brasil exportou. Os outros produtos tinham altos e baixos, as exportações eram muito pequenas, se comparadas ao café. Entre 1924 e 1928, por exemplo, o açúcar alcançou 0,4% do total das exportações brasileiras; o algodão, 1,9%; a borracha, 2,8%; enquanto couro/peles chegaram a 4,5%.

Explique também que a borracha conheceu período de grande produção e exportação entre fins do século XIX e início do XX, devido à descoberta do processo de vulcanização.

Vulcanização: processo químico, com adição de enxofre e catalisadores, por meio do qual a borracha se torna mais dura e resistente.

Ricardo Oliveira/TVpa



Vista do interior do Teatro Amazonas, inaugurado em 1896 na cidade de Manaus, Amazonas, no auge da produção da borracha. É um dos mais belos e imponentes teatros do país. Fotografia de 2015.

A borracha na Amazônia

A descoberta do processo de vulcanização tornou a borracha mais resistente ao calor e ao atrito, viabilizando seu uso nas rodas de bicicletas e automóveis. A invenção provocou grande aumento na extração do látex retirado dos seringais na região amazônica entre 1890 e 1910.

Em seu auge, cerca de 26% das exportações brasileiras eram de borracha. As cidades de Belém e Manaus cresceram e se modernizaram.

A partir de 1910, regiões na Ásia dominadas por ingleses e franceses também passaram a exportar borracha. A partir daí, a riqueza produzida pela borracha amazônica decaiu

O funding loan

Campos Sales herdou grave crise financeira provocada pelo Encilhamento. Para superar a crise econômica, o governo fechou um grande acordo financeiro com o banco britânico Rothschild em 1898, conhecido como *funding loan*.

O acordo consistia em um empréstimo de 10 milhões de libras esterlinas, pelo qual o governo deu como garantia as rendas de suas exportações e se comprometeu a equilibrar as contas públicas. Para cumprir o acordo, o governo de Campos Sales diminuiu o ritmo da produção econômica, gerando falência de empresas e desemprego dos trabalhadores.

O convênio de Taubaté

Os lucros com a exportação de café eram altos, os fazendeiros plantavam cada vez mais. A produção do café para exportação tornou-se bem maior que seu consumo, o que fez o preço dessa mercadoria cair.

Diante desse problema, os cafeicultores reuniram-se, em 1906, na cidade de Taubaté, em São Paulo. O acordo entre eles ficou conhecido pelo nome de **Convênio de Taubaté** e uma das medidas foi nomeada **política de valorização do café**.

Pelo acordo, os estados recorreriam a empréstimos externos para comprar o excedente da produção de café. A política de valorização do café garantia os lucros dos fazendeiros, sobretudo de São Paulo, mas toda a sociedade brasileira pagaria a conta dos empréstimos externos.

▶ Rio de Janeiro: a vitrine do Brasil

O Rio de Janeiro era a capital da República e a porta de entrada para o Brasil. Mas os estrangeiros tinham medo da cidade. Era chamada de “cidade morte”. Periodicamente havia surtos de varíola, febre amarela, malária, tuberculose, cólera, peste bubônica, entre outras doenças.

O centro da cidade era formado por um emaranhado de ruas estreitas e sinuosas, sem calçamento, sem rede de esgoto e água. As ruas eram abafadas e escuras. Milhares de pessoas moravam em cortiços e trabalhavam na região central da cidade.

Rodrigues Alves assumiu a Presidência da República em 1902 determinado a mudar o Rio de Janeiro. Convocou o engenheiro Francisco Pereira Passos para governar e reformar a cidade.

A reforma de Pereira Passos

A intervenção mais radical na cidade foi a construção da avenida Central, atual avenida Rio Branco. Centenas de pequenos prédios e casas foram derubados para a construção da moderna avenida. Ruas no centro da cidade foram alargadas, exigindo mais demolições. Pereira Passos foi apelidado pelo povo de “Prefeito Bota-abaixo”.

Pereira Passos queria modernizar a cidade. Ele proibiu a venda de carne, leite e bilhetes de loterias nas calçadas. Proibiu também a criação de animais nos quintais, soltar balões e urinar nas ruas. Vocês devem imaginar como o povo ficou contrariado com as determinações do prefeito.



Cartão-postal de 1910 mostra a avenida Central, hoje avenida Rio Branco, a mais importante avenida do Rio de Janeiro até os dias atuais. Coleção particular.

FIQUE DE OLHO

TV Brasil, Programa *De lá pra cá: Pereira Passos – 100 anos de morte*

De lá pra cá é um programa apresentado pelos jornalistas Anselmo Góes e Vera Barroso. Utilizando imagens de época e com apoio de profissionais do urbanismo, da economia e da história, o programa analisa as reformas urbanas promovidas pelo prefeito Pereira Passos na cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/delapraça/episodio/pereira-passos-100-anos-de-morte>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Para desenvolver

Reformas urbanas e a população negra

Na análise das repercussões sociais da reforma de Pereira Passos e dos eventos vinculados às revoltas da Vacina (1904) e da Chibata (1910), resalte para os alunos que eram os integrantes da população negra brasileira, especialmente da cidade do Rio de Janeiro, os mais prejudicados e os que sofriam as maiores discriminações em razão das ações do Estado nessa época.

De olho na BNCC

Os temas relacionados à reforma de Pereira Passos e as revoltas subsequentes se inserem nas seguintes habilidades:

- EF09HI03 – Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.
- EF09HI04 – Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

Para desenvolver

Revolta e modernização

Na análise dos eventos que culminaram na Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, em novembro de 1904, procure relacionar a insatisfação e a reação popular diante da decretação da vacinação obrigatória com as medidas adotadas pelo prefeito Pereira Passos e o governo Rodrigues Alves durante as ações de modernização da área central da Capital Federal.

O que há na imagem?

Os editores da revista eram contra a vacinação obrigatória. Ao compararem Oswaldo Cruz a Napoleão Bonaparte e fazerem referências à guerra, apresentavam a vacinação obrigatória como um conflito entre o governo e o povo.

Material digital

Para contribuir para o desenvolvimento desse tema, assista ao material audiovisual *O saneamento do Rio de Janeiro e a Revolta da Vacina* localizado no material digital do Manual do Professor.

FIQUE DE OLHO

TV Brasil, Programa *De lá pra cá: Oswaldo Cruz – os 140 anos de nascimento do maior símbolo de médico e cientista brasileiro*

Utilizando imagens de época e com apoio de historiadores, geógrafos e pesquisadores-médicos, o programa analisa as iniciativas de Oswaldo Cruz na saúde pública. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/delapraaca/episodio/oswaldocruz-os-140-anos-de-nascimento-do-maior-simbolo-de-medico-e-cientista>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

A Revolta da Vacina

Nas últimas décadas do século XIX, cientistas europeus descobriram a existência de vírus e bactérias na propagação de doenças. Durante a gestão de Pereira Passos, o médico Oswaldo Cruz foi convocado para livrar o Rio de Janeiro das epidemias que assolavam a cidade.

Para eliminar os mosquitos e ratos que transmitiam doenças, Oswaldo Cruz criou Brigadas de Sanitaristas. Os funcionários da prefeitura entravam na casa das pessoas com a possibilidade de interditá-las. Vocês devem deduzir que isso causava muitas contrariedades.

A questão mais polêmica foi quando o governo federal tornou obrigatória a vacinação contra a varíola. O que hoje é algo muito normal, naquela época não era. Não houve esclarecimento algum. O povo ficou com medo: afinal, que líquidos seriam introduzidos em seus corpos?

A população da cidade já estava muito insatisfeita com o “bota-abixo” das reformas urbanas de Pereira Passos. A obrigatoriedade da vacina acirrou ainda mais os ânimos da população, que reagiu violentamente.

A revolta popular começou no dia 10 de novembro e se espalhou pela cidade. No dia 14, o presidente Rodrigues Alves convocou o Exército e a Marinha para reprimir a rebelião. Ao final, a vacinação obrigatória foi suspensa. Sem a proteção da vacina, a população do Rio de Janeiro sofreu com outra epidemia de varíola quatro anos depois e 6400 pessoas morreram.

QUE HÁ NA IMAGEM?

Por que, nesta charge, a revista *O Malho* ironiza o médico Oswaldo Cruz, chamando-o de “Napoleão da seringa”, e compara a vacinação obrigatória a uma guerra?



Os editores da revista *O Malho* foram contra a vacinação obrigatória e apoiaram a revolta do povo contra o médico Oswaldo Cruz. Charge de Leonidas, 1904. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Fique ligado

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. Disponível em: <www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101387/pereira_passos_hausmann_carioca.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Obra fundamental sobre as medidas de remodelação da Capital Federal durante o governo de Rodrigues Alves, editada e disponibilizada *on-line* pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2018.

Clássico da historiografia que aborda o conflito mencionado, destacando as ações populares de resistência às ações policiais de repressão à revolta.

Revolta da vacina (Brasil). COC/Fiocruz, 1994. 23 min.

Com esquetes teatrais e depoimentos de médicos, pesquisadores e historiadores, esse documentário apresenta a história da varíola, da vacina e da revolta popular de 1904, ocorrida no Rio de Janeiro, abordando as questões sociais, políticas e culturais que envolveram a campanha de vacinação do governo de Rodrigues Alves, em plena República Velha.

A Revolta da Chibata

Durante os primeiros anos do século XX, as condições de trabalho dos marinheiros eram péssimas: alimentação ruim e soldos baixíssimos. Além disso, quando cometiam faltas disciplinares, eram punidos com a chibata: um bastão que, na ponta, tinha uma lingueta de couro.

Quando um marinheiro foi condenado a receber como castigo 250 chibatadas, seus colegas do encouraçado Minas Gerais se revoltaram. Em 22 de novembro de 1910, eles tomaram o navio, matando alguns oficiais. O líder da revolta era o marinheiro negro João Cândido. As exigências eram melhorias nas condições de trabalho e o fim dos castigos físicos. Marujos do encouraçado São Paulo e de outros navios de guerra aderiram à revolta.

O Congresso Nacional se comprometeu a atender às exigências dos marinheiros e a anistia-los em troca do fim da revolta. Pouco tempo depois, os oficiais da Marinha tentaram aplicar novos castigos, provocando outra revolta. Dessa vez, muitos marinheiros foram presos e poucos sobreviveram às penas impostas pelos oficiais.



Marinheiros revoltosos no encouraçado São Paulo durante a Revolta da Chibata, em 1910. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

OUTRAS HISTÓRIAS MODOS DE VIVER

Os povos indígenas e a Primeira República

Em 1908, um congresso internacional acusou o governo brasileiro de tentar exterminar a população indígena do país. A resposta veio em 1910 com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Iniciativas foram tomadas para garantir a eles a posse da terra em que viviam. Contatos eram feitos de forma amigável com as tribos. Depois, os funcionários do SPI demarcavam as terras e cuidavam da saúde da

comunidade. Além disso, ensinavam técnicas agrícolas e informavam que eles faziam parte de um país.

Contudo, a mentalidade predominante no SPI era a de que existiriam culturas humanas “superiores” e “inferiores” e que os indígenas deveriam ser integrados na sociedade até alcançarem o “estágio cultural superior” – como o da Europa.



- É possível afirmar que o SPI respeitava integralmente a cultura dos povos indígenas? Justifique.



Para desenvolver Revolta da Chibata

Na análise com a turma das causas centrais da Revolta da Chibata, resalte que esse movimento foi o resultado direto do uso de chibatadas por oficiais navais brancos ao punir marinheiros afro-brasileiros e mulatos.

De olho na BNCC

A Revolta da Chibata trata-se também de um tema vinculado às habilidades:

- EF09HI03 – Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.
- EF09HI04 – Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

É necessário também dar especial atenção à atividade com o texto “Os povos indígenas e a Primeira República”, presente na página 51, que permite o trabalho com a seguinte habilidade:

- EF09HI07 – Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

Outras histórias

Modos de viver

- Não. Embora os funcionários do SPI demarcassem as terras indígenas e os tratassem amigavelmente, o objetivo final do órgão ainda era integrá-los à sociedade não indígena e não permitir que os indígenas mantivessem sua cultura.

Fique ligado

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA) – Disponível em: <www.socioambiental.org/pt-br>. Acesso em: 15 out. 2018. O site apresenta diversas informações para o estudo dos povos indígenas no Brasil.

REVOLTA da Chibata. TVE. Disponível em: <www.tve.com.br/2015/11/nacao-saiba-mais-revolta-da-chibata/>. Acesso em: 15 out. 2018.

Página eletrônica do Programa Nação da TVE RS contendo diversos materiais sobre a Revolta da Chibata e a vida de seu principal líder, o marinheiro João Cândido Felisberto, também conhecido como “Almirante negro”.

A REVOLTA da Chibata. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://200.144.6.120/exposicao_chibata/atividades.php>. Acesso em: 15 out. 2018.

Exposição virtual que o Núcleo de Ação Educativa do Arquivo Público do Estado de São Paulo disponibilizou sobre a citada revolta.

Para desenvolver

Messianismo, coronelismo e exclusão social

Ressalte para a turma que as profundas desigualdades e injustiças existentes no começo da República nas áreas rurais e no interior do país, não apenas no nordeste como também no sul, fizeram determinados “beatos” e “monges” difundir versões populares do cristianismo, tornando-se importantes lideranças da população mais pobre, como ocorreu nos casos do arraial de Canudos e da região do Contestado. Procure também relacionar o coronelismo e o contexto de exclusão da maioria do povo brasileiro dos direitos de cidadania com a reação bastante autoritária e violenta das elites locais e das autoridades federais a esses movimentos de revolta no campo.

Fique ligado

Em 2017 o site da *Revista de História da Biblioteca Nacional* (RHBN) – que teve 125 edições impressas disponíveis em bibliotecas, bancas e livrarias entre 2005 e 2016 – saiu definitivamente do ar. Mas ainda é possível acessar o valioso e diversificado conteúdo do site da revista por meio da ferramenta WayBack Machine, um enorme arquivo digital criado por uma organização sem fins lucrativos chamada *Internet Archive*. Para tanto, é necessário acessar o site da ferramenta e inserir no campo de busca o endereço eletrônico da RHBN: <revista.dehistoria.com.br>. Indicamos abaixo dois dossiês da RHBN, com artigos sobre Canudos e Contestado, que podem ser acessados a partir dos procedimentos descritos acima:

Dossiê da RHBN sobre Canudos, publicado na edição nº 111, dezembro de 2014. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20161221061402/http://www.revistadehistoria.com.br/revista/edicao/111>>. Acesso em: 1ª set. 2018.

Dossiê da RHBN sobre Contestado, publicado na edição nº 85, outubro de 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20161221044746/http://www.revistadehistoria.com.br/revista/edicao/85>>. Acesso em: 1ª set. 2018.

Para ampliar seus conhecimentos sobre o pensamento religioso de Antônio Conselheiro e sobre a interpretação que o escritor Euclides da Cunha fez de tal pensamento em *Os sertões*, consulte o seguinte artigo acadêmico:

FIQUE DE OLHO

JANOTTI, Maria de Lourdes M. *Sociedade e política na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1999.

O livro trata da primeira experiência republicana do Brasil, com detalhes sobre as principais revoltas do período, como eram forjadas as alianças políticas e quais as causas que levaram à Revolução de 1930.

Guerra de Canudos (Brasil). Direção de Sérgio Resende, 1997. 205 min.

O filme reconstitui a construção do arraial de Canudos, a liderança de Antônio Conselheiro, a vida de uma família e a destruição da comunidade por forças do Exército.

▶ Revoltas no campo

Até a Proclamação da República, o cristianismo da Igreja católica era a religião oficial do Império brasileiro. A Constituição de 1891 tornou o Brasil um país laico. Você deve considerar as vantagens disso: havia liberdade religiosa para todos os cidadãos, mas o governo brasileiro não tinha mais religião oficial. Para a Igreja católica foi, inclusive, algo positivo: ela deixou de ser controlada pelo governo.

Contudo, muitos católicos não entenderam o que estava acontecendo. A separação entre o Estado e a Igreja foi compreendida como se a República fosse contra a religião, sobretudo nas regiões do interior do país. As injustiças sociais e a fé religiosa resultaram em revoltas populares contra a República.

Canudos: massacre no sertão

Naquela época, no Nordeste brasileiro, existiam os chamados “beatos”. Eram homens que vagavam pelos sertões pregando uma versão popular do cristianismo. Um deles era conhecido como Antônio Conselheiro.

Muitas famílias deixavam as fazendas onde eram exploradas pelos proprietários e seguiam o Conselheiro. No interior da Bahia, chegaram a uma fazenda abandonada, à beira do rio Vaza Barris. Ali eles fundaram o arraial de Canudos em 1893. O arraial cresceu rapidamente. Calcula-se que Canudos alcançou, em poucos anos, uma população de 20 a 30 mil pessoas.

As casas no arraial eram de pau a pique. Todos eram muito pobres, mas tinham um pedaço de terra para cultivar e criar animais. Apesar das dificuldades, viviam melhor do que antes.

A guerra de Canudos

Antônio Conselheiro governava o arraial de acordo com o seu entendimento do cristianismo católico. Os pobres deveriam se resignar com sua condição social e esperar a recompensa divina. Ele não fazia profecias nem se dizia capaz de realizar milagres. Também não se apresentava como o “salvador” do povo. Ele era contra a República e acreditava no “direito divino dos reis”. Para ele, a República era contra a religião.

O governo do estado da Bahia enviou duas tropas de soldados para atacar o arraial. Os jagunços, que conheciam bem o terreno, derrotaram as tropas facilmente.

No Rio de Janeiro chegaram notícias afirmando que Canudos fazia parte de uma conspiração para restaurar a monarquia no Brasil. Jornalistas, escritores, estudantes, entre outros, exigiram a destruição do arraial.

A terceira expedição do Exército brasileiro também foi derrotada. Somente a quarta expedição, com 10 mil homens e equipada com canhões, venceu a resistência dos sertanejos. Em outubro de 1897, o arraial foi destruído e os habitantes foram assassinados.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 165-181, 1997. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1ª set. 2018.

Contestado: guerra santa contra a República

Se no Nordeste brasileiro existiam os beatos, no Sul do país eles eram chamados de monges. Na região da divisa entre o Paraná e Santa Catarina ocorreu um grande conflito, conhecido como **Guerra do Contestado**.

Em 1912, o governo do estado do Paraná doou terras a uma empresa estadunidense para terminar a construção de uma estrada de ferro que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Muitos camponeses foram expulsos de suas terras. Pouco tempo antes, um monge chamado José Maria já circulava na região. Várias famílias se juntaram ao monge e formaram uma comunidade armada em um local chamado Taquaruçu. Defensores do catolicismo, eles não aceitavam a República e estavam dispostos a promover uma “guerra santa” contra o governo. Atacados pela polícia do estado, eles se dispersaram e José Maria foi morto.

Em 1912, os rebeldes se reagruparam. Armados, eles esperavam a chegada de um exército espiritual, liderado por José Maria para atacar o governo. Calcula-se que cerca de 12 mil homens e mulheres tenham participado da Guerra do Contestado. Em 1916, o Exército atacou a comunidade. Milhares de pessoas morreram e o movimento revoltoso teve fim.

Contestado: o conflito recebeu esse nome porque a região onde ocorreu a rebelião popular era disputada entre os estados do Paraná e de Santa Catarina.

A História não está sozinha

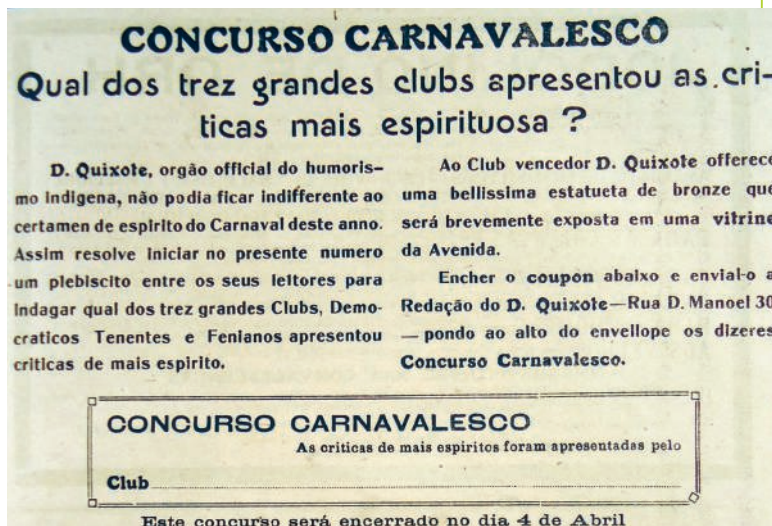
Língua Portuguesa

- As palavras proparoxítonas não eram acentuadas, como *criticas, indigena, democraticos, espirito, espiritos, numero*. As consoantes escritas entre vogais eram redigidas duplicadas: *official, indifferente, anno, oferece, bellissima, envelope*. As ênclises tinham outra construção, como: *envial-o*. Algumas palavras tinham grafia diferente da atual, como: *trez, clubs, certamen e coupon*. Há também um erro de concordância na última linha do subtítulo que se deve, provavelmente, a um problema de tipografia.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Língua Portuguesa

O anúncio ao lado foi publicado no jornal *D. Quixote*, em março de 1922. Nessa época, os jornais apoiavam o carnaval no Rio de Janeiro e os desfiles de fantasia de clubes conhecidos como Grandes Sociedades. Observe que a grafia daquele período é diferente da atual. Conhecendo as regras da língua portuguesa, o historiador compreende como a linguagem escrita muda ao longo do tempo.



Anúncio publicado na revista *D. Quixote* em 1922. Coleção particular.

- Identifique as palavras cuja grafia em 1922 era diferente da dos dias atuais e aponte as diferenças.

Para desenvolver

O movimento operário

Na análise com a turma do movimento operário brasileiro durante a Primeira República, procure expor de modo circunstanciado tanto os elementos centrais da chamada “questão social” quanto as propostas sociais das lideranças anarquistas e anarcosindicalistas, realçando também a presença destacada das mulheres no mercado de trabalho e nas reivindicações proletárias, políticas e sociais dessa época.

De olho na BNCC

Os temas do tópico *As lutas dos trabalhadores* estão vinculados à seguinte habilidade:

- EF09HI08 – Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

Documento

- No depoimento de Jacob Penteadado, crianças de famílias pobres trabalhavam em fábricas. O dia de trabalho era longo, com nove horas, de segunda a sábado e, às vezes, também aos domingos. O calor, a falta de ventilação e os castigos físicos ainda levavam mais sofrimento às crianças operárias.

Fique ligado

BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOMES, Angela de Castro. *Burguesia e trabalho: política e legislação social no Brasil [1917-1937]*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

As duas obras tratam das questões sociais e do movimento operário na Primeira República.

As lutas dos trabalhadores

Voltemos a falar de Maria Lacerda de Moura. Como vocês perceberam até agora, ela cresceu em uma República em que a política era dominada por oligarquias e as revoltas populares eram reprimidas.

Em 1921, ela deixou o município de Barbacena e se mudou com a família para a cidade de São Paulo. Ela trabalhou como professora particular. Convivendo com os trabalhadores, ela presenciou as suas péssimas condições de vida e de trabalho.

A Constituição de 1891 não fazia qualquer referência a leis sociais ou trabalhistas. O liberalismo vigente na época não admitia leis que protegessem os trabalhadores da exploração dos patrões.

A jornada de trabalho era longa, de cerca de 12 horas, e muitos homens e mulheres não contavam com descanso semanal. Não havia direito a férias, salário mínimo, sistema de aposentadoria e pensões por acidentes de trabalho. O operário não tinha nenhuma garantia na fábrica.

No Brasil do começo do século XX, o trabalho que exigia força física não era valorizado, pois o esforço ainda era associado à escravidão. Os trabalhadores, assim, tinham de lutar em várias frentes: melhores salários, leis sociais e valorização do trabalho.

DOCUMENTO

Lembranças do menino operário Jacob Penteadado, em 1910

Jacob Penteadado era um menino que morava no bairro do Belenzinho, no município de São Paulo. Cedo, teve que trabalhar numa fábrica de vidro. Seus colegas de trabalho tinham entre 7 e 14 anos. Ganhavam salários baixíssimos, alimentavam-se mal e levavam surras dos capatazes quando cometiam algum erro.

Minha família, de poucos recursos, não poderia manter-me em estabelecimentos de ensino secundário [...]. E assim, fui continuar meus “estudos” na “Fabriquinha”. [...] Trabalhava-se [...] nove horas por dia, inclusive aos sábados. E, quando havia muitas encomendas, também aos domingos, das seis às doze. O ambiente era o pior possível. Calor intolerável, dentro de um barracão coberto de zinco, sem janelas nem ventilação. [...] Acrescentem-se a isso os maus-tratos dos vidreiros, muito comuns naquele tempo.

Citado em CARONE, Edgard. *O movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1984. p. 53-54.

- De acordo o depoimento de Jacob Penteadado, como era trabalhar em uma época em que não havia leis trabalhistas?

Material digital

Para ampliar os temas abordados no bimestre, verifique, no Plano de desenvolvimento, o projeto integrador *Trabalho e trabalhadores representados por artistas e intelectuais*.

Em defesa dos trabalhadores

Um dos meios que os trabalhadores encontraram para amenizar as péssimas condições de vida foram as Associações de Ajuda Mútua, fenômeno conhecido como **mutualismo**. Nelas, os trabalhadores filiados pagavam uma mensalidade. Em casos de desemprego ou de doença na família, a organização mutualista apoiava financeiramente o associado. Essas associações não se interessavam por política partidária nem propunham greves. O objetivo era auxiliar os operários em caso de necessidade.

Outra forma de organização dos trabalhadores era a fundação de **partidos socialistas**. O objetivo inicial dos socialistas era o de eleger representantes no Congresso Nacional, para que eles apresentassem projetos de leis sociais voltadas para o bem-estar dos trabalhadores.

Já os **anarquistas** tinham propostas diferentes. Eles queriam derrubar o capitalismo e criar uma sociedade igualitária, sem patrões e empregados.

O auge dos anarquistas foi em 1917, ano em que estiveram à frente de uma grande greve na cidade de São Paulo. Nesse episódio a repressão policial sobre eles foi intensa. E assim continuou nos anos seguintes.

Em 1922 foi fundado um partido político que também tinha o propósito de acabar com o capitalismo e criar uma sociedade igualitária: o **Partido Comunista do Brasil**. O movimento comunista no Brasil foi impulsionado pela vitória da Revolução de Outubro, ocorrida na Rússia em 1917.

Anarquismo: palavra de origem grega que significa “sem governantes”. A proposta anarquista era a de criar uma sociedade em que não houvesse a dominação de um indivíduo sobre o outro. Por esse motivo, os anarquistas eram contra a existência de governos, não se organizavam em partidos políticos nem participavam de eleições.

CÁ ENTRE NÓS

Com a abolição da escravidão, os negros continuaram trabalhando na condição de libertos. Eles exerceram muitas atividades ao lado de trabalhadores brancos brasileiros e imigrantes que vieram da Europa. Livres da escravidão, trabalharam nas fábricas, nos portos, nas ferrovias, nos navios, no comércio, fundaram sindicatos e realizaram greves.

Manifestação de trabalhadores durante a greve geral em São Paulo, SP. Fotografia de 1917.



Acervo Iconographia/Reminiscências

Para desenvolver

Contexto histórico das greves

Por meio de um grande esforço de organização, em fins dos anos 1910, o operariado paulista empreendeu diversos movimentos grevistas em prol de melhores condições de trabalho. Procure relacionar os grandes movimentos grevistas que ocorrem no Brasil entre os anos de 1917 e 1920 com a conjuntura política e econômica brasileira e internacional no fim da década de 1910, especialmente com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, temas estudados nos capítulos 1 e 2.

Fique ligado

Libertários (Brasil). Direção de Lauro Escorel, 1976. 27 min.

Apoiado em fotos, documentos e músicas da época, o diretor construiu uma narrativa documental sobre os mundos do trabalho e do trabalhador na cidade de São Paulo em um cenário de rápida industrialização e crescimento populacional, com a chegada ao país de um grande número de imigrantes europeus, sobretudo de nacionalidade italiana.

A greve que parou São Paulo em julho de 1917 (Brasil). TV Senado, 2017. 20 min. Disponível em: <www.senado.leg.br/noticias/TV/Embed.asp?y=9SCfzW4jvw>. Acesso em: 15 out. 2018.

Edição especial do programa “Senado na História”, que aborda a greve geral de 1917, considerando-o um dos movimentos mais expressivos em busca por direitos sociais no Brasil.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *As lutas operárias e o protagonismo feminino na Primeira República* localizada no material digital do Manual do Professor.

Para desenvolver

Maria Lacerda de Moura

Ressalte para a turma as informações acerca da militância social e feminista de Maria Lacerda de Moura, em especial as suas atividades à frente da Federação Internacional Feminina.

Movimento tenentista

Com relação ao movimento tenentista e à Coluna Prestes, procure realçar a importância das ações desses militares no contexto da crise política e social brasileira dos anos 1920, destacando tanto as críticas que eles faziam às oligarquias que dominavam o governo federal quanto as suas propostas para mudar os rumos de desenvolvimento do país.

CÁ ENTRE NÓS

Já havia no Brasil movimentos feministas que lutavam pelo direito ao voto. Uma líder importante foi **Bertha Lutz**. Com o apoio de várias mulheres, ela fundou, em 1922, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. A luta era para que mulheres tivessem garantidos seus direitos políticos.

Latifúndio: grande propriedade rural pertencente a um indivíduo ou família. Em geral, são terras mal aproveitadas para a produção agrícola e com emprego de trabalhadores mal remunerados.

Os tenentes e o civil envolvidos na Revolta dos 18 do Forte caminham pela praia de Copacabana, Rio de Janeiro, RJ, em direção ao Palácio do Governo, em julho de 1922.



56

Maria Lacerda de Moura e a condição da mulher

Maria Lacerda de Moura aderiu ao anarquismo e trabalhou como professora em sindicatos e grupos de teatro. Depois passou a escrever artigos na imprensa anarquista, como no jornal *A Plebe*. Seus temas eram voltados para a questão da educação e da prática pedagógica.

Ela percebeu, ao longo do tempo, que só o anarquismo não contemplava as questões próprias das mulheres. Passou, então, a se dedicar também à defesa dos direitos das mulheres, ajudando a fundar a Federação Internacional Feminina, instituição que presidiu.

Maria Lacerda de Moura defendia que o direito ao voto não era suficiente para melhorar a condição feminina no Brasil. Ela fazia conferências questionando a rígida moral da época que oprimia as mulheres. Sua luta era pela defesa dos trabalhadores, dos direitos das mulheres, contra o fascismo e contra o militarismo. Por suas lutas, ela se tornou conhecida no exterior.

Tenentes em armas

Durante a década de 1920, os governos republicanos começaram a sofrer inúmeras críticas. Os trabalhadores lutavam por melhores condições de vida e de trabalho. Intelectuais e escritores criticavam as oligarquias, a economia dependente da exportação do café e o predomínio do **latifúndio**.

Nessa época, surgiu no Exército uma forte oposição ao governo, o movimento tenentista. No Exército, oficiais como tenentes e capitães passaram a criticar o sistema político da Primeira República. Eles recusavam as eleições fraudulentas e tinham desprezo pelas oligarquias.

Em julho de 1922, um grupo de militares tomou o Forte de Copacabana, na capital federal, na esperança de que outros quartéis aderissem para derrubar o governo. Cercados, 17 deles pegaram seus fuzis e marcharam pelo calçadão de Copacabana acompanhados de um civil. Atacados a tiros por tropas federais leais ao governo, somente dois deles escaparam vivos: Eduardo Gomes e Siqueira Campos. O episódio ficou conhecido como **Revolta dos 18 do Forte**.

Fique ligado

Maria Lacerda de Moura – Trajetória de uma Rebelde (Brasil). LISA-USP/FAPESP, 2003. 33 min.

Produzido pelo Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP, esse documentário aborda aspectos fundamentais da biografia de Maria Lacerda de Moura, professora mineira que lutou pela liberdade de pensamento, contra todas as formas de autoritarismo e discutiu em seus livros a repressão feminina pela família, pela Igreja e pelo Estado.

SCHPUN, Mônica Raisa. Maria Lacerda de Moura: trajetória de uma rebelde. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 329-342, jun. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-8332004000100012>. Acesso em: 15 out. 2018.

A entrevista com Miriam Moreira Leite, do Laboratório de Imagem e de Som em Antropologia da USP, analisa a trajetória social de Maria Lacerda de Moura.

Professor, para ampliar os seus conhecimentos sobre o movimento tenentista indicamos uma pesquisa sobre os termos “tenentismo” e “Coluna Prestes” no *Atlas Histórico do Brasil*, plataforma *on-line* mantida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que se encontra disponível no endereço: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

A Coluna Prestes

Em 1924, na cidade de São Paulo, eclodiu outra revolta tenentista liderada pelo comandante Miguel Costa. A seguir, os revoltosos foram para Foz do Iguaçu. Ao mesmo tempo, o jovem capitão Luiz Carlos Prestes sublevou-se com um grupo de militares na cidade de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, e partiu para encontrar-se com Miguel Costa.

Do encontro entre as tropas surgiu a Coluna Prestes. O objetivo era marchar pelo interior do país incentivando a população rural a lutar contra o governo federal. O que eles fizeram foi surpreendente. A Coluna caminhou pelo interior do Nordeste e Centro-Oeste brasileiros de 1925 a 1927, percorrendo cerca de 25 mil quilômetros. Perseguidos pelo Exército, a Coluna Prestes nunca sofreu uma derrota. No fim, a maior parte dos membros da coluna, inclusive seu comandante, refugiou-se na Bolívia.

➤ Movimento modernista

Ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a Europa perdeu o prestígio artístico e intelectual que tinha no mundo. Sem negar a importância da cultura europeia, jovens artistas brasileiros queriam conhecer o seu próprio país, seus valores e as crenças da população. O objetivo era elaborar uma arte nacional e descobrir, afinal, o que era “ser brasileiro”. Esse movimento artístico e cultural ficou conhecido como **Modernismo**.

Para os artistas, ser moderno era produzir arte inspirada nas músicas, lendas e manifestações populares. No Rio de Janeiro, jovens artistas e intelectuais de classe média passaram a frequentar festas populares. Também frequentavam rodas de samba e aprendiam a dançar o maxixe e o lundu. Para ser moderno, portanto, era necessário conhecer a arte e a cultura produzidas pelo próprio povo.

🔍 QUE HÁ NA IMAGEM?

Tarsila do Amaral foi uma das mais criativas artistas plásticas do movimento modernista. Identifique características do movimento modernista no quadro *Morro da Favela*.



Morro da Favela, óleo sobre tela de Tarsila do Amaral, 1924. Coleção particular.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

No Brasil, durante a Primeira República, as mulheres tinham poucos direitos. Mesmo assim, enfrentando dificuldades e preconceitos, várias delas se destacaram. Maria Lacerda de Moura dedicou-se à educação, à luta dos operários por melhores condições de vida e das mulheres contra a opressão. Bertha Lutz mobilizou as mulheres para que elas tivessem direitos políticos. Tarsila do Amaral destacou-se no campo das artes plásticas.

Pesquise, na sua cidade, a história de uma mulher que, no presente ou no passado, tenha se destacado na sua profissão ou na luta pelos direitos da população local. Em seguida, combinem um dia com o professor para que todos compartilhem as suas descobertas, fazendo cartazes das personagens que foram investigadas pelos estudantes e elaborando um criativo mural sobre as mulheres na história da sua cidade.

■ Para desenvolver

Semana de Arte Moderna de 1922

Ressalte para a turma que a Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo em fevereiro de 1922, ocorreu em um contexto de grande efervescência política e social no país e no mundo e que os intelectuais, escritores e artistas plásticos que dela participaram estavam bastante sintonizados com as vanguardas artísticas europeias, em especial o expressionismo, o futurismo e o cubismo. Mas enfatize também que os modernistas tornaram o Brasil, o seu povo e suas tradições culturais o objeto central de suas obras. Procure demonstrar isso para os alunos analisando com eles algumas obras da época de pintores como Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral, trechos de músicas de Heitor Villa-Lobos e de poemas de Mário de Andrade.

Fique ligado

Semana de Arte Moderna (Brasil). TV Cultura, 2002. 41 min. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/8006_semana-de-arte-moderna.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

Para comemorar os 80 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, a TV Cultura produziu, em 2002, este programa, que destaca os principais fatos, personagens, atos e efeitos do movimento modernista.

Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

A Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira é uma obra de referência virtual que reúne informações sobre artes visuais, literatura, teatro, cinema, dança e música produzidos no Brasil.

O que há na imagem?

Em uma época em que as elites brasileiras valorizavam a arte europeia, sobretudo a francesa, Tarsila do Amaral criou uma pintura cujo tema é a favela, lugar onde moravam trabalhadores pobres. Vale observar algo importante para os artistas do movimento modernista: as pessoas que aparecem no quadro são negras. Tarsila valorizava não apenas o lugar de habitação das pessoas pobres, mas ressaltava a importância da população negra. Para a artista, o Brasil estava na favela. Vale observar, também, que o quadro foi pintado com cores fortes, expressando que a favela é lugar de beleza e harmonia.

O seu lugar na História

A atividade permite uma discussão sobre a situação das mulheres na sociedade. Destaque a importância do trabalho feminino na sociedade e, particularmente, no município da escola.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *Cultura popular na Primeira República: o nascimento do samba* localizada no material digital do Manual do Professor.

Para desenvolver

Na análise com a turma dos eventos que levaram a uma ruptura do pacto entre os principais setores da oligarquia brasileira no curso da sucessão do presidente Washington Luís, realce tanto os efeitos no Brasil da quebra da Bolsa de Nova York em outubro de 1929, que consta no capítulo 4, quanto o processo de articulação da Aliança Liberal e de sua plataforma política para as eleições de março de 1930.

Fique ligado

JANOTTI, Maria de Lourdes M. *Sociedade e política na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1999.

DOSSIÊ “80 anos da Revolução de 1930”. FGV/CPDOC. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/revolucao1930>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Material para ampliar conhecimentos sobre a articulação da Aliança Liberal e de sua plataforma eleitoral, bem como acerca da crescente radicalização política no país entre a eleição de março de 1930 e a eclosão do movimento civil e militar em outubro daquele ano.

FIQUE DE OLHO

Revolução de 1930 (Brasil). Direção de Sylvio Back, 1980. 118 min.

Documentário sobre a Revolução de 1930. O diretor utiliza imagens de época, fotografias, músicas e depoimentos de historiadores.

Em São Paulo, o movimento foi explosivo. Entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922, um grupo de jovens artistas realizou no Teatro Municipal da cidade a Semana de Arte Moderna. Eles mostraram suas pinturas e esculturas, leram trechos de seus livros, apresentaram concertos musicais. Entre alguns artistas que se destacaram estavam Oswald de Andrade e Mário de Andrade, na literatura; Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, na pintura; Villa-Lobos, na música clássica; Vitor Brecheret, na escultura.

▶ A Revolução de 1930

O predomínio de paulistas e mineiros causou insatisfação nas oligarquias de diversos estados. Essas **oligarquias dissidentes** estavam em desacordo com a política do governo federal de beneficiar principalmente os cafeicultores de São Paulo, enquanto a produção agropecuária de estados do Sul e do Nordeste ficavam em segundo plano.

A crise política chegou ao auge na sucessão presidencial de Washington Luís, em 1929. Ele pertencia ao Partido Republicano Paulista. Na sucessão, o Partido Republicano Mineiro reivindicou para si a candidatura para presidente da República. O PRP não aceitou, lançando seu próprio candidato, o paulista Júlio Prestes.

Surgiu então a **Aliança Liberal**, unindo mineiros, gaúchos e paraibanos para disputar as eleições com o PRP. Quebrava-se assim a tradicional aliança política mineiro-paulista. A insatisfação era tanta que o segundo maior partido político de São Paulo, o Partido Democrático, apoiou a Aliança Liberal. A candidatura a presidente coube ao gaúcho Getúlio Vargas e a de vice-presidente, ao paraibano João Pessoa.

Passeata da Aliança Liberal exigia eleições livres, Rio de Janeiro, RJ. Fotografia de setembro de 1929.



Acervo Iconographia/Reminiscências

O fim da Primeira República

Em outubro de 1929, ocorreu a quebra da Bolsa de Valores de Nova York. Tinha início a mais grave crise econômica mundial até então. Os preços do café despencaram no mercado internacional e o Brasil conheceu profunda crise econômica. Ainda assim, nas eleições de março de 1930, Júlio Prestes venceu as eleições com mais de 1 milhão de votos contra pouco mais de 700 mil de Vargas.

Os políticos gaúchos e mineiros, alegando fraude, não aceitaram o resultado das eleições e se aproximaram dos militares que participaram do movimento tenentista. Assim, políticos das oligarquias dissidentes e tenentes se uniram para a tomada do poder. A conspiração crescia. Em julho de 1930, João Pessoa, candidato a vice-presidente na Aliança Liberal, foi assassinado. Sua morte nada teve a ver com a política, mas causou grande comoção no país.

O movimento civil e militar eclodiu no dia 3 de outubro de 1930. Forças militares partiram do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Nordeste em direção ao Rio de Janeiro. Para evitar a guerra civil, os ministros militares destituíram Washington Luís da presidência em 24 de outubro. O episódio ficou conhecido como **Revolução de 1930**. Dias depois, Getúlio Vargas tomava posse como chefe do Governo Provisório.

Começava, no Brasil, outra fase de sua história republicana, a chamada Era Vargas.

A luta continuou

Maria Lacerda de Moura continuou sua luta pela causa dos operários e contra a opressão sobre a mulher. Publicou vários livros. Em 1928, foi morar em uma fazenda onde existia uma comunidade anarquista. Em 1934, devido a uma doença, ela mudou-se para o Rio de Janeiro, mas foi impedida de exercer sua profissão de professora: foi considerada pelo governo uma “perigosa comunista”. Maria Lacerda de Moura faleceu em 1944.

Vargas caminha vitorioso com o comando militar da Revolução de 1930, Ponta Grossa, Paraná. Fotografia de outubro de 1930.



Acervo Iconográfico/Reminiscências

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 42?

Créditos das imagens de baixo para cima: Rômulo Fialdini/Acervo do fotógrafo; Tarsila do Amaral/Emblemas; Acervo das Autômatas/Arquivo da editora; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.; Reprodução/Arquivo da editora; Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

59

Material digital

Para avaliar o aprendizado de seus estudantes, verifique a Proposta de acompanhamento da aprendizagem do 1º bimestre localizada no material digital do Manual do Professor.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, oriente os alunos a relerem a pergunta da página 42 e as respostas que deram a ela. A seguir, com base nos temas do capítulo 3 trabalhados em sala de aula, organize um debate com a turma sobre as práticas políticas e as eleições durante a Primeira República no Brasil, destacando de modo especial as consequências das disputas oligárquicas verificadas na sucessão presidencial de Washington Luís, em 1929, e nas eleições de março de 1930.

Para desenvolver Radicalização política

Analise com a turma os principais eventos do processo de radicalização política dos diversos setores da oligarquia brasileira entre a eleição de março de 1930 e a eclosão do movimento civil e militar em outubro daquele ano. Procure também destacar os dados sobre a trajetória de Maria Lacerda de Moura nas décadas de 1930 e 1940, período em que ela enfrentou fortes dificuldades em virtude de suas lutas em defesa dos direitos das mulheres e da classe trabalhadora.

Atividade complementar

Direitos políticos das mulheres

No Brasil, durante a Primeira República, as mulheres tinham poucos direitos. Mesmo assim, enfrentando dificuldades e preconceitos, várias delas se destacaram. Maria Lacerda de Moura dedicou-se à educação, à luta dos operários por melhores condições de vida e das mulheres contra a opressão. Bertha Lutz mobilizou as mulheres para que elas tivessem direitos políticos. Tarsila do Amaral destacou-se no campo das artes plásticas.

Ressalte essas informações para a turma e oriente os alunos para que realizem a atividade descrita a seguir, que permite uma discussão sobre questões de gênero na sala de aula, colocando em destaque a importância do trabalho feminino na sociedade e, particularmente, no município da escola. A atividade pode ser realizada em duplas ou em grupos, conforme o professor achar mais pertinente.

- Pesquise, no município onde você mora, a história de uma mulher que, no presente ou no passado, tenha se destacado na sua profissão ou na luta pelos direitos da população local. Em seguida, combinem um dia com o professor, a fim de que todos compartilhem as suas descobertas, produzindo cartazes das personagens que foram investigadas e elaborando um criativo mural sobre as mulheres na história da sua cidade.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Nos municípios, como não havia Justiça Eleitoral nem o voto secreto, o coronel organizava as eleições e indicava os candidatos em quem o eleitor deveria votar, não raro sob a vigilância de capangas, e elaborava a ata final da eleição. Assim, candidatos de oposição não eram eleitos. Em troca do apoio eleitoral, os presidentes dos estados ofereciam benefícios para o coronel e sua região.
2. No caso da “política dos governadores”, o presidente da República não interferia nas políticas estaduais e, em troca, os governadores apoiavam o presidente. A “política do café com leite” refere-se à recorrente união do Partido Republicano Paulista com o Partido Republicano Mineiro para vencer as eleições presidenciais, contando com o domínio dos dois maiores colégios eleitorais do país para tanto.
3. O café chegou a representar 72,5% do valor das exportações do Brasil, maior produtor mundial desse produto. A lucratividade crescente propicia a ampliação contínua das plantações e leva a uma crise de superprodução, provocando a queda mundial dos preços do café. No “Convênio de Taubaté” (1906), os governadores de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro propuseram ao Governo Federal recorrer a empréstimos externos para comprar e estocar o excedente da safra, preservando os lucros dos cafeicultores, mas prejudicando o conjunto da sociedade.
4. Antônio Conselheiro era um “beato” que pregava a religião católica pelos sertões nordestinos. Em 1893, no interior da Bahia, fundou o arraial de Canudos atraindo entre 20 mil e 30 mil pessoas pobres, mas que encontraram em tal arraial o mínimo para viver, podendo cultivar sua terra e criar animais, livres da exploração dos grandes proprietários rurais. Estes acusam Canudos de querer derrubar a República e restabelecer a Monarquia e quatro expedições militares foram enviadas para destruí-lo, o que ocorre em 1897,



60

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Por que podemos afirmar que na Primeira República as eleições eram controladas pelos coronéis?
- 2 | Explique como as expressões políticas dos governadores e a política do café com leite descrevem as práticas de governo da Primeira República.
- 3 | Qual a importância do café para a economia brasileira e quais acordos resultaram da política de valorização do café?
- 4 | Quem foi Antônio Conselheiro e por que o arraial que ele fundou, chamado de Canudos, terminou em grande tragédia?
- 5 | Por que a população do Rio de Janeiro se revoltou contra a vacinação obrigatória contra a varíola em 1904?
- 6 | Como eram as condições de trabalho dos operários durante a Primeira República?
- 7 | Descreva a atuação de Luiz Carlos Prestes junto à coluna militar que recebeu seu nome.
- 8 | Estabeleça a relação entre a Aliança Liberal e a Revolução de 1930.
- 9 | Por que esta frase é falsa?
A Revolta da Chibata ocorreu quando os marinheiros tomaram o comando dos navios de guerra e exigiram a convocação de eleições presidenciais para a escolha do sucessor do marechal Deodoro da Fonseca.
- 10 | Por que a Amazônia foi importante para o crescimento do consumo da borracha no mundo?

PESQUISA

Atualmente, 15 quilômetros distante do arraial destruído pelo Exército, está situada a cidade de Canudos. Na região está localizado o Parque Histórico de Canudos, também conhecido como Parque Estadual de Canudos. Trata-se de uma reserva ecológica, militar e arqueológica, considerada um “museu a céu aberto”.

- Em parceria com um colega de turma, pesquisem sobre o município de Canudos e o Parque Histórico de Canudos. Quais são as principais atividades econômicas, qual é o desempenho de Canudos no Índice de Desenvolvimento Humano e por que o Parque é considerado um “museu a céu aberto” são questões importantes que devem ser exploradas na pesquisa. Você poderá encontrar informações atuais sobre Canudos nos sites:
 - Prefeitura de Canudos: <www.canudos.ba.gov.br>.
 - IBGE Cidades: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/canudos/panorama>>.
 - Governo do estado da Bahia: <<http://bahia.com.br/roteiros/parque-historico-de-canudos/>>.
 - Projeto Canudos da Universidade Estadual da Bahia: <www.uneb.br/canudos/parque-estadual-de-canudos-pec/>.
 - Índice de Desenvolvimento Humano – Municípios: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/>>.

Acesso em: 4 jun. 2018.

provocando a morte de milhares de pessoas.

5. Já muito insatisfeito com a demolição de suas moradias durante as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos, em 1904 o povo pobre e trabalhador do Rio de Janeiro promoveu uma grande revolta pelas ruas da cidade quando o governo decretou que a vacina seria aplicada obrigatoriamente, sem qualquer esclarecimento à população.
6. Não havia leis sociais ou trabalhistas, como férias, salário mínimo, aposentadorias ou indenizações por acidentes de traba-

lho. A jornada de trabalho era longa, cerca de 12 horas por dia e muitos não tinham sequer o descanso semanal.

7. Na rebelião militar de 1924, as tropas paulistas comandadas por Miguel Costa direcionaram-se para Foz do Iguaçu, onde encontraram com os soldados que haviam se revoltado no Rio Grande do Sul sob a liderança de Luiz Carlos Prestes, então um jovem capitão do Exército. A Coluna Miguel Costa- Prestes percorreu 25 mil km pelo país, de 1925 a 1927, feito que rendeu a Prestes a designação de “Cavaleiro da Esperança”.

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Na edição de setembro de 1922, a revista *D. Quixote* criticava as elites do país.

Nesta charge, sobre as comemorações dos cem anos da independência do Brasil, um indígena é impedido de participar da festa.

Arquivo do autor/Arquivo da editora



Charge publicada na revista *D. Quixote* em 1922 com os dizeres: “— Então, como é isto, seu Protocollo, nós, os verdadeiros filhos da terra, não entramos na festa?”

— De acordo com a d. Pragmática vocês serão expostos como typos... exóticos.”.

Coleção particular.

- Analise a charge e o diálogo entre o indígena e o “Sr. Protocollo”.

O PASSADO PRESENTE

Em 2013, o governo federal divulgou um plano de vacinação contra o vírus HPV. O vírus é adquirido por relações sexuais e é o principal causador de câncer de colo de útero na mulher. Médicos avaliam que o HPV é responsável por 80% a 90% desse tipo de câncer. Atualmente 53 países já adotam a vacinação, como os Estados Unidos, o Canadá, a Inglaterra, entre outros.

No Brasil, a estratégia do Sistema Único de Saúde (SUS) é a aplicação da vacina em três doses. A primeira deve ser aplicada em adolescentes entre 11 e 12 anos; a segunda dose só poderá ser aplicada seis meses após a primeira. A terceira e última dose, cinco anos depois da primeira.

- Em 1904, no Rio de Janeiro, houve grande reação diante da vacinação obrigatória contra a varíola. Não houve, como nos dias atuais, campanhas governamentais alertando a população sobre a importância das vacinas. No entanto, atualmente, surgem resistências à imunização contra o vírus HPV. Você identifica alguma relação entre um caso e outro?

Pesquisa

A criação do Parque Estadual de Canudos foi decretada no ano de 1986. Ele é composto por lugares onde ocorreu a Guerra de Canudos, tendo importantes sítios arqueológicos. Nesse sentido, pode ser chamado como “museu a céu aberto”. Hoje em dia, o município de Canudos situa-se a 15 quilômetros do antigo povoado, e os seus habitantes vivem da pesca de tilápias e tucunarés, da agricultura e do turismo. O IDHM de Canudos é de 0,562 de acordo com o Atlas Brasil do Programa da ONU para o Desenvolvimento (PNUD).

Imagens contam a história

Resposta pessoal. Os alunos devem reconhecer que a charge critica as elites do país pela influência cultural estrangeira, sobretudo francesa, e por menosprezarem os valores culturais brasileiros. O indígena se proclama como “verdadeiro filho da terra”, mas é considerado pelas elites como um “tipo exótico”.

O passado presente

Tanto contra a varíola em 1904 quanto contra o HPV nos dias atuais, os argumentos são de ordem moral, portanto, subjetivos. No primeiro caso, os maridos não admitiam que os funcionários encarregados da vacinação tocassem em suas mulheres e filhas. Atualmente, o argumento é que a vacinação estimularia o início precoce da vida sexual.

8. Tendo como candidato à presidência da República o gaúcho Getúlio Vargas, a Aliança Liberal reuniu os partidos republicanos do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, além do Partido Democrático de São Paulo, na disputa com o Partido Republicano Paulista, cujo candidato era o paulista Júlio Prestes, que venceu as eleições de março de 1930. Inconformados com esse resultado e aliados aos tenentes, na Revolução de Outubro de 1930, políticos da Aliança Liberal derrubaram o presidente Washington Luís.
9. A Revolta da Chibata foi uma Rebelião dos marinheiros contra os castigos físicos, por aumento dos soldos e melhores condições de trabalho nos navios de guerra.
10. A descoberta do processo de vulcanização da borracha, essencial para a fabricação de pneus e outros produtos, fez com que aumentasse a extração de látex nos seringais da região amazônica entre 1890 e 1910, período em que cerca de 26% do valor das exportações brasileiras vinculavam-se a essa atividade extrativista.

Unidade 2

Crises e guerras

Unidade composta dos capítulos 4, 5, 6 e 7, vinculados respectivamente ao estudo da crise de 1929 e do *New Deal*, da ascensão do fascismo e do nazismo, da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). A princípio, serão analisadas as transformações econômicas, políticas e sociais no pós-Primeira Guerra tanto nos Estados Unidos dos anos 1920 e 1930, cuja notável prosperidade foi colocada em xeque com o *crash* da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, quanto numa Europa ocidental devastada e que enfrentava, nessa época, uma profunda crise socioeconômica. O aprofundamento dessa crise, em diferentes nações europeias, contribuiu para o enfraquecimento da democracia liberal e para o avanço de movimentos de viés ultranacionalista e que resultaram em regimes totalitários – como o fascismo italiano e o nazismo alemão. Num segundo momento, o foco da análise se concentrará nas causas centrais e fases de desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, realçando o genocídio de milhões de judeus, eslavos e outros grupos étnicos perpetrado pelo nefasto regime nazista. No Capítulo 7, encerrando a Unidade 2, os diversos contextos político-institucionais em que Getúlio Vargas governou o Brasil entre 1930 e 1945 serão avaliados, destacando-se de modo especial os avanços importantes no campo dos direitos sociais verificados no país nesse período, marcado também pela forte restrição dos direitos civis e políticos nos anos do Estado Novo (1937-1945).

A imagem de abertura da Unidade 2 é uma pintura de Raymond Moore, que pertence ao acervo da Biblioteca Roosevelt, Nova York, EUA. Tal ilustração produzida a partir de uma foto feita em 28 de janeiro de 1943, representa um dos registros históricos do encontro dos presidentes do Brasil e dos Estados Unidos, Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt, no momento em que o então governante estadunidense visitava uma base militar instalada por seu país em Natal, Rio Grande do Norte – a base Parnamirim Fields, que serviu de ponto de apoio estratégico para as operações militares norte-americanas no norte da África e no Mediterrâneo, num momento emblemático e decisivo da Segunda Guerra Mundial.



62

Competências Gerais da Educação Básica	Competências Específicas de Ciências Humanas	Competências Específicas de História
CG1, CG3, CG5, CG6, CG8, CG9, CG10	CCH2, CCH4, CCH5, CCH7	CEH1, CEH2, CEH3, CEH4, CEH5, CEH6, CEH7



Reprodução/Biblioteca Roosevelt, Nova York, EUA.

Créditos das imagens de baixo para cima: Reprodução/Arquivo da editora; Leemage/Corbis/Getty Images; Courtesy Everett Collection/Fotoarena.

VAMOS ESTUDAR

- » EUROPA E ESTADOS UNIDOS NOS ANOS 1920
- » A QUEBRA DA BOLSA DE NOVA YORK
- » A GRANDE DEPRESSÃO
- » O NEW DEAL
- » ITÁLIA FASCISTA
- » O NAZISMO ALEMÃO
- » ANTISEMITISMO NAZISTA
- » A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL
- » A BOMBA ATÔMICA
- » O GOVERNO VARGAS: REFORMAS SOCIAIS E INDUSTRIALIZAÇÃO
- » CONSTITUCIONALISTAS, COMUNISTAS E INTEGRALISTAS
- » A DITADURA DO ESTADO NOVO

Visita de Franklin Delano Roosevelt ao Brasil, pintura de Raymond Moore, década de 1940.

Roosevelt está ao lado do motorista e o presidente brasileiro Getúlio Vargas está atrás, com uma bengala. Biblioteca Roosevelt, Nova York, EUA.

2

UNIDADE

CRISES E GUERRAS

Em 28 de janeiro de 1943, o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, e o presidente brasileiro, Getúlio Vargas, se encontraram em Natal, no Rio Grande do Norte.

O mundo vivia uma fase muito conturbada. Em 1929, eclodiu a mais grave crise econômica conhecida até então, provocando o desemprego e a miséria dos trabalhadores. Na Europa, os fascismos e o nazismo avançaram pelo continente. O nazismo alemão deu início a uma guerra de proporções mundiais.

O Brasil não ficou afastado dos conflitos que abalavam o mundo. Liberais, comunistas e integralistas entraram em conflitos. O governo Vargas, embora autoritário, industrializou o país e promulgou leis trabalhistas, além de enviar tropas para lutar ao lado dos regimes democráticos contra as forças fascistas e nazistas. Foi um período muito conturbado no Brasil e no mundo.

Objetivos da Unidade

- Analisar tanto as transformações sociais e econômicas nos Estados Unidos entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, cujas consequências atingem então o mundo todo, quanto as medidas do *New Deal*, nos Estados Unidos, durante os anos 1930.
- Compreender os respectivos processos de ascensão ao poder do fascismo na Itália, em 1922, e do nazismo na Alemanha, em 1933, e as características centrais desses regimes totalitários dos anos 1920 aos anos 1940.
- Analisar as causas centrais e principais fases de desenvolvimento da Segunda Guerra, realçando tanto as ações bélicas e expansionistas da Alemanha nazista e de seus aliados quanto os papéis fundamentais desempenhados pelos Estados Unidos e pela antiga União Soviética, respectivamente, para derrotar as forças do Eixo nas frentes ocidental e oriental.
- Realçar o genocídio de judeus, eslavos e outros grupos étnicos promovidos pela Alemanha nazista e por seus colaboradores em diversas regiões da Europa no curso da Segunda Guerra Mundial.
- Analisar os diferentes contextos políticos e institucionais em que Getúlio Vargas governou o Brasil entre 1930 e 1945, realçando as transformações socioeconômicas experimentadas no país em tal período.
- Examinar a política social do Estado Novo (1937-1945), destacando os elementos centrais da ideologia trabalhista de Getúlio Vargas nesse contexto ditatorial.

Habilidades da BNCC trabalhadas na Unidade

EF09HI03	EF09HI06	EF09HI07	EF09HI08	EF09HI09	EF09HI12	EF09HI13
----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------

Capítulo 4 A crise de 1929 e o New Deal

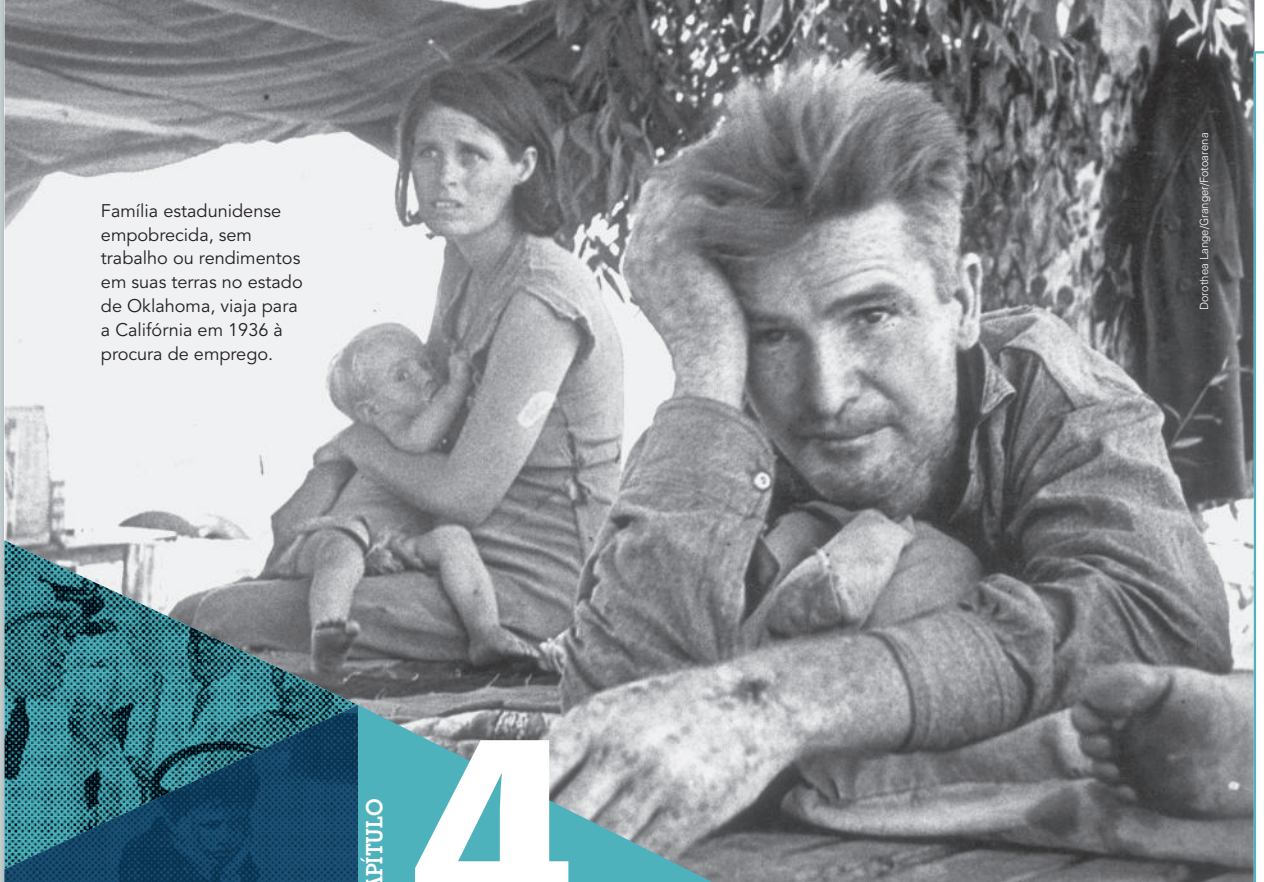
Os temas centrais deste capítulo se relacionam diretamente com a economia dos Estados Unidos da América e do mundo nos anos 1920 e 1930, com destaque para a análise circunstanciada das causas e consequências do *crash* da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929 e também das medidas governamentais adotadas durante o governo de Franklin Delano Roosevelt, nos Estados Unidos, para fazer frente à profunda crise do início dos anos 1930. O personagem microanalítico é o ator e diretor de cinema Charles Chaplin, que nos anos da Grande Depressão estadunidense produziu e estrelou filmes com intensa crítica social, como *Luzes da cidade* (1931) e *Tempos modernos* (1936).

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as profundas transformações econômicas experimentadas pela sociedade estadunidense nos anos 1920 e as relações desse país com a Europa logo após o fim da Primeira Guerra Mundial.
- Relacionar as lutas políticas e sociais das classes trabalhadoras e das mulheres nos Estados Unidos e no mundo capitalista com as transformações e crises econômicas que se processaram nos anos 1920 e 1930.
- Apresentar as causas e consequências da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1929, para a economia estadunidense e global.
- Analisar as medidas que integraram o *New Deal*, nos EUA, durante a década de 1930.

Habilidade da BNCC trabalhada no capítulo

EF09HI12



Família estadunidense empobrecida, sem trabalho ou rendimentos em suas terras no estado de Oklahoma, viaja para a Califórnia em 1936 à procura de emprego.

Dorothea Lange/Granger/Fotoarena

CAPÍTULO

4

A CRISE DE 1929 E O NEW DEAL

Em 1929, os Estados Unidos viveram uma crise econômica muito grave.

Desemprego dos trabalhadores, pobreza generalizada, falências de empresas e bancos, além da falta de rendimentos na agricultura, criaram desesperanças entre milhões de cidadãos estadunidenses.

Um economista muito conceituado, John Kenneth Galbraith, explica o que aconteceu naquele país em 1930, 1931 e 1932. Segundo seu relato, nesses anos

[...] havia pessoas passando fome. Outras eram torturadas pelo medo de virem a passar fome. Outros ainda sofriam a agonia da perda da honra e da respeitabilidade que, junto com a riqueza, haviam se afundado na pobreza. E outros enfim temiam ser os próximos. Todos sofriam um sentimento de desesperança extrema. A impressão é que nada podia ser feito.

GALBRAITH, John Kenneth. 1929: a grande crise. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010. p. 177.

Créditos das imagens de cima para baixo: Reprodução/Biblioteca Roosevelt, Nova York, EUA; H. Armstrong Roberts/Getty Images; Otto Soglow/Granger/Fotoarena; Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Stock Montage/Getty Images.

64

Puxando pela memória

A crise econômica referiu-se ao sistema capitalista.

Material digital

Para auxiliar em seu planejamento escolar e na organização de suas aulas, verifique o plano de desenvolvimento do 2º bimestre, localizado no material digital do Manual do Professor.

↳ O adorável vagabundo

Charles Chaplin nasceu em Londres, em 1889. Sua infância foi pobre e sofrida. Seu pai era alcoólatra e cedo abandonou a família. Sua mãe era cantora, mas, muito doente, foi internada em uma clínica psiquiátrica. O garoto Charles foi viver em uma escola para órfãos.

Apesar da vida sofrida, ele mostrava talento como ator. Ainda jovem, entrou para um grupo teatral. Em 1910, o grupo se apresentou nos Estados Unidos e Charles Chaplin foi contratado por um estúdio de cinema de Hollywood em 1913.

Naquela época, existia somente o chamado cinema mudo. Algumas falas dos personagens apareciam escritas na tela e músicos, ao vivo, tocavam melodias de acordo com o desenrolar das cenas. Os filmes, na maioria, eram de comédias “pastelão”. Como havia milhões de imigrantes nos Estados Unidos que não falavam inglês, o cinema mudo era muito bem aceito.

Charles Chaplin participou de vários filmes, mas ganhava pouco. Certo dia, ele inventou um personagem ao vestir peças que havia no estúdio da companhia em que trabalhava: calça larga, sapatos grandes, paletó justo, bengala e um chapéu-coco. O conjunto era contraditório: a calça era grande, mas o paletó apertado; o chapéu pequeno, mas os sapatos, além da medida. Como ele era muito jovem, pôs um bigode para parecer mais velho.

Charles Chaplin não sabia, mas tinha criado um personagem que ficaria conhecido por milhões de pessoas no mundo inteiro, capaz de fazer rir e chorar: Carlitos, o vagabundo.

Cena do filme *Luzes da cidade*, de 1931, em que Charles Chaplin, interpretando Carlitos, ajuda a florista deficiente visual, personagem de Virginia Cherrill.



■ Para desenvolver Charles Chaplin

Apresente para a turma os dados biográficos de Charles Chaplin, o personagem central do capítulo, que nos anos 1910 migrou da Inglaterra para os EUA e iniciou sua carreira de ator no cinema mudo, criando o personagem mais marcante de sua trajetória: Carlitos, o vagabundo. A seu critério, exiba para a turma um filme ou trechos de filmes de Chaplin dos anos 1910 e 1920, procurando realçar também elementos e aspectos relevantes da sociedade estadunidense antes e após a Primeira Guerra Mundial.

Fique ligado

Charlie: a vida e a arte de Charles Chaplin (EUA). Direção de Richard Schickel, 2003. 127 min.

Narrado pelo cineasta Sydney Pollack, o filme conta a vida do ator, diretor e produtor Charles Chaplin desde sua infância até sua morte em 1977. Contém imagens raras de arquivo e comentários de familiares e amigos, que oferecem um alentado panorama sobre a trajetória cinematográfica de Chaplin.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala de aula o contexto socioeconômico dos Estados Unidos e da Europa no pós-Primeira Guerra Mundial, temas presentes entre as páginas 66 e 71 do livro do estudante, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade:

- EF09HI12 – Analisar a crise capitalista de 1929 e seus desdobramentos em relação à economia global.

Para desenvolver Impactos da Grande Guerra

Na análise com a turma do contexto social e econômico das economias capitalistas centrais logo após a Primeira Guerra Mundial, ressalte as principais diferenças entre a situação dos Estados Unidos, que experimentava um momento de forte expansão e prosperidade, e a da França, Inglaterra e Alemanha, nações que viviam sérios problemas no campo e na cidade em função da enorme destruição resultante da Grande Guerra. Procure também comparar o liberalismo econômico vigente nessas nações com o modelo de organização social em implantação na URSS dos anos 1920, que foi objeto de estudo no capítulo 2.

A guerra abalou ideias e crenças de intelectuais europeus. Uma dessas ideias foi a do progresso. Outra era a de que na Europa viviam civilizações superiores. Após a guerra, o pessimismo invadiu o ambiente intelectual europeu e o continente americano passou a ser visto como o lugar onde seria construída uma nova civilização.

Outras histórias**Lutas sociais**

- Conquistando seus direitos políticos, as mulheres poderiam eleger representantes que aprovassem leis que garantissem seus direitos sociais, como salários iguais por trabalhos iguais aos dos homens e leis trabalhistas.

FIQUE DE OLHO

As sufragistas (Reino Unido). Direção de Sarah Gavron, 2015. 106 min.

No Reino Unido do início do século XX, as mulheres ainda não tinham direito ao voto. Esse filme conta a história da luta pela igualdade de direitos.

Fim da guerra: a ascensão dos Estados Unidos e o retorno do liberalismo

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os Estados Unidos tornaram-se o país mais rico do mundo. A guerra foi muito destrutiva na Europa.

Os países europeus deviam bilhões de dólares aos Estados Unidos e ainda necessitavam importar mercadorias e alimentos. Assim, os Estados Unidos saíram da guerra como credores dos países europeus e exportador de mercadorias.

O liberalismo voltou a comandar a economia. Segundo o liberalismo econômico, o mercado capitalista regularia a economia, e as divergências entre patrões e empregados deveriam ser resolvidas entre eles – sem a intervenção do governo.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Sufragismo e direitos sociais para as mulheres

Na Europa, a Primeira Guerra Mundial ampliou o mercado de trabalho para as mulheres. Um grande número delas foi trabalhar nas indústrias, substituindo os homens que estavam nos campos de batalha. Com o fim da guerra, elas também conquistaram mais lugares nos escritórios, no setor de serviços e como profissionais liberais.

Com a independência financeira, as mulheres se sentiram livres para enfrentar os rígidos costumes da época. Elas também lutaram por seus direitos políticos, como o direito de votar e de serem votadas.

Lideranças femininas organizaram movimentos sufragistas e, depois de muitas lutas, conquistaram o direito ao voto na Grã-Bretanha e na Alemanha em 1918, nos Estados Unidos

em 1920 e na França somente em 1944! No Brasil, as mulheres conquistaram seus direitos políticos em 1932.



Em Washington, capital dos Estados Unidos, mulheres sufragistas, na parte superior de um pequeno ônibus, fazem comício exigindo o direito ao voto. Fotografia de c. 1900.



- Na frase escrita no ônibus, lemos o seguinte: “8000000 de trabalhadoras precisam do voto para [ter direito a] salário igual para o mesmo trabalho e [lutar por] uma legislação trabalhista [para todos]”. Por que as mulheres vinculavam o direito ao voto a outros direitos, como salário igual ao dos homens e uma legislação trabalhista inclusiva?

Fique ligado

A LONGA luta das sufragistas pelo direito de votar [6 fev. 2018]. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/a-longa-luta-das-sufragistas-pelo-direito-de-votar/a-42461154>. Acesso em: 15 out. 2018.

Reportagem do portal de notícias na internet do *Deutsche Welle* (DW) sobre as lutas feministas que resultaram, cerca de um século atrás, na aprovação da lei que deu direito ao voto a parte das mulheres do Reino Unido.

INGLATERRA celebra cem anos do sufrágio feminino. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/inglaterra-celebra-cem-anos-do-sufr%C3%A1gio-feminino/av-43549286>>. Acesso em: 2 set. 2018. Notícia com vídeo e texto curtos, sobre a inauguração na Praça do Parlamento, em Londres, de uma estátua em homenagem à líder feminista Millicent Fawcett, que foi a fundadora da União Nacional pelo Sufrágio Feminino. A inauguração do monumento faz parte das comemorações do centenário da lei que deu às primeiras mulheres o direito ao voto no Reino Unido.

A repressão aos trabalhadores

Desde meados do século XIX, a indústria estadunidense se beneficiou da farta mão de obra decorrente da chegada de milhões de imigrantes europeus. Entre 1865 e 1915, entraram no país cerca de 25 milhões de pessoas.

As greves operárias eram tratadas com extrema violência policial. Empresários demitiam operários que participassem de sindicatos. Anarquistas, comunistas e socialistas eram considerados criminosos pelos patrões.

Perseguições aos trabalhadores negros

Os operários negros eram reprimidos em suas reivindicações trabalhistas e discriminados. Em 1919, trabalhadores realizaram muitas greves reivindicando aumentos salariais. A repressão policial foi violenta contra as greves e a população negra foi bastante perseguida, assim como os imigrantes.

Em 1915 ressurgiu uma organização tenebrosa: a Ku Klux Klan (KKK). Era uma entidade que pregava o ódio contra as pessoas negras. O objetivo era aterrorizar as pessoas negras que viviam nos estados do sul, impedindo-as de votar, de ter terras e de reivindicar direitos de cidadania. Os membros da KKK praticaram assassinatos, linchamentos e enforcamentos de pessoas inocentes.

A Lei Seca

Em 1919, o governo proibiu a fabricação e a venda de bebidas alcoólicas. Era a chamada **Lei Seca**. O resultado foi a fabricação por empresas clandestinas pertencentes aos chamados “gângsteres” e que tinham o apoio de policiais corruptos. O mais famoso gângster foi Al Capone, na cidade de Chicago. Bares clandestinos continuaram a vender bebidas alcoólicas.



Na fotografia acima, Elizabeth Gurley Flynn discursa durante a greve de trabalhadores da indústria têxtil na cidade de Lawrence, Massachusetts, Estados Unidos, em 1912. Imigrante irlandesa, ela atuou como líder sindical na organização anarquista Trabalhadores Industriais do Mundo e posteriormente no Partido Comunista dos Estados Unidos. Também lutou pelos direitos das mulheres, como o direito ao voto, tendo fundado a União Americana para as Liberdades Cívicas.

FIQUE DE OLHO

Os intocáveis (EUA).
Direção de Brian de Palma, 1987. 119 min.

Grupo de policiais federais incorruptíveis é indicado para combater gângsteres de Chicago e prender Al Capone.

Para desenvolver

Imigrantes e força de trabalho nos EUA

Ao expor a situação de vida e trabalho das classes trabalhadoras nos Estados Unidos entre 1865 e 1915, resalte para os alunos que parte significativa dessa força de trabalho compunha-se de imigrantes provenientes da Europa, onde no mesmo período houve forte crescimento populacional, aumento da pobreza e do desemprego e falta de terras para a maioria dos camponeses. Muitos deixaram seus países devido a perseguições políticas e religiosas. Destaque também a forma violenta com que as manifestações operárias eram tratadas e as inúmeras perseguições de que eram alvo os afro-americanos em tal contexto.

Ku Klux Klan

Comente com os estudantes que a Ku Klux Klan não era simplesmente uma pequena organização de pessoas perversas. A KKK chegou a ter quatro milhões de filiados, o que demonstra que suas ideias racistas e retrógradas tinham expressão na sociedade estadunidense, principalmente nos estados do sul do país.

Fique ligado

O massacre de Rosewood (EUA). Direção de John Singleton, 1997. 140 min.

No início de 1923, na Flórida, a comunidade negra de Rosewood foi atacada, queimada e teve parte da população morta por membros da população branca de uma cidade vizinha em um período de quatro dias.

Para desenvolver

O Dia do Trabalho

Para que os alunos possam obter mais informações antes de realizarem a atividade proposta nesta página sobre a execução das militantes anarquistas Sacco e Vanzetti, ocorrida nos EUA em 1927, ressalte para eles que o Dia do Trabalho tem origem nas lutas sindicais que se processaram em 1886, na cidade de Chicago, quando milhares de trabalhadores reivindicaram a jornada de trabalho de 8 horas por dia. Nos confrontos com policiais, 12 trabalhadores morreram. Líderes sindicais e de partidos de esquerda na Europa decidiram adotar o 1º de maio como Dia do Trabalho, homenageando os trabalhadores de Chicago. Vários governos adotaram essa data em seus calendários oficiais, como o Brasil, a França e a antiga União Soviética. Nos Estados Unidos, o Dia do Trabalho (*Labor Day*) é comemorado na primeira segunda-feira de setembro. A data marca o fim do verão e o início das atividades escolares.

Outras histórias Personagens

- Para *Il Martello*, jornal da comunidade italiana estadunidense, em Massachusetts, onde foram executados Sacco e Vanzetti, a estátua não é em homenagem à liberdade, mas à morte na cadeira elétrica. Há uma crítica à ideia de liberdade nos Estados Unidos que, no caso da região de Massachusetts, seria utilizada com hipocrisia, já que Sacco e Vanzetti foram mortos sem nem ao menos haver provas contra eles.

OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

Sacco e Vanzetti

As greves de 1919, a fundação de partidos comunistas nos Estados Unidos e os atentados com bombas feitos por pequenos grupos anarquistas provocaram forte reação contra o movimento sindical.

Em abril de 1920, uma loja de sapatos foi assaltada e dois funcionários acabaram mortos. No mês seguinte, a polícia prendeu dois suspeitos: Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti. Eles eram operários, estrangeiros e anarquistas, o que bastou para serem acusados do assalto e das mortes. Mesmo sem provas, eles foram condenados à morte.

O julgamento foi uma farsa. A confissão de um homem que, em 1925, admitiu ter sido o assaltante e assassino não foi considerada pelos promotores do estado de Massachusetts.

Nos Estados Unidos e em diversos países, inclusive no Brasil, ocorreram manifestações contra a condenação. Mesmo assim, em 1927, Sacco e Vanzetti morreram na cadeira elétrica.



Primeira página do jornal *Il Martello*, publicado em língua italiana na cidade de Nova York, noticiando a execução de Sacco e Vanzetti, em 23 de agosto de 1927. Coleção particular.



- A manchete da primeira página de *Il Martello* é “A tragédia está terminada”, referindo-se à execução de Sacco e Vanzetti. Logo abaixo, os editores do jornal criticam o sistema judicial dos Estados Unidos com uma charge: sobre a base da Estátua da Liberdade, há uma cadeira elétrica. Abaixo, uma frase diz: “A estátua da Liberdade em Massachusetts”. Interprete a crítica do jornal.

Fique ligado

TERRA, Antonia. 1º de maio [1890] – Dia Mundial do Trabalho. Disponível em: <www.editoracontexto.com.br/blog/origem-dia-trabalho-1o-de-maio/>. Acesso em: 15 out. 2018.

O texto traz informações históricas sobre as comemorações proletárias de 1º de maio, que se iniciaram nos anos 1890 e se vinculam ao processo de construção de

identidades e memórias entre as classes trabalhadoras na Europa, EUA e outros países.

Sacco e Vanzetti [Itália/França]. Direção de Giuliano Montaldo, 1971. 120 min.

O filme narra a história dos anarquistas Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, presos no início dos anos 1920

pela polícia de Boston sob a acusação de assassinato. O julgamento deles se baseou na política, pois deviam ser condenados por serem estrangeiros e seguirem uma doutrina política que se opunha ao conservadorismo dominante na época.

Os anos 1920: prosperidade

Nos primeiros anos da década de 1920, a produção industrial estadunidense aumentou 60%. As inovações tecnológicas abriram mercados para novos investimentos. Foi nessa época que, nos Estados Unidos, o rádio, o telefone e os alimentos industrializados se popularizaram.

A chegada da energia elétrica nas casas transformou o modo de vida das pessoas: geladeiras, máquinas de lavar, gramofones e outros eletrodomésticos passaram a estar presentes nas residências. O que chamamos de “sociedade de consumo” teve seu início nos anos 1920, nos Estados Unidos.

Essa também foi a época da expansão da publicidade e das lojas de departamento. As compras podiam ser realizadas a crédito – uma novidade nessa época. Outro setor que cresceu enormemente foi o cinema, tornando-se a grande diversão nos Estados Unidos. Os artistas de Hollywood passaram a ser cultuados como verdadeiros ídolos. Já em 1917, Charles Chaplin ganhava cerca de 1 milhão de dólares por ano interpretando Carlitos. Dois anos depois, com alguns sócios, ele fundou sua própria empresa cinematográfica, a United Artists. Em 1921 lançou um filme que obteve grande popularidade: *O garoto (The Kid)*. Foi um dos maiores sucessos do cinema.

Aumentando a produção: o taylorismo

A expressão **taylorismo** tem origem no nome do engenheiro estadunidense Frederick Taylor. Ele formulou métodos de trabalho nas fábricas para que os operários produzissem mais em menor tempo. Para Taylor, o operário deveria ser especializado em uma única função, como apertar determinado parafuso de uma peça.

Os operários se revoltaram contra os métodos tayloristas. Eles se recusaram a perder sua capacidade profissional. Mas os métodos de Taylor foram incorporados pelas indústrias, não retornando às antigas formas de trabalho.



Courtesy Everett Collection/Fotograma

Cena do filme *Tempos modernos*, de 1936, em que Charles Chaplin critica os métodos tayloristas de trabalho e a exploração dos trabalhadores.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... de Surrealismo? Após a Primeira Guerra Mundial, artistas e intelectuais expressaram descrença nos valores dominantes e passaram a criticá-los. O Surrealismo foi um movimento artístico que surgiu na França, em 1924. Seus artistas expressavam os sonhos e as fantasias. Os nomes mais conhecidos do Surrealismo são Salvador Dalí e Joan Miró.

FIQUE DE OLHO

Tempos modernos (EUA). Direção de Charles Chaplin, 1936. 87 min.

Operário é massacrado pela linha de montagem de uma fábrica e depois confundido pela polícia como um líder comunista. Mesmo assim, ele assume a responsabilidade de cuidar de órfãos.

Para desenvolver

Crescimento econômico e consumo

Enfatize para a turma os elementos que caracterizam, por um lado, os anos 1920 como tempos de grande prosperidade econômica nos EUA, tais como dados estatísticos sobre a produção industrial e as safras agrícolas e acerca das exportações de manufaturados e insumos industriais, de alimentos, entre outros, sobretudo para a Europa, que apenas lentamente se recuperou da enorme destruição provocada pela Grande Guerra; por outro lado, resalte que nessa época ocorreu nos Estados Unidos a consolidação de um estilo de vida, desfrutado essencialmente pelas classes média e alta, marcado cada vez mais pelo consumo de eletrodomésticos e pela incorporação das novas tecnologias à vida cotidiana, como o rádio, a geladeira, a máquina de lavar.

Fique ligado

KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2008.

Obra que abarca, resumidamente, todo o período da história dos Estados Unidos. Nela, dê ênfase aos conteúdos relacionados ao período entreguerras dos EUA.

WISER, William. *Os anos loucos: Paris na década de 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2009.

Análise relevante sobre o contexto político, econômico e cultural das sociedades europeias nos anos 1920.

Relembrando 1929: o ano da quebra da bolsa de Nova York. Direção de Paul Dickin. (Inglaterra), 2008. 50 min.

Para ampliar os conhecimentos sobre o contexto de prosperidade e expansão do consumo que parcelas da sociedade estadunidense experimentaram nos anos 1920, indicamos a parte inicial desse documentário, de cerca de 30 minutos, ricamente ilustrada com imagens e canções da época.

Para desenvolver

Taylorismo e fordismo

Prosseguindo na avaliação do ambiente de prosperidade e euforia vigente na sociedade estadunidense nos anos 1920, ressalte para a turma a grande produtividade resultante das transformações nos métodos e ritmos de produção introduzidos pelo taylorismo e fordismo. Mas enfatize também os problemas econômicos e sociais decorrentes de tal modelo, tendo em vista que, com máquinas modernas e os novos métodos industriais, o trabalhador produzia cada vez mais mercadorias em menor tempo. Havia aumento de produtividade para a empresa, mas esse ganho não era repassado aos salários, aprofundando-se ano após ano as desigualdades e a concentração de riqueza.

Fique ligado

O grande Gatsby (EUA). Direção de Baz Luhrmann, 2013. 143 min.

O filme recria o ambiente de riqueza, desperdício e frialdade dos magnatas estadunidenses dos anos 1920, por meio da convivência de um escritor do centro-oeste americano recém-chegado a Nova York com um misterioso e festeiro milionário, em um cenário de afrouxamento moral, jazz resplandecente e rios de contrabando.

Era uma Vez em Nova York (EUA). Direção de James Gray, 2013. 118 minutos.

Em busca de um novo começo em meio ao sonho americano, em 1920, duas irmãs polonesas muito pobres partem em direção aos EUA, em busca de uma vida melhor. Mas, assim que chegam a Nova York, uma delas é colocada em quarentena pelas autoridades portuárias e as duas irmãs acabam sendo separadas e expostas a uma série de outros infortúnios.

Cartel: acordo secreto entre as empresas para impor preços aos produtos, seja na produção, seja na comercialização. Todavia, as empresas mantêm sua autonomia.

Monopólio: quando a concorrência deixa de existir. Uma empresa, ou várias delas reunidas, domina a produção ou a comercialização e impõe assim o preço das mercadorias.

Homens, mulheres e crianças trabalhavam em péssimas condições nas fábricas, ganhando salários insuficientes para viver, e sem direitos sociais e trabalhistas. Na imagem, trabalhadoras fazem flores artificiais em fábrica nos Estados Unidos. Fotografia de Lewis Hine, c. 1910. Biblioteca Pública de Nova York, Nova York, Estados Unidos.

O fordismo

Um dos industriais que adotou o método taylorista foi Henry Ford, dono de uma indústria de automóveis. Adaptando as ideias de Taylor, Ford criou uma longa esteira rolante com operários dispostos ao longo dela. A peça passava pelos operários sobre a esteira e cada um tinha sua função. Ao final da esteira, o automóvel estava pronto. Ford havia inventado a linha de montagem e, como resultado, sua fábrica passou a produzir mais automóveis em tempo muito menor.

A alta produtividade nas indústrias com a adoção do taylorismo e do fordismo tornou o automóvel acessível para as famílias. Em 1929, um em cada cinco cidadãos estadunidenses tinha seu automóvel.

Euforia e problemas

A prosperidade dos anos 1920 era crescente. Havia grande euforia na sociedade estadunidense, mas problemas graves na economia não foram percebidos.

O primeiro problema era a má distribuição da renda. Os ricos concentravam as riquezas e as classes médias melhoravam cada vez mais seu padrão de vida. Enquanto isso, os trabalhadores, a grande maioria, ganhavam cada vez menos.

O segundo grande problema na economia dos Estados Unidos era que muitos ramos da indústria e do comércio eram controlados por poucas empresas.

As empresas formavam um **cartel**, cujo objetivo era ter o **monopólio** de um setor da produção ou da comercialização. Desse modo, sem concorrência, as empresas monopolistas aumentavam os preços das suas mercadorias e conseguiam enfraquecer os sindicatos de trabalhadores. O resultado era a grande concentração da riqueza no país. Poucos ganhavam muito, mas muitos ganhavam pouco.



Lewis W. Hine/George Eastman House/Getty Images

Os trabalhadores da cidade e do campo

Com as inovações tecnológicas, a produtividade dos trabalhadores e o lucro das empresas aumentaram. Todavia, os salários permaneceram baixos: entre 1919 e 1929, o lucro das empresas cresceu 62%, enquanto os salários dos operários subiram apenas 17%. Os operários viviam em muitas dificuldades e a riqueza do país se concentrava em um número restrito de pessoas.

Os pequenos e médios fazendeiros também viviam em dificuldades. O uso de máquinas e colheitadeiras fez a produção agrícola aumentar nos anos 1920, resultando na queda dos preços das mercadorias. Quanto mais colhiam, menos ganhavam. Os fazendeiros, da mesma forma que os operários das cidades, tinham baixos rendimentos e não podiam comprar produtos industriais.

A febre especulativa

Ao longo dos anos 1920, as fábricas estadunidenses produziam cada vez mais produtos, bem acima da capacidade de consumo da sociedade. Esse processo, conhecido pelo nome de “crise de superprodução”, é perigoso para a economia. Em fins da década de 1920 já era possível ver os pátios das empresas de automóveis lotados. Não havia compradores.

Nesse período, a Bolsa de Valores de Nova York, a mais importante do país, tornou-se o centro das atenções. Quem tinha algum dinheiro investia em ações, porque elas não paravam de subir. E como elas subiam, os investidores continuavam a comprá-las.

A febre especulativa começou a partir de 1926 e tomou o país. Investir na Bolsa de Valores tornou-se um meio de enriquecimento rápido. Pessoas comuns e grandes empresários passaram a investir em ações.

Será que o preço do conjunto de todas as ações correspondia ao valor da empresa? A resposta é não. Tratava-se de especulação desenfreada, e o governo dos Estados Unidos, seguindo as regras do liberalismo econômico, não regulamentou nem interveio no mercado de ações.

Na propaganda comercial, de 1920, mulheres passeiam em rica loja de departamentos. A concentração da renda nos Estados Unidos aumentou rapidamente nos anos 1920. Nesse cenário, os ricos e as classes médias gastavam dinheiro com produtos de luxo.



Transcendental Graphics/Getty Images

De olho na BNCC

Ao analisar com os alunos as causas centrais da Crise de 1929 e suas repercussões na economia dos EUA e do mundo nessa época, temas presentes entre as páginas 71 e 74 do livro do estudante, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade EF09HI12 da BNCC.

Para desenvolver Superprodução e especulação

Analise com a turma, de modo circunstanciado, os problemas enfrentados por trabalhadores urbanos e pequenos e médios produtores rurais dos EUA na segunda metade da década de 1920 e relacione tais fatores com a crise de superprodução e a febre especulativa desses anos.

Fique ligado

Relembrando 1929: o ano da quebra da bolsa de Nova York (Inglaterra). Direção de Paul Dickin, 2008. 50 min.

Para ampliar seus conhecimentos acerca dos fatores que, na segunda metade da década de 1920, resultaram em uma crise de superprodução e em uma especulação desenfreada que acabou levando ao *crash* do mercado de ações nos EUA, indicamos que você assista, desta vez, aos 20 minutos finais do documentário que já foi sugerido na página 69 deste manual.

ROSSINI, Gabriel Almeida Antunes. *Crise de 1929*. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CRISE%20DE%201929.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Para desenvolver

Especulação na Bolsa

Na análise dos eventos que culminaram no *crash* da Bolsa de Nova York, em 24 de outubro de 1929, comente com os estudantes que havia muita manipulação entre os especuladores. Funcionários da Bolsa de Valores espalhavam boatos sobre ações que subiriam ou desceriam. Por vezes, jornalistas também manipulavam os índices, publicando notícias falsas sobre ações que dariam lucro ou prejuízo. Ao final, eles ganhavam milhares de dólares com os boatos e falsas notícias que espalhavam.

Outras histórias

Economia

- Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, entre os significados da palavra **especulação** está “operação financeira que visa obter lucros sobre valores sujeitos à oscilação do mercado”. Nesse sentido, as ações podem ser vistas, em parte, como uma forma de especulação, pois o lucro a partir delas depende das oscilações dos valores atribuídos às ações da empresa. Entretanto, frise aos alunos que as empresas de capital aberto, ou seja, as que possuem ações listadas em bolsas de valores, utilizam as movimentações geradas pelas negociações em bolsa para adquirir capital a ser utilizado em investimentos que possibilitem ampliar sua capacidade produtiva. Assim, em tese, o valor de suas ações deveria refletir a saúde financeira da empresa, seus planos para o futuro e a situação tanto do mercado em que ela atua quanto do cenário econômico global. Entretanto, por vezes, as negociações de ações acabam sendo alvo de ataques especulativos que nada têm a ver com a situação real da empresa. Reforce aos alunos que essas práticas especulativas são muito prejudiciais não só ao mercado de ações, mas a toda a economia de um país e, no limite, do mundo.

OUTRAS HISTÓRIAS ECONOMIA

Mercado de ações

Ações são títulos emitidos por uma empresa que representam uma pequena parte do seu patrimônio. Ao comprar suas ações, o investidor torna-se sócio dela. A empresa ganha porque, ao vender suas ações, obtém capital para novos investimentos. O investidor, por sua vez, pode ganhar ou perder.

Se a empresa crescer, em decorrência do aumento da produção e/ou comercialização, as ações vão se valorizar e ele terá participação nos lucros. Mas, se a empresa tiver prejuízos, as ações perderão parte de seu valor e ele terá prejuízos. As ações das empresas são compradas e vendidas em Bolsas de Valores.



- Você conhece o significado da palavra **especulação**? Procure conhecer qual é seu significado. A seguir, cite exemplos de como pode ocorrer **especulação no mercado de ações**.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... de recessão e de depressão econômica? Recessão é quando há declínio da taxa de crescimento econômico. Os empresários diminuem a produção de suas fábricas, o desemprego aumenta, os juros sobem e o consumo das famílias diminui. A depressão econômica é o aprofundamento e o agravamento da recessão. As repercussões da depressão são graves e de difícil recuperação.

A quebra da Bolsa de Nova York

O que ocorria na Bolsa de Valores de Nova York não poderia continuar. As desconfianças começaram em setembro de 1929 com a falência de uma grande empresa. Semanas depois, no dia 24 de outubro, uma quinta-feira, os investidores resolveram vender suas ações.

Como a maioria queria vender e poucos queriam comprar, o valor das ações despencou. O episódio ficou conhecido como a **quebra** da Bolsa de Nova York.

Em poucas horas, as classes médias viram suas economias desaparecer e até mesmo pessoas ricas empobreceram. De um momento para outro, as pessoas que investiram todas as suas economias na Bolsa ficaram sem nada – nem sequer tinham dinheiro para comer. O pânico se espalhou pelo país.

A Grande Depressão

A crise nos Estados Unidos se espalhou pela Europa e América Latina. Nos Estados Unidos, a quebra da Bolsa foi seguida pela falência de milhares de empresas, desemprego em massa e queda nos preços das mercadorias. Em pânico, a população retirou seu dinheiro dos bancos, resultando na falência de muitos deles.

Os fazendeiros já vinham enfrentando dificuldades com a queda dos preços dos produtos agrícolas antes da quebra da Bolsa de Nova York. Após a crise, os preços caíram ainda mais e eles não tinham como pagar suas dívidas com os bancos. Cerca de um terço dos proprietários rurais perderam suas terras para os banqueiros.

Fique ligado

GALBRAITH, John Kenneth. *1929 – a grande crise*. São Paulo: Larousse, 2010.

Obra que ajuda a ampliar os conhecimentos acerca das causas centrais do *crash* da Bolsa de Valores de Nova York.

Os Estados Unidos mergulham na depressão econômica

O presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, era adepto do liberalismo econômico e negou-se a intervir na economia. Ele acreditava que as leis de mercado resolveriam o problema. Ao nada fazer, a crise econômica se agravou. O país mergulhou na depressão econômica.

A produção industrial recuou 46% e os preços caíram pela metade, prejudicando ainda mais as empresas e gerando mais falências e desemprego. Cerca de 15 milhões de trabalhadores perderam o emprego. A população negra foi a mais atingida pelo desemprego, em especial as mulheres.

Sem rendimentos, os desempregados não podiam comprar e os que tinham emprego guardavam seu dinheiro. Sem consumo, as empresas não vendiam suas mercadorias. Para reduzir os custos de produção, elas diminuíam o número de empregados, o que piorava a situação e resultava em mais desemprego.

A Grande Depressão foi como o descarrilhamento de um grande trem. O trem era o capitalismo e a locomotiva eram os Estados Unidos. Como fazer o trem voltar aos trilhos e a locomotiva se mover novamente? A doutrina econômica liberal, da qual o presidente Herbert Hoover era radical seguidor, não tinha soluções.



Gamma-Keystone/Getty Images

Em 24 de outubro de 1929, quando a Bolsa de Nova York quebrou, milhares de investidores reuniram-se em Wall Street e arredores à espera de notícias, Nova York, Estados Unidos.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Com as crises econômicas, as empresas diminuem a produção e podem, inclusive, declarar falência. O resultado é o desemprego dos trabalhadores.

Você conhece situação igual a essa que tenha ocorrido no seu bairro ou na sua cidade?

Busque informações com seus professores e familiares. Procure conhecer os motivos que levaram a empresa a demitir os funcionários e quais foram as consequências do desemprego para eles e para a economia da região.

Compare as consequências da crise econômica ocorrida na cidade onde você mora com aquelas causadas pela crise de 1929 nos Estados Unidos. Embora o tempo esteja distante e os lugares sejam diferentes, há semelhanças e diferenças que possam ser comparadas?

Para desenvolver

Crash de 1929 e redução do comércio global

Ressalte que a crise iniciada com o *crash* da Bolsa de Nova York se tornou mundial, tendo em vista que, para defender suas respectivas economias, os governos das principais nações capitalistas criaram barreiras alfandegárias sobre as importações, fazendo com que houvesse, na passagem das décadas de 1920 para 1930, uma drástica redução no comércio global. O comércio exterior dos Estados Unidos, por exemplo, encolheu cerca de 82%. Destaque também que esse cenário de forte crise foi marcado, ainda, pelo grande desemprego e pela generalização da pobreza e da desesperança, especialmente nos EUA.

Fique ligado

GAZIER, Bernard. *A crise de 1929*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *A quebra da Bolsa de Nova York e a Grande Depressão*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

Essas duas obras ajudam a compreender melhor e a ampliar os conhecimentos sobre a Grande Depressão da economia mundial no decorrer das décadas de 1920 e 1930.

O seu lugar na História

Mesmo que as crises periódicas de desemprego em uma região não alcancem a magnitude e dimensão da crise de 1929, os estudantes poderão compreender que a demissão de trabalhadores traz consequências diretas semelhantes às de 1929, como o empobrecimento das famílias desempregadas e a diminuição do consumo. É importante o professor chamar a atenção não só para essas semelhanças com o acontecimento de 1929, mas também para as diferenças que existem entre as causas e consequências de outras crises econômicas que serão possivelmente citadas pelos estudantes.

Documento

- Ele relata que os habitantes das cidades, empregados ou desempregados, não tinham dinheiro para comprar produtos agropecuários. Isso resultou em produção agropecuária superior à demanda, com a consequente queda dos preços. Ao final, os preços ficaram abaixo do custo de produção. Um dos exemplos é o do carneiro, que era vendido ao consumidor a 1 dólar, mas o seu transporte para a cidade custava 1,10 dólar. Sem dinheiro, os fazendeiros não tinham como comprar produtos industrializados. O resultado foi a distorção na economia: queda nos preços e falta de consumo.

Fique ligado

A noite dos desesperados (EUA). Direção de Sydney Pollack, 1969. 70 min.

Durante a Grande Depressão dos EUA, nos anos 1930, um casal tenta ganhar um prêmio em um dos muitos concursos de resistência em dançar que se tornaram populares na época e que atraíam inúmeros competidores em troca de comida, roupas e alguns trocados.

Lua de papel (EUA). Direção de Peter Bogdanovich, 1973. 102 min.

Menina órfã fica sob cuidados de um vigarista. Em pouco tempo, a dupla aplica golpes para sobreviver à crise econômica dos anos 1930.

DOCUMENTO**Um relato sobre os Estados Unidos sob a Grande Depressão**

Durante o auge da Grande Depressão nos Estados Unidos, Oscar Ameringer passou três meses viajando por vinte estados. Diante do subcomitê da Comissão de Assuntos

Trabalhistas da Câmara de Deputados dos Estados Unidos, em 1932, ele fez um relato dramático sobre a pobreza do país.

Eis algumas das coisas que vi e ouvi. Em Oregon, vi milhares de alqueires de maçã apodrecendo nos pomares. Somente as maçãs absolutamente perfeitas podiam ser vendidas, por 40 ou 50 centavos a caixa de duzentas maçãs. Ao mesmo tempo, há milhões de crianças que, por causa da pobreza de seus pais, não comerão maçã alguma neste inverno. Conversei com um homem num restaurante em Chicago. Ele me falou de sua experiência como criador de carneiros. Disse que no outono tinha sacrificado e atirado ao *canyon* 3000 carneiros, porque o transporte de um carneiro custava 1,10 dólar e lucraria menos de 1 dólar por cabeça. Disse que não tinha recursos para alimentar os carneiros e não queria deixá-los morrer à míngua. Por isso, cortava-lhes o pescoço e os atirava no *canyon*. [...]

Os fazendeiros estão sendo pauperizados pela pobreza das populações industriais e as populações industriais, pauperizadas pela pobreza dos fazendeiros. Nenhum deles tem dinheiro para comprar o produto do outro: conseqüentemente há excesso de produção e carência de consumo, ao mesmo tempo e no mesmo país.

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História contemporânea através dos textos*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 5. p. 165-166 (Coleção Textos e Documentos).

- Em grupos, discutam e avaliem o relato de Oscar Ameringer. Como explicar que maçãs apodreçam sem serem vendidas, mesmo a preço baixo? Como explicar que ovelhas e carneiros sejam mortos enquanto pessoas não têm o que comer? A resposta é dada por ele no último parágrafo de sua exposição. Quais são os motivos que, para Oscar Ameringer, levaram a tamanha distorção na economia dos Estados Unidos?

Crianças que trabalhavam nas ruas não encontravam clientes para ganhar algum rendimento. Nessa fotografia de H. Armstrong Roberts, de c. 1930, criança engraxate aguarda clientes em rua dos Estado Unidos.



H. Armstrong Roberts/Getty Images

↳ O New Deal

Nas eleições presidenciais de 1932, o vencedor foi o candidato Franklin Delano Roosevelt, do Partido Democrata. O novo presidente reconheceu a necessidade da intervenção do governo na economia, abandonando o liberalismo econômico. Era o *New Deal*, o “novo pacto”.

O governo deveria intervir na economia para criar empregos. Assim, os trabalhadores teriam poder de compra, consumindo mercadorias, e as fábricas voltariam às suas atividades produtivas.

A primeira medida do governo foi garantir o funcionamento dos bancos que não faliram. Para evitar o retorno da especulação desenfreada, estabeleceu regras rígidas para os setores bancário e financeiro, bem como para as bolsas de valores. Pelas rádios, Roosevelt incentivou a população a depositar novamente seu dinheiro nos bancos. Com isso, garantiu, ainda que precariamente, o funcionamento do sistema bancário.

À reativação da economia

Para criar empregos, Roosevelt convocou jovens para trabalhos de reflorestamento. Depois contratou empresas para a construção e conservação de obras públicas: estradas, pontes, praças, prédios públicos, entre outras. O governo pagava a uma empresa para realizar a obra pública. O empresário, por sua vez, contratava trabalhadores.

Com essas medidas, Franklin Roosevelt abandonou o liberalismo econômico. O governo passou a intervir diretamente na economia. Seu objetivo era capitalizar as empresas e criar empregos. Com salários, os trabalhadores poderiam comprar produtos e reativar a economia.

Outra medida de Roosevelt foi a criação de um órgão público cujo objetivo era viabilizar acordos entre empresários, trabalhadores e governo, estabelecendo limites para os preços das mercadorias, regulamentando a competição entre as empresas, estabelecendo um salário mínimo e uma jornada de trabalho de 40 horas para os trabalhadores. O governo Roosevelt também acabou com a Lei Seca.

Stock Montage/Getty Images



O presidente Franklin Roosevelt falava em cadeia nacional em programa intitulado “Conversas junto à lareira”. Milhões de pessoas ouviam seus discursos. Ele se esforçava para dar ânimo e esperança à população do país. Washington, Estados Unidos, c. 1930.

75

Fique ligado

LIMONCIC, Flavio. *Os inventores do New Deal: estado e sindicato no combate à grande depressão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

O autor mostra como a adoção de uma política que incentiva a contratação de mão de obra foi um dos pilares do *New Deal*, tendo sido como uma de suas consequências o fortalecimento dos sindicatos ao longo dos anos 1930.

CÁ ENTRE NÓS

A palavra *deal* pode ser traduzida para o português como pacto, acordo, negócio, negociação, trato, arranjo. Quando Franklin Roosevelt assumiu a presidência e nomeou seu plano de governo como *New Deal*, ele propunha à nação um novo acordo social, um novo pacto entre Estado e sociedade.

FIQUE DE OLHO

As vinhas da ira (EUA). Direção de John Ford, 1940. 129 min.

Durante a Grande Depressão, uma família de Oklahoma perde suas terras e vai para a Califórnia em busca de emprego. Ao longo do caminho, testemunham muita miséria e sofrem grande decepção ao chegar ao seu destino. Baseada no livro homônimo de John Steinbeck.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala de aula as medidas que integram o *New Deal* e suas repercussões na economia e sociedade norte-americanas dos anos 1930, temas presentes entre as páginas 75 e 79 do livro do estudante, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade EF09HI12 da BNCC.

Para desenvolver

Apoio sindical para o *New Deal*

Ressalte para a turma que, diante do fracasso do governo republicano de Herbert Hoover em enfrentar, com base na doutrina econômica liberal, os efeitos da crise iniciada em 1929 nas eleições presidenciais de 1932, os democratas saíram-se vitoriosos com uma plataforma eleitoral que previa a intervenção governamental para colocar a economia dos EUA novamente nos trilhos. Comente também com os estudantes que sindicalistas insatisfeitos com o imobilismo da grande central sindical da época, a AFL (American Federation of Labor), criaram outra, a CIO (Congress of Industrial Organization), ou Congresso da Organização Industrial. Os sindicalistas do CIO apoiaram o *New Deal* e o Partido Democrata, materializado por meio de uma série de programas implementados nos Estados Unidos, entre 1933 e 1937, sob o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt.

A imagem de Roosevelt

Ressalte para a turma que, durante a presidência da República, Roosevelt escondeu sua condição de cadeirante. A imprensa colaborou com ele e nas charges é representado de pé ou caminhando. São raríssimas suas fotografias na cadeira de rodas. Essa atitude reproduzia preconceitos de sua época, hoje superados em geral. Destaque também que, em 2001, Bill Clinton, na época o presidente dos Estados Unidos, inaugurou no Memorial FDR, em Washington, uma estátua em que Roosevelt aparece utilizando a cadeira de rodas.

Para desenvolver

O New Deal

Analise de modo circunstanciado com a turma tanto as principais medidas previstas no *New Deal* para enfrentar a crise no campo e nas cidades dos EUA quanto as críticas que a administração Roosevelt sofreu por sustentar uma política de aumentos de gastos públicos para incentivar a reconstrução da economia nacional. Procure também comparar as medidas do *New Deal*, nos Estados Unidos, com os dois Planos Quinquenais aplicados na URSS entre 1928 e 1937.

FIQUE DE OLHO

A rosa púrpura do Cairo (EUA). Direção de Woody Allen, 1985. 82 min.

Durante a Grande Depressão, um garçone tenta fugir da dura realidade frequentando cinemas. No momento em que ela assiste a um filme, o ator sai da tela e lhe dá o amor que tanto espera.

Trabalhadores contratados pelo governo para reconstituir floresta no estado da Virgínia, Estados Unidos, em 1933. Cerca de 3 milhões de jovens foram contratados entre 1933 e 1942, ganhando 1 dólar por dia.

Na área rural

O governo apoiou fazendeiros em dificuldades. O agricultor receberia um subsídio – ajuda em dinheiro – para produzir menos. Pode parecer contraditório, mas, reduzindo-se a área de plantação e criando-se menos gado, os preços dessas mercadorias aumentariam, o que permitiria a recuperação financeira dos fazendeiros.

Outra novidade foi a criação de uma empresa estatal, algo inédito nos Estados Unidos: a Autarquia do Vale do Tennessee. A empresa construiu uma série de represas no rio Tennessee para gerar energia elétrica.

As críticas ao New Deal

Durante os dois primeiros anos de sua aplicação, entre 1933 e 1935, o *New Deal* apenas amenizou os efeitos da Grande Depressão. O desemprego diminuiu um pouco e os preços subiram, beneficiando as empresas. Roosevelt continuava a investir na criação de empregos e na contratação de empresas. O governo gastava mais dinheiro do que arrecadava em impostos. Para Roosevelt, o desequilíbrio no orçamento do governo seria provisório e momentâneo, o suficiente para tirar o país da crise.

O presidente foi muito criticado pelos economistas liberais. Para eles, o governo deveria equilibrar as contas públicas. Não deveria gastar mais do que arrecadava. Os empresários e políticos conservadores chegaram mesmo a chamar Roosevelt de “comunista”.



New York Times Co./Getty Images

Fique ligado

O pão nosso (EUA). Direção de King Vidor, 1934. 80 min.

Um casal de fazendeiros, John e Mary, atingido pela crise financeira, se envolve, no início dos anos 1930, com a criação de uma fazenda comunitária com outros desvalidos do sistema.

O Sol é para todos (EUA). Direção de Robert Mulligan, 1962. 130 min.

No sul dos Estados Unidos nos anos 1930, advogado se esforça para provar a inocência de homem negro acusado de estupro, tendo de enfrentar a oposição de boa parte da comunidade local.

A luta pela esperança (EUA). Direção de Ron Howard, 2005. 144 min.

Com os Estados Unidos em meio à Grande Depressão, um famoso boxeador na década de 1920 aceita viver de

bicos para poder sustentar sua esposa. Nos anos iniciais do *New Deal*, consegue uma oportunidade de retornar ao mundo do boxe, vence três lutas consecutivas e recebe o apelido de “Cinderella Man”, tornando-se o símbolo de esperança dos desprivilegiados da época.

O segundo New Deal

Em 1935, o governo retomou o *New Deal*. Nessa segunda fase, foram contratados músicos, pintores, escritores, fotógrafos, coreógrafos, atores e artistas para levar sua arte ao povo. Orquestras sinfônicas receberam patrocínio. Museus foram construídos. O objetivo era criar mais empregos.

Outra medida importante foi a Lei de Previdência Social. Ao contrário de países europeus, e inclusive do Brasil, não havia previdência social nos Estados Unidos. Com a nova lei, os trabalhadores passaram a ter direito a aposentadoria, seguro por invalidez, salário mínimo, limitação da jornada de trabalho, entre outros benefícios sociais. Foi nessa época que os cidadãos estadunidenses alcançaram seus direitos sociais.

Em 1936, cartaz anuncia a criação da previdência social para os trabalhadores.



Bettmann/Getty Images

Para desenvolver Segunda fase do New Deal

Com relação à segunda fase do *New Deal*, iniciada em 1935, procure realçar as suas principais metas, que abarcavam medidas estatais no campo cultural, geração de empregos, grandes obras públicas e garantia da previdência social aos trabalhadores, cuja criação é o tema do cartaz reproduzido nesta página.

A história não está sozinha

Ciências da Natureza

- O termo **erradicar** significa “arrancar pela raiz” e, em saúde pública, afirmar que uma doença foi erradicada equivale dizer que o causador dessa moléstia – um micróbio ou um vírus – encontra-se completamente aniquilado, como resultado de várias vacinações coletivas e da verificação de que não há mais ocorrência dessa doença na população de uma determinada região, país ou continente. A erradicação da poliomielite foi resultado de pesquisas científicas para o desenvolvimento de vacinas e a realização de campanhas de vacinação em massa a partir das décadas de 1950 e 1960, especialmente com a vacina oral contra a pólio com vírus vivo (OPV), desenvolvida pelo cientista Albert Sabin nessa época.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Ciências da Natureza

A poliomielite é uma doença causada pelo poliovírus e pode ser transmitida pelo contato com a saliva ou fezes. Ao entrar no sistema nervoso, o poliovírus pode matar a pessoa infectada ou provocar paralisia nos membros inferiores. A doença ficou conhecida como “paralisia infantil”, por afetar mais as crianças. No entanto, adultos também podem ser atingidos. Foi o caso de Franklin Delano Roosevelt.

Aos 39 anos de idade, Roosevelt adquiriu a poliomielite, perdendo a capacidade de andar. Tornou-se cadeirante. Sem se deixar abater, ele continuou sua carreira política e foi eleito

presidente da República em 1932, com 51 anos de idade. Foi reeleito presidente nas eleições de 1936, 1940 e 1944, vencendo quatro eleições consecutivas.

Em uma cadeira de rodas, Roosevelt enfrentou a Grande Depressão e liderou os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. A vacina contra a poliomielite foi desenvolvida entre 1948 e 1954. Nos anos 1960 começou a vacinação sistemática de crianças em todo o mundo e hoje a poliomielite está quase erradicada do planeta. No Brasil, o último caso ocorreu em 1989.



- O que significa uma doença ser erradicada do planeta? Em sua opinião, podemos afirmar que nesse caso ocorreu realmente um sucesso devido ao avanço científico? Justifique a sua resposta.

Ao mesmo tempo

- A crise econômica de 1929 levou empresas e bancos à falência, gerando desemprego em massa. A guerra, por sua vez, gerou escassez de mercadorias e necessidade de os países se defenderem militarmente. Somente com a intervenção governamental na economia seria possível superar a crise econômica com a recuperação das empresas e a geração de empregos. Os governos intervieram na economia também ao encomendar armas e material bélico às indústrias.

Fique ligado

LIMONCIC, Flávio; MARTINHO, Francisco C. Palomanes. *A Grande Depressão* – política e economia na década de 1930: Europa, Américas, África e Ásia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

A obra ajuda a ampliar os conhecimentos sobre a Grande Depressão e as medidas dos governos das principais nações capitalistas para enfrentá-la ao longo da década 1930.

AO MESMO TEMPO

As reações à Grande Depressão

Para enfrentar a crise econômica, diversos países abandonaram o liberalismo econômico e adotaram a intervenção governamental na economia, disciplinando as empresas e regulamentando o mercado.

Governos aumentaram os gastos para financiar indústrias e obras públicas, além de criar empresas estatais e estabelecer leis sociais.

Entre alguns desses governos estão o do Reino Unido, o da França com a Frente Popular de esquerda, o da Alemanha com Hitler e o do Brasil com Getúlio Vargas. O México e a Turquia abandonaram o liberalismo econômico e adotaram políticas intervencionistas ainda antes da crise de 1929. Diversos países europeus e da América Latina fizeram o mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945.



- Para enfrentar a crise econômica de 1929 e os problemas gerados pela guerra, por que diversos governos abandonaram os preceitos do liberalismo econômico?

A recuperação

Os economistas do governo compreenderam que eram os gastos em investimentos e obras públicas e a criação de empregos que estavam recuperando a economia do país. Os gastos públicos aumentaram consideravelmente. Mesmo assim, em 1938 havia 10 milhões de pessoas desempregadas.



Em acampamento para refugiados em Forrester City, no estado de Arkansas, Estados Unidos, pessoas esperavam na fila para receber o almoço do dia. A crise econômica ainda era grave nessa época, apesar das iniciativas do governo com o *New Deal*. Fotografia de Edwin Locke, 1937.

Os Estados Unidos somente superaram a Grande Depressão com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939. As fábricas estadunidenses passaram a produzir e vender tanques, aviões, armamentos e munições para o Reino Unido e a França.

A entrada dos Estados Unidos na guerra, em 1941, ampliou ainda mais os gastos governamentais com armas, alojamentos, combustíveis, carros de combate, entre outros materiais bélicos.

Se em 1940 ainda havia 8 milhões de desempregados, dois anos depois o país vivia em situação semelhante à anterior a da crise de 1929.

Os gastos do governo com a Segunda Guerra Mundial retiraram os Estados Unidos da pior crise econômica de toda a sua história.

▶ A crítica social de Chaplin

Voltemos a Charles Chaplin.

Ao longo dos anos 1930, ele produziu filmes com intensa crítica social. *Luzes da cidade*, de 1931, foi um deles. O filme, o último do personagem Carlitos, foi um enorme sucesso. Em 1936, lançou *Tempos modernos*, denunciando a exploração dos trabalhadores nas fábricas. Em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, Chaplin voltou às telas com seu primeiro filme falado: *O grande ditador*, satirizando Adolf Hitler.

Contudo, ao final da Segunda Guerra, Charles Chaplin foi acusado de ser simpatizante do comunismo. Em 1952, o governo dos Estados Unidos suspendeu seu visto de permanência no país e Chaplin foi viver na Suíça com sua esposa. Somente retornou aos Estados Unidos em 1972, por poucos dias, para receber um Oscar pelo conjunto de sua obra. Aos 83 anos de idade, ele foi aplaudido durante 10 minutos seguidos. Retornou para a Suíça, onde faleceu em 1977.



Charles Chaplin na 44ª cerimônia do Oscar, com estatueta que recebeu pelo conjunto de sua obra, Los Angeles, Estados Unidos. Fotografia de 1972.

■ Para desenvolver Recuperação econômica dos EUA

Analise com a turma a imagem de homens, mulheres e crianças negras à espera por alimentos em 1937 nos EUA, que se encontra na página 78, e realce para os alunos que a recuperação econômica desse país ocorreu sobretudo após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939. A seguir, a seu critério, exiba trechos selecionados de filmes de Charles Chaplin dessa época e apresente os dados de sua biografia dos anos 1930 até a sua morte, que ocorreu em 1977.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 64 e as respostas que eles deram à tal questão, revisando com a turma as principais causas da Crise de 1929 e as medidas mais significativas adotadas pelo governo norte-americano durante o *New Deal*.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

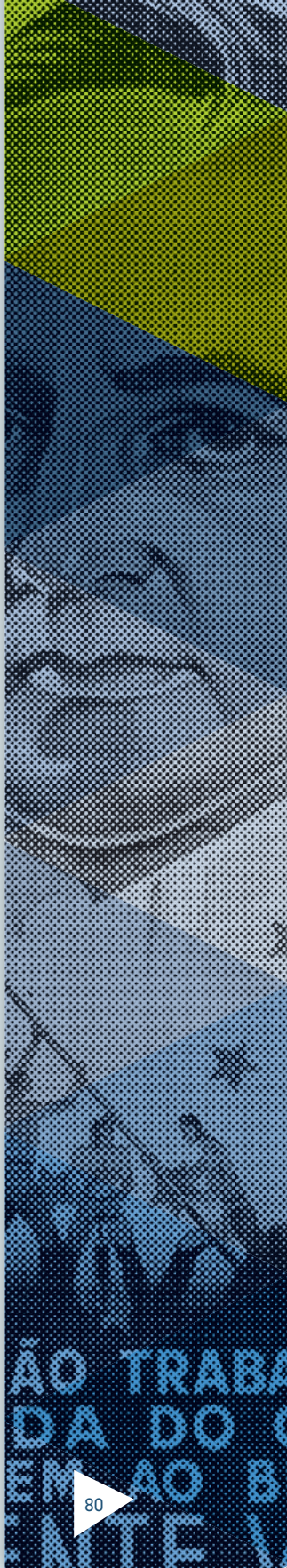
Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 64?

Créditos das imagens de cima para baixo: Reprodução/Biblioteca Roosevelt, Nova York, EUA; H. Armstrong Roberts/Getty Images; Otto Soglow/Granger/Fotoarena; Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Stock Montage/Getty Images; Dorothea Lange/Granger/Fotoarena; Granger/Fotoarena

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Em função da enorme destruição resultante da Primeira Guerra, além de contraírem 10 bilhões de dólares em dívidas, os países mais atingidos pelo conflito tiveram de importar produtos industrializados e alimentos dos Estados Unidos. Ao final da guerra, os EUA suplantaram economicamente as nações mais ricas da Europa, tornando-se a maior potência industrial e comercial do mundo.
2. A década de 1920 foi um período de grande crescimento econômico e novas invenções. A população teve acesso à luz elétrica em suas casas e, com isso, inovações como os eletrodomésticos passaram a fazer parte do cotidiano da população.
3. A partir de 1926, o crescimento da especulação elevou muito o valor das ações. Quando os investidores desconfiaram do valor das ações, resolveram vender ao mesmo tempo, provocando uma queda vertiginosa em seus preços. Isso resultou na quebra da Bolsa de Valores de Nova York, levando milhares de investidores à falência.
4. Com a Grande Depressão, milhares de empresas, como indústrias, bancos e estabelecimentos comerciais, faliram. O desemprego chegou a 25% da população economicamente ativa. Os preços dos produtos agrícolas desabaram e, sem poderem pagar suas dívidas, milhares de fazendeiros perderam suas terras para os bancos.
5. Para Roosevelt, a Grande Depressão seria superada com a enorme ampliação na oferta de empregos aos trabalhadores, que levaria à retomada do consumo e da produção e ao restabelecimento da lucratividade das empresas. Para isso, o governo investiu em obras públicas, contratando empresas que, por sua vez, ofereciam empregos para milhões de pessoas que estavam desempregadas.



ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Por que, ao final da Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos tornaram-se o país mais rico do mundo?
- 2 | Que motivos nos levam a afirmar que a “sociedade de consumo” começou nos anos 1920 nos Estados Unidos?
- 3 | Explique as razões que provocaram a quebra da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929.
- 4 | Quais as consequências da Grande Depressão para a sociedade estadunidense nos anos 1930?
- 5 | Por que a principal meta do *New Deal* era combater o desemprego?
- 6 | Além do combate ao desemprego, quais outras medidas Roosevelt tomou para reanimar a economia estadunidense?
- 7 | Relacione as ideias de Frederick Taylor ao fordismo.
- 8 | Qual é a relação entre a concentração da renda e a formação de empresas monopolistas com a crise de superprodução?
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?

A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial agravou a Grande Depressão porque os gastos militares geraram inflação dos preços.

- 10 | Por que o rio Tennessee foi importante no processo de recuperação da economia dos Estados Unidos na época da Grande Depressão?

PESQUISA

O uso de eletrodomésticos tornou-se comum nos lares dos Estados Unidos nos anos 1920.

No Brasil, os eletrodomésticos começaram a ser fabricados nos anos 1950, no governo do presidente Juscelino Kubitschek, mas eles só se popularizaram na década de 1970.

- Até então, como os alimentos eram conservados? E como as roupas eram passadas? Entreviste um idoso e procure saber como era o cotidiano em sua casa sem eletrodomésticos.



Propaganda comercial estadunidense, de 1925, mostrando as vantagens do uso da geladeira.

80

6. Entre outras medidas que podem ser citadas estão a regulamentação do sistema bancário e da Bolsa de Valores; subsídios aos agricultores para que reduzissem a área plantada e, assim, aumentar o valor da produção agrária e pecuária; fundação de uma empresa estatal para as obras no rio Tennessee; promulgação da legislação social e sindical que beneficiava os trabalhadores; criação de imposto sobre grandes fortunas; contratação de empresas para a construção de obras públicas.
7. Para Taylor, os operários deveriam ser especializados em uma

única atividade e não precisariam refletir sobre a produção, sendo mais vantajoso que ganhassem por peça produzida. Adepto do taylorismo, Ford implantou também em suas fábricas “linhas de produção”, dispondo operários ao longo de esteiras rolantes, o que resultou em ganho de produtividade, aumento de lucros e barateamento dos automóveis que fabricava.

8. O liberalismo da época favoreceu a concentração da renda e o controle monopolista de preços e salários, beneficiando apenas os mais ricos e prejudicando os operários e agricultores,

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Pessoas de diferentes classes sociais vendem maçãs (apples) a preço muito baixo: 5 centavos de dólar. Na caixa do meio há um aviso: desempregados (*unemployed*). O título da charge é *Democracia* (*Democracy*).

- Interprete a mensagem crítica contida na charge.



Democracia, charge de Otto Soglow produzida no auge da Grande Depressão, em 1932.

O PASSADO PRESENTE

Desde o início dos anos 1980, o governo dos Estados Unidos deixou de regulamentar o mercado, de acordo com a doutrina do neoliberalismo. O resultado foi grande especulação financeira no mercado imobiliário. Quando os juros subiram, as pessoas não puderam pagar o financiamento aos bancos.

Quando a crise eclodiu em 2007, o mundo foi surpreendido por grave crise econômica e, no ano seguinte, pela queda violenta na Bolsa de Valores de Nova York. Bancos e empresas imobiliárias não tinham como receber o dinheiro emprestado e faliram. A seguir, foi a vez de indústrias falirem. Milhões de trabalhadores perderam seus empregos. A crise rapidamente chegou à União Europeia e se tornou globalizada. Crédito fácil, especulação, falências e desemprego. A crise de 2007 lembrava a de 1929.

Em 2011, deputados do Congresso dos Estados Unidos formaram a Comissão de Inquérito da Crise Financeira e apresentaram relatório avaliando as causas do desastre econômico de 2007. Eles concluíram que a crise foi provocada pela imprudência de várias instituições financeiras e que o governo poderia tê-la evitado. Segundo os deputados:

Nós concluímos que a falha generalizada na regulação e supervisão financeira se demonstrou devastadora para a estabilidade do sistema financeiro nacional. Não aceitamos a ideia de que os reguladores não dispunham de poder para conter o sistema financeiro. Eles tinham amplos poderes em muitos cargos e, em muitos casos, escolheram não usá-los.

ROCHA, Marcela; FERNANDES, Bob. Em relatório sobre Crise, Congresso crava: Faltou escrúpulo. *Terra Magazine*, 23 fev. 2011. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4958688-El6579,00.html>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

- Há elementos comuns que permitam comparar a crise de 1929 com a de 2007? No trecho do relatório da Comissão de Inquérito sobre a crise existem afirmações que poderiam ser utilizadas para avaliar a de 1929?

Pesquisa

A atividade cria uma ponte entre o assunto abordado no capítulo e a prática da história oral, que permite aproximar os estudantes de um passado não tão longínquo. Dessa forma, eles poderão perceber o quanto a tecnologia pode modificar o cotidiano das pessoas, e como a história está também ligada à rotina das pessoas comuns.

Imagens contam a história

A charge é uma crítica à Grande Depressão. A superprodução de maçãs reduz seu preço a um patamar mínimo. E mesmo assim ninguém compra. A crítica se estende à questão social. As personagens são de diferentes classes sociais: a mulher muito pobre (à esquerda), empresário de cartola e os outros dois homens, um de classe média baixa e outro de classe média alta. Todos estão desempregados. A essa situação que iguala todos, pobres e ricos, o chargista, ironicamente, chama de “democracia”.

O passado presente

Há inúmeros elementos comuns nas duas crises. Em 1929, houve especulação na Bolsa de Valores, enquanto em 2007 a especulação foi no setor imobiliário. Além disso, em ambos os casos havia crédito fácil para os consumidores. Também em comum nos dois casos foram as falências de empresas e o desemprego. Sobre o relatório da Comissão de Inquérito, a grande crítica ao governo foi não intervir e regulamentar o sistema financeiro do país, crítica que pode ser considerada também para a crise de 1929.

que foram perdendo a capacidade de consumir mercadorias. O resultado é uma crise de superprodução: as fábricas produziam mercadorias, mas não conseguiam vendê-las por falta de mercado consumidor.

9. A participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra, que envolveu grandes gastos públicos com material bélico, incentivou a produção industrial e gerou milhões de empregos, levando à superação da Grande Depressão.

10. O rio Tennessee está localizado no sul dos Estados Unidos e seus cerca de 1 050 km atravessam uma das regiões mais afetadas pela Grande Depressão. O governo Roosevelt, por meio da Autarquia do Vale do Tennessee, construiu represas, usinas hidrelétricas, controlou as inundações provocadas pelas cheias do rio, conservou o vale com fertilizantes, preservou as florestas próximas, melhorou as vias de navegação e criou áreas de recreação.

Capítulo 5 Ascensão do fascismo e do nazismo

O capítulo tem como tema central a ascensão e consolidação dos regimes fascista na Itália e nazista na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930, respectivamente. Na Europa, esses são tempos em que a democracia liberal e o liberalismo econômico perderam força social diante dos desastrosos efeitos da Primeira Guerra Mundial e do rápido avanço de movimentos de viés ultranacionalista e que pregavam uma saída autoritária para a crise capitalista em curso. Os personagens microanalíticos do capítulo são Benito Mussolini e Adolf Hitler, ditadores de extrema-direita que estiveram à frente desses dois regimes totalitários até morrerem em 1945, ano em que também chegou ao fim a Segunda Guerra Mundial.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar a situação política, econômica e social da Itália e da Alemanha após a Primeira Guerra Mundial e durante os anos da crise capitalista global iniciada em 1929.
- Avaliar tanto a trajetória do movimento fascista e seu líder principal antes da tomada do poder, em 1922, quanto as características centrais do Estado fascista na Itália dos anos 1930.
- Examinar as ações do movimento nazista na Alemanha nos anos 1920, seu crescimento político-eleitoral no início dos anos 1930, a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933 e as características do estado totalitário na Alemanha até as vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Habilidade da BNCC trabalhada no capítulo

EF09HI13

MUSSOLINI HA SEMPRE RAGIONE.
MUSSOLINI IS ALWAYS RIGHT.

"Quando si dà la mano ad un amico, bisogna andare con lui fino in fondo..."
"When you shake hands with a friend, you must follow him to the bottom...."



CAPÍTULO

5

Na charge de c. 1942, os líderes do fascismo e do nazismo apertam as mãos, selando aliança entre eles. Mas um deles afirma que, quando se aperta a mão de um amigo, deve-se ir até o fundo. O outro aparenta contrariedade, porque trata-se do fundo do oceano.

ASCENSÃO DO FASCISMO E DO NAZISMO

A democracia liberal europeia entrou em crise após a Primeira Guerra Mundial, especialmente nos países derrotados e insatisfeitos com os acordos de paz.

Na Itália, na década de 1920, o fascismo alcançou o poder, liderado por Benito Mussolini. Instalou-se um Estado autoritário e nacionalista que perseguiu liberais, sindicalistas e socialistas. Impondo o regime de partido único, os fascistas praticavam violências contra todos que discordassem deles.

Na Alemanha, o nazismo triunfou nos anos 1930, liderado por Adolf Hitler, ex-cabo do exército alemão. Adotando também o regime de partido único, os nazistas praticaram violências e assassinatos, especialmente contra os judeus.

Nesses regimes de extrema-direita, houve recuperação da economia, mas com o fim das liberdades democráticas.

Mesmo assim, os dois líderes tiveram apoio popular.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Quem era o líder fascista e quem era o líder nazista? Você consegue resolver essa charada?

Créditos das imagens de cima para baixo: Leemage/Corbis/Getty Images; Album/akg-images/Fotoarena; Costa/Leemage/Agência France-Presse; Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Getty Images; The Bridgeman Art Library/Easypix; Mary Evans Picture Library/Easypix; De Agostini/Getty Images.

Puxando pela memória

O homem de camisa preta é Benito Mussolini, fundador do fascismo, e o outro é Adolf Hitler, líder do nazismo – os dois regimes eram parecidos: anticomunistas e antidemocráticos. A charge ironiza os dois líderes. Hitler sugere que o aliado deve ir “até o fundo”. A contrariedade de Mussolini se dá porque, no caso, ele afundaria com o aliado nazista.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *A escalada do mal: o nazismo e o fascismo* localizada no material digital do Manual do Professor.

▶ Mussolini e Hitler

Roma, 3 de maio de 1938. Um visitante ilustre chegou à capital: Adolf Hitler, líder do governo alemão. Hitler chegou de trem, com grande comitiva, incluindo ministros e oficiais das Forças Armadas.

Foi recebido na estação por anfitriões ilustres: o chefe do governo italiano, Benito Mussolini, acompanhado pelo rei Vítor Emanuel III, que reinava, mas não governava. Quem mandava na Itália era Mussolini, chamado de *Duce*, isto é, líder. Hitler era chamado assim, só que em alemão: *Führer*.

Fascismo e nazismo, irmãos de sangue

Mussolini e Hitler governavam as duas principais ditaduras da Europa ocidental. Mussolini chegou ao poder em 1922; Hitler, em 1933. Na Itália, o regime era chamado de **fascismo**; na Alemanha, de **nazismo**. Eles tinham dois traços em comum:

- » estavam empenhados em barrar o comunismo na Europa (o bolchevismo russo), perseguindo os partidos comunistas;
- » estavam convencidos de que a democracia era um regime decadente, incapaz de manter a ordem e resolver as desigualdades sociais.

Tais regimes apostavam em um Estado forte, capaz de promover a união nacional e acabar com os conflitos de classe. Nada de lutas de operários contra patrões, greves ou revoluções à moda bolchevique. Nada de exploração implacável dos trabalhadores, como no capitalismo liberal, pois estes deviam merecer a proteção do Estado, salários dignos, educação e saúde.

Para tanto, qualquer recurso era válido, até mesmo a opressão e a violação de direitos humanos. Para fascistas e nazistas, as liberdades democráticas eram um obstáculo à grandeza da nação e, por isso, não podiam mais ser toleradas.



Mussolini e o rei da Itália Vítor Emanuel III recebem o ditador alemão Adolf Hitler durante sua visita à Itália, em Roma, 1938.

Bettmann/Getty Images

■ Para desenvolver

Semelhanças entre fascismo e nazismo

Ressalte para a turma as características comuns aos regimes ditatoriais e de extrema-direita comandados pelos personagens principais do capítulo, Benito Mussolini e Adolf Hitler – o anticomunismo exacerbado, a descrença completa nos valores da democracia liberal e o estabelecimento, em seus respectivos países, de um Estado forte que, por meio da opressão e da violência, foi capaz de suprimir os conflitos de classe e impor a “união nacional”.

Fique ligado

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (Org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*, v. 1 (Europa). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Nessa obra, encontram-se vários capítulos sobre o fascismo e o nazismo, conforme listamos a seguir: Didier Musiedlak, *O fascismo italiano: entre consentimento e consenso*; Patrícia Dogliani, *Consenso e organização do consenso na Itália fascista*; Robert Gellately, *Os marginais sociais e a consolidação da ditadura de Hitler, 1922-1939*; Nils Havermann, *O futebol sob o signo da suástica*; Francisco Sevillano Calero, *A “cultura da guerra” do “novo Estado” espanhol como princípio de legitimação política*; e Francisco Carlos Palomanes Martinho, *A ordenação do trabalho e a nostalgia do Império: o Estado Novo português e as razões do consentimento (1933-1974)*.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala de aula as implicações ideológicas e geopolíticas do encontro de Mussolini com Hitler em 1938 em Roma, Itália, temas presentes nas páginas 83 e 84 do livro do aluno, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade:

- EF09HI13 – Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

Para desenvolver

Benito Mussolini e Adolf Hitler

Apresente os dados biográficos de Benito Mussolini e Adolf Hitler antes de se tornarem ditadores (confira nas páginas 86 e 89 os textos relativos a tais personagens, na seção “Outras Histórias”), realçando suas origens modestas e o fato de terem ambos participado como militares de baixa patente na Primeira Guerra Mundial. Nesse sentido, com base na imagem presente na página 84, procure realçar outros traços comuns aos dois regimes: o militarismo e a mobilização do povo em grandes eventos públicos, com desfiles de tropas e ostentação de símbolos e *slogans* fascistas e nazistas.

Atividade complementar

O encontro entre Mussolini e Hitler em 1938

Sugerimos que você busque na internet imagens e vídeos dos eventos públicos realizados em Roma durante o encontro de Benito Mussolini e Adolf Hitler em maio de 1938. Antes de exibir para a turma esse material audiovisual, com duração de 10 a 15 minutos, oriente os alunos para que observem com atenção e registrem os aspectos de tais eventos que mais lhes despertaram a atenção e/ou dúvidas. A seguir, realize uma roda de conversa para que eles possam apresentar suas impressões e estabelecer relações com os aspectos centrais dos regimes fascista e nazista.

CÁ ENTRE NÓS

A revolução de direita modifica radicalmente as instituições de um país para conservar ou ampliar a posição das classes dominantes, sem desprezar os interesses imediatos da classe trabalhadora. Tudo em nome da grandeza e da unidade nacional. É o contrário das revoluções de esquerda (tipo bolchevique), que derrubam as classes dominantes em nome das classes trabalhadoras.

O encontro dos ditadores

Voltemos a maio de 1938.

Em Roma, foi montada uma grande festa para receber Hitler. Bandeiras da Itália e da Alemanha foram desfraldadas em cada esquina. Um desfile militar celebrou o encontro.

Milhares de pessoas saíram às ruas para assistir ao espetáculo e festejar os ditadores. Na Itália, o povo saudava Mussolini: *Duce, Duce, Duce!* Na Alemanha, o *Führer* recebia saudação parecida: *Heil Hitler!* (Salve, Hitler!).

O comércio fechou. As aulas foram suspensas. Meninos e meninas marcharam pelas ruas vestidos com a camisa preta das milícias fascistas.

Os ditadores antes da ditadura

Quem eram esses homens que revolucionaram a Europa com regimes autoritários de direita? Homens comuns.

Ninguém poderia imaginar o que eles fariam. Os dois tinham origem modesta. Mussolini era filho de um ferreiro anarquista; Hitler, de um funcionário público.

Na mocidade, Mussolini chegou a integrar o partido socialista italiano no tempo em que este pregava uma revolução operária.

Hitler era um pintor frustrado, pois tinha sido reprovado no exame para ingressar na Academia de Belas-Artes de Viena, na Áustria.

Ambos lutaram na Primeira Guerra e foram feridos: Mussolini como sargento, Hitler como cabo.



Benito Mussolini, primeiro-ministro da Itália, e Adolf Hitler, ditador da Alemanha, desfilam em carro aberto em Munique, Alemanha. Fotografia de 1941.

▶ A ascensão do fascismo

O fascismo e o nazismo eram irmãos. Os movimentos começaram em 1919 em países em que a população acreditava ter sido lesada pelos tratados realizados após a Primeira Guerra. A Alemanha, derrotada, passava por dificuldades econômicas e lutas sociais. A Itália, embora vencedora, ficou de mãos vazias, sem nenhuma vantagem.

Conflitos italianos

Terminada a guerra, em 1918, os socialistas revolucionários ganharam prestígio entre os trabalhadores. A vitória da revolução bolchevique na Rússia em 1917 era sinal de crescimento das esquerdas.

Mussolini era inimigo dos partidos de esquerda. Crítico da democracia liberal, tornou-se líder de pessoas desiludidas, como desempregados, ex-soldados, jovens de classe média sem esperança.

Ele fundou o movimento fascista em março de 1919. Os fascistas atacavam socialistas, anarquistas e operários de esquerda invadindo sindicatos, destruindo sedes de jornais, espancando militantes.

OUTRAS HISTÓRIAS MODOS DE VIVER

Vida comum

O fascismo adotou mecanismos que permitiam ao governo o controle total da sociedade. Na educação, eram combinados conteúdos tradicionais com o ensino da doutrina fascista.

As crianças de 4 a 8 anos integravam os **Filhos da Loba**, nome dado para recordar a lenda de fundação de Roma.

Entre 8 e 14 anos, os jovens ingressavam na **Balilla**, nome de um menino tido como herói nacional por ter jogado pedra nos invasores austríacos, no século XVIII. Entre os 14 e os 18 anos, tornavam-se **Vanguardistas**, aprimorando o treinamento militar.

Mussolini dizia que os meninos seriam os soldados de um futuro império fascista, tão ou mais poderoso quanto o antigo Império Romano. As meninas também recebiam educação parecida, com classes de idade, mas com o objetivo de formar mulheres e mães para a nova Itália fascista.



Na imagem, o próprio Duce abraça um *balilla*, menino da Juventude Fascista. Capa de caderno escolar italiano de 1939. Coleção particular.



- A propaganda fascista buscava convencer a sociedade italiana de suas virtudes – até as crianças. Em grupos, descrevam a ilustração, indicando como ela se prestava à propaganda fascista.

Para desenvolver

Itália e Alemanha no pós-guerra

Apresente para a turma a situação econômica, política e social da Itália após o fim da Primeira Guerra Mundial e a assinatura do Tratado de Versalhes, em 1919, realçando tanto as principais propostas e ações dos socialistas revolucionários e o nascente movimento fascista quanto os setores da sociedade italiana mobilizados respectivamente por esses agrupamentos político-ideológicos tão díspares.

Outras histórias

Modos de viver

- Na capa do caderno escolar, cujas molduras laterais são dois feixes de varas amarrados em alusão ao regime fascista, o ditador Benito Mussolini é representado abraçando um estudante, que foi mostrado como um pequeno militar e futuro soldado da Itália.

Fique ligado

Grandes dias do século XX: ditadores – ascensão do fascismo (França). Coleção História Viva, 1996. 55 min.

Para ampliar seus conhecimentos sobre a conturbada situação social da Itália nos anos imediatos ao fim da Primeira Guerra Mundial e a rápida ascensão de Benito Mussolini ao poder em 1922, assista à parte referente a esses temas presente nesse documentário.

PARIS, Robert. *As origens do Fascismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

O livro trata dos primeiros tempos do movimento fascista na Itália.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala de aula a origem e a ascensão do fascismo e as características do regime ditatorial comandado por Mussolini na Itália do entreguerras, temas presentes nas páginas 85 a 88 do livro do aluno, você estará dando continuidade ao desenvolvimento da habilidade EF09HI13 da BNCC.

Para desenvolver

O movimento fascista

Ressalte para a turma que, em meio a uma profunda crise social, Benito Mussolini formou o movimento fascista (o *Fasci italiani di combattimento*) em março de 1919 em Milão, grande centro industrial no norte da Itália. Dois anos depois, transformou tal agrupamento em um partido político, o Partido Nacional Fascista Italiano, com forte apoio das classes dominantes italianas. Nesse sentido, discuta também com os alunos as razões desse apoio elitista a Mussolini e esclareça que era fundamentalmente contra os comunistas e os socialistas que se dirigiam às ações mais contundentes dos “Camisas Negras” (*camicie nere*, em italiano), milícia ou grupo paramilitar fascista que agia de forma violenta contra os sindicatos de trabalhadores urbanos e rurais, não raro recorrendo à intimidação e até a assassinatos para calar os que se opunham à sua ideologia e prática política autoritárias.

Outras histórias

Personagens

- A expulsão de Mussolini do Partido Socialista foi de inegável importância porque ele organizou o fascismo valendo-se do apoio de fazendeiros e empresários e de sua experiência na militância socialista. No entanto, a ascensão do fascismo reside na insatisfação das classes dirigentes italianas, no pós-guerra, por não ter sido a Itália devidamente recompensada pela França e pelo Reino Unido nos tratados de 1919, descontentamento agravado pelo aumento das greves operárias e pelo crescimento dos partidos de esquerda.

A criação do Partido Nacional Fascista Italiano

No final da Primeira Guerra Mundial, a Itália entrou em crise. Embora do lado vencedor, não obteve nenhuma compensação pelo seu esforço na guerra. Os operários realizavam as greves e os partidos de esquerda – socialista e comunista – se fortaleciam.

Mussolini percebeu que precisava do apoio dos empresários – a burguesia italiana, preocupada com o avanço dos partidos de esquerda. Os socialistas tinham vencido as eleições de 1919 e os comunistas estavam crescendo.

Em 1921, Mussolini transformou sua milícia no **Partido Nacional Fascista Italiano**. Passou a contar com recursos dos capitalistas e apoio dos latifundiários. A classe média urbana apoiou a aliança. O partido fascista logo chegou aos 200 mil filiados, elegendo 35 deputados para o parlamento.

OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

O Duce dos italianos

Benito Mussolini nasceu em 1883. Desde jovem admirava as ideias do pai, adepto do anarquismo. Aos 20 anos, passou a viver na Suíça, onde conheceu intelectuais socialistas. Entre eles, Vladimir Lenin, futuro líder da revolução bolchevista na Rússia.

Voltou para a Itália socialista convicto. Dirigiu o principal jornal partidário. Com a Primeira Guerra Mundial, defendeu a participação da Itália ao lado da França e da Inglaterra. Mas o partido socialista pregava a neutralidade, julgando que a guerra era movida por interesses capitalistas. Mussolini foi expulso do partido.

Em 1914 fundou um jornal, *O Povo da Itália*, no qual escrevia artigos a favor da guerra. Alistou-se no exército e foi promovido a sargento. Ferido em 1917, dois anos depois começou a organizar o movimento fascista.



O fascismo se apropriou de símbolos do Império Romano da Antiguidade na tentativa de mostrar a continuidade entre o passado e o presente. Moeda italiana de 5 liras, 1928. A águia, por exemplo, era o símbolo usado pelas legiões do Império Romano. Museu Bottacin, Pádua, Itália.



Os socialistas italianos consideravam a então chamada Grande Guerra (1914-1918) uma disputa entre países imperialistas, e por isso defendiam a neutralidade do país. Por discordar dessa orientação, Mussolini foi expulso do partido socialista.

- Discutam, em grupos, até que ponto a controvérsia entre os socialistas sobre a Grande Guerra foi decisiva para a ascensão do fascismo na Itália, uma vez que foi o próprio Mussolini quem organizou o movimento fascista.



Mussolini chega ao poder

Em outubro de 1922, em Nápoles, no sul do país, os fascistas decidiram fazer um grande ato público, para mostrar a grandeza e a força do movimento. Como? Marchar sobre Roma e ocupar prédios públicos, tudo para mostrar que estavam preparados para tomar o poder.

A **Marcha sobre Roma** foi um sucesso para os fascistas. A polícia não impediu a marcha. O que mais surpreendeu foi a decisão do rei Vítor Emanuel III: convidou Mussolini para ser o primeiro-ministro, o chefe do governo italiano. É claro que as classes dirigentes do país estavam de acordo, empenhadas em defender o capitalismo contra o avanço dos partidos de esquerda.

Mussolini destrói as oposições

Nos primeiros anos, os fascistas conviveram com partidos de oposição. Nas eleições de 1924, obtiveram 65% dos votos para o parlamento. A violência dos camisas-negras foi enorme. O líder socialista Giacomo Matteotti denunciou a violência fascista. Foi assassinado pouco depois.

A repercussão do crime foi enorme. Mussolini foi pressionado, alguns apelaram ao rei. Mussolini quase caiu, mas o rei pôs panos quentes e alguns fascistas suspeitos foram punidos. Depois desse ocorrido, o fascismo saiu fortalecido.

Em 1925, todos os partidos foram proibidos, com exceção do fascista. No mesmo ano, o direito de greve foi abolido e os sindicatos livres foram fechados. A partir daquele momento, somente aqueles reconhecidos pelo Estado poderiam negociar os salários. Sindicatos de patrões, de um lado, e de trabalhadores, de outro, tendo o Estado como juiz das decisões. Esse sistema ficou conhecido como **corporativismo**. A *Carta del Lavoro* (Carta do Trabalho), datada de 1927, consagrou o sistema.

Mussolini definiu o fascismo como o que havia de mais avançado no ocidente: “tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado”.

CÁ ENTRE NÓS

A Marcha sobre Roma ocorreu entre 24 e 28 de outubro de 1922 e levou Mussolini ao poder. Um conselho fascista passou a assessorar o *Duce*. Porém, a monarquia não foi abolida.

Para desenvolver

Mussolini e a ditadura

Analise com a turma os eventos vinculados à chegada de Benito Mussolini ao poder e ao estabelecimento, a partir de 1925, de uma ditadura fascista na Itália com o apoio dos capitalistas e latifundiários. Nesse sentido, resalte para os alunos a escalada da violência política contra os opositores do governo de Mussolini e as medidas de supressão das liberdades democráticas em tal país.

Fique ligado

Mussolini – a história não contada (EUA). Direção de William A. Graham, 1985. 320 min.

O primeiro episódio da série trata da ascensão de Benito Mussolini ao poder, em outubro de 1922, e do processo de estabelecimento de uma ditadura fascista na Itália nos anos seguintes.

1922: Fim da Marcha sobre Roma. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/1922-fim-da-marcha-sobre-roma/a-314110>. Acesso em: 15 out. 2018.

Reportagem sobre o encerramento da Marcha sobre Roma, em 28 de outubro de 1922, contendo um relato dos momentos decisivos de entrega do cargo de primeiro-ministro da Itália, por parte do rei Vítor Emanuel III, para Benito Mussolini, líder do Partido Nacional Fascista.

Mussolini, ao centro, discursa na praça do Povo, em Roma, Itália, durante a comemoração da fundação de Roma, em abril de 1932.



Gemma Keystone/Getty Images

Para desenvolver

Características do Estado fascista

Na análise com a turma das características assumidas pelo Estado fascista na Itália durante os momentos de sua consolidação e auge, entre as décadas de 1920 e 1930, enfatize, por um lado, as razões para que tal país não tenha sido tão afetado pela Crise de 1929 e, por outro, exponha os elementos que caracterizam esse regime como um regime totalitário.

Fique ligado

TRENTO, Angelo. *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática, 1996.

FELICE, Renzo de. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1976.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália Fascista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

As obras mencionadas ajudam a aprofundar os conhecimentos em relação às principais características sociais, econômicas e políticas do regime comandado por Mussolini na Itália entre as décadas de 1920 e 1930.

Mussolini – a história não contada (EUA). Direção de William A. Graham, 1985. 320 min.

Desta vez, assista ao segundo e terceiro episódios da série já citada na página anterior que tratam do auge do regime totalitário comandado por Benito Mussolini.

Grandes dias do século XX: ditadores – ascensão do fascismo (França). Coleção História Viva, 1996. 55 min.

O documentário também apresenta informações sobre o auge do Estado fascista italiano sob comando de Mussolini.

CÁ ENTRE NÓS

Muitos autores definem os regimes fascista e nazista como totalitários: regimes que não estabelecem limites ao poder de governar do Estado. Totalitarismo, portanto, é um conceito usado para designar o regime em que o Estado se propõe a regular todos os aspectos da vida econômica, política, social e cultural do país, incluindo a vida particular dos cidadãos.

Apogeu do fascismo

Durante quase vinte anos, o fascismo governou a Itália sem oposição. Os grupos contrários à política fascista foram liquidados, presos ou exilados em outros países.

Mussolini governou de mãos livres, atropelando um rei fraco e contando com forte apoio da população em geral. Em 1929, submeteu seu governo a um plebiscito: 98% dos votos foram favoráveis ao fascismo!

O regime ganhou fama internacional no Ocidente, não só porque barrou o comunismo, mas também porque a Itália foi um dos países europeus que menos sofreu os efeitos da crise econômica de 1929. As democracias europeias, como a Inglaterra e a França, ficaram admiradas com a estabilidade italiana em meio à Grande Depressão.

Entre as políticas adotadas pelo Estado fascista vale destacar:

- » criação do Instituto para a Reconstrução Industrial (1933), que deu grande impulso à siderurgia e à construção naval, reduzindo o desemprego;
- » elevação dos impostos sobre os bens importados (protecionismo), estimulando a indústria nacional e o mercado interno;
- » estímulo às pequenas propriedades rurais e aos sistemas de parceria para evitar o êxodo rural;
- » incentivo à produção de alimentos, em especial a Batalha do Trigo, campanha que tornou a Itália autossuficiente na produção de grãos.

Os grupos que mais lucraram com o fascismo foram os grandes empresários e os proprietários rurais. As classes trabalhadoras, embora se beneficiassem do progresso econômico e do controle do desemprego, continuaram com salários baixos. O salário de um trabalhador italiano valia 1/3 do salário de um inglês e metade do salário de um francês.

A política externa fascista

Uma decisão de grande impacto foi a **Concordata de Latrão**, assinada entre o governo fascista e o papa Pio XI, em 1929. Por meio dela, o papa reconheceu pela primeira vez o Estado italiano, unificado em 1870, recebendo em troca a soberania do território do Vaticano. Em uma sociedade católica como a italiana, o acordo com o papa caiu muito bem para o fascismo.

Em 1935, Mussolini resolveu dar uma demonstração de força para o mundo. Ordenou a invasão da Etiópia, um país africano, com o objetivo de transformá-la em uma colônia. Os etíopes usaram lanças para enfrentar tanques...

As democracias europeias protestaram contra aquela covardia, mas evitaram qualquer reação, pois reconheciam o fascismo como barreira importante contra o comunismo.

Alemanha nazista

Hitler bem que tentou seguir os passos de Mussolini.

Em 1923, tentou dar um golpe, em Munique, com sua milícia e alguns veteranos da Primeira Guerra. Sonhou com uma Marcha sobre Berlim, mas o resultado foi desastroso. Hitler foi preso e condenado a cinco anos de prisão.

O movimento nazista ainda era muito fraco, a burguesia alemã ainda não estava convencida de que aquele ex-cabo do exército era capaz de deter os comunistas. Hitler, por sua vez, ficou apenas alguns meses preso. Seu anticomunismo e seu nacionalismo fervoroso fizeram com que ele fosse condenado à pena mínima.

Livre, Hitler teve paciência. Organizou o partido, estimulou adesões e atraiu o dinheiro de empresários com a promessa de combater os comunistas alemães. O jornal do partido, *Observador do Povo*, batia sempre na mesma tecla, condenando comunistas e judeus pelos males do país.



OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

Adolf Hitler, o Führer dos alemães

Hitler nasceu na Áustria, em uma região próxima à Alemanha, no ano de 1889. Dos cinco irmãos, restaram Adolf e Paula, a caçula. Gostava de pintar e queria ser artista, irritando o pai, que desejava vê-lo como funcionário público.

Quando estourou a Primeira Guerra, Hitler alistou-se no exército alemão. Foi promovido a cabo e atuava como mensageiro, correndo entre as trincheiras sob fogo cerrado. Foi ferido em 1917 e recebeu uma importante condecoração: a Cruz de Ferro. Estava no hospital quando soube da rendição alemã, em 1918. Ficou indignado. Não entendia por que o poderoso exército alemão havia perdido.

Adolf só tinha uma ideia: tentar renovar a Alemanha, vingá-la dos traidores que, na sua opinião, tinham desistido da guerra. Em 1919, ingressou no **Partido dos Trabalhadores Alemães**, um pequeno partido operário



Militantes nazistas marcham no centro de Munique, Alemanha, durante a tentativa de golpe de Estado em 1923.

nacionalista que rejeitava o comunismo. Em 1920, assumiu a liderança do partido e mudou o seu nome para **Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães**.



- Compare as trajetórias de Mussolini e Hitler até o fim da Primeira Guerra Mundial. Quais semelhanças e diferenças podem ser destacadas?

Outras histórias Personagens

- Há uma grande diferença na trajetória de Mussolini e Hitler. Mussolini já era ativista político antes da guerra, militando no Partido Socialista; tinha sido um revolucionário de esquerda, antes de organizar o fascismo. Hitler nunca tinha feito política antes da Primeira Guerra Mundial e, quando começou, foi em um partido operário de direita. Ambos começaram a atuar na direita a partir de 1919. Hitler com 30 anos, Mussolini com 36.

Fique ligado

Grandes dias do século XX: ditadores – ascensão do fascismo (França). Coleção História Viva, 1996. 55 min.

Seguindo com a indicação sugerida na página anterior, utilize o documentário para ampliar seus conhecimentos sobre as origens do movimento nazista no difícil contexto social e econômico da Alemanha do pós-Primeira Guerra Mundial.



Material digital

Para contribuir para o desenvolvimento desse tema, assista ao material audiovisual *O nazismo* localizado no material digital do Manual do Professor.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala de aula a origem e a ascensão do nazismo e as características do regime ditatorial comandado por Hitler na Alemanha do entreguerras, temas presentes nas páginas 89 a 95 do livro do aluno, continua-se o desenvolvimento da habilidade EF09HI13 da BNCC.

Para desenvolver

Punições e dificuldades na Alemanha

Retome com os alunos as punições impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes, tema abordado no capítulo 1, e relacione a difícil situação social e econômica de tal país na década de 1920 com a pregação nazista nessa época, sistematizada por Adolf Hitler nos dois volumes do livro *Mein Kampf*, em parte escrito na cadeia, entre 1925 e 1926. Analise também a forma de atuação violenta dos dois principais grupos paramilitares ou milícias do Partido Nazista, ambos formados ainda nos anos 1920: a *Sturmabteilung* ou SA (“Tropas de Assalto”, em tradução usual), que contava com cerca de 300 mil membros em fins de 1932, e a *Schutzstaffel* ou SS (“Tropas de Proteção”), que nesse mesmo ano era composta de 52 mil integrantes, selecionados pela sua “pureza racial” e lealdade incondicional a Hitler.

Fique ligado

Hitler – uma carreira (Alemanha). Direção de Joachim C. Fest, 1977. 150 min.

Esse documentário mostra como o talento de Adolf Hitler para manipular e vender sua imagem o levou de suas origens humildes ao domínio de seu país.

Hitler: a ascensão do mal (Canadá). Direção de Christian Duguay, 2003. 150 min.

Minissérie em dois episódios que analisa a ascensão de Adolf Hitler e sua consolidação inicial durante os anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial.

Hitler's Circle of Evil (Inglaterra). 2018. 520 min.

Série com dez episódios, disponível com legendas em português, que mescla depoimentos de historiadores com dramatizações acerca da trajetória nos anos 1920 e a ascensão ao poder, no início dos anos 1930, de Adolf Hitler e outros proeminentes chefes nazistas, como Joseph Goebbels, Herman Göring e Heinrich Himmler.

FIQUE DE OLHO

RIBEIRO JR., João. *O que é nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Este livro explica a ascensão meteórica de Adolf Hitler à condição de chefe supremo da nação alemã.

O grande ditador (EUA). Direção de Charles Chaplin, 1940. 125 min.

Nesse filme, Chaplin satiriza o comportamento de Hitler e Mussolini em um tempo em que a guerra estava só começando.

Um país derrotado

A situação da Alemanha após a Primeira Guerra era ainda pior do que a da Itália.

Em novembro de 1918, o *Kaiser* (imperador) alemão abdicou e o país mergulhou em um caos.

Surgiu a República de Weimar, que desde cedo se revelou fraca para conter os movimentos contrários à sociedade burguesa.

A crise alemã foi agravada pelos efeitos do Tratado de Versalhes, assinado em 1919 e imposto aos alemães pelos países vencedores da Primeira Guerra. A Alemanha perdeu territórios no leste e no oeste e foi obrigada a pagar uma dívida de bilhões de marcos, a moeda alemã, como indenização.

O resultado a curto prazo foi terrível: desemprego, miséria e inflação. O nazismo se alimentou da tragédia que pesava sobre o povo alemão, prometendo vingança contra seus opressores.

Ascensão do nazismo

Enquanto esteve preso, Hitler escreveu um livro, *Minha luta*, no qual resumia seu grande objetivo político: resgatar a dignidade da Alemanha e transformá-la na maior potência mundial. Para tanto seria preciso aniquilar os inimigos do povo alemão:

- » as democracias europeias, em especial a França, país que mais se “beneficiava” do Tratado de Versalhes;
- » o comunismo soviético, que quase tinha tomado o poder no país em 1919 e ainda o ameaçava sob a orientação de Moscou;
- » os judeus, considerados por Hitler os maiores inimigos da “raça alemã”.

O nazismo foi definido por Hitler como a única saída para a Alemanha resgatar sua dignidade e sua força como país. Também foi visto como a única saída para a sobrevivência da **raça ariana**: homens e mulheres germânicos, louros, altos e de olhos claros. Hitler acusava os judeus de contaminar a raça ariana ao se casar com alemães.

O nazismo custou a emplacar na Alemanha. Quando Hitler saiu da cadeia, a economia começava a dar sinais de recuperação. A inflação caiu entre 1924 e 1928, e muitos achavam que o nazismo era fogo de palha.

Enquanto isso, Hitler cuidava pessoalmente de todos os assuntos do partido, desde as fichas de cada membro até os desenhos de cada camisa ou bandeira. Foi dele a escolha da cruz suástica como emblema principal do partido nazista.

A suástica é um símbolo muito antigo, presente em inúmeras culturas. Na Índia, por exemplo, significava “boa sorte” ou “felicidade”. Em nossos dias, a associação entre a suástica e os crimes nazistas ainda é muito forte.

KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

Para ampliar suas informações sobre a biografia do idealizador do nazismo, indicamos essas duas obras.

Os nazistas disputam as eleições

Os nazistas perceberam, com a lição de 1923, que não deviam tentar outro golpe. O melhor seria disputar as eleições e fazer o partido crescer aos poucos. Mas o desempenho eleitoral dos nazistas foi fraco até 1929. Nesse ano, a crise econômica internacional provocou uma nova onda de desemprego, miséria e inflação.

Nesse cenário, comunistas e nazistas ganharam força e bateram de frente. Foi então que a burguesia alemã escolheu o nazismo para enfrentar os comunistas, fazendo uma aliança semelhante à da Itália cerca de dez anos antes. Nas eleições de 1930, o número de deputados nazistas saltou de 12 para 107.

Em 1932, os nazistas lançaram Hitler para disputar a presidência da República. Mas quem ganhou a eleição foi o marechal Hindenburg, herói da Primeira Guerra Mundial. Em todo caso, os nazistas saíram muito fortalecidos dessa eleição. O Partido Nacional-Socialista tinha o apoio das massas e muitos deputados no parlamento.

Hitler no poder

O governo eleito percebeu, porém, que não seria possível governar sem o apoio dos nazistas. Os deputados do partido inviabilizavam os debates, virando de costas para a mesa diretora nas sessões parlamentares ou gritando em coro os lemas nazistas. O desprezo pela democracia entre os nazistas era evidente. A solução encontrada pelo presidente Hindenburg foi convidar Hitler para chefiar o governo no posto de chanceler da República, equivalente na Alemanha ao cargo de primeiro-ministro. O objetivo era usar os nazistas para abater os comunistas e depois desbancar o próprio Hitler.



Photo12U/Getty Images

FIQUE DE OLHO

O triunfo da vontade (Alemanha). Direção de Leni Riefenstahl, 1935. 114 min.

Produzido pela cineasta Leni Riefenstahl, é um excelente documento visual sobre a propaganda nazista.

Recomenda-se assistir ao trecho do discurso de Hitler para a juventude alemã, em 1934.

Desfile da SA na Alemanha, década de 1930. Os membros da milícia nazista levam uma bandeira com o símbolo do partido e as pessoas na rua fazem a saudação a Hitler.

Para desenvolver

O fortalecimento do nazismo

Na análise com a turma dos eventos que levaram à chegada de Adolf Hitler ao poder, em 1933, procure relacionar a Crise de 1929 e o agravamento da situação social e política na Alemanha com o forte crescimento do Partido Nazista nas eleições de 1930 e 1932, sempre com grande apoio financeiro da burguesia alemã. Ressalte também que os nazistas usaram o sistema democrático para alcançar o poder, em janeiro de 1933, para logo em seguida destruir tal sistema e implantar uma ditadura, poucos meses depois, em uma escalada de violência política e social que pode ser evidenciada, por exemplo, pela lembrança de que entre fins de 1932 e meados de 1934 as tropas somadas das duas principais milícias nazistas, a SA e a SS, passaram de cerca 352.000 membros para algo em torno de 3.210.000 integrantes.

Fique ligado

EVANS, Richard J. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

O historiador analisa a trajetória do nazismo e seu principal líder entre o final da Primeira Guerra Mundial e o ano de 1933, quando Hitler implantou um regime ditatorial na Alemanha poucos meses após ter chegado ao cargo de primeiro-ministro.

ELEIÇÕES alemãs de 1933 transcorreram em clima

de intimidação. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/elei%C3%A7%C3%B5es-alem%C3%A3s-de-1933-transcorreram-em-clima-de-intimida%C3%A7%C3%A3o/a-16647900>. Acesso em: 15 out. 2018.

Notícia sobre o clima de violência e terror imposto pelos nazistas durante as eleições de 5 março de 1933 na Alemanha para a composição de um novo *Reichstag*, cujo prédio havia sido incendiado dias antes.

APROVAÇÃO da Lei Plenipotenciária. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/1933-aprova%C3%A7%C3%A3o-da-lei-plenipotenci%C3%A1ria/a-480521>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Em 23 de março de 1933, a Lei Plenipotenciária foi aprovada e, assim, os nazistas iniciaram a ditadura, pois não precisavam mais da aprovação das leis pelo Parlamento alemão.

Para desenvolver

As bases da ditadura nazista

Exponha à turma as principais medidas tomadas pelo governo ditatorial dos nazistas, nos primeiros anos de sua consolidação, para promover a recuperação econômica e reorganizar a sociedade da Alemanha com base em um ideário que combinava militarismo, nacionalismo, repressão política e antisemitismo.

Fique ligado

EVANS, Richard J. *Terceiro Reich no poder*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LENHARO, Alcir. *Nazismo: o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1998.

As três obras abordam as características do Estado nazista.

CÁ ENTRE NÓS

Os campos de concentração eram locais destinados ao trabalho forçado de diversos tipos de prisioneiros, principalmente políticos. Mas muitos prisioneiros foram executados nesses campos. Não confundir com os campos de extermínio que os nazistas espalharam pela Europa durante a guerra visando ao assassinato em massa, principalmente dos judeus. Mas também nos campos de extermínio, parte dos prisioneiros era obrigada ao trabalho forçado.

1929: Quebra da Bolsa de Nova York e início da Grande Depressão. Mussolini firma a Concordata de Latrão com o papa.

Essa manobra política de Hindenburg foi um tremendo erro de cálculo. Hitler jamais pretendia deixar o poder.

Um mês depois de alcançar o poder, os nazistas deram uma grande demonstração do que preparavam para a democracia: destruí-la.

Em fevereiro de 1933, um incêndio destruiu o prédio do parlamento – o *Reichstag*. Quem provocou o incêndio? Os nazistas puseram logo a culpa nos comunistas. Seguiu-se uma onda de prisões, incluindo muitos comunistas e alguns democratas que se opunham ao regime. Quase 100 mil pessoas foram presas.

O golpe de Estado nazista

Em agosto de 1934 morreu o presidente Hindenburg, e Hitler não pensou duas vezes: manteve o cargo de chanceler e assumiu o de presidente da República. E quem seria contra ele, se todos os opositores estavam mortos, presos ou amedrontados? Além disso, os capitalistas estavam satisfeitos com a política de rearmamento do Estado, que estimulava a indústria. A grande maioria da sociedade alemã também estava animada com a recuperação econômica do país.

Hitler acumulou os cargos, rasgou a constituição e instaurou a ditadura nazista. Foi por essa época que Mussolini começou a prestar atenção no ditador alemão. Parecia que o aluno superava o mestre! Afinal, na Itália, Mussolini governava com mão forte, mas ainda havia um rei. Na Alemanha, ninguém estava acima do próprio Hitler.

A perseguição aos judeus

Pouco tempo após a tomada do poder, o governo nazista iniciou a construção dos **campos de concentração**, então destinados aos prisioneiros políticos. Esses locais faziam parte da instalação de um **Estado policial** para eliminar os comunistas, os democratas e os sindicatos independentes. Para isso, foram concedidos amplos poderes à polícia secreta, a temida Gestapo. O nazismo seguia a receita do fascismo italiano: “nada fora do Estado, nada contra o Estado!”.

Com o prestígio em alta, os nazistas passaram a cumprir a grande meta de seu programa racial: perseguir os judeus e excluí-los da sociedade alemã. Como vimos, os judeus foram o **bode expiatório** da Alemanha nazista.

Já em 1933, os judeus foram proibidos de exercer profissões liberais, como a de médico, advogado, professor, engenheiro, etc. Em pouco tempo seriam impedidos de entrar nas universidades ou escolas alemãs. Os professores e cientistas judeus foram demitidos de seus empregos. Nenhum judeu seria admitido no serviço público. Foram proibidos de frequentar restaurantes, cinemas e teatros.

As leis de Nuremberg, publicadas em 1935, consolidaram a segregação racial dos judeus em toda a Alemanha. Mas este foi só o começo; o pior viria mais tarde para quase todos os judeus da Europa.

Bode expiatório: expressão que designa alguém escolhido para expiar, sofrer a culpa de outro por algum delito cometido.

DOCUMENTO

As Leis de Nuremberg

As Leis de Nuremberg avançaram muito na discriminação dos judeus alemães. Deram prova completa de que o nazismo, assim como

o fascismo, pretendia controlar a vida privada das pessoas. Leia as leis abaixo e, em seguida, responda às questões em grupo.

Artigo 1ª

1. São proibidos os casamentos entre judeus e cidadãos de sangue alemão ou aparentado. Os casamentos celebrados a despeito dessa proibição são nulos e de nenhum efeito, mesmo que tenham sido contraídos no estrangeiro para iludir a aplicação desta lei.

2. Somente o Procurador Público pode iniciar os procedimentos para a anulação.

Artigo 2ª

As relações extramatrimoniais entre judeus e cidadãos de sangue alemão ou aparentado são proibidas.

Artigo 3ª

Os judeus não serão autorizados a ter em sua casa mulheres com menos de 45 anos de idade e de sangue alemão ou aparentado.

Artigo 4ª

1. Os judeus ficam proibidos de hastear a bandeira nacional do *Reich* e de envergar as cores nacionais.

2. Em contrapartida, são autorizados a exibir as cores judaicas. O exercício desse direito é protegido pelo Estado.

Artigo 5ª

1. Quem infringir o artigo 1ª será condenado a trabalhos forçados.

2. Quem infringir o artigo 2ª será condenado à prisão ou a trabalhos forçados.

3. Quem infringir os artigos 3ª e 4ª será condenado à prisão, que poderá ir até um ano e multa, ou a uma ou outra destas duas penas.

Artigo 6ª

O Ministro do Interior do *Reich*, com o assentimento do representante do *Führer* e do Ministro da Justiça, publicará as disposições jurídicas e administrativas necessárias à aplicação desta lei.

LEIS de Nuremberg. Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Germânicos.
Reichsgesetzblatt I, 1935. p. 1146-1147.



- 1 | Com base nos artigos 1ª e 2ª, é possível afirmar que a sociedade alemã discriminava os judeus ou, pelo contrário, mal se distinguiu, nas relações entre os alemães, a origem judaica ou cristã dos indivíduos?
- 2 | É possível afirmar, com base no artigo 4ª, que o nazismo respeitava alguns direitos dos judeus como cidadãos alemães?

Documento

1. A questão estimula uma polêmica importante, porque alguns historiadores afirmam que o nazismo exprimiu o antissemitismo da sociedade alemã, enquanto outros sustentam que o antissemitismo foi uma política imposta aos alemães pelo Estado. Em todo caso, não resta dúvida de que pouco a pouco a sociedade alemã se tornou antissemita. Os alemães que discordaram do nazismo foram presos, exilados ou assassinados. No entanto, os artigos 1ª e 2ª das leis de 1935 sugerem que judeus e não judeus alemães conviviam muito bem, namoravam e se casavam. Do contrário, uma proibição como essa não faria sentido.
2. As leis de Nuremberg estavam voltadas para a supressão dos direitos dos judeus. A garantia de que o Estado protegeria o direito dos judeus quanto ao uso de suas próprias cores é uma hipocrisia retórica (além de discutível, pois não há cores tipicamente judaicas, como também não há cores nacionais alemãs). O artigo 4ª tem como objetivo central discriminar os alemães de origem judaica, sublinhando que o Estado não os considera alemães.

Fique ligado

A propaganda política nazista. *Holocaust Encyclopedia*. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/nazi-propaganda>>. Acesso em: 15 out. 2018.

As leis raciais de Nuremberg. *Holocaust Encyclopedia*. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/the-nuremberg-race-laws>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Os artigos disponibilizados pela Enciclopédia do Holocausto do United States Holocaust Memorial Museum aborda a intensificação sistemática da perseguição aos judeus na Alemanha nazista.

Para desenvolver

Perseguições nazistas

Ressalte para a turma que a ditadura de extrema-direita comandada por Adolf Hitler na Alemanha, a partir de 1933, perseguiu de forma implacável e confinou crescentemente em campos de concentração opositores políticos (sobretudo comunistas, anarquistas, socialistas e social-democratas), homossexuais, ciganos, testemunhas de Jeová e milhões de judeus, alvos centrais desse processo de segregação racial, política e social. Para tanto, em abril de 1933, os nazistas instituíram a Gestapo (acrônimo em alemão de *Geheime Staatspolizei*, “polícia secreta do Estado” em português), que estava submetida diretamente à SS e tinha o terror e a tortura como métodos centrais de atuação.

Fique ligado

Arquitetura da destruição (Suécia). Direção de Peter Cohen, 1992. 121 min.

Nesse filme, o cineasta procura demonstrar, por meio de sua análise devastadora sobre o nazismo, que a ditadura hitleriana se dedicou firmemente à perseguição e eliminação de judeus e outros grupos étnicos e sociais como parte do processo de “purificação” não só da raça, mas de toda a cultura do *III Reich*.

1934: A SS massacra a SA na Alemanha: consolida-se a aliança do nazismo com o empresariado.

1935: Hitler visita Mussolini. Leis contra os judeus italianos. Noite dos Cristais contra os judeus alemães.

CÁ ENTRE NÓS

A perseguição nazista fez outras vítimas além dos judeus. Os homossexuais foram considerados ameaça ao fortalecimento da “raça ariana”. Cerca de 50 mil foram presos. Eram identificados com um triângulo rosa na roupa. Os ciganos eram perseguidos e considerados indesejáveis. Estima-se que ao menos 5 mil ciganos foram presos em campos de concentração. Já os Testemunhas de Jeová eram perseguidos porque se opunham a qualquer ideologia política. Eram identificados com um triângulo roxo nas roupas.

FIQUE DE OLHO

A vida é bela (Itália). Direção de Roberto Benigni, 1999. 117 min.

Levado a um campo de concentração nazista com seu filho por sua origem judaica, Guido recorre ao humor para proteger o menino dos horrores da prisão, convencendo-o de que se trata de um jogo.

Da fuga ao exílio

De acordo com as leis nazistas, bastava ter um avô ou avó judeus para ser considerado judeu, mesmo que o indivíduo não praticasse a religião judaica. Alguns alemães nem sabiam de sua origem judaica, mas mesmo assim foram enquadrados pelo nazismo.

Muitos judeus não tiveram outra saída senão abandonar a Alemanha, vendendo seus bens a qualquer preço. Os nazistas também limitaram as quantias que os judeus podiam levar ao deixarem o país. Alguns judeus mais ricos conseguiram asilo em países democráticos, como os Estados Unidos ou a Inglaterra.

Cientistas importantes foram acolhidos no estrangeiro, a exemplo de Albert Einstein, grande físico alemão, e do austríaco Sigmund Freud, fundador da psicanálise. A maioria dos judeus, porém, perdeu seus bens e seus direitos políticos e civis.



Família judaica usando a estrela discriminatória imposta pelo nazismo, em 1943.

Voltando ao encontro dos ditadores

Vamos terminar o capítulo voltando ao encontro de Hitler com Mussolini em Roma, em maio de 1938. Nessa altura dos acontecimentos, a Alemanha nazista tinha superado o modelo fascista de Mussolini. Mas, como vimos no início, os dois regimes eram irmãos de sangue.

Aproximando os regimes

Faltavam apenas dois detalhes para selar esse casamento entre o nazismo e o fascismo:

- » Hitler não admitia que o fascismo fosse tolerante com os judeus, como de fato era. A Itália deveria copiar a política antisemita da Alemanha. As coisas pareciam se inverter: Hitler, que havia copiado o modelo criado por Mussolini, agora exigia que Mussolini copiasse o seu modelo nazista de discriminação racial.

1938: Itália invade Etiópia. Proclamação das Leis de Nuremberg.

1939: Alemanha e Itália assinam o Pacto de Aço.

» Hitler desejava uma aliança militar com a Itália. Exigia que a Itália auxiliasse a Alemanha no caso de uma guerra na Europa. Nova complicação, porque a Itália não estava preparada militarmente. Mas os alemães não queriam saber das limitações italianas. Queriam a guerra, arrastando os italianos para o seu lado.

Hitler conseguiu atingir os dois objetivos. Em 14 de julho de 1938, Mussolini iniciou sua campanha contra os judeus italianos. Foi publicado o **Manifesto da Raça**, assinado por professores fascistas, no qual a Itália se declarava tão racista quanto a Alemanha. Mussolini logo convenceu o rei a assinar as leis antissemitas.

AO MESMO TEMPO

Militarismo japonês em ascensão

Enquanto Hitler e Mussolini se encontravam em Roma, em 1938, o Japão estava a um passo de instituir um regime autoritário e militarista. O expansionismo japonês vinha desde o início do século XX, após a rápida industrialização promovida pela Revolução Meiji, em 1868.

Em 1936, Japão e Alemanha firmaram um pacto contra a expansão do comunismo soviético no mundo. Em 1937, o Japão invadiu a China e dominou parte do país. A ascensão do primeiro-ministro Fumimaro Konoe, em 1940, ultranacionalista de direita, consolidou o militarismo no poder. No mesmo ano, já iniciada a Segunda Guerra Mundial, firmou o Pacto do Eixo com a Alemanha nazista e a Itália fascista.



Assinatura do pacto anticomunista entre Japão e Alemanha em Berlim, Alemanha, 1936.



- Cite algumas características do regime político japonês comuns ao fascismo italiano e ao nazismo alemão.

Para desenvolver Alemanha, Itália e Japão

Ressalte para a turma que entre 1936 e 1940, gradativamente, Alemanha, Itália e Japão estabeleceram acordos que envolviam o combate ao comunismo soviético, a perseguição aos judeus e a formação de uma aliança militar entre essas três nações, governadas por regimes autoritários e ultranacionalistas. No caso específico do antissemitismo na Itália, destaque que dos cerca de 45 mil judeus existentes no país em 1938, cerca de 30 mil conseguiram viver escondidos sem se exilar, destituídos de qualquer direito civil, 7 mil tiveram de fugir para outros países e 8 mil acabaram morrendo em campos de concentração nazistas.

Ao mesmo tempo

- O nacionalismo extremado, o militarismo, o expansionismo territorial e a intolerância com opositores.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 82?

Créditos das imagens de cima para baixo: Costa/Leemage/Agência France-Press; The Bridgeman Art Library/EasyPix; Leemage/Corbis/Getty Images; Album/ak-images/Fotoarena; Mary Evans Picture Library/EasyPix; De Agostini/Getty Images; Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Getty Images; Album/ak-images/Fotoarena.

95

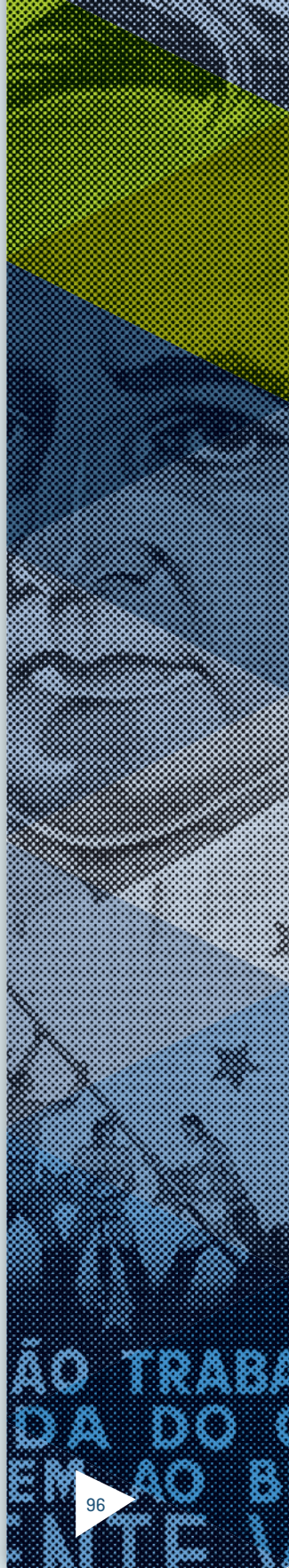
Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, oriente os alunos a relerem a pergunta da página 82 e as respostas que elaboraram para ela. A seu critério, estabeleça a seguir um debate sobre o caráter militarista e expansionista dos regimes fascista e nazista e sobre a formação do Pacto do Eixo entre Alemanha, Itália e Japão no início da Segunda Guerra Mundial.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Até certo ponto sim, pois tais regimes surgiram da insatisfação popular com os acordos que deram fim à Primeira Guerra Mundial. No caso italiano, o país, apesar de vitorioso, foi desprezado pelos aliados da Primeira Guerra e viu o comunismo crescer no país, levando a burguesia a apelar para o movimento fascista. Na Alemanha derrotada, a miséria se alastrou pelo país e os comunistas se fortaleceram, levando a burguesia alemã a apoiar os nazistas para defender o capitalismo.
2. Na Itália o impacto foi pequeno, pois o regime fascista conseguiu controlar a crise econômica por meio de obras públicas e políticas fiscais. Na Alemanha o impacto foi enorme, pois voltaram fortes a inflação e a miséria, o que favoreceu a ascensão do nazismo ao poder em 1933.
3. Nos dois casos, a democracia foi considerada um regime decadente e que ameaçava a união nacional. A diversidade partidária (de opinião, de escolha) foi condenada, instalando-se um sistema de partido único: o fascista, na Itália, e o nazista, na Alemanha.
4. Nos anos 1920, Mussolini desprezava Hitler por considerar o nazismo uma cópia frágil do fascismo que ascendeu então ao poder na Itália. Já no final dos anos 1930, consolidado no poder e com grande força bélica, Hitler exigiu da Itália fascista, aliada militar da Alemanha, a adoção das leis antissemitas alemãs.
5. Na Itália, mesmo com o fascismo no Estado e na sociedade a partir de 1922, Mussolini manteve, ainda que sem poder real, o Parlamento e o rei Vítor Emanuel III. Já na Alemanha, ao ascender ao poder em 1933, Hitler respeitou as normas constitucionais por pouquíssimo tempo e em 1934, com a morte do presidente Hindenburg, decidiu acumular os cargos de chanceler e presidente da Alemanha, consolidando-se como o *Führer* de um novo Estado: o Terceiro Reich alemão.



ROTEIRO DE ESTUDOS



O QUE APRENDEMOS?

- 1 | É possível dizer que a ascensão do fascismo, na Itália, e do nazismo, na Alemanha, foram resultados da Primeira Guerra Mundial?
- 2 | Qual foi o impacto da crise econômica de 1929 na expansão do fascismo e do nazismo?
- 3 | Qual era a posição dos regimes fascista e nazista diante dos valores democráticos e da existência de diversos partidos políticos?
- 4 | Nos anos 1920, Mussolini desprezava Hitler, líder do movimento que procurava copiar o fascismo, adaptando-o à situação alemã. No final dos anos 1930, isso se inverteu: foi o fascismo que passou a adotar práticas nazistas. Comente.
- 5 | Por que a ascensão do fascismo na Itália foi menos radical do que a ascensão do nazismo em relação aos regimes políticos vigentes nos dois países?
- 6 | As ditaduras fascista e nazista produziram uma cultura nacionalista extremada, valorizando certas tradições de seus países de origem. Qual dos regimes dava maior importância ao passado e qual regime destacava a preservação da raça? Justifique sua resposta.
- 7 | O que o deputado italiano Giacomo Matteotti tem a ver com a história do fascismo?
- 8 | Qual é a relação entre antissemitismo e nazismo?
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?
Apesar de a palavra **nazismo** ser uma abreviatura de nacional-socialismo, os nazistas nunca foram socialistas, pois desde o início combateram o bolchevismo russo.
- 10 | Por que a Etiópia, um país da África oriental, localizado ao sul do Egito, foi importante para o fascismo italiano?

PESQUISA

As Leis de Nuremberg, promulgadas pelo governo nazista em 1935, segregaram os judeus do restante da população alemã, suprimindo a sua cidadania e proibindo que se misturassem com os alemães considerados arianos puros.

A *Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Germânicas*, nome oficial dessa legislação, foi logo aplicada a outros grupos não judeus.

- Além dos judeus, quais grupos os nazistas incluíram entre as raças inferiores? Pesquise.

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

O nazismo moveu campanhas de todo tipo contra formas de expressão cultural que não se encaixavam nos ideais de um Estado forte, amante da guerra e inimigo dos judeus.

Em 1933, o ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, organizou uma grande queima de livros, em várias universidades e praças, escritos por judeus ou defensores de valores considerados antigermânicos.

Em 1937, o mesmo ministro patrocinou exposições de pinturas consideradas "arte degenerada", isto é, arte decadente, contrária à beleza, ao espírito guerreiro e aos valores do povo alemão.

6. Na Itália fascista, buscava-se recuperar a grandeza do antigo Império Romano, e, na Alemanha nazista, defendia-se a superioridade da raça ariana, com discurso racista sem nenhum fundamento histórico ou biológico.
7. Giacomo Matteotti, deputado socialista, denunciou publicamente a violência empregada pelos fascistas na eleição parlamentar de 1924 e foi assassinado por partidários de Mussolini, que contou também com a omissão do rei para superar essa grave crise política e se manter no poder.
8. A relação entre antissemitismo e nazismo é profunda, porque o movimento nazista, desde o seu início (1919), considerava os judeus os principais inimigos da raça e da nação alemãs. Hitler acreditava que a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial tinha sido obra dos judeus, assim como a revolução bolchevista na Rússia. Além disso, considerava que a mistura racial entre arianos e judeus degradava a raça alemã, ameaçando a sua pureza e sobrevivência.
9. A frase é falsa porque o nazismo surgiu no seio do Partido dos

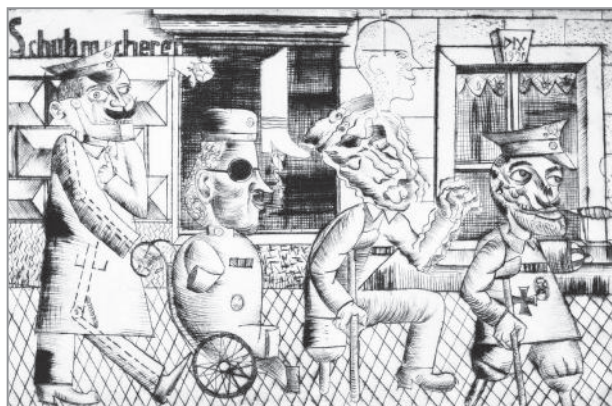


Analisem, em grupos, os dois quadros abaixo e identifiquem qual deles exprime a arte valorizada pelo nazismo e qual representa o que os nazistas chamavam de “arte degenerada”. Justifiquem a resposta.

Album/AKG-Images/Fotoarena



Família camponesa de Kalenberg, óleo sobre tela de Adolf Wissel, 1939. Governo da República Federal da Alemanha.



Mutilados de guerra, gravura de Otto Dix, 1920. Coleção particular.

The Bridgeman Art Library/EasyPix

O PASSADO PRESENTE

Entre os anos 1960 e 1970 surgiram diversos movimentos considerados neonazistas. Muitos autores concordam que a Inglaterra foi o berço desses movimentos, relacionando-os com facções como os *skinheads*, que raspavam a cabeça para dificultar a identificação policial. Grupos neonazistas do mundo inteiro adotaram a cabeça raspada como marca.

O primeiro partido considerado neonazista foi a *Frente Nacional*, criado na Inglaterra em 1967 para defender brancos anglo-saxões contra a imigração.

A expansão do neonazismo incorporou, em alguns casos, a adoção de símbolos (suástica) e elementos da doutrina nazista, como a homofobia, a **xenofobia** e o antissemitismo.

No caso do Brasil, o neonazismo surgiu na década de 1980 nos estados da região Sul e espalhou-se pelo Sudeste. Diversos movimentos urbanos adotaram o nome de *Carecas*.

A antropóloga Adriana Dias fez estudo para mapear os neonazistas do Brasil e estimou que eram, em 2013, cerca de 100 mil. Esse número corresponde a menos de 0,05% da população brasileira.

Diversos **crimes de ódio** cometidos no Brasil têm ligação com gangues neonazistas. As vítimas mais visadas são os homossexuais e os afrodescendentes. Tais grupos também hostilizam os brasileiros que migraram do Nordeste para trabalhar no Sul e no Sudeste.



Considerando as características do nazismo original, discutam, em grupos, até que ponto é correto definir como neonazista esse tipo de movimento.

Xenofobia: ódio ou aversão aos estrangeiros.

Crime de ódio: crime movido pelo preconceito de raça, religião, orientação sexual ou nacionalidade.

Pesquisa

Entre as “raças” condenadas pelos nazistas, podem ser citados os ciganos e os negros. Os primeiros por serem nômades e apátridas, isto é, gente sem pátria. Os segundos pela cor e origem bárbara, segundo os cientistas alemães. Mas todos os povos não europeus foram incluídos entre as raças inferiores pelo nazismo. Até mesmo certos povos europeus, como os eslavos, foram considerados inferiores à raça alemã [ariana].

Imagens contam a história

O quadro de Adolf Wissel é típico da arte valorizada pelo nazismo: uma família alemã unida, formada pelo pai, mãe, avó, crianças. O quadro de Otto Dix exprime o que os nazistas definiram como “arte degenerada”. Não porque Dix fosse judeu, mas porque transmitia uma mensagem pacifista, considerada pelos nazistas traição à raça e à nação alemãs.

O passado presente

Questão dedicada à reflexão sobre cidadania e respeito aos direitos civis. Os grupos radicais de direita que são chamados de neonazistas podem ser relacionados ao nazismo original, na medida em que praticam a violência como método de ação política e adotam variados preconceitos como doutrina, tais como o preconceito racial e o antissemitismo. Observou-se que o índice de jovens de até 25 anos que participam desses movimentos é alto e que uma das principais motivações é a intolerância contra os estrangeiros. Alguns estudiosos relacionam tais grupos extremistas europeus com a crise de desemprego e/ou a falta de perspectiva da população mais jovem no mundo globalizado. No Brasil, o número estimado de neonazistas é ínfimo, felizmente, mas a simples existência de grupos extremistas é preocupante, além de lastimável, principalmente porque as principais características desses movimentos são a descrença na democracia, a intolerância diante das diferenças e o desrespeito aos direitos individuais.

Capítulo 6 A Segunda Guerra Mundial

O capítulo tem como tema central a Segunda Guerra Mundial, com a análise de suas causas centrais e de suas diferentes fases de desenvolvimento entre setembro de 1939 e setembro de 1945. Também merecerá atenção especial o estudo do genocídio de milhões de judeus, eslavos e outros grupos étnicos perpetrado pelo regime nazista e por seus colaboradores. Os personagens microanalíticos do capítulo são o italiano Primo Levi e o alemão Solomon Perel, ambos de origem judaica, mas que vivenciaram os horrores da guerra em situações bastante distintas, como veremos mais à frente.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as causas centrais da Segunda Guerra, com especial atenção para o exame das ações expansionistas da Alemanha nazista que resultaram na eclosão do conflito e no seu alastramento por diferentes partes do mundo.
- Avaliar as principais fases de desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, destacando os papéis fundamentais desempenhados pelos EUA e pela URSS nas frentes Ocidental e Oriental, respectivamente, para derrotar as forças do Eixo.
- Realçar os mecanismos pelos quais a Alemanha nazista e seus colaboradores perpetraram genocídios em massa de judeus, eslavos e outros grupos étnicos e nacionais sobretudo a partir de meados de 1941.

Habilidade da BNCC trabalhada no capítulo

EF09HI13

Após derrotarem tropas alemãs na cidade de Cassino, na Itália, em 1ª de maio de 1943, soldados britânicos e sul-africanos mostram a bandeira nazista como troféu de guerra.



Carl Mydans/Time Inc./Getty Images

CAPÍTULO

6

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito de todos os tempos. Envolveu mais de 70 países, 100 milhões de soldados e cerca de um trilhão de dólares.

Países liberais-democráticos, como Estados Unidos e Reino Unido, países comunistas, como a União Soviética, e países de regimes autoritários, como o Brasil, uniram-se para enfrentar o militarismo e o expansionismo do nazismo alemão, do fascismo italiano e do Japão imperial.

Estima-se que o número de mortos esteja entre 50 milhões e 60 milhões de indivíduos. Boa parte dessas pessoas não morreu em campo de batalha. Eram civis de várias idades, desde bebês até idosos.

Milhões morreram em bombardeios aéreos, fuzilados por tropas de ocupação, asfixiados em câmaras de gás ou pulverizados, como no Japão, por uma das mais poderosas armas já inventadas no planeta: a bomba nuclear.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Você sabe que bomba foi essa mencionada no texto ao lado? Quem a lançou? Onde exatamente foi jogada?

Créditos das imagens de cima para baixo: Rue des Archives/Granger/Fotarena; Culture Club/Getty Images; Coleção Shlomo Perel; Museu Memorial do Holocausto, Colúmbia, EUA; Granger/Fotarena; Photo12/UiG/Getty Images; Reprodução/Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri.

98

Puxando pela memória

Foi a bomba atômica jogada pelos EUA na cidade japonesa de Nagasaki. Dois dias antes, os EUA tinham jogado uma bomba semelhante em Hiroshima. Os japoneses, então, se renderam e a Segunda Guerra Mundial terminou.

Dois personagens (in)comuns

Vamos iniciar este capítulo com dois rapazes que sofreram muito na Segunda Guerra Mundial. Um era italiano e o outro, alemão. Ambos judeus. Nenhum deles figura com destaque nos livros sobre a história da Segunda Guerra Mundial. Eles foram pessoas comuns que se tornaram exemplos das tragédias que marcaram o conflito.

Primo e Solomon

Primo Levi nasceu em Turim, cidade industrial italiana, em 1919, mesmo ano em que Mussolini fundou o Partido Fascista. Era de família judia, mas seus pais não eram religiosos. Primo mal conhecia o judaísmo. Estudou química e se formou em 1941, apesar das leis antissemitas aprovadas na Itália em 1938. Seu diploma foi carimbado com uma indicação: judeu.

Já Solomon Perel nasceu em Peine, Alemanha, no ano de 1925. Era de família de classe média alemã que seguia o judaísmo. Em 1935, a família se mudou para a Polônia, fugindo das leis antissemitas do nazismo. Mas a Polônia acabou invadida pelos alemães em 1939. Solomon fugiu outra vez. Sua família não conseguiu.

A guerra provocou uma tremenda reviravolta na vida desses rapazes. Embora ela tenha afetado a todos, cada um sofreu de maneira própria. Vamos ver como ela começou?

Rue des Archives/Granger/Fotarena



Retrato do jovem
Primo Levi em
Turim, na Itália,
em 1940.
Coleção particular.



Fotografia de Solomon Perel
quando jovem em Brunsvique,
na Alemanha, em 1943. Museu
Memorial do Holocausto,
Washington, Estados Unidos.

Coleção Shlomo Perel, Museu Memorial do Holocausto, Colúmbia, EUA.

Para desenvolver Primo Levi e Solomon Perel

Analise com a turma os principais aspectos da vida dos dois personagens centrais do capítulo, ambos de origem judaica – o italiano Primo Levi (1919-1987) e o alemão Solomon Perel (1925-), realçando as diferenças e semelhanças das respectivas experiências que tiveram, até 1941, com as ações antissemitas do governo nazista e de seus colaboradores fascistas.

Fique ligado

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Obra em que é possível conhecer melhor a trajetória de Primo Levi.

Europa, Europa (Alemanha). Direção de Agnieszka Holland, 1990. 115 min.

No início da Segunda Guerra Mundial, Solomon Perel, jovem judeu alemão, foi internado em um orfanato soviético. Mais tarde, ele foi recrutado pelos alemães, que desconheciam sua identidade e, involuntariamente, tornou-se um herói do exército nazista.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala de aula o contexto geopolítico dos anos que precedem a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a primeira fase de desenvolvimento desse conflito, temas presentes entre as páginas 100 e 104 do livro do aluno, lembre-se que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade:

- EF09HI13 – Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

Para desenvolver

Expansão nazista

Enfatize para a turma as ações de caráter expansionista e militarista que a Alemanha nazista foi adotando entre 1936 e 1939, desprezando determinações do Tratado de Versalhes e da Liga das Nações. Nesse sentido, destaque também que o medo de um possível avanço soviético na Europa está entre as razões principais para que a Inglaterra e a França nada fizessem nesse contexto e mesmo legitimassem, na Conferência de Munique (1938), as anexações territoriais feitas por Hitler.

CÁ ENTRE NÓS

A Alemanha assinou com o Japão, em 1936, o **Pacto Anti-Komintern**. A Itália fascista só aderiu no ano seguinte. O Komintern reunia as lideranças dos partidos comunistas de todo o mundo e estava sob forte influência da URSS. O Pacto foi uma reação ao VII Congresso da Internacional Comunista realizado em 1935 na capital soviética, Moscou, que recomendou a formação de frentes populares agregando socialistas e democratas contra os regimes fascistas.

Os nazistas começam a guerra

A Alemanha nazista queria guerra. Desde que assumiu o governo, Hitler estimulou o rearmamento do país. Inglaterra e França preferiram ignorar as intenções alemãs, pois viam nos regimes fascista e nazista uma barreira contra o expansionismo soviético na Europa.

As democracias da Europa não perceberam que aquelas ditaduras, sobretudo a alemã, também poderiam se voltar contra elas. Hitler e Mussolini detestavam tanto o comunismo quanto a democracia. Os líderes das democracias ocidentais erraram o cálculo.

Ensaio da guerra

Entre 1936 e 1938 a Alemanha jogou uma “guerra diplomática”. Avançava sem disparar um tiro. Os governos da Inglaterra e da França foram tolerantes com as reivindicações territoriais alemãs. Hitler defendia que a Alemanha precisava de um *espaço vital* para crescer, a começar pelos territórios com a população de maioria alemã pertencentes a outros países europeus.

O primeiro passo foi ocupar a região da Renânia, na fronteira com a França, em 1936. Ninguém reclamou, nem os franceses. Em março de 1938, os alemães anexaram a Áustria, depois de grande polêmica.

Na **Conferência de Munique**, que também ocorreu em 1938, Hitler contou com o apoio de Mussolini para convencer os franceses e ingleses a aceitar a ocupação dos Sudetos, região da Tchecoslováquia habitada por alemães.

O ministro inglês, Neville Chamberlain, voltou de Munique para Londres proclamando que a paz estava garantida. Errou feio! Em março de 1939, a Alemanha ocupou a Boêmia e a Morávia. Inglaterra e França apenas protestaram. Nem a Liga das Nações impediu.

Anexações territoriais da Alemanha (1936-1939)



Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 92.

Fique ligado

EVANS, Richard J. *Terceiro Reich em guerra*. Como os nazistas conduziram a Alemanha da conquista ao desastre (1939-1945). São Paulo: Planeta, 2012.

BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial*. Os 2 174

dias que mudaram o mundo. São Paulo: Casa da Palavra, 2014.

As obras historiográficas mencionadas ajudam a ampliar os conhecimentos sobre o contexto geopolítico europeu às vésperas da deflagração da Segunda Guerra Mundial, abordando também as diferentes fases de desenvolvimento desse conflito.

Segunda Guerra Mundial em cores (Inglaterra). American Heroes Channel, 2009. 650 min.

Série em 13 episódios sobre o conflito mundial. O primeiro episódio acompanha a situação geopolítica da Europa no período que se estendeu da assinatura do Tratado de Versalhes (1919) ao pacto de não agressão firmado por Hitler e Stalin em agosto de 1939.

A Guerra Civil Espanhola

Nas eleições de 1936 na Espanha, as esquerdas participaram do governo republicano. Grupos conservadores que apoiavam o fascismo e o nazismo provocaram uma guerra para restaurar a monarquia.

Liderados pelo general Francisco Franco e apoiados por alemães e italianos, os nacionalistas venceram a guerra civil em 1939. Inglaterra e França não ajudaram o governo republicano espanhol, favorecendo a expansão alemã.



Guernica, óleo sobre tela de Pablo Picasso, 1937. A obra é uma representação do bombardeio alemão na cidade espanhola de Guernica, na época sob domínio dos republicanos. Centro Nacional de Arte Rainha Sofia, Madri, Espanha.

© Sucesión Pablo Picasso/LITMAS. Brasil, 2018/Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madri.

A guerra começa na Polônia

Em agosto de 1939, Alemanha e URSS celebraram um pacto de não agressão. Como assim? A Alemanha nazista não era anticomunista?

Alemães e soviéticos ambicionavam a Polônia. De acordo com uma cláusula secreta do tratado, os nazistas tomariam a maior parte do país, deixando o leste polonês para os soviéticos. Os alemães, então, invadiram a Polônia em 1º de setembro de 1939.

Somente então a Inglaterra e a França resolveram declarar guerra à Alemanha. Assim começou a Segunda Guerra Mundial.

Solomon e Primo em 1939

Quando a guerra começou, em 1939, o menino Solomon Perel, um dos nossos personagens, fugiu com o irmão mais velho, Isaque, para o leste. Na confusão da fuga, Solomon separou-se do irmão e caiu em poder dos soviéticos. Era um jovem de apenas 14 anos, estava só e não falava russo.

O início da guerra foi menos tumultuado para Primo Levi, nosso outro personagem. Ele continuou estudando na Universidade de Turim. As leis antissemitas italianas custaram a pegar... Além disso, a Itália só entrou para valer na guerra em 1940.

Para desenvolver Ditaduras ibéricas

Por meio da análise do envolvimento militar da Alemanha nazista e da Itália fascista na Guerra Civil Espanhola, ressalte para a turma que tanto a Espanha quanto Portugal foram governados de meados dos anos 1920 até o início dos anos 1970, aproximadamente, por regimes de extrema-direita. Nesse sentido, enfatize as características centrais do salazarismo e do franquismo e aponte os traços comuns de tais regimes com aqueles comandados por Hitler e Mussolini em seus respectivos países.

Fique ligado

PINTO, António Costa. *Os camisas azuis*. Rolão Preto e o fascismo em Portugal. Porto Alegre: EDIPUCRS; Recife: Edupe, 2016.

BUADES, Josep. M. A *Guerra Civil Espanhola*. O palco que serviu de ensaio para a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2013.

GRAHAM, Helen de. *Guerra Civil Espanhola*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Os livros apresentados ampliam as informações sobre o salazarismo em Portugal e sobre o franquismo na Espanha.

Terra e Liberdade [Espanha/Itália/Alemanha/Reino Unido]. Direção de Ken Loach, 1995. 109 min.

Adolescente descobre que seu avô lutou na Guerra Civil Espanhola, enfrentando o golpe de Estado de Franco, mas também as divisões entre as esquerdas.

As treze rosas [Espanha]. Direção de Emilio Martínez-Lázaro, 2007. 124 min.

Em 1º de abril de 1939, com a entrada das tropas de Franco em Madri, termina a Guerra Civil Espanhola. Temendo a sangrenta repressão que se avizinhava, muitos republicanos fogem do país, mas outros não podem ou não querem, como as jovens moças protagonistas desta história verdadeira, que acabam sendo vítimas do terror do governo fascista de Francisco Franco.

Para desenvolver

O início da guerra

Na análise com a turma dos eventos que marcaram a fase inicial da Segunda Guerra Mundial, entre setembro de 1939 e meados de 1940, realce as razões e consequências do rápido avanço das tropas alemãs sobre os territórios da Polônia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica e França.

Guetos: bairros destinados aos judeus nas cidades conquistadas pela Alemanha.

Fique ligado

BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

Para ampliar seus conhecimentos sobre a invasão da Alemanha nazista à França e a formação do Governo de Vichy, em junho de 1940, indicamos essa obra.

Segunda Guerra Mundial em cores [Inglaterra]. American Heroes Channel, 2009. 650 min.

Desta vez, assista ao segundo e ao terceiro episódios do documentário, para ampliar seus conhecimentos sobre os avanços territoriais das tropas nazistas durante a *Blitzkrieg* e acerca das enormes dificuldades enfrentadas pelas tropas inglesas no norte da França e no Mar do Norte nesse momento.

Dunkirk [EUA/França/Reino Unido/Holanda]. Direção de Christopher Nolan, 2017. 106 min.

No início da Segunda Guerra, na Operação Dínamo, mais conhecida como a Evacuação de Dunquerque, soldados aliados da Bélgica, do Império Britânico e da França são rodeados pelo exército da Alemanha nazista e devem ser resgatados durante uma feroz batalha.

O destino de uma nação [Reino Unido]. Direção de Joe Wright, 2018. 126 min.

Winston Churchill almeja o cargo de primeiro-ministro da Inglaterra, ao mesmo tempo que recusa qualquer acordo com Hitler.

O avanço nazista

Os alemães arrasaram a Polônia e logo iniciaram a perseguição aos judeus do país. Confiscaram seus bens e obrigaram todos a se mudar para bairros cercados por muralhas – os **guetos**. As condições eram péssimas.

O resto da família de Solomon Perel foi obrigado a se mudar para um gueto na cidade de Lodz. Seu pai morreu ali mesmo. Sua mãe e sua irmã foram, mais tarde, eliminadas, como quase todos os judeus dos países ocupados.

A queda da França

Em abril de 1940, os alemães ocuparam a Noruega e a Dinamarca e passaram a controlar o mar do Norte. Em maio, eles lançaram a ofensiva na parte ocidental do continente europeu. Tomaram a Holanda e a Bélgica, atropelando a neutralidade desses países. Atravessaram as colinas das Ardenas, que se estendem da Alemanha à França, passando pelos Países Baixos.

Em pouco tempo invadiram a França. A Inglaterra enviou tropas para ajudar os franceses, mas até aquele momento o exército alemão era imbatível. A força aérea alemã, a Luftwaffe, foi decisiva para a nova tática militar alemã: a arrasadora guerra relâmpago (*blitzkrieg*).

Em 14 de junho, os alemães tomaram Paris. O governo francês, chefiado pelo marechal Pétain, fugiu para o sul. Em 22 de junho, França e Alemanha assinaram um tratado humilhante para os franceses: todo o norte do país, inclusive Paris, ficou sob ocupação alemã. O governo francês foi transferido para a cidade de Vichy e ficou com o sul do país, chamado de “zona livre” (que de livre não tinha nada), além de administrar as colônias.

A invasão da França (1940)



Fonte: elaborado com base em KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas histórico mundial: de la Revolución Francesa a nuestros días*. Madri. Istmo, 1985. p. 220.

A Itália entra em cena

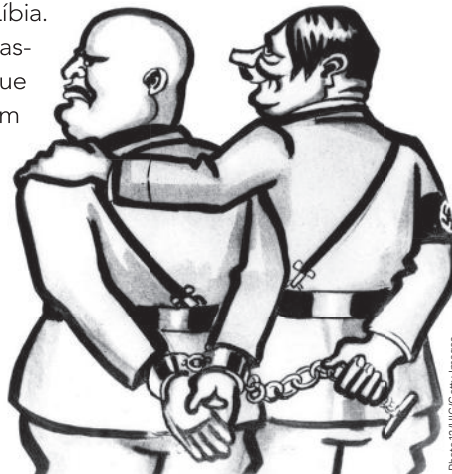
Foi somente em 10 junho de 1940 que a Itália entrou na guerra ao lado dos alemães. Esperou até o último minuto: quatro dias antes da queda de Paris. Mas o sucesso militar dos alemães fortaleceu a posição de Mussolini contra os que preferiam ver a Itália fora da guerra. A posição do *Duce* era clara: como evitar uma guerra que já estava ganha? Ou a Itália entrava na guerra ou todas as conquistas seriam alemãs!

A Itália foi incumbida de controlar o Mediterrâneo: invadir o norte da África e os países do sul europeu hostis às ditaduras europeias. Os italianos atacaram a Albânia, a Grécia e o norte africano. Na África o objetivo era marchar da Líbia ao Egito para conquistar o Canal de Suez, além de garantir o acesso às reservas de petróleo na região, sobretudo na Líbia.

O desempenho militar dos italianos na guerra foi desastroso. Bem que alguns ministros do fascismo tinham dito que o país não estava preparado. Os italianos não conquistaram nada. Na África, esbarraram nos britânicos. No sul da Europa perderam para exércitos pequenos, como o grego.

Ao longo de 1941, a Alemanha teve que intervir nas regiões onde a Itália fracassou. O exército italiano passou para o comando alemão. Mussolini perdeu prestígio. Foi o início de sua queda como *Duce* da Itália fascista.

Charge representando a situação política da Itália nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial. Biblioteca do Congresso, Washington D.C., Estados Unidos.



DOCUMENTO

Mussolini declara guerra

Em famoso comício em 1940, Mussolini declarou guerra contra França e Inglaterra. Leia a seguir:

A hora marcada pelo destino soou no céu da nossa pátria. A hora da decisão é irrevogável. A declaração de guerra foi já entregue aos embaixadores da Grã-Bretanha e da França. Defrontamos no campo da batalha a democracia plutocrática e reacionária do Ocidente, que sempre travou a marcha e muito frequentemente atentou contra a existência do povo italiano [...].

Benito Mussolini, 10 de junho de 1940. *Jornal do Brasil*. n. 135, 11 de junho de 1940. p. 7.

- 1 | Por que Mussolini caracteriza as democracias do ocidente como “plutocráticas e reacionárias”? Pesquise no dicionário o significado desses termos.
- 2 | Como interpretar a imagem acima de Mussolini e Hitler juntos? É possível relacioná-la ao documento lido? Justifique.

Para desenvolver

Enfraquecimento do Estado fascista na Itália

Ressalte para a turma a relação existente entre o desastroso envolvimento da Itália na Segunda Guerra Mundial, sobretudo na região dos Balcãs, no Mediterrâneo e no Norte da África, com o enfraquecimento do regime ditatorial chefiado por Benito Mussolini desde o início dos anos 1920 em tal país.

Documento

1. Plutocráticas deriva de plutocracia: governo em que o poder está concentrado na mão dos mais ricos. Reacionário, na linguagem política, significa conservador ou, mais ainda, aquele que procura impedir as revoluções e movimentos progressistas, reagindo contra eles. Mussolini se valeu de um vocabulário de esquerda (era ex-socialista) para caracterizar os governos burgueses do Ocidente. Contudo, tanto o fascismo quanto o nazismo se apoiavam na grande burguesia de seus países para impedir “revoluções comunistas”.
2. A caricatura mostra Hitler e Mussolini como amigos. Entretanto, enquanto o braço esquerdo de Hitler afaga o *Duce*, o braço direito algema o ditador italiano. A caricatura sugere que Mussolini estava preso ao *Führer*. Foi devido a essa relação com a Alemanha que Mussolini entrou na guerra ao lado de Hitler. Com isso, ele também mostrou-se muito comprometido com a política alemã que levou ao conflito com outros países europeus.

1940: O exército comandado pelo general Franco vence a guerra civil na Espanha. Pacto Moscou-Berlim de não agressão. Alemanha e URSS invadem a Polônia.

Para desenvolver

Blitz

Ressalte para a turma que em junho de 1940 as forças militares da Alemanha dominaram completamente a parte continental e Ocidental da Europa. Apenas a Inglaterra e os demais países do Reino Unido resistiam ao poderio militar de Adolf Hitler, que determinou que a *Luftwaffe*, a aviação nazista, lançasse sobre as ilhas britânicas uma operação que foi denominada de *Blitz* (“relâmpago”, em português). A *Blitz* consistiu no severo e constante bombardeamento das principais cidades inglesas, irlandesas e escocesas – incluindo Londres, Manchester, Liverpool, Hull, Belfast e Glasgow – entre setembro de 1940 e maio de 1941, resultando em enorme destruição material e em um elevado número de mortos, estimado em cerca de 50 mil vítimas.

Outras histórias

Personagens

- A avaliação de Churchill só é verdadeira do ponto de vista militar. Em termos mais gerais, a resistência dos britânicos à invasão alemã foi muito favorecida, ou mesmo viabilizada, pelo apoio dos EUA: por meio do envio de armas, munições e alimentos e desafiando os submarinos alemães no Mar do Norte.

Fique ligado

LUKACS, John. *O duelo: Churchill x Hitler – 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Obra que ajuda a ampliar os conhecimentos sobre a resistência inglesa aos nazistas.

O jogo da imitação (EUA/Reino Unido). Direção de Morten Tyldum, 2015. 115 min.

Governo do Reino Unido reúne equipe para desvendar e quebrar o Enigma, código secreto utilizado pelos alemães para se comunicarem com os submarinos. De tal equipe fazia parte o matemático Alan Turing, que se empenha no desenvolvimento de uma máquina capaz de decodificar as ordens de guerra nazistas antes que fossem executadas.

A batalha da Inglaterra

Vencendo a França, a Alemanha consolidou seu domínio sobre a parte continental da Europa ocidental. Os demais países da região eram neutros, como a Suíça e a Suécia, ou simpatizantes dos regimes totalitários. A Turquia, no Mediterrâneo, também ficou neutra, depois da surra levada na Primeira Guerra. A Itália, enfim, era a principal aliada dos alemães.

Somente os britânicos continuaram na guerra contra a Alemanha. Com muito esforço tinham conseguido retirar suas tropas da França, em Dunquerque, em junho de 1940. Até navios pesqueiros foram usados para resgatar os soldados britânicos. Contaram, porém, com grande apoio dos Estados Unidos, que, embora ainda fossem neutros, enviaram armas, alimentos e matérias-primas para a indústria britânica. Os navios estadunidenses foram diversas vezes afundados pelos submarinos alemães no Mar do Norte.

Mas os alemães estavam decididos a invadir a Grã-Bretanha. Como o país está localizado em um arquipélago, a invasão era mais complicada. Os alemães chamaram a operação de *Leão Marinho*, mas o sucesso dela dependia do combate aéreo. A guerra foi travada nos ares entre a *Luftwaffe* alemã e a Força Aérea Real (RAF) britânica. Diversas cidades inglesas foram bombardeadas entre 1940 e 1941, incluindo Londres. Os britânicos resistiram aos ataques alemães e deram o troco bombardeando Berlim. Hitler resolveu adiar a conquista da Inglaterra para dias melhores.

OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

Winston Churchill

O primeiro-ministro Winston Churchill, do Partido Conservador, foi quem liderou a resistência britânica. Antes da guerra ele alertou para o perigo do rearmamento alemão e criticou a política covarde das democracias ocidentais diante de Hitler. Durante a guerra, manteve o moral da população elevado com seus discursos diários na rádio e no Parlamento.

O primeiro-ministro britânico Winston Churchill fazendo o símbolo de vitória com os dedos, Londres, Inglaterra. Fotografia de 1943.



- Em suas *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, Churchill afirmou que os britânicos ficaram sozinhos e isolados nessa fase da guerra. Até que ponto essa avaliação é verdadeira?

Culture Club/Getty Images



➤ Invasão da URSS

A invasão da URSS se incluía no projeto de expansão alemã em busca de territórios a leste. Os nazistas desejavam as riquezas naturais do território soviético, sobretudo matérias-primas para a indústria.

Mas o objetivo declarado da campanha alemã contra a URSS era destruir o comunismo soviético. Hitler assinou pacto de não agressão com Stalin sabendo que ele seria rompido. Stalin foi surpreendido pela invasão alemã. Quando começou a invasão à União Soviética, o poderio nazista estava no apogeu.

Em 22 de junho de 1941 teve início a operação *Barbarossa*, que mobilizou mais de 4 milhões de soldados e 600 mil veículos de vários tipos, distribuídos em três frentes de combate (norte, centro e sul).

Os nazistas logo chegaram às portas de Moscou, depois de capturarem milhões de soldados russos. A ordem era matar não só militares, como também os civis que se opusessem aos alemães.

Um documento do exército alemão não deixa dúvida sobre suas intenções:

O bolchevismo é o inimigo mortal da Alemanha nacional-socialista, e a luta da Alemanha é dirigida contra essa ideologia e seus simpatizantes. A partir de agora, todos os homens operando contra tropas alemãs, mesmo se não estiverem uniformizados, armados ou não, em combate ou em fuga, devem ser aniquilados até o último homem...

Ordem sobre leis marciais na área da Operação Barbarossa e medidas especiais para as tropas. In: *Führer Directives* (Diretivas do Führer), v. I, p. 173-74. Assinada pelo Chefe do Alto-Comando alemão, general Alfred Jodl.

Solomon Perel, um judeu a serviço da Alemanha nazista

Quando a Alemanha invadiu a URSS, lá estava Solomon Perel, o menino judeu que tinha fugido da Polônia. Entre 1939 e 1941, ele estudou em um orfanato comunista, aprendeu russo e sabia de cor os valores bolcheviques. Transformou-se em um seguidor de Stalin, o grande líder soviético.

Com a chegada dos alemães, Solomon fugiu do orfanato, mas logo caiu prisioneiro dos nazistas. Nascido e criado na Alemanha, falava a língua muito bem e convenceu seus captores de que era um órfão alemão de origem ariana.

Solomon colaborou como intérprete dos alemães. Identificou um filho de Stalin entre os prisioneiros soviéticos e virou herói de guerra. Solomon escondeu sua origem judaica e ninguém duvidou de que era um alemão de "sangue puro".

Solomon foi então enviado para a Alemanha para receber educação nazista e ingressou na juventude da SS. Uma situação absurda, mas real: um rapaz judeu jurou fidelidade a Hitler! Como não possuía documentos, disse que se chamava Josef Perjell. Foi assim que ingressou na Juventude Hitlerista.

CÁ ENTRE NÓS

A guerra também chegou ao norte da África. Os alemães venceram batalhas seguidas na região e empurraram os ingleses até a fronteira egípcia, em 1941. Assim surgiu a fama do *Afrika Korps* e do seu comandante, o marechal Erwin Rommel. Os alemães só foram detidos em julho de 1942, no Egito.

FIQUE DE OLHO

Os meninos que enganavam nazistas (França/Canadá/República Tcheca). Direção de Christian Duguay, 2017. 114 min.

Em uma família judaica, o pai decide que a separação da família é a melhor alternativa para escapar da perseguição dos nazistas. Dois filhos, ainda meninos, passam por muitas dificuldades até a família se reencontrar ao final da guerra. Filme baseado em história real.

De olho na BNCC

Ao analisar com os alunos os eventos que marcam o aprofundamento da Segunda Guerra Mundial – como a invasão da Alemanha nazista à URSS e a entrada dos EUA na guerra –, temas presentes entre as páginas 105 e 106 do livro do aluno, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade EF09HI13 da BNCC.

Fique ligado

WERTH, Alexander. *Stalingrado 1942* – o início do fim da Alemanha nazista. São Paulo: Contexto, 2015.

BEEVOR, Antony. *Stalingrado* – o cerco fatal. Rio de Janeiro: Record, 1998.

NAGORSKI, Andrew. *A batalha de Moscou* – a luta sangrenta que definiu os rumos da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2013.

VALLAUD, Pierre. *O cerco de Leningrado* – 900 dias de resistência dos russos contra o exército alemão na II Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2012.

Sugerimos os livros acima, para que você possa ampliar seus conhecimentos acerca da operação *Barbarossa* e da contribuição decisiva da resistência soviética para a derrota completa das forças nazistas e do Eixo no final da Segunda Guerra.

Círculo de Fogo (Irlanda/Reino Unido). Direção de Jean-Jacques Annaud, 2001. 131 min.

Atirador de elite soviético alcança grande prestígio, mas nazistas enviam seu próprio *sniper* para eliminá-lo.

Stalingrado (Rússia). Direção de Fyodor Bondarchuk, 2013. 131 min.

A história de seis soldados do Exército Vermelho durante a batalha de Stalingrado.

Vá e veja (URSS). Direção de Elem Klimov, 1985. Duração: 140 min.

Garoto vivendo na Bielorrússia foge da invasão do exército alemão e presencia os horrores da guerra.

■ Para desenvolver

A URSS na guerra

Ressalte para a turma que a Segunda Guerra Mundial ingressou em uma nova fase de desenvolvimento a partir de junho de 1941, quando a Alemanha nazista deslocou o foco principal de suas ações bélicas na Europa da Inglaterra para a URSS, desencadeando a operação *Barbarossa*. Nesse sentido, com base no documento nazista reproduzido na página 105, enfatize para os

alunos que as ordens de Adolf Hitler eram para que seus exércitos promovessem uma dizimação em massa de civis e militares na União Soviética, como de fato ocorreu: estima-se que pelo menos 15% da população da URSS morreu, o que equivale a cerca de 25 milhões de pessoas, em função dessa verdadeira “guerra de destruição” promovida pelo III Reich.

Para desenvolver

A entrada dos EUA na guerra

Ressalte para a turma os objetivos estratégicos das grandes potências no Extremo Oriente e analise as consequências do ataque do Japão à base naval estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí, em dezembro de 1941. Discuta também com os alunos sobre as razões econômicas para que a participação dos EUA na Segunda Guerra tenha sido bastante limitada até aquele momento. Converse ainda sobre a importância da entrada efetiva dos EUA nas operações militares dos Aliados contra as forças do Eixo.

Fique ligado

Pearl Harbor (EUA). Direção de Michael Bay, 2001. 180 min.

Amigos se apaixonam pela mesma mulher quando a base militar de Pearl Harbor é atacada pela aviação japonesa.

Invincível (EUA). Direção de Angelina Jolie, 2015. 137 min.

Soldado estadunidense é capturado por japoneses e sofre como prisioneiro, em uma história baseada em fatos reais.

Cartas de Iwo Jima (EUA). Direção de Clint Eastwood, 2007. 140 min.

Cartas expressam as angústias e sofrimentos de soldados japoneses antes das batalhas.

FIQUE DE OLHO

BERTONHA, J. Fábio. *A Segunda Guerra Mundial*. 3. ed. São Paulo: Atual, 2010.

Aprofunde seus conhecimentos sobre a história do conflito que mobilizou 72 países, 110 milhões de soldados e provocou cerca de 55 milhões de mortes.

1942: Inglaterra resiste à ofensiva alemã. Avanço alemão na África. Alemanha ataca a URSS. Japão ataca Pearl Harbour. Estados Unidos entram na guerra.

A guerra no Extremo Oriente

Em dezembro de 1941, o Japão bombardeou, sem aviso, a base naval dos Estados Unidos de Pearl Harbor, no oceano Pacífico. Centenas de pessoas morreram, entre soldados e civis.

O Japão, aliado da Alemanha, conquistou boa parte da China em 1937. O objetivo era dominar o Sudeste Asiático para garantir fontes de alimentos e matérias-primas.

A partir de 1941, o exército japonês conquistou várias ilhas do oceano Pacífico, a Indonésia e Cingapura. Foi por conta da agressão japonesa que os Estados Unidos entraram no conflito.

À expansão japonesa no Pacífico



Aliados viram o jogo

Apesar do sucesso inicial, a invasão da União Soviética empacou. Os alemães não tomaram Moscou e foram pegos pelo rigoroso inverno russo de 40 graus celsius negativos.

Hitler mudou de estratégia. Em vez de tomar Moscou, planejou invadir a região do rio Volga, no centro da Rússia, para conquistar as reservas de petróleo do Cáucaso. Em junho de 1942, um exército gigantesco marchou na URSS. As vitórias alemãs só foram espetaculares no início.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Geografia

A Geografia é muito importante para a História, pois permite compreender melhor as estratégias e operações militares em diversos conflitos. A **geografia econômica** permite entender a razão da escolha de certos alvos militares, como o acesso aos recursos minerais, agrícolas e industriais dos países ou regiões.

Durante a Segunda Guerra Mundial, diversas operações militares alemãs foram motivadas pelos recursos econômicos das regiões atacadas. Em outros casos, as operações se deveram a motivos estratégicos, como abrir o caminho para a conquista. Há operações em que esses motivos se combinaram.

Operações militares alemãs entre 1940 e 1943



Fontes: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 50-51; CALDINI, Vera; ISOLA, Leda. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 117.

- ① Cáucaso, região da Batalha de Stalingrado, em 1942-43 às margens do rio Volga.
- ② Ardenas, nos Países Baixos, utilizada pelos alemães para invadir a França em 1940.
- ③ Norte africano, onde alemães e italianos combateram os ingleses desde 1941.
- ④ Apeninos, barreira natural utilizada pelos alemães na Itália, em 1943.

- Analisem, em grupos, o mapa acima e, com base nas informações do capítulo, identifiquem quais operações se relacionam sobretudo com as características geográficas das regiões atacadas e quais têm que ver somente com estratégias militares. Justifiquem a resposta.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala de aula os eventos relacionados tanto à derrota militar das forças do Eixo na fase final da Segunda Guerra Mundial quanto ao holocausto perpetrado pelos nazistas contra judeus, eslavos e outros grupos étnicos, temas presentes entre as páginas 107 e 113 do livro do aluno, lembre-se que você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade:

- EF09HI13 – Descrever e contextualizar os processos da emergência do fascismo e do nazismo, a consolidação dos estados totalitários e as práticas de extermínio (como o holocausto).

A História não está sozinha Geografia

- O Cáucaso era uma região soviética rica em reservas petrolíferas, além de outras matérias-primas. Acrescente que a conquista de Stalingrado, obsessão de Hitler, também tinha a ver com o fato de a cidade ter Stalin no seu nome. Muitos historiadores afirmam que a conquista de Stalingrado não era essencial para que os alemães conquistassem o Cáucaso.

A operação militar nas Ardenas só teve motivação estratégica: invadir a França pelos Países Baixos. Você pode acrescentar que essa rota evita a defesa militar francesa da Linha Maginot, um complexo de fortalezas construído na região renana, justamente para defender o território francês.

O norte africano, sobretudo a Líbia, rica em reservas de petróleo, como é até hoje. Acrescente que o domínio da região era essencial para a Alemanha invadir o Egito e controlar o Canal de Suez, que ligava o mar Vermelho ao mar Mediterrâneo.

A Cordilheira dos Apeninos foi o eixo da Linha Gótica do exército alemão na Itália por razões exclusivamente militares. Região montanhosa, facilitava a defesa contra o avanço dos Aliados na Península Itálica.

Fique ligado

A SEGUNDA Guerra Mundial. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/overlay/media/pt-br/a-segunda-guerra-mundial/17892272/15183132>. Acesso em: 15 out. 2018.

Mapas, imagens e textos explicativos que ajudam a ampliar os conhecimentos sobre as operações militares das tropas do Eixo e das forças aliadas nas frentes Ocidental e Oriental da Segunda Guerra Mundial.

Outras histórias

Lutas sociais

- A maioria dos judeus não resistiu, em toda a Europa, às perseguições nazistas. Na Alemanha, consideravam que as ameaças nazistas eram propaganda que não se transformaria em política oficial. Na Europa ocupada, recusavam-se a crer que os alemães projetavam o genocídio do grupo, preferindo acreditar que as deportações eram apenas para explorá-los em trabalhos forçados. As atitudes conciliatórias dos conselhos judaicos dão prova dessa hesitação ingênua. Mas é interessante que os estudantes reflitam sobre o fato de que os grupos de judeus, sobretudo os jovens, não se submeteram a essa situação. Um exemplo disso é, justamente, o levante do gueto de Varsóvia.

Para desenvolver

O levante do gueto de Varsóvia

Na análise com a turma do levante do gueto de Varsóvia, ocorrido entre abril e maio de 1943, ressalte que desde a criação desse gueto pelos nazistas, ele era governado por um conselho judaico composto de homens mais velhos, em geral os mais ricos. Se eles proveram toda a assistência possível aos moradores do gueto, também fizeram as listas de deportados exigidos pelas autoridades alemãs. Esse conselho sempre foi contrário à revolta, alegando que desafiar o exército alemão equivalia ao suicídio coletivo.

1943: Alemanha inicia o extermínio sistemático de judeus. EUA e Inglaterra vencem batalhas na África e no Pacífico.

Stalingrado

O cerco a Stalingrado foi a principal batalha da Segunda Guerra Mundial. Durou meses, com alemães e soviéticos disputando palmo a palmo a cidade. Hitler anunciou várias vezes na rádio que a conquista de Stalingrado era questão de dias.

Nada disso. Nem a força do exército alemão, reforçada por italianos, romenos, húngaros e até espanhóis, conseguiu dobrar os soviéticos. Em janeiro de 1943, cercados, os alemães se renderam. Foi a primeira grande derrota do exército alemão.

Solomon Perel, então com 18 anos, chorou, como a maioria dos alemães, ao ouvir no rádio a notícia da derrota alemã. Embora judeu, torcia pela vitória alemã. Já não sabia mais exatamente quem era, nem qual dos seus nomes era verdadeiro: Solomon Perel ou Josef Perjell?

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

O levante do gueto de Varsóvia

Em 1943, percebendo que as deportações para os campos de concentração cresciam, jovens judeus do gueto de Varsóvia, na Polônia, decidiram enfrentar os nazistas. Eles começaram uma guerrilha dentro do gueto, roubando armas dos soldados alemães e fabricando bombas caseiras. O levante durou cerca de um mês.

O gueto foi inaugurado em novembro de 1941, erguendo-se um muro que segregava os judeus do restante dos habitantes da cidade. Chegou a abrigar cerca de 400 mil pessoas vivendo em péssimas condições. Quando a revolta estourou, restavam cerca de 55 mil judeus no gueto. As casas do bairro judeu eram superlotadas. Muitos morreram de doenças, sobretudo tifo, ou de fome.



Judeus são removidos do gueto de Varsóvia por soldados da SS durante revolta de maio de 1943.

US National Archives/Alamy/Fotoarena

- Discuta com os colegas: podemos afirmar que todos os judeus foram submissos com relação às situações impostas pelos nazistas? Justifique a sua opinião.

Fique ligado

O pianista (Alemanha/França/Polônia/Reino Unido). Direção de Roman Polanski, 2002. 150 min. O pianista polonês Wladyslaw Szpilman interpretava peças clássicas em uma rádio de Varsóvia quando as primeiras bombas caíram sobre a cidade, em 1939. Inspirado nas memórias do pianista, o filme mostra o surgimento do gueto de Varsóvia, quando os alemães construíram muros para encerrar os judeus em algumas áreas, e acompanha a perseguição que levou à captura e envio da família de Szpilman para os campos de concentração. Wladyslaw é o único que consegue fugir e é obrigado a se refugiar em prédios abandonados espalhados pela cidade, até que o pesadelo da guerra acabe.

Itália invadida, Mussolini cai

Com a vitória na África quase garantida, o exército Aliado – que passou a contar com tropas estadunidenses – partiu para a Itália. Primeiro, as tropas invadiram a Sicília, ao sul, e depois a península. Em 1943, já bombardeavam campos e cidades italianas.

Mussolini caiu em desgraça. A população perdeu a paciência com o *Duce* e muitos passaram a odiá-lo. Os ministros contrários à guerra tentaram forçar Mussolini a fazer um pacto de paz com os Aliados, abandonando a Alemanha. O *Duce* se recusou.

Em julho de 1943, o rei demitiu Mussolini. Na saída do palácio, ele foi preso e levado para Abruzos, nos Alpes.

Em quase toda a Itália, estátuas de *Duce* foram derrubadas e seus retratos queimados em praça pública. Os italianos saíram da guerra. A Alemanha reagiu, invadiu a Itália, tomou Roma e montou a defesa nos Apeninos: a **Linha Gótica**.



Forstera Giard/Hulton Archive/Getty Images

Na cidade italiana de Turim, em 25 julho 1943, o povo arrasta o busto de Mussolini pelas ruas.

A resistência italiana ao nazismo

A participação dos guerrilheiros italianos foi, então, sensacional. Ficaram conhecidos como *partigiani*, isto é, partidários da Itália livre. Eram todos antifascistas, com destaque para os comunistas. Nosso personagem, Primo Levi, então com 23 anos, ingressou na brigada Movimento Justiça e Liberdade. Esse grupo atacava trens alemães e destruía seus arsenais.

Ainda em 1943, a brigada de guerrilheiros onde servia Primo Levi caiu prisioneira dos alemães. Descoberta sua origem judaica, Primo foi enviado ao mais terrível campo de concentração nazista: Auschwitz, na Polônia.

Estranho destino o de nossos personagens. Solomon Perel, criado como judeu, agora servia à SS. Primo Levi, que nunca se sentiu judeu, foi assim considerado pelos alemães e penava em um campo de concentração.

FIQUE DE OLHO

ANGLADA, Maria Angels. *O violino de Auschwitz*. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

Esse romance conta a história de Daniel, um judeu prisioneiro de um campo de concentração nazista obrigado a fazer o melhor violino de todos os tempos, sem saber que sua vida dependia da tarefa.

Para desenvolver

Os partigiani

Por meio da informação de que Primo Levi foi preso pelos nazistas quando atuava com os *partigiani*, em 1943, realce o importante papel desempenhado por guerrilheiros e forças civis de resistência na Itália, na França, nos Balcãs e no Leste Europeu para minar as tropas de ocupação nazista e seus colaboradores, sobretudo nos anos finais da Segunda Guerra Mundial.

Fique ligado

Roma, cidade aberta [Itália]. Direção de Roberto Rossellini, 1945. 103 min.

Roma, 1944. Um dos líderes da Resistência é procurado e preso pelos nazistas, desencadeando ampla repressão, momentos antes da chegada das tropas aliadas que libertariam a capital italiana.

O exército das sombras [França]. Direção de Jean-Pierre Melville, 1969. 136 min.

Philippe Gerbier, membro da resistência gaulesa durante a ocupação nazista, é levado em outubro de 1942 para um campo francês e transferido para o quartel-general da Gestapo, em Paris. Ao fugir para Marselha, procura por seu traidor.

1945: Conferências de Yalta e Potsdam. Fuzilamento de Mussolini. Rendição alemã. EUA lançam bombas atômicas sobre o Japão, forçando sua rendição.

Para desenvolver

O declínio nazista

Ressalte para a turma que, em junho de 1944, no momento em que eram desencadeadas as operações de desembarque das tropas aliadas no norte da França, as forças do Eixo estavam também sofrendo derrotas significativas no Leste e Sul da Europa. Enfatize também que, em julho de 1944, oficiais nazistas descontentes com os rumos da guerra tentaram assassinar Adolf Hitler, mas não tiveram sucesso. De todo modo, o poder militar da Alemanha nazista entrou em colapso entre 1944 e 1945.

Fique ligado

Photos Normandie. Disponível em: <www.flickr.com/photos/photosnormandie/>. Acesso em: 15 out. 2018.

Confira a coleção com cerca de três mil fotos da Batalha da Normandia.

O resgate do soldado Ryan (EUA). Direção de Steven Spielberg, 1998. 163 min.

Ao desembarcar na Normandia, em junho de 1944, destacamento recebe a missão de regatar um soldado desaparecido.

Operação Valquíria (EUA/Alemanha). Direção de Bryan Singer, 2008. 110 min.

Em julho de 1944, militares conspiram contra Hitler e levam adiante atentado contra ele que fracassou.

O Dia D na Normandia

A situação alemã piorou de vez quando um enorme exército, comandado por britânicos e estadunidenses, invadiu o norte da França. Foi o famoso **Dia D**, em 6 de junho de 1944.

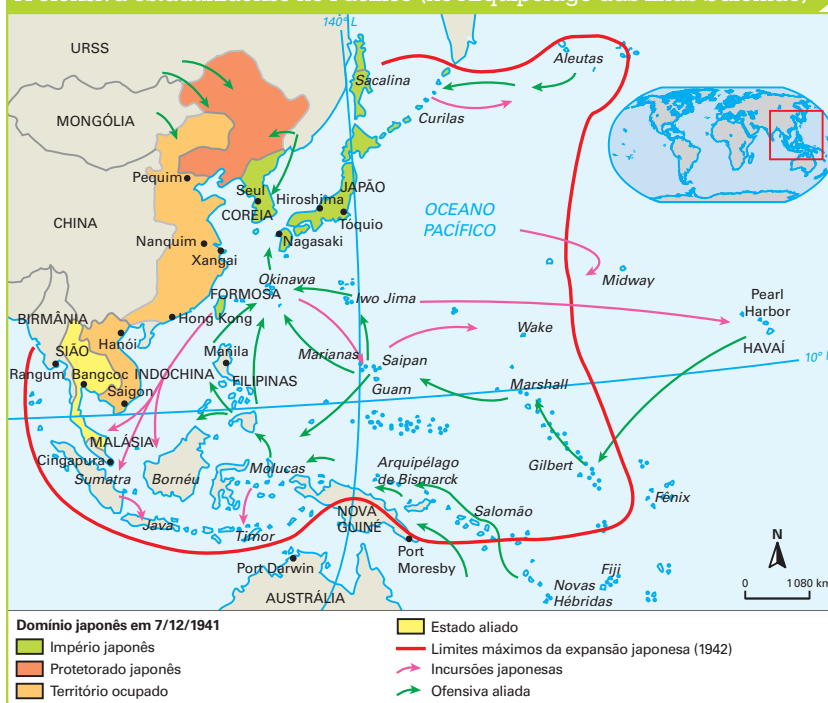
Comandada pelo general estadunidense Dwight Eisenhower, foi a maior operação militar de desembarque de tropas na história europeia. Adiada do dia 5 para a manhã seguinte, em razão do mau tempo, mais de 150 mil soldados e cerca de 50 mil veículos foram transportados para a nova frente. O exército alemão, composto de 50 mil soldados naquela região, não resistiu.

Meses depois, em 25 de agosto, os Aliados tomaram Paris. A abertura da nova frente de guerra foi fatal para os alemães, que ainda combatiam na Itália e no Leste Europeu. A derrota deles era uma questão de tempo.

A guerra no Pacífico

No primeiro ano após sua entrada na guerra, os Estados Unidos sofreram várias derrotas, mas também reagiram na guerra contra o Japão. A virada começou na batalha naval de Midway, em junho de 1942, na qual boa parte da marinha japonesa foi destruída. Em 1944, os EUA invadiram locais estratégicos da defesa japonesa, como as ilhas de Guadalcanal (no Arquipélago das Ilhas Salomão) e Iwo Jima.

A ofensiva estadunidense no Pacífico (no Arquipélago das Ilhas Salomão)



Fonte: elaborado com base em ARRUDA, José Jobson de. *Atlas histórico básico*. São Paulo: Ática, 2009. p. 31; KINDER, Hermann; HILGEMANN, Werner. *Atlas histórico mundial*. Madrid: Istmo, 1982. p. 238.

Holocausto

Desde que chegaram ao poder, em 1933, os nazistas transformaram a propaganda antijudaica do partido em política de Estado. As Leis de Nuremberg, decretadas em 1935, dão exemplo dessa segregação, quando foram proibidos os casamentos e as relações extraconjugais entre judeus alemães e alemães de “sangue ariano”.

Iniciada a guerra, foram comuns os massacres de judeus, sobretudo no Leste Europeu. Na URSS, por vezes comunidades inteiras eram fuziladas à medida que os alemães avançavam no território. No entanto, considerando ser necessário um sistema de eliminação em grande escala, o poder nazista resolveu pôr em prática uma política mais ambiciosa e de extermínio. O primeiro passo para o extermínio sistemático dos judeus foi tomado em uma reunião secreta em janeiro de 1942, quando foi decidida a Solução Final para o problema judaico.

Desde meados de 1942, cresceram as deportações de judeus para os campos da morte, onde eram eliminados em câmaras de gás e depois cremados. Essa política foi praticada não só no Leste Europeu, como também nos países ocidentais invadidos pelos nazistas, como a França, a Holanda e Itália, antes aliada.

Ao perceberem que perderiam a guerra, os nazistas endureceram contra os judeus. Estavam dispostos a vencer, pelo menos, a sua “guerra racial”. Em 1944, a máquina de genocídio nazista chegou ao apogeu.

No final de 1944, quando a derrota militar era certa, a matança era diária. O principal campo foi em Auschwitz, na Polônia, que hoje abriga um memorial visitado por milhares de pessoas anualmente.

Cerca de seis milhões de judeus morreram nas mãos dos nazistas. Os judeus chamaram essa tragédia de holocausto, *shoah* (em hebraico) ou genocídio.

Primo Levi escapou por pouco de ser assassinado na câmara de gás. Ficou trabalhando como “escravo” em Auschwitz. Os soviéticos libertaram Auschwitz em janeiro de 1945. Primo sobreviveu? Suspense...

QUE HÁ NA IMAGEM?

Como vimos no capítulo anterior, os homossexuais também foram muito perseguidos pelos nazistas, pois eram considerados uma ameaça ao “fortalecimento da raça alemã”. Cerca de 50 mil foram presos e parte deles foi assassinada nos campos da morte nazistas. É possível afirmar que a perseguição aos homossexuais indica atitudes homofóbicas do regime nazista?



Homossexuais com triângulo rosa na roupa em campo de concentração próximo a Berlim. Fotografia de Anthony Potter, 1938.

CÁ ENTRE NÓS

Assim que desembarcavam dos trens, os judeus eram submetidos a uma triagem. Os mais fortes eram destinados a trabalhos forçados. Idosos, crianças e doentes eram logo enviados às câmaras de gás. Casos excepcionais eram enviados para experiências médicas, como gêmeos e anões. Quase sempre morriam.

Em 1945, terminada a guerra, foram divulgadas notícias e imagens aterradoras sobre os campos nazistas de extermínio, que alguns definiram como “fábricas de morte”.

Homofóbico: pessoa que tem aversão à homossexualidade (homofobia).

Para desenvolver

Extermínio de judeus

Ressalte para a turma que justamente no momento em que a certeza de que perderiam a guerra se tornou clara para os nazistas, em 1944, é que houve a intensificação do extermínio de judeus, principalmente na rede de campos de concentração de Auschwitz, no sul da Polônia, onde cerca de 1 milhão de pessoas morreram entre 1940 e 1945.

Fique ligado

SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz*. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.

BANNISTER, Nonna. *Baú de lágrimas – o diário secreto do Holocausto*. São Paulo: Novo Século, 2013.

Livros para ampliar seus conhecimentos sobre como estavam organizados os campos de concentração nazistas, quais eram os métodos empregados no assassinato em massa de judeus e como os prisioneiros desses campos procuravam sobreviver.

O menino do pijama listrado [EUA/Reino Unido]. Direção de Mark Herman, 2008. 90 min.

Menino filho de oficial nazista faz amizade com um garoto que vive em campo de concentração, sem saber do que se trata.

A lista de Schindler [EUA]. Direção de Steven Spielberg, 1993. 195 min.

Industrial com bom relacionamento com o governo nazista salva a vida de mais de mil judeus prisioneiros em campo de concentração.

Até o último homem [Austrália/EUA]. Direção de Mel Gibson, 2017. 140 min.

Durante a Segunda Guerra, médico se alista no Exército dos Estados Unidos, mas, por razões religiosas, nega-se a pegar em armas. Mesmo nas batalhas mais sangrentas, ele se deu a missão de salvar vidas, e não tirá-las.

O que há na imagem?

Oficialmente, os nazistas condenavam os homossexuais. Mas o motivo principal da homofobia nazista residia na convicção de que a homossexualidade atentava contra o modelo ideal de família, não no sentido cristão, mas no sentido nacionalista: a família de raça ariana, pura, responsável por gerar cidadãos arianos para o Terceiro Reich. Vale acrescentar que, antes do nazismo, Berlim era uma das cidades mais tolerantes e libertárias em relação à homossexualidade. Além disso, havia homossexuais entre os nazistas, como há em qualquer grupo social, nacional ou cultural. Entre eles, o líder da SA, Ernst Röhm, forçado a suicidar-se, não por ser homossexual, mas por criticar, em nome do socialismo nacional, a aproximação entre o governo nazista e os empresários alemães.

Para desenvolver

O fim da guerra

Ressalte para a turma que, no começo de 1945, as forças do Eixo estavam muito enfraquecidas e perdendo espaço em todas as frentes da guerra. Nesse sentido, enfatize que o mês de abril desse ano foi decisivo: Berlim foi ocupada pelo Exército Vermelho e Hitler e Mussolini morreram. Mas somente em agosto daquele ano o governo do Japão reconheceu sua derrota, depois de os EUA terem lançado duas bombas nucleares que mataram 230 000 japoneses.

Analise com a turma as principais resoluções das três conferências realizadas pela Inglaterra, EUA e URSS entre 1943 e 1945 – as Conferências de Teerã (1943), de Yalta (1945) e de Potsdam (1945) –, destacando a importância desses encontros para a nova definição da geopolítica mundial no pós-guerra.

Fique ligado

A queda: as últimas horas de Hitler [Alemanha/Áustria/Itália]. Direção de Oliver Hirschbiegel, 2004. 156 min.

O filme narra os momentos finais da vida de Hitler e a reação de seus seguidores no bunker em que se escondiam.

CÁ ENTRE NÓS

Quando a derrota nazista na URSS parecia certa, as três grandes potências Aliadas se reuniram para desenhar o mundo pós-guerra. Churchill, Stalin e Roosevelt realizaram a Conferência de Teerã, no Irã, no fim de 1943. Suas principais decisões foram: invadir a França pela Normandia, ao norte, e reconhecer o direito soviético de ocupar algumas regiões do leste europeu.

As **Conferências de Yalta**, na Crimeia, URSS, e **Potsdam**, na Alemanha, ambas em 1945, dividiram a Alemanha em zonas de controle inglês, estadunidense, francês e soviético. O mesmo foi decidido para Berlim. Foram também aprovadas a desmilitarização e a democratização da Alemanha.

▶ A vitória dos Aliados

Meses após a grande derrota de Stalingrado, os alemães tentaram um contra-ataque que mobilizou a maior parte de recursos humanos e materiais da máquina militar do país: a operação Cidadela.

Derrotados novamente, os alemães passaram a uma posição defensiva cada vez mais difícil de sustentar. Em 1943, perderam várias posições na URSS. Em 1944, os soviéticos tomaram a iniciativa, libertaram seu território e partiram para conquistar a Alemanha.

No sul da Europa, os Aliados seguiam firme na retomada da Itália, desde 1943, auxiliados pelos guerrilheiros italianos. Ultrapassaram a Linha Gótica e tomaram Roma em junho de 1944.

Na frente ocidental, após a invasão da Normandia, em junho de 1944, os alemães recuaram. Tentaram uma contraofensiva em grande escala nos Países Baixos, no inverno de 1945, mas foram derrotados. A guerra estava perdida para os alemães, o nazismo agonizava.

A invasão de Berlim

Em abril de 1945, a Alemanha estava cercada. O exército nazista não resistiu a tantas frentes de combate e foi recuando. O leste do país foi invadido pelos soviéticos, e o oeste pelos Aliados ocidentais.

Os soviéticos invadiram Berlim em 25 de abril de 1945. Hitler se recusou a fugir. Cometeu suicídio cinco dias depois, junto com Eva Braun, com quem havia se casado no dia anterior. Ordenou que seu corpo fosse cremado. Em 7 de maio, a Alemanha se rendeu aos Aliados.

Em 27 de abril de 1945, Mussolini tentou fugir da Itália, mas foi capturado. Preso com sua amante, Clara Petacci, ambos foram fuzilados e tiveram seus corpos expostos em uma praça de Milão.

A vitória dos Aliados teve dois grandes vencedores: de um lado, as democracias ocidentais; de outro, o comunismo soviético. O palco da Guerra Fria estava pronto.

Solomon (ou Josef) lutou na defesa de Berlim. Escondendo sua identidade judaica, lutou como soldado alemão. O que aconteceu com ele? Suspense...

Bomba no Japão

O fim da guerra no Japão foi o mais trágico possível.

Inconformados com a ação dos *kamikaze*, e temerosos de que a URSS invadisse o Japão, os EUA radicalizaram. Resolveram usar uma arma que vinham construindo há tempos: uma bomba nuclear de destruição em massa.

Em 6 de agosto de 1945, lançaram a bomba sobre a cidade de Hiroshima. Cerca de 150 mil pessoas morreram. Os EUA lançaram, então, outra bomba atômica sobre Nagasaki, em 8 de agosto: 80 mil mortos. Temendo outra tragédia, o Japão se rendeu.

QUE HÁ NA IMAGEM?

Discutam em grupos em que medida o lançamento das bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki pode ser considerado crime contra a humanidade.



Ruínas da cidade de Hiroshima, no Japão, após a detonação da bomba atômica, em agosto de 1945.

Sobreviventes?

Voltemos a Primo Levi e Solomon Perel para acabar com o suspense. Ambos sobreviveram à guerra.

Primo, muito doente, quase morreu depois de libertado de Auschwitz. Quando voltou à Itália, mais tarde, retomou a carreira de químico e escreveu livros sobre os horrores de Auschwitz.

Solomon Perel foi capturado pelos estadunidenses após a queda de Berlim. Deu sorte, pois, se caísse em mãos soviéticas, seria fuzilado. Reencontrou o irmão Isaque em Munique. Migrou para Israel e lutou no exército israelense. Tornou-se escritor.

Solomon completou 93 anos em 2018. Primo Levi morreu em 1987, aos 68 anos. Caiu do terceiro andar do edifício onde morava, em Turim. Muitos acham que foi suicídio.



Primo Levi, escritor já consagrado, em 1984.



Solomon, acima, em fotografia recente, publicou suas memórias: *Eu fui Solomon, da Juventude Hitlerista*.

Hulton Archive/Getty Images

Associated Press/Clow Images

Drescher/Ullstein Bild/Getty Images

Créditos das imagens de cima para baixo: Coleção Shlomo Perel, Museu Memorial do Holocausto, Columbia, EUA; Photo12/UG/Getty Images; Culture Club/Getty Images; Rue des Archives/Granger/Fotarena; Granger/Fotarena; Reprodução/Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madrid; SPL/Fotarena; Drescher/Ullstein Bild/Getty Images.

113

Para desenvolver A ONU

Converse com a turma sobre a trajetória de Primo Levi e de Solomon Perel após o fim da Segunda Guerra Mundial. Procure também destacar para os alunos que foi justamente em função das atrocidades ocorridas em uma nova guerra de destruição em massa, na qual se processou o extermínio programado de milhões de seres humanos em campos de concentração e ocorreram explosões de bombas nucleares devastadoras, que os líderes mundiais decidiram pela criação, em outubro de 1945, da Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo primordial de estabelecer e manter a paz no planeta. Em dezembro de 1948, a Assembleia Geral da ONU aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, disponível no [link: <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>](https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/); acesso em: 15 out. 2018.

Analise esse documento fundamental com seus alunos.

O que há na imagem?

Espera-se que os estudantes discutam sobre o assunto levando em consideração a morte em massa provocada pela explosão das bombas: 230 mil pessoas em Hiroshima e Nagasaki, além dos efeitos da radiação das bombas naquelas regiões durante anos.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 98 e as respostas que eles deram a ela, estabelecendo a seguir um debate com a turma sobre os diversos significados e resultados geopolíticos das explosões de bombas atômicas sobre cidades japonesas nos momentos finais da Segunda Guerra Mundial.

Fique ligado

HERSEY, Jhon. *Hiroshima*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORITA, Takashi. *A última mensagem de Hiroshima*. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

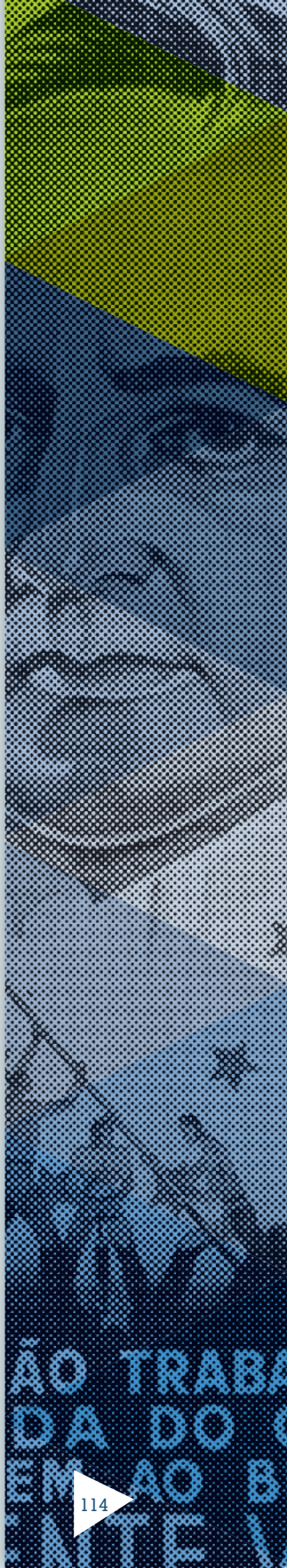
Sobre o bombardeio atômico em Hiroshima, sugerimos os dois livros acima e o artigo acadêmico a seguir.

NAKAGAWA, Cristiane Izumi. Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 29, n. 84, maio/ago. 2015. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v29n84/0103-4014-29-84-00241.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Porque o governo republicano espanhol tinha muitos membros de esquerda: anarquistas e comunistas.
2. A invasão da Polônia pela Alemanha em 1º de setembro de 1939.
3. O ataque resultou na entrada dos EUA na guerra.
4. Sim. A expansão militar japonesa no Pacífico era vital para suprir sua indústria de matérias-primas, uma vez que o país é pobre em recursos minerais e outros recursos naturais. No decorrer da guerra, a ocupação de países agrícolas também se mostrou prioritária para suprir as necessidades japonesas.
5. Foi a Batalha de Stalingrado, na URSS, travada na cidade de mesmo nome. Iniciada em setembro de 1942 e concluída em janeiro de 1943, terminou com a derrota acachapante do exército alemão.
6. Entre as derrotas italianas que podem ser citadas, está a tentativa de invasão do norte da África.
7. O primeiro-ministro britânico Winston Churchill, além de criticar por anos a negligência do governo britânico diante do nazismo, liderou a resistência do país contra a invasão alemã, incentivando a população a resistir, e negou o apoio estadunidense, até aquele momento um país neutro, para o esforço de guerra. Os britânicos evitaram a invasão alemã e ainda combateram os inimigos no mar Mediterrâneo e no norte da África. Com as primeiras derrotas alemãs, Churchill passou a defender a ideia, apoiada por Roosevelt, de que a rendição alemã deveria ser incondicional.
8. Auschwitz, na Polônia, foi o principal campo de extermínio organizado pelos nazistas durante a guerra.
9. A frase é falsa porque, apesar do antibolchevismo dos nazistas, em 1939, pouco antes da invasão da Polônia, a Alemanha firmou um pacto de não agressão com os soviéticos, incluindo uma cláusula secreta de divisão do território polonês entre os dois países.



ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Por que os governos britânico e francês foram omissos diante da investida do exército franquista na guerra civil espanhola, iniciada em 1936?
- 2 | Qual foi o episódio que marcou o início da Segunda Guerra Mundial?
- 3 | Qual foi a principal consequência do ataque japonês à base estadunidense de Pearl Harbour, no Oceano Pacífico?
- 4 | É possível afirmar que a expansão militar do Japão foi movida por razões econômicas? Justifique.
- 5 | Até janeiro de 1943, julgava-se o exército alemão invencível. Qual batalha mudou essa percepção sobre o poderio militar nazista?
- 6 | O exército italiano fracassou em todas as frentes de combate na Segunda Guerra Mundial, sendo obrigado a pedir o apoio alemão. Cite um exemplo do fracasso italiano na guerra.
- 7 | Como o primeiro-ministro Winston Churchill contribuiu para a resistência britânica e para a derrota alemã na guerra?
- 8 | Qual é a relação entre a região polonesa de Auschwitz e o holocausto judeu?
- 9 | Por que a frase a seguir é falsa?
A Alemanha nazista sempre hostilizou o bolchevismo da URSS, razão pela qual a invadiu, em 1941.
- 10 | Por que a região do Cáucaso, na URSS, era importante para a economia de guerra alemã?

PESQUISA

Os alemães esperavam que o ataque Aliado na Europa ocidental fosse em Calais, na França. Grande parte da defesa alemã foi concentrada ali. Mas, na manhã de 6 de junho de 1944, o comando alemão na França pediu o deslocamento urgente dos tanques para a Normandia. Nada feito. O ministro da Guerra disse que o *Führer* estava dormindo e não convinha acordá-lo... Quando Hitler soube do fato, achou que se tratava de uma ação para distrair os alemães, insistindo em que a invasão seria em Calais. Erro fatal.

Um grupo de oficiais e civis descontentes com o rumo da guerra resolveu matar Hitler, para conseguir uma paz em separado com as democracias ocidentais. O atentado ocorreu em julho de 1944, cerca de um mês depois do Dia D.

- Descubra qual foi o resultado desse atentado contra Hitler em 1944.

Soldados alemães presos horas depois do desembarque dos Aliados na Normandia, em 6 de junho de 1944.



Dite-Uzis/Leemage/Agência France-Press

10. Porque o Cáucaso é uma região rica em reservas de petróleo, matéria-prima essencial para uma economia industrial, sobretudo em tempo de guerra, o que explica a invasão militar alemã do território russo.

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

A fotografia abaixo foi escolhida pelo governo soviético como símbolo da vitória sobre a Alemanha nazista. Mas há grande controvérsia sobre essa imagem, a começar pela data, passando pelas diferentes versões dela. A data oficial da fotografia é 2 de maio, mas tudo indica que foi retocada por ordem das autoridades soviéticas. A versão abaixo é considerada a original, e nela vemos que o soldado que ajuda a desfaldar a bandeira tem um relógio em cada pulso. Quando a foto foi retocada, um dos relógios foi apagado.



Fotografia de Yevgeny Khaldei mostrando o momento em que um soldado russo coloca a bandeira soviética no topo do prédio do Reichstag, em Berlim, Alemanha, no dia 2 de maio de 1945.



- Discuta, em grupos, por que, na sua opinião, a URSS apagou um dos relógios usados pelo soldado da fotografia.

O PASSADO PRESENTE

A partir da década de 1960, diversos simpatizantes do nazismo negaram a existência do genocídio dos judeus pelos nazistas. Essa opinião foi definida como **negacionismo**.

No Brasil também houve um autor negacionista. Siegfried Ellwanger (1928-2010), gaúcho de origem alemã, publicou o livro *Holocausto: judeu ou alemão?*. Siegfried negou o extermínio dos judeus e defendeu que os alemães, além de injustiçados pela mídia, foram as principais vítimas da guerra. Depois de várias denúncias, condenações e recursos, o Supremo Tribunal Federal brasileiro decidiu, por 8 votos a 3, que **a propagação de ideias discriminatórias ao povo judeu é crime de racismo**, mantendo a condenação de dois anos de reclusão para o autor. Em um de seus recursos, Siegfried alegou que os judeus não eram uma raça, mas uma etnia, de modo que o antissemitismo não poderia ser considerado racismo.



Discutam, em grupos:

- a) A diferença que o autor antissemita fez entre os conceitos de raça e etnia.
- b) A interpretação do Supremo Tribunal Federal ao decidir que a discriminação dos judeus é crime de racismo.

Pesquisa

Parte da oficialidade alemã, incluindo o herói da África, marechal Erwin Rommel, elaborou um plano para matar Hitler e estabelecer a paz com os Aliados ocidentais. Recebeu o apoio de civis que tinham desistido do nazismo diante do desastre militar que se avizinhava. Em 20 de julho de 1944, o coronel Claus von Stauffenberg entrou em uma reunião do alto comando alemão com uma bomba em sua pasta de trabalho. Deixou a pasta ali e saiu. A bomba explodiu, mas Hitler sobreviveu. Cerca de 5 mil conspiradores foram executados. O marechal Rommel, porém, foi forçado a cometer suicídio para não sofrer processo de traição e prejudicar sua família.

Imagens contam a história

A foto retocada a mando das autoridades soviéticas procura esconder que os soldados do Exército Vermelho fizeram diversos saques ao longo da invasão do território alemão. Os dois relógios do soldado chamavam a atenção para esse fato.

O passado presente

- a) O conceito de raça tem sido substituído, nas últimas décadas, pelo conceito de etnia porque raça é conceito muito comprometido com o racismo biologizante do século XX, em especial a classificação em raças superiores e inferiores. O nazismo deu o maior exemplo, na história, dessa conceitualização. A argumentação do autor brasileiro antissemita foi apenas retórica, visando confundir os juizes. No entanto, as ações contra minorias étnicas, nos governos democráticos do mundo, continuam sendo criminalizadas como racismo, mantendo-se a confusão entre os termos raça e etnia.

- b) O STF brasileiro não aceitou a argumentação do réu, autor antissemita, pois interpretou a sua argumentação no sentido histórico, considerando a ideologia nazista de que os judeus eram uma raça inferior e prejudicial à sociedade alemã. Ao proceder desse modo, o STF confirmou o engajamento do Estado brasileiro no combate às discriminações raciais.

Capítulo 7 Governo Vargas e reformas sociais no Brasil

O capítulo tem como tema central o longo primeiro governo de Getúlio Vargas, que se estendeu de 1930 a 1945, período em que o Brasil passou por significativas transformações econômicas e houve avanços importantes no campo dos direitos sociais, não obstante a implantação de uma ditadura no país em novembro de 1937. O líder do movimento negro, Abdias Nascimento, é o personagem microanalítico do capítulo, que coloca também em evidência as lutas da população brasileira por melhores condições de vida e trabalho e contra o preconceito e o racismo.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar os diferentes contextos políticos e institucionais em que Getúlio Vargas governou o Brasil entre 1930 e 1945, tanto como chefe do Governo Provisório (1930-1934) e presidente constitucional (1934-1937), quanto como ditador do Estado Novo (1937-1945).
- Examinar as transformações econômicas experimentadas no país nas décadas de 1930 e 1940, realçando a intensificação nesses anos dos processos de industrialização e urbanização.
- Analisar as características políticas do trabalhismo, realçando as diversas ações governamentais no campo da educação, da cultura, da saúde e dos direitos sociais do trabalho adotadas no Brasil durante o Estado Novo.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Em 1940, Getúlio Vargas visitou a aldeia dos indígenas Karajá, na ilha do Bananal. Você saberia dizer quem foi Getúlio Vargas na história do Brasil?

Créditos das imagens de baixo para cima: Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Reprodução/Museu da República, Rio de Janeiro, RJ.; Acervo do autor/Arquivo da editora; Acervo Iconografia/Reminiscências; Reprodução/AIB/Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, RJ.; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC

116

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI03 EF09HI06 EF09HI07 EF09HI08 EF09HI09

Puxando pela memória

Getúlio Vargas (1882-1954) foi chefe do Governo Provisório (1930-1934), presidente da República (1934-1937) e ditador (1937-1945). Posteriormente, Getúlio Vargas foi eleito presidente, exercendo o poder entre os anos de 1951 e 1954.

Getúlio Vargas em visita à aldeia dos indígenas Karajá, na ilha do Bananal, localizada no atual Parque Nacional do Araguaia, Tocantins. Fotografia de 1940. Museu da República, Rio de Janeiro, RJ.

Reprodução/Museu da República, Rio de Janeiro, RJ.

CAPÍTULO

7

GOVERNO VARGAS E REFORMAS SOCIAIS NO BRASIL

Em 1930, um grupo político liderado por Getúlio Vargas assumiu o poder no Brasil. Muitos foram os problemas que esse grupo precisou enfrentar. Superar a crise econômica e dar uma resposta satisfatória às reivindicações dos trabalhadores por leis sociais foram alguns dos desafios impostos ao governo.

Os primeiros anos do novo governo foram de muitos conflitos políticos, sobretudo as rivalidades entre liberais, comunistas e integralistas. Ao final, foi vitorioso o grupo governista. Em 1937, as disputas políticas foram substituídas por uma ditadura, que impôs um regime autoritário, mas também incentivou a industrialização e estabeleceu leis sociais para os trabalhadores.

Em 1945, o Brasil era muito diferente do de 1930. As bases para a industrialização estavam lançadas, enquanto os trabalhadores alcançaram mais consciência de seus direitos sociais. A luta, a seguir, seria pelos direitos políticos.

Abdias vai à luta

Em 1914, na cidade de Franca, no estado de São Paulo, nasceu o segundo filho de Dona Georgina, conhecida na cidade pelo talento como doceira. O pai, seu José, era sapateiro. O menino recebeu o nome de Abdias Nascimento.

A família não tinha muitos recursos, mas o jovem Abdias teve condições de estudar. Com 15 anos de idade, foi morar na cidade de São Paulo. Abdias era mais um jovem negro, de origem pobre, que lutava para ganhar a vida. Logo sentiu a discriminação racial existente na sociedade brasileira, mas não se conformou.

Em São Paulo, ele participou de uma organização chamada Frente Negra Brasileira (FNB). A FNB era um lugar para discutir política. Seus dirigentes ofereciam serviços médicos e cursos de música e línguas estrangeiras. Também fundaram grupos de teatro e escolas para crianças negras.

Abdias Nascimento vivia em um período de grandes mudanças no Brasil. Nos anos 1930, ele conheceu uma época em que os trabalhadores alcançaram seus direitos sociais e trabalhistas, inclusive o direito de organização para lutar contra o racismo.



Coleção Abdias Nascimento/Arquivo IPEAFRO

Abdias Nascimento (à esquerda) e Orlando Macedo em cena da peça *Onde está marcada a cruz*, de Eugene O'Neill, no Teatro Dulcina, Rio de Janeiro, RJ. Fotografia de 1954.

O Governo Provisório (1930-1934)

Desde a Revolução de 1930, ocorrida em outubro daquele ano, o Brasil era governado por Getúlio Vargas. O Congresso Nacional foi fechado.

O novo governo recebeu o nome de Governo Provisório, pois seria exercido somente até que uma nova Constituição fosse elaborada e, por eleições, fosse formado um governo constitucional.

Crise econômica

Durante o Governo Provisório, a situação econômica do Brasil era muito difícil. A crise econômica mundial, que havia ocorrido no ano anterior, 1929, atingiu diretamente o país.

As exportações brasileiras de café caíram drasticamente e Vargas enfrentou uma grave crise econômica. Fazendeiros de café entravam em falência, indústrias e bancos eram fechados, as cidades eram afetadas pelo desemprego e faltavam recursos para pagar a dívida externa.

Na tentativa de resolver a crise, o governo Vargas comprou dos fazendeiros boa parte das safras de café e as queimou. Com isso, provocou a alta dos preços do café nos mercados internacionais, permitindo a retomada das exportações.

FIQUE DE OLHO

Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Biografia e informações sobre um dos mais importantes ativistas brasileiros que lutaram pelos direitos humanos, particularmente em defesa da igualdade das populações afrodescendentes.

Para desenvolver

Abdias Nascimento

Analise com a turma a trajetória de Abdias Nascimento (1914-2011), destacando suas origens humildes e a importância dos estudos para que ele, desde a juventude, enfrentasse o racismo e tomasse parte na fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), em 1931. Nesse sentido, realce para os alunos as principais atividades de tal organização do movimento negro até a sua desarticulação em fins de 1937, quando houve a decretação do Estado Novo.

De olho na BNCC

Lembre-se de que ao trabalhar em sala de aula com a temática do movimento negro na Era Vargas, você estará promovendo o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI03 – Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

Fique ligado

Getúlio Vargas (Brasil). Direção de Ana Carolina Soares, 1974. 76 min.

Documentário da cineasta Ana Carolina sobre a trajetória política de Getúlio Vargas, desde a Revolução de 1930 até a crise que levou ao seu suicídio, em agosto de 1954.

História do Brasil por Bóris Fausto – A Era Vargas. TV Escola/MEC. Brasil, 2002. 27 min. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video/historia-do-brasil-por-boris-fausto-a-era-vargas>>. Acesso: 15 out. 2018.

Nesse episódio, o historiador Bóris Fausto analisa a trajetória política de Vargas, desde a revolução até a queda do Estado Novo, em 1945.

1930 – Tempo de Revolução (Brasil). Direção de Eduard Escorel, 1990. 48 min.

O documentário aborda a crise dos anos 1920, a Revolução de 1930 e os traços gerais da ordem política e econômica nacional inaugurada com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Para desenvolver

Medidas sociais e trabalhistas

Na análise das primeiras medidas sociais e trabalhistas adotadas pelo Governo Provisório, por meio de ministérios criados nesse contexto, como o Ministério da Educação e Saúde e o Ministério do Trabalho, reforce com a turma que tais medidas eram reivindicadas sistematicamente pelos movimentos sociais brasileiros desde a Primeira República.

De olho na BNCC

Lembre-se de que os temas vinculados a este tópico estão relacionados às seguintes habilidades:

- EF09HI06 – Identificar e discutir o papel do trabalho como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).
- EF09HI09 – Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

O que há na imagem?

A casa é de pau-a-pique, também conhecida como taipa. Muito utilizada pela população pobre daquela época, a casa era construída com varas de bambu amarradas com cipó que sustentavam paredes feitas de barro. Os casais tinham muitos filhos. Na fotografia encontram-se onze crianças, sendo a mais nova o bebê no colo da mãe. Apesar de pobres, todas as crianças estão vestidas. São roupas simples, mas limpas. Algumas crianças estão calçadas, outras não.

Direitos sociais:

direitos que garantem o bem-estar da vida em sociedade, como o direito à saúde, à educação, à moradia, à alimentação e ao saneamento básico.

Direitos trabalhistas:

incluídos entre os direitos sociais, referem-se mais especificamente aos benefícios e às garantias dos trabalhadores.

Época de reformas sociais

Nas primeiras décadas do século XX, ocorriam mudanças em vários países do mundo.

Em muitos países da Europa, os governos reconheceram os **direitos sociais** dos trabalhadores e, depois de muitas lutas, os operários conquistaram seus **direitos trabalhistas**.

No Brasil, ainda na Primeira República, o governo federal sofria pressões para realizar reformas sociais. Os trabalhadores lutavam por leis trabalhistas que melhorassem suas condições de vida e de trabalho. Políticos reformistas e “tenentes”, que apoiavam o governo Vargas, queriam mudanças econômicas e sociais para o país.

QUE HÁ NA IMAGEM?

A fotografia retrata uma família pobre nos anos 1930. Observe as características que marcam a condição social dessa família: a casa, o número de filhos, as roupas e os calçados. Procure outros aspectos que possam dar indícios das condições de vida dos trabalhadores pobres daquele período.



Família reunida para fotografia nos anos 1930. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Leis trabalhistas

Para responder às pressões dos trabalhadores, o Governo Provisório decretou uma série de leis sociais e trabalhistas, como férias, licença-maternidade, pagamento de horas extras, pensões, aposentadorias e limitação da jornada de trabalho do homem, da mulher e da criança.

As leis trabalhistas foram bem recebidas pelos operários. Afinal, eles haviam lutado muito para obtê-las. Já os empresários reagiram contrariados, alegando que teriam prejuízo com as novas leis.

Diante da resistência dos patrões em cumprir a legislação trabalhista, o governo criou a Justiça do Trabalho. O trabalhador, assim, podia reivindicar seus direitos.

Fique ligado

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ABREU, Berenice. *Jangadeiros: uma corajosa jornada em busca de direitos no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SECRETO, Maria Verónica. *Soldados da borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2007.

As três obras sugeridas ajudam a ampliar os conhecimentos sobre as relações entre Estado e as classes trabalhadoras no pós-1930.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Dos pais pobres ao pai dos pobres: cartas de pais e mães ao presidente Vargas e a política familiar do Estado Novo. *Diálogos*, v. 12, n. 2/n. 3, p. 209-235, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Diologos/article/view/38158/19855>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Educação e saúde

O Governo Provisório também criou o Ministério da Educação e Saúde. Muitos hospitais públicos foram construídos e médicos e funcionários do Ministério foram atuar no interior do país. O governo também criou um sistema de saúde para combater doenças, como a febre amarela e a tuberculose.

Por meio do Ministério da Educação e Saúde, o Governo Provisório também investiu na educação. O objetivo era que as crianças cursassem pelo menos o equivalente ao atual Ensino Fundamental I. Para isso, o Governo Provisório criou uma rede de escolas públicas, escolas de formação de professores e escolas técnicas.

Avanços e retrocessos

O Governo Provisório de Vargas seguia a tendência mundial de valorizar o trabalhador com leis sociais e com políticas públicas de saúde e de educação. Os trabalhadores alcançaram ganhos com as leis trabalhistas, mas também tiveram perdas.

A principal perda sofrida pelos trabalhadores foi o fim da liberdade dos sindicatos. Para atuar legalmente, os sindicatos deveriam ser reconhecidos oficialmente pelo Ministério do Trabalho, que podia fiscalizar suas atividades e, inclusive, destituir a diretoria. Além disso, os sindicatos foram proibidos de fazer propaganda política.

CÁ ENTRE NÓS

No início dos anos 1940, havia muitas leis sociais e trabalhistas decretadas desde o início do governo Vargas. Em 1ª de maio de 1943, por meio de um decreto-lei, o governo juntou essas leis e as organizou em um código geral. Surgiu, assim, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que está em vigor até os dias atuais.

Mulheres operárias de uma fábrica de tecido de juta, em São Paulo, em 1931. Desde a década de 1910, os trabalhadores lutavam por leis sociais. Museu da Imigração do Estado de São Paulo, SP.

Para desenvolver Estado e bem-estar social

Ao avaliar com os alunos as principais ações adotadas pelo governo brasileiro no início dos anos 1930 no campo da saúde e educação, procure enfatizar a importância do Estado e das políticas públicas para a promoção do bem-estar social e a redução das desigualdades sociais e regionais em nosso país, tanto naquela época quanto no presente.

Informe que o Brasil ainda ocupa uma posição bastante incômoda no *ranking* do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU). A esse respeito, consulte a página da representação da ONU no Brasil, disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-no-brasil/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Fique ligado

Dossiê “A Era Vargas – 1ª tempo – dos anos 20 a 1945”. CPDOC/FGV. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre as medidas nos campos social e trabalhista adotadas durante o Governo Provisório, consulte os artigos “Política Social”, “Ministério do Trabalho”, “Institutos de Aposentadoria e Pensões” e “Justiça do Trabalho”.

Reprodução/Museu da Imigração do Estado de São Paulo, São Paulo.



Para desenvolver

A descrença no liberalismo

Ao analisar com a turma as ações do Governo Provisório de Getúlio Vargas para enfrentar os efeitos no Brasil da crise econômica existente no mundo no começo da década de 1930, procure estabelecer uma comparação com as medidas intervencionistas adotadas pelos governantes tanto na URSS (Planos Quinquenais) quanto nos EUA (*New Deal*), estudadas respectivamente nos capítulos 2 e 4. Nesse sentido, resalte para os alunos que esses são anos de descrença no liberalismo econômico e de forte tendência à centralização política promovida por regimes de viés nacionalista.

De olho na BNCC

Ressalte para a turma que com a decretação pelo Governo Provisório de um Código Eleitoral, em fevereiro de 1932, além da adoção do voto secreto e da justiça eleitoral, uma outra medida passou a vigorar no país: o direito das mulheres ao voto.

Lembre-se de que os temas relativos à participação política, incluindo os direitos políticos das mulheres, estão vinculados às seguintes habilidades:

- EF09HI08 – Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.
- EF09HI09 – Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

▶ A crise do liberalismo econômico

Desde a crise econômica de 1929, economistas dos Estados Unidos e de diversos países da Europa afirmavam a necessidade de regulamentar a economia para evitar crises. Os governantes passaram a controlar a economia, a criar regras para o funcionamento do capitalismo e a fundar empresas estatais.

O Brasil acompanhou a tendência mundial. O governo Vargas abandonou o liberalismo econômico, que caracterizou a Primeira República, e passou a intervir na economia, adotando políticas nacionalistas.

Nos anos 1930, na Europa, a crítica ao liberalismo econômico foi acompanhada da descrença na democracia liberal. Muitos europeus preferiam regimes autoritários de direita, como o fascismo, ou apoiavam o comunismo.

No Brasil, Vargas e o grupo reformista no Governo Provisório criticavam o liberalismo da Primeira República, regime político que permitiu o domínio da oligarquia cafeeira sobre o país. Diziam que somente um governo autoritário poderia dar fim ao poder das oligarquias regionais e criar um projeto nacional.

Tensões e conflitos

Muitos políticos ficaram descontentes com as reformas promovidas pelo Governo Provisório, como as leis sociais aos trabalhadores, o nacionalismo e as políticas de intervenção na economia. No estado de São Paulo, a insatisfação das elites políticas era grande. O Governo Provisório era acusado de ser uma ditadura.

O Partido Republicano Paulista e o Partido Democrático formaram a Frente Única Paulista (FUP). As exigências eram: o retorno da autonomia dos estados, o fim do Governo Provisório e a constitucionalização do país, com uma nova Constituição.

Percebendo que a revolta em São Paulo poderia resultar em grave conflito, Getúlio Vargas, no início de 1932, criou a Justiça Eleitoral, tornou o voto secreto, estendeu às mulheres o direito ao voto e marcou eleições para maio de 1933. Os eleitos formariam a Assembleia Nacional Constituinte para redigir uma nova Constituição para o país.

Na praça da Sé, cidade de São Paulo, comício realizado em 25 de janeiro de 1932 pela reconstitucionalização do país.



Arquivo Iconographia/Reim:istofreitas

120 ▶ UNIDADE 2 | Crises e guerras

Fique ligado

Atlas histórico do Brasil. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Para ampliar os seus conhecimentos sobre as medidas políticas centralizadoras e as ações de intervenção na economia patrocinadas pelo Governo Provisório, bem como a respeito das reações contrárias da oligarquia de

São Paulo que levaram o país a uma guerra civil em 1932, indicamos uma pesquisa sobre os termos “Governo Provisório”, “São Paulo em guerra” e “Revolução de 1932”.

Primeiro Código Eleitoral do Brasil completa 84 anos. *Tribunal Superior Eleitoral*. Disponível em: <www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2016/Fevereiro/

[justica-eleitoral-completa-84-anos-nesta-quarta-feira-24](#)>. Acesso em: 16 out. 2018.

O *link* sugerido promove um aprofundamento das informações relacionadas ao Código Eleitoral de 1932, com destaque para os direitos políticos das mulheres.

A Guerra Civil de 1932

As reivindicações da FUP foram atendidas, mas isso não evitou que em 9 de julho de 1932 as elites políticas paulistas rompessem com o governo Vargas. Empresários, fazendeiros de café e setores das classes médias formaram um exército para derrubar Getúlio Vargas do poder. O movimento ficou conhecido como Revolução Constitucionalista e gerou a guerra civil no país.

Após três meses de luta, as tropas paulistas foram derrotadas pelo Governo Provisório, mas a reivindicação dos líderes políticos de São Paulo foi alcançada. Nas eleições de 1933, os deputados eleitos para a Assembleia Nacional Constituinte elaborariam uma nova Constituição para o país.

QUE HÁ NA IMAGEM?

Desde meados do século XIX, as mulheres inglesas e estadunidenses lutavam pelo direito ao voto através do “movimento sufragista”. No Brasil, as mulheres alcançaram seus direitos políticos em 1932. Procure saber quando as mulheres do Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Suíça, México e Índia conquistaram o direito de votar e serem votadas e compare com o caso brasileiro.



Arquivo Iconographia/Reminiscências

Nas eleições para a formação da Assembleia Nacional Constituinte, em maio de 1933, as mulheres votaram pela primeira vez no Brasil. Na fotografia, grupo de mulheres faz propaganda política de sua candidata a deputada federal.

O Governo Constitucional (1934-1937)

No dia 16 de julho de 1934, os integrantes da Assembleia Nacional Constituinte promulgaram a nova Constituição, que definia a democracia liberal ou democracia representativa como o novo regime político do Brasil. A nova Constituição garantiu os direitos políticos dos brasileiros, como o de votar e ser votado e formar partidos políticos. Também garantiu a liberdade de imprensa e de todos expressarem livremente sua opinião e se organizar. As leis trabalhistas foram mantidas.

A instituição do voto secreto e da Justiça Eleitoral dificultaram a ocorrência de fraudes eleitorais e as mulheres conquistaram o direito ao voto. As eleições eram para todos os níveis, inclusive para presidente da República, mas a primeira eleição presidencial ficou restrita ao Congresso Nacional. Getúlio Vargas foi eleito presidente da República pelos quatro anos seguintes. O Governo Provisório havia chegado ao fim e era iniciado outro governo de Vargas: o Governo Constitucional.

O que há na imagem?

Reino Unido: 1918; Estados Unidos: 1920; Alemanha: 1918; Canadá: 1940; Suíça: 1971; México: 1953; Índia: 1950. Comparando o Brasil com esses países, o direito ao voto feminino ocorreu poucos anos depois de países como Reino Unido, Estados Unidos e Alemanha e pouco antes do Canadá. Mas a conquista das mulheres brasileiras ao voto foi muito antes das suíças, mexicanas e indianas, o que mostra que, em relação a esse tema, o Brasil estava inserido na dinâmica mundial.

Fique ligado

HILTON, Stanley. *A guerra civil brasileira (História da Revolução Constitucionalista de 1932)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CAPELATO, Maria Helena. *O movimento de 1932: a causa paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ABREU, Marcelo Santos de. Luto e culto cívico dos mortos: as tensões da memória pública da Revolução Constitucionalista de 1932 (São Paulo, 1932-1937). *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 61, 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbh/v31n61/a06v31n61.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

Os textos apresentados oferecem a oportunidade de se aprofundar na Guerra Civil de 1932.

1932, *A Guerra Civil* (Brasil). Direção de Eduardo Escorel, 1992. 52 min.

O documentário analisa o contexto social e institucional do país durante a Guerra Civil de 1932 em São Paulo, analisando também as consequências políticas desse conflito que durou três meses e vitimou cerca de 800 pessoas, mais do que o número de soldados brasileiros que viriam a ser mortos na Segunda Guerra Mundial.

Para desenvolver

Constituição de 1934 e garantia de direitos

Ressalte para a turma os principais aspectos da Constituição de 1934, a segunda do período republicano, destacando que nela foram garantidos direitos sociais e políticos importantes, e que os representantes eleitos para escrevê-la, durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte entre 1933 e 1934, foram também os responsáveis pela eleição indireta de Getúlio Vargas ao cargo de presidente da República, em julho desse último ano.

Fique ligado

GOMES, Angela Maria de Castro. Assembleia Nacional Constituinte de 1934. In: Atlas histórico do Brasil. CPDOC/FGV. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/marcos/assembleia-constituente-e-constituicao-de-1934/mapas/representacao-na-constituente-de-1934>>. Acesso em: 15 set. 2018.

Para acessar o texto, é preciso clicar, no menu à direita, sobre o item Verbetes.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil: germanismo, nazismo, integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

Os três textos sugeridos ajudam a ampliar seus conhecimentos sobre a Ação Integralista Brasileira (AIB).

Soldados de Deus (Brasil). Direção de Sérgio Sanz. 2005. 80 min.

Documentário sobre a Ação Integralista Brasileira, movimento político influenciado pelo fascismo europeu.

Sigma: letra grega equivalente ao nosso S. Os integralistas tinham o S inicial da palavra soma. O significado, portanto, era “somar” todos os brasileiros em um único projeto nacional.

Anauê: na língua tupi-guarani, significa “você é meu irmão”. A palavra foi adotada porque os integralistas afirmavam que formavam a Grande Família dos Camisas Verdes.

Disputa pelo poder

Com a instituição do regime democrático, grupos políticos passaram a disputar o poder. Dentro do próprio governo, tenentes e políticos reformistas desejavam um regime ditatorial liderado por Vargas.

Os conflitos se estendiam para fora do governo. Muitos liberais pretendiam retornar ao sistema político oligárquico da Primeira República. A Ação Integralista Brasileira (AIB) tinha o objetivo de instaurar um regime autoritário de direita. O Partido Comunista do Brasil (PCB) lutava pela revolução socialista.

Inimigos da democracia: a Ação Integralista Brasileira

A Ação Integralista Brasileira, fundada em 1932 por Plínio Salgado, era fortemente influenciada pelo fascismo europeu. Os integralistas eram contra o regime democrático, as liberdades individuais e o direito à livre opinião. Autoritários, os integralistas eram inimigos dos comunistas, defendiam o nacionalismo radical, a ditadura e a obediência às ordens de seu líder Plínio Salgado.

A AIB conseguiu muitos adeptos no Brasil. Os integralistas chamavam a atenção das pessoas ao marchar pelas ruas com uniforme. Alguns símbolos integralistas eram muito conhecidos: a camisa verde e a letra grega **sigma**. Eles se cumprimentavam com a palavra **anauê**.

Reprodução/AIB/Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, RJ.



Acima, cartaz integralista de 1937 que exaltava o nacionalismo. Ao lado, casamento integralista na cidade de Resende, estado do Rio de Janeiro. O cartaz e a fotografia fazem parte do acervo do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



Acervo do autor/Arquivo da editora

A união pela democracia: a Aliança Nacional Libertadora

Na Europa, o fascismo avançava. No Brasil, o crescimento da Ação Integralista Brasileira crescia. Esses eventos preocupavam os brasileiros que defendiam o regime democrático.

Em 1935, partidos de esquerda, sindicalistas, políticos, militares e organizações estudantis, anti-imperialistas, feministas e culturais fundaram a Aliança Nacional Libertadora (ANL), uma frente contra o fascismo e o imperialismo.

Os aliancistas queriam homenagear o líder comunista Luiz Carlos Prestes pelo seu grande prestígio político. Por isso, indicaram-no como “presidente de honra” da ANL.

A Aliança Nacional Libertadora cresceu, mas não era um partido político e não pretendia derrubar o governo de Vargas. Os objetivos eram combater os integralistas e o imperialismo, impedir que Vargas tomasse medidas autoritárias e lutar por reformas sociais e econômicas.

A situação mudou quando, em junho, o PCB aderiu à ANL e Luiz Carlos Prestes tornou público um manifesto, em que defendia a seguinte proposta: “Todo poder à ANL”. O governo Vargas usou a proposta de Prestes como argumento para acusar a ANL de querer tomar o poder pela força. Assim, por meio de um decreto governamental, Vargas declarou que a ANL era ilegal.

Os comunistas e a revolta de 1935

Em 1931, Prestes rompeu com os amigos tenentes e tornou-se comunista. Ele e os dirigentes do Partido Comunista acreditavam que poderiam derrubar o governo Vargas e assumir o poder no país. Em 1934, assessores comunistas estrangeiros vieram para o Rio de Janeiro colaborar com Prestes.

Ocorreram duas rebeliões não planejadas por Prestes. A primeira aconteceu na cidade de Natal no dia 23 de novembro de 1935, quando comunistas e sargentos tomaram o poder na cidade. No dia 25, os comunistas da cidade do Recife, também com o apoio de sargentos, tomaram a decisão de fazer o mesmo. Os dois movimentos revolucionários fracassaram.

CÁ ENTRE NÓS

O lema “Todo poder à ANL” deu oportunidade para que os adversários da ANL lembrassem de Lenin durante a Revolução Russa. Em abril de 1917, o líder bolchevique lançou manifesto que dizia: “Todo poder aos sovietes”.

Em julho de 1935, integrantes da Aliança Nacional Libertadora participam de comício no Rio de Janeiro, RJ.

Acervo Iconographia/Reminiscências



Para desenvolver O PCB e a ANL

Esclareça para a turma que o Partido Comunista do Brasil (PCB) não participou da fundação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e o líder Luiz Carlos Prestes, que aderiu ao PCB em 1931, nunca se reuniu pessoalmente com os dirigentes da ANL.

Fique ligado

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VIANNA, Marly de Almeida. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “Intentona Comunista”, ou a construção de uma lenda negra. *Tempo*, Niterói. v. 7, n. 13, 2002. Disponível em: <www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg13-7.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

Para ampliar os seus conhecimentos sobre a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e, em especial, a insurreição comunista de 1935, indicamos os livros e o artigo acadêmico acima.

1935, o assalto ao poder (Brasil). Direção de Lauro Escorel, 2002. 98 min.

Esse documentário aborda o cenário político e social do país entre 1935, ano em que comunistas membros do Partido Comunista do Brasil lideraram levantes armados contra Getúlio Vargas, e o golpe que levou à instauração do Estado Novo, em novembro de 1937.

Para desenvolver

O apoio a Vargas

Ressalte para a turma que, em função dos levantes militares de novembro de 1935 e da forte campanha anticomunista desencadeada pelo Governo Federal, os diversos setores das elites brasileiras se unificaram em torno do projeto autoritário de Getúlio Vargas. Mesmo os liberais, que se opunham ao presidente da República, passaram a apoiá-lo.

Outras histórias

Personagens

- Os motivos para a morte de Olga Benário foram que ela era de origem judaica e também militante comunista. Para os nazistas, todos os judeus deveriam ser exterminados. Além disso, eles tinham os comunistas como um dos mais importantes inimigos.

Fique ligado

Memórias do cárcere (Brasil). Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1984. 124 min.

Baseado no livro de Graciliano Ramos, o filme reconstitui a vida do autor nas prisões após a insurreição comunista de 1935.

Arquivo Iconographia/Reminiscências



Luiz Carlos Prestes, preso por liderar a insurreição comunista, depõe no Tribunal de Segurança Nacional, Rio de Janeiro, em 1936.

munistas, mas também a outros partidos de esquerda e a sindicatos de trabalhadores. A insurreição comunista de novembro de 1935 assustou muitos setores da elite. Políticos que faziam oposição a Vargas passaram a apoiá-lo.

Derrota e repressão

Em 27 de novembro, diante das rebeliões em Natal e no Recife, Prestes convocou seus amigos militares para tomar o poder na capital federal, o Rio de Janeiro. O objetivo era derrubar o governo Vargas. No entanto, como somente um pequeno grupo de militares apoiou Prestes, as tropas do Exército rapidamente dominaram a rebelião.

Com a derrota da insurreição comunista, o governo promoveu grande repressão policial. Não apenas aos comunistas,

OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

Olga Benário

Olga Benário nasceu na Alemanha, em 1908. Aos 15 anos de idade já atuava no Partido Comunista Alemão. Em 1928, foi viver na União Soviética, tornando-se agente do serviço secreto militar.

A Internacional Comunista decidiu que Olga acompanharia Luiz Carlos Prestes em sua viagem de Moscou para o Rio de Janeiro, em fins de 1934.

Durante a viagem, eles se apaixonaram. A insurreição comunista fracassou, e, em março de 1936, eles foram descobertos pela polícia. Nesse momento, Olga estava grávida.

O governo nazista da Alemanha pediu a extradição de Olga, que foi confirmada pelo Supremo Tribunal Federal. Vargas não lhe concedeu indulto. Olga chegou à Alemanha

em outubro de 1936, grávida de 7 meses.

Em um presídio, nasceu sua filha, que foi entregue para a avó, mãe de Luiz Carlos Prestes, aos 14 meses de idade.

Em 1938, Olga foi levada para um campo de concentração.

Tudo indica que foi assassinada em 1942, em uma câmara de gás venenoso, aos 34 anos de idade.



Olga Benário, presa em 1936 pelo governo brasileiro. Fotografia de 1930.

Reprodução/Arquivo da editora

- Os nazistas mataram Olga Benário em um campo de concentração. Eles alegaram dois motivos para condená-la à morte. Quais foram esses motivos? Justifique a sua resposta.

▶ A ditadura do Estado Novo (1937-1945)

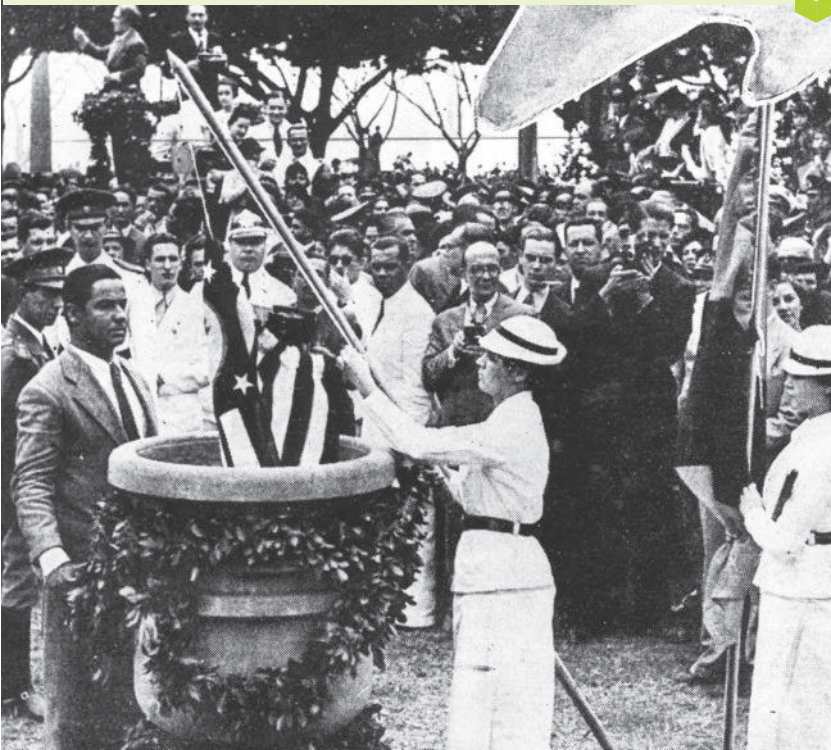
A radicalização política entre a AIB e a ANL e a tentativa de golpe dos comunistas em 1935 fortaleceram o grupo político que defendia um regime autoritário. Em 10 de novembro de 1937, Vargas pôs fim ao regime de democracia liberal e instituiu a ditadura no país. Era o início do chamado Estado Novo.

O Congresso Nacional foi fechado. Não haveria mais eleições. A imprensa e os demais meios de comunicação sofreram com a censura. Uma nova Constituição, a de 1937, foi imposta ao país.

Abdias Nascimento viveu todos esses acontecimentos. Dois anos depois da promulgação da Constituição de 1934, deixou a cidade de São Paulo e mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1937, foi preso por protestar contra a ditadura. Ficou um ano detido em penitenciária no Rio de Janeiro. Em 1938, formou-se em Ciências Econômicas.

🔍 QUE HÁ NA IMAGEM?

A cerimônia registrada na fotografia abaixo ocorreu dezessete dias após a instauração da ditadura do Estado Novo. Qual foi o significado da queima das bandeiras dos estados e do destaque dado à Bandeira Nacional?



No dia 27 de novembro de 1937, com a presença de milhares de pessoas, ocorreu a cerimônia de queima das bandeiras estaduais. Diante de todos, pairava uma imensa bandeira nacional.

FIQUE DE OLHO

Olga (Brasil).
Direção de Jayme Monjardim, 2004.
141 min.

O filme narra a vida de Olga Benário, segurança de Luiz Carlos Prestes, o envolvimento amoroso entre eles, sua prisão e deportação para a Alemanha nazista.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... do Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP? O DIP foi criado pelo governo Vargas em 1938 com o objetivo de censurar o teatro, o cinema, o rádio, a literatura e a imprensa. Seu objetivo também era o de produzir propaganda política do governo por meio de filmes, cartazes, livros, documentários, entre outros. O DIP apresentava Vargas como “guia” dos brasileiros, “amigo” das crianças e “pai dos pobres” por “doar” benefícios sociais ao povo.

■ Para desenvolver

DIP

Na análise das principais características políticas e institucionais do Estado Novo, realce para a turma a importância da propaganda sistemática feita pelo regime por um dos seus órgãos mais importantes, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

O que há na imagem?

O ato significava o fim das rivalidades e interesses políticos construídos em bases regionais. Com isso, esperava-se a valorização da nacionalidade brasileira.

Fique ligado

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e peronismo*. Campinas: Papyrus; São Paulo: Fapesp, 1998.

A obra trabalha em profundidade a questão da propaganda política promovida pelo governo Vargas.

Propaganda e repressão – Rio de Janeiro, 1942 (Brasil). TVE, 2011. 28 min.

Nono episódio da série “História do Brasil”, que aborda as ações do Departamento de Imprensa e Propaganda e da polícia política no Brasil durante os anos do Estado Novo (1937-1945).

Fique ligado

Um sonho intenso (Brasil). Direção de José Mariani, 2014. 102 min.

Economistas como Carlos Lessa, Maria Conceição Tavares, Francisco de Oliveira, entre outros, discorrem sobre os ciclos de crescimento, a industrialização e as mudanças políticas produzidas no país desde os anos 1930, sem que todos os desafios em termos de infraestrutura e desigualdades tenham sido vencidos.

LOCHERY, Neill. *Brasil: os frutos da guerra*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

FERRAZ, Francisco César Alvez. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Barbudos, sujos e fatigados – soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Grua, 2010.

SANDER, Robert. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Essas obras tratam da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

A Estrada 47 (Brasil). Direção de Vicente Ferraz, 2013. 107 min.

Após se perderem do grupo, soldados brasileiros têm a opção de enfrentar o inimigo ou a Corte Marcial.

A cobra fumou (Brasil). Direção de Vinicius Reis, 2002. 94 min.

Combatentes da Força Expedicionária Brasileira relatam como eram as condições de vida na Itália durante os conflitos em que estavam envolvidos e como conquistaram a cidade de Montese e o Monte Castelo.

Radio Auriverde (Brasil). Direção de Sylvio Back, 1991. 80 min.

Com uma rádio clandestina, os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira realizam transmissões bem-humoradas com músicas alegres.

FIQUE DE OLHO

For all – O trampolim da vitória (Brasil). Direção de Buza Ferraz/Luiz Carlos Lacerda, 1997. 95 min.

Durante a Segunda Guerra Mundial, soldados dos Estados Unidos instalam bases militares em Natal. A chegada dos estadunidenses influi no cotidiano da cidade.

A industrialização do Brasil

O governo Vargas tomou medidas para industrializar o país:

- » construção da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, primeira hidrelétrica do país;
- » criação do Conselho Nacional do Petróleo, responsável pela prospecção, controle e fiscalização das atividades de exploração e comercialização do petróleo;
- » criação da Companhia Vale do Rio Doce, empresa estatal mineradora;
- » aumento dos impostos sobre os produtos importados e redução dos impostos sobre os produtos nacionais, incentivando os empresários brasileiros;
- » inauguração da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), primeira empresa siderúrgica do país.

Os índices de crescimento da economia brasileira mostram que a indústria cresceu mais do que a agricultura. Entre 1933 e 1939, a produção agrícola cresceu apenas 1,6%, enquanto a industrial aumentou 11,2%.

Estavam lançadas as bases para o Brasil se tornar um país moderno e industrializado.

AO MESMO TEMPO**Segunda Guerra Mundial**

Em 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. O governo Vargas preservou a neutralidade do Brasil, mas procurou tirar proveito do conflito, mantendo o comércio tanto com os Estados Unidos como com a Alemanha.

Quando os Estados Unidos entraram na guerra, em 1941, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo. Submarinos alemães atacaram e afundaram navios brasileiros, causando centenas de mortes.

Em agosto de 1942, o governo brasileiro declarou guerra à Alemanha e criou a Força

Expedicionária Brasileira (FEB), composta de mais de 25 mil soldados que foram lutar contra as tropas alemãs na Itália.

Os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Delano Roosevelt chegaram a acordos: os Estados Unidos cederiam tecnologia e financiariam a construção da usina siderúrgica, a CSN, e reequiparariam o Exército brasileiro. O Brasil cederia bases militares nas cidades de Natal e Recife e na ilha de Fernando de Noronha.

- Os soldados brasileiros da FEB criaram um símbolo próprio: uma cobra fumando cachimbo. Também inventaram o seu lema: “A cobra vai fumar”. Pesquise por que eles adotaram esse lema.

Ao mesmo tempo

- Nos anos 1930, usava-se a expressão “a cobra vai fumar” em referência a algo impossível de acontecer. Nos dias atuais, seria equivalente a “nem que a vaca tussa”. Muitas pessoas não acreditavam que o Brasil pudesse enviar soldados para lutar na Europa. Alguns intelectuais diziam: “É mais fácil uma cobra fumar cachimbo do que o Brasil entrar na guerra”. Quando os soldados brasileiros chegaram na Itália, eles revidaram inventando a expressão: “A cobra vai fumar”.

Brasil: mostra a tua cara

Getúlio Vargas e os políticos reformistas que o apoiavam tinham também o objetivo de valorizar a cultura nacional. Para eles, a Europa não seria mais o padrão cultural a ser seguido pelo Brasil. Muitos artistas e intelectuais do movimento modernista dos anos 1920 apoiaram a política cultural do governo Vargas.

A cultura negra foi valorizada. O samba foi reconhecido como autêntica música brasileira, a capoeira foi elevada à categoria de arte marcial do Brasil e o carnaval carioca entrou para o calendário turístico da cidade do Rio de Janeiro.

O governo incentivou, com financiamento, o teatro, o cinema e a publicação de livros. Muitos escritores importantes tiveram suas obras publicadas nessa época, como Jorge Amado e José Lins do Rego. Eles falavam do Brasil, de seus problemas e da cultura popular.



Arquivo do autor/Arquivo da editora

No carnaval do Rio de Janeiro, desfilavam as Grandes Sociedades Carnavalescas com seus carros alegóricos. As maiores eram os Democráticos, os Fenianos e os Tenentes do Diabo. Nessa fotografia, durante o carnaval de 1937, os Tenentes do Diabo aguardam o momento do desfile em um de seus carros alegóricos. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

O negro e o teatro

Abdias Nascimento participou do processo de renovação cultural. Viajando aos Estados Unidos, assistiu a uma peça teatral em que um ator branco interpretava um personagem negro. Para isso, o ator se pintou com tinta negra. Abdias ficou indignado com o que viu.

Ao retornar ao Brasil, planejou criar o Teatro do Negro Brasileiro, mas foi novamente preso em 1941, pois havia resistido a agressões racistas. Na prisão do Carandiru, em São Paulo, ele criou o Teatro do Sentenciado, cujos atores eram os próprios presos.

Libertado, Abdias retornou ao Rio de Janeiro. Com o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE), fundou o Teatro Experimental do Negro (TEN), que funcionou até 1968.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *A valorização da cultura afro-brasileira durante a Era Vargas* localizada no material digital do Manual do Professor.

Para desenvolver

Valorização e preconceito

Ressalte para a turma que, se as ações de valorização da cultura nacional por parte do Estado Novo visavam em grande medida à legitimação do regime, elas contribuíram também, o que é muito importante, para que os valores e expressões da cultura negra, em especial, alcançassem grande reconhecimento social – como ocorreu nos casos do samba, do carnaval e da capoeira. Contudo, como a trajetória de Abdias Nascimento nesse período demonstra, o preconceito e o racismo, também em relação às religiões de matriz africana, continuaram fortes.

De olho na BNCC

Lembre-se de que ao discutir em sala de aula a valorização da cultura negra e a persistência do racismo e de preconceitos no Brasil entre as décadas de 1930 e 1940 você estará promovendo também o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI03 – Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

Fique ligado

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque* ao tempo de Vargas. Uberlândia: Editora da UFU, 2008.

BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e política*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV; Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Os livros sugeridos ajudam a ampliar os conhecimentos sobre a política cultural do Estado Novo.

A História não está sozinha

Arte

- Primeiro, a música é uma declaração de amor ao Brasil. Para Ary Barroso, o Brasil é “brasileiro”, sem importações culturais, como a francesa. Além disso, o Brasil é “pra mim”, ou seja, para os brasileiros. Segundo, o elogio à cultura negra e à miscigenação do povo brasileiro aparece em vários trechos, como: “mulato inzoneiro”, “Mãe Preta”, “Rei Congo”, “morena sestrosa”, “terra de samba e pandeiro”. Terceiro, a admiração da natureza nas expressões: “luz da lua”, “coqueiro que dá coco”, “fontes murmurantes”. Quarto, desde os anos 1920, artistas e intelectuais defendiam o nacionalismo, a cultura nacional e as tradições populares. Nos anos 1930, o governo Vargas adotou esses valores como política cultural. A música “Aquarela do Brasil” foi composta por Ary Barroso no contexto político e cultural dos anos 1920 e 1930, de valorização do nacionalismo e da cultura popular. Os estudantes podem acompanhar a letra ouvindo a música. Sugerimos a versão gravada pelo cantor Francisco Alves em 1939. Assim, os estudantes terão a possibilidade de perceber a grandiosidade do arranjo musical, a variedade de instrumentos e o ritmo alegre e dançante.

Fique ligado

Villa-Lobos – Uma vida de paixão (Brasil). Direção de Zelito Viana, 2000. 113 min.

O filme narra a trajetória de vida do maestro Heitor Villa-Lobos.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Arte

Canções podem ser utilizadas pelos historiadores para compreender o passado das sociedades. Vejam, por exemplo, a canção “Aquarela do Brasil”, do compositor Ary Barroso. Ela foi tocada nas rádios pela primeira vez em 1939 e tornou-se uma das canções brasileiras mais conhecidas no mundo.

A mensagem da canção, produzida na época do governo Vargas, exalta o Brasil, valorizando seu povo e sua natureza.

Ary Barroso compondo música, em fotografia da década de 1950.



Acervo Iconographia/Reminiscências



- Pesquise e copie a letra da canção “Aquarela do Brasil” em seu caderno. Procure identificar três temas: a exaltação do Brasil, o elogio à cultura negra e à miscigenação do povo brasileiro, a admiração pela natureza do país e como esses temas fazem parte do contexto político e cultural dos anos 1920 e 1930.

A letra apresenta palavras pouco usadas hoje, como **inzoneiro**, **bamboleio**, **merencória** e **sestrosa**. Use o dicionário para conhecer o significado delas.



▶ Nos tempos de Vargas: autoritarismo, modernização e direitos sociais

Em 1945, Vargas chegou a quinze anos de governo. O Brasil tinha mudado bastante. Na economia, deixou de ser um país de base agrícola e exportador de café. O governo lançou os fundamentos da industrialização e da modernização do país.

Na área social, as leis trabalhistas repercutiram entre os trabalhadores de maneira positiva. É preciso considerar, ainda, os ganhos com os sistemas públicos de educação e saúde, bem como o reconhecimento dos valores da cultura popular da época.

A partir de 1937, contudo, o Brasil também conheceu um período ditatorial. A ditadura veio acompanhada da suspensão dos direitos políticos, da perseguição às oposições, da violência policial, da censura à imprensa e da propaganda política favorável ao governo.

FIQUE DE OLHO

Xingu (Brasil). Direção de Cao Hamburger, 2012. 102 min.

Os irmãos Villas Boas se alistam na Marcha para o Oeste e se tornam especialistas no contato com os indígenas. Suas ações resultaram na criação do Parque Nacional do Xingu.

Os indígenas e o governo Vargas

Somente nos anos 1930 os governantes reconheceram que os indígenas tinham uma cultura própria que deveria ser respeitada. A política governamental era a de proteger as comunidades indígenas e integrá-las à sociedade brasileira.

O governo Vargas considerou os povos indígenas a autêntica origem do povo brasileiro. Mas a valorização dos indígenas e de sua cultura entrou em conflito com o projeto governamental chamado de Marcha para o Oeste. O objetivo era povoar o Centro-Oeste do país, o que atingiria centenas de grupos indígenas.

Cada comunidade reagiu ao seu modo: os xavantes se recusaram a apoiar, enquanto os xerentes e karajás aceitaram desde que tivessem assistência governamental; os tembés também aceitaram, mas com críticas.

Em 1943 o governo patrocinou a Expedição Roncador-Xingu. Os irmãos Claudio, Leonardo e Orlando Villas Boas propuseram a criação de reservas fechadas para os indígenas, permitindo que eles preservassem seu modo de vida e sua cultura. Nessas reservas, somente entrariam funcionários e médicos do governo.



Reprodução/Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Fotografia dos irmãos Claudio e Orlando Villas Boas em um acampamento da Expedição Roncador-Xingu, 1948. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

- Os indígenas no Brasil não formam um grupo homogêneo. Suas reações às políticas governamentais também são diferentes. Como xavantes, xerentes, karajás e tembés reagiram à Marcha para o Oeste?

Trabalhismo

Nesse contexto surgiu, entre 1942 e 1945, o projeto conhecido como **trabalhismo**. O governo Vargas associou os direitos de cidadania com os direitos sociais. Ser cidadão era o mesmo que ter direitos trabalhistas.

A legislação social era apresentada aos trabalhadores como uma “doação” do presidente. O trabalhismo também foi associado à valorização do trabalhador, ao reconhecimento da cultura nacional, ao nacionalismo, à criação de empresas estatais e ao desenvolvimento econômico.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *Governo Vargas e a questão indígena* localizada no material digital do Manual do Professor.

Para desenvolver

Ampliação e violação de direitos no governo Vargas

Na análise com a turma das transformações que se processaram no Brasil durante os 15 anos de Getúlio Vargas no governo, resalte que os avanços significativos no campo dos direitos sociais e nas políticas públicas para a população mais pobre – nos campos da educação, saúde, habitação e seguridade social, em especial – se materializaram em um contexto ditatorial, em que o Estado brasileiro promoveu contraditoriamente a violação sistemática de direitos civis e políticos daqueles setores da sociedade que faziam oposição à ditadura varguista. Destaque também as características centrais do “trabalhismo”, realçando o forte apoio popular a Getúlio Vargas e ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), nos momentos finais do Estado Novo e no contexto democrático inaugurado com a queda de tal regime, em fins de 1945.

Outras histórias

Lutas sociais

- Os xavantes recusaram qualquer aproximação com funcionários do governo, homens da cidade e, inclusive, com outras comunidades indígenas. Os xerentes e os karajás apoiaram a Marcha para o Oeste, desde que o governo brasileiro cumprisse suas obrigações. Os tembés também apoiaram, mas formularam críticas.

De olho na BNCC

Lembre-se de que ao discutir em sala de aula tanto as relações entre o Estado Novo e as classes trabalhadoras quanto a situação dos povos indígenas durante a Era Vargas, você estará promovendo também o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI06 – Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade).
- EF09HI07 – Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as pautas dos povos indígenas, no contexto republicano (até 1964), e das populações afrodescendentes.

Atividade complementar

O Estado Novo e as classes trabalhadoras

Muitas cartas chegavam no Palácio do Catete, sede do governo. Eram cartas de trabalhadores com muitos pedidos a Getúlio Vargas. No caso da carta abaixo, Sebastião Nogueira se refere ao Código da Família. Tratava-se de projeto de nova lei social que daria auxílio financeiro a famílias com muitos filhos. Peça aos alunos que leiam a carta com atenção e, depois, respondam à pergunta.

Pindamonhangaba, 3 de dezembro de 1939.

Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas.

[...] Peço licença a V. Excia. para juntar a esta uma fotografia, minha, de minha mulher e de meus filhos em número de onze, esperando que o governo patriótico do Estado Novo me ampare, dando-me trabalho e aos meus filhos a fim de que honesta e dignamente eu possa cuidar da manutenção e da instrução da prole, promovendo, assim, a grandeza do nosso querido Brasil.

Não quero, Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, uma esmola, mas preciso sim de trabalho e de assistência [...].

Não será isso, aliás, de admirar, pois o que pode ganhar, numa cidade do interior, um modesto ferreiro?

Subscrevo, patricio, admirador e criado.

Sebastião Nogueira.

Citado em MARTINS, Ana Paula Vosne. Dos pais pobres ao pai dos pobres: cartas de pais e mães ao presidente Vargas e a política familiar do Estado Novo. *Revista Diálogos*, v. 12, n. 2/3, p. 210, 2008.

- Por que Sebastião Nogueira diz que não quer “esmola”, mas “trabalho e assistência”?

Espera-se que os alunos reconheçam que Sebastião demonstra orgulho por ser um trabalhador. Por isso, não quer “esmola” do governo. Ele quer “trabalho e assistência”. Acrescente que a palavra “assistência” pode ser compreendida como sinônimo de lei social. Tratava-se do Código da Família, do qual ele tomou conhecimento pelos jornais.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Entre 1930 e 1945, os trabalhadores conquistaram seus direitos sociais e trabalhistas. Um desses direitos é a restrição ao trabalho infantil. Atualmente o trabalho da criança e do adolescente com menos de 14 anos é considerado crime.

Na sua cidade, você tem notícias sobre trabalho de crianças e adolescentes contrariando a legislação? Busque na internet e em jornais informações relacionadas à sua cidade. Em seguida, combine com o professor para que o tema seja apresentado em classe, permitindo que todos possam discutir sobre o problema do seu município.

QUE HÁ NAS IMAGENS?

Observe os dois cartazes produzidos pelo DIP na época do Estado Novo. O texto do primeiro cartaz faz referência às leis sociais. O segundo utiliza a palavra **trabalhista**. A associação das leis sociais ao projeto trabalhista não era casual. Analise os cartazes a partir da associação das duas expressões.



Cartaz de propaganda do governo Vargas. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC.

Cartaz do governo Vargas convocando trabalhadores para o desfile de 1ª de maio. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC.



Rumo à democracia

Em fins de 1944, o governo Vargas vivia situação contraditória: era um governo autoritário, mas tropas brasileiras lutavam ao lado de soldados de países democráticos contra o fascismo na Europa.

No início de 1945, Vargas anistiou os presos políticos e convocou eleições para presidente da República, deputados federais e senadores. Novos partidos políticos foram formados.

Um deles foi o Partido Social Democrático (PSD), criado pelos interventores dos estados. Sua base política estava localizada nas cidades do interior. O PSD defendia os princípios da democracia liberal e a obra de Vargas, mas era formado por políticos conservadores. Outro partido criado foi a União Democrática Nacional (UDN). Os udenistas defendiam o liberalismo econômico, mas também eram antigetulistas, antitrabalhistas e anticomunistas.

Dois partidos representavam os trabalhadores. O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), identificado com Vargas, defendia os direitos sociais e trabalhistas. Também ressurgia o Partido Comunista do Brasil (PCB).

O que há nas imagens?

O governo ressaltava os benefícios que os trabalhadores tiveram com as leis sociais. Ao mesmo tempo, associava a criação das leis trabalhistas a Getúlio Vargas. Esse processo, com outras políticas estatais, ficou conhecido como *trabalhismo*.

O seu lugar na História

Resposta pessoal. A atividade visa levar os estudantes a refletir sobre seus próprios direitos e sobre diferentes condições sociais e econômicas de brasileiros com a mesma idade deles.

O fim do Estado Novo

A UDN lançou seu candidato à presidência da República, o brigadeiro Eduardo Gomes, um dos sobreviventes da “Revolta dos 18 do Forte”. O PSD, contando com o PTB, apoiou a candidatura do ex-ministro de Vargas, o general Eurico Gaspar Dutra.

Em plena campanha eleitoral, surgiu um grande movimento popular chamado de “queremismo”, expressão que vem da frase “Nós queremos Getúlio”. Inúmeros trabalhadores e líderes sindicais queriam que Vargas permanecesse no cargo ou concorresse à presidência da República.

O movimento queremista cresceu tanto que os políticos da UDN e comandantes do próprio Exército ficaram preocupados. Assim, em 29 de outubro de 1945, um golpe militar tirou Vargas do poder.

Tudo indicava que o brigadeiro Eduardo Gomes venceria as eleições, mas Vargas divulgou um documento que ficou conhecido como “Ele disse”, apoiando Eurico Gaspar Dutra, que venceu as eleições presidenciais.

Entre a política e o teatro

A política brasileira continuou contando com a participação ativa de Abdias Nascimento. Foi um dos fundadores do Partido Trabalhista Brasileiro e um dos organizadores da Convenção Nacional do Negro. A Convenção apresentou projeto na Assembleia Nacional Constituinte propondo que o racismo fosse considerado crime contra a pátria. Em 1950, Abdias participou da organização do Congresso do Negro Brasileiro.

Abdias Nascimento continuou acreditando na capacidade transformadora do teatro. Atuou no Teatro Experimental do Negro até 1968. Perseguido pela ditadura militar (1964-1985), foi para os Estados Unidos, onde lecionou em várias universidades. Somente em 1979, com a anistia, ele pôde voltar ao Brasil e continuar sua luta contra o racismo.



Abdias durante a cerimônia da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora, em 2006.

Para desenvolver O fim do Estado Novo

Na análise com a turma dos momentos finais do Estado Novo, procure relacionar o trabalhismo com a forte presença popular nas ações do movimento queremista, bem como analise o papel de Getúlio Vargas na definição do resultado das eleições presidenciais de 1945. Ressalte também a trajetória política e social de Abdias Nascimento na segunda metade do século XX, notabilizando-se pela luta sistemática contra o racismo e em defesa de políticas públicas para a população negra.

Fique ligado

Abdias, raça e luta (Brasil). TV Senado, 2012. 60 min.

O documentário conta a trajetória do professor, artista plástico, escritor, teatrólogo, político e poeta Abdias Nascimento. Uma homenagem a um dos pioneiros do movimento negro no Brasil. Disponível em: <www.senado.leg.br/noticias/TV/Video.asp?v=163806&m=172128>. Acesso em: 16 out. 2018.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, a seu critério, oriente os alunos a lerem a pergunta da página 116 e as respostas que elaboraram para ela. A seguir, se julgar adequado, estabeleça com a turma um debate sobre as diversas razões para a grande popularidade de que Getúlio Vargas desfrutava nos momentos finais da ditadura do Estado Novo (1937-1945).

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 116?

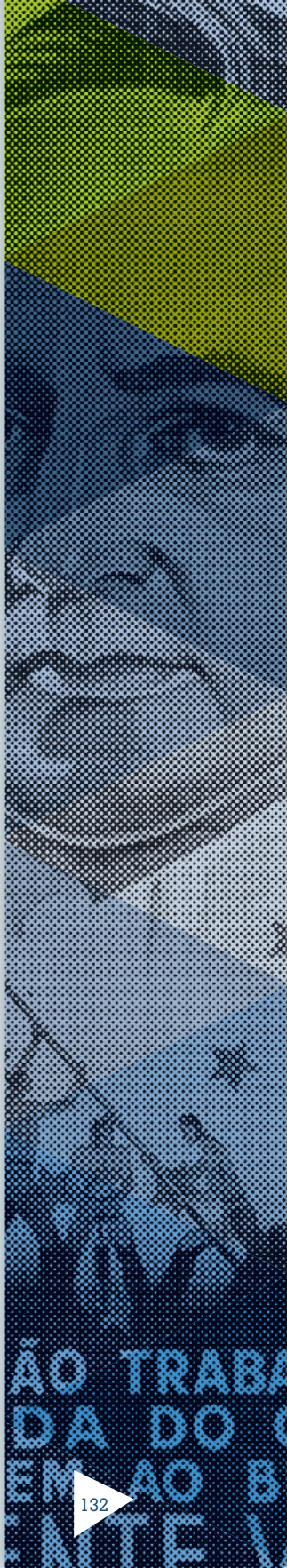
Créditos das imagens de baixo para cima: Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Reprodução/Museu da República, Rio de Janeiro, RJ.; Acervo do autor/Arquivo da editora; Acervo Iconographia/Reminiscências; Reprodução/AlB/Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, RJ.; Acervo Iconographia/Reminiscências; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC; Reprodução/Arquivo da editora

131

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Diante da grave crise econômica, Vargas suspendeu o pagamento da dívida externa. Além disso, seu governo comprou as safras de café dos fazendeiros e as queimou. Com essa iniciativa, os preços do café no mercado internacional aumentaram, beneficiando a economia brasileira. Com relação às reivindicações dos trabalhadores, o Governo Provisório decretou leis sociais e trabalhistas, além de criar o sistema público de saúde e de educação básica.
2. As diferenças eram muitas. A AIB tinha como referência o fascismo europeu e pretendia instaurar no Brasil um regime autoritário. Os integralistas eram contra o regime democrático e as liberdades individuais e não aceitavam quem pensasse diferente deles. A ANL, ao contrário, combatia o fascismo e defendia o regime democrático e os direitos individuais. Em seu programa constavam também a reforma agrária e a luta contra o imperialismo.
3. O Poder Legislativo foi extinto, tendo sido fechados o Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados, as Assembleias Legislativas e as Câmaras dos Vereadores; os partidos políticos foram proibidos de atuar, as eleições foram suspensas, os meios de comunicação sofreram censura prévia, uma nova Constituição foi imposta ao país, a polícia impediu as manifestações oposicionistas e a propaganda política do DIP criou uma imagem positiva do governo.
4. O governo incentivou as indústrias nacionais com impostos menores, enquanto os aumentava para produtos importados. Além disso, realizou investimentos nas áreas de energia elétrica, petróleo, mineração e siderurgia. Construiu a Usina Hidrelétrica do São Francisco, criou o Conselho Nacional do Petróleo e fundou a Companhia Vale do Rio Doce e a Companhia Siderúrgica Nacional. Com isso, o governo de Vargas lançou as bases da industrialização brasileira.



132

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Cite as principais iniciativas do Governo Provisório para enfrentar a crise econômica e para atender antigas reivindicações dos trabalhadores.
- 2 | Comente as diferenças entre a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora.
- 3 | Quais são as principais características do Estado Novo?
- 4 | Que medidas o governo Vargas tomou para industrializar o país?
- 5 | Como o governo Vargas atuou na área cultural?
- 6 | Por que a ditadura do Estado Novo chegou ao fim em 1945?
- 7 | O que Luiz Carlos Prestes tem a ver com a insurreição comunista de 1935?
- 8 | Qual é a relação estabelecida nessa época entre cidadania e direitos do trabalho?



- 9 | Por que a frase a seguir é falsa?

A Ação Integralista Brasileira era um movimento democrático e defendia a tolerância na convivência com outros grupos políticos e sociais.



- 10 | Por que as cidades de Natal e Recife e o arquipélago de Fernando de Noronha foram importantes para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial?

PESQUISA

Realize uma entrevista com seus avós ou com uma pessoa idosa que você conheça. Procure saber como era o cotidiano na época em que eles eram crianças. Também pode perguntar como era a alimentação e que aparelhos domésticos eram comuns naquela época.

Antes de realizar a entrevista, faça um roteiro de temas e perguntas. Você pode, por exemplo, perguntar como as crianças brincavam ou como era a educação em casa e na escola.

Muitas outras perguntas podem ser formuladas no seu roteiro. Registre a entrevista, gravando-a em áudio ou em vídeo ou, ainda, anotando tudo o que ouvir. Você terá um importante relato sobre como as pessoas viviam no passado. Com o apoio do professor, você pode apresentar o trabalho em sala de aula. Mas, para isso, é necessário que o entrevistado dê permissão.



Professora e alunos em uma sala de aula. Fotografia de John Phillips, 1939.

John Phillips/Time Life Inc./Getty Images

5. A cultura nacional foi valorizada. Artistas e intelectuais apoiaram a política cultural do governo, que deixou de ter a Europa como padrão a ser seguido, e reconheceu e valorizou a cultura nacional. O samba, a capoeira e o carnaval foram reconhecidos como autênticas criações da cultura popular. O governo também apoiou o teatro, o cinema e a publicação de livros.
6. O Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial aliado a países democráticos ocidentais, como Estados Unidos e Reino Unido, contra países de regimes autoritários, como Itália e Alemanha. O governo brasileiro também enviou soldados, que integraram

a Força Expedicionária Brasileira, para lutar na Itália. Criou-se, assim, uma contradição: o governo brasileiro era uma ditadura autoritária, mas aliado de países democráticos contra o fascismo e o nazismo. Com a derrota do nazismo e do fascismo europeus, a ditadura brasileira não tinha mais como se manter no poder. No início de 1945, Vargas convocou eleições para dezembro daquele ano.

7. O líder comunista Luís Carlos Prestes, com apoio do Partido Comunista do Brasil (PCB) e de antigos amigos do movimento tenentista, tentou derrubar o governo Vargas. Ocorreram

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

O filme *Alô Amigos* (*Saludos Amigos*, em espanhol, e *Hello Friends*, em inglês) foi lançado pelos estúdios Walt Disney em 1942. A imagem abaixo, copiada de uma das cenas da animação, expressa a maneira como os desenhistas estadunidenses da empresa de Walt Disney imaginavam que era o Brasil. Observe a imagem e responda às questões.



Cena da animação *Alô Amigos*, de 1942.

- 1 | O personagem Zé Carioca, à direita, foi inventado por Disney para representar o Brasil. Segundo a interpretação de Disney, que características fazem de Zé Carioca um personagem brasileiro?
- 2 | Em sua opinião, por que Pato Donald, personagem que representa os Estados Unidos, aparece se divertindo com Zé Carioca justamente no ano de 1942?

O PASSADO PRESENTE

Em 2007, o jornal *Folha de S.Paulo* promoveu eleição para conhecer o “Maior Brasileiro de Todos os Tempos”. Foram consultadas 200 pessoas, cada uma delas reconhecida em sua área de atuação: políticos, intelectuais, religiosos, artistas, publicitários, empresários, jornalistas, militares e esportistas. Getúlio Vargas foi eleito em primeiro lugar.

Mesmo tendo passado mais de cinquenta anos de sua morte, ocorrida em 1954, Getúlio Vargas foi considerado o mais importante brasileiro de todos os tempos.

- Em sua opinião, quais são as razões para que seu nome seja lembrado dessa maneira?

vessar o Oceano Atlântico e chegar ao norte da África, necessitava de bases no Nordeste brasileiro. As cidades de Natal e Recife e o arquipélago de Fernando de Noronha tornaram-se estratégicos para os militares estadunidenses.

Pesquisa

Resposta pessoal. Esta atividade permite aos estudantes perceber o seu próprio cotidiano como algo histórico, pois, com a entrevista, poderão ter consciência das transformações no modo de vida das pessoas ao longo do tempo. Além disso, poderão refletir sobre como as mentalidades se modificam, também, por meio da relação com a vida cotidiana.

Imagens contam a história

1. Zé Carioca é um papagaio, pássaro típico da fauna brasileira. Sua plumagem é verde e amarela e o próprio nome revela quem ele é: “Zé”, apelido bastante popular no Brasil, e “Carioca”, isto é, nascido no Rio de Janeiro. Como o filme é dos anos 1940, ele usa chapéu de palha, muito comum nessa época, além de um guarda-chuva, necessário em um país tropical onde as chuvas são torrenciais.
2. Em 1942, os governos brasileiro e estadunidense se aliaram na luta contra a Alemanha. Desse modo, o estadunidense Pato Donald tornou-se amigo e se diverte com o brasileiro Zé Carioca.

O passado presente

Resposta pessoal. É possível que os estudantes relacionem esse reconhecimento às reformas sociais aprovadas em seu governo. Provavelmente, as pessoas entrevistadas acreditam que o impacto da trajetória política de Getúlio Vargas é duradouro.

levantes comunistas em novembro de 1935 nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. Com o fracasso do movimento, os comunistas foram perseguidos e Prestes ficou preso até 1945.

8. Nos anos 1930, as leis trabalhistas e a criação de sistemas públicos de saúde e educação tiveram repercussão positiva entre os trabalhadores. Pela primeira vez em sua história, os trabalhadores brasileiros tiveram acesso a direitos sociais, uma das vertentes dos direitos de cidadania. A partir de 1942, o governo de Vargas realizou esforços para associar os direitos de

cidadania aos direitos do trabalho. Criou-se, no Brasil, a crença de que ser cidadão era ter direitos trabalhistas.

9. A Ação Integralista Brasileira (AIB) era fortemente influenciada pelo fascismo europeu. Os integralistas eram contra a democracia e as liberdades individuais e intolerantes contra quem pensasse diferente deles. Defendiam um governo ditatorial e práticas autoritárias na convivência social.
10. O governo dos Estados Unidos necessitava alcançar o norte da África para ampliar sua luta contra os alemães. Seus aviões, no entanto, não tinham autonomia de voo para tanto. Para atra-

Unidade 3 Nos tempos da Guerra Fria

Unidade composta dos capítulos 8, 9, 10 e 11, vinculados, respectivamente, ao estudo da Guerra Fria, das lutas por direitos civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960, dos movimentos de emancipação na África e dos conflitos no Oriente Médio na segunda metade do século XX. A princípio, a análise se concentra nos contornos assumidos pelas disputas geopolíticas entre os Estados Unidos e a União Soviética no auge da Guerra Fria, compreendendo o período que se estende do término da Segunda Guerra Mundial ao final da década de 1960, com destaque também para as corridas espacial e armamentista nuclear protagonizadas então por essas duas superpotências. Na sequência, nos capítulos 9 e 10, serão examinadas tanto as lutas sociais nos EUA contra a segregação racial e por direitos civis quanto os movimentos de resistência ao regime do *apartheid* na África do Sul, realçando o papel que tiveram em tais lutas, respectivamente, o norte-americano Martin Luther King (1929-1968) e o sul-africano Nelson Mandela (1918-2013), dois dos líderes mundiais mais importantes do século XX. O capítulo 10 aborda ainda os processos de superação do colonialismo e de emancipação política de diversos países africanos nos anos 1950, 1960 e 1970, enquanto o capítulo 11 enfoca as transformações no Oriente Médio no curso do século XX, analisando de modo especial as tensões crescentes entre árabes e israelenses e os conflitos bélicos na região, nos quais os Estados Unidos se envolveram diretamente.

A imagem de abertura da Unidade 3 é uma fotografia de jovens participantes do *Woodstock Music & Art Fair*, que aconteceu entre 15 e 18 de agosto de 1969 numa propriedade rural no interior do estado norte-americano de Nova York. Marco importante da contracultura da virada dos anos 1960 e 1970, o Festival de Woodstock, como ficou internacionalmente conhecido, reuniu cerca de 400 mil pessoas e nele se apresentaram trinta e dois músicos ou bandas, incluindo nomes como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Joan Baez, Richie Havens, Santana, Creedence Clearwater Revival e Jefferson Airplane.



134

Competências Gerais da Educação Básica	Competências Específicas de Ciências Humanas	Competências Específicas de História
CG1, CG3, CG5, CG8, CG10	CCH2, CCH5, CCH7	CEH2, CEH7

Créditos das imagens de baixo para cima: Wikipedia/ Wikimedia Commons/Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA; Granger/ Fotoarena, Fine Art Images/ Album/Fotoarena

VAMOS ESTUDAR

- » CONFLITOS ENTRE ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA APÓS 1945
- » DOCTRINA TRUMAN
- » PLANO MARSHALL
- » A FORMAÇÃO DOS PAÍSES SOCIALISTAS NA EUROPA ORIENTAL
- » O MURO DE BERLIM
- » TERROR ATÔMICO
- » REVOLUÇÃO CHINESA
- » GUERRA DA COREIA
- » LUTAS DE NEGROS E MULHERES POR DIREITOS
- » CONTRACULTURA E REVOLTAS DE MAIO DE 1968
- » GUERRA DO VIETNÃ
- » O APARTHEID NA ÁFRICA DO SUL
- » PAN-AFRICANISMO
- » ÁFRICA: DIVERSIDADE CULTURAL E POLÍTICA
- » A INDEPENDÊNCIA DOS POVOS AFRICANOS
- » AS GUERRAS ENTRE ÁRABES E ISRAELENSES
- » A REVOLUÇÃO IRANIANA
- » A PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO

Vista do palco de show do Festival de Woodstock, realizado na cidade de Bethel, Nova York, Estados Unidos, em 1969.

3

UNIDADE

NOS TEMPOS DA GUERRA FRIA

Nos tempos da Guerra Fria, o mundo estava dividido em dois modos de vida: o capitalista e o comunista. As tensões entre Estados Unidos e União Soviética resultaram no medo de uma guerra nuclear. O mundo conheceu o terror atômico. Na cidade de Berlim, um muro dividiu não apenas a cidade, mas o mundo.

Milhares de pessoas morreram em guerras e outras participaram de revoluções. Jovens de vários países, insatisfeitos com as guerras e antigas tradições, tinham como lema “paz e amor”.

Essa época foi também de luta das mulheres e dos negros pelos seus direitos. Todos deveriam ser tratados como iguais. Na África, surgiram novos países independentes, mas a superação da pobreza e o direito de viver em paz são lutas que continuam.

135

Objetivos da Unidade

- Analisar as causas e consequências das tensões crescentes entre os Estados Unidos e a União Soviética no contexto geopolítico do pós-Segunda Guerra Mundial, destacando a formação dos dois blocos político-ideológicos, econômicos e militares hegemônicos por essas duas superpotências.
- Examinar as repercussões geopolíticas no contexto da Guerra Fria tanto da Revolução Chinesa e da Guerra da Coreia quanto das corridas espacial e armamentista nuclear.
- Realçar a importância de movimentos sociais nos Estados Unidos entre os anos 1950 e 1970, principalmente os vinculados às lutas por direitos civis, por igualdade de gênero e de protesto contra a Guerra do Vietnã.
- Avaliar os movimentos de contracultura e as manifestações realizadas no ano de 1968 por jovens de várias partes do mundo contra o autoritarismo e a favor da democracia e da liberdade.
- Realçar os graves problemas que séculos de colonialismo europeu produziram na África, destacando tanto a diversidade étnico-cultural e geográfica desse continente quanto as características e iniciativas principais do pan-africanismo.
- Analisar as repercussões mundiais da luta do Congresso Nacional Africano (CNA) e de Nelson Mandela contra o regime do *apartheid* na África do Sul durante quase toda a segunda metade do século XX.
- Analisar os movimentos de independência árabes e de formação de Israel, no curso do século XX, bem como os crescentes conflitos militares no Oriente Médio e as ações da Organização das Nações Unidas (ONU) em prol da paz nessa região.

Habilidades da BNCC trabalhadas na Unidade

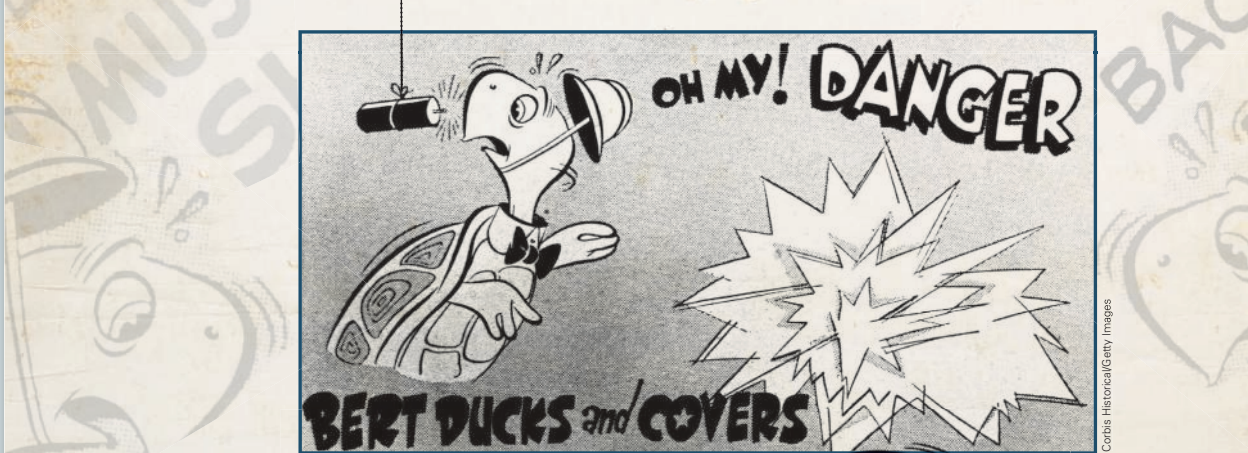
EF09HI14	EF09HI15	EF09HI16	EF09HI28	EF09HI31	EF09HI35	EF09HI36
----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------

Capítulo 8 A Guerra Fria

O capítulo analisa o contexto geopolítico e as transformações econômicas e sociais no mundo entre 1945 e o final da década de 1960, com ênfase no exame tanto dos contornos assumidos pela Guerra Fria nesses anos quanto das causas da Revolução Chinesa e seus desdobramentos. O personagem microanalítico e o espaço geográfico que o capítulo destaca são o cosmonauta soviético Yuri Gagarin e o atol de Bikini, objetos de grande atenção da imprensa mundial em razão das suas respectivas vinculações com a conquista do espaço sideral e a corrida armamentista nuclear que marcaram essa época.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar o contexto geopolítico do pós-Segunda Guerra Mundial, realçando as causas e as consequências das tensões crescentes entre duas grandes superpotências, os Estados Unidos e a União Soviética, bem como o papel desempenhado pela Organização das Nações Unidas (ONU) nos seus primeiros anos de existência.
- Realçar o papel dos Estados Unidos nos processos de reconstrução econômica dos países capitalistas mais duramente afetados pela Segunda Guerra Mundial, principalmente as nações da Europa ocidental e o Japão.
- Examinar os avanços tecnológicos realizados durante as corridas espacial e armamentista nuclear, com suas repercussões geopolíticas no contexto da Guerra Fria.
- Analisar a constituição e consolidação, sob a hegemonia da União Soviética, do bloco socialista, sobretudo no Leste Europeu.
- Compreender as causas centrais e as principais consequências da Revolução Chinesa e da Guerra da Coreia.



HE'S SMART, BUT **HE** HAS HIS SHELTER ON HIS BACK...
YOU MUST LEARN TO FIND SHELTER

Durante a Guerra Fria, a Defesa Civil dos Estados Unidos produziu textos e filmes que orientavam a população a se defender de uma guerra nuclear. Um dos mais conhecidos é o filme *Duck and Cover* (Ocultar e proteger), produzido em 1951.

O objetivo era mostrar, sobretudo para as crianças, como se proteger da explosão de uma bomba nuclear: abaixando-se e procurando algo para se cobrir, seja na escola, seja em casa. O cartaz dizia que a tartaruga Bert tinha seu abrigo nas costas. Era preciso que cada um encontrasse seu próprio abrigo.

CAPÍTULO

8

A GUERRA FRIA

A Segunda Guerra Mundial chegou ao fim em 1945.

Mas o ato final dessa guerra ocorreu com a explosão de duas bombas atômicas no Japão.

O mundo, a partir daí, não seria mais o mesmo.

Dos escombros da Segunda Guerra, surgiram dois poderosos países, Estados Unidos e União Soviética.

Com diferentes regimes políticos – capitalista e comunista, respectivamente – e em constantes conflitos, ambos os países estavam armados com artefatos nucleares de enorme capacidade destrutiva. Surgiram também dois blocos de países alinhados com essas grandes potências.

Em uma guerra convencional, seus arsenais atômicos destruiriam o planeta. Embora rivais e com vários enfrentamentos, a guerra entre eles tornou-se fria. Uma Guerra Fria.

Vários foram os episódios dessa guerra de ameaças: o muro de Berlim, a conquista do espaço, a revolução na China e a guerra na Coreia foram alguns deles.

A Guerra Fria tornou o mundo muito perigoso.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Com os conhecimentos que temos hoje sobre os possíveis efeitos de uma guerra nuclear, é correto afirmar que basta se cobrir com algum objeto para escapar ileso de uma explosão atômica e dos efeitos da radiação?

Créditos das imagens de baixo para cima: Fine Art Images/Album/Fotoarena; Associated Press/Glow Images; R. Sandens/Associated Press/Glow Images; NASA/NewsMakers/Hulton Archive/Getty Images; Sputnik/Agência France-Presse; Peter Probst/Alamy/Fotoarena

136

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI14 EF09HI15 EF09HI16 EF09HI28 EF09HI31

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Cobrir-se com algum objeto é ineficaz tanto para se proteger das ondas de calor e choque e da destruição material associadas a uma explosão atômica quanto dos efeitos altamente nocivos que a radiação nuclear produz sobre os seres humanos e outras espécies da natureza.

▶ O jovem Gagarin em um mundo atômico

Em 1934, em uma fazenda coletiva a oeste de Moscou, na União Soviética, nasceu um garoto. Ele recebeu o nome de Yuri Gagarin. Sua família era muito pobre. Ele tinha três irmãos homens, mas, como seus pais trabalhavam, quem cuidou dele foi a única irmã.

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, em 1939, ele tinha 5 anos de idade. Sua família sofreu muito e Gagarin perdeu dois irmãos nas batalhas.

Com o fim do conflito, em 1945, o jovem Yuri Gagarin entrou para a escola. Ele tinha um professor de Matemática que, possivelmente, o influenciou pelo gosto por aviões. Por causa de sua origem pobre, o sonho de ser piloto foi deixado de lado e o jovem Yuri formou-se metalúrgico.

No entanto, quando cursava o ensino técnico, Gagarin ingressou em um aeroclube e logo estava pilotando pequenos aviões. Sua vocação era a aviação.

Enquanto isso, o governo dos Estados Unidos decidiu realizar testes com bombas nucleares. O lugar escolhido foi o **atol** de **Bikini**, ou Pikini, formado por 23 ilhas na Micronésia, no oceano Pacífico.

No início de 1946, militares estadunidenses convenceram os 176 habitantes das ilhas a deixá-las. Eles alegaram que testes com bombas nucleares seriam realizados no local. Para os militares, Bikini era o lugar ideal para explodir bombas porque estava longe das rotas marítimas.

A seguir, começaram os testes nucleares. Entre 1946 e 1958, das 66 bombas detonadas na região, 23 foram em Bikini.

Mas por que tantas bombas nucleares foram detonadas a partir de 1946 naquele lugar? E qual a relação entre o jovem Yuri Gagarin e os testes nucleares realizados pelos Estados Unidos?

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que o biquíni foi inventado por um francês? Em julho de 1946, o estilista francês Louis Réard inventou um modelo que constava de apenas duas peças, deixando a barriga à mostra. A ousadia foi tamanha que ele mesmo comparou sua invenção a uma explosão nuclear, como as que ocorriam no atol de Bikini.

Atol: grupo de ilhas dispostas de forma fechada, uma ao lado da outra. Ao centro delas, forma-se uma lagoa.

Bikini: na língua nativa dos habitantes daquele atol, significa "gente plantando coco".

Teste com bomba nuclear realizado no atol de Bikini, em 1946.

Para desenvolver

Yuri Gagarin

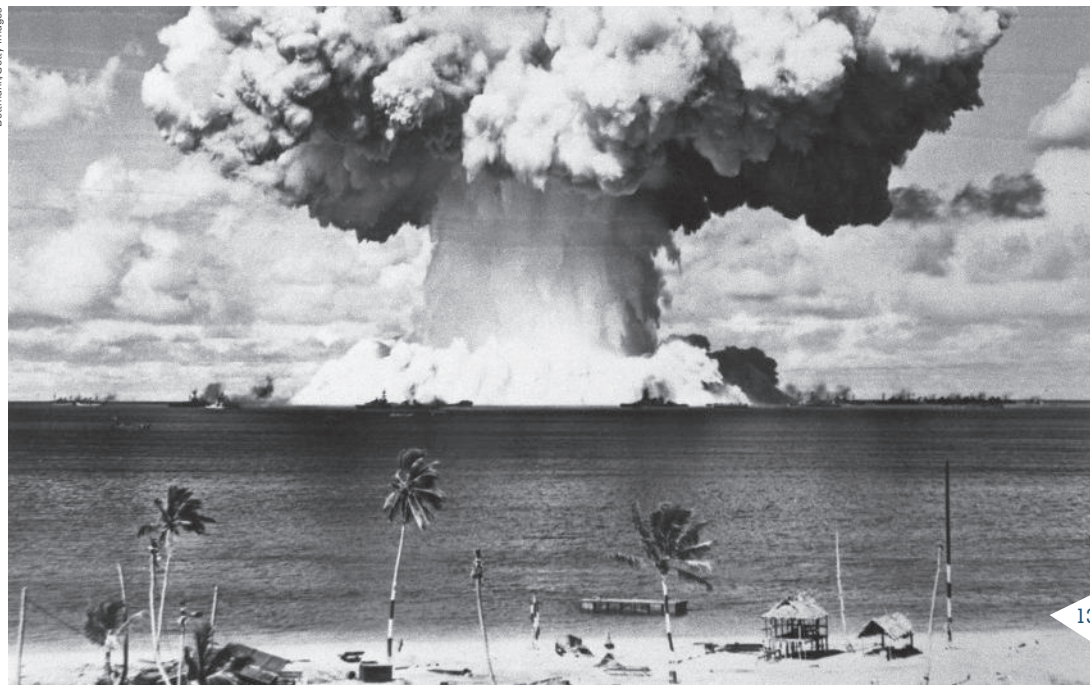
Apresente para a turma a história de vida do cosmonauta soviético Yuri Gagarin, realçando que a sua infância transcorreu em um período em que o seu país, a União Soviética, enfrentava uma guerra de enormes proporções contra as tropas da Alemanha nazista, tema abordado no capítulo 6. Enfatize também que a adolescência de Gagarin se iniciou quando a União Soviética, uma das principais potências vitoriosas ao final da Segunda Guerra Mundial, entrou em uma fase de significativa reconstrução de suas estruturas econômicas, com fortes investimentos estatais nas áreas da educação, da saúde e da habitação, o que em grande medida possibilitou que um jovem de origem pobre e rural alcançasse as condições necessárias para se tornar, em 12 de abril de 1961, o primeiro homem a viajar pelo espaço, aos 27 anos de idade.

Atol de Bikini

Com relação ao atol de Bikini, esclareça para os alunos que um atol resulta de recifes de corais que crescem ao largo de um vulcão desgastado, podendo assim ter a forma circular. Explique também que, em março de 1946, todos os habitantes do atol de Bikini foram transferidos para o atol de Rongerik, a duzentos quilômetros de distância, lugar com pouca água e comida, abandonados em acampamentos improvisados, durante anos, sem nenhuma ajuda ou apoio.

Além disso, durante as explosões nucleares, nuvens radioativas atingiram ilhas próximas ao atol de Bikini, resultando em doenças e morte de seus habitantes. Até os marinheiros nos navios de guerra estadunidenses foram vítimas da radiação. O atol tornou-se um lugar mortífero por causa da radiação, e durante 40 anos ninguém pôde se aproximar do local.

Bettmann/Getty Images



137

Para desenvolver

A geopolítica após a guerra

Na análise inicial do contexto geopolítico da Europa após a Segunda Guerra Mundial, ressalte para a turma que mesmo antes do encerramento desse conflito militar os líderes das principais potências aliadas – Estados Unidos e Inglaterra – realizaram conferências para discutir o futuro da Europa e de outras regiões do mundo depois que as forças do Eixo fossem definitivamente derrotadas. Apresente aos alunos e debata com eles os temas centrais e as decisões mais relevantes das conferências de Teerã [entre novembro e dezembro de 1943], Yalta [em fevereiro de 1945] e Potsdam [entre julho e agosto de 1945].

De olho na BNCC

Ao falar das conferências entre as potências hegemônicas ao final da Segunda Guerra Mundial, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

Serão abordadas ainda, neste estudo, as habilidades a seguir, pois a criação da ONU e sobretudo o julgamento e a punição dos crimes contra a humanidade cometidos pelos chefes nazistas estão também entre as principais resoluções das conferências do pós-guerra:

- EF09HI15 – Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.
- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

1944: Reunião de Breton Woods.

Acordos rompidos

Durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a Inglaterra tiveram um aliado muito importante na luta contra a Alemanha: o governo comunista da União Soviética.

Os governos dos Estados Unidos e da Inglaterra repudiavam o comunismo. Mas, para vencer a Alemanha, eles necessitavam das forças militares soviéticas – o Exército Vermelho. Assim, durante a guerra, os três países tornaram-se aliados.

Em 1943, na **Conferência de Teerã** (no Irã), e no início de 1945, na **Conferência de Yalta** (na URSS), o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, o primeiro-ministro da Inglaterra, Winston Churchill, e o líder da União Soviética, Joseph Stalin, conversaram sobre o futuro da Europa após a guerra. Nas duas reuniões, eles chegaram a vários acordos, como a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a divisão da Alemanha em quatro áreas: a soviética, a inglesa, a francesa e a estadunidense.

Stalin exigiu que os países do Leste Europeu – Bulgária, Romênia, Polônia, Hungria e Tchecoslováquia – tivessem governos favoráveis à União Soviética. Roosevelt e Churchill concordaram.



Em 4 de fevereiro de 1945, o primeiro-ministro britânico Winston Churchill (à esquerda), o presidente estadunidense Franklin Roosevelt (no centro) e o líder soviético Joseph Stalin (à direita) se reuniram na cidade de Yalta, na União Soviética.

Ao final da guerra na Europa, ocorreu uma terceira reunião, a **Conferência de Potsdam**, na Alemanha. O primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, e o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, não se mostravam dispostos a cumprir os acordos anteriores. Eles não queriam que os países do Leste Europeu ficassem sob a influência soviética.

Dias depois do encontro em Potsdam, os Estados Unidos lançaram uma bomba nuclear sobre a cidade de Hiroshima, no Japão.

CÁ ENTRE NÓS

Ao final da Segunda Guerra Mundial, os países que apoiavam os Estados Unidos concordaram que era necessário estabelecer normas para o comércio mundial que evitassem novas guerras e controlassem a circulação de capitais pelo mundo. Em julho de 1944, na cidade estadunidense de Bretton Woods, 43 países – entre eles o Brasil – participaram do encontro que definiu a nova ordem econômica mundial. Foram criados o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, e definiu-se que a moeda dos Estados Unidos, o dólar, seria adotada para as transações comerciais e financeiras internacionais.

Fique ligado

Julgamento em Nuremberg (EUA). Direção de Stanley Kramer, 1961. 186 min.

Após a Segunda Guerra Mundial, um juiz estadunidense é convocado para chefiar o julgamento de quatro juristas alemães responsáveis pela legalização dos crimes cometidos pelos nazistas durante a guerra.

O Julgamento de Nuremberg (EUA). Direção de Yves Simoneau, 2000. 180 min.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, os países aliados reuniram-se em Nuremberg, na Alemanha, para decidirem o destino de oficiais nazistas, julgados por seus bárbaros crimes, cometidos nos campos de concentração, em nome do Terceiro Reich.

Stalin compreendeu que milhões de soldados do Exército Vermelho pouco valiam diante do poder avassalador das bombas atômicas. Mesmo assim, ele não cedeu. O Exército Vermelho já ocupava o Leste Europeu e a parte oriental da Alemanha. Toda a região permaneceria sob o controle da União Soviética.

A Segunda Guerra Mundial terminara, mas outra começava: a Guerra Fria.

Declarações de guerra

Winston Churchill, em 1946, usou uma expressão que ficou muito conhecida: “Uma cortina de ferro abateu-se sobre o continente.”.

Nessa referência à Europa, ele criticava a dominação soviética sobre o Leste Europeu e os países aprisionados em uma “cortina de ferro”. Também era uma crítica ao comunismo.

Mas o discurso mais duro contra a União Soviética e o comunismo foi proferido pelo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, um ano depois. O discurso ficou conhecido como **Doutrina Truman**. Para ele, o mundo estava dividido em dois sistemas que abrangiam aspectos políticos, econômicos, sociais e ideológicos.

Foi nesse contexto internacional que teve início a chamada **Guerra Fria**. Era uma guerra política e ideológica, mas sem o calor das armas. Cada lado se autoelogiava e criticava o outro.

A Europa e os países do bloco soviético



Fonte: elaborado com base em VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico: geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2011. p. 149.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... da Organização das Nações Unidas (ONU)? Para evitar uma nova guerra mundial, os governos dos Estados Unidos e da União Soviética concordaram em fundar, em 24 de abril de 1945, a ONU. A Assembleia Geral, formada por todos os países, formula recomendações, enquanto as decisões são tomadas pelo Conselho de Segurança. Cinco países são membros permanentes: Estados Unidos, Rússia, China, Reino Unido e França. Os outros dez são temporários. Hoje a organização agrega 193 países. Entre as várias atribuições, como a de promover a paz mundial, a ONU atua na defesa dos direitos humanos. Em 1948 a Assembleia Geral incorporou aos seus estatutos a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Nela estão contidos os direitos básicos dos seres humanos, como os direitos civis, políticos e sociais. A Declaração afirma: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”.

De olho na BNCC

Lembre-se de que, ao abordar as origens das divergências geopolíticas que levaram a uma “guerra fria” entre as potências responsáveis pela derrota das forças do Eixo, você promoverá o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses. Já a análise circunstanciada e o debate com os alunos do texto sobre a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e a aprovação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, presente na seção “Você já ouviu falar...”, aprofundam o trabalho com as habilidades:
- EF09HI15 – Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.
- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

Material digital

Para ampliar os temas abordados no bimestre, verifique, no plano de desenvolvimento, o projeto integrador *Eu defendo os Direitos Humanos para todos os seres humanos*.

Para desenvolver

Ressalte para a turma o contexto geopolítico em que as expressões “Cortina de Ferro”, “Doutrina Truman” e “Guerra Fria” surgiram, entre 1945 e 1947, tendo como referência a oposição e o temor da Inglaterra e dos Estados Unidos com relação à forte presença soviética no leste da Europa após a derrota definitiva das forças do Eixo. Explique aos alunos que, na perspectiva do governante soviético

Joseph Stalin, os países da Europa oriental formariam uma barreira para defender a União Soviética de um ataque vindo da Europa ocidental, caso uma nova guerra ocorresse. Com o auxílio do mapa, procure debater com eles essas perspectivas divergentes, as razões, os temores e as estratégias dos líderes daquelas nações no momento inicial da Guerra Fria.

Documento

1. O modo de vida que tem por base a vontade da maioria, as instituições livres, o governo eleito e, portanto, representativo, e as liberdades civis pode ser qualificado como muito bom. As palavras que justificam essa resposta são: livre, representativo, liberdade, libertação. O modo de vida baseado na vontade da minoria, imposta à maioria, escorado no terror e na opressão, pode ser qualificado como muito ruim, afirmação amparada pelas palavras imposta, força, terror, opressão, controle e supressão.
2. Truman era presidente dos Estados Unidos e, por isso, elogiou o modo de vida do seu país. Ao mesmo tempo, desmereceu o modo de vida do país inimigo, a União Soviética. Logo, ele não tinha isenção para avaliações positivas ou negativas dos modos de vida dos dois países.

Para desenvolver

Em relação à *Doutrina Truman*, enfatize para a turma que, em seu discurso de 12 de março de 1947, o presidente dos Estados Unidos Harry Truman expressou especial preocupação com a situação da Grécia e da Turquia, que solicitavam apoio político e financeiro do governo estadunidense para empreender suas respectivas reestruturações no pós-guerra e para deter o avanço de forças sociais internas simpatizantes do modelo representado na época pela União Soviética – que já estava sob forte crítica dos estadunidenses por causa da sua intensa presença na Polônia, na Romênia e na Bulgária. Destaque também como nesse mesmo discurso Harry Truman concebeu o papel da recém-criada Organização das Nações Unidas (ONU) alinhado aos principais objetivos da política externa dos Estados Unidos na época.

DOCUMENTO**Harry Truman fala ao Congresso dos Estados Unidos em março de 1947**

Para Harry Truman, o mundo estava dividido em dois sistemas políticos. Observe como o presidente estadunidense se posicionou diante do Congresso dos Estados Unidos, em discurso proferido em 12 de março de 1947.

No presente momento da história mundial é provável que cada nação tenha de escolher entre modos alternativos de vida. E tal escolha tem sido bem frequente.

Um modo de vida é baseado na vontade da maioria e é caracterizado por instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade para os indivíduos, liberdade de expressão e de religião e liberdade para evitar a opressão política.

O segundo sistema de vida se baseia na vontade de uma minoria que se opõe à maioria pela força. Ela implica em terror e opressão, controle da imprensa e do rádio, eleições fabricadas e supressão de liberdade pessoal.

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História do tempo presente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 19. (Col. Textos e Documentos, 7).



- 1 | Forme um grupo com seus colegas. Juntos, analisem o trecho do discurso do presidente estadunidense e qualifiquem os dois modos de vida em que ele afirmou estar o mundo dividido. Justifiquem sua resposta com palavras do texto.
- 2 | Discutam também outra questão: Truman tinha isenção para fazer essas avaliações? Justifiquem a resposta.

DPA/Picture Alliance/Associated Press/Glow Images

**A reconstrução do capitalismo**

Em 1945, os países europeus que participaram da guerra estavam destruídos: fábricas se encontravam paradas e milhões de homens e mulheres sofriam com o desemprego e a fome. O Japão também estava arruinado.

Somente os Estados Unidos saíram fortalecidos da guerra, tornando-se a maior potência econômica e militar do planeta.

Crianças alemãs brincam entre as ruínas de uma cidade ao final da década de 1940.

140 ► UNIDADE 3 | Nos tempos da Guerra Fria

Fique ligado

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre (Dir.). *História do século XX: 1945-1973*. O mundo entre a guerra e a paz (Volume 2). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

MIRANDA, Mônica Liz; FARIA, Ricardo de Moura (Org.). *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Contexto, 2003.

Os dois livros foram indicados para ajudar a ampliar os conhecimentos sobre temas históricos, geopolíticos e culturais relacionados à emergência da Guerra Fria.

O Plano Marshall

O governo dos Estados Unidos queria manter como aliado um conjunto de países capitalistas na Europa. Assim, em junho de 1947, o governo estadunidense anunciou o **Plano Marshall**, um plano de ajuda financeira. Bilhões de dólares foram emprestados a 16 países da Europa ocidental: Inglaterra, França, Itália, Holanda, Luxemburgo, Portugal, Bélgica, Grécia, Áustria, Turquia, Noruega, Islândia, Suécia, Suíça, Dinamarca e a futura Alemanha ocidental.

O Plano Marshall tinha o objetivo de reconstruir as economias capitalistas. Com os empréstimos recebidos, os países europeus poderiam importar produtos das indústrias dos Estados Unidos. O Japão também recebeu financiamento para recuperar sua economia. Observe que isso beneficiaria a própria economia estadunidense.

Mas o grande objetivo do governo dos Estados Unidos com o Plano Marshall era impedir a expansão do comunismo em sua área de influência: a Europa ocidental.

Os Estados Unidos, desse modo, formaram um sólido bloco de aliados contra a União Soviética e o comunismo: os países capitalistas da Europa ocidental, o Japão e a América Latina.

Em 1949, os Estados Unidos, o Canadá e países da Europa ocidental fundaram a **Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan)**. Tratava-se de um pacto militar: se um dos países da Otan fosse atacado por um país inimigo, todos os outros deveriam defender o aliado. A Guerra Fria tornava-se cada vez mais quente.

CÁ ENTRE NÓS

É importante observar que a Doutrina Truman, o Plano Marshall e a criação da Otan fizeram parte de uma mesma estratégia do governo dos Estados Unidos: o enfrentamento com a União Soviética no contexto da Guerra Fria.

Inauguração do Euro Trem, na estação ferroviária de Munique, Alemanha, em 1951. Esse trem passava por várias cidades europeias. Com o financiamento do Plano Marshall, a malha ferroviária europeia foi reconstruída.



141

Para desenvolver

Na análise do *Plano Marshall* com a turma, procure realçar, a princípio, que esse programa de reconstrução econômica e de combate à fome e à pobreza em países da Europa ocidental recebeu tal nome em homenagem a seu idealizador, o general George Marshall, que era Secretário de Estado dos Estados Unidos. Durante os anos de sua vigência, entre 1947 e 1952, o programa destinou cerca de 13 bilhões de dólares aos países integrantes da Organização Europeia

para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), criada para esse fim em 1948. Destaque também que a União Soviética e os países do Leste Europeu se recusaram a integrar tais iniciativas propostas sob a hegemonia dos Estados Unidos, que em 1949, aprofundando a aplicação da *Doutrina Truman*, comandaram também a fundação de uma poderosa aliança militar ocidental para fazer frente aos soviéticos, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan).

Fique ligado

JUDT, Tony. *Pós-guerra*. Uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BURUMA, Ian. *Ano zero*: Uma história de 1945. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Os livros acima citados, bem como os filmes indicados a seguir, abordam aspectos fundamentais da grave situação da Europa após a Segunda Guerra Mundial, a reconstrução econômica do continente e o período de prosperidade política e social que se seguiu nos países dessa região do mundo.

Ladrões de bicicleta [Itália]. Direção de Vittorio De Sica, 1948. 93 min.

Na cidade de Roma, no pós-guerra, homem consegue emprego para sustentar a família porque possui uma bicicleta, mas, quando ela é roubada, seu drama começa.

Alemanha, ano zero [Itália]. Direção de Roberto Rossellini, 1948. 70 min.

Garoto vivendo na Alemanha pós-guerra trabalha para sustentar o pai e os irmãos.

De olho na BNCC

Lembre-se de que ao trabalhar em sala de aula com os temas vinculados ao Plano Marshall e à Otan, você estará promovendo o desenvolvimento da habilidade:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

Para desenvolver

Ressalte para os alunos que no processo de formação do bloco socialista na Europa oriental, liderado pela União Soviética e integrado inicialmente por Bulgária, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia, Romênia e Albânia, houve a adoção do mesmo modelo de organização econômica, política e social vigente na União Soviética desde os anos 1930.

Destaque também que, à semelhança do que ocorreu no bloco antagônico liderado pelos Estados Unidos, a União Soviética patrocinou a formação de uma organização de cooperação econômica, o Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon), em 1949, e de uma aliança militar poderosa, o Pacto de Varsóvia, que tinha como *slogan* “União da Paz e do Socialismo”.

De olho na BNCC

Lembre-se de que ao trabalhar em sala de aula com os temas vinculados tanto à formação do bloco socialista, do Comecon e do Pacto de Varsóvia quanto às principais diferenças dos modelos estadunidense e soviético nesse contexto você estará promovendo também o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

Atividade complementar

Bloco capitalista e bloco socialista

Para promover uma melhor fixação dos conteúdos sobre a Guerra Fria abordados entre as páginas 139 e 142, em especial, sugerimos que você promova a construção com os alunos de um quadro comparativo entre “bloco capitalista” e “bloco socialista”, separados nas colunas principais, com suas respectivas características descritas em linhas com elementos como: “país líder do bloco”, “principais países integrantes”, “órgão de cooperação econômica”, “modelo econômico”, “modelo político e social”, “pacto militar”, entre outros itens de sua escolha.

▶ A consolidação do bloco socialista

A União Soviética foi o país que mais sofreu com a Segunda Guerra. Os campos foram devastados e as indústrias foram destruídas.

Com a reconstrução do país, os investimentos foram na indústria pesada: siderurgia, energia elétrica, petróleo, carvão, turbinas, aviões, etc. O setor de bens de consumo recebeu investimentos mínimos.

O modelo de socialismo soviético inaugurado nos anos 1930 continuou após 1945: sistema de partido único, controle estatal dos meios de comunicação, perseguição policial aos opositores, estatização de todas as empresas, controle do Estado sobre a economia do país e poder pessoal de uma única liderança – Joseph Stalin. Houve, também, grandes investimentos nas áreas de educação, saúde e habitação.

O governo soviético impôs aos países da Europa oriental o mesmo modelo econômico e político.

Assim, formou-se o chamado **bloco soviético**, composto da União Soviética e dos países chamados **democracias populares**. As forças militares dos países do bloco soviético se uniram com a fundação do **Pacto de Varsóvia**, em 1955.

▶ A guerra é fria

A Guerra Fria tem origem na ambição dos Estados Unidos e da União Soviética de manterem suas áreas de influência no mundo.

Os Estados Unidos tinham como aliados os países da Europa ocidental, como a Inglaterra, a França e a Itália, entre outros. Tinham também como aliados o Japão e os países da América Latina.

A União Soviética, por sua vez, exercia domínio sobre os países da Europa oriental.

O mundo, a partir de 1947, conheceu uma ordem mundial bipolar, com dois poderosos países exercendo domínio econômico, político e ideológico em suas áreas de influência. Durante 40 anos, Estados Unidos e União Soviética viveram em **antagonismo** e conflitos periódicos.

Na época da Guerra Fria, o debate político e ideológico entre os defensores do capitalismo e do socialismo soviético foi intenso. Os partidários do sistema capitalista apoiavam a propriedade privada, a liberdade de iniciativa dos empresários, o livre mercado e as liberdades individuais. Na política, defendiam a democracia liberal, embora muitos países capitalistas vivessem sob ditaduras.

Os que apoiavam o modelo de socialismo existente na União Soviética – também chamado de comunismo – afirmavam que o Estado investia fortemente em saúde, educação e habitação, além de garantir o igualitarismo social.

▶ **Antagonismo:** forte oposição.

Fique ligado

Intriga Internacional (EUA). Direção de Alfred Hitchcock, 1959. 136 min.

Homem é confundido com um agente secreto e acaba envolvido em complicada trama política internacional.

ELEY, Geoff. *Forjando a democracia*. A história da esquerda na Europa, 1850-2000. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2005.

Para ampliar seus conhecimentos sobre a reconstrução da União Soviética e dos países integrantes do bloco socialista na Europa oriental e sobre o aumento gradual das tensões diplomáticas entre Estados Unidos e União Soviética durante os anos 1950 e 1960, indicamos o livro e o filme citados.

OUTRAS HISTÓRIAS CRENÇAS

Anticomunismo

Na época da Guerra Fria, uma das crenças mais divulgadas nos países capitalistas foi o anticomunismo. Escritores, jornalistas, políticos, religiosos, entre outros, descreveram os regimes comunistas de maneira extremamente negativa. Para eles, o comunismo era contra a família e a religião. Tratava-se de um regime político autoritário, antidemocrático e que não aceitava oposição. Também se dizia que não havia liberdade de imprensa e que ninguém poderia expressar livremente sua opinião.



O pôster produzido pelo Exército dos Estados Unidos, em 1956, faz propaganda anticomunista: "A lealdade de um americano... Mais forte que a traição comunista!". Arquivos Nacionais e Administração de Registros, Washington D.C., EUA.



- O pôster tem o objetivo de desqualificar e criticar o comunismo. Para isso, o desenhista usou como recurso a imagem de dois homens. Cite algumas características positivas e negativas de ambos contidas no desenho.

A divisão da Alemanha

A Alemanha chegou ao final da guerra destruída. O país foi dividido em quatro setores de ocupação militar: o soviético, o estadunidense, o francês e o inglês.

A cidade de Berlim tinha um estatuto especial. Ela também foi dividida em quatro setores, mas estava no território sob controle da União Soviética. Assim, a parte ocidental da cidade era administrada pelos países ocidentais, embora estivesse localizada no setor soviético.

O território alemão ocupado por estadunidenses, franceses e ingleses foi unificado e, em maio de 1949, surgiu um novo país: a República Federal da Alemanha, também conhecida como Alemanha ocidental. Tratava-se de um país capitalista, de regime liberal-democrático e alinhado com os Estados Unidos.

O governo de Stalin reagiu e o setor da Alemanha ocupado pela União Soviética tornou-se outro país: a República Democrática da Alemanha, também chamada de Alemanha oriental, com regime comunista e aliado da União Soviética.

CÁ ENTRE NÓS

Berlim ocidental recebia alimentos, combustíveis e mercadorias por caminhões e trens. Em julho de 1948, Stalin bloqueou a cidade. Seu objetivo era forçar a população de Berlim ocidental a aderir ao bloco soviético. O **Bloqueio de Berlim** foi o primeiro ato da Guerra Fria. O governo dos Estados Unidos levou os produtos por aviões. Dez meses depois o bloqueio foi suspenso.

Fique ligado

Anônima – Uma Mulher em Berlim (Alemanha/Polônia). Direção de Max Farberbock, 2008. 131 min.

Baseado em um livro de memórias anônimo de uma mulher alemã, revelado em 2003, tem como cenário a cidade de Berlim devastada ao final da Segunda Guerra Mundial e mostra o relacionamento proibido de uma fot-jornalista alemã com um oficial soviético.

RODEGHERO, Carla Simone. *Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

Para aprofundamento de seus conhecimentos sobre o anticomunismo e o macarthismo nos Estados Unidos nos anos 1950, indicamos esse livro, assim como os filmes a seguir.

Testa de ferro por acaso (EUA). Direção de Martin Ritt, 1976. 95 min.

Diante da perseguição anticomunista liderada por Joseph McCarthy, um homem assina os roteiros no lugar dos verdadeiros autores.

Boa noite e boa sorte (EUA). Direção de George Clooney, 2005. 93 min.

Nos anos 1950, apresentador de televisão crítica os métodos e as perseguições do senador Joseph McCarthy.

Daniel (EUA). Direção de Sidney Lumet, 1983. 130 min.

O filme narra o drama do casal Rosenberg, acusado de espionagem para a União Soviética e condenado à morte, do ponto de vista de seu filho.

Outras histórias

Crenças

- Enquanto a imagem do soldado e dos cidadãos estadunidenses é repleta de luz, a do comunista é escura, cinzenta e cheia de sombras. Os estadunidenses mostram o rosto, não precisam se esconder, mas o comunista se disfarça com casaco e chapéu, comprovando suas más intenções. O pôster define o cidadão dos Estados Unidos como leal a seu país e o comunista como um homem traiçoeiro. Portanto, uma das mensagens contidas no pôster é que todo estadunidense deve ser contra o comunismo.

Para desenvolver

As duas Alemanhas

Com o auxílio do mapa sobre a divisão da Alemanha, apresente à turma as características da República Federal da Alemanha (RFA), pró-Estados Unidos e com capital em Bonn, e da República Democrática da Alemanha (RDA), pró-União Soviética. A seguir, explique que a capital da RDA era Berlim Oriental e que a outra parte dessa cidade histórica – nessa época denominada Berlim ocidental – estava sob a influência capitalista dos Estados Unidos, da França e da Inglaterra. Enfatize que o bloqueio soviético de Berlim entre 1948 e 1949 foi um dos primeiros eventos do início da Guerra Fria e que para romper tal bloqueio, que impedia o acesso ocidental a essa cidade por sistemas de transporte rodoviário, ferroviário ou hidroviário, foi necessário criar uma ponte aérea para garantir, durante cerca de dez meses, o abastecimento de suprimentos, alimentos e combustível para Berlim ocidental, em um volume de carga total estimado em 2 milhões de toneladas.

De olho na BNCC

Lembre-se de que, ao trabalhar em sala de aula com os temas vinculados à divisão da Alemanha e de sua capital histórica, Berlim, bem como ao macarthismo nos Estados Unidos e às corridas armamentista nuclear e espacial – que aparecem entre as páginas 143 e 146, você promoverá também o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

Um muro separa o mundo



Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas Historique: toute l'histoire du monde en 300 cartes*. Paris: Larousse, 2016. p. 299.

Berlim estava dividida em duas partes: ocidental e oriental. Isso se tornou um problema para a Alemanha oriental e para a própria União Soviética, pois a parte oriental da cidade era a capital do país. Enquanto isso, na parte ocidental, a população vivia sob regime capitalista e protegida pelos Estados Unidos.

Não havia fronteiras rígidas entre as partes ocidental e oriental de Berlim. Ruas separavam os dois lados da cidade. Amigos e parentes que viviam nas partes oriental e ocidental se encontravam facilmente.

A partir de 1949, muitos cidadãos de Berlim sob o domínio

comunista se mudaram para a parte capitalista da cidade, onde encontravam bons empregos e melhores condições de vida. Calcula-se que, desse ano até 1961, cerca de 2,6 milhões de alemães cruzaram a fronteira e não voltaram.

Em agosto de 1961, os cidadãos de Berlim acordaram e viram soldados da Alemanha oriental construindo um muro que separava a cidade. Ninguém podia mais atravessar a fronteira. A construção, de 37 quilômetros, ficou conhecida como **Muro de Berlim**. Soldados armados com fuzis tinham ordens de atirar se alguém tentasse pular o muro. Depois, minas terrestres e armadilhas foram colocadas ao longo da fronteira.

A cidade foi separada. Nenhum cidadão da Alemanha oriental poderia sair do país. Em Berlim, amigos e parentes ficaram impedidos de se ver. Você seria capaz de imaginar uma situação como essa?

O Muro de Berlim foi o maior símbolo da Guerra Fria.

O terror atômico

A Guerra Fria ficava cada vez mais acirrada. No entanto, os Estados Unidos tinham um trunfo: a bomba nuclear. Em 1949, a União Soviética explodiu a sua primeira bomba.

Em 1952, os militares estadunidenses explodiram um novo tipo de bomba nuclear: a de hidrogênio, cujo poder destrutivo era muito mais devastador, mil vezes mais potente que a bomba lançada sobre Hiroshima. A explosão foi no atol de Bikini. Em 1958, os soviéticos também explodiram a sua própria bomba de hidrogênio.

FIQUE DE OLHO

Querido Muro de Berlim (Alemanha).

Direção de Peter Timm, 2009.
103 min.

Franzi é uma jovem que aluga apartamento em Berlim ocidental em frente ao Muro. Ela compra mantimentos em Berlim oriental. Franzi se envolve amorosamente com um guarda da fronteira, Sascha. O amor entre eles vira caso de política internacional no contexto da Guerra Fria.

Fique ligado

TAYLOR, Frederick. *O Muro de Berlim – Um mundo dividido 1961-1989*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KEMPE, Frederick. *Berlim, 1961: Kennedy, Kruschov e o lugar mais perigoso do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Essas duas obras historiográficas ajudam a ampliar as informações sobre o contexto internacional que resultou na construção do Muro de Berlim.

O espião que veio do frio (Reino Unido). Direção de Martin Ritt, 1965. 112 min. Espião britânico é enviado para a Alemanha Oriental, mas conclui que está sendo manipulado.

Um amor além do muro (Alemanha). Direção de Dominik Graf, 2006. 128 min. Quatro meses antes de começar a construção do Muro de Berlim, jovem se muda para a cidade de Dresden, no lado oriental da Alemanha, e se vê, como outros jovens da cidade, tendo de enfrentar a repressão cultural imposta pelo regime soviético.

A disputa ficou conhecida como **corrida armamentista**.

Estados Unidos e União Soviética cada vez mais aumentavam seus estoques de bombas nucleares.

O resultado foi o que muitos historiadores chamaram de **equilíbrio do terror**.

Se ocorresse uma guerra entre os dois países, não haveria vencedores. Ambos os países seriam totalmente destruídos. Ou melhor, a vida no planeta Terra seria aniquilada.

O terror atômico resultou no equilíbrio de forças entre Estados Unidos e União Soviética.

As duas potências preferiram evitar o conflito nuclear. Para isso, respeitaram as respectivas áreas de influência: os Estados Unidos deixaram os países do Leste Europeu sob o domínio soviético e a União Soviética, por sua vez, não promoveu revoluções comunistas na Europa ocidental e na América Latina.

FIQUE DE OLHO

Dr. Fantástico (Reino Unido/EUA). Direção de Stanley Kubrick, 1964. 103 min.

General anticomunista ordena que aviões bombardeiros ataquem a União Soviética com bombas nucleares. O presidente dos Estados Unidos e seus auxiliares tentam impedir o início da guerra nuclear.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Arte

Muitos filmes produzidos com ideias anticomunistas foram vistos nas telas dos cinemas. Nos anos 1950, por exemplo, Hollywood produziu obras cinematográficas em que marcianos invadiam a Terra. O mais conhecido é *A guerra dos mundos* (EUA, 1953), cuja mensagem era: assim como marcianos poderiam invadir a Terra, a União Soviética poderia invadir os Estados Unidos. Em *Vampiros de almas* (EUA, 1956), um filme de terror, a mensagem era a de que o comunismo poderia dominar a mente dos cidadãos.

As ideias anticomunistas foram muito divulgadas pelos meios de comunicação nos países capitalistas na época da Guerra Fria. Mas filmes com mensagens pacifistas também foram produzidos, alertando para o perigo de destruição da humanidade se ocorresse uma guerra nuclear. Um filme clássico conhecido pela mensagem pacifista é *O dia em que a Terra parou* (EUA, 1951).

- Com um grupo de colegas, assista a um dos filmes produzidos nos Estados Unidos com mensagens anticomunistas. Se vocês gostam do gênero ficção científica, escolham *A guerra dos mundos* (versão de 1953). Se a preferência do grupo for pelo gênero terror, assistam a *Vampiros de almas*. A seguir, assistam ao filme com mensagem pacifista *O dia em que a Terra parou* (versão de 1951). Depois, em uma folha à parte, façam uma **resenha** do filme – um texto pequeno, em que vocês descreverão o enredo. Chamem a atenção para a forma pela qual o filme expressa os receios que as sociedades tinham durante a época da Guerra Fria: comunismo e guerra nuclear. Vocês podem ilustrar as duas resenhas com cenas dos filmes. Ao final da atividade, com o apoio do professor, exponham as resenhas nos murais da escola.

Para desenvolver

A corrida armamentista

Ao analisar com a turma as informações relacionadas à corrida armamentista nuclear durante as primeiras décadas da Guerra Fria, procure comparar tal processo com as corridas armamentistas que ocorreram às vésperas e no curso da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais, temas abordados, respectivamente, nos capítulos 1 e 6 deste livro. Nesse sentido, explique para os alunos o significado da expressão “equilíbrio do terror” e seus desdobramentos nas estratégias e ações militares dos EUA/Otan e da URSS/Pacto de Varsóvia, sobretudo no tenso contexto geopolítico das décadas de 1950 e 1960.

Fique ligado

GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

O livro, bem como os filmes indicados a seguir, ajuda a ampliar os conhecimentos sobre “equilíbrio do terror” nos anos mais tensos da Guerra Fria.

Limite de segurança (EUA). Direção de Sidney Lumet, 1964. 112 min.

Por engano, bombardeiros estadunidenses recebem ordens para jogar bombas nucleares em Moscou, e o presidente dos Estados Unidos encontra dificuldades para que eles retornem.

O caso Bedford (EUA). Direção de James B. Harris, 1965. 102 min.

Em missão durante a Guerra Fria, comandante da Marinha estadunidense se vê envolvido em acidente que poderia provocar uma guerra nuclear.

A História não está sozinha

Arte

- Resposta pessoal. Por meio desta atividade, os estudantes podem perceber que os filmes nunca são neutros e que suas mensagens podem (e devem) ser historicizadas.

Atividade complementar

Linha do tempo ilustrada

Sugerimos que você organize seus alunos em grupos para que construam, sob sua orientação, uma *linha do tempo ilustrada* sobre a corrida espacial, assinalando a crescente competição entre os Estados Unidos e a União Soviética, nas décadas de 1950 e 1960, pela liderança nesta que foi uma das principais fronteiras científicas e tecnológicas no contexto da Guerra Fria. Dessa linha do tempo podem constar, a seu critério, as seguintes conquistas:

– Outubro de 1957: a União Soviética colocou em órbita o primeiro satélite artificial, o *Sputnik*.

– Novembro de 1957: a URSS enviou a cadela Laika ao espaço a bordo do *Sputnik II*.

– Janeiro de 1958: os Estados Unidos colocaram em órbita o seu primeiro satélite artificial, o *Explorer I*.

– Abril de 1961: o cosmonauta soviético Yuri Gagarin tornou-se o primeiro ser humano a alcançar o espaço sideral, a bordo da nave *Vostok 1*.

– Maio de 1961: Alan Shepard tornou-se o primeiro astronauta dos Estados Unidos a alcançar a órbita da Terra, a bordo da nave *Mercury*.

– Junho de 1963: a cosmonauta soviética Valentina Tereshkova tornou-se a primeira mulher a alcançar o espaço sideral, a bordo da nave *Vostok 6*.

– 1968: os Estados Unidos enviaram a nave tripulada *Apollo 8* à órbita da Lua.

– Julho de 1969: os Estados Unidos realizaram a bem-sucedida missão *Apollo 11*, que fez os astronautas Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin Aldrin tornarem-se os primeiros seres humanos a pisar no solo da Lua.

Rumo ao espaço

O mundo tornava-se muito perigoso, mas não para Yuri Gagarin. Em 1955, aos 21 anos de idade, ele se casou e, no mesmo ano, realizou seu grande sonho: foi admitido na Força Aérea Soviética. Com a patente de tenente, tornou-se piloto de teste de avião de caça, o MiG.

Nesse momento, muito secretamente, o governo da União Soviética desenvolvia o programa de exploração espacial. Mas qual o motivo para explorar o espaço sideral?

Estados Unidos e União Soviética possuíam bombas nucleares de grande poder destrutivo. Porém era necessário levá-las até o território inimigo por meio de um avião bombardeiro. Mas os radares poderiam identificar a chegada dos aviões.

Tudo isso mudou quando os soviéticos construíram o primeiro míssil balístico intercontinental. Esse tipo de míssil alcança a órbita terrestre e desce em altíssima velocidade, sendo praticamente impossível abatê-lo.

No dia 4 de outubro de 1957, um míssil colocou na órbita terrestre o primeiro satélite artificial, o *Sputnik*.

Um mês depois os soviéticos lançaram o *Sputnik 2*, levando a bordo uma cadela chamada Laika.

O medo se espalhou pela sociedade estadunidense. Os mísseis que levaram o *Sputnik* e Laika ao espaço também poderiam levar uma bomba atômica até os Estados Unidos. Pela primeira vez, os soviéticos se mostraram superiores nas áreas técnica e militar.

A **corrida espacial** tornou-se parte da Guerra Fria.

Os soviéticos, no entanto, queriam realizar outro grande feito. Gagarin foi escolhido para ser o primeiro homem a alcançar o espaço sideral. A nave que o levaria ao espaço, a *Vostok 1*, era pequeníssima. Ele estava na medida exata para as dimensões da nave.

Sputnik/Agência France-Press



Laika foi o primeiro ser vivo a entrar no espaço sideral. Como os soviéticos ainda não sabiam controlar a entrada da nave na atmosfera terrestre, Laika morreu no espaço. Fotografia de 1957.

146 ► UNIDADE 3 | Nos tempos da Guerra Fria

Fique ligado

Os eleitos (EUA). Direção de Philip Kaufman, 1983. 193 min.

O tema do filme é o Projeto Mercury. Pilotos experientes são escolhidos para alcançar os limites do espaço, com o objetivo de chegar, futuramente, à Lua.

Estrelas além do tempo (EUA). Direção de Theodore Melfi, 2016. 127 min.

A história é centrada em Katherine Johnson, uma brilhante matemática afro-americana que foi fundamental em uma das maiores operações da história dos Estados Unidos: o lançamento do astronauta John Glenn para a órbita da Terra e seu retorno em segurança.

▶ A Revolução Chinesa

Os países europeus e os Estados Unidos, desde o século XIX, exploravam as riquezas da China. A miséria do povo era imensa.

A república foi instaurada em 1911, e dois partidos políticos disputaram o poder. O Kuomintang e o Partido Comunista Chinês (PCC).

Os camponeses eram explorados pelos grandes proprietários de terra, e o líder comunista Mao Tsé-tung percebeu que eles poderiam se juntar à luta revolucionária.

Em 1949, o Partido Comunista venceu o Kuomintang. Em 1ª de outubro de 1949, Mao Tsé-tung fundou a República Popular da China.

A China procura seus caminhos

Após a vitória da Revolução Chinesa, em 1949, o Partido Comunista Chinês e seu líder, Mao Tsé-tung, adotaram o modelo de socialismo soviético. As empresas foram estatizadas e foram criadas fazendas coletivas. O novo governo investiu fortemente na educação popular.

O governo comunista chinês recebeu apoio da União Soviética, mas os camponeses resistiam a trabalhar nas fazendas coletivas. A produção agrícola caiu drasticamente. Nas cidades, os operários declararam greves por melhores condições de vida.

Em 1958, Mao Tsé-tung lançou o movimento chamado **Grande Salto para a Frente**. Novamente houve grande resistência dos camponeses. A situação piorou quando Mao rompeu com a União Soviética.

Com a resistência dos camponeses e sem a ajuda financeira e técnica da União Soviética, a produção industrial caiu e a agricultura ficou paralisada. Entre 1960 e 1961, cálculos apontam a morte de 20 milhões de pessoas devido à fome.

A Revolução Cultural

Mao Tsé-tung passou a sofrer fortes críticas. Para derrotar seus adversários, ele mobilizou os estudantes radicais de esquerda e lançou, em 1966, a campanha conhecida como **Grande Revolução Cultural Proletária**. Milhões de jovens estudantes adoradores de Mao formaram a Guarda Vermelha. Todos aqueles que os jovens julgavam ter “costumes da burguesia” foram perseguidos.

O medo se apoderou da sociedade e a ação da Guarda Vermelha quase levou o país ao caos. Com a morte do líder chinês, em 1976, um novo grupo político do Partido Comunista Chinês deu início a outro rumo político-econômico no país, conhecido como as **Quatro Modernizações**.



Mao Tsé-tung em pôster chinês de 1966.

Peter Probst/Alamy/Photorena

Fique ligado

POMAR, Wladimir. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Marle. *China: uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

Para ampliar seus conhecimentos sobre a Revolução Chinesa e as transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do governo de Mao Tsé-tung, indicamos os livros acima, assim como os filmes a seguir.

O último imperador [França/Hong Kong/Itália/Reino Unido]. Direção de Bernardo Bertolucci, 1987. 145 min.

A trajetória de Pu Yi, último imperador da China, desde seu coroamento e seu papel de imperador-fantoches do Japão na Manchúria a sua experiência na China revolucionária.

A árvore do amor [China]. Direção de Zhang Yimou, 2010. 115 min.

Durante os anos difíceis da Revolução Cultural, jovem estudante enviada para reeducação ideológica no campo apaixonou-se por filho de oficial.

Voltando para casa [China]. Direção de Agnieszka Holland, 2014. 111 min.

Homem é libertado da prisão com o fim da Revolução Cultural, mas sua mulher não o reconhece.

A história de Qiu Ju [China]. Direção de Zhang Yimou, 1992. 101 min.

Diante da agressão ao marido pelo líder da comunidade, mulher determinada luta por justiça.

Para desenvolver

Taiwan

Explique à turma que após a Revolução Chinesa de 1949, na ilha de Formosa, Chiang Kai-shek fundou a China Nacionalista. Assim, a República Popular da China, de regime comunista, teve de conviver com a China Nacionalista ou Taiwan, de regime capitalista. Enquanto a União Soviética reconheceu a primeira, os Estados Unidos mantiveram seu apoio à segunda. Embora Taiwan tenha tido crescimento econômico, perdeu prestígio internacional, sobretudo quando, em 1979, os Estados Unidos reconheceram a China comunista. Atualmente, o governo chinês define Taiwan como “província rebelde”.

De olho na BNCC

Lembre-se de que, ao trabalhar em sala de aula com os temas vinculados à Revolução Chinesa e à Guerra da Coreia, que aparecem nas páginas 147 e 148, você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

Para desenvolver

A divisão da Coreia

Ao analisar a Guerra da Coreia com a turma, explique que de 1910 a 1945 a península que forma a Coreia estava sob o controle do Japão e que logo após a Segunda Guerra Mundial houve a divisão política desse território. Oriente os alunos a observarem o mapa, que representa essa divisão ao mostrar a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. Reforce que ambas são nações separadas e com modelos econômicos antagônicos até o presente.

Fique ligado

No meio do fogo (Coreia do Sul). Direção de John H. Lee, 2010. 120 min.

Baseado em história real. Soldados protegem a linha de defesa, enfrentando fogo inimigo e conflitos entre eles.

Bem-vindo à aldeia (Coreia do Sul). Direção Park Kwang-hyun, 2005. 133 min.

Dois soldados da Coreia do Sul, três da Coreia do Norte e um estadunidense se encontram em uma aldeia completamente alheia à guerra.

M.A.S.H. (EUA). Direção de Robert Altman, 1970. 116 min.

Durante a Guerra da Coreia, três médicos recorrem à irreverência para enfrentar as tensões do cotidiano.

Sob o domínio do mal (EUA). Direção de Jonathan Demme, 1962. 126 min.

Soldados que retornam da Guerra da Coreia têm problemas de memória e acreditam que sofreram algum tipo de tratamento psicológico.

Coreia: da Guerra Fria para a "guerra quente"

A península da Coreia (1945)



Fonte: elaborado com base em ALBUQUERQUE, Manoel M. *Atlas histórico escolar*. Rio de Janeiro: FENAME, 1978. p. 142.

A guerra da Coreia foi o primeiro conflito armado da Guerra Fria.

Nas reuniões de Yalta e de Potsdam, ao final da Segunda Guerra, um dos acordos entre Stalin, Roosevelt e Churchill estabeleceu que a península que formava a Coreia seria dividida ao meio, no paralelo 38.

Acima do paralelo 38 surgiu a República Popular da Coreia. Conhecida como Coreia do Norte, tratava-se de um país comunista apoiado pela União Soviética. Abaixo daquele paralelo, foi instituído outro país: a República da Coreia. Também chamado de Coreia do Sul, era um país de regime capitalista, governado por uma ditadura militar e sob a influência dos Estados Unidos.

Em junho de 1950, tropas militares da Coreia do Norte invadiram a Coreia do Sul. Mas o governo dos Estados Unidos reagiu e obteve o apoio da Organização das Nações Unidas para combater a invasão militar.

Os comunistas coreanos recuaram diante da superioridade militar estadunidense. No entanto,

o governo comunista da China entrou na guerra ao lado dos norte-coreanos. O exército dos Estados Unidos recuou até o paralelo 38, o mesmo limite anterior à guerra.

Em 1953, os combates cessaram, mas não houve acordos de paz entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul.

Jovem coreana carrega o irmão nas costas. Atrás dela, tanque de guerra M-26, do Exército dos Estados Unidos. Arquivos Nacionais e Administração de Registros, Washington D.C., EUA. Fotografia de 1951.



National Archives/Agência France-Press

▶ O capitalismo cresce por trinta anos

O Plano Marshall recuperou as economias das nações da Europa ocidental. Os países europeus, os Estados Unidos e o Japão conquistaram um grande crescimento econômico.

No caso europeu, os governos social-democratas e trabalhistas abandonaram o liberalismo econômico e passaram a intervir fortemente na economia. Na França e na Inglaterra, muitas empresas foram estatizadas. Houve o incentivo ao aumento da produção industrial. Com mais empregos e maiores salários, os trabalhadores tinham acesso a bens de consumo.

Ao mesmo tempo, os governos social-democratas e trabalhistas europeus investiram na área social, sobretudo em escolas, hospitais, habitação e sistema previdenciário. Com o chamado **Estado de bem-estar social**, os trabalhadores europeus alcançaram alto padrão de vida.

Os Estados Unidos também conheceram o crescimento econômico nos trinta anos após o final da Segunda Guerra Mundial.

Surgiu nos Estados Unidos uma classe média forte. Muitas famílias compraram casas e automóveis, além de eletrodomésticos. A sociedade estadunidense tornou-se uma sociedade de consumo.

O crescimento do capitalismo nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos, iniciado em 1947, somente foi interrompido em 1973, quando eclodiu a crise do petróleo.

▶ O reformismo comunista

Stalin faleceu em 1953, e Nikita Krushev assumiu o governo do país em seu lugar. Ele denunciou os crimes de Stalin e tentou reformar o regime socialista soviético. Seu governo investiu em bens de consumo e libertou todos os presos políticos. Seu prestígio aumentou com as naves que alcançaram a órbita terrestre. Krushev também abriu diálogo com o governo dos Estados Unidos, inaugurando o período conhecido como **coexistência pacífica**. Foi deposto do poder em 1964 e substituído por um burocrata, Leonid Brejnev. A elite política soviética não admitia reformas no país.



Propaganda comercial da Associação Americana de Gás, de 1950, mostrando as vantagens do uso de gás na cozinha. Coleção particular.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Um estilo de comportamento próprio dos Estados Unidos foi exportado para o mundo após a Segunda Guerra Mundial: o chamado *American way of life*. Alimentar-se de *fast-foods*, morar em condomínios ou praticar o consumismo são algumas de suas características. No Brasil, o “modo de vida americano” é bastante conhecido. Muitas lojas, por exemplo, adotam nomes em inglês. Festas típicas dos Estados Unidos, como o *Halloween* (Dia das Bruxas), têm sido adotadas por jovens brasileiros. Avalie quais elementos do “modo de vida americano” estão presentes no cotidiano da cidade onde você vive.

Para desenvolver Estabilidade política e social

Analise com a turma o período de significativa prosperidade e relativa estabilidade política e social experimentado pelos Estados Unidos, a Europa ocidental e o Japão entre as décadas de 1950 e 1970. Ressalte a importância da intervenção econômica dos governos nacionais de países como França, Inglaterra e Alemanha para o incremento contínuo da produção industrial e a garantia aos diversos setores das classes trabalhadoras de um padrão de vida bastante satisfatório, tendo em vista a aplicação de políticas públicas consistentes em áreas fundamentais como a educação, a saúde e a habitação.

De olho na BNCC

Ao tratar em sala de aula do período de relativa estabilidade econômica e social experimentado pela Europa entre boa parte dos anos 1950 e 1960 e das movimentações populares nesses anos no interior do bloco socialista por maior liberdade política, em defesa da democracia representativa e dos direitos humanos, temas abordados nas páginas 149, 150 e 151, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI15 – Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.
- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.
- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

O seu lugar na História

Resposta pessoal. Espera-se que essa reflexão aborde temas como o consumismo e a adoção de práticas e costumes estrangeiros de forma irrefletida. Os alunos podem mencionar a relativa padronização do vestuário utilizado no cotidiano por jovens e adultos de ambos os sexos (calça *jeans*, camiseta de malha e tênis) e a predominância dos filmes e músicas estadunidenses em seus respectivos universos culturais. Eles também podem citar a presença de *shopping centers*, com suas movimentadas praças de alimentação, como espaços predominantes de consumo e lazer em cidades de porte médio e grande e, ainda, a quase onipresença dos *smartphones* e das redes sociais em nossa vida atual.

Para desenvolver

Relatório Krushev

Converse com os estudantes sobre o Relatório Krushev. Em fevereiro de 1956, Krushev denunciou os crimes cometidos por Stalin e, como resultado, os comunistas de todos os países do mundo ficaram perplexos.

Outras histórias

Lutas sociais

- Tanques de guerra enfleirados sugerem que há muitos deles. Os soldados do país invasor estão sentados sobre os tanques e cercados por manifestantes, mas aparentemente despreocupados – o que demonstra que não acreditam que possam sofrer ataques do povo ou mesmo revide militar. Os manifestantes, por sua vez, cercam os tanques. Alguns se colocam na frente deles, enquanto outros tentam pará-los com as mãos. Essas atitudes demonstram resistência pacífica à invasão da União Soviética.

Fique ligado

SZABO, Ladislao [Org.]. *Hungria 1956: e o muro começa a cair*. São Paulo: Contexto, 2006.

Para ampliar os seus conhecimentos sobre as movimentações e revoltas populares no interior do bloco socialista nas décadas de 1950 e 1960, indicamos o livro acima e o filme a seguir.

A insustentável leveza do ser (EUA). Direção Philip Kaufman, 1988. 170 min.

A invasão soviética em Praga muda drasticamente a vida de três pessoas.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Revolta Húngara e Primavera de Praga

As sociedades polonesa, húngara, búlgara, romena, tcheca e alemã do leste não aceitaram facilmente a dominação soviética. Mas, somente após a morte de Stalin, em 1953, é que revoltas aconteceram nas democracias populares. Nesse ano houve uma rebelião de operários alemães orientais e greves ocorreram em vários países da Europa oriental. As duas grandes revoltas ocorreram na Hungria e na Tchecoslováquia.

Na Hungria, em 1956, estudantes e trabalhadores se uniram contra a dominação da União Soviética. Os revoltosos exigiam o

estabelecimento do regime democrático e eleições livres. Formaram um novo governo, que libertou todos os presos políticos. A União Soviética invadiu a Hungria e milhares de pessoas foram mortas e presas, enquanto outras milhares fugiam do país.

Na Tchecoslováquia, em 1968, um governo reformista apoiado por estudantes, trabalhadores e intelectuais propôs mudanças políticas e econômicas para criar o **socialismo democrático**, na chamada **Primavera de Praga**. Tropas soviéticas invadiram o país e, após intensa repressão, o movimento reformista foi derrotado.



Tanques soviéticos são cercados por manifestantes em Praga, Tchecoslováquia, em agosto de 1968.



- Na imagem, vemos uma cena da invasão militar da União Soviética em Praga, capital da Tchecoslováquia. O fotógrafo enquadrado três tanques de guerra enfileirados em uma rua da cidade. Soldados soviéticos estão sentados nos tanques, enquanto manifestantes tchecos os cercam. Com essa imagem, o fotógrafo quis passar uma mensagem sobre a invasão soviética. Você saberia interpretar que mensagem é essa?

Estados Unidos e União Soviética na corrida espacial

Os Estados Unidos tentaram acompanhar os avanços da União Soviética na conquista do espaço. Quatro meses após o lançamento do Sputnik, os estadunidenses colocaram em órbita terrestre seu próprio satélite, o Explorer I.

Até então, os cientistas não acreditavam que um ser humano pudesse viver por muito tempo fora da atmosfera terrestre. Gagarin mostrou que era possível. São várias as versões do que ele disse quando viu a Terra, mas a frase mais famosa dita por ele foi: “A Terra é azul”. Até então, ninguém sabia disso.

Yuri Gagarin tornou-se famoso no mundo inteiro. Foi recebido por governos de diversos países e sua presença reunia multidões. Afinal, foi o primeiro ser humano a ir ao espaço sideral. Viajou por vários países como uma espécie de embaixador soviético. Em 1961, visitou o Brasil, recebendo do presidente brasileiro, Jânio Quadros, a Ordem do Cruzeiro do Sul.

Nos Estados Unidos, a notícia do feito de Yuri Gagarin repercutiu com grande impacto. Os soviéticos estavam à frente dos estadunidenses em tecnologia espacial.

A partir daí, o objetivo de Estados Unidos e União Soviética era levar um homem à Lua. Yuri Gagarin alimentou o sonho de pisar no solo lunar. Ele retornou ao seu posto militar como piloto de testes com essa esperança. Mas em março de 1968, aos 34 anos, pilotando um MiG, sofreu um acidente, vindo a falecer.

Yuri Gagarin não pôde assistir no ano seguinte, em julho de 1969, aos dois astronautas estadunidenses caminhando na Lua. A partir daí, os Estados Unidos assumiram a liderança na corrida espacial.

Em 2010, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) proclamou o atol de Bikini Patrimônio da Humanidade. Os filhos, netos e bisnetos dos 167 nativos, no entanto, ainda esperam retornar à terra de seus ancestrais.



Em 12 de abril de 1961, a nave Vostok I, impulsionada por um míssil, pôs na órbita terrestre o cosmonauta Yuri Gagarin. Por quase duas horas ele orbitou o planeta Terra. Foi o primeiro ser humano a ver a Terra do espaço. Museu Histórico do Estado, Moscou, Rússia.

Fine Art Images/Album/Fotoarena



PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 136?

Créditos das imagens de baixo para cima: Bettmann/Getty Images; Associated Press/Glow Images; Fine Art Images/Album/Fotoarena; Associated Press/Glow Images; R. Sandens/Associated Press/Glow Images; NASA/Newsmakers/Hulton Archive/Getty Images; Sputnik/Agência France-Presse; Peter Probst/Alamy/Fotoarena

151

Para desenvolver A população de Bikini

Ressalte para os alunos as repercussões do feito extraordinário de Yuri Gagarin e comente com eles as circunstâncias trágicas em que esse cosmonauta soviético faleceu em 1968, ainda bem jovem. Sobre a situação atual do atol de Bikini, explique para a turma que os cerca de 4 mil descendentes dos habitantes desse atol antes das explosões nucleares patrocinadas pelos EUA vivem de maneira precária em ilhas vizinhas, em terras que não lhes pertencem. Em 1996, avaliações de especialistas concluíram que o atol de Bikini poderia receber visitantes. Mas, como ainda há radiação no solo, não se pode ficar muito tempo nas ilhas. Cientistas acreditam serem necessários mais 40 anos para que a radiação se dissipe. Em 2010, a Unesco proclamou o atol de Bikini Patrimônio da Humanidade. Os filhos, netos e bisnetos dos 167 nativos, no entanto, ainda esperam retornar à terra de seus ancestrais.

Fique ligado

Gagarin: o primeiro no espaço (Rússia). Direção de Pavel Parkhomenko, 2013. 108 min.

O filme é dedicado à vida de Yuri Gagarin, infância e preparação para o voo que o tornou o primeiro cosmonauta a alcançar o espaço.

Rádio Bikini (EUA). Direção de Robert Stone, 1988. 56 min.

Documentário sobre os testes nucleares de 1946 no atol de Bikini e seus efeitos na população local e nos marinheiros estadunidenses que testemunharam os testes.

Material digital

Para avaliar o aprendizado de seus estudantes, verifique a proposta de acompanhamento da aprendizagem do 2º bimestre localizada no material digital do Manual do Professor.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 136 e, a seu critério, estabeleça um debate sobre os graves efeitos das explosões nucleares, tomando como exemplo a situação atual do atol de Bikini, onde ainda há riscos por causa da radiação nuclear, por isso a permanência de visitantes somente é permitida e segura por um período muito curto de tempo.

1. A Guerra Fria foi um conjunto de disputas e antagonismos políticos, ideológicos e militares entre os dois países mais poderosos do mundo após a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos e a União Soviética. Num contexto geopolítico agravado pela possibilidade de uso de armas nucleares, os EUA exerciam sua influência sobre a Europa Ocidental, o Japão e a América Latina, enquanto a URSS exercia seu poder sobre os países do leste da Europa.
2. Inaugurada com um discurso do presidente Harry Truman feito em março de 1947, a Doutrina Truman era anticomunista e dividia o mundo retoricamente em dois modos de vida: um baseado na democracia e na liberdade desfrutadas nos países capitalistas e outro vinculado ao socialismo soviético, que submetia as pessoas à opressão e ao terror. A Doutrina Truman deu início às hostilidades entre os EUA e a URSS.
3. O Plano Marshall foi proposto pelos EUA em 1947 para financiar a reconstrução dos países europeus destruídos na Segunda Guerra Mundial. No contexto da Guerra Fria, o fortalecimento das economias da Europa Ocidental formaria um bloco de países capitalistas aliados aos Estados Unidos no enfrentamento com a União Soviética.
4. No final da Segunda Guerra Mundial um grupo de países da Europa oriental foi ocupado pelo Exército Vermelho: Polônia, Hungria, Bulgária, Romênia, Tchecoslováquia e a parte leste da Alemanha – a Alemanha Oriental. Com o começo da Guerra Fria, a URSS denominou esses países de “democracias populares” e impôs a eles o seu modelo de socialismo: partido único, perseguição aos opositores, estatização da economia, coletivização do campo e controle dos meios de comunicação.
5. Em 1945 a Alemanha foi dividida em quatro setores controlados, respec-



Photo 12/Glow Images

152

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | A Guerra Fria tornou o mundo ideológica e economicamente dividido. O mundo conheceu uma ordem bipolar. Comente e desenvolva essa afirmação.
- 2 | No contexto da Guerra Fria, qual foi a importância da chamada Doutrina Truman?
- 3 | Por que podemos afirmar que o Plano Marshall contribuiu para a formação de um bloco de países capitalistas aliados aos Estados Unidos no enfrentamento com a União Soviética?
- 4 | Associe os objetivos e o surgimento das chamadas “democracias populares” com as imposições feitas pela União Soviética.
- 5 | Por que a cidade de Berlim se tornou um problema de difícil solução no contexto internacional da época e o muro construído na cidade tornou-se um dos símbolos da Guerra Fria?
- 6 | Estabeleça uma ligação entre o que foram os programas chamados de “Grande Salto para a Frente” e a “Grande Revolução Cultural Proletária” e os motivos do fracasso de ambos.
- 7 | Para os países da Europa ocidental, após a Segunda Guerra Mundial, o que significou a expressão “Estado de bem-estar social”?
- 8 | Qual foi a relação entre Guerra Fria e anticomunismo?
- 9 | Por que a frase a seguir é falsa?
Ao assumir o poder na União Soviética com a morte de Stalin, Nikita Krushev deu continuidade às práticas políticas de seu antecessor.
- 10 | Por que podemos destacar o paralelo 38 na Guerra da Coreia?

PESQUISA

Durante este capítulo, você conheceu expressões como **terror atômico**, **equilíbrio do terror** e **corrida armamentista**. A Guerra Fria acabou e as armas nucleares não foram usadas em um enfrentamento direto entre Estados Unidos e União Soviética. Mas fica a pergunta: e se a guerra nuclear tivesse ocorrido? O que teria acontecido à humanidade?

Forme um grupo e, com os colegas, assista ao filme *O dia seguinte* (*The Day After*), de 1983, produzido nos Estados Unidos e dirigido por Nicholas Meyer.

Países, cidades (como Berlim) e instituições (como a Otan) que vimos ao longo do capítulo aparecem no filme. Na obra, Estados Unidos e União Soviética partem para a guerra nuclear. Observem com atenção as cenas dos mísseis sendo disparados e as explosões nucleares. O importante é vocês observarem e avaliarem o que acontece no “dia seguinte”.

Depois de assistirem ao filme e anotarem o que ocorre no “dia seguinte”, exponham em grupo para a turma como seria o mundo após uma guerra nuclear. Lembrem-se de que *O dia seguinte* é um filme de ficção, mas o que vemos poderia ter acontecido. Ou melhor, ainda pode acontecer porque os arsenais atômicos continuam existindo. Por isso, é importante conhecer e expor aos colegas como seria a vida no “dia seguinte”.

tivamente, pelos EUA, Inglaterra, França e URSS. A parte ocidental de Berlim ficou sob controle norte-americano, inglês e francês e a parte oriental sob influência soviética. No início da Guerra Fria, o setor capitalista foi unificado com a criação da República Federal da Alemanha (RFA) em 1949. Também surgiu, sob influência soviética, a República Democrática da Alemanha (RDA), onde se situava Berlim – cuja parte oriental pertencia à RDA e a ocidental à RFA. Para evitar a perda de população para a RFA, a Alemanha Oriental construiu em 1961 um muro que separou as duas partes de Berlim e também amigos

e familiares, tornando-se um dos maiores símbolos da Guerra Fria – o Muro de Berlim.

6. Com o “Grande Salto Para Frente”, o socialismo seria construído com base em Comunas Populares. Houve, entretanto, resistências à nova organização entre os camponeses e operários, resultando em quedas drásticas nas produções agrícola e industrial, num momento que a China tornou-se crítica à URSS, perdendo ajuda financeira e técnica. Para enfrentar seus opositores, Mao Tsé-tung propôs a “Grande Revolução Cultural Proletária”, mobilizando a juventude organizada em “guardas vermelhas”

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA



Cartaz de propaganda política produzido na União Soviética, anos 1930. Coleção particular.



Cartaz de propaganda comercial produzido na Inglaterra, 1953. Coleção particular.

- Observe os dois cartazes. O da esquerda é de propaganda política na União Soviética nos anos 1930. O casal de camponeses diz: “Camaradas, juntem-se à nossa fazenda coletiva!”. O da direita é uma propaganda comercial na Inglaterra. O anúncio é sobre a qualidade dos casacos impermeáveis. Ambos os cartazes, o soviético e o inglês, valorizam determinadas classes sociais e divulgam maneiras diferentes de viver em sociedade. Você seria capaz de dizer qual é a posição social dos casais e que organização social os cartazes valorizam?

O PASSADO PRESENTE

A Guerra Fria chegou ao fim com a extinção da União Soviética, em 1991. No entanto, atualmente, muitos historiadores chamam a atenção para uma “nova Guerra Fria”, agora envolvendo interesses dos Estados Unidos e da Rússia – a mais importante república da antiga União Soviética. O comunismo não existe mais; no entanto, o arsenal atômico russo e o estadunidense continuam os mesmos e os interesses em ter outros países como aliados também permanecem – caso, por exemplo, da Ucrânia.

- Avalie a afirmação do ex-líder soviético, Mikhail Gorbachev, em 8 de novembro de 2014, durante a celebração dos 25 anos da queda do Muro de Berlim.

“O mundo está à beira de uma nova Guerra Fria. Alguns estão até dizendo que ela já começou”, disse. “O derramamento de sangue na Europa e no Oriente Médio em contraposição ao fracasso do diálogo entre as grandes potências é de enorme preocupação” [...]. [Para Gorbachev] os Estados Unidos propagam o “triumfalismo” de ter vencido a Guerra Fria no começo dos anos 1990, mas têm fracassado no diálogo para pôr fim a conflitos em lugares como Síria, Iraque e Ucrânia. [...]

COLON, Leandro. “O mundo está à beira de uma nova Guerra Fria”, diz Gorbachev em Berlim. *Folha de S.Paulo*, 8 nov. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/11/1545406-o-mundo-esta-a-beira-de-uma-nova-guerra-fria-diz-gorbachev-em-berlim.shtml>. Acesso em: 8 jul. 2019.



- Com quatro ou cinco colegas, realize uma pesquisa sobre os atuais conflitos entre Estados Unidos e Rússia e procure responder a esta questão: vivemos ou não sob uma nova Guerra Fria?

tou os presos políticos e fechou os campos de trabalhos forçados. Ele também reduziu as grandes tensões da Guerra Fria propondo aos Estados Unidos a “coexistência pacífica” com o bloco soviético.

- Nos acordos de Yalta e Potsdam, ficou estabelecido que a península da Coreia seria formada por dois países: a República Popular da Coreia (ou Coreia do Norte), de regime comunista, e a República da Coreia (ou Coreia do Sul), de regime capitalista. O limite entre os dois países seria o paralelo 38. Em 1950, tropas da Coreia do Norte invadiram a Coreia do Sul. O governo dos Estados Unidos, com apoio da ONU, fizeram as tropas da Coreia do Norte recuar. Mas a entrada da China na guerra obrigou as tropas dos Estados Unidos a recuar também. A guerra chegou ao fim em 1953 e o paralelo 38 continuou demarcando os limites entre os dois países.

Pesquisa

Resposta pessoal. Essa atividade tem como objetivo fazer os estudantes refletirem sobre o problema das armas nucleares, tema largamente debatido no período histórico estudado ao longo do capítulo e que, até os dias atuais, possui extrema importância nas relações internacionais.

Imagens contam a história

O cartaz soviético mostra um casal de camponeses. Como valor social do sistema comunista, há o incentivo à vida coletiva. No cartaz inglês, há um casal de classe média. Como valor social do sistema capitalista, há o incentivo ao consumo.

O passado presente

- Respostas pessoais. As atividades fazem os estudantes refletirem sobre o que foi a Guerra Fria e a possibilidade de o conflito entre Rússia e Estados Unidos persistir. Nesse sentido, uma questão pode ser importante para a reflexão: os conflitos atuais entre Estados Unidos e Rússia têm a mesma força e o mesmo significado histórico e político que tinham no período de existência da União Soviética?

e promovendo perseguições a todos que fossem considerados suspeitos por “costumes da burguesia”.

- O economista John Maynard Keynes acreditava que o Estado deveria investir fortemente na área social e intervir na economia, inclusive estatizando empresas, para incentivar a produção industrial, gerar mais empregos e elevar os salários e o nível de vida dos trabalhadores – ideias que foram adotadas por governos social-democratas e trabalhistas da Europa. Os assalariados desses países tiveram acesso a casas, escolas e hospitais, além de vasta legislação social, políticas públicas

conhecidas como Estado de bem-estar social.

- Nos Estados Unidos e na Europa ocidental, a Guerra Fria permitiu a elaboração de ideias, imagens e crenças extremamente negativas sobre o comunismo e os comunistas, descritos por intelectuais, jornalistas e cineastas como autoritários e antidemocráticos. As formulações anticomunistas afirmavam não existir liberdade de expressão e de informação e que o governo proibia os cidadãos de praticar sua religião e acabava com a família.
- Kruschev assumiu o poder criticando os crimes de Stalin, liber-

Capítulo 9

Movimentos sociais na década de 1960

O capítulo tem como temas centrais os movimentos realizados nos anos 1950 e 1960 por jovens, mulheres, negros e outros grupos étnicos por direitos civis, contra o racismo, o preconceito e a exclusão social em diferentes partes do mundo, especialmente nos EUA e na Europa Ocidental. A costureira estadunidense Rosa Parks é a personagem histórica em destaque, pois esteve corajosamente no centro das lutas da população negra de seu país que propunham pôr fim à segregação racial e garantir que todos tivessem acesso aos direitos civis, ainda nos anos 1950, naquela que era a sociedade mais próspera do planeta.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as razões e os desdobramentos políticos e sociais das lutas por direitos civis e por igualdade de gênero nos Estados Unidos, em especial nos anos 1950 e 1960.
- Examinar os movimentos artísticos e culturais dos anos 1950 e 1960, para entender sua relação tanto com a indústria cultural quanto com os movimentos de contracultura dessa época.
- Analisar as causas e as consequências da Guerra do Vietnã, conflito travado no auge da Guerra Fria no qual os Estados Unidos se envolveram diretamente entre 1964 e 1975.
- Avaliar as causas e os desdobramentos políticos e sociais das manifestações realizadas em 1968 por jovens de várias partes do mundo contra diferentes formas de autoritarismo e por mais democracia e liberdade social.



Paul McCartney (na parte inferior da imagem), Ringo Starr (à esquerda), John Lennon (ao centro) e George Harrison (à direita), em fotografia de 1963.

CAPÍTULO

9

MOVIMENTOS SOCIAIS NA DÉCADA DE 1960

O mundo mudou durante os anos 1960.

Foram anos de conquistas sociais, de rebeldia e de guerra.

Nos Estados Unidos, a população negra, até então discriminada, lutou para conquistar seus direitos.

As mulheres também se mobilizaram para ter igualdade em relação aos homens.

Os jovens rebelaram-se em vários países, inventaram o *rock'n'roll* e a arte chamada de *Pop*.

O mês de maio de 1968, na França, ficou conhecido por grandes manifestações.

A Guerra do Vietnã foi desastrosa para os Estados Unidos, mas mobilizou milhões de pessoas no mundo pelo fim do conflito e pela busca da paz.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Paul McCartney, Ringo Starr, John Lennon e George Harrison formaram um conjunto musical de grande sucesso nos anos 1960. Até hoje várias de suas canções são conhecidas. Você sabe qual é o nome do conjunto que eles formaram?

Créditos das imagens de baixo para cima: Bill Hudson/Associated Press/Glow Images; SZ Photo/Scherl/The Bridgeman Art Library/EasyPix; Bettmann/Getty Images; Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Getty Images; Dirk Halstead/The Life Images Collection/Getty Images; Granger/Fotoarena

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI14	EF09HI16
EF09HI28	EF09HI31
EF09HI36	

154

Puxando pela memória

Os Beatles.

Material digital

Para auxiliar em seu planejamento escolar e na organização de suas aulas, verifique o plano de desenvolvimento do 3º bimestre localizado no material digital do Manual do Professor.

Uma Rosa negra

Rosa Louise McCauley, conhecida apenas por Rosa Parks, era uma mulher negra que morava na cidade de Montgomery, capital do estado do Alabama, sul dos Estados Unidos. Trabalhava como costureira.

No dia 1º de dezembro de 1955, aos 42 anos, Rosa entrou em um ônibus e sentou em um lugar vago na parte da frente. Naquela época, pelas leis do município, aos negros era reservada a parte traseira do veículo. Um homem branco aproximou-se e exigiu que ela levantasse do banco para que ele pudesse sentar.

Rosa estava cansada de ser discriminada. Queria ser tratada com respeito, como qualquer outra pessoa. Ela se recusou a sair daquele lugar. Por desobedecer à lei, foi levada a uma delegacia de polícia, fichada, presa e multada.

Sua atitude deu início à luta da população negra dos Estados Unidos por seus direitos de cidadania e igualdade social.

O movimento por direitos civis

Direitos civis são os direitos básicos do ser humano: à vida e à liberdade. É o direito de ser tratado com igualdade e não sofrer nenhum tipo de discriminação, seja pela cor de sua pele, seja por seu gênero, por sua religião, por sua orientação sexual ou por qualquer outro motivo.

Os direitos civis também incluem a liberdade de expressar opinião e o acesso a informações. Além disso, permitem ao cidadão julgamento justo e amplo direito de defesa, em caso de infração às leis. Os direitos civis garantem que todos são iguais perante a lei.



Geringer/Fotograma

Em 1956, um ano depois do episódio em que foi presa, Rosa Parks foi fotografada em Montgomery, Alabama, no mesmo ônibus onde se recusou a ceder o lugar a um homem branco.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Em 1985, o governo federal criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), cujas atribuições são: combater quaisquer formas de discriminação contra a mulher e garantir sua participação na vida política, econômica e cultural do Brasil. Fazem parte do CNDM representantes da sociedade e do governo. Faça uma pesquisa na internet para descobrir se na cidade onde você vive há uma sede do CNDM ou qual é a mais próxima.

Para desenvolver Lutas por direitos

Ao apresentar para a turma a personagem histórica do capítulo, a costureira estadunidense Rosa Louise McCauley, ressalte que Rosa Parks, como ficou conhecida mundialmente, se levantou corajosamente contra uma das expressões mais fortes da segregação racial vigente nos EUA nos anos 1950: a separação rígida de espaços e serviços públicos para pessoas brancas e para pessoas negras.

Informe-os também de que a Organização das Nações Unidas (ONU) se empenhava em dar publicidade e fazer valer os termos da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Nesse sentido, explique aos alunos que a noção de cidadania envolve a garantia de que todos tenham acesso aos direitos civis, direitos políticos e direitos sociais, analise com eles o “Preâmbulo” dessa importante resolução da ONU.

De olho na BNCC

Ao analisar com a turma os movimentos por direitos civis realizados nos anos 1950 e 1960 pela população negra dos Estados Unidos, temática abordada entre as páginas 155 e 159, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

Fique ligado

A história de Rosa Parks (EUA). Direção de Julie Dash, 2002. 97 min.

O filme aborda a história de vida de Rosa Parks e sua atuação durante o movimento de direitos civis nos EUA nas décadas de 1950 e 1960.

Movimentos sociais na década de 1960 | CAPÍTULO 9 ◀ 155

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *Os movimentos por direitos civis nos Estados Unidos* localizada no material digital do Manual do Professor.

O seu lugar na História

Professor, se possível, acompanhe a atividade proposta de perto. Oriente os alunos na pesquisa por um Conselho Estadual ou Municipal dos Direitos das Mulheres próximo a eles. Se achar conveniente, convide-os a explorar as páginas dos diversos Conselhos encontradas e a relacionar seus conteúdos com situações vividas por mulheres em sua cidade. Atenção para o fato de essas páginas serem constantemente revistas e atualizadas.

Para desenvolver

Ku Klux Klan

Ao analisar o contexto social e as bases legais da segregação racial vigente nos Estados Unidos ainda nos anos 1960, resalte para a turma que, em meados do século XIX, brancos racistas criaram a Ku Klux Klan, organização que pregava o ódio racial. Agindo em bandos e usando máscaras, eles disseminaram o terror entre a população negra dos estados do sul, recorrendo a linchamentos, torturas e assassinatos. Ninguém era punido. A partir daí, os legisladores dos estados do sul criaram leis racistas para segregar os negros e negar-lhes o direito ao voto.

Atividade complementar

A Guerra de Secessão e a Ku Klux Klan

A seu critério, ao final da aula, proponha aos alunos que realizem uma pesquisa sobre a seguinte questão: Qual é a relação entre a Guerra de Secessão nos Estados Unidos e o surgimento da Ku Klux Klan? Na aula seguinte, organize um debate para que eles possam se expressar oralmente. No curso desse debate, resalte que ao final da Guerra de Secessão, também chamada de Guerra Civil Americana (1861-1865), nos Estados Unidos, os estados do norte venceram os estados escravistas do sul. A escravidão foi abolida em todo o país. Os fazendeiros dos estados do sul ficaram inconformados com a derrota militar e com a libertação dos escravizados. Nesse contexto surgiu a Ku Klux Klan, em 1865 – não casualmente no final da guerra.

O objetivo da organização racista era impedir que os negros, recém-libertados, adquirissem terras ou exercessem seus direitos de cidadania, como o de votar. Para isso, recorreram a assassinatos e linchamentos para disseminar o medo entre a população negra.

1957: Martin Luther King funda a Conferência da Liderança Cristã do Sul. Elvis Presley torna-se mundialmente conhecido.

FIQUE DE OLHO

Mississippi em chamas (EUA). Direção de Alan Parker, 1988. 128 min.

Policiais federais são enviados ao estado estadunidense de Mississippi para desvendar o assassinato de um homem negro. Ali, eles se dão conta do grave problema da discriminação racial no sul dos Estados Unidos.

Selma (EUA). Direção de Ava DuVernay, 2014. 127 min.

Biografia de Martin Luther King, centrada no episódio em que milhares de pessoas caminham da cidade de Selma a Montgomery, no estado do Alabama, na luta pelos direitos civis.

A discriminação racial

Os direitos civis não estavam garantidos a todos os cidadãos dos estados do sul dos Estados Unidos até os anos 1960.

Os negros que viviam naqueles estados sofriam com a política de segregação racial: havia restaurantes, bares, transportes, praças, piscinas públicas, lojas, banheiros, entre outros locais, que somente podiam ser frequentados por pessoas brancas. Os negros eram proibidos de entrar. Havia escolas para crianças brancas e escolas para crianças negras. Até mesmo o direito ao voto era negado aos negros.

Além disso, a população negra tinha os piores empregos e seus filhos frequentavam as escolas mais precárias. Os negros ainda sofriam com a violência policial e viviam em extrema pobreza. Era comum o linchamento de pessoas negras acusadas de crimes que não cometeram. Os assassinos, na verdade, eram homens brancos, que nunca eram punidos.

A discriminação racial era a regra nos estados do sul dos Estados Unidos. A Guerra Civil (1861-1865) entre os estados capitalistas do norte e os estados escravistas do sul terminou com a vitória dos primeiros. A escravidão foi abolida. Contudo, os antigos donos de escravos – brancos dos estados do sul – não aceitavam que os negros tivessem os mesmos direitos, e criaram uma série de leis racistas para impedir que os recém-libertos tivessem acesso aos seus direitos civis e políticos.

Foi nessa época que surgiu o temível grupo chamado Ku Klux Klan.

O pastor vai à luta

Diversas organizações e movimentos lutavam pelos direitos dos negros no sul dos Estados Unidos. Mas foi Martin Luther King, pastor de uma igreja batista do estado da Geórgia, quem liderou a luta.

Revoltado com a prisão de Rosa Parks, ele convocou os negros da cidade de Montgomery a não mais usar os ônibus.

O boicote deu certo. As empresas quase foram à falência.

A elite branca dos estados do sul passou a ter Martin Luther King como inimigo. Ele foi preso. Sua casa foi atacada.

Rosa Parks também sofreu com o ódio da elite branca do estado do Alabama. Ela perdeu o emprego e foi ameaçada de morte. Mudou-se para Detroit, cidade no norte dos Estados Unidos.

Em 1956, a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou que era ilegal as empresas de ônibus discriminarem as pessoas.

Foi uma grande vitória para o movimento pelos direitos civis.

Desobediência civil

Em 1957, Martin Luther King adotou a estratégia da **desobediência civil**: ninguém deveria obedecer a leis consideradas injustas. Ele seguiu a estratégia do líder indiano **Mahatma Ghandi**: não usar a violência contra o opressor, mas não obedecê-lo. Tratava-se da resistência passiva.

156 ► UNIDADE 3 | Nos tempos da Guerra Fria

Fique ligado

CARSON, Clayborne. *A autobiografia de Martin Luther King*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Indicamos o livro acima, e também o documentário a seguir, para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre a trajetória de Martin Luther King.

A história de Martin Luther King, Jr. (EUA). Direção de Thomas Friedman, 1994. 53 min.

O documentário conta a emocionante história de um dos líderes do Movimento dos Direitos Civis, incluindo a luta contra a pobreza e o emocionante discurso “Eu tenho um sonho”.

Apesar da repressão policial nos estados do sul, a população negra começou a perder o medo. Nos estados do norte, muitas pessoas brancas apoiavam a luta dos negros.

O ano de 1963 marcou o auge dos protestos. Durante o comício liderado por Martin Luther King na cidade de Birmingham, a polícia agiu de maneira tão violenta que chocou o país, espancando até mesmo crianças e idosos.

Em agosto, Martin Luther King liderou a “Marcha sobre Washington”. Cerca de 250 mil pessoas, na capital do país, ouviram o seu discurso intitulado “Eu tenho um sonho”.



Granger/Fotoarena

Bill Hudson/Associated Press/Glow Images

A polícia reprimiu com violência uma manifestação pacífica dos negros pelos seus direitos, em maio de 1963, na cidade de Birmingham, Alabama, Estados Unidos.

Martin Luther King denunciou a discriminação racial e social sofrida pelos negros nos Estados Unidos e exigiu o reconhecimento dos direitos de cidadania em frente ao Memorial Lincoln, Washington, D.C., Estados Unidos, em 28 de agosto de 1963. No discurso “Eu tenho um sonho”, ele afirmou: “Agora é o tempo para subir do vale das trevas da segregação ao caminho iluminado pelo sol da justiça social”.



Para desenvolver A “desobediência civil”

Ressalte para a turma a importância histórica da noção de “desobediência civil”, referência fundamental para as estratégias de luta tanto do líder indiano Mahatma Ghandi contra o imperialismo inglês e pela independência da Índia quanto para as ações e os discursos de líderes das lutas pelos direitos civis nos EUA, especialmente o pastor protestante e ativista Martin Luther King. Nesse sentido, explique para os alunos que a estratégia de luta conhecida como “desobediência civil” foi formulada, em meados do século XIX, pelo estadunidense Henry David Thoreau, para quem o meio mais eficaz de luta contra o opressor seria não lhe obedecer, sem empregar qualquer forma de violência nesse enfrentamento. Mas enfatize também que, diante das pacíficas manifestações realizadas pelos afro-americanos no início dos anos 1960, em especial, a repressão policial foi implacável. Os policiais, além de agirem com extrema violência, utilizavam cães e aparelhos de choque elétrico e prendiam centenas de manifestantes.

Fique ligado

Confira a tradução na íntegra do discurso feito por Martin Luther King há 50 anos [27 ago. 2013]. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/eu-tenho-um-sonho-lembrando-discorso-de-martin-luther-king-22543575>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

Atividade complementar

Eu tenho um sonho

A seu critério, organize os alunos em grupos para que possam ler e debater o discurso intitulado “Eu tenho um sonho”, feito por Martin Luther King em 28 de agosto de 1963, durante a Marcha sobre Washington, e disponível na íntegra no endereço sugerido no box “Fique ligado”. A seguir, organize um debate para que eles possam se ex-

pressar oralmente sobre a seguinte questão: quais são as principais ideias de Martin Luther King em seu discurso?

No curso desse debate, ressalte que as principais ideias contidas no trecho do discurso de Luther King são: que a Proclamação de Emancipação aboliu a escravidão no país, mas os negros não se tornaram livres, sofren-

do com a segregação, a discriminação e a pobreza; que todas as pessoas nascem iguais; que todos devem ser julgados pelo seu caráter e não pela cor de sua pele; que a liberdade de todos – brancos, judeus, católicos, protestantes – depende do reconhecimento da liberdade dos negros; que a liberdade é para todos.

Para desenvolver**A difícil libertação do imperialismo**

Ao analisar com a turma a trajetória de Mahatma Gandhi, resalte que, durante séculos, imensas regiões da África e da Ásia foram dominadas por países europeus. Em meados do século XX, os povos desses continentes lutaram pela independência, e a libertação da dominação europeia não foi fácil para africanos e asiáticos. O resultado foi a formação de novos países, mas, com eles, surgiram novos problemas – e novas lutas, como os alunos poderão comprovar no estudo dos temas dos capítulos 10 e 11.

Outras histórias**Lutas sociais**

- Porque se tratava de uma estratégia que foi bem-sucedida na campanha da Índia por independência nacional e que, no contexto dos Estados Unidos da época, possibilitaria que amplos setores da opinião pública se tornassem simpáticos à luta dos negros contra a segregação racial e a crescente violência policial em reação a seus protestos pacíficos. Com efeito, lideradas pelo pastor Martin Luther King, por exemplo, diversas organizações e movimentos que lutavam pelos direitos civis convocaram a população negra a praticar o boicote contra os ônibus da cidade de Montgomery em 1955, exigindo que os negros fossem tratados da mesma maneira que os brancos. A Suprema Corte dos Estados Unidos declarou ser inconstitucional que as empresas de ônibus discriminassem as pessoas. Nesse contexto, Martin Luther King se empenhou na estratégia da “desobediência civil”, na qual os negros não deveriam obedecer a leis consideradas injustas. Em vez da violência, ele pregava a não obediência ao opressor. Jovens brancos do norte se juntaram à luta dos negros do sul e entravam juntos em lanchonetes e lojas, desafiavam a polícia e realizavam passeatas e grandes comícios. A Suprema Corte, ao final, declarou que a segregação racial violava a Constituição do país.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS**Gandhi**

Mohandas Karamchand Gandhi nasceu em 1869, no interior da Índia, naquele tempo uma colônia da Inglaterra. Ele era advogado e, sem oportunidade de emprego, foi para a África do Sul. Gandhi ficou horrorizado com a discriminação racial. Tomou a decisão de lutar contra as injustiças.

Em 1915 Gandhi retornou à Índia e logo passou a mobilizar a população contra a dominação inglesa através da estratégia da desobediência civil, da luta pacífica, sem violência. Ele acreditava que a agressão física usada pelos militares ingleses somente os desmoralizava. Quanto mais eles batiam

nas pessoas, mais a sua autoridade se enfraquecia.

A desobediência civil parecia dar certo. Em 1928, o governo do Reino Unido criou um imposto a ser pago pelos agricultores. Como eles consideraram o imposto injusto, recusaram-se a pagar. Ninguém pagou o tributo. Milhares foram presos por isso. Mas, ao final, todos foram libertados e o imposto foi suspenso.

Além da desobediência pacífica, Gandhi adotava outras estratégias: o boicote aos

produtos ingleses. Ele incitava os indianos a não comprar mercadorias provenientes da Inglaterra, mas a fabricar em casa o que necessitavam.

Sua luta foi vitoriosa. Em agosto de 1947, a Inglaterra reconheceu a independência da Índia. Ele passou a ter o nome de Mahatma, cujo significado é “A Grande Alma”. No ano seguinte, um hindu adepto de estratégias radicais matou Gandhi com um tiro de revólver.



Mahatma Gandhi, líder contra a dominação colonial inglesa na Índia em Bombaim, Índia. Fotografia de maio de 1929.

Durante 20 anos, Gandhi defendeu os direitos dos negros e dos indianos que viviam na África do Sul. Mas ele percebeu que era inútil lutar contra a dominação inglesa pelas armas. Era preciso encontrar outras formas de luta. Foi quando descobriu que uma estratégia poderia dar bons resultados: a desobediência civil. Ou seja, não aceitar e não cumprir leis consideradas injustas, ofensivas ou humilhantes.



- Martin Luther King conhecia bem as ideias de Gandhi. O trabalho final de seu curso de pós-graduação foi sobre a estratégia de resistência pacífica do líder indiano. Por que Martin Luther King considerou que a desobediência civil também poderia ser adotada na luta dos negros estadunidenses do sul por seus direitos civis?

De olho na BNCC

Ao analisar em sala as estratégias de luta do líder indiano Mahatma Gandhi contra o imperialismo inglês e pela independência da Índia, temática abordada na página 158, lembre-se de que você promoverá, em especial, o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

A conquista dos direitos

A Suprema Corte dos Estados Unidos considerou que a segregação racial nas escolas violava a Constituição do país. Essa decisão valia para qualquer outro lugar ou instituição: todos tinham de ser tratados como iguais; todos os cidadãos tinham de ter os mesmos direitos e deveres.

Em muitos estados do sul, a elite branca resistiu. Crianças negras somente entraram em escolas antes reservadas para crianças brancas escoltadas por soldados da Guarda Nacional.

Com o acesso ao voto, os negros dos Estados Unidos, após muita luta, conquistaram seus direitos civis e políticos.

Em 1964, Martin Luther King ganhou o prêmio Nobel da Paz. Mas em 1968 ele foi assassinado por um homem racista. O dia de sua morte é lembrado nos Estados Unidos como feriado nacional.

Rosa Parks passou o resto da vida em Detroit. Somente em 1996 o governo dos Estados Unidos reconheceu seu mérito, concedendo-lhe a "Medalha Presidencial pela Liberdade". Em 1999, o Congresso deu-lhe a mais alta honraria do país: a Medalha de Ouro. Ela faleceu em 2005, aos 92 anos.



Escola acata o processo de integração racial em Springer, Oklahoma, Estados Unidos. A professora distribuiu material escolar a estudantes brancos e negros. Apesar da resistência nos estados do sul dos Estados Unidos, a decisão da Suprema Corte foi obedecida. Fotografia de agosto de 1958.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que Malcolm X também lutou contra a discriminação racial nos Estados Unidos? De origem muito pobre, na prisão converteu-se ao islamismo e depois tornou-se socialista. Diferentemente de Martin Luther King, Malcolm X era partidário da separação entre brancos e negros. Em 1965 ele foi assassinado durante um comício.

Fique ligado

Malcolm X (EUA). Direção de Spike Lee, 1992. 202 min.

A história de vida de Malcolm X contra o racismo nos Estados Unidos. A sua mensagem política sobre as relações raciais mudou para sempre o papel dos afro-americanos na sociedade estadunidense e abalou a consciência política daquele país. Esta é a história de um homem negro em uma sociedade em que muitos negros não podiam votar, sentar nos lugares da frente dos transportes públicos e ir a uma escola de brancos. É a história das suas esperanças, dos seus sonhos, da sua luta e dos tumultos raciais dos anos 1950 e 1960.

Detroit em rebelião (EUA). Direção de Kathryn Bigelow, 2017. 143 min.

Operação policial terminou na tortura e no massacre de um grupo de negros e duas mulheres brancas e deu origem a uma devastadora revolta popular que tomou conta da cidade de Detroit por cinco dias em 1967.

Eu não sou seu negro (EUA). Direção de Raoul Peck, 2016. 93 min.

Documentário baseado no manuscrito inacabado do livro *Remember this House*, de James Baldwin, que constrói uma reflexão sobre como é ser negro nos Estados Unidos com base no relato sobre a vida e o assassinato de líderes ativistas como Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Jr. O diretor combinou o manuscrito com um rico arquivo de imagens dos movimentos por direitos civis e *Black Power*, conectando essas lutas históricas por justiça e igualdade com os movimentos atuais que ainda clamam os mesmos direitos.

FIQUE DE OLHO

A História de Ruby Bridges (EUA). Direção de Euzhan Palcy, 1998. 96 min.

Em 1960, as crianças negras têm garantido o direito de estudar em escolas até então reservadas a brancos. A menina negra, Ruby Bridges, de 6 anos, vai para a escola escoltada por policiais federais. As pressões sobre a menina são enormes, mas ela teve o apoio da mãe e da professora.

Para desenvolver

A luta dos negros por direitos civis

Ressalte para a turma que nos anos 1960 a luta da população negra pelos direitos civis se intensificou, ao passo que as leis segregacionistas, vigentes especialmente nos estados sulistas, iam sendo consideradas inconstitucionais pela Suprema Corte dos Estados Unidos. Mas os conflitos sociais nos EUA não diminuíram, uma vez que a elite racista resistia e agia de forma muito violenta, resultando no assassinato de líderes como Malcolm X e Martin Luther King, em 1965 e 1968,

respectivamente, e em confrontos urbanos de grandes proporções, como o registrado na cidade de Detroit em 1967, que envolveu uma verdadeira batalha campal e deixou um saldo impressionante de 43 mortos, mais de 340 feridos e 7 mil prédios queimados.

Para desenvolver

A contracultura

Com relação aos movimentos de contracultura dos anos 1960, explique para a turma que, para os *hippies*, o dinheiro e o consumo de bens industrializados eram muito menos importantes que a solidariedade, a liberdade e o amor. Sem emprego, plantavam para comer ou viviam nas calçadas fazendo artesanato. Em pouco tempo, o movimento *hippie* cresceu com o engajamento de jovens de cidades estadunidenses e europeias.

De olho na BNCC

Ao analisar com a turma os movimentos feministas dos anos 1960 contra a discriminação e por direitos iguais na sociedade, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento da seguinte habilidade:

- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

CÁ ENTRE NÓS

Betty Friedan tornou-se conhecida nos Estados Unidos quando publicou, em 1963, o polêmico livro *Mística feminina*. O livro foi um sucesso de vendas. Após entrevistar várias mulheres, ela demonstrou a insatisfação feminina com o machismo e o preconceito. Betty Friedan criticou os valores sociais que exigiam perfeição das mulheres como esposas, mães e donas de casa.

1968: Martin Luther King é assassinado. Protestos estudantis em Paris e em várias cidades do mundo.

A luta das mulheres

Na década de 1960, nos Estados Unidos, os negros lutaram e conquistaram seus direitos civis. Mas as mulheres também lutaram. A discriminação contra a mulher começava na família e continuava no trabalho. Mesmo com funções iguais às do homem, a mulher tinha salário menor. Cargos executivos e de gerência eram exclusivos para homens. Para a mulher, era reservado o papel de esposa e mãe.

Betty Friedan, junto a outras mulheres, fundou a Organização Nacional Feminina. O objetivo era que as mulheres tivessem os mesmos direitos dos homens.

Em 1964, a Suprema Corte dos Estados Unidos proibiu qualquer discriminação de raça ou sexo nos locais de trabalho. A seguir, outras leis garantiram às mulheres seus direitos na sociedade, tornando crime a discriminação feminina.

Contracultura, paz e amor

Nos anos 1950 e 1960 os jovens também se manifestaram contra os padrões conservadores dominantes. Artistas e escritores defenderam uma cultura diferente, uma **contracultura**, pois eram contra o “modo de vida americano” (*American way of life*), o individualismo e o consumismo.

Nos Estados Unidos, muitos jovens não suportavam o autoritarismo dos pais e a opressão da sociedade. Adeptos da contracultura, eles queriam viver em outra sociedade, na qual o compromisso fosse apenas com a paz e o amor. Nos anos 1960, na Califórnia, surgiu o movimento *hippie*.

Muitos foram morar em comunidades ao ar livre. Usando roupas coloridas e cabelos compridos, eles rejeitavam o consumismo e o conservadorismo da sociedade.



Hippies participam de festival de música na cidade de Nova Orleans, Louisiana, Estados Unidos. Fotografia de 1971.

160 ► UNIDADE 3 | Nos tempos da Guerra Fria

Fique ligado

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos – O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Para ampliar suas informações sobre temas como a revolução social e cultural dos anos 1960, indicamos a leitura da “Parte Dois” desse livro.

Histórias cruzadas (EUA). Direção de Tate Taylor, 2011. 146 min.

A história, que é ambientada no Mississippi em 1962, du-

rante a gestação do movimento dos direitos civis nos EUA, acompanha Eugenia “Skeeter” Phelan, jovem que acabou de se graduar e quer virar escritora, mas encontra a resistência da mãe, que quer vê-la casada. Aconselhada a escrever sobre o que a incomoda, “Skeeter” encontra um tema em duas mulheres negras: Aibileen, empregada que já ajudou a criar 17 crianças brancas, mas chora a perda do próprio filho, e Minny, cozinheira de mão cheia que não arruma emprego porque não leva desaforo dos patrões para casa.

She is beautiful when she's angry (Ela fica linda quando está com raiva) (EUA). Direção de Mary Dore, 2014. 92 min.

O documentário relembra a segunda onda do movimento feminista dos Estados Unidos, que ocorreu durante as décadas de 1960 e 1970. As personagens do filme fizeram parte da história do feminismo. Entre elas estão Kate Millet e Eleanor Holmes Norton, primeira mulher a presidir o Comitê de Igualdade de Oportunidades de Emprego nos Estados Unidos.

É rock'n'roll

Nos anos 1950 surgiu um tipo de música que mesclava vários estilos musicais e usava guitarras e bateria. A música, alegre e vibrante, foi chamada de **rock'n'roll** ou, simplesmente, **rock**. Era música para dançar, o que atraía a juventude. Logo, o **rock** tornou-se desafiador dos valores sociais, sendo adotado pelo movimento de contracultura.

Nos anos 1960, o mundo conheceu o **rock** a partir de um conjunto de músicos inovador: The Beatles. A seguir, diversas outras bandas surgiram.

Em 1957, ano da fotografia ao lado, Elvis Presley tornou-se muito conhecido pela música *Jailhouse Rock*. Seu jeito de dançar era muito ousado para a época, e influenciou muitos jovens.

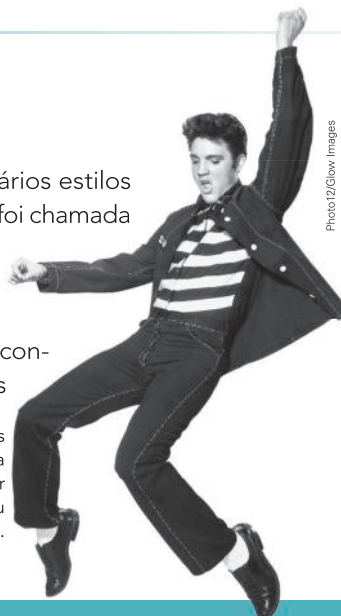


Photo12/Glow Images

OUTRAS HISTÓRIAS ARTES

Arte Pop

Na década de 1960 surgiu um movimento artístico que ficou conhecido por *Arte Pop* (ou *Pop Art*, em inglês), uma abreviação de *Arte Popular*. Os artistas usavam em suas criações temas típicos da cultura de massa, como objetos de consumo, publicidade comercial, artistas de cinema, pessoas famosas, etc. Dois nomes se destacaram nos Estados Unidos: Roy Lichtenstein e Andy Warhol.

trabalhos mais conhecidos da *Arte Pop* são os de Warhol. A obra intitulada *Latas de Sopas Campbell*, de 1962, refere-se a um produto muito consumido nos Estados Unidos. Em 1962, a atriz Marilyn Monroe foi tema de um famoso quadro de Warhol. A *Arte Pop* não criticava a sociedade de consumo, mas tirava dela os seus temas. Suas cores eram fortes e o acrílico era muito usado.

Gardiel Bertrand/Hemis/Agência France-Press/ALTVS, Brasil, 2018.



Latas de Sopas Campbell, tinta de polímero sintético sobre tela de Andy Warhol, 1962. O uso de objetos de consumo popular como tema e sua repetição caracterizam as obras do artista. Museu de Arte Moderna de Nova York, Nova York, EUA.

Gardiel Bertrand/Hemis/Agência France-Press/ALTVS, Brasil, 2018.



Marilyn Monroe Dourada, serigrafia e tinta sobre tela de Andy Warhol, 1962. O uso de cores fortes e brilhantes era comum entre artistas da *Arte Pop*. Museu de Arte Moderna de Nova York, Nova York, EUA.



- A *Arte Pop* pode ser considerada arte popular? Discuta com seus colegas.



Para desenvolver O rock'n'roll

Ao analisar em sala com os alunos o surgimento e a consolidação do *rock'n'roll* nos anos 1950 e 1960, a seu critério, destaque que o Festival de Woodstock, realizado em agosto de 1969, foi um marco fundamental nesse processo. Durante três dias, 500 mil jovens assistiram a artistas e bandas do movimento de contracultura, como Joan Baez, Janis Joplin, The Who, Joe Cocker, entre muitos outros. Jimmy Hendrix tocou em sua guitarra *The Star-Spangled Banner* (A bandeira estrelada), o hino nacional dos Estados Unidos. Não era um ato patriótico, mas sim um protesto contra a Guerra do Vietnã. Hendrix modificou a música, tirando acordes de guitarra similares a bombas explodindo, tiros e sons desesperadores da guerra.

Outras histórias

Artes

- *Arte popular* é criação cultural de compositores, músicos, cantores, escritores, escultores, dançarinos, entre outros artistas, cuja origem social é a de trabalhadores do campo e da cidade. O samba, o bumba-meu-boi, a capoeira, a literatura de cordel, as esculturas de barro e as confecções artesanais de renda são consideradas arte popular. A *Arte Pop* é diferente. Seus principais artistas adotaram como temas principais de suas pinturas produtos de consumo de massa, como latas de sopa ou de refrigerantes, e também artistas consagrados pelo cinema estadunidense, como Marilyn Monroe, Elisabeth Taylor, James Dean e Elvis Presley. Portanto, a *Arte Pop* é mais identificada com o consumo de massa e não propriamente com a arte popular.

Fique ligado

Para ampliar as informações sobre o estilo musical que ficou conhecido por *rock'n'roll* e o movimento de *contracultura*, indicamos estes livros e filmes.

FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll – uma história social*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock (1965-1969)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Prisioneiro do rock (EUA). Direção de Richard Thorpe, 1957. 96 min.

História de um rapaz que, na prisão, aprende a tocar

violão e, após ser libertado, investe na carreira musical. O filme lançou Elvis Presley como astro do *rock*.

Hair (EUA). Direção de Milos Forman, 1979. 121 min.

Rapaz a caminho da Guerra do Vietnã encontra grupo de *hippies* em Nova York. O encontro altera a vida de todos eles.

Para desenvolver Contra a guerra

Ressalte para os alunos que o crescente e desastroso envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã gerou muitos protestos populares, incluindo atletas e artistas de renome na época, como o pugilista Muhammad Ali e o músico Bob Dylan. Muhammad Ali, que antes de se converter ao islamismo se chamava Cassius Clay, recusou a convocação para lutar no Vietnã, argumentando que aquilo era “guerra de homem branco” e que nenhum vietnamita o havia chamado de “preto” – uma ofensa racista emblemática. Como punição, Ali perdeu a licença para lutar entre 1967 e 1970. Já Bob Dylan, em especial na canção *Master of War*, chama de “senhores da guerra” os governantes, os militares e os fabricantes de armas que apoiavam o ataque dos Estados Unidos ao Vietnã. Eles produziram armas, aviões de combate e bombas, mas escondiam os verdadeiros motivos para manterem a guerra. Dylan afirma que eles podiam se esconder atrás de paredes e mesas ou com máscaras, mas que ele sabia reconhecê-los, e que os senhores da guerra convocam os jovens para o serviço militar e depois correm para longe quando as armas são disparadas. Enquanto os jovens morrem nas guerras, os governantes assistem a tudo pela televisão no conforto de suas mansões.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala de aula a Guerra do Vietnã, temática abordada na página 162, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

CÁ ENTRE NÓS

Os guerrilheiros da FLN ficaram conhecidos como **vietcongues**, cuja tradução é “vietnamita comunista”.

FIQUE DE OLHO

Platoon (EUA).
Direção de Oliver Stone, 1986.
120 min.

Jovem se alista no exército para lutar no Vietnã, mas não demora para se dar conta da brutalidade da guerra.

Lutar no Vietnã

Vietnã, Laos e Camboja são países localizados na península da Indochina. Durante a Segunda Guerra Mundial, o líder comunista vietnamita Ho Chi Minh liderou a luta contra os japoneses. Ao final da guerra, os comunistas vietnamitas também derrotaram os franceses que dominavam a região e declararam a independência do Vietnã.

Contudo, o Vietnã foi dividido em dois países: o Vietnã do Norte, de regime comunista, governado por Ho Chi Minh e apoiado pela União Soviética e a China; e o Vietnã do Sul, governado por um ditador, de regime capitalista e apoiado pelos Estados Unidos.

No Vietnã do Sul a oposição se organizou na Frente de Libertação Nacional (FLN). A Frente era liderada por comunistas e tinha grande apoio popular. Ho Chi Minh também forneceu armas e munições.

Um conflito desastroso

O governo dos Estados Unidos, a partir de 1964, enviou mais de 550 mil soldados para combater a FNL no Vietnã do Sul. Aviões jogaram toneladas de bombas no Vietnã do Norte.

No entanto, a FLN tinha o apoio da população. Os soldados estadunidenses ainda tinham de lutar em florestas repletas de armadilhas e ataques surpresa.

Os soldados destruíam aldeias, matavam seus habitantes, bombardeavam florestas e pessoas com armas químicas que causavam queimaduras

terríveis, mas nada adiantava.

As pessoas assistiam aos horrores da guerra pela televisão. Soldados estadunidenses retornavam mutilados ou mortos. Os jovens protestaram. Os *hippies* lançaram o lema: “Faça amor, não faça guerra”. Grandes manifestações nas cidades exigiam o fim do conflito. Martin Luther King participou dos protestos. Muitos jovens não obedeciam à convocação para o alistamento militar.

A maior potência militar do planeta foi derrotada pelos vietnamitas. Em 1975, tropas do Vietnã do Norte entraram em Saigon, capital do Vietnã do Sul. No ano seguinte, o país foi unificado sob o governo de Ho Chi Minh. Surgia a República do Vietnã.



162 ► UNIDADE 3 | Nos tempos da Guerra Fria

Soldados estadunidenses tentam salvar amigo ferido em batalha contra guerrilheiros da FLN, no Vietnã. Arquivos Nacionais e Administração de Registros, Washington, D.C., EUA. Fotografia de 1967.

Fique ligado

Forrest Gump: o contador de histórias (EUA). Direção de Robert Zemeckis, 1994. 142min.

Convivendo com suas próprias limitações, Gump participou dos principais eventos de sua época, como o movimento pelos direitos civis, o movimento *hippie* e a Guerra do Vietnã.

Apocalypse Now (EUA). Direção de Martin Scorsese, 1979. 153 min.

Capitão do exército tem missão de encontrar coronel refugiado na selva. Quanto mais o capitão avança de barco pelos rios, mais presencia os horrores da guerra.

Maio de 1968

O ano de 1968 foi o auge dos protestos contra o autoritarismo. Em vários países ocorreram revoltas. Na Tchecoslováquia, uma grande rebelião popular ocorreu contra a dominação da União Soviética. No México, protestos estudantis resultaram em centenas de mortos. No Brasil, ocorreu a Passeata dos 100 Mil contra a ditadura militar. Nas universidades dos Estados Unidos, milhares de estudantes exigiam o fim da Guerra do Vietnã.

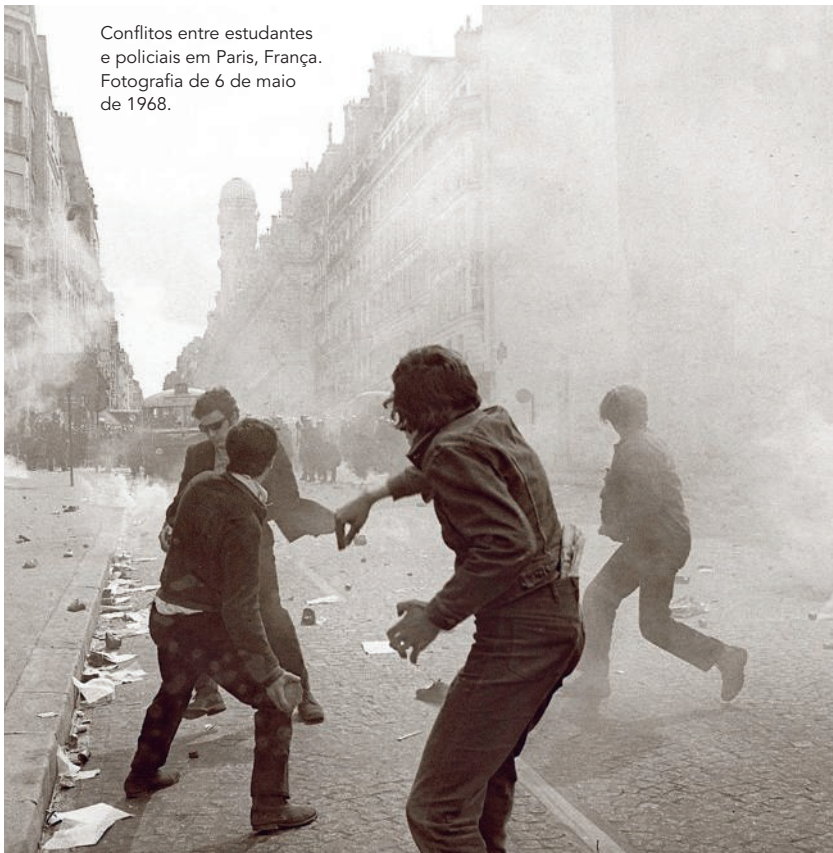
Mas foi em Paris, capital da França, que eclodiu uma grande rebelião. Em maio daquele ano estudantes ocuparam a Universidade de Nanterre. A seguir, tomaram o bairro universitário, o Quartier Latin. Em outras universidades francesas também ocorreram manifestações.

Trabalhadores se juntaram aos estudantes e convocaram uma greve geral no país. Barricadas foram levantadas nas ruas e a polícia não tinha como controlar a rebelião, que uniu estudantes e operários.

O presidente Charles de Gaulle convocou eleições. Grande parte da sociedade francesa estava assustada com as manifestações. Com a vitória de seu partido, De Gaulle acionou a polícia. A repressão policial foi grande e o movimento rebelde de 1968 chegou ao fim.

Maio de 1968, na França, foi o auge do movimento de contracultura. Depois desse episódio, as revoltas e protestos estudantis recuaram. O integrante do conjunto The Beatles, John Lennon, definiu bem aquele momento quando, em 1969, disse: “O sonho acabou”.

Conflitos entre estudantes e policiais em Paris, França. Fotografia de 6 de maio de 1968.



AFP/Agência France-Press

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Oriente os alunos a reler a pergunta da página 154 e as respostas que elaboraram para ela. A seu critério, estabeleça a seguir um debate com a turma sobre as mudanças de comportamento e as reivindicações políticas e sociais da juventude entre as décadas de 1960 e 1970, momento em que os Beatles constituíam uma das bandas de *rock* mais importantes no cenário mundial.

De olho na BNCC

Ao analisar com a turma as causas e os desdobramentos políticos e sociais das manifestações realizadas no ano de 1968 por jovens de várias partes do mundo contra diferentes formas de autoritarismo e por mais democracia e liberdade social, lembre-se de que você promoverá as seguintes habilidades:

- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.
- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI36 – Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

Fique ligado

Para que você possa ampliar as informações sobre os protestos populares e as rebeliões da juventude no ano de 1968, indicamos os livros e filmes a seguir.

KURLANSKY, Mark. *1968: o ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. *1968: eles só queriam mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

A chinesa (França). Direção de Jean Luc-Godard, 1967. 96 min.

Um dos mais expressivos filmes sobre o contexto de radicalização estudantil na França dos anos 1960. Estudantes adeptos do maíismo decidem superar as teorizações e partem para a prática revolucionária.

Depois de maio (França). Direção de Olivier Assayas, 2013. 122 min.

No início dos anos 1970, jovem se divide entre continuar as lutas políticas ou realizar desejos pessoais.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 154?

Créditos das imagens de baixo para cima: Bill Zygmant/Rex Features/Glow Images; Associated Press/Glow Images; SZ Photo/Associated Press/Glow Images; SZ Photo/Scherl/The Bridgeman Art Library/Easypix; Bettmann/Getty Images; Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Getty Images; Dirk Halstead/The Life Images; Collection/Getty Images; Granger/Fotoarena

163

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Os negros não tinham acesso aos direitos civis. Nos estados sulistas, havia leis racistas que impunham a separação entre brancos e negros. Existiam banheiros e piscinas públicas, restaurantes, bares, lojas e até mesmo praças com espaços segregados para brancos e negros. As piores escolas e empregos eram para a população negra. Eles ainda sofriam com a violência policial e com a injustiça do sistema penal.
2. Mahatma Gandhi foi o líder mais importante na luta do povo indiano contra a dominação inglesa e defendia a estratégia da desobediência civil, ou seja, não aceitar leis consideradas injustas ou humilhantes, promovendo boicote ao pagamento de impostos e a produtos ingleses. Martin Luther King tornou-se o mais conhecido líder na campanha pelos direitos civis da população negra do sul dos Estados Unidos, tendo adotado as estratégias de Gandhi: a resistência passiva, a não violência, a desobediência civil, o não acatamento das leis consideradas pelos negros injustas ou discriminatórias.
3. A mulher era discriminada na família, no trabalho e na universidade, recebendo salários menores nas mesmas funções desempenhadas por homens, para os quais eram reservados os cargos de gerência e os cursos de pós-graduação. Em 1964, a Suprema Corte dos Estados Unidos proibiu qualquer discriminação por razões de sexo ou raça.
4. O movimento de contracultura criticava os valores culturais conservadores dominantes. Começou nos Estados Unidos com a recusa do “modo de vida americano”, do individualismo e do consumismo. Os *hippies*, o *rock* e *Arte Pop* são manifestações significativas da contracultura.
5. São motivos da derrota estadunidense o apoio da população do Vietnã à Frente de Libertação Nacional, o fato de a luta ocorrer em regiões de floresta, favo-



Photo 12/Glow Images

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Qual a situação social da população negra no sul dos Estados Unidos até o início dos anos 1960?
- 2 | A estratégia de luta adotada por Martin Luther King foi a “desobediência civil”. Como podemos associar a expressão a Mahatma Gandhi?
- 3 | Assim como os negros, as mulheres também eram discriminadas nos Estados Unidos. Desenvolva, em um parágrafo, essa afirmação, mencionando como elas conquistaram seus direitos.
- 4 | O movimento de contracultura se manifestava contra os valores culturais conservadores dominantes. Comente e desenvolva essa afirmação, fornecendo, também, exemplos.
- 5 | Associe a derrota dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã com a Frente de Libertação Nacional e a opinião pública estadunidense.
- 6 | Por que o movimento de maio de 1968 assustou as elites e o governo francês? Como foi derrotado?
- 7 | Avalie a importância de Martin Luther King na luta pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.
- 8 | Qual era a relação entre a contracultura e o modo de vida americano (*American way of life*)?
- 9 | Por que a frase a seguir é falsa?
O movimento que ocorreu em maio de 1968, na França, era bastante conservador, pois exigia que o governo impusesse ordem no país.
- 10 | A população do Vietnã viveu conflitos antes e durante a Segunda Guerra, mas também nos anos da Guerra Fria. Comente a afirmação.

PESQUISA

No Brasil, leis foram promulgadas para reprimir a prática do racismo.

A primeira foi em 1951, a Lei n. 1390/51, chamada de Lei Afonso Arinos, parlamentar autor do projeto de lei.

Depois, em 1989, foi promulgada a Lei n. 7716/89, proposta pelo deputado Carlos Alberto Caó Oliveira Santos – por isso conhecida por Lei Caó.

Procure conhecer essas duas leis. Ambas criminalizam o racismo e estabelecem penas contra aquele que discriminar pessoas devido à cor de sua pele.

- 1 | Veja as diferenças entre a lei que foi aprovada em 1951 e a outra, que entrou em vigor em 1989. No caso desta última, trata-se de legislação que pune com rigor qualquer tipo de preconceito, sobretudo o de racismo.
- 2 | Anote os casos em que a Lei n. 7716/89 prevê crime de racismo e quais as penalidades previstas para essa prática.
- 3 | Faça um cartaz expondo esses casos e as penalidades previstas na lei.
- 4 | Com o apoio do professor, coloque o cartaz no mural da escola, de preferência em lugar bem visível.

recendo os ataques dos guerrilheiros da FLN, a crescente crítica da opinião pública aos EUA devido aos massacres contra os camponeses vietnamitas em suas aldeias e, por fim, a oposição da própria sociedade estadunidense à guerra, com a volta de soldados mortos ou mutilados gerando grande insatisfação social.

6. Em Paris, os protestos estudantis verificados em outros países alcançaram uma grande dimensão em maio de 1968, com os estudantes tomando o bairro universitário, levantando barricadas e enfrentando a polícia, em meio a uma greve geral na França. Eleições foram convocadas e o partido conservador

de Charles de Gaulle se fortaleceu eleitoralmente, o que possibilitou ao presidente francês utilizar a polícia para pôr fim às manifestações de estudantes e operários.

7. O pastor Martin Luther King e diversas organizações que lutavam pelos direitos civis lideraram um boicote contra os ônibus da cidade de Montgomery, exigindo que os negros fossem tratados da mesma maneira que os brancos. A Suprema Corte dos Estados Unidos declarou ser inconstitucional que as empresas de ônibus discriminassem as pessoas. Martin Luther King adotou a estratégia da “desobediência civil”, pregando que os

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Jovens estadunidenses, com a bandeira do seu país e com o símbolo da paz pintados em seus rostos, participaram da manifestação contra a Guerra do Vietnã na cidade de Boston, em 15 de abril de 1970. Nessa manifestação, havia mais de 100 mil pessoas. Veja na imagem.

Mulheres em manifestação contra a Guerra do Vietnã em Boston, Massachusetts, Estados Unidos. Milhares de jovens nos Estados Unidos protestaram contra a Guerra do Vietnã. Muitos deles desobedeciam à convocação para o alistamento militar, mesmo correndo risco de punição. Fotografia de 1970.



- As duas jovens que aparecem à esquerda pintaram o rosto com dois símbolos: um deles é a bandeira dos Estados Unidos. O outro, por cima da bandeira, é o símbolo da paz. O que as motivou a pintar no rosto os dois símbolos simultaneamente?

O PASSADO PRESENTE

Em julho de 2014, na cidade de Nova York, policiais cercaram Eric Garner, um homem de 43 anos. Ele estava desarmado e não reagiu. Mesmo assim, os policiais o imobilizaram e aplicaram-lhe uma “gravata”. Eric Garner morreu sufocado. Alguém filmou a cena com um celular. Por várias vezes, Eric disse aos policiais: “Eu não consigo respirar”.

Um mês depois, em agosto, um policial da cidade de Ferguson, no estado de Missouri, nos Estados Unidos, matou com seis tiros o jovem Michael Brown, de 18 anos. Ele também estava desarmado.

Em novembro, o júri inocentou o policial que matou Michael Brown a tiros. Dez dias depois, o policial que matou Eric Garner por estrangulamento também foi inocentado.

Os policiais inocentados eram brancos e os homens mortos eram negros. A decisão dos dois júris gerou enormes protestos em várias cidades dos Estados Unidos. Os protestos lembraram as manifestações dos negros do sul dos Estados Unidos nos anos 1960, quando lutaram pelos direitos civis.

- Na internet, realize uma pesquisa sobre os protestos contra a violência policial nos Estados Unidos e contra a decisão dos júris sobre as mortes de Eric Garner e Michael Brown. Analise as principais denúncias dos manifestantes. Quais foram as acusações contra os policiais e contra os júris que os inocentaram? Quais foram as exigências dos manifestantes? Como a polícia reagiu aos protestos? Como você interpreta o fato de pessoas brancas protestarem ao lado de pessoas negras?

Movimentos sociais na década de 1960 | CAPÍTULO 9 ◀ 165

- ▶ negros, sem violência, não deveriam obedecer a leis consideradas injustas, realizando também passeatas e grandes comícios como estratégia de luta. A Suprema Corte, ao final, declarou que a segregação racial violava a Constituição do país.
- 8. Revoltados com o autoritarismo e o conservadorismo da sociedade estadunidense, jovens nos anos 1950 e 1960 recusaram o modo de vida americano, o individualismo, o materialismo e o consumismo, criando uma contracultura e adotando valores comunitários e solidários, bem como a liberdade, a paz e o amor, como fizeram os *hippies* nos anos 1960.

- 9. O movimento começou com a rebelião de estudantes contra a violência policial; na sequência, líderes sindicais convocaram uma greve geral no país para denunciar a falta de liberdade, o autoritarismo governamental e o conformismo da sociedade. Vitorioso nas eleições que convocou, o presidente Charles de Gaulle determinou uma violenta repressão aos estudantes e operários.
- 10. Durante a 2ª Guerra Mundial, em 1940, a região em que se localizava o Vietnã, dominada desde o século XIX pela França, foi ocupada pelo Japão. Com o fim dessa guerra, os franceses

tentaram retomar o controle da região dando origem à 1ª Guerra da Indochina (1946-1954). Dos acordos de paz que seguiram a esse conflito, surgiram a República Democrática do Vietnã, no norte, governada por comunistas e com apoio da China e da URSS, e o Estado do Vietnã, ao sul, com um regime ditatorial apoiado pelos EUA, que foram aumentando gradativamente sua presença militar na região nos anos 1960. No auge da Guerra Fria, os EUA empregaram ao todo cerca de 2,5 milhões de soldados e lançaram cerca de 7 milhões de toneladas de bombas sobre o Vietnã, resultando em número de mortos estimado entre 800 mil e 2 milhões.

Pesquisa

A lei de 1989 pune com muito mais rigor os casos de racismo do que a lei de 1951. Além disso, a primeira possui mais artigos do que a segunda. Para obter informações sobre essas duas leis, os estudantes podem acessar os seguintes links: <www2.câmara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1390-3-julho-1951-361802-norma-pl.html>, para a Lei Afonso Arinos, e <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm>, para a Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989.

Imagens contam a história

Os Estados Unidos estavam em guerra com o Vietnã. Com essa atitude, as jovens mostram que queriam o fim da guerra, que queriam a paz. Mas ser favorável ao fim da guerra não significava que elas estivessem contra o próprio país. Elas queriam que o país não se envolvesse em guerras. Portanto, pintaram no rosto a bandeira dos Estados Unidos e o símbolo da paz.

O passado presente

Resposta pessoal. Os estudantes poderão perceber que os manifestantes estavam protestando contra a violação dos direitos civis, a discriminação racial e a impunidade quando as vítimas são afrodescendentes, o que configura racismo.

Capítulo 10 Movimentos de emancipação na África

O capítulo tem como temas centrais os processos de superação do colonialismo e de emancipação política e econômica das mais diversas regiões do continente africano, que durante muitos séculos foram dominadas e exploradas por nações europeias, como Inglaterra, França e Portugal, países que somente perderam as suas antigas possessões coloniais na África gradativamente entre as décadas de 1950 e 1970. O personagem histórico microanalítico do capítulo é o sul-africano Nelson Mandela (1918-2013), que, devido a sua longa e destemida luta contra o regime ditatorial que comandava o *apartheid* na África do Sul, se tornou um dos mais importantes líderes mundiais do século XX.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar os problemas econômicos, políticos e sociais que os vários séculos de colonialismo produziram nas mais diversas regiões da África, realçando também a diversidade étnico-cultural e geográfica desse continente.
- Destacar e acompanhar a luta do Congresso Nacional Africano (CNA) e de Nelson Mandela contra o regime do *apartheid* na África do Sul.
- Compreender as características e iniciativas principais do pan-africanismo, enfatizando as enormes dificuldades enfrentadas pelos países e povos da África, que alcançaram a sua independência gradativamente entre as décadas de 1950 e 1970.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI14	EF09HI16
EF09HI28	EF09HI31



Crianças angolanas assistem à aula em escola improvisada na cidade de Kuito, Angola. O país conquistou sua independência em 1974. A seguir, os angolanos sofreram com a violenta guerra civil que somente terminou em 2002. A cidade de Kuito foi destruída pelo conflito. Fotografia de 2003.

PictureAlliance/DPA/AlbumFotoarena

CAPÍTULO 10 MOVIMENTOS DE EMANCIPAÇÃO NA ÁFRICA

Durante séculos, imensas regiões da África foram dominadas por países europeus.

Em meados do século XX, os povos africanos lutaram pela independência. Intelectuais negros formularam ideias sobre o pan-africanismo.

A libertação da dominação europeia não foi fácil. O resultado foi a formação de novos países na África; mas, com eles, surgiram novos problemas – e novas lutas. As fronteiras entre os países foram estabelecidas de acordo com os interesses europeus, resultando em rivalidades internas e, por vezes, guerras civis.

O governo português foi intolerante com as lutas pela independência de suas colônias na África, até a vitória dos guerrilheiros africanos. Na África do Sul foi instaurando um regime racista, provocando lutas pela igualdade, nas quais se destaca o líder negro Nelson Mandela.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Brasil e Angola têm muitos elementos em comum em suas culturas. Você saberia citar apenas um deles partilhado pelas duas sociedades?

Créditos das imagens de baixo para cima: Ludovic Marin/Pool Photo/Associated Press/Glow Images; Herve Gloaguen/Gamma-Legends/Getty Images; Wikipedia/Wikimedia Commons/Museu Metropolitan de Arte, Nova York, EUA.; Seb Oliver/Cultura Exclusive/Getty Images; Coleção particular/Spaarnestad Photo/The Bridgeman Art Library/EasyPix; STF/BTA/Agência France-Press

166

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Os dois países foram colônias de Portugal, no passado, e têm o português como idioma em comum no presente. Além disso, milhões de africanos de origem banta vieram para o Brasil por força do nefasto tráfico transatlântico de escravizados, entre os séculos XVI e XIX, provenientes do sul da África e da África Central, onde se localiza Angola.

Com efeito, a influência angolana na cultura e na composição étnica da sociedade brasileira é marcante e pode ser percebida em nosso vocabulário, música, comida e manifestações religiosas. Por exemplo, as palavras “quitanda”, “cafuné”, “chamego” e “moleque” são derivadas do vocabulário de povos da região onde hoje está Angola.

Na luta por justiça

Em 1918, no sul do continente africano, onde hoje há um país chamado África do Sul, nasceu Nelson Mandela. Ele era de uma família de posses, de uma tribo no interior. Cresceu cuidando do gado da família e havia sido preparado para ser o chefe da tribo.

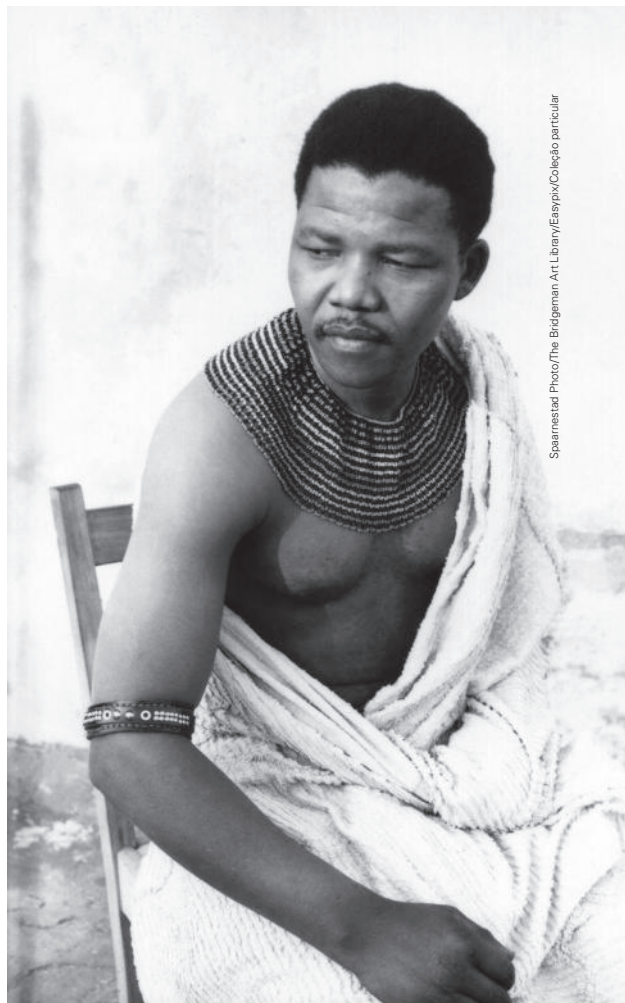
A África do Sul tinha alcançado a independência da Inglaterra em 1910. Quem tinha todos os privilégios era uma elite formada de brancos de origem holandesa, francesa e alemã, os chamados **bôeres**, que correspondiam a apenas 20% da população. No ano seguinte, em 1911, os bôeres impuseram ao novo país uma série de leis racistas. O conjunto dessas leis recebeu o nome de **apartheid**. Na língua dos bôeres, a palavra significa “apartar”, “separar”, “segregar”. A reação dos negros veio em 1912. Advogados e religiosos negros fundaram o Congresso Nacional Africano (CNA), cujo objetivo fundamental era lutar contra o *apartheid*.

Nelson Mandela tinha 21 anos quando, em 1939, entrou para a primeira universidade para negros do país. Era nessa universidade que os chefes tribais se formavam. Mas Mandela envolveu-se com as lutas do CNA e com a política estudantil. Foi expulso da universidade.

O chefe da tribo ficou furioso com Mandela. Então, aos 23 anos, ele resolveu partir para a capital do país, Joanesburgo. O jovem Mandela não tinha a menor ideia de que se tornaria um dos mais importantes líderes mundiais do século XX.

Em 1948, o *apartheid* tornou-se política oficial da África do Sul, com total separação entre brancos e negros. Pelo *apartheid*, havia moradias, hospitais, escolas, meios de transporte e lazer exclusivamente para brancos. Havia o mesmo para os negros. Certamente, tudo de melhor qualidade era reservado para os brancos. Uma das medidas mais segregacionistas foi a proibição de casamentos entre brancos e negros. Os negros não podiam votar ou participar da política do país. Para consolidar a segregação e ampliar o desnível socioeconômico, uma lei, aprovada pelo Parlamento sul-africano, reservou quase todas as terras férteis para os brancos. À grande maioria, os negros, restava viver em favelas e receber salários miseráveis.

Nelson Mandela lutava contra a discriminação racial em seu país, a África do Sul. Fotografia de 1961.



Spartanstad Photo/The Bridgeman Art Library/Easypix/Coleção particular

Movimentos de emancipação na África | CAPÍTULO 10 ◀ 167

FIQUE DE OLHO

Mandela: longo caminho para a liberdade (África do Sul/Grã-Bretanha). Direção de Justin Chadwick, 2013. 146 min.

Biografia do líder político Nelson Mandela, desde sua infância e prisão por 27 anos, até se tornar presidente eleito do país.

Para desenvolver

Nelson Mandela

Na análise da história de vida de Nelson Mandela, discuta com os alunos o significado do termo *apartheid* e ressalte uma terrível coincidência: no mesmo ano em que a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, a segregação racial na África do Sul se tornou uma “política oficial”, com a imposição pelo Partido Nacional, que reunia os setores sociais mais radicais e racistas dos bôeres. A legislação dividia os habitantes do país em quatro grupos raciais distintos: “brancos”, “negros”, “de cor” (“mestiços”) e “indianos”. Destaque também que foi justamente nesse contexto que, aos 34 anos de idade, Mandela liderou as primeiras manifestações pacíficas contra o *apartheid* e se tornou um advogado empenhado na defesa das vítimas do regime racista. Em 1963, Mandela foi preso pelo regime ditatorial vigente na África do Sul. Ele alcançaria novamente a liberdade somente 27 anos depois, em fevereiro de 1990, como resultado de uma ampla campanha internacional por sua libertação e pelo fim do *apartheid*.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados à luta do Congresso Nacional Africano (CNA) e de Nelson Mandela contra o *apartheid* na África do Sul, abordados inicialmente nas páginas 167 e 168, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

Fique ligado

MANDELA, Nelson. *Longa caminhada até a liberdade*. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2012.

O livro ajuda a ampliar os conhecimentos sobre a vida e a história de lutas sociais de Nelson Mandela.

Mandela – a luta pela liberdade (Alemanha). Direção de Bille August, 2007. 140 min.

O filme aborda os 27 anos em que o líder político sul-africano Nelson Mandela foi mantido na cadeia pelo regime ditatorial da África do Sul, durante a vigência do *apartheid*.

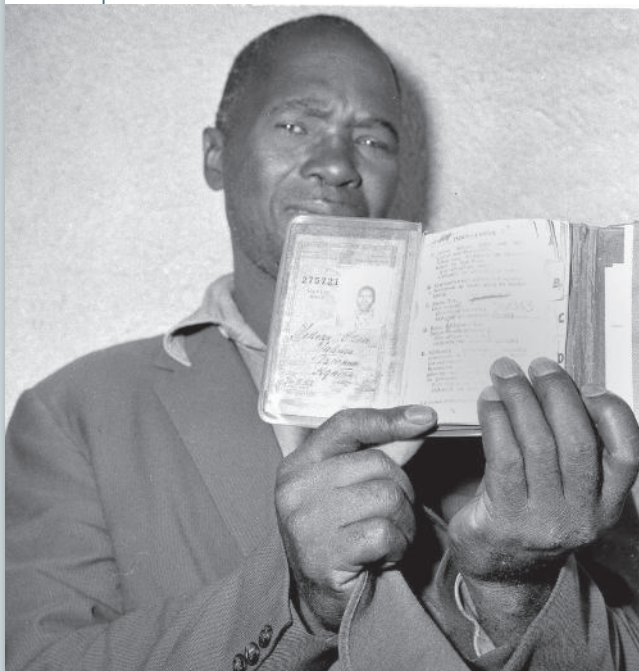
Para desenvolver

Apartheid

Destaque para os alunos que as leis do *apartheid* dividiram a África do Sul por quase cinco décadas, entre 1948 e 1994. Cerca de 3 milhões de brancos usufruíam de todos os privilégios, enquanto 11 milhões de negros e 2 milhões de mestiços e indianos viviam em condições precárias e sem direitos civis garantidos. Enfatize também que em uma das primeiras manifestações de repúdio internacional ao *apartheid*, em 1960, o professor e ativista Albert Lutuli, que presidiu o Congresso Nacional Africano (CNA) de 1952 a 1967, recebeu o Prêmio Nobel da Paz como reconhecimento de sua liderança no movimento de resistência pacífica ao regime segregacionista da África do Sul. Dois anos depois, a Assembleia-Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução que condenava veementemente o *apartheid* e orientava todos os estados-membros da ONU a romperem relações militares e econômicas com a África do Sul, o que não aconteceu de fato nessa década e nem na seguinte, tanto em função do contexto da Guerra Fria quanto devido às enormes riquezas minerais controladas pelo governo racista sul-africano da época – extensas reservas de carvão, diamantes, cobre, platina e manganês, entre outros recursos.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *As ações da ONU contra o apartheid* localizada no material digital do Manual do Professor.



Dennis Lee Royle/Associated Press/Glow Images

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Massacre de Shaperville

O governo racista da África do Sul instituiu a **Lei do Passe**, que obrigava a população negra a portar uma caderneta com dados pessoais. Sem ela, a pessoa poderia ser presa. Assim, a lei **cerceava** o direito de livre locomoção dos negros e submetia-os a verdadeiras humilhações.

A lei era tão injusta que provocou enorme protesto. No dia 21 de março de 1960, no bairro de Shaperville, 20 mil negros organizaram um protesto pacífico diante de uma delegacia policial. Mesmo assim, a polícia atirou contra a multidão, matando 69 pessoas e ferindo 180. O episódio, que ficou conhecido como Massacre de Shaperville, recebeu o repúdio de vários países. A Organização das Nações Unidas declarou o dia 21 de março Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.

Cercear:
restringir, limitar.

Homem negro sul-africano mostra sua caderneta com dados pessoais. Muitos negros do país queimaram suas cadernetas como forma de protesto. No entanto, foram obrigados a obter outra porque o governo racista determinou que, para conseguir emprego, era necessária a caderneta. Fotografia de 1960.



- Na sua opinião, por que o dia do Massacre de Shaperville foi vinculado à instituição do Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, declarado pela ONU?

Outras histórias

Lutas sociais

- O Massacre de Shaperville ocorreu por causa de um protesto contra uma lei racista, que cerceava a liberdade da população negra da África do Sul. Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) decidiu rememorar esse dia, a fim de que passasse a simbolizar a luta contra a discriminação racial em todo o mundo.

Fique ligado

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *A revolução sul-africana*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

Para ampliar seus conhecimentos sobre o regime racista da África do Sul durante a vigência do *apartheid*, entre 1948 e 1994, e a luta contra tal regime, desenvolvida nessas quase cinco décadas sob a liderança do Congresso Nacional Africano (CNA), indicamos o livro acima.

Pegando em armas

Após o Massacre de Shaperville, o CNA mudou sua forma de luta. A violência e a intolerância dos governantes sul-africanos eram tão intensas que o Congresso Nacional Africano abandonou a estratégia de resistência pacífica e adotou a luta armada.

Em 1960, o governo declarou o CNA ilegal e prendeu vários líderes negros, entre eles Nelson Mandela. No ano seguinte, ele foi solto e optou por viver na clandestinidade. Preso novamente, em 1964 ele foi condenado à prisão perpétua pelo “crime” de lutar contra as leis racistas.

As independências na África

A África entrou no século XX como um continente dominado por europeus, explorado em suas riquezas e com a população nativa submetida à dominação branca europeia.

O pan-africanismo

A África vinha sendo invadida por europeus desde o século XV. Inicialmente, foram os portugueses, mas logo chegaram ingleses, holandeses e franceses. Na segunda metade do século XIX, os países europeus realizaram a partilha da África entre si. Tratava-se do que ficou conhecido como **imperialismo** europeu na África e na Ásia.

Os colonizadores europeus também elaboraram uma série de ideias negativas sobre a África e a população que vivia no continente. Os povos africanos eram qualificados como “primitivos”, “inferiores”, “preguiçosos”. Os europeus também criaram ideias equivocadas: a de que os africanos não tinham organização política nem história própria.

Em fins do século XIX e início do século XX, sociólogos, professores e líderes políticos e religiosos nos Estados Unidos e na Jamaica criticaram o racismo e o colonialismo europeu. O lema deles era “A África para os africanos”. Surgia, assim, o **pan-africanismo**.

Inicialmente, o pan-africanismo se baseou na ideia de “raça”. Como sabemos, foram os europeus que inventaram expressões como “raça branca”, “raça negra”, “raça amarela”, etc. O objetivo era justificar a superioridade da “raça branca” sobre as outras. Hoje sabemos que não existem “raças”. Todas as pessoas, independentemente da cor da pele ou do formato dos olhos, pertencem a uma única espécie: a espécie humana.

Os pan-africanistas, todavia, resolveram usar a ideia de “raça” em proveito próprio e a favor do projeto de independência da África. Assim, eles diziam que havia algo que unia todos os africanos: a raça negra. Os africanos teriam, assim, interesses comuns e, juntos, poderiam lutar contra a colonização e o domínio europeus.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Visite um museu ou centro de tradições presente em seu município ou, se não houver um, busque o site de algum lugar próximo à região onde você vive. Explore as possibilidades de conhecimento relacionadas a esse lugar e, em seguida, escreva um pequeno texto relatando de que maneira você considera esse local interessante. Apresente também as formas pelas quais esse espaço pode auxiliar na preservação da memória das culturas africana e afro-brasileira.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados tanto às consequências para a África causadas pelo colonialismo europeu quanto aos processos de independência nacionais ocorridos sob a influência do movimento pan-africanista, presentes entre as páginas 169 e 174, lembre-se de que você promoverá as seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

Para desenvolver O pan-africanismo

O pan-africanismo, no início, ficou restrito a uma elite negra que estudara em universidades estadunidenses e em Paris. As ideias pan-africanistas circularam nos Estados Unidos, na Europa e em algumas cidades da África, sobretudo nas de colonização inglesa, onde havia escolas e imprensa. Somente após a Segunda Guerra Mundial o pan-africanismo se expandiu no continente europeu.

O seu lugar na História

Resposta pessoal de acordo com a pesquisa feita pelos estudantes. Professor, caso não haja um museu de cultura africana na região onde fica a escola, sugerimos os seguintes endereços eletrônicos para a pesquisa: Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, que fica na cidade de Salvador: <<http://www.mafro.ceao.ufba.br/>>, e Museu Afro Brasil, que fica na cidade de São Paulo: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Fique ligado

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília, DF: Unesco, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190256POR.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2018.

HERNANDES, Leila Leite. *A África na sala de aula. Visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2013. Para ampliar seus conhecimentos sobre o pan-africanismo e a história contemporânea do continente africano, indicamos esses três livros.

Para desenvolver

Diversidade africana

Ao abordar com a turma a temática da diversidade cultural e política da África, procure realçar tanto as características centrais dos diferentes espaços geográficos desse continente quanto a relação desses espaços com a exploração europeia durante o neocolonialismo e os regimes de governo e problemas políticos e sociais que emergem em cada região no curso dos processos de descolonização e formação de estados nacionais africanos no século XX.

Fique ligado

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Para ampliar as suas informações sobre a diversidade cultural, geográfica e política do continente africano, indicamos o livro acima, além dos filmes a seguir.

Nas montanhas dos gorilas (EUA). Direção de Michael Apted, 1989. 128 min.

Baseado na história real da antropóloga estadunidense que dedicou sua vida à proteção de gorilas em Ruanda, e foi assassinada, muito provavelmente, por caçadores.

Virunga (Reino Unido/Congo). Direção de Orlando von Einsiedel, 2014. 105 min.

Baseado em história real, o filme narra a vida dos guardas do Parque Nacional de Virunga, o mais importante da África, e como arriscam a própria vida para preservar a vida dos gorilas de caçadores e empresas petrolíferas.

Rainha de Katwe (EUA). Direção de Mira Nair, 2016. 124 min.

Em Uganda, menina órfã e pobre luta contra todos os obstáculos para se tornar uma das melhores jogadoras de xadrez do mundo.

FIQUE DE OLHO

Nova África, um continente, um novo olhar (Brasil). Direção de Mônica Monteiro, 2013. 26 min. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrika/episodio/liderancas-que-se-transformaram-em-herois-da-independencia-africana>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

Este programa conta a história de líderes africanos que motivaram multidões e contribuíram para a expulsão de colonizadores e construção de uma identidade africana, como Léopold Senghor, Kwame Nkrumah e Amílcar Cabral.

Os líderes pan-africanistas publicaram livros e jornais, realizaram conferências e congressos. Eles queriam unir os povos africanos e combater o colonialismo e a exploração europeia na África, negando a ideia de que os africanos eram “inferiores” aos europeus.

Nas décadas de 1920 e 1930, alguns jovens africanos foram estudar em Paris, na França. Eles retomaram as ideias de seus antecessores e defenderam a independência do continente africano dos países europeus. Também combateram as ideias preconceituosas sobre a África e se esforçaram para mostrar que os povos africanos tinham seus próprios valores, uma maneira própria de ser e uma história para contar.

África: diversidade cultural e divisões políticas

A África é um continente imenso. Seu território corresponde a 20% das terras do planeta. A diversidade do continente é enorme. A começar pela geografia: o deserto do Saara ocupa quase toda sua parte norte. Na região, existem vários países cuja população é identificada com a cultura árabe e segue a religião muçulmana. É o caso de Egito, Líbia, Argélia e Marrocos, para citar alguns.

Ao sul do deserto do Saara encontram-se florestas tropicais e savanas onde vivem diversos povos negros. Apesar de um imenso deserto separar a África em duas partes, povos árabes e a população negra não deixaram de manter contato.

A África é muito diversificada em termos culturais. Foram contabilizadas, até agora, 800 etnias e mais de mil línguas.

Ludovic Marin/Pool Photo/Associated Press/Glow Images



Reunião de líderes africanos e da França, Nuaquechote, Mauritânia. Na foto, estão presentes os presidentes da França, de Chade, de Burkina Faso, do Níger e do Mali. Fotografia de 2018.

170 ► UNIDADE 3 | Nos tempos da Guerra Fria

Atividade complementar

África

A seu critério, selecione episódios da série documental *Nova África: um continente, um novo olhar*, produzida pela TV Brasil em 2013 e disponível no endereço: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrika>>, acesso em: 21 out. 2018. Sugerimos que você exiba para os alunos, de modo especial, os episódios: “Diversidade cultural”; “Turismo na África mistura o sofisticado e o selvagem”; “Mulheres africanas”; “Movimentos populares”; “Como vivem as crianças africanas” e

“A tolerância e a paz entre as religiões africanas”.

Você pode dividir a turma em grupos e encarregar cada grupo de elaborar uma síntese relativa a um desses episódios para um debate posterior com todos os alunos, ou pedir que pesquisem imagens e informações complementares sobre os temas neles abordados para a confecção e apresentação de cartazes em sala.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Geografia

A Geografia é a disciplina que muito ajuda o historiador a compreender as sociedades do passado. No caso do continente africano, a imensidão do deserto do Saara distingue dois modos de vida. Ao norte, vive a população branca, que se identifica com a cultura árabe e é adepta da religião muçulmana. Ao sul do deserto, vive a população negra, que se divide em centenas de etnias, com grande diversidade cultural e linguística.

Contudo, não se pode pensar que o deserto do Saara separou completamente essas duas populações. A imensidão do deserto foi vencida por diversos povos, permitindo a comunicação entre os que viviam ao norte e os que viviam ao sul do Saara.



Mulheres no mercado da cidade de Marrakech, Marrocos. O país situa-se no norte da África. Fotografia de 2015.



Mulheres do povo Masai no distrito de Monduli, Tanzânia. O país situa-se ao sul do deserto do Saara. A região é conhecida como uma das mais belas do mundo. A riqueza da vegetação permite que milhares de animais nativos da África, como elefantes, zebras, rinocerontes, leões, entre outros, nela vivam livremente. Fotografia de 2018.



- 1 | Em um computador que tenha conexão com a internet, acesse, se possível, o site do Google Maps disponível em: <www.maps.google.com.br>, acesso em: 31 out. 2018. Em seguida, selecione, na parte inferior esquerda da tela, o modo de exibição “Imagens de Satélite” e digite no campo de busca: “Deserto do Saara, África”. Ajuste a imagem para visualizar o continente africano. Avalie a extensão do Saara e observe como o deserto divide a África em duas regiões: os países do norte, no litoral do mar Mediterrâneo, e diversos outros ao sul do deserto. Para visualizar o nome dos países, selecione o modo de exibição “Mapa”, também localizado na parte inferior esquerda da tela. Em seguida, discuta com seus colegas sobre como a análise de mapas pode auxiliar na compreensão das sociedades africanas.
- 2 | Realize outra pesquisa sobre a região conhecida como cratera de Ngorongoro. Procure saber, principalmente, por que essa parte da Tanzânia é conhecida como “Arca de Noé” e como vive o povo Masai que habita a região.



A História não está sozinha Geografia

1. Nesta atividade, os estudantes deverão perceber que a análise dos mapas na internet os auxiliará na localização do deserto do Saara em relação a outras partes do mundo e também em relação aos países ao norte e ao sul do deserto, no continente africano. Nesse sentido, o texto da seção será melhor compreendido quando eles analisarem, em um mapa produzido via satélite, uma região que se encontra muito distante da realidade cotidiana deles.
2. A cratera de Ngorongoro surgiu em uma época remota, quando um vulcão explodiu e sua montanha desabou. Região de difícil acesso, muitos turistas visitam a Área de Conservação de Ngorongoro, rica em vegetação e águas, para admirar búfalos, zebras, leões, pássaros, entre muitos outros animais que vivem livres na região. Ngorongoro é considerada uma das maravilhas naturais do planeta e é habitada pelo povo Masai, constituído de guerreiros, caçadores e coletores, vivendo harmoniosamente com a natureza deslumbrante da região.

Para desenvolver

Devemos evitar o uso da expressão “África Negra”, criada pelos colonizadores europeus, para nos referirmos a todos os povos que vivem ao sul do deserto do Saara. Nessa região, há uma multiplicidade de culturas, línguas e etnias. Não há, portanto, uma única África Negra, mas diversas sociedades que vivem na região ao sul do deserto do Saara.

Fique ligado

África extraordinária (EUA). Direção de Benjamin Eicher e Timo Mayer, 2013. 58 min.

O documentário apresenta os mais diferentes ambientes da África, realçando os grupos étnicos e os aspectos culturais mais relevantes de cada espaço geográfico abordado.

Para desenvolver

Fronteiras artificiais

Na abordagem com a turma dos graves conflitos étnicos e políticos que eclodiram em muitos países africanos após os processos de descolonização, com o auxílio do mapa “Independência da África [até a década de 1990]”, localizado na página 173, procure enfatizar que tais conflitos, em grande medida, são decorrentes da forma como, entre os séculos XIX e XX, as principais potências imperialistas europeias da época – como Inglaterra, Alemanha, França, Portugal e Bélgica – criaram fronteiras nacionais artificiais. Tais fronteiras foram estabelecidas sobretudo para favorecer a dominação e a exploração das diversas regiões africanas e acabaram potencializando inúmeras divergências entre os diferentes grupos étnicos da África no contexto pós-colonial.

Outras histórias

Episódios

- Com base nesta atividade, os estudantes poderão refletir sobre a fotografia como mensagem, como fonte que também deve ser analisada. A fotografia expressa a tragédia do conflito em Ruanda, ressaltando os refugiados apresentados em enorme estado de fragilidade. O fotógrafo busca revelar os aspectos mais desumanos do conflito e nos informa sobre eles.

Fronteiras artificiais

Os governos europeus que dominaram o continente africano não tiveram a menor preocupação de respeitar as diversidades culturais das diferentes etnias que habitavam a África. Os colonizadores sabiam que havia rivalidades entre os grupos étnicos africanos. Para melhor governar, provocaram ainda mais as desavenças entre eles.

Na partilha da África, as divisões territoriais feitas pelos europeus tinham o objetivo de encontrar a melhor forma de explorar as riquezas da região. As fronteiras entre as colônias foram, portanto, determinadas sem considerar os povos que ali viviam. Desse modo, surgiram colônias africanas com fronteiras artificiais. Povos com interesses em comum foram separados em países diferentes. E povos com sérias rivalidades foram unidos em um único país.

OUTRAS HISTÓRIAS EPISÓDIOS

Massacre de Ruanda

Um exemplo da problemática divisão territorial foi Ruanda, país localizado na África Central. As fronteiras territoriais traçadas pelos europeus não respeitaram a diversidade dos povos que ali viviam. A maioria, da etnia hutu, e a minoria, da etnia tutsi, foram reunidas em uma mesma colônia. Eles eram povos com antigas rivalidades.

Ruanda tornou-se independente em 1962. Em 1994, a guerra eclodiu entre hutus e tutsis. Calcula-se que de 800 mil a 1 milhão de tutsis foram mortos. O que ocorreu em Ruanda foi um dos mais graves genocídios do século XX.



Refugiados de Ruanda carregam caixas com suprimentos de comida em Kibumba, Congo. Fotografia de 28 de julho de 1994.

Ulli Michelfloer/Archive/Getty Images

- A fotografia não é uma cópia fiel dos acontecimentos. Vale lembrar que o fotógrafo decide o que vai fotografar, escolhe as pessoas ou as paisagens que serão fotografadas, bem como de que maneira serão fotografadas. O fotógrafo faz uma série de escolhas e nos passa uma mensagem. Observe a fotografia acima e reflita: que mensagem o fotógrafo quis transmitir com essa imagem? Qual é a sensação e a opinião que passamos a ter do conflito em Ruanda a partir dessa imagem?

Fique ligado

Entenda o genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em cem dias. *BBC Brasil*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms>. Acesso em: 21 out. 2018.

Diamante de sangue (EUA/Alemanha). Direção de Edward Zwick, 2006. 143 min.

No final da década de 1990, Serra Leoa está em plena guerra civil, com conflitos constantes entre o governo e a Força Unida Revolucionária (FUR). Quando uma tropa da FUR invade uma aldeia da

etnia Mende, o pescador Solomon Vandy é separado de sua família e levado a um campo de mineração de diamantes, riqueza usada pelos rebeldes para adquirir armas por meio da negociação com traficantes europeus.

O senhor das armas (EUA). Direção de Andrew Niccol, 2005. 122 min.

Traficante de armas europeu, sem o menor escrúpulo, fornece armamentos para milícias africanas, contribuindo para guerras civis e violência.

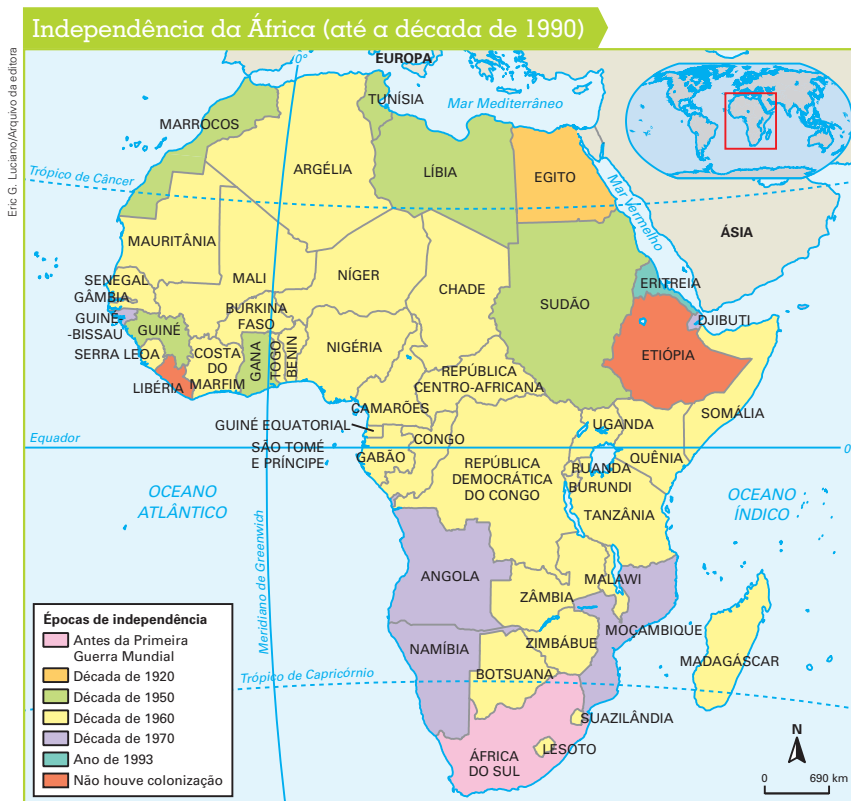
As independências e os novos países

O movimento pan-africanista se difundiu na África. Durante a Segunda Guerra Mundial, os povos africanos perceberam que os colonizadores europeus tinham divisões e antagonismos entre si e que poderiam ser derrotados.

Os movimentos africanos que lutavam pela independência cresceram principalmente nos anos 1950. Os governantes ingleses perceberam que a independência das colônias era inevitável e resolveram aceitá-la. Seria melhor manter boas relações diplomáticas e comerciais com as ex-colônias do que longas guerras que certamente resultariam em fracasso.

Desse modo, a maioria das colônias inglesas obteve sua independência nos anos 1950 e 1960. Foi o caso da Líbia (1951), do Sudão (1956), da Nigéria (1960), da Somália (1960), da Tanzânia (1961), de Uganda (1962), do Quênia (1963), de Gâmbia (1965), entre outros.

A França também tinha várias colônias na África. Diante dos movimentos de independência em suas colônias, os franceses agiram como os ingleses, embora se mostrassem extremamente intolerantes em alguns casos, como na Argélia. Várias de suas colônias africanas se tornaram independentes nos anos 1950 e 1960, como Marrocos e Tunísia, em 1956, e Senegal, Madagascar, Congo, Gabão e Mauritânia, em 1960.



FIQUE DE OLHO

Uma lição de vida (Reino Unido). Direção de Justin Chadwick, 2014. 2 h.

Filme baseado na vida do queniano Kimani Maruge. Após lutar pela independência de seu país, ele vai para a escola se alfabetizar aos 84 anos de idade. Kimani tem que enfrentar resistências, mas conta com o apoio da professora.

Hotel Ruanda (EUA, Itália, África do Sul). Direção de Terry George, 2004. 128 min.

Filme baseado em fatos reais. Um gerente de hotel em Ruanda abrigou centenas de tutsis para salvá-los do massacre comandado pelo exército hutu.

Para desenvolver

Lutas por independência na África

Na análise com a turma dos movimentos de independência ocorridos em diferentes regiões da África após a Segunda Guerra Mundial, trabalhe as informações presentes no mapa “Independência da África (até a década de 1990)” e, a seu critério, procure estabelecer uma “linha do tempo” desses processos de emancipação ao longo do século XX. Destaque, de modo especial, as estratégias que a Inglaterra e a França adotaram nos anos 1950 e 1960, diante da intensificação nesse período das lutas anticoloniais.

Fique ligado

FERRÓ, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

YAZBEK, Mustafa. *A revolução argelina*. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

Para ampliar as suas informações sobre os processos de independência e formação de Estados nacionais na África no pós-guerra, indicamos os livros acima e os filmes a seguir.

A Batalha de Argel (Argélia/Itália). Direção de Gillo Pontecorvo, 1966. 121 min.

O filme apresenta momentos decisivos da guerra pela independência da Argélia [1954-1962], marco do processo de libertação das colônias africanas.

O último rei da Escócia (EUA/Reino Unido). Direção de Kevin Macdonald, 2006. 122 min.

Jovem escocês recém-formado em Medicina decide trabalhar em Uganda, vindo a conhecer e a desfrutar da simpatia de Idi Amin Dada, que comandou uma ditadura nesse país entre 1971 e 1979, após um golpe de Estado.

Fique ligado

Mujica: A Europa é incapaz de ajudar a África para evitar a migração. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/mujica-a-europa-%C3%A9-incapaz-de-ajudar-a-%C3%A1frica-para-evitar-a-migra%C3%A7%C3%A3o/av-45434115>. Acesso em: 21 out. 2018.

Países africanos aprovam criação de zona de livre-comércio. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/pa%C3%ADses-africanos-aprovam-cria%C3%A7%C3%A3o-de-zona-de-livre-com%C3%A9rcio/a-43081469>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para saber mais sobre a situação de subdesenvolvimento econômico e social vigente nos países africanos que alcançaram sua independência nacional no pós-guerra, indicamos as notícias acima e os filmes a seguir:

Falcão Negro em perigo (EUA). Direção de Ridley Scott, 2001. 144 min.

Em outubro de 1993, os Estados Unidos enviaram um grande contingente de soldados para a Somália, que estava passando por uma guerra civil na época, a fim de desestabilizar o governo local.

Amor sem fronteiras (EUA). Direção de Martin Campbell, 2003. 127 min.

Socialite se relaciona com um médico que se dedica a causas humanitárias na Etiópia e conhece o sofrimento e a miséria enfrentados pela população desse país africano.

Redenção (EUA). Direção de Marc Forster, 2011. 129 min.

O filme narra a história verídica de um pastor que abdica do conforto de sua vida nos EUA para se dedicar às crianças órfãs do Sudão no momento em que esse país enfrentava uma guerra civil.

1956: Independência do Sudão, do Marrocos e da Tunísia.

1960: Massacre de Shaperville. Independência de Nigéria, Senegal, Madagascar, Congo, Gabão, Mauritânia e Somália.

CÁ ENTRE NÓS

Alguns países africanos tiveram pouco contato com o colonizador europeu ou alcançaram a independência rapidamente. A Etiópia, por exemplo, não sofreu com a colonização europeia. A África do Sul alcançou a independência ainda antes da Primeira Guerra Mundial, em 1910. O Egito alcançou a independência da Inglaterra em 1922.

FIQUE DE OLHO

Mafro – Museu Afro-Brasileiro-UFBA, com sede na cidade de Salvador, BA. Pertencente à Universidade Federal da Bahia, o Mafro conta com acervo da cultura material africana e afro-brasileira. Endereço eletrônico: <www.museuafrodigital.ufba.br/>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Independência e pobreza

A grande maioria dos países africanos alcançou a independência nos anos 1950 e 1960 com grandes esperanças no futuro. Contudo, a dominação e a exploração dos países europeus durante décadas de colonialismo criaram grande pobreza nos países recém-independentes. Os conflitos entre etnias e as fronteiras artificiais agravaram o problema.

Os países independentes que surgiram na África tinham poucas indústrias. Durante a dominação colonial, não era permitida a formação de indústrias locais. O objetivo era forçar a população a comprar produtos industrializados das fábricas europeias.

Os territórios africanos dominados pelas potências europeias foram economicamente estruturados para produzir alimentos e matérias-primas para as suas metrópoles. A Tanzânia especializou-se na produção de café, e a Nigéria tinha 80% de sua exportação baseada no petróleo. E assim continuaram após a independência.

Tratava-se de algo prejudicial à economia desses países, que ficavam dependentes de um produto para exportação. Os novos governos não tinham capacidade financeira para fazer investimentos, obrigando os novos países a pedir empréstimos externos. Isso os tornava dependentes dos países europeus e dos Estados Unidos. Faltavam engenheiros, médicos, professores.

Outra questão que agravou a situação dos países africanos foi a Guerra Fria. Muitos governantes africanos tomaram partido: uns dos Estados Unidos, outros da União Soviética.

Guerras civis prejudicaram ainda mais a população daquele continente. Atualmente, milhões de africanos sofrem com ditaduras cruéis, guerras civis, miséria, fome e doenças.



Na cidade de Lomé, capital de Togo, na África, a professora incentiva os alunos a participar da aula. Em vários países africanos, a educação atualmente tem sido prioridade de muitos governos, por vezes com ajuda de organizações internacionais e organizações não governamentais. Fotografia de 2011.

As lutas africanas contra o colonialismo português

Enquanto diversos governos europeus se convenceram de que a independência de suas colônias na África e na Ásia era um processo inevitável, a ditadura portuguesa tomou o caminho oposto.

Os portugueses viviam sob o governo autoritário de António de Oliveira Salazar desde 1932. E ele não admitia a independência das colônias portuguesas: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, as ilhas de São Tomé e Príncipe e o arquipélago de Cabo Verde.

Nos anos 1960, a repressão militar contra as manifestações de angolanos, moçambicanos e das outras colônias pela independência era violenta. Vários países condenaram o governo português por sua brutalidade. A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas reprovou a ditadura de Salazar pela insistência em manter colônias na África.

Diante da posição intransigente do governo português, os africanos se armaram. Em Cabo Verde, o líder comunista Amílcar Cabral organizou a luta armada contra os portugueses. Em Moçambique, o também comunista Samora Machel fundou a Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Em Angola surgiram três organizações que lutaram contra o domínio português. A mais conhecida foi a dos comunistas do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Em São Tomé e Príncipe também houve movimentos de luta armada.

Portugal entrou nos anos 1970 enviando soldados para combater a guerrilha em suas colônias. Os gastos militares eram enormes.

Em 1974, um grupo de militares portugueses derrubou a ditadura. Era a chamada **Revolução dos Cravos**. Portugal passou a viver sob o regime de liberdade democrática. O novo governo reconheceu a independência de Guiné-Bissau no mesmo ano e de Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe no ano seguinte.



STIFBTA/Agência France-Press

Mulheres oferecem flores aos soldados da Frelimo logo após a proclamação de independência de Moçambique, em 25 de junho de 1975.

Movimentos de emancipação na África | CAPÍTULO 10 ◀ 175

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... da Guerra da Argélia? Em 1954, argelinos que queriam a independência fundaram a Frente de Libertação Nacional (FLN). Mas os franceses que moravam na Argélia e o exército francês não aceitavam o movimento de independência. A repressão foi enorme, inclusive com o uso da tortura, o que aumentou o ódio do povo argelino contra o colonizador francês. O presidente francês Charles de Gaulle abriu negociações com a FLN e, em 1962, a Argélia conquistou sua independência.



Para desenvolver

O “Estado Novo” português

Explique para a turma que Portugal, entre 1932 e 1974, experimentou um regime ditatorial oficialmente intitulado “Estado Novo”, mas que ficou conhecido como “ditadura salazarista”, termo que decorre do nome do ditador que governou o país e suas colônias na África com mão de ferro por quase todo aquele período, António de Oliveira Salazar. Em 1968, dois anos antes de sua morte, foi substituído por outro ditador, Marcello Caetano, que manteve a mesma política de repressão violenta aos movimentos de libertação nacional em curso em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, nas ilhas de São Tomé e Príncipe e no arquipélago de Cabo Verde.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados aos processos de independência das antigas colônias portuguesas na África – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, as ilhas de São Tomé e Príncipe e o arquipélago de Cabo Verde –, presentes entre as páginas 175 e 176, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

Material digital

Para contribuir para o desenvolvimento desse tema, assista ao material audiovisual *A atuação dos líderes africanos no processo de independência da África* localizado no material digital do Manual do Professor.

Para desenvolver

Angola e Moçambique

Explique aos alunos que desde o século XV Portugal dominou e explorou a região onde se localiza Angola, cujas fronteiras territoriais foram definidas apenas no início do século XX. Entre 1966 e 1975, os angolanos pegaram em armas para pôr fim ao domínio colonial português e, após a conquista da independência, tiveram de enfrentar uma sangrenta guerra civil que se estendeu até 2002, resultando na morte de cerca de 500 mil civis e em uma terrível crise humanitária, causada pela precariedade dos sistemas de saúde e saneamento básico, responsáveis também pela expectativa de vida inferior a 40 anos de idade em 2003. Resalte também que Moçambique experimentou um processo semelhante após o fim da dominação colonial lusa, com a existência de guerra civil em seu território de 1977 a 1992, conflito esse que vitimou cerca de 1 milhão de moçambicanos.

Ao mesmo tempo

- Os militares sabiam que não havia como vencer a guerrilha que lutava pela independência.

Fique ligado

SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Alameda, 2004.

AUGUSTO, Claudio de Farias. *A Revolução Portuguesa*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

Para que você possa ampliar as suas informações sobre a Revolução dos Cravos em Portugal e as guerras civis em Angola (1975-2002) e Moçambique (1977-1992), indicamos os dois livros acima.

AO MESMO TEMPO

Revolução dos Cravos

Desde 1932, Portugal vivia sob a ditadura de António de Oliveira Salazar. Em 1968, Salazar, adoentado, foi substituído por Marcelo Caetano, que também não abria mão das colônias portuguesas na África. A grande insatisfação da população e da oficialidade das Forças Armadas resultou na chamada **Revolução dos**

Cravos, em 25 de abril de 1974. Os militares deram fim à ditadura, instituíram o regime democrático e negociaram as independências com os líderes de suas colônias africanas. A Revolução dos Cravos ganhou esse nome porque as vendedoras de flores de Lisboa distribuíam cravos aos soldados.



Herve Gleiguan/Gamma-Legends/Getty Images

Após derrubar a ditadura, as Forças Armadas portuguesas levam seus soldados para desfilar pelas ruas de Lisboa. Em confraternização com o povo, eles recebem cravos e os colocam nos fuzis. Era a Revolução dos Cravos. Fotografia de 1ª de maio de 1974.



- Por que os militares portugueses aceitaram negociar com os guerrilheiros africanos e aceitar as independências das colônias?

A difícil independência

As independências dos países africanos que sofreram com a colonização portuguesa foram seguidas por guerras civis.

Era a época da Guerra Fria, da rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética. Em Angola e Moçambique assumiram o poder governos comunistas. Os grupos políticos anticomunistas passaram a lutar contra os novos governantes. O governo de Angola recebeu ajuda militar da União Soviética e de Cuba, mas a guerrilha adversária foi apoiada pelo governo da África do Sul, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Durante anos a guerra civil causou grande sofrimento à população das ex-colônias portuguesas. O uso de minas terrestres mutilou e matou milhares de civis. Em Angola, a guerra civil terminou em 2002, resultando em um país com uma população vivendo em grande pobreza.

OUTRAS HISTÓRIAS ARTES

Arte africana

A produção artística africana é rica e diversificada. Duas modalidades se destacaram ao longo do tempo: a escultura e a confecção de máscaras. Enquanto as esculturas são feitas de ouro, bronze, marfim e, especialmente, madeira, as máscaras – utilizadas em rituais, como casamentos, e em ritos funerários – são feitas de barro, metais diversos, madeira e marfim.

A riqueza e a pluralidade cultural da arte produzida pelos povos africanos se estendem também à dança, à pintura, à música e à confecção de tecidos. Não há, entretanto, uma única arte africana. Há diferenças, por exemplo, na produção artística dos povos da África ocidental e central, bem como do norte do continente. No entanto, é comum encontrar estilo artístico de uma nação em outras. Nas várias modalidades de arte, as influências entre os povos africanos são mútuas.

Em 1905, um dos mais importantes artistas plásticos do século XX, o espanhol Pablo



Máscara africana feita de marfim, século XVI.
Museu Metropolitano de Arte de Nova York, EUA.

Picasso, visitou a exposição de Arte Africana, em Paris. Picasso ficou muito impressionado com as máscaras. Ele descobriu a escultura africana na casa de outro importante artista plástico, o francês Henri Matisse.

Wikipedia/Wikimedia Commons/Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA.



- Forme um grupo com os colegas e pesquisem a influência da arte africana sobre Picasso e o surgimento de um estilo artístico marcante no século XX: o Cubismo.



A volta de Nelson Mandela

A África do Sul, durante décadas, foi um país isolado de boa parte do resto do mundo. A maioria dos governantes mundiais repudiava a política racista do *apartheid*. Nelson Mandela continuava preso e vários líderes do Congresso Nacional Africano haviam sido assassinados na prisão.

Em fins dos anos 1980, as tensões sociais e raciais na África do Sul eram tão grandes que a minoria governante branca percebeu que não poderia mais continuar com o *apartheid*.

Em 1990, após 27 anos na prisão, Nelson Mandela foi libertado. Ele já estava com 72 anos. No mesmo ano, o presidente Frederik de Klerk declarou o fim do regime racista do *apartheid*. Nas eleições de 1994, Nelson Mandela foi eleito presidente da África do Sul.

FIQUE DE OLHO

Museu Afro Brasil, com sede na cidade de São Paulo, SP. O acervo do museu destaca a contribuição africana na formação do patrimônio, da identidade e da cultura brasileira. Endereço eletrônico: <www.museuafrobrasil.org.br>. Acesso em: 14 jun. 2018.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados aos momentos decisivos da luta do Congresso Nacional Africano (CNA) e de Nelson Mandela pelo fim e pela superação do regime do *apartheid* na África do Sul, abordados nas páginas 177 e 178, lembre-se de que você promoverá as seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

Outras histórias

Artes

- Resposta pessoal. Espere-se que os estudantes apontem as máscaras como uma das expressões artísticas africanas mais conhecidas em outras regiões do mundo, especialmente na Europa Ocidental e na América. Nos primeiros anos do século XX, o artista plástico espanhol Pablo Picasso, por meio de visitas às exposições de arte africana em museus de Paris, foi fortemente influenciado pela beleza, pelo simbolismo e pela expressividade de máscaras de diferentes regiões da África, procurando incorporá-las a suas pinturas, como o famoso quadro *Les Femmes d'Alger (O Jovem Ouzo)*, de 1907, considerado um marco fundamental no desenvolvimento do cubismo e da pintura abstrata.

O uso de máscaras na composição dos rostos de algumas das mulheres representadas nessa pintura demonstra clara influência da arte africana na obra de Pablo Picasso.

Fique ligado

Um grito de liberdade (Reino Unido). Direção de Richard Attenborough, 1987. 157 min.

Filme sobre o *apartheid* na África do Sul que mostra a amizade entre o líder negro Stephen Biko e um jornalista branco. Baseado em uma história real.

Sarafina! O som da liberdade (África do Sul/EUA/Reino Unido/França). Direção de Darrel James Roodt, 1992. 90 min.

Durante os anos 1970 na África do Sul, nos tempos do *apartheid*, professora fala aos alunos sobre as injustiças e a opressão social. Com isso, uma aluna lidera colegas de turma em protesto contra o governo racista.

Para desenvolver

A Comissão de Verdade e Reconciliação

Comente com a turma que, em 1995, já como presidente da África do Sul, Nelson Mandela instituiu a Comissão de Verdade e Reconciliação, com o objetivo de revelar os abusos cometidos contra os negros durante o regime do *apartheid*. Os acusados eram convidados a confessar seus crimes e a pedir perdão. Deixe claro que Mandela não queria vingança, mas reconciliação.

Documento

- No texto, Mandela afirma que o ódio não é inato. Por isso, ao longo da vida, as pessoas podem aprender a ter preconceitos raciais, sociais e religiosos. Mas, se as pessoas podem aprender a odiar, também podem aprender a amar. Desse modo, todos podem recuar e criticar os preconceitos, sejam eles quais forem.

Fique ligado

Repórteres de guerra (Canadá/África do Sul). Direção de Steven Silver, 2011. 106 min.

Um grupo de repórteres viaja para a África do Sul para noticiar a primeira eleição democrática, com o fim do regime do *apartheid*, e presenciavam a vida sofrida e miserável da população negra.

Infância roubada (Tsotsi) (África do Sul/Inglaterra). Direção de Gavin Hood, 2005. 94 min.

Um jovem, Tsotsi, rouba um carro, sem perceber que havia uma criança no banco de trás, e se refugia no gueto de Joanesburgo, em uma situação que gerará diversos confrontos.

Distrito 9 (África do Sul/Canadá/Nova Zelândia/EUA). Direção de Neil Blomkamp, 2009. 110 min.

Há 20 anos, uma gigantesca nave espacial pairou sobre Joanesburgo, capital da África do Sul. Como estava defeituosa, milhões de seres alienígenas foram obrigados a descer à Terra.

Eles foram confinados no Distrito 9, local com péssimas condições de vida e onde são constantemente maltratados pelo governo. Pressionado por problemas políticos e financeiros, o governo local deseja transferir os alienígenas para outra área. Para tanto, é preciso realizar um despejo geral, o que cria atritos com os extraterrestres.

FIQUE DE OLHO

Invictus (EUA).
Direção de Clint Eastwood, 2009.
133 min.

Com o objetivo de unir brancos e negros na África do Sul, o presidente Nelson Mandela, recém-empossado, os incentiva a formar uma única torcida pela seleção nacional de seu país na Copa do Mundo de Rúgbi.

Em 13 de fevereiro de 1990, dois dias após sair da prisão, Nelson Mandela discursa em comício organizado pelo Congresso Nacional Africano. Ele falou para cerca de 10 mil pessoas reunidas em um estádio de futebol, em Soweto, África do Sul.

1994: Guerra civil em Ruanda.
Nelson Mandela é eleito presidente da África do Sul.

A África do Sul vivia uma situação tensa, e uma guerra civil entre brancos e negros poderia acontecer a qualquer momento. Nelson Mandela, porém, tinha a proposta de construir no país uma democracia multirracial. Ele garantiu segurança à minoria branca, mas mandou apurar as atrocidades cometidas contra os negros.

Mandela ganhou muitos prêmios por liderar a transição pacífica na África do Sul: do odioso *apartheid* à convivência pacífica entre brancos e negros. Em 1993, ele e o ex-presidente Frederik de Klerk compartilharam o Prêmio Nobel da Paz.



Walter Dhlathla/Agência France-Press

DOCUMENTO

O argumento de Nelson Mandela contra o racismo

O objetivo de Mandela era construir no país uma democracia multirracial. Em suas memórias, ele escreveu:

Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor de sua pele, da sua origem ou ainda da sua religião. Para odiar, é preciso aprender. E, se podem aprender a odiar, as pessoas também podem aprender a amar.

MANDELA, Nelson. *Long walk to freedom*. África do Sul: Macdonald Purnell, 1995. (Tradução livre dos autores).

- Interprete a afirmação de Nelson Mandela, sobretudo sua ideia de que ninguém nasce com ódio, mas aprende a ter ódio.

↳ O Terceiro Mundo

As antigas colônias europeias na África e na Ásia, como a Índia e o Vietnã, se tornaram países pobres que herdaram dos colonizadores europeus muitos problemas. Não eram países de capitalismo avançado, como os Estados Unidos, os países da Europa ocidental e o Japão – chamados de **Primeiro Mundo**. Mas também não eram países socialistas, como os do Leste Europeu, liderados pela União Soviética – conhecidos como **Segundo Mundo**.

Foi nesse contexto da Guerra Fria que surgiu a expressão **Terceiro Mundo**, uma maneira de identificar e caracterizar as antigas colônias africanas e asiáticas, bem como os países da América Latina.

A expressão Terceiro Mundo surgiu a partir da Conferência de Bandung, ocorrida na Indonésia, em 1955. Nessa reunião, representantes de 29 países africanos e asiáticos – entre eles a China, o Marrocos, o Egito, a Índia e o Paquistão – declararam-se independentes em relação aos Estados Unidos e à União Soviética. Eles se definiram como “países não alinhados” às duas potências em conflito. Também condenaram o colonialismo, o uso de armas atômicas e o racismo.

Os países do Terceiro Mundo tinham em comum a grande pobreza e as desigualdades sociais.

Embora a expressão Terceiro Mundo seja ainda utilizada, trata-se de uma definição que pode trazer problemas. Afinal, o conceito de Terceiro Mundo pode abranger países muito diferentes, do ponto de vista econômico, social ou cultural, como Brasil e Egito, México e China, África do Sul e Índia.



Líderes de diversos países africanos e asiáticos se reuniram na Conferência de Bandung, na Indonésia, em 1955. À esquerda, o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser; à direita, o primeiro-ministro indiano Jawaharlal Nehru.

Fique ligado

VISENTINI, Paulo Fagundes. *As revoluções africanas*: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

Para ampliar as suas informações sobre os processos de independência das antigas colônias portuguesas na África, indicamos o livro acima, assim como o episódio da série a seguir.

Lideranças que se transformaram em heróis da independência africana. TV Brasil, 2013. 26 min. Disponível em: <<http://tv>

brasil.ebc.com.br/novaafrika/episodio/liderancas-que-se-transformaram-em-herois-da-independencia-africana>. Acesso em: 22 out. 2018.

Episódio da série documental “Nova África: um continente, um novo olhar”, que aborda a trajetória de personalidades africanas, como Amílcar Cabral, uns dos líderes da independência de Cabo Verde e da Guiné-Bissau.

■ Para desenvolver

A Conferência de Bandung

Ressalte para a turma que os 29 países africanos e asiáticos presentes na Conferência de Bandung, em 1955, representavam mais da metade da humanidade, mas apenas 8% da riqueza mundial, que se concentrava fortemente nas sociedades capitalistas desenvolvidas, integrantes do chamado Primeiro Mundo.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados à Conferência de Bandung (1955) e à situação social, política e econômica do Terceiro Mundo, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 166?

Créditos das imagens de baixo para cima: STF/BTA/Agência France-Presse; Dennis Lee Royce/Associated Press/Glow Images; Ludovic Marini/Pool Photo/Associated Press/Glow Images; Herve Gloaguen/Gamma-Legends/Getty Images/Wikipedia/Wikimedia Commons/Museu Metropolitano de Arte, Nova York, EUA.; Seb Oliver/CulturaJ Exclusive/Getty Images; Coleção particular/Spanned Photo/The Bridgeman Art Library/Easypix, STF/BTA/Agência France-Presse

179

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 166 e, a seu critério, promova um debate com a turma sobre os valores culturais, artísticos e religiosos que a sociedade brasileira compartilha hoje com diversos países africanos, especialmente aqueles que também foram, no passado, colonizados por Portugal, como Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

1. O pan-africanismo surgiu em fins do século XIX com a luta de líderes políticos e religiosos que criticavam o racismo e a dominação da África pelos países europeus. O lema era "África para os africanos". Eles usaram a expressão "raça" para dar unidade à luta dos povos africanos. Depois, nos anos 1920 e 1930, jovens africanos que estudavam em Paris retomaram o ideal pan-africanista, mas utilizando o conceito de "negritude" com o objetivo de unificar os ideais africanos por independência e combater o racismo.
2. Na língua dos bóeres, a minoria branca da África do Sul, *apartheid* significa "apartar", "separar" ou "segregar". O *apartheid* começou a ser imposto no país após a independência, em 1910, mas tornou-se política oficial em 1948. Com o *apartheid*, brancos e negros viviam separados nos bairros, hospitais, transportes, escolas e atividades de lazer. Os melhores serviços eram para os brancos. Também foi proibido casamentos entre brancos e negros. A população negra era obrigada a andar com uma caderneta de identificação para se locomover pelo país. A maioria das terras ficou com os brancos. Os negros moravam em favelas miseráveis e ganhavam salários muito baixos. Somente em 1992 o odioso regime do *apartheid* foi extinto na África do Sul.
3. Durante a dominação europeia no continente africano, os governos dos países da Europa criaram fronteiras artificiais que não consideravam os interesses, a história, a cultura e a etnia das populações nativas. O objetivo dos dominadores europeus era explorar do modo mais eficiente as riquezas naturais do continente africano. Quando as antigas colônias alcançaram a independência, as fronteiras foram mantidas, separando povos com tradições comuns e unindo povos rivais em um mesmo país.



180

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | "A África para os africanos." Como essa frase se relaciona com os objetivos e propostas do pan-africanismo?
- 2 | "O *apartheid* era um poderoso instrumento de dominação das elites brancas sobre a maioria da população sul-africana." Desenvolva essa frase vinculando-a aos fundamentos daquela política de segregação.
- 3 | Associe o significado da expressão "fronteiras artificiais" com a situação das populações africanas atualmente.
- 4 | Os países africanos conquistaram a independência, mas surgiram países de economia dependente e com muita pobreza. Quais as razões que motivaram essa situação?
- 5 | "Portugal foi o último país a manter colônias na África." Estabeleça ligações entre essa afirmação e o papel histórico de António Salazar.
- 6 | De que maneira o contexto internacional da Guerra Fria atuou nos países africanos, particularmente no incentivo a conflitos internos, como as guerras civis?
- 7 | Compare o conceito de Terceiro Mundo aos conceitos de Primeiro e Segundo Mundo. Em seguida, explique: como, atualmente, esse conceito é criticado?
- 8 | Qual a importância de Nelson Mandela na luta contra o *apartheid*?
- 9 | Por que a frase a seguir não é verdadeira?
Os mais importantes líderes e intelectuais do pan-africanismo afirmavam que os povos que viviam na África não eram organizados em Estados e, por isso, eram destituídos de história própria.
- 10 | Por que a Revolução dos Cravos em Portugal foi importante para a independência de países africanos, como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, as ilhas de São Tomé e Príncipe e o arquipélago de Cabo Verde?

PESQUISA

Angola conquistou sua independência de Portugal em 1975. Mas logo a seguir a população angolana viveu os horrores da guerra civil. O grupo político que assumiu o poder no país foi o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de orientação socialista. Duas organizações combateram o MPLA: a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita). O conflito somente chegou ao fim em 2002.

Além da destruição do país e da morte de milhares de angolanos, a guerra civil deixou, até hoje, uma herança mortífera: as minas terrestres. Homens da FNLA e da Unita espalharam minas terrestres por todo o país. Enterradas rente ao solo, são acionadas ao serem pisadas, mutilando ou matando as vítimas. Cálculos estimam que, atualmente, há 15 milhões de minas enterradas em solo angolano.

- Faça uma pesquisa sobre esse problema em Angola. Como o governo do país tem tentado resolver o problema? Quantos angolanos foram vítimas das explosões das minas? Quais as maiores dificuldades em encontrar as minas e desarmá-las? O que dizem os órgãos internacionais sobre as minas terrestres?

4. As nações africanas que surgiram no curso dos movimentos de independência das décadas de 1950 e 1960 enfrentaram inúmeros problemas, em grande medida decorrentes do longo período de dominação de seus respectivos territórios pelas potências europeias, que atrasaram o desenvolvimento industrial da África, exploraram parte das riquezas minerais desse continente e impuseram fronteiras artificiais aos diversos povos africanos. Além disso, o contexto da Guerra Fria potencializou a eclosão de guerras civis em muitos dos novos países africanos, como Angola e Moçambique, prejudicando gravemente a

vida de uma população que já sofria enormemente com a pobreza e a falta de infraestrutura.

5. Portugal vivia sob a ditadura de António Salazar. Seu governo autoritário não admitia a independência de suas colônias e, com frequência, enviava tropas militares para combater os rebeldes. Com a Revolução dos Cravos em 1974, o novo governo português abriu negociações com os líderes africanos e reconheceu a independência de suas antigas colônias.
6. As repercussões do conflito geopolítico entre Estados Unidos e União Soviética no continente africano potencializaram

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Em vários países, movimentos políticos denunciavam a discriminação racial na África do Sul e a prisão de líderes negros, como Nelson Mandela.

Na Europa e nos Estados Unidos, organizações sociais protestavam contra o *apartheid* na África do Sul.

O cartaz ao lado, produzido na França em 1976, exigia que o governo não comprasse laranjas da África do Sul.

- 1 | De que maneira a laranja é representada no cartaz?
- 2 | Você consegue identificar quem está dentro dela?
- 3 | A partir desses elementos da imagem, responda: por que os manifestantes franceses queriam que o governo da França proibisse a importação de laranjas da África do Sul?

Cartaz produzido na França, em 1976, em protesto contra a importação de laranjas da África do Sul. O objetivo era boicotar produtos importados daquele país para pressionar o governo sul-africano a pôr fim à política do *apartheid*.



Regen/Volter/Agence France Presse

O PASSADO PRESENTE

Entre o início do século XVI e fins do século XIX, durante quatro séculos, portanto, aproximadamente 12 milhões de africanos foram retirados à força de suas terras, reduzidos à condição de escravos e levados, contra sua vontade, para trabalhar em diversas partes do continente americano. O Brasil recebeu 40% deles, cerca de 4,5 milhões de seres humanos escravizados. O processo ficou conhecido como Diáspora africana ou Diáspora negra.

No início de 2017, a Organização das Nações Unidas denunciou que migrantes da África Ocidental estavam sendo comprados e vendidos na Líbia. O comércio de humanos era realizado publicamente. Fugindo da fome e das guerras, homens e mulheres de países africanos pagavam agentes para levá-los até a Europa, pelo Mar Mediterrâneo. No entanto, no caminho, eles eram aprisionados e vendidos como escravos. Em prisões, eles trabalhavam em troca de uma espécie de ração. Muitos deles morrem devido a doenças, fome e maus-tratos.

- Atualmente, a escravidão é considerada crime contra a humanidade. No caso dos homens e mulheres africanos aprisionados na Líbia, por que podemos afirmar que se trata de um atentado aos direitos humanos?

Movimentos de emancipação na África | CAPÍTULO 10 ◀ 181

- ▶ tanto guerras civis de longa duração, destrutivas e com grande número de vítimas quanto a formação de governos ditatoriais, violentos e corruptos, que agravaram em muito a pobreza e o subdesenvolvimento econômico de quase todas as nações resultantes do movimento de descolonização das décadas de 1950 e 1960.
- 7. O conceito de Terceiro Mundo foi elaborado na Conferência de Bandung em 1955, que reuniu 29 países africanos e asiáticos, que se declararam “países não alinhados” nem aos Estados Unidos nem à União Soviética. Em comum ao conceito de

Terceiro Mundo há a pobreza de seus povos, as desigualdades sociais e a dependência econômica dos Estados Unidos. Mas a expressão agrupa países com sociedades, culturas e histórias muito diferentes, como o Brasil e o Egito.

8. Nelson Mandela, que resistiu 27 anos numa prisão, se tornou o símbolo mundial da luta contra o regime segregacionista vigente na África do Sul até 1994. Nesse mesmo ano, aos 72 anos de idade e já laureado com o Prêmio Nobel da Paz (1993), Mandela foi eleito presidente de seu país e se notabilizou no governo por levar à frente uma política destinada a consolidar

◀ a democracia multirracial entre os sul-africanos.

9. Pelo contrário, os líderes e intelectuais pan-africanistas diziam que os povos africanos tinham uma história própria, um passado para contar, se contrapondo àqueles que apoiavam a dominação europeia sobre as populações da África.
10. O governo ditatorial português se recusava a negociar as independências de suas colônias na África, tendo que enviar tropas para reprimir os movimentos de libertação. Em 1974, a Revolução dos Cravos derrubou a ditadura em Portugal e o novo governo português aceitou a independência das colônias africanas.

Pesquisa

Calcula-se que existam, no mínimo, 5 milhões de minas terrestres em Angola. Os campos minados no país ocupam 8% do território. Aproximadamente 60 milhões de angolanos tiveram algum membro amputado devido às minas, sendo 13% deles crianças. Ao redor do mundo, houve uma intensa campanha para o banimento desse tipo de instrumento bélico e 122 países assinaram o Tratado de Ottawa, um acordo para que essas armas cheguem ao fim. Entretanto, muitos membros do Conselho de Segurança da ONU ainda não participam do tratado. Como existe um alto risco para desarmar as minas, o ideal é que isso seja feito por robôs, mas o custo para esse tipo de operação é bastante alto.

Imagens contam a história

A laranja é representada como uma prisão, pois sua superfície está parecida com uma grade, o que a tornou uma representação do *apartheid*. O homem aprisionado dentro da laranja é Nelson Mandela. Para os manifestantes franceses, importar laranjas da África do Sul seria beneficiar o governo racista da minoria branca daquele país.

O passado presente

Os casos registrados em 2017 de escravização de migrantes líbios constituem graves violações aos direitos humanos. Fugindo de uma violenta guerra civil, foram sendo enganados por traficantes que prometiam transportá-los até a Europa.

Capítulo 11 Conflitos no Oriente Médio

O capítulo aborda as transformações e conflitos no Oriente Médio no curso do século XX, com destaque para as tensões crescentes entre árabes e israelenses e as repercussões em países como o Irã e o Iraque da constante presença militar dos Estados Unidos na região, notadamente a partir da década de 1970. A narrativa do filme *Lemon Tree* (2009) será o fio condutor da análise, em especial, das origens e desdobramentos no pós-guerra das disputas territoriais na região da Palestina, sobretudo a partir da formação do Estado de Israel, e a definição pela ONU de áreas delimitadas nessa região para a constituição de estados árabes. A personagem microanalítica do capítulo é Salma, mulher palestina que protagoniza o filme.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar os movimentos de independências árabes e de formação de Israel desde o início do século XX e no contexto após a Segunda Guerra Mundial.
- Avaliar as medidas adotadas pela Organização das Nações Unidas, entre o final dos anos 1940 e o início da década de 1990, com o objetivo de promover a paz no Oriente Médio.
- Examinar os conflitos militares no Oriente Médio entre Israel e os países árabes desde os anos 1940, realçando também a guerra travada entre o Irã e o Iraque nos anos 1980 e a crescente presença militar dos Estados Unidos na região, especialmente na década de 1990.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI14	EF09HI15
EF09HI16	EF09HI28
EF09HI31	EF09HI35
EF09HI36	

Mural representando o líder palestino Yasser Arafat, na barreira que separa a cidade de Jerusalém. Fotografia de Frederic Soltan, 2011.



CAPÍTULO

11

CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO

Neste capítulo, falaremos de dois povos que enfrentam grandes dificuldades para conviver em paz: israelenses e palestinos. Israel está localizado na região conhecida como Palestina, no Oriente Médio. À sua volta situam-se vários países árabes. Israelenses e árabes vivem em confronto permanente e ocorreram guerras entre eles.

Os interesses no petróleo da região e os conflitos da Guerra Fria também alimentaram o conflito. Os árabes que vivem na Palestina, os palestinos, sofrem mais diretamente as consequências dos embates e enfrentamentos.

Falaremos também de outros povos da região que conheceram revoluções – como a Revolução Iraniana – e também guerras destrutivas – como aquela entre o Irã e o Iraque.

Outra guerra destrutiva foi entre os Estados Unidos e o Iraque. Quando os Estados Unidos estabeleceram bases militares em diversas regiões do Oriente Médio, as tensões aumentaram ainda mais.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Na barreira construída pelos israelenses no entorno da cidade de Jerusalém, um artista fez o mural. Em inglês, *Free Palestine* significa “Palestina livre”. Você já ouviu falar na Palestina? Sabe por que o artista pede que a Palestina seja livre?

Créditos das imagens de baixo para cima: Andy Clark/Reuters/Fotoarena; GPO/Agência France-Presse; Mohammed Abed/Agência France-Presse; Mohammed Abed/Agência France-Presse; Gabriel Duval/Agência France-Presse; Christine Spengler/Sygma/Getty Images

182

Puxando pela memória

Palestina livre é lema dos palestinos. Eles são árabes que vivem na região conhecida como Palestina e lutam para ter seu próprio país, livre do controle de Israel. Yasser Arafat foi um importante líder na luta pela liberdade e autonomia da Palestina.

Dois povos e um grande conflito

Em 2009 estreou nos cinemas o filme *Lemon Tree* (*Limoeiros*, em tradução livre). O filme conta a história de Salma, mulher palestina que vivia sozinha em uma casa modesta. Ela cuidava do pequeno sítio com 300 limoeiros, herança de seu pai. Seu marido havia falecido dez anos atrás. Salma vivia do cultivo dos limões com a ajuda do idoso Abu Hussam. Suas terras estavam na Cisjordânia, território onde viviam os palestinos, mas exatamente na fronteira com Israel.

Havia uma bela casa em frente aos limoeiros, em território israelense. Um dia, chegou um caminhão de mudança protegido por soldados israelenses. A casa seria ocupada pelo Ministro da Defesa de Israel. Salma percebeu que sua vida não seria a mesma.

Para compreender o conflito que surgiu entre a palestina Salma e o Ministro da Defesa de Israel, vamos, inicialmente, conhecer quem são os palestinos e os israelenses.

Desde muitos séculos atrás, os **árabes** vivem na península Arábica. De origem **semita**, esses povos viviam dispersos, mas conseguiram se unificar em torno da religião pregada por Maomé. No século VII, Maomé afirmou que existia uma única divindade: Alá. O nome da religião fundada por ele chama-se **islamismo**. Um dos significados da palavra Islã é “submeter-se totalmente à vontade de Alá”. Quem é adepto do Islã é chamado **muçulmano** ou **islamita**.

Ser árabe significa partilhar de valores, crenças e costumes comuns. A culinária, por exemplo, é um desses costumes. Ser árabe é ter uma mesma origem, como a história dos ancestrais que viveram na península Arábica. Ser árabe é também falar a língua árabe.

A maioria dos árabes segue a religião islâmica. Mas há árabes cristãos, especialmente no Líbano. E há os iranianos que professam o islamismo, mas são persas, e não árabes.

E o que é ser israelense? Muitos séculos antes do nascimento de Jesus, onde hoje é o Oriente Médio, viviam os **hebreus**. Eles professavam uma religião chamada **judaísmo** – daí serem conhecidos como **judeus**. Eles acreditavam que existia uma única divindade: Yahvé.

Após viverem em uma região chamada Canaã, onde hoje é Israel, eles foram expulsos pelo Império Romano. A partir daí, eles se dispersaram pelo mundo. Durante quase 20 séculos, os judeus foram um povo sem território.

Ser judeu é ter uma mesma história, é partilhar de crenças e costumes próprios. Ser judeu é também ter uma origem cultural comum, professar a religião judaica e, na época contemporânea, falar a mesma língua: o hebraico.

Árabes e judeus têm histórias diferentes, mas, em princípio, não teriam motivo para brigar. Eles têm a mesma origem étnica – são semitas. Na Antiguidade, falavam línguas semíticas como o hebraico, o aramaico e o árabe. Suas religiões não pregam o ódio, defendendo a crença em um único Deus. Como, então, começou o conflito entre esses povos no Oriente Médio?

CÁ ENTRE NÓS

O islamismo, o judaísmo e o cristianismo são as três grandes religiões professadas no Oriente Médio. As três são monoteístas, isto é, acreditam em um único deus.

Semita: povo cuja língua pertence à mesma família linguística; no caso, hebreus, assírios, aramaicos, fenícios e árabes. Observe que judeus e árabes têm origem étnica comum.

FIQUE DE OLHO

Lemon Tree (Israel, Alemanha, França). Direção e produção de Eric Ricklis, 2008. 106 min.

Salma, uma viúva palestina, vê seu pomar de limões ser ameaçado quando um novo vizinho, o Ministro da Defesa de Israel, se muda para a casa próxima a sua. O serviço de segurança israelense decide derrubar os limoeiros, que punham em risco a segurança do ministro. Salma luta para preservar seu único bem e sua cultura.

Para desenvolver

Conflitos entre árabes e israelenses

Na análise inicial dos conflitos entre árabes e israelenses, apresente os elementos centrais da narrativa do filme *Lemon Tree* (2009), procurando enfatizar o quanto a vida de pessoas comuns de ambos os lados foi sendo afetada pelas crescentes disputas territoriais na Palestina. Destaque também a importância da cidade de Jerusalém e outros sítios históricos da Palestina para cristãos, muçulmanos e judeus, esclarecendo também as dimensões religiosas dos conflitos por territórios e recursos naturais nessa importante região do Oriente Médio.

Lemon Tree

O boxe “Fique de olho” traz, especificamente, um trabalho com o filme *Lemon Tree*, apresentando as informações e a sinopse dele. Depois de fazer as atividades com o filme, você pode aproveitar esses dados e orientar os alunos para que contextualizem a época e o local da produção do filme, de modo que possam historicizá-lo.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados às origens dos conflitos entre árabes e judeus, tratados entre as páginas 183 e 184, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI14 – Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

Fique ligado

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEWIS, Bernard. *O Oriente Médio: do advento do cristianismo aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

Indicamos esses dois livros para ampliar seus conhecimentos sobre a formação histórica do Oriente Médio e as características culturais dos povos dessa região.

Para desenvolver

Os estados árabes e Israel

Na análise dos processos de constituição dos estados árabes e de Israel no Oriente Médio, resalte para a turma que na primeira metade do século essa região esteve sob dominação de potências imperialistas, como o Império Otomano, até a Primeira Guerra Mundial, e a Inglaterra e a França no contexto do entreguerras. Destaque também que o recrudescimento da perseguição nazista aos judeus na Europa das décadas de 1930 e 1940 reforçou os apelos e ações do movimento sionista para a formação de núcleos de povoamento judaicos na Palestina e aumentou também as tensões com as populações árabes na região, especialmente após o final da Segunda Guerra Mundial.

Fique ligado

HOURANI, Alberto. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2015.

SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o mundo árabe*. Rio de Janeiro: Editora Fissus, 2004.

Para ampliar seus conhecimentos sobre os processos de constituição dos estados árabes e de Israel no Oriente Médio no pós-guerra, indicamos os três livros acima, além do artigo jornalístico a seguir.

Declaração de Balfour: a carta que mudou o Oriente Médio. *BBC*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/internacional-41884652>. Acesso em: 22 out. 2018. O artigo aborda a carta escrita pelo ministro britânico Arthur Balfour, que completou cem anos em 2017 e que é vista como o início dos conflitos recentes entre árabes e israelenses.

As independências árabes e a fundação de Israel

Ao final da Primeira Guerra Mundial, em 1918, o Império Otomano se desfez. Todas as extensas regiões do Oriente Médio sob seu domínio passaram para o domínio da Grã-Bretanha e da França.

Sionismo

Com o final da Primeira Guerra Mundial, os árabes tinham o projeto de formar um grande país independente no Oriente Médio. Mas algo prejudicou o projeto. No final do século XIX, na Europa, surgiu um movimento conhecido como **sionismo**, que defendia a volta dos judeus para a Palestina. Judeus europeus queriam fundar seu próprio país onde, na Antiguidade, seus antepassados foram expulsos pelos romanos.



Fonte: elaborado com base em CALDINI, Vera; ÍSOLA, Leda. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 134.

Uma terra para dois povos

O movimento sionista conseguiu que, em fins do século XIX, muitos judeus que viviam em diversos países da Europa fossem morar na Palestina. Para os árabes que lá viviam havia muitos séculos, chamados de **palestinos**, os judeus eram estrangeiros que estavam invadindo suas terras. O conjunto dos povos árabes protestou contra o governo da Inglaterra por permitir a entrada de judeus na Palestina, mas sem resultados.

Os judeus argumentavam que estavam retornando à terra dos seus ancestrais, os hebreus. Mas os palestinos diziam que isso ocorrera vinte séculos atrás e que muitos outros povos já tinham vivido ali.

Quando os nazistas chegaram ao poder na Alemanha, em 1933, e começaram a perseguir os judeus, milhares deles saíram do país e se refugiaram na Palestina. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, outros milhares de judeus também rumaram para a Palestina.

Em novembro de 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) apresentou uma alternativa para os conflitos entre judeus e palestinos: dois países seriam formados na Palestina. Um deles seria Israel, constituído pelos judeus que se estabeleceram na região. O outro seria um Estado palestino, formado pelos árabes que lá viviam. A cidade de Jerusalém seria considerada território internacional.

Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas Historique Mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 181.

Partilha da Palestina proposta pela ONU em 1947



FIQUE DE OLHO

Kedma (Israel, Itália, França). Direção e produção de Amos Gitai, 2002. 100 min.

Maio de 1948. Enquanto milícias israelitas e árabes se enfrentam, um grupo de judeus refugiados da Europa é despejado em uma praia qualquer na Palestina. Agora eles estão encurralados, sob o fogo cruzado do Exército britânico, que pretende mandá-los de volta, e da polícia secreta judaica, que veio acolhê-los.

OZ, Amos. *Sumri*. São Paulo: Ática, 2005.

Sumri é uma história sobre a ocupação de Israel e o colonialismo. É uma história de Jerusalém. Mas, sobretudo, é a história de um garoto que ganha sua primeira bicicleta e declara seu amor a Esti, tudo no mesmo dia.

Para desenvolver

Com o auxílio dos mapas das páginas 184 e 185, identifique os territórios inicialmente destinados a árabes e judeus no Oriente Médio. Destaque também que, pela proposta inicial feita pela ONU para a divisão da Palestina, a cidade de Jerusalém e seus arredores constituíram uma zona internacional, justamente em razão da importância histórica desse sítio para judeus, cristãos e muçulmanos.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula as medidas e ações da Organização das Nações Unidas (ONU) em torno da definição das áreas que seriam destinadas aos árabes e aos judeus na Palestina, entre 1947 e 1949, tema tratado nas páginas 185 e 186, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI15 – Discutir as motivações que levaram à criação da Organização das Nações Unidas (ONU) no contexto do pós-guerra e os propósitos dessa organização.
- EF09HI16 – Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação.

A reação dos palestinos

Os judeus aceitaram a proposta da ONU, mas os palestinos se sentiram injustiçados. Afinal, eles representavam dois terços da população da Palestina e, de acordo com a proposta da ONU, ficariam com apenas 43% do território.

Em 14 de maio de 1948, o líder judeu David Ben Gurion proclamou a fundação do Estado de Israel. Vários países árabes se uniram e declararam guerra ao novo país. Com um exército bem preparado, os israelenses não apenas venceram a guerra, mas tomaram terras dos palestinos – além daquelas indicadas pela ONU. Milhares de palestinos foram expulsos de suas terras e casas, que passaram a ser habitadas por famílias de imigrantes judeus.

Fique ligado

SAID, Edward. *A questão da Palestina*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

ARMSTRONG, Karen. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Indicamos esses dois livros como fonte de mais informações sobre a participação da Organização das Nações Unidas (ONU) na redefinição do mapa político do Oriente no final dos anos 1940 e os conflitos que emergem nesse contexto.

Para desenvolver

O poder militar de Israel

Destaque para a turma que entre 1948 e 1949, por contar com um forte apoio dos EUA, o exército do recém-fundado Estado de Israel era muito melhor equipado do que as forças armadas dos países árabes da região, especialmente as do Egito, da Jordânia, da Síria e do Iraque. Milhares de soldados israelenses tinham lutado na Segunda Guerra Mundial, enquanto os árabes, de forma geral, estavam mal armados, não tinham preparo militar e ainda tinham de lidar com várias divergências entre si.



Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas Historique Mondial*. Paris: Larousse, 2006. p. 181.

No fim da guerra (1949), quase um milhão de palestinos ficaram sem ter onde morar e passaram a viver em campos de refugiados estabelecidos pela ONU. Os Estados Unidos apoiaram Israel. A partir daí, o ódio entre israelenses e árabes apenas aumentou.



Árabes deixam suas terras na Palestina e fogem para o Líbano após os conflitos vencidos pelos judeus, entre 1948 e 1949.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que foi o diplomata brasileiro Oswaldo Aranha quem presidiu a Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU, em 29 de novembro de 1947, que votou e aprovou a partição da Palestina, resultando na criação do Estado de Israel?

▶ A união dos árabes

Em 1952, Gamal Abdel Nasser assumiu o poder no Egito. Ele realizou a reforma agrária, promoveu o crescimento econômico do país e melhorou a vida da população mais pobre.

Nasser defendeu o nacionalismo árabe. Tratava-se de unir os países árabes na defesa de seus interesses políticos, econômicos e culturais.

Nasser contrariou os interesses da Inglaterra e da França. Tropas inglesas e francesas invadiram o Egito e tomaram o canal de Suez. Israel, por sua vez, invadiu a península do Sinai.

Estados Unidos e União Soviética não concordaram com a agressão militar ao Egito. Os governos da França, da Inglaterra e de Israel deixaram a zona do canal de Suez.

A partir daí, o Oriente Médio entrou na tensa conjuntura da Guerra Fria. Os Estados Unidos apoiavam Israel; a União Soviética defendeu os países árabes.

Fique ligado

GELVIN, James L. *Israel x Palestina*. 100 anos de guerra. São Paulo: Edipro, 2017.

10 perguntas para entender o conflito entre israelenses e palestinos. *BBC*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140730_gaza_entenda_gf_1k>. Acesso em: 22 out. 2018.

Indicamos o livro e o artigo jornalístico para ampliar as suas informações sobre os primeiros conflitos militares entre árabes e israelenses pelo controle da Palestina.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Geografia

Para compreender como homens e mulheres viveram em épocas anteriores à nossa, o historiador necessita estudar o espaço geográfico em que eles viveram e como, ao longo do tempo, alteraram, reorganizaram e transformaram esse mesmo espaço. Um exemplo importante de como o historiador necessita recorrer aos estudos geográficos é o canal de Suez e a guerra que esse lugar motivou. O canal é resultado da ação humana sobre a natureza, que abriu na região de Suez um canal artificial, navegável, de 163 quilômetros de extensão, o qual possibilitou a navegação marítima entre o mar Vermelho e o mar Mediterrâneo.

Dean Conger/Corbis Documentary/Getty Images



Em 1965, navios cargueiros vão da Ásia à Europa pelo canal de Suez, Egito.

- Se você tiver acesso à internet, utilize o Google Maps e localize o canal de Suez. Inicialmente, veja a imagem com a "Altitude do Ponto de Visão" em 10 km (conferir na parte inferior direita do monitor). Comece em Port Said, no mar Mediterrâneo, e acompanhe o canal até Suez, no mar Vermelho. A seguir, aumente a "Altitude do Ponto de Visão" para 1 000 km. Observe a imagem e avalie a importância do canal de Suez para o comércio internacional. Como seria a navegação comercial entre a Índia e a Espanha, caso o capitão do navio não utilizasse o canal?

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que os palestinos se organizaram para lutar contra Israel? Em 1964, Yasser Arafat fundou a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), cuja estratégia era a luta armada. A OLP, com o apoio dos países árabes, queria expulsar os israelenses da Palestina pelas armas.

FIQUE DE OLHO

Lawrence da Arábia (Reino Unido, EUA). Direção de David Lean, 1962. 216 min.

Autobiografia de T. E. Lawrence, aventureiro, arqueólogo e oficial do Exército britânico durante a 1ª Guerra Mundial, que, insatisfeito em colorir mapas, aceita uma missão como observador na atual Arábia Saudita e acaba colaborando de forma decisiva para a união das tribos árabes contra os turcos.

Para desenvolver

Canal de Suez

Explique que o canal de Suez foi construído entre 1859 e 1869, pela Companhia Suez, de origem francesa e responsável também pelas obras iniciais de abertura do canal do Panamá, entre 1880 e 1889. Cerca de 1,5 milhão de trabalhadores egípcios participaram da construção do canal de Suez, sendo estimado em 120 mil o número de mortes entre esses trabalhadores, sobretudo devido a surtos de cólera. Com relação ao conflito em torno da nacionalização do canal de Suez, em 1956, destaque para a turma que o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, foi o grande vitorioso no campo político-diplomático. Pela primeira vez, Estados Unidos e União Soviética concordaram em uma mesma questão na ONU e reconheceram o direito egípcio sobre o canal. Por sua vez, reforce que França e Inglaterra perderam seu prestígio estratégico mundial.

A História não está sozinha

Geografia

- O canal de Suez faz a ligação marítima entre os países europeus, os países que têm litoral no mar Vermelho e os países asiáticos no oceano Índico. Para o comércio europeu, o canal de Suez é de grande importância, pois, sem ele, o navio que parte da Índia teria de contornar o continente africano pelo oceano Atlântico, o que exigiria muitos dias a mais de viagem e custos bem maiores.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados ao pan-arabismo e às guerras árabe-israelenses travadas nos anos 1960 e 1970, abordados entre as páginas 187 e 192, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI31 – Descrever e avaliar os processos de descolonização na África e na Ásia.

Para desenvolver

A Guerra dos Seis Dias

Ao analisar a Guerra dos Seis Dias, destaque para a turma que esse conflito se desenvolveu entre os dias 5 e 10 de junho de 1967 e que a vitória rápida e completa de Israel sobre as forças militares do Egito, em especial, representou um revés muito grande para o movimento pan-arabista liderado pelo presidente egípcio Gamal Abdel Nasser, o que acabou potencializando o surgimento de grupos islâmicos muito radicais a partir dos anos 1970, principalmente, que passaram a recorrer a ações terroristas contra o Estado de Israel e seus cidadãos. Em setembro de 1972, em um dos primeiros grandes ataques terroristas relacionados a esse novo contexto, 11 esportistas israelenses e 1 policial alemão que participavam dos Jogos Olímpicos de Munique foram mortos por integrantes de uma organização paramilitar intitulada Setembro Negro, contrária à presença de Israel na Palestina.

O professor também pode aprofundar as análises do filme *Lemon Tree*, já apresentado no início deste capítulo, de modo que os alunos possam ampliar a compreensão de seu enredo, percebendo e reconhecendo os conflitos nele apresentados.

Fique ligado

PRESSFIELD, Steven. *A porta dos leões*. Nas linhas de frente da Guerra dos Seis Dias. São Paulo: Contexto, 2016.

Quando vi você [Grécia/Palestina/Emirados Árabes Unidos/Jordânia]. Direção de Annemarie Jacir, 2013. 103 min.

Em 1967, milhares de palestinos se estabelecem em campos de refugiados. Nesse contexto, um menino acompanhado da mãe foi separado do pai e tentará se adaptar a nova e difícil vida de refugiado.

Para que você possa ter mais informações tanto sobre o contexto em que ocorreu a Guerra dos Seis Dias quanto a respeito das ações da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) nos anos 1970, indicamos tanto o livro quanto o filme acima sugeridos.



Wegdi Eshtayeh/Abmagesi/ZUMA PressFotoarena

Em 2011, durante manifestação política na Cisjordânia, menino palestino levanta cartaz com imagem de Yasser Arafat, que, ainda jovem, fundou a Organização para a Libertação da Palestina.

FIQUE DE OLHO

Promessas de um novo mundo (EUA). Direção e produção de Justine Shapiro, Carlos Bolado e B. Z. Goldberg, 2001. 106 min.

No documentário, sete crianças israelenses e palestinas que moram em Jerusalém falam da vida delas e do medo permanente do estado de guerra. O filme foi produzido no contexto das negociações de paz entre o governo de Israel e a OLP, entre 1995 e 2000.

1973: Guerra do Yom Kippur. Países da Opep aumentam o preço do petróleo.

A Guerra dos Seis Dias

A fundação da OLP, o nacionalismo de Nasser e a união de vários países árabes contra Israel provocou a reação do governo daquele país. Assim, em junho de 1967, Israel atacou de surpresa vários países árabes: destruiu toda a aviação militar do Egito e imobilizou as forças militares da Síria e da Jordânia. Além disso, tomou as colinas de Golan, na Síria, e invadiu novamente a península do Sinai, no Egito. As forças militares israelenses também ocuparam a Faixa de Gaza, a cidade de Jerusalém e a Cisjordânia. O ataque israelense ficou conhecido como a **Guerra dos Seis Dias**.

Com a vitória militar, Israel ampliou ainda mais seu território. Outros milhares de palestinos foram expulsos de suas terras. O drama vivido por milhares de famílias palestinas parecia ser infundável. O ódio dos árabes contra os israelenses crescia.

Para os países árabes, Israel tornou-se o grande inimigo e deveria ser destruído. O governo israelense, por sua vez, não admitia que os palestinos tivessem seu próprio país. Sem possibilidade de diálogo, grupos árabes recorreram a atentados terroristas, sequestros e assassinatos de israelenses.

É o conflito entre árabes e israelenses que afeta a vida de Salma, a personagem do filme *Lemon Tree*. Os limoeiros formavam uma bela vista na frente da casa do Ministro da Defesa. Mas o serviço secreto israelense avaliou que as árvores poderiam facilitar atentados contra a residência. A solução foi cortar todas as 300 árvores. Salma resistiu. Os limoeiros foram plantados por seu pai. Neles estava sua própria vida. Com a ajuda de um advogado, ela recorreu à Administração Civil de Israel e, depois, à Corte Militar. Salma perdeu nas duas instâncias. Resolveu, então, recorrer à Corte Suprema de Israel.



Mohammed Abed/Agência France-Press

Apoiadores da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) na cidade de Gaza. Até os dias atuais, a OLP é a principal, mas não a única, organização política na luta dos palestinos pelo direito de formar seu próprio país. A maior organização dentro da OLP é a Fatah. Fotografia de 2007.

▶ A Guerra do Yom Kippur

Com o objetivo de encontrar uma saída pacífica para o conflito, a ONU aprovou resolução exigindo que o governo de Israel retirasse suas tropas militares dos territórios ocupados na Guerra dos Seis Dias e retornasse aos limites territoriais estabelecidos pela organização em 1947. O governo israelense, no entanto, encontrou o apoio dos Estados Unidos para não acatar as determinações da ONU.

Em outubro de 1973, durante o feriado religioso israelense do Yom Kippur (o Dia do Perdão), tropas militares do Egito e da Síria atacaram Israel de surpresa. O objetivo era recuperar seus territórios ocupados por Israel na Guerra dos Seis Dias: as colinas de Golan e o Sinai.

Inicialmente, Egito e Síria obtiveram grandes vitórias. Mas os Estados Unidos rapidamente ajudaram Israel. Em poucos dias, os israelenses, com o apoio estadunidense, reverteram o curso da guerra e venceram os árabes mais uma vez.

Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas historique: toute l'histoire du monde em 300 cartes*. Paris: Larousse, 2016. p. 311.



O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

A maioria dos brasileiros professa religiões com base no cristianismo. Há também os que não seguem nenhuma religião. O judaísmo e o islamismo são religiões adotadas por grupos pouco numerosos. O templo religioso judaico chama-se sinagoga e o muçulmano é a mesquita. Na cidade onde você mora há alguma sinagoga e/ou mesquita? Pesquise imagens do interior dessas construções e compare-as com o interior de alguma igreja cristã do município onde você mora, percebendo as semelhanças e as diferenças entre as três.

Fique ligado

O Dia do Perdão (França/Israel). Direção de Amos Gitai, 2000. 124 min.

Durante a Guerra do Yom Kippur, soldados israelenses ficam em uma situação extremamente difícil e perigosa após o helicóptero militar em que viajavam ter sido derrubado por um míssil.

A Guerra do Yom Kippur marcou o fim do mito da invencibilidade israelita. *Público*. Disponível em: <www.publico.pt/2003/10/06/jornal/a-guerra-do-yom-kippur-marcou-o-fim-do-mito-da-invencibilidade-israelita-206159>. Acesso em: 22 out. 2018.

O seu lugar na História

Respostas pessoais.



Para desenvolver

Ressalte para a turma que a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) foi criada em 1960, em uma conferência realizada na cidade de Bagdá, Iraque. Após a Guerra do Yom Kippur, em retaliação ao apoio decisivo dos EUA a Israel nesse conflito, os países árabes que controlavam a Opep – como a Arábia Saudita, o Iraque, o Irã e o Kuwait – impuseram uma política de redução da produção e elevação do preço do barril de petróleo, que aumentou em cerca de 400% entre outubro de 1973 e março de 1974, com os preços saltando de três para doze dólares o barril. Tal elevação de preços do petróleo teve forte repercussão nas economias das maiores nações capitalistas, em especial, que se viram forçadas a realizar um racionamento do consumo de combustível e energia

Outras histórias

Lugares

- Porque a ONU havia estabelecido que a administração de Jerusalém seria internacional. Além disso, por ser considerada uma cidade sagrada pelas três religiões monoteístas, a cidade deveria ser respeitada como território neutro. A tomada de Jerusalém por Israel demonstra que o país não respeitou os acordos internacionais que possibilitariam a paz para a região.

OUTRAS HISTÓRIAS LUGARES



mizaszym/Shutterstock

Vista de Jerusalém; à direita, o Muro das Lamentações, Israel. Fotografia de 2018.

Jerusalém

A cidade de Jerusalém tornou-se um problema difícil de ser resolvido no conflito entre árabes e israelenses. Quando a ONU autorizou a fundação de Israel, ficou estabelecido que Jerusalém teria administração internacional. Mas, na guerra de 1948-1949, Israel tomou a parte ocidental da cidade e, na Guerra dos Seis Dias, se apoderou de toda a cidade. A disputa por Jerusalém tem razão de ser: a cidade tem lugares sagrados para judeus, muçulmanos e cristãos.

Em 1980, o parlamento israelense aprovou lei que tornava Jerusalém capital do país. A atitude foi condenada pela ONU e decepcionou palestinos e até israelenses que acreditavam na possibilidade de paz na região. Donald Trump agravou o conflito quando, em 2018, transferiu a embaixada de seu país em Israel para Jerusalém.



- A partir do texto acima, responda: por que a atitude de Israel com relação a Jerusalém foi mal recebida pela comunidade internacional e até mesmo por israelenses que acreditavam na possibilidade de paz na região?

O petróleo como arma

Alguns governos árabes tomaram a decisão de utilizar o petróleo como instrumento de luta. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), ao final de 1973, aumentou drasticamente o preço do petróleo em 400%.

A economia mundial não estava preparada para o enorme aumento dos preços do petróleo.

O uso do petróleo como arma política deu resultados. Os governos estadunidenses mudaram sua política em relação ao conflito no Oriente Médio. Embora apoiassem Israel, passaram a estimular negociações de paz entre árabes e israelenses.

O filme *Lemon Tree* demonstra que existem possibilidades de entendimentos entre israelenses e palestinos. A mulher do Ministro da Defesa, a israelense Mira, compreendeu o sofrimento da palestina Salma. Inconformada com aquela injustiça, Mira argumentou várias vezes com o marido no sentido de preservar os limoeiros. Decepcionada com a intransigência dele, Mira preferiu se divorciar. Mira, mulher israelense, foi solidária com Salma, mulher palestina.

Entre a guerra e a paz

O presidente estadunidense Jimmy Carter conseguiu que Egito e Israel chegassem a um acordo de paz. As negociações entre os dois países ficaram conhecidas como Acordos de Camp David, concluídos em 1979.

A partir dos anos 1980, palestinos e israelenses caminharam em duas direções: grupos políticos apoiavam a paz, mas outros queriam a continuação da guerra.

A construção de moradias pelo governo de Israel na Cisjordânia para seus cidadãos impediu o avanço nas negociações para a paz.

Em 1987, jovens palestinos passaram a atacar os soldados israelenses com paus e pedras. Esse movimento ficou conhecido como **Intifada** – palavra árabe que pode ser traduzida como “revolta” ou “insurreição”.

Menahem Kahana/Agência France-Presse



Jovens palestinos jogam pedras nos soldados israelenses naquela que ficou conhecida como Primeira Intifada, em 1987.

Acordos de Oslo

Em 1993, foram assinados os Acordos de Oslo: a OLP reconheceu o Estado de Israel; o governo israelense aceitou a formação da Autoridade Nacional Palestina – embrião de um futuro país na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

Aumentam os conflitos

Lideranças importantes em Israel e na Palestina foram contra os acordos de paz assinados em Oslo, preferindo continuar a guerra.

Portanto, se existem palestinos e israelenses dispostos a encontrar a paz e a conviver de maneira pacífica, há também aqueles que apostam na guerra e no confronto.

E Salma na luta pelos limoeiros? Durante o julgamento na Suprema Corte de Israel, o velho Abu Hussam falou aos juízes. Para ele, “as árvores são pessoas. Têm almas. Têm sentimentos. É preciso falar com elas. Necessitam ser tratadas com carinho”. Os juízes, no entanto, decidiram que metade dos limoeiros, 150 árvores, deveriam ser cortados.

Ao final, todos perderam. Salma, muito triste, não se conformou com a terra árida sem as árvores. O Ministro da Defesa, solitário sem sua mulher, também perdeu a bela vista que tinha dos limoeiros. O Muro da Cisjordânia chegou à região. Sua vista, agora, era um imenso muro de concreto.



Adel Hana/Associated Press/Glow Images

Manifestação do grupo Hamas, em 1994, na Faixa de Gaza. Na frente da passeata, um menino carrega um fuzil.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... no Muro da Cisjordânia? Trata-se de um muro de concreto com cerca de 760 km de extensão e, em algumas partes, com 8 metros de altura. O muro visa separar Israel da Cisjordânia, mas a maior parte dele foi construída dentro da própria Cisjordânia. O governo israelense alega que o muro visa impedir ataques terroristas, enquanto a Autoridade Nacional Palestina afirma que o objetivo é tomar terras dos palestinos.

Para desenvolver

Ao analisar com a turma os Acordos de Camp David, assinados em 1979, comente com os estudantes que o presidente do Egito, Anwar Sadat, estava convencido de que Israel não seria derrotado pela força militar e, portanto, não deveria gastar recursos de seu país em guerras. O governo israelense, por sua vez, passava por dificuldades econômicas diante dos imensos gastos militares, dispendendo-se, assim, a celebrar esses acordos com o Egito sob a mediação dos Estados Unidos.

Fique ligado

DUPAS, Gilberto; VIGEVANI, Tullo [Org.]. *Israel-Palestina: a construção da paz vista de uma perspectiva global*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.

HROUB, Khked. *Hamas: um guia para iniciantes*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

Veja histórico de acordos de paz para o Oriente Médio. *BBC*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/09/100902_entenda_acordos_orientemedio_rc>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para que você possa ter mais informações sobre a situação da questão palestina e do conflito árabe-israelense entre as décadas de 1970 e 1980, indicamos os livros e o artigo jornalístico acima.

Documento

1. É a impossibilidade de rever a casa em que nasceram e a aldeia em que viveram suas famílias. Isso provoca neles um sentimento de não pertencer a lugar nenhum e de perder seu passado e a memória de seus ancestrais.
2. Embora Kassam tenha nascido em um campo de refugiados, ele conhece a história de sua família e de onde ela se origina: território no qual não podem mais viver por estar ocupado por Israel. Nesse sentido, arriscar a sua vida atirando pedras pode ser uma reação à forma como o seu povoado foi destruído pelos israelenses.

DOCUMENTO**Jornalista narra drama de refugiados palestinos**

Uma das questões mais dramáticas dos conflitos na região é a ocupação das terras e aldeias originalmente habitadas por palestinos para a construção de assentamentos israelenses.

A seguir, você vai ler o depoimento da jornalista Beatriz Bissio, publicado pela primeira vez em 1988, sobre o drama dos refugiados palestinos com os quais ela conversou.

“Não posso morrer sem voltar a Haifa e ver a casa em que nasci”. Essa frase, dita com lágrimas nos olhos por Lamia – senhora idosa, que vive com sua filha e netos no campo de refugiados de Burj-el-Barajne, em Beirute – ao lhe perguntarmos sobre o maior desejo de sua vida, resume o drama palestino: todo um povo condenado ao desterro ou viver sem identidade sob o jugo militar de Israel, vendo sua cultura, seu mundo, suas casas ancestrais serem confiscadas.

A maioria das crianças e jovens palestinos de hoje não nasceu em sua pátria, mas no exílio, como os netos de Lamia, ou nos territórios ocupados por Israel. [...]

“Atiramos pedras neles porque não temos armas”, disse Kassam, de 18 anos, ao explicar a razão pela qual arrisca a sua vida, enfrentando desarmado as patrulhas israelenses. Kassam nasceu no campo de refugiados de Jebalya, em Gaza, mas seu pai já o levou várias vezes, junto com seus irmãos, ao alto de um morro, em Israel, para mostrar-lhe o lugar em que ficava a aldeia onde ele nasceu e sua família viveu durante gerações, até ser arrasada pelas autoridades israelenses que já destruíram, e literalmente apagaram do mapa, mais de mil antigos povoados palestinos.

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História do tempo presente*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 173. (Col. Textos e Documentos, 7).

Intercontinental/Agência France-Press



Desde as guerras de 1948-1949 e de 1967, continuando nos dias atuais, árabes que vivem na Palestina têm perdido suas terras para os israelenses. Milhares de palestinos foram obrigados a se mudar para outros países ou a viver em campos de refugiados. Na imagem, palestinos são obrigados a abandonar suas terras, em setembro de 1948.



- 1 | São muitos os dramas vividos pelos palestinos. Entre eles, o que mais incomoda Lamia e o pai de Kassam?
- 2 | Qual é um dos possíveis motivos, que pode ser apontado no texto, pelo qual Kassam arrisca sua vida, atirando pedras nas patrulhas israelenses por não possuir uma arma?

Fique ligado

Dossiê Palestina. *ONU no Brasil*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/tema/palestina/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

O dossiê traz mais informações sobre a questão palestina e o conflito árabe-israelense entre as décadas de 1990 e 2000, temas também abordados nos livros e filmes indicados a seguir.

BISHARA, Marwan. *A paz ou o apartheid*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Paradise Now (França/Palestina/Alemanha/Holanda). Direção de Hany Abu Assad, 2005. 87 min.

Dois jovens palestinos, amigos de infância, são escalados para realizar um atentado suicida em Israel.

Cinco câmaras quebradas (Palestina/Israel/França). Direção de Emad Burnat e Guy David, 2011. 90 min.

Documentário baseado em fatos reais sobre homem que compra uma câmara para filmar o nascimento do filho, mas o governo de Israel começa a construção do muro.

Ele, então, passa a filmar os conflitos entre a população palestina local e os soldados israelenses.

Budrus (EUA/Israel/Palestina). Direção de Julia Bacha, 2009. 81 min.

Localizada na fronteira entre Israel e Cisjordânia, Budrus é uma pequena localidade cuja população se revoltou contra a construção por Israel, em 2003, do muro que segregaria os palestinos, destruindo plantações de oliveiras.

▶ A Revolução Iraniana

O Irã é um país cuja população professa a religião muçulmana. Mas sua população não é árabe, mas persa. Além disso, a maioria é muçulmana da linha xiita.

Com apoio dos Estados Unidos, o xá Mohamed Reza Pahlevi governava o país como um ditador. Seu objetivo era adotar os costumes ocidentais. O país cresceu economicamente, mas somente uma minoria enriqueceu. A maioria do povo permanecia na pobreza.

No final de 1978, milhares de pessoas foram para as ruas exigir a saída do xá do poder. Em janeiro de 1979, com o apoio da população, cuja maioria era xiita, o aiatolá Ruhollah Khomeini proclamou a República Islâmica do Irã. O país passou a ser governado pelos religiosos xiitas e as leis seguiram os preceitos da religião islâmica.

A Revolução Iraniana resultou em profunda aversão e rancor aos Estados Unidos. O motivo era o apoio estadunidense a Israel.



O aiatolá Khomeini chega a Teerã, Irã, vindo do exílio na França, em 5 de fevereiro de 1979.



Propaganda da Revolução Iraniana produzida logo após a revolução, em 1979. O governo dos aiatolás reintroduziu no Irã práticas tradicionais, incentivando, por exemplo, as mulheres a usar o xador, traje que cobre todo o corpo, deixando apenas o rosto à mostra.

Xá: no Irã, título equivalente ao de rei ou monarca.

Aiatolá: maior cargo entre os muçulmanos xiitas. É o doutor nas leis do Islã. A palavra “aiatolá” pode ser traduzida como “sinais de Alá”.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... em **sunitas** e **xiitas**? O islamismo tem duas grandes vertentes: cerca de 80% são sunitas e 20% são xiitas. As diferenças entre eles são muitas, mas o que importa para nosso estudo neste momento é que, para os sunitas, os clérigos se responsabilizam apenas pela religião, enquanto os xiitas acreditam que os chefes religiosos também podem interferir na política do país.

■ Para desenvolver

O aiatolá Khomeini

Se achar oportuno, comente com os estudantes que o aiatolá Ruhollah Khomeini partiu para o exílio em Paris em meados dos anos 1960. Ele estava sendo perseguido pelo governo do xá Mohamed Reza Pahlevi por protestar contra a repressão policial a mulás em sua cidade natal. Lembre-os de que, na época, não havia internet e muito menos redes sociais. No início dos anos 1970, passou a enviar de Paris, clandestinamente, gravações em fitas K-7 para o Irã, incentivando a rebelião contra o xá e defendendo um governo islâmico. As fitas K-7 eram reproduzidas e repassadas entre a população iraniana. Assim, quando retornou do exílio, Khomeini era bastante conhecido.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados à Revolução Iraniana e às guerras no Oriente Médio nas décadas de 1980 e 1990, tratados entre as páginas 193 e 195, lembre-se de que estará promovendo o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI35 – Analisar os aspectos relacionados ao fenômeno do terrorismo na contemporaneidade, incluindo os movimentos migratórios e os choques entre diferentes grupos e culturas.
- EF09HI36 – Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

Fique ligado

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

ADGHIRN, Samy. *Os iranianos*. São Paulo: Contexto, 2014.

Para ampliar suas informações sobre a Revolução Iraniana em 1979 e as transformações introduzidas por ela nessa sociedade, indicamos esses dois livros e também os filmes a seguir.

Filhos do Paraíso (Irã). Direção de Majid Majidi, 1997. 89 min. Menino de 9 anos de idade perde os sapatos da irmã e divide os seus com ela até ganhar concurso e comprar novos sapatos.

Táxi Teerã (Irã). Direção de Jafar Panahi, 2015. 66 min. O diretor instala câmaras em um táxi e filma conversas com os passageiros sobre a vida no Irã, a política do país e os costumes da população.

Para desenvolver

Guerra entre Irã e Iraque

Ao analisar os eventos vinculados à guerra travada entre o Irã e o Iraque, entre 1980 e 1988, resalte que um dos principais objetivos do ditador iraquiano Saddam Hussein era se aposar de importantes campos petrolíferos no sudoeste iraniano, contando para isso com o apoio político de potências internacionais que se situavam em campos ideológicos antagônicos no contexto da Guerra Fria, como os Estados Unidos e a URSS, que forneceram equipamentos militares ao governo iraquiano, incluindo armas químicas.

Outras histórias

Episódios

- Um dos motivos foi o apoio do governo dos Estados Unidos ao xá Mohamed Reza Pahlevi. A população iraniana também criticava os Estados Unidos pelo seu apoio a Israel. Por fim, o xá se exilou no país norte-americano, pois o governo revolucionário iraniano queria sua repatriação para que fosse julgado pelos seus crimes.

Fique ligado

O quadro negro (Irã/Itália/Japão). Direção de Samira Makhmalbaf, 2000. 85 min.

Durante a violenta guerra entre Irã e Iraque, alguns professores curdos perambulam pelas colinas das fronteiras do Irã com quadros-negros às suas costas, em busca de alunos e aprendizes. Said e Reeboir acabam unidos nessa tarefa, liderando um grupo de crianças às quais precisam transmitir seus conhecimentos e manter vivas.

Feridas de um casamento (Irã). Direção de Mohsen Makhmalbaf, 1989. 75 min.

Quando Haji retorna do front de guerra após um longo período de duras batalhas, toda a vida já mudou ao seu redor. O que ele reconhecia antes como parte de sua vida, agora é algo completamente diferente. A única coisa que permaneceu foi a firme determinação de sua noiva em se manter ao seu lado, apesar das grandes pressões que existem para que se separem.

OUTRAS HISTÓRIAS EPISÓDIOS

Invasão da embaixada dos Estados Unidos

Gabriel Duval/Agência France-Press



Em 1979, seguidores do aiatolá Khomeini invadiram a embaixada dos Estados Unidos em Teerã. Durante 444 dias, 52 funcionários estadunidenses foram feitos reféns. O presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, enviou uma tropa militar, mas o resultado foi um fracasso. Seu sucessor na presidência, Ronald Reagan, conseguiu libertar os prisioneiros após negociações secretas com o governo de Khomeini.

Manifestação em apoio ao aiatolá Khomeini. Teerã, Irã, fevereiro de 1979.



- Em um parágrafo, escreva os possíveis motivos que podem ser relacionados com a invasão à embaixada dos Estados Unidos pelos seguidores do aiatolá Khomeini.

FIQUE DE OLHO

Argo (EUA). Direção de Ben Affleck, 2012. 120 min.

Durante a tomada da embaixada dos Estados Unidos pelos seguidores do aiatolá Khomeini, seis diplomatas estadunidenses fogem e se refugiam na embaixada do Canadá. Com o objetivo de resgatá-los, agentes da CIA alegam ao governo iraniano que necessitavam de locais desérticas para um filme de ficção científica.

Duas guerras

Com receio de que a Revolução Iraniana se espalhasse pelo Oriente Médio, o governo dos Estados Unidos apoiou o governo do ditador do Iraque, Saddam Hussein, adversário do governo iraniano.

Saddam Hussein era sunita e seu receio era de que o povo iraquiano seguisse o exemplo dos iranianos: derrubasse-o do poder e instituisse no país um governo islâmico xiita.

Em setembro de 1980, as forças militares iraquianas avançaram sobre o território do Irã. Os iranianos, no entanto, reagiram.

Soldados do Irã comemoram vitória sobre tropas do Iraque em uma batalha, Ahvaz, Irã. Fotografia de abril de 1982.



Francoise De Muldrif/Roger-Viollet/Agência France-Press

Em agosto de 1988, a guerra chegou ao fim sem vencedores. Morreram cerca de 1 milhão de iranianos e aproximadamente 400 mil iraquianos. O Irã saiu fortalecido da guerra, enquanto o Iraque teve grande parte de suas instalações industriais destruídas.

Ao final da guerra, o governo de Saddam Hussein estava em difícil situação financeira. Ele, então, decidiu invadir um país pequeno, mas grande produtor de petróleo: o Kuwait. Em agosto de 1990, tropas militares do Iraque tomaram o território do Kuwait. A ONU exigiu a retirada militar iraquiana do país invadido.

O governo dos Estados Unidos apoiara Saddam Hussein na guerra contra o Irã. Contudo, o Kuwait era grande fornecedor de petróleo para os estadunidenses, europeus e japoneses. Assim, de amigo, Saddam Hussein passou a ser inimigo dos Estados Unidos.

O presidente dos Estados Unidos, George Bush, com o apoio da ONU, deu início a outra guerra, conhecida como Primeira Guerra do Golfo, em janeiro de 1991.

As tropas iraquianas foram derrotadas, mas, antes de partir do Kuwait, incendiaram cerca de 300 poços de petróleo, causando enorme catástrofe ecológica.

O Iraque sofreu sanções econômicas internacionais que prejudicaram a população do país. Além disso, os Estados Unidos criaram várias bases militares no Oriente Médio, o que causou muita revolta entre os árabes. Entre eles estava um líder radical, chamado Osama Bin Laden.



Fonte: elaborado com base em CALDINI, Vera; ÍSOLA, Leda. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 134.

Para desenvolver

A libertação do Kuwait

Ressalte para a turma que a grande mobilização das potências capitalistas, sob a liderança dos Estados Unidos, para libertar o território do Kuwait do domínio iraquiano não ocorreu por razões de justiça internacional ou humanitárias principalmente, mas pelo fato de que o Kuwait é um dos maiores produtores de petróleo do mundo.

Fique ligado

Três reis (EUA). Direção de David O. Russell, 2000. 115 min.

Ao final da Guerra do Golfo, em março de 1991, três soldados estadunidenses encontram um mapa que indica um tesouro enterrado no deserto do Iraque.

Ao vivo de Bagdá (EUA). Direção de Mick Jackson, 2003. 110 min.

O filme narra a ousadia do casal de repórteres da então pequena rede de televisão estadunidense CNN que toma a decisão de ficar em Bagdá e transmitir ao vivo o bombardeio dos Estados Unidos à cidade.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 182 e, a seu critério, estabeleça um debate com a turma sobre o papel da Organização das Nações Unidas (ONU) na busca de caminhos e propostas que levem, no futuro, ao estabelecimento de uma paz duradoura para o conflito entre árabes e israelenses no Oriente Médio.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 182?

Créditos das imagens de baixo para cima: Adel Hana/Associated Press/Glow Images; Roger Violette/Agência France-Press; Andy Clark/Reuters/Fotoarena; GPO/Agência France-Press; Mohammed Abed/Agência France-Press; Mohammed Abed/Agência France-Press; Gabriel Duval/Agência France-Press; Christine Spengler/Sygma/Getty Images

1. Para os povos árabes, a região da Palestina pertencia aos palestinos. Para eles, os judeus que chegavam de países europeus nada tinham a ver com os que viveram na região vinte séculos atrás. O sionismo judaico era denunciado como nova forma de colonialismo. A fundação do Estado de Israel, em 1948, nas terras palestinas, provocou a guerra entre árabes e israelenses, com a vitória dos últimos. O resultado foi desastroso para os palestinos que perderam suas terras e suas casas para os israelenses, gerando ainda mais ressentimentos.
2. O governo israelense alegou que o nacionalismo do líder egípcio Nasser e a fundação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) representavam um grande perigo para a existência de seu país. Israel atacou de surpresa o Egito, a Síria e a Jordânia. Além disso, invadiu a Faixa de Gaza, tomou a cidade de Jerusalém e se apropriou de novos territórios que pertenciam aos palestinos.
3. Em 1973, na Guerra do Yom Kippur, as vitórias iniciais dos árabes foram anuladas pelo forte apoio militar dos Estados Unidos a Israel. A partir daí países como o Egito e a Síria se convenceram de que era muito difícil vencer Israel pela força militar. Desse modo, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), de maioria árabe, tomou a decisão de pressionar os Estados Unidos e os preços do barril de petróleo subiram 400% em poucos meses, desestabilizando a economia capitalista. Os Estados Unidos passaram a incentivar as negociações e conseguiram que Israel e Egito chegassem a um acordo de paz em 1979.
4. Os Acordos de Camp David resultaram de negociações de paz entre Egito e Israel, intermediadas pelo governo dos Estados Unidos. Pelos acordos, o presidente do Egito reconhecia a legitimidade do Estado de Israel



O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Por que os árabes não aceitaram a chegada de judeus à Palestina, nem a fundação do Estado de Israel em 1948, resultando em guerra entre os dois povos?
- 2 | A Guerra dos Seis Dias, em 1967, teve relação com a OLP e com o egípcio Nasser. Desenvolva essa afirmação, levando em conta os motivos alegados e as consequências do ataque realizado pelos israelenses.
- 3 | De que modo os árabes utilizaram o petróleo como arma política contra os Estados Unidos?
- 4 | O que foram os chamados Acordos de Camp David e o que ficou estabelecido entre Egito e Israel?
- 5 | Explique como a eclosão da Revolução Iraniana pode ser vinculada às crenças xiitas.
- 6 | A chamada Primeira Guerra do Golfo ocorreu em 1991. Uma grande coalizão militar, liderada pelos Estados Unidos, atacou o Iraque, governado por Saddam Hussein. Por que o líder iraquiano tornou-se inimigo dos Estados Unidos se, pouco tempo antes, ele era apoiado pelo governo estadunidense?
- 7 | Como podemos associar o brasileiro Oswaldo Aranha com a fundação do Estado de Israel?
- 8 | Qual é a relação entre a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e a Autoridade Nacional Palestina?
- 9 | Por que a frase a seguir é falsa?
O líder do Iraque, Saddam Hussein, durante seu governo, esforçou-se para alcançar a paz na região, estabelecendo tratados de não agressão com o Irã e o Kuwait.
- 10 | Por que o canal de Suez foi importante nos conflitos árabes-israelenses?

PESQUISA

Vivendo sob ocupação militar do exército israelense, os palestinos iniciaram uma grande revolta em dezembro de 1987. Palestinos, sobretudo jovens, atacaram soldados israelenses com pedras e pedaços de pau. A revolta, que foi chamada de Guerra das Pedras, tornou-se mais conhecida como Primeira Intifada. Em setembro de 2000 ocorreu a Segunda Intifada.

- Forme um grupo com os colegas e, juntos, façam uma pesquisa sobre a Primeira e a Segunda Intifadas. Se tiverem acesso à internet, entrem em um site de busca de imagens e digitem: "intifada". Surgirão dezenas de imagens sobre o tema. Seleccionem algumas. Em programa de edição de slides, montem uma apresentação contendo textos curtos e imagens para mostrar para a classe o resultado da pesquisa do grupo.

Jovem palestino atira pedras em direção a soldados israelenses que estavam protegendo um assentamento judaico na Faixa de Gaza. Fotografia de 2011.



5. se comprometia a não mais atacá-lo. O governo israelense, por sua vez, devolveu a região do Sinai ao Egito.
5. Sob a ditadura do xá Reza Pahlevi houve crescimento econômico no Irã, mas com a renda muito concentrada e grande número de cidadãos pobres, em sua maioria muçulmanos xiitas e que não aceitavam valores ocidentais introduzidos pelo xá. Sob a liderança do clero xiita e do aiatolá Khomeini, no início de 1978 a população promoveu um levante e o xá fugiu para a Europa. O governo do Irã ficou sob controle de Khomeini, que proclamou a República Islâmica e declarou os Estados Unidos como grande inimigo.

6. Com o apoio dos Estados Unidos, o ditador Saddam Hussein declarou guerra ao Irã em 1979, mas após quase dez anos de conflito o Iraque acabou derrotado. Com o seu país destruído e com enorme dívida externa, Saddam Hussein invadiu o Kuwait, importante produtor mundial de petróleo, tornando-se assim inimigo dos Estados Unidos, que no início de 1991 liderou uma coalizão militar contra as tropas iraquianas. Novamente derrotado, Saddam Hussein continuou governando o Iraque, mas o país sofreu muitas sanções econômicas. O resultado foi que a pobreza aumentou assustadoramente no país.

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Antes mesmo da vitória da Revolução Iraniana, havia entre a população grande antipatia pelos Estados Unidos. O apoio ao governo do xá e a Israel eram os principais motivos.

Após a vitória da revolução, os líderes religiosos iranianos deram continuidade à pregação contra os Estados Unidos.

Observe com atenção a imagem abaixo. Em seguida, responda às perguntas.



- 1 | De que forma os Estados Unidos são apresentados nesse cartaz?
- 2 | Como é possível interpretar a situação representada na imagem?

Cartaz colado em muros de Teerã, capital do Irã, em 1979, no auge das manifestações contra os Estados Unidos.

O PASSADO PRESENTE

Em 2010, o diretor de uma escola em Israel resolveu inovar. Adotou um livro didático diferente. Até então, os livros didáticos israelenses apresentavam apenas o ponto de vista e os argumentos de Israel, desqualificando os palestinos no que se refere aos conflitos entre israelenses e palestinos.

No novo livro, cada folha estava dividida em três partes. Em uma delas era apresentada a versão dos israelenses para o conflito; na outra, a versão dos palestinos. A terceira parte estava em branco, reservada para o estudante escrever suas próprias conclusões, após conhecer as versões de cada lado do conflito.

Mas o livro teve vida curta. O diretor da escola foi repreendido pelo Ministro da Educação israelense, e o livro foi retirado da escola.

- Qual é a sua avaliação sobre o livro didático adotado pelo diretor da escola israelense?

Conflitos no Oriente Médio | CAPÍTULO 11 ◀ 197

◀ 10. O canal de Suez foi construído no Egito e permite a navegação entre os mares Vermelho e Mediterrâneo. O canal é estratégico para o comércio mundial. Em 1956, o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, nacionalizou a empresa inglesa que administrava o canal, que se tornou, portanto, propriedade do Estado egípcio. Em represália, os governos do Reino Unido e da França enviaram tropas militares que tomaram o canal, enquanto Israel tomou a península do Sinai. Contudo, os Estados Unidos e a União Soviética não concordaram com a ação militar inglesa e francesa.

Pesquisa

Resposta pessoal. A atividade trabalha com diversas habilidades dos estudantes: pesquisa, identificação, escolha e análise de fontes escritas, reflexão sobre as imagens e o uso da oralidade durante a exposição do trabalho.

Imagens contam a história

1. Em forma de cobra.
2. Em diversas sociedades, a cobra é associada ao veneno e aos ataques traiçoeiros. No cartaz, a cobra revestida com a bandeira dos Estados Unidos é presa pela mão de um iraniano, que a segura pelo pescoço, tornando-a incapaz de atacar.

O passado presente

Resposta pessoal. Esta atividade é interessante, pois leva o estudante a uma reflexão sobre o lugar que ele ocupa no mundo. Em vez de aprender, nos livros tradicionais, a visão unilateral de que somente o governo israelense tem razão e que os palestinos estão errados, no novo livro citado no texto da seção ele poderia aprender que ambos os lados têm suas alegações e explicações para o conflito. No novo livro, o estudante israelense poderia compreender também o ponto de vista dos palestinos. Seria um passo importante para a compreensão dos conflitos e para superá-los.

- ▶ 7. Chefiando a delegação brasileira, Oswaldo Aranha presidiu a Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU que aprovou a criação do Estado de Israel.
8. A Organização pela Libertação da Palestina (OLP), fundada em 1964 por Yasser Arafat, tinha o objetivo de destruir o Estado de Israel e fundar o país dos palestinos, a Palestina. Após guerras e conflitos armados, a OLP se convenceu de que não poderia vencer Israel. Com a intermediação do governo dos Estados Unidos, a OLP e o governo de Israel, em 1990, chegaram a um acordo: a OLP renunciou à luta ar-

mada e reconheceu o direito dos israelenses de terem seu país. Em contrapartida, Israel reconheceu o direito dos palestinos de terem um governo, chamado de Autoridade Nacional Palestina.

9. Saddam Hussein atacou o Irã em 1980, usando armas químicas – sendo derrotado em 1988. Com o país endividado, Saddam Hussein, no mesmo ano, invadiu o Kuwait, um importante país produtor de petróleo. Em 1990, o governo dos Estados Unidos, apoiado por tropas de vários países, libertou o Kuwait do domínio militar iraquiano e invadiu o Iraque. ▶

Unidade 4

América Latina e Brasil: democracia, ditadura e revolução

Unidade composta dos capítulos 12, 13 e 14, vinculados respectivamente ao estudo das sociedades cubana, argentina e brasileira em diferentes contextos político-institucionais dos anos 1940 aos anos 1980 e 1990. No capítulo 12, o foco da análise concentra-se nas mudanças político-institucionais e socioeconômicas experimentadas por Cuba e Argentina desde a década de 1940, com destaque para o exame dos contextos ditatoriais vividos neste último país de 1966 a 1973 e de 1976 a 1983. O capítulo 13, por sua vez, aborda o conjunto de transformações que se processaram no Brasil durante os governos da experiência democrática do período 1946-1964, com destaque para as crescentes mobilizações populares e trabalhistas dessa época. Já os nefastos vinte e um anos de ditadura militar no Brasil são analisados no capítulo 14, que avalia tanto a gradativa imposição no país de um regime de exceção, cujo auge foi a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 1968, quanto os movimentos pela redemocratização que culminaram na campanha das Diretas Já e na eleição de Tancredo Neves para presidente da República, entre 1983 e 1985.

A fotografia de abertura da Unidade 4 registra a manifestação de 1980 em frente à catedral da Sé, em São Paulo, em homenagem ao operário Santo Dias. Ele foi morto pela polícia no dia 30 de outubro de 1979 durante um piquete de greve em frente a uma fábrica na Zona Sul de São Paulo.



198

Competências Gerais da Educação Básica	Competências Específicas de Ciências Humanas	Competências Específicas de História
CG1, CG5, CG9, CG10	CCH2, CCH4, CCH5, CCH7	CEH1, CEH2, CEH3, CEH6, CEH7



Juca Martins/Olha Imagem

VAMOS ESTUDAR

- » O MODELO AGROEXPORTADOR LATINO-AMERICANO
- » O GOVERNO PERONISTA E A DITADURA ARGENTINA
- » A REVOLUÇÃO CUBANA
- » O GOVERNO EURICO GASPAR DUTRA
- » GETÚLIO VARGAS E A CRISE DE 1954
- » JUSCELINO KUBITSCHEK E O DESENVOLVIMENTISMO
- » JÂNIO QUADROS E A CRISE DA RENÚNCIA
- » JOÃO GOULART E O GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964
- » A DITADURA MILITAR: AUTORITARISMO, REPRESSÃO E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Créditos das imagens de cima para baixo: Eduardo Di Baia/Associated Press/Glow Images; World History Archive/Alamy/Fotoarena; Reprodução/Correio Braziliense/D.A. Press.

Manifestação por ocasião de um ano da morte do operário Santo Dias, ocorrida em 30 de outubro de 1979. São Paulo, SP. Fotografia de 1980.

4

UNIDADE

AMÉRICA LATINA E BRASIL: DEMOCRACIA, DITADURA E REVOLUÇÃO

Os países da América Latina entraram no século XX com economias pobres e sociedades desiguais.

Mas em alguns deles surgiram projetos de desenvolvimento. Alguns desses projetos foram interrompidos por violentos golpes militares.

O Brasil, a partir de 1946, conheceu sua primeira experiência de democracia ampliada. Porém, em 1964, ocorreu um golpe civil-militar e durante 21 anos o país viveu sob a ditadura das Forças Armadas.

Objetivos da Unidade

- Analisar os projetos e movimentos que visavam à superação do subdesenvolvimento latino-americano, com destaque para o estudo da trajetória do *peronismo* na Argentina entre os anos 1940 e 1970 e dos diversos desdobramentos da Revolução Cubana de 1959 nas décadas seguintes.
- Examinar os regimes ditatoriais impostos na Argentina entre as décadas de 1960 e 1970, realçando as formas de resistência democrática a tais regimes de exceção.
- Avaliar as transformações socioeconômicas e políticas verificadas no Brasil durante a experiência democrática do período 1946-1964, realçando as demandas e as conquistas populares dessa época.
- Analisar tanto os elementos centrais da crise que culminou no golpe civil-militar de 1964 quanto a gradativa imposição, nos anos seguintes, de uma violenta ditadura militar no Brasil.
- Examinar as consequências sociais das medidas econômicas impostas pela ditadura militar e os diversos movimentos de resistência política e cultural a tal regime de exceção nos anos 1960, 1970 e 1980, realçar a forte participação popular, em especial, na campanha das Diretas Já (1983-1984).

Habilidades da BNCC trabalhadas na Unidade

EF09HI17	EF09HI18	EF09HI19	EF09HI20	EF09HI21	EF09HI22	EF09HI28	EF09HI29	EF09HI30	EF09HI34
----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------	----------

Capítulo 12 Argentina e Cuba: ditadura e revolução na América Latina

O capítulo aborda as transformações econômicas, políticas e sociais que Cuba e Argentina experimentaram ao longo da segunda metade do século XX, em um contexto internacional marcado pelas tensões decorrentes da Guerra Fria. A narrativa do filme *Infância clandestina* (2011) será o fio condutor na abordagem sobre os anos da ditadura militar argentina e Ernesto Che Guevara, o personagem microanalítico da análise sobre as causas e consequências da Revolução Cubana.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as características socioeconômicas da América Latina no contexto capitalista do século XX, realçando os projetos e os movimentos que tinham como objetivo questionar a dependência e o subdesenvolvimento latino-americanos.
- Avaliar a trajetória do *peronismo* na Argentina entre as décadas de 1940 e 1970, realçando as transformações socioeconômicas e os conflitos políticos que se processaram no âmbito da sociedade argentina nesse período.
- Apresentar e analisar os contextos ditatoriais vividos na Argentina de 1966 a 1973 e de 1976 a 1983, realçando as diversas formas de resistência ao arbítrio adotadas nesse país em tais épocas por diferentes setores sociais.
- Analisar as causas centrais e as principais consequências da Revolução Cubana de 1959, destacando tanto as transformações socioeconômicas que se processaram em Cuba nas décadas seguintes quanto as tensões geopolíticas na região decorrentes da vinculação desse país ao bloco liderado pela União Soviética.



Retrato pregado na parede de uma casa junto da bandeira cubana, aldeia de Pico Turquino, Sierra Maestra, Cuba. Fotografia de 1984.

CAPÍTULO 12

ARGENTINA E CUBA: DITADURA E REVOLUÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Na segunda metade do século XX, Argentina e Cuba conheceram diferentes projetos de desenvolvimento econômico e social.

Na Argentina, o governo de Juan Domingo Perón promoveu reformas para desenvolver o capitalismo e beneficiar socialmente os trabalhadores. Golpes militares, entretanto, resultaram em ditaduras conhecidas pelo autoritarismo, pela violência e pelas mortes que provocaram. A ditadura militar imposta em 1976 assassinou cerca de 30 mil pessoas.

Em Cuba, a revolução, inicialmente nacionalista, avançou para o socialismo. O governo cubano enfrentou muitas dificuldades para criar uma ordem econômica e social mais justa na ilha. Embora apresente muitos problemas em sua economia, os sistemas de educação e saúde em Cuba atendem a todos os seus cidadãos.

As repercussões da ditadura argentina e da revolução cubana na América Latina ainda estão presentes nos dias atuais.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

O retrato foi colocado por um cidadão cubano na parede de sua casa, em 1984, na aldeia em que vivia, perto de Sierra Maestra. Você saberia dizer o nome do líder revolucionário na fotografia?

200

Créditos das imagens de cima para baixo: World History Archive/Alamy/Fotoarena; Granger/Fotoarena; Eduardo Di Baia/Associated Press/Glow Images; The Bridgeman Art Library/EasyPix; Rue des Archives/Granger/Fotoarena; Bettmann/Getty Images.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI28	EF09HI29
EF09HI30	EF09HI34

Puxando pela memória

O líder revolucionário que aparece na fotografia é Fidel Castro (1926-2016), principal líder da Revolução Cubana e governante de Cuba de 1959 a 2008.

Um menino chamado Ernesto

Em 2012, estreou nos cinemas brasileiros o filme *Infância clandestina*. O diretor do filme, o argentino Benjamín Ávila, baseou-se em fatos que ocorreram na Argentina em fins dos anos 1970.

O filme é sobre um período da vida de Juan, um menino argentino de 12 anos de idade que vivia clandestinamente no Brasil. Os pais de Juan estavam em Cuba e participavam de um grupo de esquerda chamado **Montoneros**. O objetivo deles era retornar à Argentina e, pela luta armada, derrubar a ditadura militar.

A dura realidade

Em 1979, Juan, sob os cuidados de um casal brasileiro, foi levado ao encontro dos pais, que haviam retornado para Buenos Aires. O garoto ficou muito feliz por voltar a viver com sua família e por saber que tinha uma irmã, ainda bebê. Com eles morava o tio Beto.

Juan queria levar uma vida como a dos garotos de sua idade, mas logo percebeu que não poderia. Quando se apaixonou por uma colega da turma, por exemplo, sua mãe não autorizou o namoro, pois poderia pôr em perigo a segurança da família. Reuniões clandestinas eram realizadas dentro de casa com militantes dos Montoneros.

Inicialmente, Juan não entendeu por que tinha de decorar uma história de vida inventada por seus pais. Até seu próprio nome foi mudado. Em homenagem a Ernesto “Che” Guevara, Juan passou a se chamar Ernesto.

Aos 12 anos de idade, Juan, ou Ernesto, era obrigado a ter uma vida clandestina, como a dos pais. Milhares de meninos e meninas como ele sofreram durante as ditaduras militares na América Latina. Neste capítulo, você conhecerá a ditadura na Argentina e compreenderá por que Juan teve de viver daquela maneira.

Montoneros: organização de esquerda revolucionária Movimento Peronista Montonero. Eles defendiam o peronismo e o socialismo.

FIQUE DE OLHO

Infância clandestina (Argentina/Espanha/Brasil). Direção de Benjamín Ávila, 2011. 112 min.

Durante o regime militar argentino, casal de guerrilheiros, com dois filhos, luta contra a ditadura. Um dos filhos, o menino Juan, tenta levar uma vida como a dos outros garotos de sua idade, mas não consegue devido às atividades políticas de seus pais.

Para desenvolver

Filme *Infância clandestina*

Explique à turma que no final dos anos 1970, época mostrada no filme *Infância clandestina* (2011), quase todos os países da América do Sul, especialmente Argentina, Brasil, Chile, Uruguai, Paraguai e Bolívia, estavam submetidos a ditaduras militares que empregavam meios violentos como a tortura e o assassinato para aplacar seus opositores, controlavam fortemente os meios de comunicação e censuravam constantemente a produção cultural.

Fique ligado

AGUILAR, Gonzalo. *Infância clandestina* ou a vontade da fé. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 246-263, dez. 2015. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2015000200246&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2018.

O artigo aborda o filme argentino *Infância clandestina* (2011), que narra a história de um menino e sua família, que vivem como clandestinos por causa de suas opiniões sobre o governo da época. O filme mostra como se dava a perseguição ditatorial da Argentina a seus oponentes.



Cena do filme *Infância clandestina*, de 2011. Juan tinha os mesmos desejos e interesses que os colegas de sua idade. No entanto, o contexto político do país e a orientação política de seus pais o impediam de realizar algumas vontades comuns, como namorar uma garota.

Para desenvolver

Cepal

Explique para a turma que a América Latina abarca 20 países do continente americano que possuem idiomas derivados do latim (espanhol, português e francês), englobando uma população total de cerca de 570 milhões de habitantes. Ressalte também que foi sobretudo com a criação em 1948 da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), vinculada à ONU, que a expressão “América Latina” se consolidou e passou a ser usada cada vez mais para designar o conjunto de países menos desenvolvidos da América do ponto de vista econômico e social.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula os temas vinculados às características socioeconômicas da América Latina no contexto capitalista do século XX, presentes nesta página do livro do aluno, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI29 – Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.
- EF09HI30 – Comparar as características dos regimes ditatoriais latino-americanos, com especial atenção para a censura política, a opressão e o uso da força, bem como para as reformas econômicas e sociais e seus impactos.

Empresa estatal: empresa que pertence ao Estado. Em alguns países da América Latina, determinados setores são considerados tão importantes economicamente que são gerenciados por empresas estatais, como é o caso do petróleo no Brasil (Petrobras), na Venezuela (PDVSA) e no México (Petromex).

Estatismo: orientação política do Estado que prioriza a atuação de empresas estatais em diversos setores da economia.

▶ Projetos de desenvolvimento

Durante o século XIX e o início do XX, cada país latino-americano havia se especializado na exportação de determinados produtos agrícolas ou minerais. A economia brasileira era voltada para a exportação do café; o Chile extraía e exportava cobre; Cuba exportava açúcar; a Argentina, trigo e carne.

Os países latino-americanos produziam e exportavam produtos agrícolas e minerais para a Europa e os Estados Unidos e compravam deles produtos industrializados de que necessitavam. Os estudiosos chamam esse modelo econômico de **agroexportador**.

O modelo agroexportador enriquecia um pequeno grupo de fazendeiros e empresários de mineração, que formavam a **oligarquia** que dominava o país. Os trabalhadores das cidades e do campo viviam em grande pobreza. Praticamente todos os produtos manufaturados eram importados.

Críticas ao modelo agroexportador

No século XX surgiram políticos reformistas que passaram a criticar o modelo agroexportador. Para eles, um país não se desenvolveria apenas exportando produtos agrícolas e minerais.

As oligarquias tradicionais se enfraqueceram. Os novos grupos sociais adotaram programa de modernização da economia, cujo objetivo era a industrialização. O projeto era o **desenvolvimentismo**.

Os políticos reformistas queriam industrializar seus países, o que exigia reformas na economia. Para eles, o Estado deveria abandonar o liberalismo econômico e intervir na economia, promovendo a industrialização do país. Alguns defendiam a criação de **empresas estatais** e o nacionalismo, ou seja, a proteção das indústrias nacionais contra a concorrência estrangeira.

No Brasil, após a Revolução de 1930, foram adotadas políticas nacionalistas e **estatistas**. Neste capítulo, vamos conhecer projetos de desenvolvimento ocorridos na Argentina. Vamos saber, também, como esse projeto foi interrompido por uma brutal ditadura militar.



202 ▶ UNIDADE 4 | América Latina e Brasil: democracia, ditadura e revolução

Interior da Fábrica Nacional de Motores (FNM), empresa estatal fundada em 1942 no governo de Getúlio Vargas. A sede da fábrica era na cidade de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro. Empresas estatais, como a FNM, eram instrumentos a que governos latino-americanos recorreram para industrializar e modernizar seus países. Fotografia de 1943.

Fique ligado

BETHELL, Leslie [Org.]. *História da América Latina*. A América Latina após 1930: Estado e política. São Paulo: Edusp, 2009. v. 7.
PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Lígia. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

Essas duas obras ajudam a ampliar os conhecimentos sobre as características socioeconômicas da América Latina no século XX.

Argentina: do peronismo ao terrorismo militar

Durante o século XIX e o início do século XX, a Argentina viveu um período de grande prosperidade econômica. As exportações de trigo e de carne permitiram o crescimento econômico do país, incentivando a criação de indústrias.

O país era dominado pelas oligarquias, formadas por grandes fazendeiros de trigo e criadores de gado, que monopolizavam o governo por meio de eleições fraudulentas.

Muitos imigrantes europeus foram para a Argentina. A região da Grande Buenos Aires concentrava a população do país, e se formou uma classe operária combativa e uma classe média com grande influência.

O surgimento do peronismo

Em 1943, por meio de um golpe, militares da organização Grupo de Oficiais Unidos (GOU) assumiram o poder na Argentina. Durante o governo militar do GOU, o Ministro do Trabalho e da Previdência Social, o coronel do Exército Juan Domingo Perón, passou a dialogar com os sindicalistas. Em sua gestão no Ministério do Trabalho, promulgou diversas leis trabalhistas a fim de atender às reivindicações dos trabalhadores, como férias e aposentadoria.

Os militares do GOU eram simpáticos ao fascismo europeu. Por esse motivo, o governo dos Estados Unidos fez séria oposição ao regime militar argentino. As oligarquias do país também não apoiavam a ditadura. Assim, eleições presidenciais foram convocadas. Os sindicalistas formaram o Partido Trabalhista e lançaram Perón como candidato à presidente da República, nas eleições presidenciais de 1946. Vencedor, no ano seguinte Perón fundaria o Partido **Justicialista**.



Bettmann/Getty Images

Em 10 de junho de 1946, Juan Domingo Perón, com uniforme de general de brigada, desfila em carro aberto após tomar posse na Presidência da República, Buenos Aires, Argentina.

Justicialismo: expressão criada por Perón; refere-se à justiça social. Justicialismo e peronismo são usados como expressões sinônimas.

Para desenvolver Justicialismo

Destaque para a turma que o **justicialismo** foi o movimento político fundado na Argentina por Juan Domingo Perón, origem do Partido Justicialista. Eva Perón, também conhecida apenas por Evita, era sua esposa e ajudou a tornar o governo peronista muito popular. Criou a Fundação Eva Perón, ajudando os pobres e as crianças abandonadas, dialogava com sindicalistas e seus discursos em defesa de Perón e do justicialismo empolgavam os trabalhadores.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula a trajetória do peronismo na Argentina e os contextos ditatoriais vividos nesse país entre as décadas de 1960 e 1980, temas presentes entre as páginas 203 e 210, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI29 – Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.
- EF09HI30 – Comparar as características dos regimes ditatoriais latino-americanos, com especial atenção para a censura política, a opressão e o uso da força, bem como para as reformas econômicas e sociais e seus impactos.

Fique ligado

ROMERO, Luís Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

O autor é uma das referências para os estudos sobre a história da Argentina no século XX.

Para desenvolver**Juan Domingo Perón**

Destaque para a turma que, nas eleições argentinas de 1946, Juan Domingo Perón obteve 56% dos votos e se tornou presidente do país, tendo sido reeleito em 1951 e governado até 1955, quando foi deposto por um golpe militar que o forçou a um exílio na Europa de quase duas décadas. Em 1973, Perón retornou à Argentina e foi eleito para um terceiro mandato presidencial, que não chegou a cumprir efetivamente, pois morreu em julho de 1974.

Outras histórias**Episódios**

- Perón era ministro do trabalho e, além de negociar com os sindicalistas, promulgou diversas leis trabalhistas reivindicadas pelos operários, como férias e aposentadoria. Dessa forma, ele obteve apoio dos sindicalistas e dos trabalhadores ao ser preso.

Atividade complementar**O desenvolvimentismo**

Apresente o texto abaixo para os alunos e oriente-os na análise e no debate da questão proposta ao final.

O projeto desenvolvimentista

Durante o século XIX e início do século XX, muitos países latino-americanos, como México, Brasil, Argentina, Chile, Peru e Uruguai, tiveram crescimento econômico com base em um único produto de exportação. A economia agroexportadora, no entanto, beneficiava as oligarquias dominantes em prejuízo da maioria da população. Com o tempo, o modelo agroexportador revelou-se incapaz de atender às reivindicações dos novos grupos sociais, como operários, industriais e os próprios camponeses. As oligarquias tradicionais entraram em crise.

Novos grupos sociais adotaram o programa de modernização da economia, com o projeto de industrialização: o desenvolvimentismo, baseado em incentivo à industrialização, política econômica nacionalista, intervenção do Estado na economia, estatização de empresas, leis sociais para

os operários e reforma agrária. Essas medidas estiveram presentes, de modo especial, nos governos de Getúlio Vargas (Brasil) e Juan Domingo Perón (Argentina).

Peça aos alunos que retomem as informações sobre o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), presentes no Capítulo 7, e escrevam um texto comparando as ações de Vargas com as de Perón entre 1946 e 1955.

Espera-se que os alunos reconheçam que o nacionalismo, o estatismo e as leis sociais para os trabalhadores foram adotados por ambos, percebendo que eventos históricos contemporâneos podem, em parte, ser comparados e discutidos dentro de um mesmo raciocínio histórico.

OUTRAS HISTÓRIAS EPISÓDIOS**Data peronista**

Quando ainda era ministro do trabalho, a popularidade de Perón era enorme entre os trabalhadores. Os benefícios sociais, contudo, desagradaram a tradicional elite, que pressionou o governo e setores conservadores das Forças Armadas. Perón foi forçado a se demitir no dia 9 de outubro de 1945, sendo preso logo em seguida.

No dia 17 de outubro, ocorreu algo que ninguém esperava. Sindicalistas mobilizaram os trabalhadores pela libertação de Perón. A multidão tomou a Plaza de Mayo, em frente da Casa Rosada, sede do governo argentino. Pressionado pelo povo, o governo militar o libertou. No mesmo dia, ele falou à multidão na sacada da Casa Rosada. O evento ocorrido em 17 de outubro é comemorado pelos partidários de Perón até os dias atuais.



Em 17 de outubro de 1945, milhares de trabalhadores em frente à Casa Rosada exigem a libertação de Juan Domingo Perón, Buenos Aires, Argentina.



- Em sua opinião, por que Perón obteve todo esse apoio popular ao ser preso?

O governo de Perón

Perón adotou modelo de desenvolvimento nacionalista e estatizante, semelhante ao modelo mexicano e brasileiro. Com capitais acumulados durante a Segunda Guerra, o governo peronista estatizou empresas estrangeiras, como as de telefonia, de energia e ferroviária, criou outras empresas estatais e apoiou as empresas privadas do país.

Com o crescimento econômico, os trabalhadores tiveram ganhos salariais, o que aumentou sua capacidade de consumo e estimulou ainda mais a economia do país. Novas leis sociais beneficiaram os trabalhadores, contribuindo para que seus filhos frequentassem escolas e universidades.

Nas eleições para o Congresso Nacional, os trabalhadores votaram majoritariamente nos justicialistas, que passaram a ter a maioria absoluta no parlamento. As oposições quase desapareceram, permitindo que Perón tomasse medidas autoritárias: controlou os meios de comunicação e perseguiu adversários políticos.

Reeleição e golpe

Perón foi reeleito em 1951, mas enfrentou grandes problemas. Faltava moeda estrangeira para importar produtos necessários para a indústria argentina e as secas prejudicaram as colheitas. Como resultado, os preços subiram, trabalhadores entraram em greve, os empresários ficaram insatisfeitos e a Igreja católica passou para a oposição.

Em outubro de 1955, um golpe militar depôs Perón da Presidência da República, e ele acabou se exilando na Espanha.

DOCUMENTO

Eva Perón, a Evita

Casada com Perón, Evita atuava no governo dialogando com o movimento sindical e era muito querida pelos trabalhadores. Discursando para um grupo de sindicalistas, explicou como seu marido definia justicialismo.

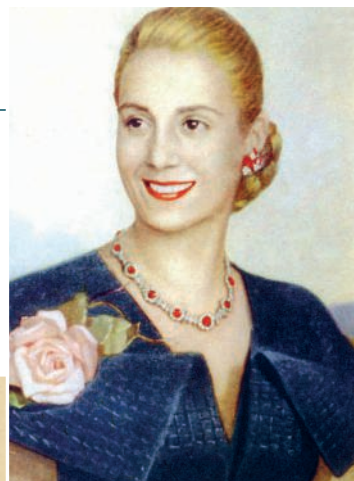
O objetivo fundamental do Justicialismo [...] é fazer desaparecer a luta de classes e substituí-la pela cooperação entre capital e trabalho. O capitalismo, por dar tudo ao capital, explora os trabalhadores. O comunismo [...] idealizou um sistema de luta que não terminará enquanto não houver somente uma classe social; mas esse estágio será alcançado pela destruição, de grande luta sem trégua, entre capital e trabalho.

O Justicialismo quer também chegar a uma só classe de homens: os que trabalham. Esta é uma das verdades fundamentais do Peronismo. Mas não quer chegar pela luta, senão pela cooperação. Não queremos uma só classe proletária, senão uma só classe de homens desproletarizados que vivam e trabalhem dignamente.

[...] Quase sempre para mim a justiça está um pouco mais além da metade do caminho... Mais próxima dos trabalhadores do que dos patrões!

É que para chegar à única classe de argentinos que quer Perón, os operários devem subir um pouco mais, mas os patrões têm muito que descer. [...]

Discurso: Una sola classe de hombres. In: PERÓN, Eva. *La razon de mi vida*. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1951. (Tradução dos autores).



Retrato oficial de Eva Perón, óleo sobre tela de Numa Ayriñac, 1948. Evita criou a Fundação Eva Perón com o objetivo de ajudar os pobres, órfãos, doentes e idosos abandonados. Ela tornou-se muito popular por suas obras de caridade. Até hoje é lembrada pelos argentinos. Arquivo Geral da Nação, Buenos Aires, Argentina.

Para desenvolver

O autoritarismo de Perón

Enfatize para os alunos que, entre as décadas de 1940 e 1950, Perón instituiu um regime autoritário na Argentina, mas sem golpe de Estado. Contava com a maioria governista no Congresso Nacional, conquistada pelo voto: cerca de 90% dos deputados e a totalidade dos senadores. Os parlamentares peronistas, no entanto, eram obrigados a apoiar Perón. Nesse período novas leis sociais foram promulgadas pelo governo peronista, como férias, sistema de saúde público, previdência social, financiamento habitacional, sistema de turismo, entre outras.

Documento

- Eva Perón afirmava que o justicialismo tinha por objetivo a justiça social pela cooperação entre trabalhadores e empresários, sendo contra a exploração dos trabalhadores que ocorre no capitalismo, mas também contra o comunismo que promove a luta entre as classes. O justicialismo queria fazer que os trabalhadores e os empresários vivessem com dignidade: os trabalhadores ganhando bons salários e os empresários lucrando sem exageros. Esse era o objetivo do justicialismo e de Perón. Eva, no entanto, mostrava-se mais radical, almejando alcançar uma única classe social de argentinos. Para ela, a justiça social exigia que os trabalhadores subissem mais e os empresários descessem mais ainda os degraus sociais.



- Segundo Eva Perón, como Juan Domingo Perón diferia o justicialismo do capitalismo e do comunismo? Ela concordava plenamente com a definição de Perón? Justifique sua resposta.

Fique ligado

Evita (EUA). Direção de Alan Parker, 1996. 114 min.

O filme narra a história de vida de Eva Duarte, a Evita Perón.

Eva não dorme (Argentina/Espanha/França). Direção de Pablo Aguero, 2017. 87 min.

Com o golpe que derrubou Perón do poder, em 1955, o corpo embalsamado de Eva, falecida em 1952, é enviado para a Europa e torna-se objeto de disputa entre peronistas e antiperonistas.

Para desenvolver

O antiperonismo

Enfatize para os alunos que quando Perón se exilou na Espanha, em 1955, o peronismo se dividiu em vários grupos e facções, desde organizações de direita até de esquerda revolucionária. Os *montoneros* formavam uma dessas organizações de esquerda peronista. As Forças Armadas da Argentina, por sua vez, foram tomadas por um forte sentimento antiperonista. Tudo o que se relacionava a Perón ou ao peronismo tornou-se crime. Arturo Frondizi e Arturo Illia, que assumiram o cargo de presidente após a deposição de Perón, foram vigiados pelos militares, que estavam temerosos de que eles buscassem apoio ao peronismo.

O que há na imagem?

Em seu governo, Perón tomou medidas que beneficiaram os trabalhadores do campo e da cidade, como leis sociais, reconhecimento da importância dos sindicatos, forte investimento na educação e altos salários para os operários. Além disso, empresas estrangeiras foram estatizadas. Por isso tudo, o conjunto de medidas em seu governo permitiu que, anos mais tarde, parte da juventude politizada interpretasse o peronismo como a via argentina para o socialismo.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... de suspeitas sobre a Copa do Mundo de Futebol de 1978? Sediada na Argentina, o governo militar não admitia a derrota de seu país. Brasil ou Argentina seria finalista. O Brasil dependia do resultado do jogo entre Argentina e Peru.

Os argentinos precisavam vencer a seleção peruana por quatro gols de diferença. Venceram por 6 x 0, tirando o Brasil da final. Boatos, nunca confirmados, sugerem que os peruanos foram subornados. No jogo final, a Argentina venceu a Holanda.

FIQUE DE OLHO

A história oficial (Argentina). Direção de Luis Puenzo, 1985. 112 min.

Mulher casada com oficial do Exército argentino desconfia de que a filha adotiva que o marido trouxe para casa foi, na realidade, sequestrada de seus verdadeiros pais pelos órgãos de repressão. Depois de investigar, ela conhece os horrores praticados pelo regime militar.

206

Peronistas e antiperonistas

A partir de 1955, a Argentina viveu situação política muito difícil. Os antiperonistas que governavam o país: empresários, latifundiários, oficiais das Forças Armadas e amplos setores das classes médias. Apesar de o peronismo ter sido declarado ilegal, trabalhadores, sindicalistas e parte da classe média queriam a volta de Perón. O país estava dividido entre peronistas e antiperonistas.

Dois presidentes foram eleitos, mas ambos foram derrubados por golpes militares. Em 1966, as Forças Armadas tomaram o poder e impuseram uma ditadura militar. Surgiram organizações armadas de esquerda, que pretendiam acabar com a ditadura e implantar o socialismo. Outras lutavam pelo retorno de Perón, mas todas criticavam a dominação econômica dos Estados Unidos sobre a Argentina.

A volta de Perón

As Forças Armadas concluíram que não adiantava proibir o peronismo, pois não haviam conseguido apagar a lembrança de Perón entre os trabalhadores. O melhor a fazer seria permitir seu retorno ao país.

Perón voltou para a Argentina casado com uma mulher que conheceu no Panamá: María Estela Martínez de Perón, a Isabelita. Apesar de não ter o carisma de Evita, Isabelita tornou-se vice-presidente em 1973, junto de Perón, que se elegeu presidente da República.

Os militares deixaram para Perón uma situação econômica problemática: inflação alta, desemprego e baixa produção das empresas. Perón propôs um acordo entre empresários e trabalhadores e realizou investimentos no setor produtivo. Em pouco tempo, a inflação baixou e o país conheceu crescimento econômico.

QUE HÁ NA IMAGEM?

Quando governou a Argentina, entre 1946 e 1955, Perón não se declarou socialista. No entanto, vários grupos de esquerda nos anos 1970 interpretaram o peronismo como socialista. Quais foram as medidas que Perón tomou em seu governo que permitiram aos jovens de esquerda, anos depois, compreender o peronismo dessa maneira?



Nos anos 1960 e no início dos anos 1970, muitos jovens de esquerda interpretaram o peronismo como uma via para alcançar o socialismo. O muro, na Argentina, está pichado com a frase: "Perón, Evita... a pátria socialista!!". Fotografia de Vicente Lopez, 1972.

Bettmann/Getty Images

Fique ligado

Porta de Ferro – o exílio de Perón (Argentina). Direção de Victor Laplace, 2013. 108 min.

Trata-se de um relato de estrutura clássica baseado em fatos reais, os quais dão espaço à improvisação ou livre interpretação do ocorrido nas diferentes etapas do exílio de Juan Domingo Perón e a chamada "Operação Retorno".

1960: Governo cubano nacionaliza empresas dos Estados Unidos. Embargo econômico estadunidense a Cuba.

Do crescimento ao caos

No ano seguinte, Perón faleceu, e Isabelita assumiu a Presidência da República. O tempo revelou que ela não tinha nenhum preparo para o cargo. A inflação voltou a subir e a produção industrial caiu, conduzindo o país ao caos econômico.

As esquerdas armadas voltaram a praticar atentados. Os militares, com apoio de Isabelita, passaram a praticar violenta repressão contra os militantes de esquerda. Em 1976, as Forças Armadas depuseram Isabelita do poder. Começava uma nova ditadura militar, mas que não seria como a anterior.

▶ O terrorismo de Estado

Os meios de comunicação foram censurados e as eleições, suspensas. Qualquer pessoa poderia ser presa, torturada e morta. Como os corpos não eram encontrados, eles se tornaram “desaparecidos”; calcula-se que foram mortas cerca de 30 mil pessoas. Isso criou um terror generalizado na sociedade. Por essa razão, muitos chamam a ditadura militar argentina de 1976 de “terrorismo de Estado”.

A ditadura argentina privatizou empresas estatais e abriu o país ao capital estrangeiro. Os grandes beneficiados foram os banqueiros e os proprietários rurais exportadores de trigo e carne, mas a Argentina perdeu inúmeras indústrias.

Associated Press/Glow Images



Dois soldados se informam sobre o golpe militar de 24 de março de 1976, em Buenos Aires, Argentina, quando as Forças Armadas tomaram o poder na Argentina e instauraram uma ditadura que assassinou milhares de pessoas.

Texto complementar

Arqueologia investiga vestígios materiais da ditadura argentina

É possível dizer que na Argentina praticamente toda família tem um familiar desaparecido ou conhece alguma vítima do regime militar. A afirmação é do antropólogo Andrés Zaran-kin, professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que trabalhou em parceria com Melisa Salerno, do Departamento de Investigações Pré-históricas e Arqueológicas da Universidade de Buenos Aires. Uma comissão instituída pelo governo em 1983 contabilizou 9 mil casos de pessoas desaparecidas. Órgãos ligados aos direitos humanos, no entanto, falam de mais de 30 mil pessoas sequestradas e que continuam desaparecidas no país. Por isso, a ditadura militar argentina, entre 1976 e 1983, é considerada uma das mais violentas da América Latina.

Parte dessa história de repressão e abusos contra os direitos humanos tem sido trazida à tona por meio de estudos arqueológicos. Zaran-kin coordenou pesquisa em um dos Centros Clandestinos de Detenção (CCDs), lugares para onde eram levados os opositores do regime. [...]

Buscando provas

[...] Na Argentina, pesquisas arqueológicas possibilitaram encontrar esses lugares, dando a eles uma identidade ao analisar a arquitetura, a organização e o funcionamento desses espaços e, ainda mais, por meio delas foi possível gerar provas em processos judiciais e punir militares envolvidos nos crimes da ditadura. De acordo com Melisa, os trabalhos conduzidos pelos arqueólogos argentinos constituem um antecedente importante para o estudo das ditaduras em toda a América Latina.

[...]

MARIUZZO, Patrícia.

Arqueologia investiga vestígios materiais da ditadura argentina. *Ciência e Cultura*, v. 65, n. 3, São Paulo, jul. 2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000300008>. Acesso em: 22 out. 2018.



Ditadura: regime político baseado no autoritarismo de uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma instituição, como as Forças Armadas. Nas ditaduras, os cidadãos perdem seus direitos básicos.

Privatizar: vender empresas e instituições estatais, transformando-as em empresas privadas. Privatizar é o oposto de estatizar.

Soldados do Exército e agentes da Polícia Federal da Argentina prendem cidadãos que, mais tarde, seriam considerados “desaparecidos”, Buenos Aires, Argentina. Fotografia de 1982.

▶ Para desenvolver

A repressão da ditadura militar argentina

Destaque para a turma que, entre 1976 e 1983, período em que novamente a Argentina se viu dominada por uma ditadura militar, a perseguição e a repressão brutal atingiram não apenas militantes de esquerda revolucionária ou peronistas. Sindicalistas, intelectuais, religiosos e advogados que defendiam presos políticos e os direitos humanos, assim como qualquer pessoa que mostrasse insatisfação, também foram presos, torturados e assassinados.

Para desenvolver

Repressão e movimentos em defesa dos direitos humanos

Explique para os alunos que, durante a ditadura militar na Argentina, quatro generais se sucederam no poder – Jorge Videla (1976-1981), Roberto Viola (1981), Leopoldo Galtieri (1981-1982) e Reynaldo Bignone (1982-1983) – e institucionalizaram um sistema de repressão extremamente violento, que resultou em um número de mortos e desaparecidos estimado em 30 mil cidadãos argentinos. Ressalte também para a turma que existem atualmente, na Argentina, entre outros movimentos em defesa dos direitos humanos, três importantes associações que buscam informações sobre desaparecidos políticos e denunciam os crimes praticados durante a ditadura militar nesse país: a *Associação Mães da Praça de Maio* e as entidades *Mães da Praça de Maio – Linha Fundadora* e *Avós da Praça de Maio*. Durante as últimas quatro décadas, todas as quintas-feiras, as *Mães da Praça de Maio* (nome que faz referência ao lugar onde se localiza a sede do Executivo argentino, a Casa Rosada) realizam manifestações para que a opinião pública não se esqueça dos milhares de desaparecidos, tendo conseguido localizar, durante esses anos, 122 pessoas que, quando crianças, foram “adotadas” por apoiadores do regime de exceção.

FIQUE DE OLHO

Kamchatka (Espanha/Argentina). Direção de Marcelo Piñeyro, 2002. 104 min.

A vida de Harry, um menino de 10 anos de idade, muda completamente quando, após o golpe militar de 1976, seus pais são perseguidos pelos militares. Junto com eles, Harry é obrigado a deixar a casa e a se mudar para o interior do país. Surpreso, ele tem de mudar de nome e seguir regras de uma vida clandestina.

CÁ ENTRE NÓS

Tornou-se comum os militares argentinos tomarem os bebês das guerrilheiras que eles assassinavam. Eles os criavam como se fossem seus filhos. Anos mais tarde, milhares de jovens ficaram confusos e desorientados ao descobrir o que aconteceu: aquele homem que dizia ser seu pai poderia ser o assassino de sua verdadeira mãe.

1961: Fidel declara o caráter socialista da revolução. Invasão da baía dos Porcos.

A crise da ditadura

Em certo momento do filme *Infância clandestina*, comentado no início do capítulo, a avó de Juan visita a família. Ao saber que sua filha e o genro queriam derrubar a ditadura pelas armas, ela avisa quanto aquilo seria perigoso. Chega a pedir que a deixem cuidar de Juan e do bebê, mas não é ouvida.

Logo depois, a polícia mata o tio de Juan. A seguir, seu pai. Por fim, sua mãe. Juan é levado por policiais e deixado na porta da casa da avó, sem saber para onde levaram a irmã. Sua avó tinha razão sobre os perigos que corriam.

As mães da Plaza de Mayo

A mãe de Juan tornou-se uma “desaparecida”. E foram as mães de milhares de rapazes e moças “desaparecidos” que, em 1981, foram para a Plaza de Mayo (Praça de Maio), em frente à Casa Rosada, exigir do governo militar notícias sobre o paradeiro de seus filhos. Com lenços na cabeça, elas se reuniam naquela praça para protestar.

Os militares ficaram sem saber o que fazer, pois não podiam matar mulheres que apenas pediam notícias de seus filhos. Elas mostraram a outros setores da sociedade argentina que era preciso perder o medo. A partir daí, sindicalistas, líderes de partidos políticos, estudantes, entre outros, foram para as ruas protestar contra a ditadura.

Gaborbasch/Getty Images



Com lenços brancos na cabeça, mães de “desaparecidos” exigiram, na Plaza de Mayo, satisfações da junta militar que governava a Argentina. Elas desafiaram a repressão militar e exigiram saber onde estavam seus filhos. Buenos Aires, Argentina. Fotografia de 2009.

Fique ligado

Kóblic (Argentina/Espanha). Direção de Sebastián Borensztein, 2016. 92 min.

Kóblic foi um militar argentino responsável pelos “voos da morte”.

Crônica de uma fuga (Argentina). Direção de Israel Adrián Caetano, 2006. 102 min.

Um jogador de futebol é sequestrado por militares e

submetido a tortura. Sem saber o motivo de sua detenção, ele tem uma oportunidade de fugir do tormento em que se encontra.

Garagem Olimpo (Argentina/Itália/França). Direção de Marco Bechis, 1999. 98 min.

Uma jovem militante de esquerda é brutalmente torturada por um homem que, na vida privada, é um pacato cidadão.

O dia em que eu não nasci (Alemanha/Argentina). Direção de Florian Micoud Cossen, 2011. 94 min.

Uma jovem alemã, de passagem por Buenos Aires, ouve uma canção de ninar que desperta lembranças de um passado desconhecido até aquele momento. Ela nasceu na Argentina, filha de militantes de esquerda, e fora sequestrada por militares. A partir daí, ela vai em busca de seu passado.

AO MESMO TEMPO

A Operação Condor

Em 1975, militares das ditaduras do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile se associaram com o objetivo de praticar sequestros, atentados e assassinatos de opositores ou apenas de suspeitos. Assim, policiais e militares do Brasil poderiam sequestrar brasileiros exilados no Chile; agentes de repressão da Argentina poderiam entrar livremente no território uruguaio para assassinar membros da oposição argentina, etc. O acordo que permitia livre trânsito de militares a serviço da perseguição política naqueles países ficou conhecido como Operação Condor.



Eduardo Di Bala/Associated Press/Clow Images

O general Jorge Rafael Videla tornou-se presidente da República durante a ditadura militar. Ele é responsável pela morte de milhares de cidadãos argentinos. Fotografia de 1977.

- Sequestros e assassinatos são crimes. Mas por que, além disso, o livre trânsito de agentes policiais entre os países é considerado atividade ilegal?

A guerra das Malvinas

Em 1982, os argentinos foram para as ruas exigir o fim da ditadura. Com o objetivo de se manter no poder, os comandantes militares determinaram a invasão e a conquista das ilhas Malvinas (ou Falklands, para os ingleses). Acreditavam que a conquista lhes traria enorme prestígio.

As ilhas estão a cerca de 800 quilômetros do litoral argentino, mas a milhares de quilômetros da Inglaterra. Apesar disso, pertencem à Inglaterra desde os tempos coloniais, mas a Argentina reivindica sua posse de tempo em tempo.

A população argentina foi às ruas comemorar a tomada das ilhas e apoiar o regime militar. O que a ditadura não esperava era a reação do governo inglês. A primeira-ministra britânica Margareth Thatcher enviou navios de guerra para a região. Após várias batalhas, os britânicos recuperaram as ilhas, derrotando os argentinos.

Eduardo Farre/Reuters/Fotoarena



Soldados argentinos leem jornais em Port Santley, nas ilhas Malvinas, enquanto aguardam a chegada das tropas inglesas. A guerra entre Argentina e Inglaterra ocorreu entre 2 de abril e 14 de junho de 1982. Morreram 649 soldados argentinos e 255 britânicos. Fotografia de abril de 1982.

Ao mesmo tempo

- Os países devem ter tratados de extradição. Sem acordos assinados entre governos, trata-se de sequestro, prática ilegal e, portanto, criminosas.

Para desenvolver A guerra das Malvinas

Com relação à invasão das Malvinas por tropas da Argentina em 1982, resalte para os alunos que a ditadura militar desse país não esperava que fosse ocorrer uma guerra e não contava com a reação da primeira-ministra do Reino Unido, Margareth Thatcher. Os militares argentinos contavam com o apoio do governo dos Estados Unidos, que, por fim, acabaram apoiando a Inglaterra.

Fique ligado

WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar. *Ditaduras militares na América Latina*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

O livro aborda a Operação Condor e as ditaduras militares instaladas em países latino-americanos, como o Uruguai, o Paraguai e o Chile.

Operação Condor – Verdade inconclusa (Brasil). Direção de Cleonildo Cruz, 2016. 75 min.

O documentário revela a aliança político-militar entre os vários regimes militares da América do Sul: Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Paraguai e Uruguai, com apoio logístico e financeiro dos EUA, anterior à oficialização da Operação Condor, em 25 de novembro de 1975, em Santiago, Chile.

Condor (Brasil). Direção de Roberto Mader, 2007. 110 min.

O documentário reúne depoimentos e imagens dos anos de 1960 e 1970, procurando destacar as ações da Operação Condor, nome atribuído a um acordo entre as polícias secretas das ditaduras militares na América do Sul que teria resultado em várias ações violentas contra opositores desses regimes.

A casa dos espíritos (Alemanha/EUA). Direção de Billie August, 1994. 140 min.

Aborda a saga da família Trueba, desde os anos 1920 até a década de 1970, quando essa família também foi atingida pelo golpe que derubou o presidente Salvador Allende e instaurou a ditadura de Augusto Pinochet.

Machuca (Chile/Espanha/França). Direção de Andrés Wood, 2004. 116 min.

O filme narra a chegada de um aluno pobre a uma escola rica durante o governo Allende e as consequências do golpe que levou Pinochet ao poder.

Amar e revolução (Alemanha/França). Direção de Florian Gallenberger, 2015. 110 min.

O filme aborda a luta de um casal para fugir da Colônia Dignidade, uma espécie de campo de concentração para onde foram enviados opositores da ditadura militar chilena dos anos 1970 e 1980.

O seu lugar na História

Essa atividade une o conhecimento sobre a história política do próprio município à reflexão a respeito da importância da democracia – dois temas muito caros para o estudo da história contemporânea no Ensino Fundamental II.

Fique ligado

Para saber mais sobre como diferentes sociedades latino-americanas vêm procurando compreender e superar nos últimos anos um passado comum marcado por ditaduras militares violentas, sobretudo por meio de formação de “comissões da verdade”, confira estes artigos jornalísticos.

Bolívia instaura comissão da verdade sobre ditaduras militares. *Correio Braziliense*. Disponível em: <www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/08/21/inter na_mundo,619494/bolivia-vai-procurar-torturadores-da-ditadura.shtml>. Acesso em: 22 out. 2018.

Após comissões, Argentina e Chile condenaram 771 militares e civis. *UOL*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/12/11/apos-comissoes-argentina-e-chile-condenaram-771-militares-e-civis.htm>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Anos após Comissões da Verdade, “feridas continuam abertas” no Cone Sul. *BBC Brasil*. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211_comisao_verdade_latam_mc>. Acesso em: 22 out. 2018.

Repressão além das fronteiras: a aliança repressiva no Cone Sul. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/10/politica/1418234137_083738.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

O regime democrático garante as liberdades fundamentais do ser humano. Basta estudar o que ocorreu durante a ditadura militar na Argentina e no Chile. A democracia permite que os conflitos sociais sejam resolvidos de maneira pacífica. Também garante a participação popular nas decisões que afetam toda a comunidade e a sociedade.

Conheça mais a história de sua cidade. Converse com seus familiares e professores. Houve alguma situação no passado em que o prefeito da cidade agiu de maneira autoritária, desconhecendo as práticas democráticas? Se sim, de que forma a democracia foi desrespeitada?

Discuta, em classe, esses episódios e, em seguida, escreva um breve texto comentando a importância da democracia para a política de sua cidade.

O fim da ditadura

A ditadura militar havia perdido qualquer apoio, e o país iniciava o processo de transição à democracia. Em 1983, Raúl Alfonsín foi eleito presidente da República. A Argentina começava uma nova fase em sua vida política.

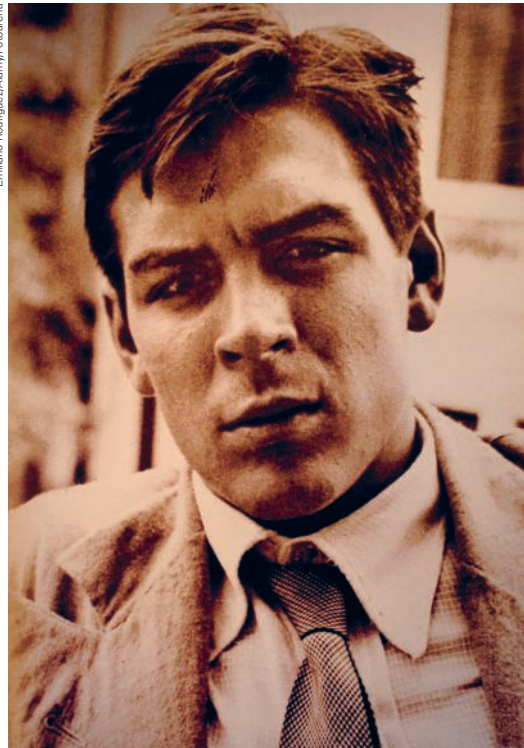
Os militares que cometeram crimes foram processados, julgados e condenados, fortalecendo a democracia argentina. O general Jorge Rafael Videla, líder da ditadura militar, foi condenado à prisão perpétua.

O diretor de *Infância clandestina*, Benjamín Ávila, conta no filme a sua própria história de vida. Ele foi Juan. O filme é uma homenagem à sua mãe, presa e “desaparecida” pela ditadura militar argentina.

▶ A Revolução Cubana

Ernesto Guevara de la Serna nasceu na Argentina em 1928 e ficou conhecido no mundo todo por Che Guevara. Decidiu estudar Medicina, provavelmente para minimizar os efeitos da asma, de que sofria desde quando era bebê.

Ernesto formou-se médico, mas não quis exercer a profissão. Em 1952, com um amigo, visitou cinco países da América Latina em uma motocicleta. Com essa viagem, ficou sensibilizado com a pobreza e as injustiças que encontrou pelo caminho.



Fotografia de Ernesto “Che” Guevara, em 1951, quando era estudante de Medicina na Argentina.

■ Para desenvolver

Ditadura e controle de ideias

Ao analisar o fim da ditadura militar na Argentina em 1983, ressalte para os alunos que nessa década chegaram ao fim também regimes de exceção semelhantes que vigoravam desde os anos 1960 e 1970 em países como a Bolívia (1982), o Brasil (1985), o Uruguai (1985), o Paraguai (1989) e o Chile (1990). Nesse sentido, lembre aos alunos que regimes ditatoriais não aceitam críticas nem que as pessoas pensem de maneira diferente. Nas ditaduras, as liberdades de expressão, de pensamento e de informação são suprimidas. Informe-os, portanto, que queimar livros é uma maneira de suprimir ideias, memórias e histórias produzidas livremente pela sociedade.

A luta contra a ditadura

Desde 1952, com apoio do exército, Fulgêncio Batista governava Cuba como ditador. O país era grande exportador de açúcar, o que beneficiava grandes proprietários rurais, empresários, políticos e a alta oficialidade do exército.

Na Universidade de Havana, estudantes planejaram derrubá-lo do poder. Entre eles estava o estudante de Direito Fidel Castro. Em 26 de julho de 1953, com 26 anos de idade, ele liderou um grupo de estudantes que atacou o quartel de Moncada, na cidade de Santiago de Cuba. Todos foram presos.

Fidel Castro passou dois anos no presídio. Em 1955, Fidel e um grupo de opositores foram para o México. O objetivo era retornar a Cuba e lutar contra o governo ditatorial de Batista. Na capital mexicana, Fidel conheceu Che Guevara.

No caminho da revolução

No México, Fidel Castro fundou o Movimento 26 de Julho (M-26), homenagem à data em que o ataque ao quartel de Moncada foi realizado. O M-26 defendia o fim da ditadura, o nacionalismo, reformas sociais e a instituição de um regime liberal-democrático com eleições livres.

No início de dezembro de 1956, ele e 82 homens, incluindo Che Guevara, partiram em direção a Cuba em um iate, o Granma. Esperavam desembarcar em uma praia e começar a luta contra a ditadura.

O plano de Fidel deu errado. O exército atacou e a maioria morreu ou foi presa. Sobraram 12 homens, que escaparam subindo uma montanha, chamada Sierra Maestra.



A fotografia, provavelmente de julho de 1957, mostra Fidel Castro com o grupo guerrilheiro em Sierra Maestra, Cuba. Ajoelhado, em frente a Fidel, está seu irmão, Raúl Castro.

FIQUE DE OLHO

Diários de motocicleta (Brasil). Direção de Walter Salles, 2004. 126 min.

O filme é baseado em episódios da vida de Che Guevara. Em 1952, ele e um amigo viajam por países da América Latina em uma motocicleta, conhecendo os povos do continente e presenciando injustiças sociais.

CÁ ENTRE NÓS

Durante seu julgamento, Fidel Castro dispensou o advogado. Ele mesmo preferiu se defender. Em certo momento, afirmou: “Condenem-me, não importa, a História me absolverá”.

Para desenvolver

Fulgêncio Batista

Ressalte para a turma que Fulgêncio Batista exerceu grande poder em Cuba de 1933 até 1944, primeiro como chefe das Forças Armadas e depois como presidente da República, tendo deixado o país em uma situação social e econômica desastrosa antes de ir morar nos Estados Unidos. Em 1952, contando com o apoio dos EUA, Batista retornou a Cuba e liderou um golpe, implantando uma ditadura militar que suprimiu as liberdades civis e políticas da maioria dos cubanos, censurou a imprensa, reprimiu com violência os opositores, restabeleceu a pena de morte no país e foi marcada pela corrupção e por atividades criminosas ligadas a grupos de mafiosos estadunidenses. No momento em que a Revolução Cubana eclodiu, na virada de 1958 para 1959, Fulgêncio Batista fugiu do país levando 40 milhões de dólares e passou a viver em Portugal e, em seguida, na Espanha, países que eram governados por ditadores.

De olho na BNCC

Ao abordar em sala de aula as causas da Revolução Cubana de 1959 e a organização política, econômica e social de Cuba a partir da década de 1960, temas presentes entre as páginas 211 e 217, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI28 – Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.
- EF09HI34 – Discutir as motivações da adoção de diferentes políticas econômicas na América Latina, assim como seus impactos sociais nos países da região.

Fique ligado

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Os dois livros ajudam a ampliar os conhecimentos sobre a história de Cuba antes da revolução de 1959.

Para desenvolver

As guerrilhas e a Revolução Cubana

Na análise sobre as ações lideradas pelo Movimento 26 de Julho (M-26) contra a ditadura de Fulgêncio Batista, nos anos 1950, ressalte para a turma que seria muito difícil o grupo guerrilheiro se manter em Sierra Maestra sem o apoio das organizações e dos movimentos sociais urbanos. Fidel Castro e Ernesto Che Guevara não tinham planos de ficar escondidos em uma montanha, por isso mantinham laços com os diversos grupos que se opunham à ditadura de Batista nas principais cidades de Cuba, o que foi decisivo para o sucesso da Revolução Cubana, vitoriosa em janeiro de 1959.

Fique ligado

AYERBE, Luis Fernando. *A revolução cubana*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Para ampliar seus conhecimentos sobre as ações do Movimento 26 de Julho (M-26), que culminaram na Revolução Cubana de 1959, indicamos estes dois livros, além do artigo jornalístico e dos filmes a seguir.

Como Ernesto acabou se tornando Che Guevara. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/18/cultura/1434632237_284354.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

Soy Cuba (URSS/Cuba). Direção de Mikhail Kalatozov, 1964. 108 min.

Em quatro histórias, o diretor retoma o fim do regime de Batista e a vida dos cubanos após a revolução.

Che – O argentino (França/EUA/Espanha). Direção de Steven Soderbergh, 2009. 127 min.

O filme narra a vida de Ernesto “Che” Guevara, enfatizando a guerrilha e a tomada do poder em 1959.

Fidel Castro discursa em frente ao Palácio Presidencial, em Havana, Cuba, para mais de cem mil pessoas, em janeiro de 1959, logo após a vitória da revolução.



No dia 5 de março de 1960, passeata em Havana, Cuba, homenageou os mortos no atentado ocorrido no dia anterior no porto de Havana. À frente da passeata estão Fidel Castro e Che Guevara.

De Sierra Maestra a Santiago

Protegidos pela floresta, os guerrilheiros estabeleceram contatos com várias organizações dispostas a apoiar o M-26, como partidos políticos, sindicatos de trabalhadores e movimentos estudantis. O M-26 passou a receber deles mantimentos, remédios, roupas e armas e cresceu com a participação de camponeses da região.

Em agosto de 1958, os guerrilheiros desceram a montanha. Sindicatos de trabalhadores e a Federação de Estudantes Universitários declararam greve; vários partidos políticos, entre eles o Partido Comunista e o Partido Socialista, juntaram-se ao conjunto das oposições. A população apoiou o movimento contra a ditadura. Em 2 de janeiro de 1959, na cidade de Santiago, Fidel fez o primeiro discurso como líder da revolução vitoriosa.

Tempos revolucionários

Logo após a vitória do M-26, homens da polícia de Fulgêncio Batista foram presos e fuzilados. Várias medidas foram tomadas pelo governo de Fidel Castro: fechamento de cassinos e bordéis; redução do aluguel residencial; controle das tarifas de telefonia e de energia elétrica; aumento do salário dos cortadores de cana-de-açúcar; reforma agrária; programa de alfabetização em massa e construção de milhares de escolas.

O governo dos Estados Unidos manteve relações cordiais com o novo regime cubano. No entanto, expressou sua insatisfação com o decreto que garantia a posse da terra somente a cidadãos cubanos, pois prejudicava os estadunidenses. A insatisfação foi ainda maior quando o governo cubano assinou acordos comerciais com o bloco socialista.

Relações tensas

A partir do início de 1960, o governo estadunidense tomou a decisão de derrubar Fidel Castro do poder. A CIA (*Central Intelligence Agency*), agência de espionagem dos Estados Unidos, sabotou refinarias de açúcar e chegou a cometer um atentado no porto de Havana, matando 300 pessoas. A União Soviética ofereceu apoio a Fidel Castro, que o aceitou.

Em agosto de 1960, o governo cubano **nacionalizou** todas as propriedades de cidadãos estadunidenses, incluindo plantações e usinas de açúcar. Também nacionalizou refinarias de petróleo, redes telefônicas, usinas de energia elétrica, bancos, ferrovias, hotéis, cinemas e outras empresas estadunidenses, sem indenizações. Todas se tornaram empresas estatais cubanas.

Em setembro de 1960, Fidel Castro criticou a exploração do imperialismo estadunidense sobre os países da América Latina. Ele ainda não era comunista, e sim um nacionalista. Pretendia conquistar mais independência a Cuba, bem como realizar reformas econômicas e sociais em seu país.

Dificuldades econômicas

O governo estadunidense decretou o embargo econômico a Cuba, medida que proibia qualquer empresa estadunidense de comercializar ou exportar produtos para Cuba, com exceção de alimentos e remédios.

Che queria industrializar Cuba, substituindo as máquinas e equipamentos estadunidenses pelos soviéticos. Mas ele logo percebeu que, para tal, seria preciso muito tempo e muitos investimentos. Além disso, os engenheiros soviéticos afirmavam que era inviável industrializar o país. Com o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, em pouco tempo a população cubana conheceu o racionamento de produtos.

Da baía dos Porcos ao socialismo

Surgiram opositores cubanos ao regime. Alguns eram ricos que perderam seus privilégios, outros achavam que Cuba estava pagando um preço alto por entrar na disputa da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. O embargo econômico era prova disso.

Com o apoio do governo dos Estados Unidos, em abril de 1961, cerca de 1500 cubanos anticomunistas exilados naquele país planejaram desembarcar na baía dos Porcos, em Cuba.

Em 17 abril de 1961, um dia depois de Fidel declarar que a Revolução Cubana era uma revolução socialista, os cubanos anticomunistas chegaram à baía dos Porcos. Porém, foram derrotados pelas forças militares cubanas. Fidel Castro saiu prestigiado do episódio e governos de diversos países apoiaram Cuba pela agressão sofrida. Além disso, o governo cubano, a partir daí, aproximou-se ainda mais da União Soviética.

Nacionalizar: decisão política em que o governo de um país, rompendo acordos preestabelecidos, toma posse de empresa estrangeira, tornando-a estatal sem pagamento de indenizações. Na América Latina, estatizar e encampar empresas estrangeiras são expressões sinônimas de nacionalizar.

Ernesto Che Guevara, um dos líderes da Revolução Cubana, durante discurso em Punta del Este, Uruguai, em 1961.



Bettmann/Getty Images

Para desenvolver

A aproximação de Cuba com a URSS

Na análise inicial das transformações que se processaram em Cuba após a queda do regime ditatorial de Fulgêncio Batista, ressalte para os alunos que o novo governo liderado por Fidel Castro tomou uma série de medidas que beneficiou a população mais pobre. No entanto, algumas dessas medidas desagradaram profundamente os EUA: o decreto que autorizava somente cidadãos cubanos a serem proprietários de terras, os acordos comerciais estabelecidos com a União Soviética e países do bloco socialista e a nacionalização de empresas estadunidenses, como refinarias de petróleo, sistema de telefonia, usinas de energia elétrica, bancos, ferrovias, hotéis e cinemas. O governo dos Estados Unidos reagiu com o embargo econômico, proibindo qualquer empresa estabelecida em seu país de comercializar e exportar mercadorias para Cuba, com exceção de alimentos e remédios.

Fique ligado

Che 2 – A guerrilha (EUA/Espanha). Direção de Steven Soderbergh, 2009. 127 min.

A vida de Ernesto “Che” Guevara desde a constituição do governo revolucionário até sua morte na Bolívia.

A morte de um burocrata (Cuba). Direção de Tomás Gutiérrez, 1966. 85 min.

Ao morrer, trabalhador é sepultado com sua carteira de trabalho, o que prejudica o direito à pensão de sua tia.

Retrato de Teresa (Cuba). Direção de Pastor Vega, 1979. 103 min.

Teresa é operária e participa de cargo cultural na fábrica. Casada e mãe de três filhos, ela se separa do marido, mas tem de enfrentar o machismo da sociedade cubana.

Para desenvolver

Tensão entre os EUA e Cuba

Explique para a turma que no momento em que Cuba passava por uma série de transformações por causa da revolução de 1959, John Kennedy presidia os Estados Unidos e adotou uma postura bastante agressiva em relação ao governo de Fidel Castro, desde o seu começo. No início de 1960, Kennedy determinou à CIA (Agência Central de Inteligência) que derrubasse Fidel Castro do poder, decretando no final desse mesmo ano um embargo econômico contra Cuba, prejudicando seriamente esse país caribenho. Em abril de 1961, a administração Kennedy apoiou a invasão de 1 500 exilados cubanos na baía dos Porcos, com o propósito de derrubar o governo de Fidel Castro, ação que redundou em um grande fracasso: 1 200 desses invasores foram capturados e mais de cem morreram em combate. Entre os cubanos que se mobilizaram para defender o novo governo do país, 160 morreram. O fracasso da invasão da baía dos Porcos foi desmoralizante para os Estados Unidos.

Para desenvolver

A crise dos mísseis

Na análise com a turma dos eventos relacionados à crise dos mísseis de 1962, envolvendo Cuba, ressalte que, nesse contexto, armas soviéticas nucleares de destruição em massa ficaram dispostas a, aproximadamente, 150 quilômetros do território estadunidense. Foi o auge das tensões nucleares entre as duas superpotências durante a Guerra Fria e, sob o impacto da crise dos mísseis em Cuba, em 1963 os Estados Unidos, a União Soviética e a Inglaterra celebraram um tratado que limitava drasticamente a realização de novos testes nucleares, abrindo espaço para a negociação de um acordo mais amplo cinco anos depois, em 1968, quando ocorreu o estabelecimento do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), assinado por 60 países e em vigor até hoje.

FIQUE DE OLHO

Viva Cuba (Cuba). Direção de Juan Carlos C. Malberti e Irida Malberti Cabrera, 2005. 80 min.

O menino Jorgito e a menina Malu vivem em Havana e mantêm uma amizade romântica. No entanto, suas famílias não se gostam e têm sérias diferenças políticas. Quando a mãe de Malu toma a decisão de sair de Cuba, os dois viajam pelo país em busca de uma solução para o problema.

Em 29 de outubro de 1962, o presidente dos Estados Unidos John Kennedy assina a declaração de bloqueio naval a Cuba.

A crise dos mísseis: o mundo em perigo

Receoso de uma invasão militar estadunidense, Fidel Castro pediu apoio militar à União Soviética.

Em outubro de 1962, navios militares soviéticos levaram para Cuba mísseis com bombas nucleares. Quando as ogivas nucleares chegaram à ilha, o governo cubano ficou assustado. O país tornara-se uma base militar soviética.

Aviões de espionagem dos Estados Unidos descobriram todo o arsenal nuclear soviético. Em outubro de 1962, o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, na televisão, denunciou o que seria a mais grave crise ocorrida durante a Guerra Fria. Muitos acreditaram que a guerra nuclear era inevitável.

Cuba fora das negociações

Kennedy ordenou o bloqueio naval de Cuba, posicionando navios de guerra dos Estados Unidos ao redor da ilha. Para evitar a guerra nuclear – sabendo que, nesse tipo de conflito, não haveria vencedores –, Kennedy e Krushev logo entraram em acordo: os mísseis soviéticos seriam retirados de Cuba e o presidente estadunidense não promoveria novas invasões ao país.

Ao final da crise dos mísseis, os governos estadunidense e soviético ficaram satisfeitos, ao contrário do governo cubano, que não participou das negociações. Além disso, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA) por pressão dos Estados Unidos. Somente tinha como parceiro comercial a União Soviética e os países do bloco socialista.



Rue des Archives/Gamier/Fotorema

214 ► UNIDADE 4 | América Latina e Brasil: democracia, ditadura e revolução

Fique ligado

Relação entre Cuba e EUA marcada por tentativas de golpe e crise nuclear. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/rela%C3%A7%C3%A3o-entre-cuba-e-eua-marcada-por-tentativas-de-golpe-e-crise-nuclear/av-18139586>. Acesso em: 22 out. 2018.

55 anos de conflito entre Estados Unidos e Cuba. *El País*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2014/>

12/17/internacional/1418828794_080923.html>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para ampliar os seus conhecimentos sobre as relações tensas entre Cuba e os EUA durante o governo de John Kennedy, indicamos o vídeo e o artigo jornalístico acima citados.

▶ Dos Estados Unidos para a União Soviética

O modelo econômico de Cuba gerou desentendimentos entre Che Guevara e Fidel Castro.

Che propunha industrializar o país, diversificando sua economia e livrando-a da dependência da produção e exportação de açúcar.

Fidel Castro, contudo, seguiu os conselhos de Nikita Krushev: Cuba continuou produzindo açúcar e o vendendo para a União Soviética. Em troca, comprava da União Soviética os produtos industrializados de que necessitasse.

Cuba pretendia superar a dependência de exportação de açúcar para os Estados Unidos. No entanto, o máximo que conseguiu foi continuar exportando cana-de-açúcar, mas agora dependente da União Soviética.

▶ Exportando a revolução

Todos os países da América Latina romperam relações com Cuba, com exceção do México.

Che Guevara acreditava que a solução seria derrubar os governos latino-americanos por meio de revoluções. A proposta, portanto, era "exportar" o modelo de revolução cubana para a América Latina.

Che Guevara estava insatisfeito com os rumos adotados pela revolução cubana, principalmente com a dependência em relação à União Soviética.

Em 1967, partiu com um grupo de guerrilheiros cubanos para a Bolívia, com o objetivo de desencadear uma revolução. Ficaram isolados nas montanhas. Em outubro daquele ano, Che Guevara foi preso e assassinado por militares bolivianos. Ele se tornou um mito. A partir daí, o governo cubano passou a cuidar de seus próprios problemas.

▶ Cuba e a incerteza do futuro

O governo cubano adotou o modelo de socialismo soviético: partido único, estatização de empresas, fazendas estatais e o controle dos meios de comunicação.

Fidel Castro tornou-se cultuado pela propaganda política estatal.

As exportações de açúcar para a União Soviética e o bloco socialista sustentavam a economia da ilha. Os produtos industrializados vinham da União Soviética.

Por outro lado, o governo cubano criou uma vasta rede de educação e saúde pública. A taxa de mortalidade infantil tornou-se muito baixa e os índices de alfabetização da população eram altos.

Como os preços das mercadorias que chegavam da União Soviética eram baratos, a população tinha acesso a bens de consumo.

FIQUE DE OLHO

Guantanamo (Alemanha/Cuba/Espanha). Direção de Tomás Gutiérrez Alea/Juan Carlos Tabío, 1995. 105 min.

O filme conta a história de uma mulher que falece na cidade de Guantánamo e deve ser enterrada em Havana. Seus parentes terão de enfrentar o novo sistema de transporte funerário elaborado por um burocrata do regime para economizar combustível, conhecendo situações absurdas.

■ Para desenvolver

A influência da Revolução Cubana

Destaque para os alunos que entre os anos 1960 e 1970, a dependência de Cuba em relação à União Soviética era enorme. Os soviéticos compravam 63% do açúcar e 73% do níquel cubano e exportavam para a ilha 63% dos alimentos consumidos pelos cubanos.

Ressalte também que nesse mesmo período a Revolução Cubana exerceu considerável influência sobre os partidos e organizações de esquerda no mundo e na América Latina, em particular.

Fique ligado

1962: Último de Kennedy na crise dos mísseis de Cuba. *Deutsche Welle*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/1962-ultimato-de-kennedy-na-crise-dos-mis%C3%ADsseis-de-cuba/a-974637>. Acesso em: 22 out. 2018.

Outro ponto de vista sobre JFK. *El País*. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2013/11/21/opinion/1384992389856359.html>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para ampliar suas informações sobre as consequências da crise dos mísseis de 1962 no contexto da Guerra Fria, indicamos os dois artigos jornalísticos acima.

Atividade complementar

Che Guevara e a Revolução Cubana

Analise com os alunos o fragmento a seguir e oriente-os na resolução e no debate da questão proposta logo em seguida:

Em 1964, as dificuldades econômicas enfrentadas em Cuba eram muitas. Che Guevara se esforçava para incutir ânimo na população para suportar e superar os problemas vividos pelo país. Cuba é o primeiro país socialista da América, a vanguarda da América, e não tem malanga [fruta comestível cubana], nem mandioca, nem nada. [...] Falta de tudo, só há bananas, e a cota de manteiga é metade da que vocês têm aqui, porque todas as cotas em Havana permitem o dobro. Todas essas coisas são difíceis de explicar, e nós temos de explicá-las através de uma política de sacrifício, em que a revolução, os líderes da revolução, marchem à frente do povo. [...] Quanto à questão do entusiasmo, da falta de entusiasmo, [...] existe algo que se chama brio. Nós deixamos o brio cair totalmente.

O brio tem que ser a força que impulsiona a massa a todo momento, e deve haver gente pensando constantemente na forma de avivá-lo. Não é tão difícil buscar uma forma, outra forma, de trazer as pessoas para a luta.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Che Guevara: a vida em vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 259.

Após a leitura, pergunte aos alunos: quais são as alternativas defendidas por Che Guevara para que os líderes da Revolução Cubana enfrentassem as dificuldades econômicas?

Espera-se que os alunos respondam que Che Guevara acreditava que os líderes revolucionários deviam explicar ao povo os motivos para a escassez de alimentos, mostrando a necessidade do sacrifício. Além disso, ele criticava os dirigentes cubanos por perderem o entusiasmo revolucionário e o brio. Somente com essas qualidades seria possível incentivar o povo a lutar.

Crise com o fim da Guerra Fria



Após cerimônia de casamento, casal passeia pelo Malecón, avenida litorânea de Havana, capital de Cuba, em automóvel dos anos 1950. Fotografia de 2006.

Mudança de planos

Uma das alternativas encontradas para enfrentar a crise foi o investimento no turismo. Relações comerciais foram restabelecidas com a China e com os países da América Latina e da União Europeia.

Nesse período, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, tornou-se importante aliado político. Vendia para Cuba petróleo a preços abaixo do mercado internacional. Em troca, Cuba enviava médicos para a Venezuela.

A revolução em novos rumos

Em 2008, Fidel Castro, doente, entregou o poder ao seu irmão, Raúl Castro. Fidel faleceu em 2016. Atualmente, Cuba comercializa e mantém relações diplomáticas com praticamente todos os países do mundo. Em 2014, o governo dos Estados Unidos retomou relações diplomáticas com o governo cubano.



Fidel Castro e Hugo Chávez durante a recepção do líder cubano na capital venezuelana, Caracas, em 2001.

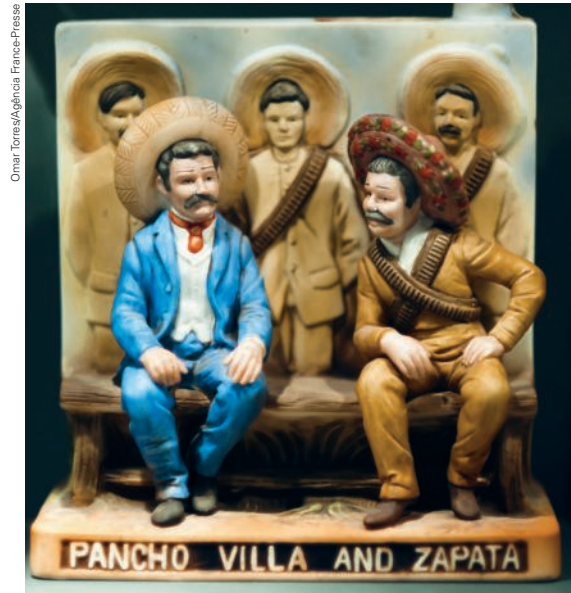
CÁ ENTRE NÓS

O governo cubano ainda defende a revolução socialista, mas a abertura do país ao capital estrangeiro entra em contradição com a retórica revolucionária. A pobreza da população, os problemas econômicos e a intolerância do governo com qualquer oposição são problemas que ainda esperam solução.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

A Revolução Mexicana

Outra revolução, no início do século, alterou a vida social no México. Em 1910, o país vivia sob uma ditadura e imensa injustiça social. Poucos proprietários tinham muitas terras. Naquele ano, líderes de camponeses lutaram contra o governo e pela reforma agrária. Entre eles se destacaram Emiliano Zapata e Pancho Villa. O México conheceu uma longa guerra civil. Em 1917, um grupo político liderado por Venustiano Carranza derrotou o governo ditatorial e, para ganhar apoio dos operários e camponeses, promulgou leis sociais e deu início à reforma agrária. Naquele ano, uma nova Constituição garantiu os direitos dos trabalhadores do campo e da cidade. Em 1934, o presidente Lázaro Cárdenas aprofundou a reforma agrária, estatizou as ferrovias, investiu em indústrias e nacionalizou a extração do petróleo, fundando a empresa Petróleos Mexicanos.



Omar Torres/Agência France-Press

Estatueta representando Pancho Villa (à esquerda) e Emiliano Zapata. Museu de Arte Popular, Cidade do México, México.



- A estatueta que vemos na imagem acima é produto da cultura popular mexicana e expressa ideias e crenças sobre personagens de sua história: Pancho Villa e Emiliano Zapata. De que forma eles são lembrados nessa obra: de maneira positiva ou negativa? Justifique e, em seguida, reflita com os colegas: Por que esses dois personagens, após tantos anos, ainda permanecem tão presentes na memória do povo mexicano?



PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 200?

Créditos das imagens de cima para baixo: World History Archive/Alamy/Fotoarena, Granger/Fotoarena, Eduardo Di Baia/Associated Press/Glow Images, The Bridgeman Art Library/EasyPix, Rue des Archives/Granger/Fotoarena, Bettmann/Getty Images, Patrick Ffrench/Hemis/Agência France-Press, Omar Torres/Agência France-Press.

217

Para desenvolver

O sistema de saúde cubano

Com relação aos avanços sociais realizados por Cuba desde a revolução de 1959, ressalte para a turma que o sistema de saúde desse país caribenho é reconhecido pelo atendimento de qualidade aos seus cidadãos. Um dos programas de saúde cubano foi adotado por inúmeras prefeituras brasileiras: o Programa Médico de Família. A sua primeira experiência foi na cidade de Niterói, em 1989. A prefeitura da cidade, em convênio com o governo cubano, adaptou à realidade do município um programa similar ao existente em Cuba. Atualmente, vários municípios adotaram o programa. Outra iniciativa na área da saúde foi a do Programa Mais Médicos. Em julho de 2013, o governo federal contratou quase 15 mil médicos estrangeiros para trabalhar nos municípios do interior e nas periferias das grandes cidades. Desse total, cerca de 11 mil médicos vieram de Cuba. A seu critério, debata esses temas com os alunos, incentivando-os a comentarem as experiências que suas famílias ou pessoas conhecidas já tiveram com os programas citados: Médico de Família e Mais Médicos.

Outras histórias Lutas sociais

- Pancho Villa e Emiliano Zapata foram líderes das populações pobres camponesas que lutaram por terras durante a Revolução Mexicana. Ainda hoje, esses dois personagens representam a luta popular mexicana por direitos e, por isso, são lembrados e festejados.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, oriente os alunos a reler as respostas que elaboraram para a pergunta presente na página 200, estabelecendo a seguir um debate sobre as mudanças políticas, econômicas e sociais em curso em Cuba desde a saída de Fidel Castro do poder, em 2008.

Fique ligado

Buena Vista Social Club (Reino Unido/Cuba/EUA/França/Alemanha). Direção de Wim Wenders, 1999. 105 min.

O cineasta Wim Wenders e o guitarrista Ry Cooder se juntam ao lendário grupo de músicos cubanos para compor esse importante documentário sobre a história cultural de Cuba.

Últimos dias em Havana (Cuba). Direção de Raúl Pérez Ureta, 2017. 93 min.

Diego passa os dias na cama, vítima da Aids, mas recebe os cuidados do amigo Miguel, cujo sonho é viver nos EUA. O filme discute a amizade e a solidariedade entre os cubanos em difíceis condições de vida.

Cuba e o cameraman (EUA). Direção de Jon Alpert, 2017. 112 min.

Esse retrato revelador de Cuba acompanha a vida de Fidel Castro e de três famílias cubanas afetadas pelas políticas do governo nas últimas quatro décadas.

Quatro estações em Havana (Cuba/Espanha). Direção de Félix Viscarret, 2016. 355 min.

Série televisiva com quatro episódios, que mostram Cuba nos anos 1990, baseando-se na investigação de crimes cometidos em Havana. Além de apresentar diversos lugares que retratam a realidade da cidade, a série também oferece um olhar sobre a cultura, com a música, a gastronomia, as cores e as relações sociais.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. De acordo com o modelo econômico "agroexportador", o país deveria especializar-se na produção agrícola, pecuária e/ou mineral. Como os países latino-americanos não tinham base industrial, os recursos provenientes das exportações eram reservados para pagar a importação de produtos industrializados europeus e estadunidenses. O modelo agroexportador beneficiava os grandes fazendeiros e os mineradores, mas resultava na miséria de operários e camponeses.
2. Na economia, Perón adotou o nacionalismo e o estatismo. Como havia muitos capitais acumulados pelo país durante a Segunda Guerra Mundial, Perón pôde estatizar empresas estrangeiras. Ele também criou empresas estatais e prestigiou as empresas argentinas. O governo elevou o salário dos trabalhadores, permitindo o aumento do consumo e da produção industrial.
3. O governo militar argentino pôs fim à democracia, privatizou empresas estatais e abriu a economia do país ao capital estrangeiro. Inúmeras indústrias faliram. Os mais beneficiados foram os banqueiros e os grandes fazendeiros.
4. A ditadura militar argentina agiu com extrema violência e poderia atingir qualquer pessoa. Calcula-se que 30 mil pessoas morreram devido à violência militar. Por essa razão, historiadores definem o regime como "terrorismo de Estado".
5. Em 1981, mães de jovens "desaparecidos" durante a ditadura passaram a se concentrar na Plaza de Mayo, em frente à Casa Rosada, sede do governo argentino. Com lenços na cabeça, elas protestavam e exigiam que o governo informasse onde estavam seus filhos.
6. Para garantir apoio da população, a ditadura argentina, em 1982, invadiu ilhas a 800 km do litoral e de posse do Reino Unido. Mas o governo britânico derrotou os argentinos, obrigando os militares a deixar o poder.

218

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Explique os fundamentos do modelo econômico "agroexportador" vigente na América Latina até as primeiras décadas do século XX.
- 2 | Avalie o primeiro governo de Juan Domingo Perón em duas áreas: econômica e social.
- 3 | Em 1976, os militares argentinos deram um golpe de Estado e impuseram a ditadura no país. Qual foi o programa político e econômico da ditadura argentina?
- 4 | Muitos historiadores chamam o regime militar argentino de "terrorismo de Estado". Por quê?
- 5 | Qual é a relação entre o movimento das Mães da Plaza de Mayo e a crise da ditadura militar argentina?
- 6 | Por que as ilhas Malvinas, ou Falklands, foram importantes para o final da ditadura militar argentina?
- 7 | Qual foi o principal motivo que possibilitou aos revolucionários do M-26, liderados por Fidel Castro, sobreviver em Sierra Maestra?
- 8 | Quais foram as principais medidas tomadas no início do governo de Fidel Castro que levaram os Estados Unidos a romper com Cuba e a impor o embargo econômico ao país?
- 9 | Explique o que foi a "crise dos mísseis" em Cuba.
- 10 | Há alguma ligação entre a consolidação da Revolução Cubana e a União Soviética? Explique.

PESQUISA

A fotografia de Che Guevara, abaixo, é considerada uma das mais famosas do século XX. Está impressa em camisetas de milhões de jovens em diversos países. Seu autor é o fotógrafo Alberto Korda.

- Faça uma pesquisa sobre a fotografia, investigando quando e onde Che foi fotografado e identificando o evento em que a fotografia foi tirada. Se possível, encontre o depoimento do próprio Alberto Korda comentando o momento da fotografia.



Fotografia de Che Guevara tirada por Alberto Korda, em 1960. Museu Che Guevara, Havana, Cuba.

Alberto Korda/Museu Che Guevara, Havana, Cuba.

7. Escondidos nas florestas de Sierra Maestra, Fidel Castro e seus homens receberam o apoio de organizações urbanas de oposição ao regime do ditador Fulgência Batista, como organizações sindicais, estudantis e partidos políticos de esquerda. Quando as colunas militares do M-26 desceram de Sierra Maestra, tiveram apoio da população. Os sindicatos de trabalhadores e o movimento estudantil declararam greve geral.
8. O governo cubano tomou uma série de medidas que beneficiou a população, mas desagradou o governo dos Estados Unidos;

como o decreto que autorizava somente cidadãos cubanos a serem proprietários de terras, acordos comerciais com a União Soviética e nacionalização de empresas estadunidenses. O governo dos Estados Unidos reagiu com o embargo econômico, proibindo empresas estabelecidas em seu país de comercializar e de exportar mercadorias para Cuba.

9. Após a tentativa fracassada de exilados cubanos de invadir Cuba, Fidel Castro, temendo uma invasão militar dos Estados Unidos, pediu auxílio ao líder da União Soviética, Nikita

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

As imagens abaixo se referem a dois eventos políticos distantes no tempo e no espaço: o nazismo alemão (1933-1945) e a ditadura militar chilena (1973-1990). Ambos os regimes tiveram a prática de queimar livros.



Logo após Hitler alcançar o poder na Alemanha, grupos nazistas organizaram queima de livros em diversas cidades. Entre 10 de maio e 21 de junho de 1933, cerca de 200 mil livros desaprovados pelos nazistas foram retirados de bibliotecas públicas e queimados em praça pública. Fotografia de maio de 1933.



Durante a ditadura militar chilena, soldados do Exército queimam livros considerados "subversivos" em plena rua, Santiago, Chile. Fotografia de setembro de 1973.

- Por que os livros incomodaram tanto essas ditaduras a ponto de serem queimados em praças e ruas?

O PASSADO PRESENTE

Quando falamos em cidadania, uma das principais modalidades de direitos são os direitos civis, direitos básicos de todo ser humano: à vida, à liberdade, à integridade e a um julgamento justo no caso de ser acusado de ter cometido um crime.

Também inclui o direito à informação, de expressar livremente o pensamento, inclusive de criticar governantes, de escolher sua religião, bem como os direitos à privacidade e de ir para onde quiser.

Os direitos civis surgiram na Europa nos séculos XVII e XVIII. A burguesia liberal conquistou os direitos civis na sua luta contra as monarquias absolutistas e os privilégios da nobreza e do clero na sociedade do Antigo Regime.

Nos séculos XIX e XX, outros setores sociais, como os trabalhadores, também conquistaram os direitos civis.

Nas ditaduras, os direitos civis são suspensos. Os cidadãos perdem suas garantias constitucionais. Assim ocorreu nas ditaduras militares do Chile e da Argentina, como também na ditadura brasileira.



- 1 | Reúna alguns amigos da turma. Com eles, imaginem uma pessoa vivendo sob uma ditadura e, portanto, sem garantia de nenhum dos direitos civis.
- 2 | Em seguida, pesquisem situações vividas pelas pessoas na ditadura argentina, nas quais esses direitos não foram respeitados. A partir dessas informações, escreva um texto desenvolvendo a seguinte questão: como seria viver sem garantias de direitos civis?

Argentina e Cuba: ditadura e revolução na América Latina | CAPÍTULO 12 ◀ 219

Pesquisa

Resposta pessoal. A famosa fotografia é de 5 de março de 1960. Che Guevara participava de um evento que homenageava vítimas da explosão de um barco. Estava concentrado, enquanto Fidel Castro discursava. Korda captou esse momento. O fotógrafo não imaginava que a imagem faria tanto sucesso.

Imagens contam a história

Os regimes ditatoriais não aceitam críticas nem que as pessoas pensem de maneira diferente da que eles impõem. Por meio de livros, escritores, literatos, historiadores, poetas, intelectuais, entre outros, expressam seu pensamento, suas opiniões e sua imaginação. Nas ditaduras, as liberdades de expressão, de pensamento e de informação são suprimidas. Portanto, queimar livros é uma maneira de suprimir ideias, memórias e histórias produzidas livremente pela sociedade.

O passado presente

1. e 2. Respostas pessoais. Espera-se que os alunos reconheçam a existência de um clima de muita intranquilidade e insegurança, de medo permanente como verificado no Brasil, no Chile e na Argentina durante os anos em que esses países estiveram sob o domínio de ditaduras militares violentas, que censuravam os meios de comunicação, restringiam de várias formas as liberdades individuais e coletivas, violavam sistematicamente os direitos humanos, perseguiram, prendiam e torturavam opositores e promoviam assassinatos de jovens e intelectuais que lutavam contra o arbítrio. Sob tais regimes ditatoriais, a corrupção cresceu na mesma proporção que as desigualdades sociais e os problemas urbanos, que se tornaram estruturais e, em especial nas grandes metrópoles brasileiras, marcam ainda o cotidiano de milhões de pessoas.

▶ Krushev. Os soviéticos instalaram em Cuba mísseis dotados de ogivas nucleares. Ao final, os governos dos Estados Unidos e da União Soviética chegaram a um acordo: os soviéticos retirariam os mísseis de Cuba e os estadunidenses fariam o mesmo com seus mísseis instalados na Turquia, comprometendo-se, ainda, a não invadir nem promover uma invasão da ilha. O governo cubano ficou alheio aos acordos.

10. Após a crise dos mísseis, Cuba ficou isolada do cenário internacional. Restou buscar apoio político e econômico da União Soviética e dos países socialistas do Leste Europeu. A partir daí, Cuba começou a exportar açúcar e níquel para a União Soviética, recebendo em troca petróleo e bens de consumo. A economia cubana começou a depender da União Soviética.

Capítulo 13 Democracia e desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964)

O capítulo abrange o estudo das transformações econômicas, políticas e sociais que se processaram no Brasil entre os anos de 1946 e 1964, período marcado tanto pela vigência em nosso país de um regime liberal-democrático e por intensas transformações econômicas quanto pelo ascenso das mobilizações sociais. O personagem microanalítico é o sindicalista mineiro Clodesmidt Riani, que teve um papel muito significativo na organização e liderança de diversas lutas trabalhistas nesse contexto de maior liberdade política – contexto esse que acabou sendo interrompido por um golpe civil-militar e pela imposição de um regime ditatorial que durou 21 anos.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as transformações econômicas e as mudanças políticas, sociais e culturais que se processaram no Brasil durante os governos dos presidentes Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), Getúlio Vargas (1951-1954), Juscelino Kubitschek (1956-1960), Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961-1964).
- Realçar as demandas sociais das populações indígenas e negras e das classes trabalhadoras no Brasil entre 1946 e 1964.
- Examinar os elementos político-ideológicos, econômicos e sociais da crise vivida no país nos anos finais do governo João Goulart, procurando realçar as ações tanto dos movimentos sociais que reivindicavam reformas estruturais quanto dos grupos civis e militares que tramavam um golpe contra a ordem e as instituições democráticas estabelecidas pela Constituição de 1946.



Fotografia de Marcel Gautherot, 1958. Acervo do Instituto Moreira Salles, São Paulo, SP.

Marcel Gautherot/Acervo do Instituto Moreira Salles

CAPÍTULO 13

DEMOCRACIA E DESENVOLVIMENTISMO NO BRASIL (1946-1964)

Entre 1946 e 1964, o Brasil conheceu a sua primeira experiência democrática. O regime liberal-democrático regido pela Constituição de 1946 garantiu aos brasileiros seus direitos civis, políticos e sociais. As leis trabalhistas foram mantidas e ampliadas, beneficiando os trabalhadores, enquanto as eleições eram periódicas com os eleitos tomando posse de seus cargos.

Durante esse período, o Brasil cresceu economicamente e a sociedade brasileira participou ativamente da vida política do país. Trabalhadores do campo e da cidade, junto de estudantes, estiveram à frente de grandes mobilizações por reformas econômicas e sociais. Artistas e intelectuais renovaram a produção cultural.

A sociedade brasileira queria um país desenvolvido, mas também com democracia e justiça social. Não foi o que ocorreu. O golpe civil-militar de 1964 pôs fim ao regime democrático no país.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

A fotografia é de um canteiro de obras em 1958. Observando os dois prédios e a cúpula à direita, responda: que prédios são esses e em qual cidade se encontram?

220

Créditos das imagens de cima para baixo: Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado; Reprodução/O2 Filmes/Globo Filmes; Reprodução/Fundação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ; Arquivo do Jornal do Brasil/Folhapress; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC; Reprodução/Correio Braziliense/D.A. Press

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI17

EF09HI18

EF09HI19

EF09HI21

Puxando pela memória

Os dois prédios constituem o Congresso Nacional, na cidade de Brasília, nova capital do Brasil, a partir de 1960.

Riani na luta por direitos

Clodesmidt Riani nasceu em 1920, em uma cidade do interior de Minas Gerais. Seu pai era operário e participava do movimento sindical. Aos 13 anos, começou a trabalhar em uma fábrica de tecidos. Aos 16 foi admitido na Companhia Mineira de Eletricidade como aprendiz.

Em 1941, ainda durante o Estado Novo, Riani foi morar na cidade mineira de Juiz de Fora. Durante aqueles anos, ele aprendeu o que eram direitos sociais e leis trabalhistas.

Entre 1946 e 1964, a sociedade brasileira conheceu, pela primeira vez, o que era viver sob um regime democrático. Com o fim da ditadura do Estado Novo, a eleição presidencial em dezembro de 1945 iniciou o processo de democratização do país, sendo vitorioso o candidato do Partido Social Democrático (PSD), general Eurico Gaspar Dutra. Também foram eleitos deputados federais e senadores.

Depois, foi instalada a Assembleia Nacional Constituinte para elaborar a nova Constituição do país, que foi promulgada em 18 de setembro de 1946. Pela primeira vez em sua história, o Brasil viveria sob um regime de **democracia representativa**. Os novos tempos, portanto, eram de democracia, e Clodesmidt Riani estava determinado a participar dela.

O governo de Dutra

Eurico Dutra abandonou as políticas de incentivo econômico de Vargas e adotou o liberalismo econômico.

As importações foram liberadas e muitos produtos supérfluos foram comprados.

O resultado foi uma grave crise econômica. Dutra, então, retomou as políticas de intervenção econômica da época de Vargas. Ele lançou o chamado Plano Salte (Saúde, Alimentação, Transportes e Energia). Mas pouco realizou além da construção da rodovia que liga o Rio de Janeiro a São Paulo.

Na política externa, Dutra alinhou o Brasil com os interesses dos Estados Unidos. O presidente acreditava em grandes investimentos no Brasil. Os investimentos estadunidenses, contudo, não vieram.

O governo Dutra perseguiu comunistas e o movimento sindical. Apesar da repressão governamental ao movimento sindical, Clodesmidt Riani, em 1949, com 29 anos de idade, começou a participar das atividades de seu sindicato.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... de democracia representativa ou democracia liberal? No regime democrático vale a vontade da maioria, mas as opiniões minoritárias devem ser respeitadas. O tipo de democracia adotado no Brasil é chamado de democracia liberal ou também de democracia representativa. Por meio de eleições, o povo escolhe seus representantes.

Com grande popularidade, Luís Carlos Prestes também participou da campanha eleitoral de 1945 como candidato a senador pelo Partido Comunista do Brasil. Foi eleito senador pelo Distrito Federal. Fotografia de 1945, em São Paulo.



Acervo Iconographia/Reminiscências

Democracia e desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964) | CAPÍTULO 13 ◀ 221

Para desenvolver

Os limites da democracia

Explique para a turma que entre 1946 e 1964 o regime liberal-democrático vigente no Brasil tinha seus parâmetros regulados pela Constituição Federal de 1946, elaborada por uma Assembleia Constituinte para substituir a Constituição do Estado Novo, outorgada por Getúlio Vargas em novembro de 1937. A cassação do registro do Partido Comunista do Brasil (PCB) pelo Superior Tribunal Eleitoral (STE) em maio de 1947, entretanto, demonstra que a ordem democrática recém-inaugurada possuía também limitações significativas.

Com relação à presidência de Eurico Gaspar Dutra, ressalte para os alunos que ele esperava que os Estados Unidos realizassem grandes investimentos no país, pois o Brasil havia enviado tropas para lutar com os aliados na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

De olho na BNCC

Ao analisar com os alunos as transformações econômicas e as mudanças políticas, sociais e culturais que se processaram no Brasil durante os governos dos presidentes Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), Getúlio Vargas (1951-1954) e Juscelino Kubitschek (1956-1960), temas presentes entre as páginas 221 e 229, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI17 – Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.
- EF09HI18 – Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.

Fique ligado

E ele voltou... o Brasil no segundo governo Vargas. CPDOC/FGV. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/apresentacao>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre a Constituição Federal de 1946, a cassação do registro do PCB e as medidas políticas e econômicas

do governo Dutra, indicamos este dossiê, preparado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV).

MACEDO, Michelle Reis de. *O movimento queremista e a democratização de 1945*. Trabalhadores na luta por direitos. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2013.

Tempos de paz (Brasil). Direção de Daniel Filho, 2009. 80 min.

No início de 1945, um agente da polícia política assume a chefia da Alfândega do Rio de Janeiro com a responsabilidade de impedir a entrada de nazistas no Brasil.

O que há na imagem?

Vargas governou o país de 1930 até 1945. Como a campanha eleitoral ocorreu em 1950, o panfleto dizia que "ele voltará" a governar o Brasil.

Fique ligado

GOMES, Angela de Castro (coord.). *Olhando para dentro (1930-1964)*, volume 4. História do Brasil Nação: 1808-2010. São Paulo: Fundação Mapfre/Objetiva, 2013.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *O segundo governo Vargas 1951-1954*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. *Sindicatos, carisma e poder*. O PTB de 1945 a 1965. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

SANTANA, Marco Aurélio. *Homens partidos: Comunistas e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Editorial Boitempo; Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

BENEVIDES, Maria Vitória. *A UDN e o udenismo: Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

HIPPOLITO, Lúcia. *De raposas e reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Para obter mais informações sobre o contexto político, econômico e social do Brasil durante o segundo governo Vargas (1951-1954), indicamos todos esses livros, além do documentário a seguir.

Getúlio Vargas (Brasil). Direção de Ana Carolina Soares, 1974. 76 min.

O filme narra a trajetória política de Getúlio Vargas, desde a Revolução de 1930 até o suicídio em agosto de 1954.

CÁ ENTRE NÓS

As tensões internacionais da Guerra Fria atingiram o Brasil. Ao julgar uma ação judicial contra o Partido Comunista do Brasil, em 1947, o Superior Tribunal Eleitoral cassou o registro eleitoral do partido, tornando-o ilegal. Em 1950, os comunistas reagiram convocando a população a pegar em armas e derrubar o governo. Mas os trabalhadores não ficaram motivados com isso, e muitos filiados deixaram o PCB.

Eleições de 1950

Nas eleições que ocorreram em outubro de 1950, Getúlio Vargas se candidatou à Presidência da República pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em aliança com o Partido Social Progressista (PSP).

A União Democrática Nacional (UDN) voltou a disputar as eleições com o brigadeiro Eduardo Gomes. O Partido Social Democrático (PSD) lançou o nome de Cristiano Machado, mas o abandonou no meio da campanha para apoiar Getúlio.

A imprensa e as estações de rádio, em sua grande maioria, apoiaram o candidato udenista. Mas, no final, Getúlio Vargas foi eleito presidente da República com 48,7% dos votos.

QUE HÁ NA IMAGEM?

Com base no que você já estudou, responda: por que o panfleto afirma que "ele voltará", referindo-se a Getúlio Vargas?



Fundação Getúlio Vargas/CPDOC

Panfleto de propaganda eleitoral da campanha de Getúlio Vargas à Presidência da República, em 1950. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.

O governo Vargas

Vargas assumiu a Presidência da República em janeiro de 1951. O país se encontrava em grave crise econômica: os preços das mercadorias aumentando e os salários dos trabalhadores sem reajustes. Além disso, empresas estadunidenses fizeram campanha contra o café exportado pelo Brasil, prejudicando a economia do país.

Vargas retomou o projeto nacionalista, estatista e desenvolvimentista, mas em um contexto democrático. Técnicos governamentais planejaram a instalação da indústria automobilística e de tratores no Brasil. Vargas também deu início ao reaparelhamento dos portos e ferrovias, bem como ao financiamento para a construção de rodovias.

A principal iniciativa de seu governo foi a criação de uma empresa brasileira de petróleo. Grupos que defendiam o liberalismo econômico eram contra a criação de uma empresa estatal de petróleo. Mas ter o controle sobre o petróleo era fundamental para o desenvolvimento do país.

Para desenvolver**As eleições de 1950**

Resalte para a turma que nas eleições presidenciais de outubro de 1950, nas quais votaram cerca de 8,2 milhões de eleitores e eleitoras, Getúlio Vargas (PTB/PSP) obteve 48,7% dos votos válidos, enquanto Eduardo Gomes (UDN) e Cristiano Machado (PSD) obtiveram respectivamente 29,6% e 21,5%. A UDN não se conformou com o resultado

e tentou sem sucesso impedir a posse de Vargas, sob a alegação de que ele não teria obtido a maioria dos votos. Mas essa tese foi rejeitada pelo Tribunal Superior Eleitoral e, em 31 de janeiro de 1951, tornou-se mais uma vez presidente da República.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Campanha “O Petróleo é Nosso”

Na luta para a criação de uma empresa estatal de petróleo, uniram-se milhares de pessoas em comícios e passeatas, mobilização que resultou na campanha “O Petróleo é Nosso”. Vargas fundou a Petrobras em 3 de outubro de 1953.



Estudantes do Centro Acadêmico XI de Agosto, na cidade de São Paulo, participaram da campanha “O Petróleo é Nosso”. Fotografia de 1947.

- O projeto nacionalista presente no segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954) assemelha-se ao nacionalismo de Lázaro Cárdenas, que governou o México entre 1934 e 1940? Justifique sua resposta.

Oposição a Vargas

Os salários dos trabalhadores estavam muito baixos. Em 1953, eclodiu, na cidade de São Paulo, a chamada “greve dos 300 mil”. Vargas nomeou João Goulart, conhecido como Jango, para o ministério do Trabalho. Goulart apoiou as reivindicações dos trabalhadores, o que fez aumentar a oposição ao governo.

Em 1954, Clodesmidt Riani fundou o Sindicato dos Trabalhadores de Energia Elétrica de Juiz de Fora. Nesse mesmo ano, ele concorreu como candidato nas eleições para deputado estadual pelo PTB, sendo eleito. Sindicalista e deputado, as atividades de Riani mostram que os trabalhadores participavam das lutas por melhores condições de vida democrática.

O governo Vargas enfrentava um grande problema: a oposição. Os comunistas atacavam o presidente. Os udenistas, no Congresso Nacional, tudo fizeram para prejudicar o governo. O seu maior crítico era o jornalista e deputado Carlos Lacerda.

FIQUE DE OLHO

Getúlio (Brasil).
Direção de João Jardim, 2014.
140 min.

Filme sobre a crise de agosto de 1954 que resultou no suicídio de Getúlio Vargas.

Para desenvolver

Nacionalismo exacerbado

Explique para os alunos que desde o início de 1948, ainda durante o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), setores nacionalistas da sociedade civil sustentavam o slogan “O Petróleo é Nosso”, campanha que ganharia grande força durante os primeiros anos do segundo governo Vargas e resultaria na criação da Petrobras em outubro de 1953.

Ressalte também para a turma que, além do nacionalismo acentuado, outro aspecto que desagradava enormemente a oposição à Vargas, capitaneada pela UDN e por figuras como o jornalista Carlos Lacerda, era o crescente diálogo mantido entre 1953 e 1954 pelo ministro do Trabalho João Goulart com os representantes das classes trabalhadoras, que experimentavam uma ascensão em suas mobilizações por direitos.

Outras histórias

Lutas sociais

- Sim. Lázaro Cárdenas também possuía um projeto nacionalista e estatista. Entre outros aspectos, nacionalizou empresas de petróleo inglesas e estadunidenses, em 1938, fundando uma empresa estatal de petróleo, a Pemex.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática “O Petróleo é nosso”: a criação da Petrobras localizada no material digital do Manual do Professor.

Atlas histórico do Brasil. CPDOC/FGV. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/marcos/segundo-governo-vargas-1951-1954/mapas/campanha-do-petroleo-e-nosso>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para ampliar os seus conhecimentos sobre a política nacionalista, a oposição udenista e a movimen-

Fique ligado

tação das classes trabalhadoras durante o segundo governo Vargas, indicamos uma pesquisa sobre os termos “A Campanha do Petróleo é Nosso”, “Índices de valor real do salário mínimo” e “Segundo Governo Vargas (1951-1954)” na plataforma *on-line* mantida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de Histó-

ria Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV). Para isso, acesse o *link* indicado e clique na aba Mapas, do lado direito. Em seguida, será aberto um *menu* com os materiais mencionados.

Fique ligado

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LAMARÃO, Sérgio. Carta Testamento. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/carta-testamento>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para ampliar as informações sobre a crise política que levou Getúlio Vargas ao suicídio, em agosto de 1954, e a reação popular a tal tragédia, indicamos o livro e o artigo acadêmico acima, bem como o documentário a seguir.

Getúlio: a construção do mito (Brasil). Direção: TV Brasil, 2014. 52 min. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/getulio-a-construcao-do-mito>>. Acesso em: 22 out. 2018.

A Era Vargas legou ao país a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a Petrobras e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Com seu suicídio, em 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas comoveu o povo brasileiro e mudou os rumos da nação.

“Saio da vida para entrar na História”: Getúlio Vargas e a propaganda política. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <<https://expo-virtual-cpdoc.fgv.br/>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Exposição virtual organizada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), sobre o uso por Vargas dos meios de propaganda política visando à promoção de sua imagem diante da população brasileira.

CÁ ENTRE NÓS

No regime democrático, pode-se ganhar ou perder as eleições, mas é preciso respeitar a decisão dos eleitores. Nas eleições de 1950, udenistas não souberam admitir sua derrota nas urnas e tentaram impedir a posse de Getúlio Vargas na Presidência da República. Alegaram que Vargas não havia obtido a maioria absoluta dos votos, o que equivale a 50% mais um voto. Porém, a Constituição determinava que o vitorioso tivesse apenas a maioria simples, ou seja, o maior número de votos.

A crise de agosto de 1954

Carlos Lacerda atacava Vargas de maneira muito agressiva. Sem que Vargas soubesse, o chefe da guarda pessoal do presidente cometeu um grave erro: contratou um pistoleiro para matar Lacerda. O tiro, no entanto, matou um major da Força Aérea Brasileira (FAB), guarda-costas de Lacerda.

Mesmo sendo inocente, Vargas foi acusado pelo crime. Um grupo político formado principalmente por udenistas e por setores minoritários das Forças Armadas, com forte apoio da imprensa, uniu-se com o objetivo de destituir Vargas da Presidência da República.

Tudo indicava que um golpe, com a participação de políticos udenistas e militares da FAB e da Marinha de Guerra, destituiria Vargas do poder. Os maiores prejudicados seriam os trabalhadores.

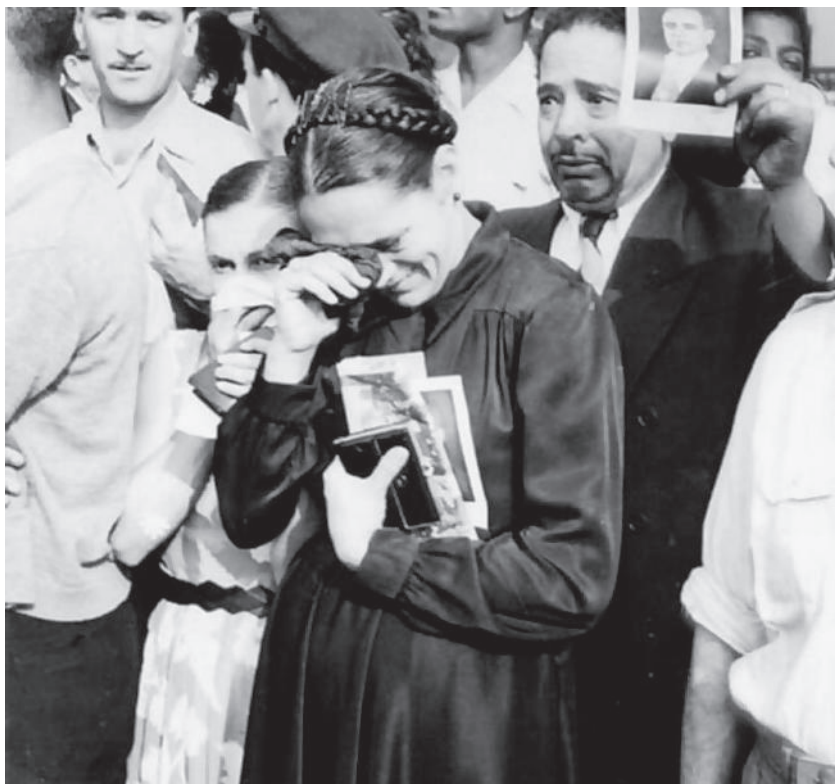
Reviravolta

Vargas, para surpresa geral, inverteu a situação. Na manhã do dia 24 de agosto, ele disparou um tiro contra o próprio peito. Deixou uma carta, que se tornou conhecida como “Carta Testamento”.

Os trabalhadores perceberam que o presidente havia sido vítima de uma grande injustiça e foram para as ruas. No Rio de Janeiro e em Porto Alegre, o povo tomou as ruas e protestou por três dias seguidos. Em São Paulo, ocorreram várias greves. Em diversas outras capitais, populares foram para as ruas chorar pela morte do presidente.

Se havia algum golpe em andamento, ele foi impedido com o suicídio de Vargas e com a fúria popular nas ruas.

Mulher chora no cortejo fúnebre de Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. Durante o cortejo fúnebre, do Palácio do Catete ao aeroporto Santos Dumont, milhares de pessoas se despediram de Vargas. O povo manifestou sua tristeza e revolta com a morte de Vargas. Fotografia de 1954.



F. Campanella Neto/Fundação Getúlio Vargas/CPDOC

224

Para desenvolver

A imprensa

Na análise dos eventos da crise política que culminou no suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954, explique para os alunos que, nesse contexto, a maioria dos jornais e rádios fazia grande campanha contra o presidente, que contou apenas com o apoio do jornal *Última Hora*.

Ressalte para a turma que foi justamente por essa razão que, com a notícia da morte de Vargas, inúmeros populares atacaram e depredaram, especialmente no Rio de Janeiro, endereços e veículos vinculados a órgãos jornalísticos antigetulistas, como *O Globo* e *Tribuna da Imprensa*.

DOCUMENTO

Carta Testamento de Getúlio Vargas

A Carta Testamento de Getúlio Vargas é um dos documentos mais importantes da história política brasileira contemporânea.

Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam, e não me dão o direito de defesa. [...] A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobras foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

[...] Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

VARGAS, Getúlio. Carta Testamento. Disponível em: <www0.rio.rj.gov.br/memorialgetuliovargas/conteudo/expo8.html>. Acesso em: 16 jun. 2018.



Homenagem a Vargas em 24 de agosto de 1954. Nesse dia, milhares de trabalhadores foram para as ruas das principais capitais do país homenagear Getúlio Vargas.

- Na Carta Testamento, Vargas denunciou as atividades de grupos nacionais e estrangeiros contra o desenvolvimento do país. Quais foram as principais denúncias?

Para desenvolver

A morte de Getúlio Vargas

Sugerimos que você apresente para a turma a reportagem da TV Senado descrita a seguir, com cerca de 14 minutos, antes de os alunos realizarem e debaterem a atividade sobre a Carta Testamento de Getúlio Vargas.

BRASIL. Senado Federal. *Reportagem especial lembra momentos decisivos da morte de Getúlio Vargas*. Disponível em: <www.senado.leg.br/noticias/TV/Video.asp?v=363326&m=360767>. Acesso em: 22 out. 2018.

Documento

- Segundo Vargas, grupos nacionais e internacionais, em aliança, eram contra as leis trabalhistas. No Congresso Nacional foi impedida a lei que taxava os lucros extraordinários das empresas – os lucros das empresas estrangeiras chegaram a 500% ao ano. O reajuste do salário mínimo também sofreu muitas resistências. A oposição atacava a Petrobras e impediu a fundação da Eletrobras. O principal produto de exportação do Brasil, o café, sofreu grande desvalorização.

Para desenvolver

As eleições de 1955

Destaque para a turma que nas eleições presidenciais de 1955, Juscelino Kubitschek (PSD), que era governador de Minas Gerais, obteve pouco mais de 3 milhões de votos, enquanto seu candidato a vice, João Goulart (PTB), alcançou quase 3,5 milhões. A aliança entre o PTB e o PSD foi fundamental não apenas para a vitória de JK como também garantiu a seu governo uma forte base de apoio no Congresso Nacional.

Ressalte também que havia nessa época no Exército brasileiro uma forte ala nacionalista e legalista, em grande medida liderada pelo general Henrique Lott, que desempenhou um papel fundamental para garantir a posse de Juscelino Kubitschek, impedindo a consecução de um golpe udenista em novembro de 1955.

Fique ligado

BENEVIDES, Maria Vitória. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CARLONI, Karla. *Forças Armadas e democracia no Brasil: 0 11 de novembro de 1955*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

Para ampliar as informações sobre as eleições de 1955, a tentativa frustrada dos udenistas em desfechar um golpe político em novembro desse ano e as medidas políticas e econômicas adotadas durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), indicamos os três livros acima.

1955: Juscelino Kubitschek é eleito presidente da República. General Henrique Lott garante legalidade democrática.

▶ A crise da sucessão

Com a morte de Vargas, o vice-presidente Café Filho tomou posse na Presidência da República. Nas eleições presidenciais de outubro de 1955, o PSD lançou a candidatura de Juscelino Kubitschek – JK, como era conhecido. João Goulart, líder do PTB, foi candidato a vice-presidente. A união PTB-PSD parecia ser muito forte para a sucessão presidencial. O próprio Partido Comunista do Brasil, embora na ilegalidade, apoiou a chapa JK-Jango.

A UDN lançou como candidato o general Juarez Távora. Mas Carlos Lacerda atuou de maneira antidemocrática. Prevendo a derrota da UDN, ele defendeu um golpe militar para impedir as eleições presidenciais, mas estas ocorreram normalmente em outubro de 1955.

A legalidade democrática

JK foi vitorioso com 35,6% dos votos, enquanto o candidato da UDN alcançou 30,2%. Entretanto, grupos políticos e militares, insatisfeitos com os resultados das eleições, tentaram dar um golpe e impedir a posse de Juscelino na Presidência da República. Carlos Lacerda foi o maior incentivador do movimento golpista.

No entanto, o general Henrique Lott, ministro da Guerra (então ministro do Exército), acionou as tropas militares e garantiu a legalidade democrática. Juscelino tomou posse, conforme a vontade popular.

▶ O governo Juscelino Kubitschek

Em janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek tomou posse como presidente democraticamente eleito do Brasil. O lema de governo de JK era fazer o Brasil crescer “50 anos em 5”. Ele tinha como projeto desenvolver o país.

Com as bases lançadas por Vargas, Juscelino deu continuidade ao processo de industrialização, apresentando ao país o seu **Plano de Metas**. O governo JK investiu fortemente no setor de energia elétrica, aumentando sua produção em 82%, a produção de aço em 60%, a de petróleo em 76% e a de cimento em 62%.

Juscelino também facilitou e estimulou a entrada das empresas estrangeiras no país. Muitas empresas estadunidenses e europeias, além das brasileiras, começaram a produzir eletrodomésticos e automóveis no país.

O candidato à Presidência da República pelo PSD, Juscelino Kubitschek (à direita), e seu candidato à Vice-Presidência pelo PTB, João Goulart (no centro), visitam o comitê feminino da campanha eleitoral no segundo semestre de 1955. A aliança entre o PSD e o PTB foi fundamental para a vitória eleitoral de Juscelino.



Construção de Brasília

No Plano de Metas, um de seus objetivos era muito ambicioso: a construção da nova capital do país, Brasília. Nessa época, a maioria das grandes cidades brasileiras estava no litoral. Para JK, a capital no centro do país atrairia milhões de pessoas, com novas cidades, empresas e oportunidades de emprego.

O arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa planejaram Brasília. Para interiorizar o país, o governo Juscelino abriu uma série de estradas partindo de Brasília: para Belém, para Rio Branco, para Belo Horizonte, para Fortaleza e para Goiânia. Também foram construídos mil quilômetros de ferrovias. A partir de então, o Brasil começou de fato a se interiorizar.

O presidente Juscelino Kubitschek, na janela do caminhão, percorre trecho da recém-inaugurada rodovia ligando Belém a Brasília. Fotografia de 1959.



Acervo Iconographia/Reminiscências

061 Filmes/Shutterstock

Para desenvolver A construção de Brasília

Ao analisar a construção da nova capital do país, Brasília, resalte para a turma que, para coordenar tal tarefa, Juscelino Kubitschek instituiu, ainda durante o seu primeiro ano de governo, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). As obras dos principais prédios de Brasília, situados no "Plano Piloto", transcorreram entre janeiro de 1957 e abril de 1960, período em que a população do novo Distrito Federal do país passou de cerca de 12 mil pessoas para quase 65 mil habitantes, dos quais em torno de 20 mil trabalhavam diretamente na construção civil.



Vista da Praça dos Três Poderes, em Brasília, DF. Ela abriga o Poder Legislativo, com o prédio do Congresso Nacional (ao centro); o Poder Executivo, com o Palácio do Planalto (à esquerda); e o Poder Judiciário, com o prédio do Supremo Tribunal Federal (à direita). Em 21 de abril de 1960, Juscelino Kubitschek inaugurou a nova capital do país, Brasília. O Plano Piloto, um projeto bastante ousado, foi elaborado pelo urbanista Lúcio Costa, enquanto a arquitetura dos prédios foi responsabilidade de Oscar Niemeyer. O plano urbanístico é em forma de um "avião". Em 1987, a cidade recebeu da Unesco o título de Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. Fotografia de 2018.

Para desenvolver

Movimentos sociais durante o governo JK

Ressalte para os alunos que durante a segunda metade da década de 1950, nos anos do governo JK, os movimentos sociais no campo e nas cidades se intensificaram. Na zona rural, cresceu a luta por reforma agrária e a formação de sindicatos e associações como as Ligas Camponesas, com forte atuação no interior do Nordeste – região do país marcada, nesse contexto, por problemas decorrentes da seca, como a miséria, a fome, os índices elevados de mortalidade infantil e a precariedade dos sistemas de saúde e educação. Nas cidades, em um cenário de maior liberdade política e de interlocução constante com o Ministério do Trabalho, o movimento sindical se fortaleceu em um contexto com baixo desemprego e aumentos anuais no salário mínimo, o que potencializou a luta por novas conquistas, como a Lei Orgânica da Previdência Social, aprovada em agosto de 1960 e que assegurou a participação de representantes sindicais nos conselhos de gestão dos Institutos de Aposentadorias e Pensões.

A história não está sozinha

Música

- Os principais temas das músicas “Chega de saudade”, “Desafinado” e “Garota de Ipanema” são o amor, o namoro, a saudade, o Sol e o mar. Se possível, o professor pode reproduzir trechos dessas músicas para os alunos em sala de aula, para que eles entrem em contato com outros tipos de sonoridade musical, diferentes das que estão acostumados a escutar na atualidade.

Fique ligado

Um sonho intenso (Brasil). Direção de José Mariani, 2015. 102 min.

O documentário aborda a história econômica do Brasil e o projeto nacional-desenvolvimentista, de 1930 aos dias atuais.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Música

Os músicos brasileiros compunham e cantavam principalmente sambas e boleros. Na época do governo Juscelino Kubitschek, grupos de jovens se reuniam para ouvir músicas de vários tipos, sobretudo o jazz estadunidense. Um deles, João Gilberto, inventou uma nova batida de samba no violão com a música “Chega de saudade”. A batida diferente ficou conhecida como Bossa Nova. Muitos músicos participaram do novo movimento musical, como Tom Jobim, Vinicius de Moraes e Nara Leão. Da Bossa Nova ficaram músicas até hoje conhecidas mundialmente, como “Garota de Ipanema”.



- Pesquise as letras de três músicas bastante representativas da Bossa Nova: “Chega de saudade”, “Desafinado” e “Garota de Ipanema”. Depois, faça a seguinte avaliação: quais são os temas presentes nas letras dessas músicas?

FIQUE DE OLHO

Os anos JK – Uma trajetória política (Brasil). Direção de Sílvio Tendler, 1980. 110 min.

Documentário sobre a trajetória política de Juscelino Kubitschek, seu projeto desenvolvimentista e as perseguições que sofreu durante a ditadura militar.

Crise em fim de mandato

Durante o governo de Juscelino Kubitschek, o Brasil conheceu um período de importante crescimento econômico com democracia. Muitos escritores chamam essa época de “anos dourados”.

Mas nem tudo corria tranquilamente em seu governo. No nordeste brasileiro, os trabalhadores rurais eram duramente explorados pelos grandes proprietários de terras. Em Pernambuco, eles se organizaram nas Ligas Camponesas, exigindo melhores condições de vida e terra para trabalhar.



Nas revistas, os humoristas criticavam a alta dos preços, que prejudicava os trabalhadores. Na charge de 1960, do cartunista Théo, publicada na Revista Careta, Juscelino diz para o Jeca: “Tenho apelado para o patriotismo dos dois, Jeca, eles porém não se entendem!”. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Material digital

Para ampliar os temas abordados no bimestre, verifique, no Plano de desenvolvimento, o projeto integrador *O que aconteceu no período dos anos dourados?*

No último ano de seu governo, em 1959, surgiram graves problemas financeiros. Para construir hidrelétricas, estradas, siderúrgicas, ferrovias e a nova capital, JK obteve empréstimos externos.

Ao final do governo, JK encontrou dificuldades para saldar o pagamento das parcelas da dívida. O governo também enfrentava o aumento da **inflação**.

Juscelino preferiu ignorar os problemas econômicos e financeiros. Ele estava em final de mandato. Caberia ao seu sucessor enfrentar e resolver os problemas deixados por ele.

▶ A sucessão presidencial

Nas eleições presidenciais de outubro de 1960, o PSD e o PTB lançaram como candidato à Presidência da República o marechal Henrique Teixeira Lott. Ele defendia a legalidade democrática e o nacionalismo. O candidato a vice-presidente era novamente João Goulart.

As esquerdas cresceram nessa época e apoiaram a candidatura de Lott. Sindicalistas do PCB e do PTB atuaram juntos na direção de sindicatos. Em 1962, fundaram o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Os estudantes se organizaram na União Nacional dos Estudantes (UNE).

O ex-governador de São Paulo, Jânio Quadros, lançou-se candidato às eleições presidenciais por um pequeno partido. A UDN resolveu apoiar sua candidatura.

Jânio Quadros criticava o governo de Juscelino pela inflação e corrupção. Nas eleições, Jânio foi vitorioso; recebeu 48% do total dos votos, o maior percentual que um candidato a presidente, até então, recebera do eleitorado. Para vice-presidente, foi eleito João Goulart.



Arquivo Iconographia/Plenimiscências

Durante comício na campanha à Presidência da República, Henrique Lott, de chapéu, ouve o discurso do candidato a vice-presidente João Goulart. Fotografia de maio de 1960.

Democracia e desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964) | CAPÍTULO 13 ◀ 229

Fique ligado

Assim era a Atlântida (Brasil). Direção de Carlos Manga, 1974. 105 min.

O filme narra a produção cinematográfica da Atlântida entre 1945 e 1959.

Rio 40 Graus (Brasil). Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1955. 93 min.

Filme inovador para a época, ao contar a vida da população da cidade do Rio de Janeiro por meio de garotos ambulantes.

Rio Zona Norte (Brasil). Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1957. 87 min.

A trama do filme gira em torno de um compositor de escola de samba e das dificuldades que enfrentou na vida.

Nise – O coração da loucura (Brasil). Direção de Roberto Beliner, 2016. 108 min.

O filme reconstitui a vida da médica Nise da Silveira e sua luta por tratamento humano aos pacientes de um hospital psiquiátrico.

Garrincha, a alegria do povo (Brasil). Direção de Joaquim Pedro de Andrade, 1963. 60 min.

O filme trata da vida de Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha, um dos mais famosos jogadores de futebol de todos os tempos no Brasil.

Gonzaga – de pai pra filho (Brasil). Direção de Breno Silveira, 2012. 120 min.

A vida artística e pessoal de Luiz Gonzaga Nascimento e os conflitos com o filho Gonzaguinha são tratados no filme.

■ Para desenvolver

A eleição de Jânio

Na análise das eleições presidenciais de outubro de 1960, ressalte para a turma que cerca 12,5 milhões de brasileiros votaram nesse pleito, em que o grande vitorioso foi Jânio da Silva Quadros, candidato da coligação PTN (Partido Trabalhista Nacional)/UDN e ex-governador de São Paulo, que obteve 48% dos votos. Jânio pautou sua campanha nas propostas em torno da moralização da administração pública e

do combate à corrupção, que compõem o mote central de seu *jingle* político, com a seguinte letra: "Varre, varre vassourinha / varre, varre a bandalheira / que o povo já tá cansado / de sofrer dessa maneira / Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado! / Jânio Quadros é a certeza de um Brasil moralizado! / Alerta, meu irmão! / Vassoura, conterrâneo! / Vamos vencer com Jânio!".

Para desenvolver

Algumas decisões de Jânio

Comente com a turma que durante os cerca de sete meses em que governou o país, Jânio tomou diversas medidas sem importância e que motivaram críticas e zombarias, como proibir o uso de biquínis em concursos de beleza. Outra medida que na época foi motivo para risos, mas posteriormente levada a sério, foi a proibição de competições com briga de galos.

Outras histórias Modos de viver

- Resposta pessoal. Os estudantes poderão estabelecer relações entre as condições de vida dos povos indígenas em período anterior e a ameaça dos grandes fazendeiros às suas terras. Com a criação do parque, o governo federal garantiu aos indígenas terras onde podiam cultivar suas tradições culturais e seu modo de vida.

De olho na BNCC

Ao analisar com os alunos o contexto político, econômico e social durante os governos Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961-1964), analise-os entre as páginas 230 e 237, lembre-se de que você promoverá o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- EF09HI17 – Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.
- EF09HI18 – Descrever e analisar as relações entre as transformações urbanas e seus impactos na cultura brasileira entre 1946 e 1964 e na produção das desigualdades regionais e sociais.
- EF09HI21 – Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura.

1964: Comício da Central do Brasil. Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Revolta dos Marinheiros. Golpe militar.



Reprodução/Correio Braziliense/D.A. Press
Seguindo a Política Externa Independente, o presidente Jânio Quadros recebeu o ministro da Indústria e Comércio de Cuba, Ernesto Che Guevara, no Palácio do Planalto, Brasília, DF, e o condecorou com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais importante comenda do país, o que contrariou grupos políticos conservadores. Fotografia de 19 de agosto de 1961.

O governo Jânio Quadros

Jânio Quadros assumiu a Presidência diante de grave crise econômica. O país cresceu com Juscelino, mas as contas públicas estavam descontroladas e a inflação aumentava. Jânio fez um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), cujas exigências gerariam a redução do crescimento econômico e o desemprego.

Na política externa o governo era avançado para os padrões da época. Jânio Quadros instituiu a chamada Política Externa Independente, em que o Brasil não ficaria mais subordinado aos interesses dos Estados Unidos. Jânio reatou relações comerciais com a União Soviética e com os países do bloco socialista, além da China comunista.

Jânio, no entanto, tinha um relacionamento difícil com o Congresso Nacional. Ele instituiu comissões de inquérito que descobriram envolvimento de deputados e senadores em atos de corrupção. Além disso, a UDN estava insatisfeita com a Política Externa Independente.

OUTRAS HISTÓRIAS MODOS DE VIVER

A política indigenista

Durante a Presidência de Getúlio Vargas, o governo adotou as propostas de política indigenista defendidas pelos irmãos Villas Bôas: os indígenas teriam garantidas grandes extensões de terras em reservas fechadas. Somente os funcionários do governo, médicos e assistentes sociais teriam acesso às reservas indígenas.

Em 1952, Vargas criou o Parque Nacional do Xingu, um território do tamanho da Bélgica. As resistências foram muitas, sobretudo de fazendeiros. Mas, em 1961, no governo de Jânio Quadros, o Congresso Nacional aprovou o decreto de Vargas. Os resultados foram muito positivos: a população indígena da região, que até então apresentava queda demográfica, voltou a crescer.

Mato Grosso: Parque Indígena do Xingu (2010)



Fonte: elaborado com base em FUNAI. Terras indígenas. Disponível em: <<http://cmr.funai.gov.br/mapa>>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Eric G. Ludano/Arquivo da editora



- Em sua opinião, o que melhorou na vida dos povos indígenas com a criação do Parque Indígena do Xingu?

230 ► UNIDADE 4 | América Latina e Brasil: democracia, ditadura e revolução

Fique ligado

Renúncia de Jânio Quadros [Brasil]. TV Brasil, 2011. 25 min. Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br/delapraça/episodio/renuncia-de-janio-quadros>>. Acesso em: 22 out. 2018.

Jânio Quadros foi o último presidente eleito antes do golpe que impôs a Ditadura Militar no Brasil. Ele governou o país durante sete meses, de 31 de janeiro de 1961 a 25 de agosto de 1961, data em que renunciou. Os 50 anos dessa renúncia são lembrados nessa reportagem do programa “De Lá pra Cá”, produzido pela TV Brasil.

▶ A crise da renúncia

No dia 25 de agosto de 1961, sete meses após sua eleição, inesperadamente Jânio Quadros enviou uma carta ao Congresso Nacional renunciando ao cargo de presidente da República. A notícia chocou o país, pois era difícil encontrar uma justificativa para essa decisão.

Tudo indica que Jânio queria dar um golpe de Estado e governar o Brasil como um ditador. Ele sabia que muitos militares não aceitariam a posse do vice-presidente João Goulart e esperava que as Forças Armadas e o povo saíssem às ruas para defender sua continuidade no poder.

Nada disso aconteceu. O Congresso Nacional acatou imediatamente a renúncia. A Constituição dizia que, nesse caso, o vice-presidente deveria tomar posse, mas os três ministros militares (da Guerra, da Marinha e da Aeronáutica) não aceitaram. Exigiram que o Congresso votasse seu **impeachment**.

Tratava-se, portanto, de um golpe militar e de um desrespeito à Constituição do país. O Congresso Nacional não aceitou a imposição dos ministros militares. O governador do estado do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, defendeu o cumprimento da Constituição e a posse de Goulart na Presidência da República.

Campanha da Legalidade

O movimento que defendia a posse de João Goulart ficou conhecido como Campanha da Legalidade e recebeu apoio inicial da população do Rio Grande do Sul e depois de todo o país. A União Nacional dos Estudantes, a Ordem dos Advogados do Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o movimento sindical, jornais e partidos políticos exigiam o cumprimento da Constituição.

A maioria da sociedade brasileira não queria golpes de Estado, e sim o cumprimento da Constituição e a continuidade da democracia. Líderes de vários partidos políticos e ministros militares chegaram a um acordo: seria instituído no Brasil o regime parlamentarista. João Goulart tomaria posse, mas não governaria o país. João Goulart aceitou o regime parlamentarista porque o país estava muito dividido. No dia 7 de setembro de 1961, ele assumiu o cargo de presidente da República.

O governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola (à esquerda), recebe João Goulart (à direita) em Porto Alegre, RS, após a vitória da Campanha da Legalidade, em 1961.



Antonio Ronek/O Cruzeiro/EM/Correio Braziliense/D.A. Press

Democracia e desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964) | CAPÍTULO 13 ◀ 231

CÁ ENTRE NÓS

A Constituição de 1946 permitia que o eleitor escolhesse o presidente de um partido político e o vice-presidente de outro. Por isso, João Goulart, candidato a vice-presidente de Henrique Lott, foi eleito vice de Jânio.

Impeachment: palavra inglesa cuja tradução literal é “impugnação”. Trata-se, no caso, da impugnação do mandato do presidente da República pelo Congresso Nacional, ou seja, de impedi-lo de continuar o mandato.

Para desenvolver

A “Campanha da Legalidade”

Comente com a turma que não foi casual a iniciativa de Jânio Quadros de enviar o vice-presidente João Goulart para chefiar a missão comercial à China poucos dias antes de sua renúncia, em 25 de agosto de 1961. A ausência do vice-presidente no país reforça a hipótese de um plano golpista. Com relação à “Campanha da Legalidade”, fundamental para impedir a consecução de um golpe militar e garantir a posse de João Goulart na presidência da República, resalte para os alunos que a liderança desse movimento coube a Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, que, em uma das primeiras transmissões radiofônicas realizadas ao longo de 14 dias, afirmou:

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul cumpre o dever de assumir o papel que lhe cabe nesta hora grave da vida do País. Cumpre-nos reafirmar nossa inalterável posição ao lado da legalidade constitucional. Não pactuaremos com golpes ou violências contra a ordem constitucional e contra as liberdades públicas. Se o atual regime não satisfaz, em muitos de seus aspectos, desejamos é o seu aprimoramento e não sua supressão, o que representaria uma regressão e o obscurantismo. A renúncia de Sua Excelência, o Presidente Jânio Quadros, veio surpreender a todos nós.

A mensagem que Sua Excelência dirigiu ao povo brasileiro contém graves denúncias sobre pressões de grupos, inclusive do exterior, que indispensavelmente precisam ser esclarecidas. Uma Nação que preza a sua soberania não pode conformar-se passivamente com a renúncia do seu mais alto magistrado sem uma completa elucidação destes fatos.

Apud FELIZARDO, J. *A legalidade: o último levante gaúcho*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988. p. 20.

Para desenvolver

Conquistas e desafios do governo Jango

Explique para os alunos que entre setembro de 1961 e janeiro de 1963, no contexto inicial da presidência de João Goulart, o Brasil estava sob o regime parlamentarista instituído pela Emenda Constitucional n. 4. No dia 6 de janeiro de 1963, cerca de 11,5 milhões de eleitores foram às urnas para participar de um plebiscito no qual a volta do presidencialismo foi aprovada por 82% dos votantes. O presidente João Goulart obteve, assim, uma importante vitória, mas o cenário econômico era muito grave e as tensões políticas e sociais crescentes. O Plano Trienal, para controle dos gastos públicos e da escalada inflacionária, sofreu forte oposição e acabou abandonado pelo governo ainda em 1963, que chegou ao final com a inflação anual em 78%, em um cenário marcado também por desabastecimento de mercadorias e greves de trabalhadores.

Fique ligado

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *O governo João Goulart. As lutas sociais no Brasil – 1961-1964*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.

FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Obras que analisam o contexto político, econômico e social do Brasil durante o governo de João Goulart (1961-1964).

VOÇÊ JÁ
OUVIU FALAR

... em regime parlamentarista? Nesse regime, o partido político que tiver maioria no Congresso indica o primeiro-ministro, que será o chefe do governo do país. O presidente da República também é eleito, mas não governa. Ele é o chefe do Estado: quando há conflitos entre partidos políticos ou quando o primeiro-ministro perde maioria no Parlamento, o presidente da República dissolve o Congresso Nacional e convoca novas eleições. Assim, os partidos políticos mais votados indicam ao Congresso um candidato para ser primeiro-ministro.

O governo João Goulart

O objetivo do governo de João Goulart era conseguir aprovar as chamadas “reformas de base”. As principais reformas eram: a agrária, a urbana, a fiscal, a administrativa, a bancária e a universitária. Também estavam contemplados o direito de voto aos analfabetos, o controle do capital estrangeiro e a estatização de empresas importantes para o desenvolvimento do Brasil.

Goulart viajou aos Estados Unidos e encontrou-se com o presidente estadunidense John Kennedy. O governo dos Estados Unidos e o FMI exigiram que Goulart adotasse uma política econômica similar à de Jânio Quadros, que resultaria em falências de empresas e desemprego no Brasil. O presidente Goulart não aceitou as imposições.

Em pouco tempo, líderes de partidos políticos, sindicalistas e militares ficaram insatisfeitos com o regime parlamentarista. O Congresso Nacional aprovou uma medida que convocava um plebiscito para saber se o povo queria a continuidade do regime parlamentarista. A maioria votou pelo retorno do regime presidencialista. Em janeiro de 1963, João Goulart começou efetivamente a governar o Brasil.

Retorno do presidencialismo

No início de 1963, a situação econômica brasileira era de total descontrole. Os preços aumentavam, faltavam produtos nos mercados e várias categorias de trabalhadores declaravam greves para manter o valor de seus salários. Para responder a essa situação, o presidente elaborou um plano: o Plano Trienal.

O Plano Trienal começaria com medidas conservadoras para controlar a inflação: cortes nos gastos públicos e limitações nos aumentos salariais. Quando a inflação fosse reduzida, o plano previa a aprovação das reformas de base. A reforma agrária, por exemplo, criaria amplo mercado consumidor e permitiria o crescimento ordenado do país.

O presidente João Goulart discursa na solenidade de assinatura do decreto que criou a Eletrobras, Rio de Janeiro, RJ. Fotografia de junho de 1962.



Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

O presidente encontrou o apoio de muitos empresários, particularmente de São Paulo, mas o setor sindical foi contra. Clodesmidt Riani, a UNE e lideranças importantes de esquerda, como Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luís Carlos Prestes, foram contra o Plano Trienal. Sem apoio, Goulart abandonou o plano.

A radicalização política

A partir de meados de 1963, cresceu a radicalização política. As esquerdas queriam aprovar a reforma agrária “na lei ou na marra”, como se dizia na época. Na “lei” era com a aprovação do Congresso Nacional. Na “marra” era ignorando o próprio Poder Legislativo.

Ao mesmo tempo, atuavam várias organizações de direita. O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad) atacavam o governo e denunciavam a ameaça do comunismo para o país.

Goulart tentou aprovar a reforma agrária se esforçando para unir o PTB com o PSD no Congresso Nacional, mas os dois partidos não chegaram a um acordo. Segundo a Constituição, o proprietário das terras tinha de ser indenizado em dinheiro. O PTB não aceitava as indenizações. O PSD insistia nelas, mesmo que fossem reduzidas.



Arquivo Iconographia/Hemisfério

No I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, ocorrido em Belo Horizonte, MG, a maior exigência era a realização imediata da reforma agrária. Fotografia de novembro de 1961.

Democracia e desenvolvimentismo no Brasil (1946-1964) | CAPÍTULO 13 ◀ 233

FIQUE DE OLHO

Jango (Brasil).
Direção de Sílvio Tandler, 1984.
117 min.

Documentário sobre a trajetória política de João Goulart, centrado sobretudo em seu governo e no golpe que o destituiu da Presidência da República.

Para desenvolver

Movimentos culturais e estudantis

Explique para os alunos que, do ponto de vista cultural, o período 1961-1964 corresponde à primeira fase do “Cinema Novo” e também de grande atividade do Centro de Cultura Popular (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Esses e outros movimentos culturais engajados mantinham muitos aspectos em comum, especialmente uma estética — cinema, teatro, música, literatura e artes plásticas — fortemente vinculada às aspirações de transformação da realidade brasileira, na perspectiva de superação do subdesenvolvimento nacional.

Fique ligado

O pagador de promessas (Brasil). Direção de Anselmo Duarte, 1962. 95 min.

Baseado em peça de Dias Gomes, *Zé do Burro* é um homem simples que quer cumprir sua promessa, mas enfrenta a prepotência da polícia e do padre.

Vidas secas (Brasil). Direção de Nelson Pereira dos Santos, 1963. 103 min.

Baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos, narra a vida e a luta de uma família nordestina que foge do flagelo da seca.

Ganga Zumba (Brasil). Direção de Cacá Diegues, 1964. 100 min.

No início do século XVI, alguns negros fugiram dos senhores portugueses e fundaram aldeias negras, como o Quilombo dos Palmares.

Deus e o diabo na terra do sol (Brasil). Direção de Glauber Rocha, 1964. 125 min.

O sertanejo Manoel e sua mulher Rosa decidem juntar-se a um grupo religioso liderado por um santo (Sebastião) que lutava contra os grandes latifundiários e em busca do paraíso após a morte. Os latifundiários decidem contratar Antônio das Mortes para perseguir e matar o grupo.

Atividade complementar

A seu critério, apresente para os alunos a música e a letra da “Canção do subdesenvolvido”, composta por Carlos Lyra e Chico de Assis em 1961, e solicite que analisem e expliquem o sentido, no contexto do movimento das “reformas de base”, de trechos como este: “[...] Embora pense, dance e cante como desenvolvido / O povo brasileiro

não come como desenvolvido / Não bebe como desenvolvido / Vive menos, sofre mais / Isso é muito importante / Muito mais do que importante / Pois difere os brasileiros dos demais / Pela... personalidade, personalidade / Personalidade sem igual / Porém... subdesenvolvida, subdesenvolvida / E essa é que é a vida nacional!”

Para desenvolver

Oposições ao governo Jango

Explique para a turma que, em reação à movimentação popular por reformas e melhores condições de vida, poderosos setores empresariais – articulados por organizações como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes), fundados respectivamente em 1959 e 1962 – desenvolveram intensa campanha anticomunista e de desestabilização do governo João Goulart. Ressalte ainda que, no auge do acirramento político-ideológico dessa época, grupos conservadores e de extrema-direita patrocinaram “Marchas da Família com Deus pela Liberdade” em diversas cidades do país entre março e abril de 1964, expressando forte apoio ao golpe civil e militar que derrubou Goulart da presidência e instalou uma ditadura no país.

Fique ligado

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho*. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

Para que você possa ampliar as suas informações sobre a ampla articulação das forças conservadoras e a difusão de concepções anticomunistas nos primeiros anos da década de 1960, indicamos o livro acima, bem como os filmes a seguir.

Chatô, o rei do Brasil (Brasil). Direção de Guilherme Fontes, 2015. 105 min.

O filme é baseado no livro de Fernando Morais, que narra a vida de Assis Chateaubriand e o contexto político de seu tempo.

O velho – a história de Luís Carlos Prestes (Brasil). Direção de Toni Venturi, 1997. 105 min.

Documentário que narra a vida de Luís Carlos Prestes.

Estado de sítio:

instrumento político utilizado pelos governos em casos de grave crise política, guerras ou catástrofes naturais. Quando decretado, com autorização do Congresso Nacional, o Poder Legislativo e o Poder Judiciário ficam submetidos ao presidente da República. Todas as garantias constitucionais dos cidadãos são suspensas: liberdade de informação, de imprensa, de reunião e de livre expressão da opinião. O cidadão pode ser preso sem acusação formal, sua casa pode ser invadida e sua correspondência pode ser violada.

A oposição da direita

A crise política avançou em fins de 1963. Em setembro, sargentos de esquerda tomaram Brasília, a capital do país. Em outubro, Carlos Lacerda ofendeu o presidente. Goulart, com o apoio dos ministros militares, pediu ao Congresso Nacional o **estado de sítio**. Esquerdas e direitas se uniram contra o presidente. Ele ficou isolado.

No início de 1964, Goulart tomou a decisão de governar somente com as esquerdas. Para isso, ele convocou um grande comício na praça da Central do Brasil, estação ferroviária no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 1964. Em seu discurso, Goulart defendeu as reformas de base, em particular a reforma agrária.

Os diversos grupos de direita e os setores conservadores da sociedade, entretanto, reagiram. Em 19 de março, ocorreu na cidade de São Paulo a Marcha da Família com Deus pela Liberdade. O objetivo era criticar João Goulart, Leonel Brizola e os comunistas. Em várias outras cidades, marchas também foram realizadas. A partir do comício da Central do Brasil, as organizações de direita estavam decididas a derrubar João Goulart da Presidência da República



Após caminharem pelas ruas centrais da cidade de São Paulo, cerca de 500 mil pessoas que participaram da Marcha da Família com Deus pela Liberdade ouviram os oradores no palanque montado na praça da Sé, em São Paulo, SP. A marcha foi uma reação dos setores conservadores ao comício da Central do Brasil, em 1964.

Discurso de João Goulart

O texto abaixo é a transcrição de parte do discurso do presidente João Goulart no comício da Central do Brasil. Leia o texto e responda à questão.

A reforma agrária não é capricho de um governo ou programa de um partido. É produto da inadiável necessidade de todos os povos do mundo. Aqui no Brasil, constitui a legenda mais viva da reivindicação do nosso povo, sobretudo daqueles que labutam no campo.

A reforma agrária é também uma imposição progressista do mercado interno, que necessita aumentar a sua produção para sobreviver.

Os tecidos e os sapatos sobram nas prateleiras das lojas e as nossas fábricas estão produzindo muito abaixo de sua capacidade. Ao mesmo tempo em que isso acontece, as nossas populações mais pobres vestem farrapos e andam descalças, porque não têm dinheiro para comprar.

Assim, a reforma agrária é indispensável não só para aumentar o nível de vida do homem do campo, mas também para dar mais trabalho às indústrias e melhor remuneração ao trabalhador urbano.

Interessa, por isso, também a todos os industriais e aos comerciantes. A reforma agrária é necessária, enfim, à nossa vida social e econômica, para que o país possa progredir, em sua indústria e no bem-estar do seu povo.

Como garantir o direito de propriedade autêntico, quando dos quinze milhões de brasileiros que trabalham a terra, no Brasil, apenas dois milhões e meio são proprietários?

O que estamos pretendendo fazer no Brasil, pelo caminho da reforma agrária, não é diferente, pois, do que se fez em todos os países desenvolvidos do mundo. É uma etapa de progresso que precisamos conquistar e que haveremos de conquistar.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 14 mar. 1964, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=089842&pesq=>>. Acesso em: 16 jun. 2018.



No palanque, ao lado de Maria Tereza Goulart, sua esposa, o presidente João Goulart anunciou as reformas que pretendia realizar, Rio de Janeiro, RJ. Fotografia de março de 1964.

Para desenvolver As “Reformas de Base”

Ao analisar a participação do presidente João Goulart no Comício da Central do Brasil, em 13 de março de 1964, destaque para a turma que as propostas em torno das “Reformas de Base” envolviam mudanças significativas na legislação brasileira, a saber: extensão do direito de voto aos analfabetos e aos subalternos das Forças Armadas; reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária; medidas de teor nacionalista; e a regulamentação das remessas de lucros para o exterior.

Documento

- O presidente ressaltou a importância da reforma agrária para o desenvolvimento econômico e a justiça social no país. Para ele, a reforma agrária diminuiria as desigualdades sociais, aumentaria o mercado consumidor, a produção industrial e as vendas do comércio e reduziria o desemprego. A reforma agrária que pretendia realizar no Brasil havia sido realizada, anteriormente, nos países desenvolvidos.



- Quais são os argumentos usados pelo presidente João Goulart em seu discurso em defesa da reforma agrária?

Para desenvolver

Explique para a turma que, no momento em que militares brasileiros desfecharam um golpe contra o presidente João Goulart, entre 31 de março e 1ª de abril de 1964, o governo dos EUA desencadeou uma operação bélica conhecida como “Operação Brother Sam”. Caso necessário, para apoiar os golpistas, seriam enviados para as costas brasileiras, a partir da frota estadunidense estacionada no Caribe, um porta-aviões, navios de guerra, helicópteros, aeronaves de carga, combustível e 100 toneladas de armas e munição. Mas, ao final, esses recursos não foram necessários.

Fique ligado

O dia que durou 21 anos (Brasil). Direção de Camilo Tavares, 2013. 78 min.

Documentário que narra os bastidores da participação dos EUA na preparação e execução do golpe militar em 1964, analisando documentos que ficaram secretos durante anos.

Uma semana em 64 (Brasil). TV Senado, 2014. Disponível em: <www.senado.leg.br/noticias/TV/Video.asp?v=360026&m=357847>. Acesso: 22 out. 2018.

Programa especial da TV Senado que reconstituiu os últimos dias de março e os primeiros dias de abril de 1964.

O seu lugar na história

Resposta pessoal. Espere-se que o estudante compreenda que até o nome das ruas no município em que ele vive é utilizado para fixar determinada memória política.

VOCE JÁ OUVIU FALAR

... da operação Brother Sam? O governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, pediu apoio ao embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon, para derrubar o presidente João Goulart. Navios de guerra dos Estados Unidos dirigiram-se para a costa brasileira com combustível, armas e munições. O apoio estadunidense ocorreria no caso de resistência ao golpe.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Neste capítulo, você conheceu nomes de diversos presidentes da República, entre eles Eurico Dutra, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Você também conheceu políticos importantes na história política brasileira, como Luís Carlos Prestes, Carlos Lacerda e Leonel Brizola. Alguns desses personagens se tornaram nomes de avenidas, ruas ou praças em sua cidade? Em sua opinião, por que eles receberam essa homenagem?

Crise nas Forças Armadas

A radicalização entre a direita e a esquerda deixou o governo muito enfraquecido, e um episódio foi suficiente para desestabilizar o governo de vez. No dia 25 de março, marinheiros e fuzileiros navais se revoltaram contra o ministro da Marinha, exigindo melhorias nas condições de trabalho.

João Goulart anistiu todos os revoltosos, o que desagradou as Forças Armadas. Para complicar a situação, no dia 30 de março, o presidente ainda foi a uma solenidade de sargentos com a presença dos marinheiros anistiados. Para os oficiais das três Forças Armadas, mesmo os que apoiavam o regime democrático, novamente o presidente estava quebrando as regras militares básicas: a hierarquia e a disciplina.

A caminho do Rio de Janeiro

Na manhã do dia 31 de março, o general Mourão Filho, junto a seus recrutas, partiu da cidade mineira de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. Seu objetivo era derrubar João Goulart da Presidência da República. O general era apoiado pelo governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto. A imprensa, empresários e amplos setores das classes médias apoiaram a deposição de Goulart.

A marcha de Mourão foi apoiada, inclusive, pelos governadores dos estados mais importantes do país. Todos eles colocaram suas polícias militares e civis à disposição para depor Goulart da Presidência. Além disso, o presidente do Senado Federal também apoiou o golpe. O presidente do Supremo Tribunal Federal não se pronunciou.

Goulart sabia de tudo isso. Mas soube de algo muito mais grave: uma frota de guerra dos Estados Unidos estava se dirigindo para a costa brasileira. O objetivo era apoiar, com armamentos e combustíveis, o movimento golpista.



Tropas militares partiram da cidade de Juiz de Fora, MG, com destino ao Rio de Janeiro, RJ, no dia 31 de março de 1964, para depor o presidente João Goulart.

Material digital

Para avaliar o aprendizado de seus estudantes, verifique a proposta de acompanhamento da aprendizagem do 3º bimestre localizada no material digital do Manual do Professor.

O golpe militar

Diante da possibilidade de **guerra civil** e de uma intervenção militar dos Estados Unidos no Brasil, o que resultaria em milhares de mortos, Goulart preferiu evitar a resistência. No dia 1º de abril, ele deixou o Rio de Janeiro e foi para Brasília e, no mesmo dia, para Porto Alegre. Foi nesse dia, 1º de abril, que a maioria dos comandos militares aderiu ao golpe iniciado no dia anterior.

Jango ainda permanecia em território brasileiro, mas o presidente do Senado Federal declarou que estava vago o cargo de presidente da República, legitimando o golpe militar. No dia seguinte, o presidente da Câmara dos Deputados assumiu provisoriamente a Presidência da República.

O golpe civil e militar destituiu o presidente da República, mas nem os derrotados nem os vitoriosos sabiam que haveria uma ditadura militar que duraria 21 anos. Ninguém conhecia como seria o futuro. Clodesmidt Riani tentou organizar uma greve geral de trabalhadores em defesa de Goulart e da legalidade democrática, mas não obteve sucesso. Foi preso pelos militares e condenado a 17 anos de prisão.

Guerra civil: conflito armado que ocorre dentro do próprio país entre grupos políticos e sociais divergentes. Uma das partes, ou ambas, podem contar com apoio militar. Em geral, as guerras civis resultam na destruição das bases econômicas do país e toda a população sofre, em particular os trabalhadores e as parcelas mais pobres do povo.



Atualmente Clodesmidt Riani vive em Juiz de Fora, MG, onde guarda importante acervo documental sobre a história política brasileira da época. Fotografia de 2014.

Créditos das imagens de cima para baixo: Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado; Reprodução/O2 Filmes/Globo Filmes; Reprodução/Fundação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ; Arquivo do Jornal do Brasil/Folhapress; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC; Reprodução/Correio Braziliense/D.A. Press; Acervo Iconographical/Reminiscências; Marcel Gautherot/Acervo do Instituto Moreira Salles

Ana Maria da Costa Evangelista/Acervo da fotografia

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 220?

237

Fique ligado

MORAES, Dênis de. *A esquerda e o golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 2011.

OTERO, Jorge. *João Goulart. Lembranças do exílio*. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 2001.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio A. D.; CASTRO, Celso (Org.). *Visões do Golpe. A memória militar de 1964*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Para ampliar os seus conhecimentos sobre o golpe civil-militar de 1964, confira os livros acima sugeridos.

HELENO, Alexandre Peixoto. *Revisitando as memórias de Clodesmidt Riani: a trajetória de um líder trabalhista nas grandes lutas sociais que antecederam o golpe civil e militar de 1964*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora, MG: Ed. da UFJF, 2007. Disponível em: <www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Alexandre-Peixoto-Helena.pdf>. Acesso em: 22 out. 2018.

PREFEITURA de Juiz de Fora. *Lei Murilo Mendes lança filme sobre a história do sindicalista Clodesmidt Riani*. Disponível em: <www.pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=16752>. Acesso em: 22 out. 2018.

Para saber mais sobre a trajetória política do sindicalista Clodesmidt Riani, antes e após o golpe de 1964, consulte os textos acadêmicos e as notícias institucionais acima oferecidos.

Puxando pela memória

Os dois prédios constituem o congresso nacional, na cidade de Brasília, nova capital do Brasil, a partir de 1960.

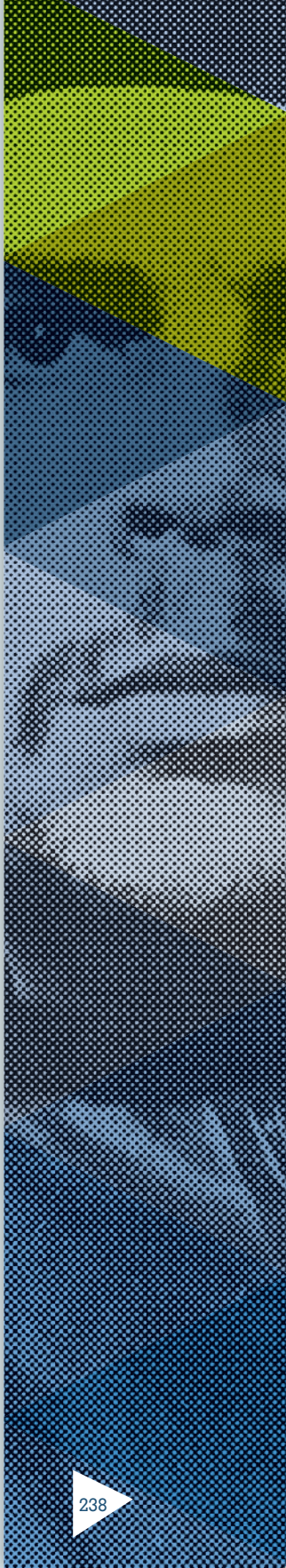
Para desenvolver

A resistência de Jango ao golpe militar

Ressalte para a turma que, diante das evidências de que um golpe militar havia sido deflagrado para depô-lo da presidência da República, João Goulart procurou articular uma resistência, mas a percepção da força e a extensão da conspiração golpista o fez recuar. Em 1º de abril de 1964, Jango seguiu do Rio de Janeiro para Brasília e, em seguida, para o Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre,

Leonel Brizola e o general Ladário Telles ainda tentaram convencer João Goulart a resistir. Mas ele havia percebido o perigo de uma guerra civil no país com consequências imprevisíveis, com sérios riscos para o conjunto da sociedade e, em especial, para os trabalhadores e a população mais pobre. Essa foi a principal razão para o gesto de Goulart de não resistir aos golpistas.

1. O governo de Dutra adotou o liberalismo econômico. As importações foram liberadas, resultando em grave crise econômica. Ele lançou um programa econômico chamado Plano Salte, cuja sigla representa Saúde, Alimentação, Transportes e Energia. Em seu governo, o Partido Comunista do Brasil foi declarado ilegal. Os comunistas e o movimento sindical sofreram perseguições.
2. Ao assumir a presidência da República, Vargas tinha uma política desenvolvimentista. Reaparelhou portos e ferrovias, financiou a construção de rodovias e planejou a instalação da indústria automobilística no país. Criou ainda a Petrobras. Mas herdou de seu antecessor, Eurico Dutra, grave crise econômica. Empresas estadunidenses boicotaram o café brasileiro; trabalhadores fizeram greves. Vargas ainda enfrentava a oposição dos comunistas e da UDN.
3. A crise começou quando o chefe da guarda do presidente mandou matar Lacerda. Mesmo sendo inocente, políticos da UDN e setores das Forças Armadas pretendiam retirá-lo da presidência da República. Antes que isso ocorresse, Vargas cometeu suicídio com um tiro no peito e deixou uma carta aos trabalhadores, conhecida como Carta Testamento.
4. O governo de Juscelino investiu na produção de energia elétrica, aço, petróleo e cimento. Incentivou a entrada do capital estrangeiro no país. Seu governo também construiu estradas e ferrovias. No Plano de Metas, constava ainda a construção da nova capital do país, Brasília. Foi um período de grande crescimento econômico sob regime democrático.
5. Diante da grave crise financeira, o presidente Jânio Quadros fechou acordos com o FMI, cujos resultados foram a diminuição do crescimento econômico e o desemprego dos trabalha-



Alberto Korda/Museu Che Guevara, Havana, Cuba.

O QUE APRENDEMOS?

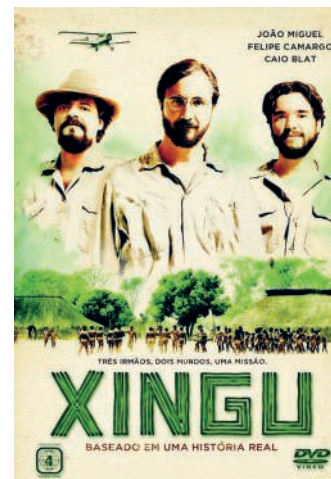
- 1 | Como foi a atuação do governo de Eurico Dutra na economia e suas relações com o movimento sindical?
- 2 | Na Presidência da República, Getúlio Vargas adotou medidas para desenvolver o país, mas enfrentou muitas dificuldades. Comente essa afirmação.
- 3 | Por que a crise política de agosto de 1954 é considerada um dos episódios mais dramáticos da história política brasileira no século XX?
- 4 | O governo Juscelino Kubitschek adotou uma política desenvolvimentista. Comente algumas realizações de seu Plano de Metas.
- 5 | Quais foram as principais realizações do breve governo de Jânio Quadros na economia e nas relações internacionais?
- 6 | A radicalização política prejudicou o governo do presidente João Goulart. Quais eram as forças políticas de esquerda e de direita em conflito nessa época?
- 7 | O que Leonel Brizola tem a ver com a posse de João Goulart na Presidência da República?
- 8 | Qual a relação entre o comício de 13 de março de 1964 na Central do Brasil e o golpe civil-militar que ocorreu no final daquele mês?
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?
Para evitar que os ministros militares dessem um golpe de Estado, o presidente Jânio Quadros convocou o Congresso Nacional para resistir à tentativa golpista.
- 10 | Por que a construção de Brasília foi importante para o desenvolvimento econômico do Brasil?

PESQUISA

Em 1940, o presidente Getúlio Vargas visitou a aldeia dos indígenas Karajá, localizada na ilha do Bananal. Foi o primeiro presidente da República a visitar uma aldeia indígena. Em 1943, os irmãos Villas Bôas sugeriram a formação de reservas para os grupos indígenas. Como vimos neste capítulo, em 1952, Vargas criou o Parque Nacional do Xingu; em 1961, no governo de Jânio Quadros, o Congresso Nacional aprovou o decreto de Vargas.



Em conjunto com outros colegas, faça uma pesquisa sobre a criação do Parque Indígena do Xingu, seu nome atual. Assista ao filme *Xingu* (Brasil, direção de Cao Hamburger, 2012, 102 min.) e conheça o site da Fundação Nacional do Índio (Funai). Cada um dos grupos deverá preparar uma apresentação criativa. Em seguida, deve ser combinado com o professor um dia para que todos possam se apresentar.



Capa do DVD do filme *Xingu*, de Cao Hamburger, 2012.

Reprodução/OZ Filmes/Globo Filmes

dores. Na política externa, adotou a chamada Política Externa Independente, com independência em relação aos Estados Unidos e reatando relações comerciais com União Soviética, China e países do bloco socialista, além de abrir embaixadas em vários países africanos.

6. As esquerdas eram formadas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), a União Nacional dos Estudantes (UNE), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e as Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião,

além de líderes políticos como Leonel Brizola e Miguel Arraes. Grupos da esquerda queriam que o presidente João Goulart governasse somente com seu apoio. Na direita estavam organizados o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). As duas organizações tinham o objetivo de derrubar João Goulart da Presidência da República.

7. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, o vice-presidente deveria ser empossado. Mas os três ministros militares ve-

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

As imagens abaixo mostram duas manifestações políticas. A fotografia à esquerda é do comício de 13 de março de 1964, com a presença do presidente João Goulart. A imagem à direita é da chamada Marcha da Vitória, ocorrida no dia 2 de abril daquele ano, comemorando a vitória do golpe militar que destituiu Goulart da Presidência.

As duas imagens expressam o contexto de radicalização política da época entre esquerda e direita. Observe nas fotografias os lemas que aparecem nas faixas.



Manifestação durante o Comício da Central do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, em 13 de março de 1964.



Marcha da Vitória, na cidade do Rio de Janeiro, RJ, em 2 de abril de 1964.

- Identifique o que os dizeres expressavam no processo de radicalização vivido pela sociedade brasileira naqueles dias e o significado deles.

O PASSADO PRESENTE

Em março de 2014, o golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart fez 50 anos.

Ao longo daquele ano, ocorreram congressos em diversas universidades e instituições de pesquisa, livros foram publicados e historiadores avaliaram o golpe e suas repercussões nas páginas dos jornais.

Passado meio século, o golpe civil-militar foi bastante discutido, debatido e avaliado criticamente, o que demonstra que aquele acontecimento ainda incomoda a sociedade brasileira.



- Forme um grupo com três ou quatro colegas. Debata com eles a seguinte questão: Por que o golpe civil-militar de 1964, ocorrido há mais de 50 anos, ainda recebe tanta atenção da sociedade brasileira?

- ◀ o que significava um golpe contra a legalidade democrática.
- 10. Até aquela época, a maioria das grandes cidades brasileiras estava no litoral. A construção da nova capital no Planalto Central e as estradas que dela partiam permitiram a interiorização do país. Surgiram cidades no interior brasileiro com novas oportunidades de empregos, atraindo milhões de trabalhadores.

Pesquisa

Esta atividade pode fazer com que os estudantes compreendam melhor a situação histórica dos povos indígenas no Brasil, as instâncias de poder ligadas ao assunto e um exemplo de uma obra artística sobre o mesmo tema.

Imagens contam a história

Os lemas expostos nas fotografias são: na primeira imagem, “PCB seus direitos são sagrados” e “Jango, tens a faca e o queijo nas mãos”; na segunda imagem, “Comunismo não” e “Com Deus pela liberdade”. As imagens expressam o processo de radicalização entre esquerdas e direitas. As esquerdas queriam reformas, mas as direitas temiam o avanço do comunismo.

O passado presente

Os estudantes devem perceber que o golpe civil-militar ainda possui consequências vivas na sociedade brasileira, como a busca pelos desaparecidos políticos, o debate em torno das punições e da condenação dos torturadores que estavam a serviço do governo e os reflexos de várias medidas econômicas e políticas estabelecidas no período. Além disso, o golpe deve ser lembrado como uma atitude antidemocrática e autoritária, que não deve ser repetida na história do Brasil.

- ▶ taram a posse do vice-presidente João Goulart. O Congresso Nacional não aceitou a decisão. Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, defendeu a posse de Goulart, liderando a chamada Campanha da Legalidade.
- 8. O presidente João Goulart queria aprovar as reformas de base, sobretudo a reforma agrária. No início de 1964, tomou a decisão de governar somente com partidos e organizações de esquerda. No comício realizado em frente à estação ferroviária da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, no dia 13 de março, o

presidente anunciou as reformas e selou sua aliança com as esquerdas. Grupos e organizações de direita estavam conspirando contra ele. Mas o comício de 13 de março foi o alerta para o desfecho do golpe.

- 9. Jânio Quadros renunciou à Presidência da República, esperando retornar com apoio do povo e do Exército e governar como um ditador. Para evitar que isso ocorresse, o Congresso Nacional aceitou imediatamente a renúncia. A seguir, os ministros militares de Jânio tentaram impedir a posse do vice-presidente, ▶

Capítulo 14 Brasil: a República dos generais

O capítulo aborda o Brasil durante a ditadura militar, regime de exceção que foi implantado após o golpe civil e militar de 1964 e que se estendeu até o início de 1985, quando houve a eleição indireta de Tancredo Neves para a Presidência da República. A personagem principal do capítulo é a estilista Zuzu Angel, que teve seu filho, o estudante de Economia Stuart Angel, sequestrado, torturado e assassinado por agentes da ditadura em 1971, no auge de uma escalada repressiva impulsionada pela decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5).

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar o gradativo fechamento do regime político brasileiro entre 1964 e os anos 1970, com a imposição de diversos “atos institucionais” e a decretação de medidas autoritárias que deram forma jurídica à ditadura militar.
- Examinar as consequências sociais das medidas econômicas implementadas pela ditadura militar entre 1964 e o começo da década de 1980.
- Analisar a resistência e a mobilização política e cultural contra os atos arbitrários cometidos pela ditadura militar, destacando a crescente participação de diversos setores da sociedade brasileira na luta pela anistia e pela completa redemocratização do país.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

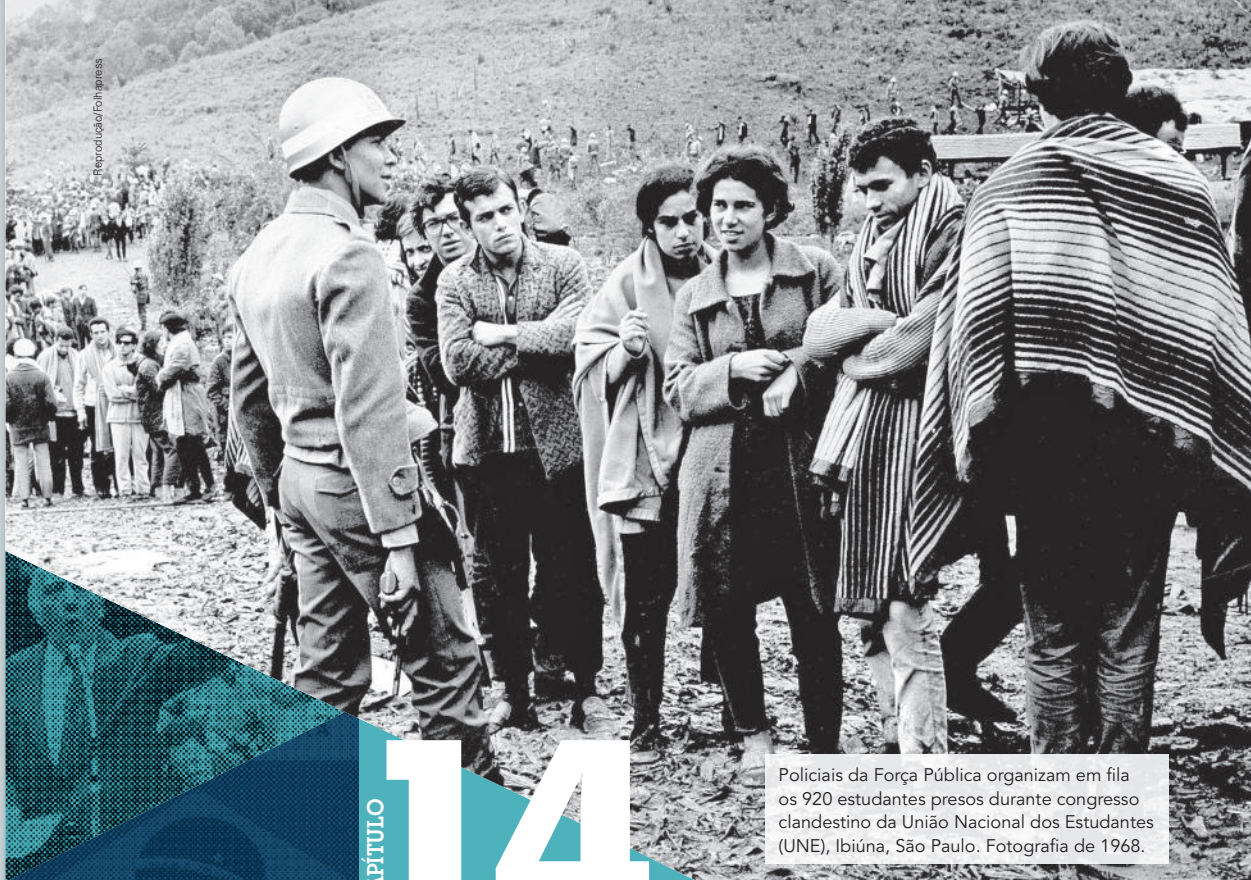
EF09HI19	EF09HI20
EF09HI21	EF09HI22

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Entre 1964 e 1985 a sociedade brasileira viveu sob a ditadura militar. Você poderia comentar algumas práticas das ditaduras?

Créditos das imagens de cima para baixo: Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado; Acervo do autor/Arquivo da editora; Evandro Teixeira/Tyba; Juca Martins/Olhar Imagem; Arquivo do jornal Folha de S. Paulo/Folhapress; Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado.

240



Polícia da Força Pública organizam em fila os 920 estudantes presos durante congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes (UNE), Ibiúna, São Paulo. Fotografia de 1968.

CAPÍTULO 14

BRASIL: A REPÚBLICA DOS GENERAIS

Nos dias 1º de abril e 31 de março de 1964, as Forças Armadas deram um golpe de Estado e derrubaram do poder o presidente João Goulart. Os militares contaram com o apoio da imprensa, das classes médias, de políticos, empresários, latifundiários, igrejas conservadoras, entre outros.

Em nome da democracia, os militares impuseram um regime autoritário, perseguindo opositores, prendendo sindicalistas, cassando mandatos parlamentares de opositores. Protestos contra o autoritarismo do governo militar não eram aceitos e a polícia, nas ruas, espancava os manifestantes.

Os estudantes realizavam passeatas, manifestações e comícios contra a ditadura.

A União Nacional dos Estudantes (UNE) tentou realizar um congresso clandestino em um sítio, na pequena cidade de Ibiúna, no estado de São Paulo, em 12 de outubro de 1968. A polícia chegou e prendeu todas as lideranças e cerca de mil jovens. Dois meses depois, em 13 de dezembro, os militares impuseram o Ato Institucional número 5, impedindo qualquer oposição.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Durante a ditadura militar no Brasil, as liberdades políticas e sociais foram gravemente cerceadas, ocorrendo uma crescente perseguição policial aos opositores do regime autoritário, com a institucionalização de práticas como a tortura e o assassinato de presos políticos. A censura aos meios de comunicação – como rádios, televisões, jornais e revistas – e às atividades artísticas e culturais também constitui um dos traços mais marcantes dos 21 anos de arbítrio vividos no nosso país entre 1964 e 1985.

Material digital

Para auxiliar em seu planejamento escolar e na organização de suas aulas, verifique o plano de desenvolvimento do 4º bimestre localizado no material digital do Manual do Professor.

Angel mãe

Zuleika Angel Jones ficou conhecida no Rio de Janeiro nos anos 1950 como Zuzu Angel. Antes de se mudar para o Rio de Janeiro, viveu em Minas Gerais e na Bahia. Tornou-se uma costureira bastante criativa, sendo influenciada pelo folclore carioca, mineiro e baiano. Criou vestidos coloridos com imagens de papagaios e borboletas, além de acessórios com conchas e bambus.

Zuzu Angel ficou famosa no mundo da moda. Nos anos 1970, abriu uma loja em Ipanema, bairro sofisticado no Rio de Janeiro. Chegou a apresentar desfiles nos Estados Unidos. De seu relacionamento com um estadunidense nasceu o filho Stuart Angel Jones.

Na década de 1970, o Brasil era governado sob o autoritarismo da ditadura dos militares. O sucesso profissional era muito gratificante para Zuzu, que vivia feliz junto do filho. Os militares não a incomodavam, e ela não se importava muito com a ditadura.



Arquivo do jornal Folha de S. Paulo/Folhapress

Zuzu Angel em seu ateliê no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, RJ, nos anos 1970.

Ditadura em primeiro movimento: ser ou não ser uma ditadura?

Os militares derrubaram João Goulart da presidência da República entre os dias 31 de março e 1º de abril de 1964. Contaram com amplo apoio dos empresários, setores das classes médias, meios de comunicação, de vários governadores de Estado e do governo dos Estados Unidos.

Um dos principais líderes dos militares golpistas foi o general Humberto de Alencar Castelo Branco, eleito pelo Congresso Nacional para terminar o mandato do presidente deposto, que se encerraria em 1966. No entanto, prorrogou seu mandato até março de 1967.

Os militares que apoiavam o general Castelo Branco e os parlamentares da União Democrática Nacional (UDN) e do Partido Social Democrático (PSD) entraram em um acordo e decidiram que haveria uma “operação limpeza”, que consistia em punir políticos, sindicalistas, líderes estudantis e ativistas de esquerda, como os trabalhistas e os comunistas. Depois disso, ao final do mandato presidencial de Castelo Branco, o Brasil retornaria à normalidade democrática.

Fique ligado

NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar. São Paulo: Contexto, 2014.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Os textos indicados ampliam as informações sobre a implantação e a consolidação da ditadura militar no Brasil nos anos seguintes ao golpe de 1964.

De olho na BNCC

Ao analisar com os alunos a imposição e consolidação de um regime ditatorial no Brasil entre 1964 e os anos 1970 e realçar a resistência política e cultural ao autoritarismo dessa época, temas presentes entre as páginas 241 e 248 do livro do aluno, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades:

- EF09HI19 – Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.
- EF09HI20 – Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar.
- EF09HI21 – Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura.

Para desenvolver

Ao analisar os primeiros momentos de implantação da ditadura militar no Brasil após o golpe de 1964, resalte para a turma que o Congresso Nacional não foi fechado a princípio, mas dezenas de parlamentares foram cassados, especialmente aqueles ligados ao PTB e ao governo deposto, por força de um Ato Institucional expedido em 9 de abril de 1964. Seis dias depois, um parlamento depurado de opositores do golpe e composto basicamente de políticos do PSD e da UDN elegeu e empossou o primeiro general-presidente da ditadura, Castelo Branco, que ficou no poder até março de 1967.

Para desenvolver

Destaque para a turma que, ao contrário do que anunciou em seu discurso de posse diante de um parlamento esvaziado de representatividade e legitimidade, o primeiro general-presidente, Castelo Branco, por meio sobretudo da edição de Atos Institucionais e decretos-leis, foi gradativamente solapando as bases do Estado Democrático de Direito estabelecido na Constituição de 1946 e concedendo mais poderes para um Executivo dominado pelas Forças Armadas. Exemplos disso são a criação, em setembro de 1964, do Serviço Nacional de Informações (SNI), símbolo do sistema repressivo que se instalou no Estado brasileiro, e a cassação nessa mesma época de cerca de 40 políticos que exerciam mandatos parlamentares, como o ex-presidente Juscelino Kubitschek, então senador por Minas Gerais.

Fique ligado

ALVES, Márcio Moreira. *Tortura e torturados*. Rio de Janeiro: Idade Nova, 1966.

CAPITANI, Avelino B. *A rebelião dos marinheiros*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

COSTA, José Caldas da. *Caparaó: a primeira guerrilha contra a ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Os livros indicados trazem mais informações sobre os setores que primeiro foram atingidos pela repressão política e social perpetrada pelo governo ditatorial de Castelo Branco, entre 1964 e 1967.

Cabra marcado para morrer (Brasil). Direção de Eduardo Coutinho, 1984. 119 min.

O filme trata da história da criação do sindicato rural de Sapé, na Paraíba, a partir do assassinato de seu presidente, João Pedro Teixeira, em 1964, através dos relatos de sua viúva, Elizabeth Teixeira, e com um elenco formado por camponeses. A produção do documentário é interrompida com o golpe militar e retomada apenas 17 anos depois.

Ato Institucional: decreto que dava ao presidente da República poderes que não constavam na Constituição de 1946. O Ato Institucional foi o meio encontrado para dar alguma justificativa jurídica à repressão política do regime militar. O primeiro Ato Institucional não tinha número. Os militares acreditavam que bastaria um único Ato para punir os opositores. Quando resolveram emitir outros Atos, eles passaram a ser numerados.

Asilo político: concessão dada por um país a um cidadão de outro país que, entre outras situações, sofre perseguições políticas.

A Polícia Militar reprimia duramente manifestações estudantis contra o governo militar, espancando e prendendo quem protestasse contra a ditadura. A violência contra a manifestação que vemos na imagem foi tão grande, que o episódio ficou conhecido como sexta-feira sangrenta. Fotografia de 21 de junho de 1968. Rio de Janeiro, RJ.

O Ato Institucional

O ministro do Exército, o general Arthur da Costa e Silva, liderava um grupo de militares chamados de “linha dura”, que ansiava por mais punições. No dia 9 de abril, o governo militar editou um **Ato Institucional**, concedendo ao presidente da República poderes ditatoriais e diminuindo os poderes da Câmara de Deputados e do Senado.

Com o Ato Institucional, o presidente ampliou seu poder. Podia, por exemplo, impedir que qualquer cidadão exercesse seus direitos políticos por dez anos, punir deputados e senadores com a cassação do mandato e demitir quaisquer funcionários públicos civis e militares.

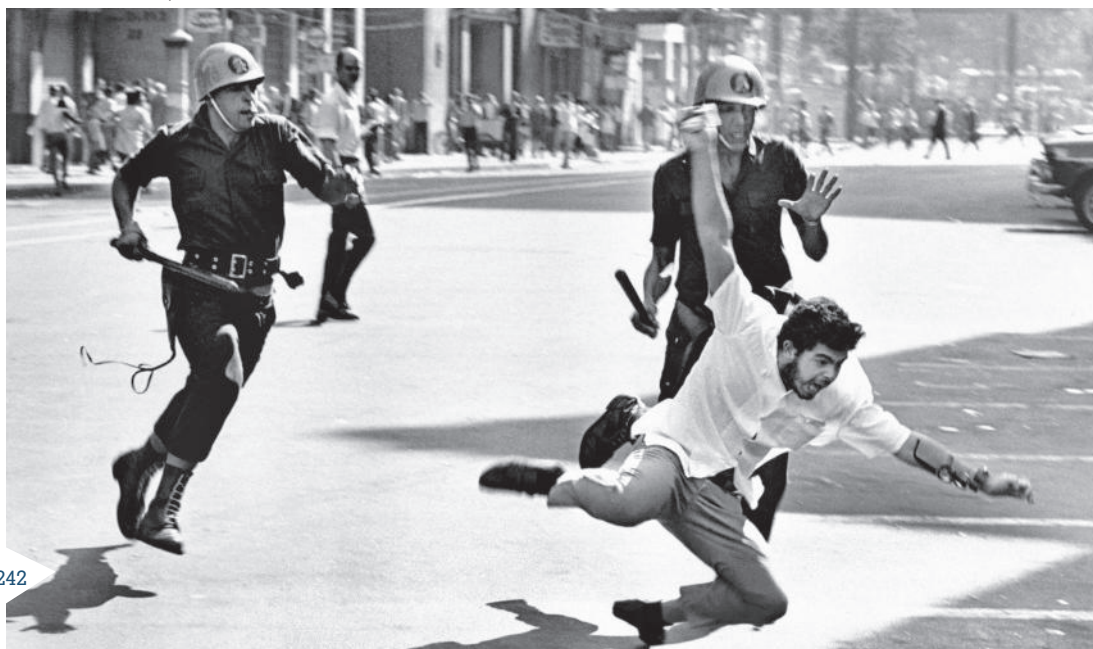
Nesse momento, a sociedade brasileira já vivia sob uma ditadura. Quem detinha o poder político não era mais o Congresso Nacional, mas as Forças Armadas – o Exército, a Marinha e a Aeronáutica.

Começam as violências

Com o Ato Institucional, as principais lideranças políticas, sindicais, estudantis e de esquerda do país foram punidas, enquanto outras pessoas eram presas sem acusação formal. Muitos eram espancados e torturados. Greves de trabalhadores foram proibidas. Para escapar das perseguições, muitos pediram **asilo político** em outros países.

O governo criou o Serviço Nacional de Informações (SNI). Agentes disfarçados se infiltravam nas universidades e repartições públicas, delatando quem fosse contra o governo. Peças de teatro foram censuradas e políticos, intelectuais e artistas enfrentaram Inquéritos Policiais Militares (IPMs) apenas porque defendiam a democracia.

O governo militar afirmava que havia dado o golpe para salvar a democracia, mas se mostrava cada vez mais autoritário e ditatorial.



242

Ewandro Teixeira/Fyba

Atividade complementar

A seu critério, selecione e exiba para a turma um trecho com cerca de 15 a 20 minutos da reportagem especial sobre o governo ditatorial de Castelo Branco (1964-1967), produzida pela UNIVESP TV e disponível no seguinte endereço: <<https://univesp.br/noticias/programa-1964-fala-sobre-o-governo-de-castelo-branco-apos-o-golpe-militar/#W70hfmhKiUk>>. Acesso

em: 9 out. 2018. A seguir, oriente os alunos a se expressar oralmente sobre as principais medidas adotadas nesse contexto e que confirmam a seguinte afirmação, presente na página 242 do livro do aluno: “O governo militar afirmava que havia dado o golpe para salvar a democracia, mas se mostrava cada vez mais autoritário e ditatorial.”.

Modificações no processo eleitoral

O regime militar impôs medidas antidemocráticas. Em 1965, emitiu o Ato Institucional nº 2, que acabava com os partidos políticos existentes. Permitiu a criação de apenas dois: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido da oposição.

O presidente não seria mais eleito pelo povo, e sim pelo Congresso Nacional. O AI-2 permitia também a Castelo Branco fechar o Congresso Nacional, punir parlamentares com a perda do mandato e intervir no Poder Judiciário.

Em 1966, com o Ato Institucional nº 3, as eleições para governadores de estado e para prefeitos das capitais não seriam mais diretas. O governador seria eleito pela Assembleia Legislativa do estado e os prefeitos seriam nomeados pelos governadores.

Castelo Branco enviou projeto de Constituição ao Congresso Nacional. Em janeiro de 1967, o Congresso promulgou a nova Constituição do país.

A hora do arrocho

Quando ocorreu o golpe militar, a economia do país estava em estado de descontrole. A inflação, no ano de 1963, tinha sido de 78%. A resposta do governo prejudicou não só o conjunto dos trabalhadores, mas também muitos empresários. Para reduzir a inflação, o governo praticou o “arrocho” salarial. Os salários valiam cada vez menos.

Desemprego, falência de empresas, redução do poder de compra dos trabalhadores, repressão política. A ditadura militar começou a se tornar impopular.

Ao final do governo de Castelo Branco, o general Costa e Silva se impôs como candidato oficial à sucessão presidencial. Liderando a “linha dura” militar e civil, foi eleito pelo Congresso Nacional em março de 1967.

Oposição no governo Costa e Silva

Em fins de 1966, surgiu uma oposição ao governo militar: a união dos líderes dos partidos políticos extintos pela ditadura. Carlos Lacerda, da UDN, Juscelino Kubitschek, do PSD, e João Goulart, do PTB, formaram a Frente Ampla.

Na sociedade brasileira, muitos ainda apoiavam o regime militar, mas muitos outros eram contra. A maioria dos artistas, em especial cantores e atores de teatro, criticava a ditadura com suas músicas e peças teatrais. Intelectuais e escritores também faziam oposição.

Tornaram-se comuns conflitos entre estudantes e a Polícia Militar.

No dia 28 de março de 1968, a Polícia Militar matou um estudante: Edson Luís de Lima Souto, de apenas 18 anos, gerando mais protestos.

CÁ ENTRE NÓS

A partir do AI-2, a sociedade não elegeu o presidente da República, os governadores de estados e os prefeitos das capitais. Os parlamentares poderiam perder o mandato se criticassem o governo militar. O sistema político não mais representava a vontade do povo. A partir daí, cresceu o voto nulo e em branco.

Para desenvolver

Para permitir aos alunos uma melhor compreensão do processo de imposição gradual de um regime ditatorial no Brasil após o golpe militar de 1964, sugerimos que você estabeleça, no quadro da sala de aula ou numa apresentação de slides, uma “linha do tempo” com a sequência e objetivos dos Atos Institucionais impostos pelos generais-presidentes Castelo Branco (1964-1967) e Costa e Silva (1967-1969), tomando como base as informações presentes entre as páginas 241 e 245 do livro do aluno.

Fique ligado

Professor, para que você possa obter mais informações sobre os Atos Institucionais impostos pelos generais-presidentes entre 1964 e 1968 e sobre o contexto de imposição e consolidação da ditadura militar no Brasil, indicamos uma pesquisa sobre os termos “A escalada dos Atos Institucionais da Ditadura”, “Ato Institucional” e “De Castelo Branco a Médici (1964-1975)” no *Atlas Histórico do Brasil*, plataforma on-line mantida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que se encontra disponível no endereço: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 6 out. 2018.

Caparaó (Brasil). Direção de Flávio Frederico, 2006. 77 min.

Militares expulsos das Forças Armadas após o golpe de 1964, sob o comando de Leonel Brizola, constituem foco guerrilheiro na serra do Caparaó, divisa de Minas Gerais com Espírito Santo, com o objetivo de derrubar a ditadura militar.

Militares da democracia – Os militares que disseram não. (Brasil). Direção de Silvano Tendler, 2014. 88 min.

Militares que não concordaram com o golpe denunciam as perseguições que sofreram.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *A ditadura militar no Brasil e os processos de resistência* localizada no material digital do Manual do Professor.

Atividade complementar

A partir da “linha do tempo” com a sequência e os objetivos dos Atos Institucionais do período 1964-1968, bem como das informações presentes entre as páginas 241 e 245 do livro do aluno, a seu critério, divida a turma em cinco grupos para compor um painel ilustrado com o tema “A imposição da ditadura militar no Brasil entre 1964 e 1968”. Sugerimos que cada grupo fique responsável por um ano do período, compondo e apresentando sua parte no painel no curso de uma “oficina” programada especificamente com esse objetivo.

Fique ligado

Do valioso e diversificado conteúdo do acervo on-line da *Revista de História da Biblioteca Nacional* (RHBN) – que pode ser acessado por meio da ferramenta *WayBack Machine* no site do *Internet Archive*, indicando na busca o termo “revistadehistoria.com.br” – sugerimos o seguinte artigo relacionado às manifestações populares contra a ditadura realizadas entre 1966 e 1968:

MELO, Alice. De peito aberto. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20160806073108/http://revistadehistoria.com.br/secao/capa/de-peito-aberto>>. Acesso em: 9 out. 2018.

Para saber mais sobre a Frente Ampla e as grandes manifestações estudantis e populares em oposição à ditadura militar entre 1966 e 1968, em especial, consulte também o artigo acadêmico, os livros e o documentário a seguir:

LAMARÃO, Sérgio. Frente Ampla. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/frente-ampla>>. Acesso em: 9 out. 2018.

ARAUJO, Maria Paula Nascimento. *Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: o diálogo é a violência – movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1999.

A passeata dos 100 mil (Brasil). TV Justiça, 2018. 30 min.

A TV Justiça lembra nesse programa os 50 anos daquela que ficou conhecida como a “Passeata dos 100 mil”. Reunidos na Cinelândia, no Rio de Janeiro, estudantes, sindicalistas, operários, intelectuais e artistas marcharam contra a repressão. Foi o mais importante ato público de resistência à ditadura militar até então. O documentário traz depoimentos de quem viveu e registrou aquele 26 de junho e analisa o fato pela perspectiva histórica.

No dia 29 de março de 1968, cerca de 60 mil pessoas acompanharam o cortejo fúnebre do estudante Edson Luís, protestando contra a violência da ditadura militar. Rio de Janeiro, RJ.



Fernando Pimentel/O Cruzeiro/EMDA Press

CÁ ENTRE NÓS

A ditadura militar perseguiu o movimento negro e desarticulou suas lutas. Para os militares, não havia racismo no Brasil. Logo, as lideranças negras estariam “criando tumulto” na sociedade. Perseguidos e isolados, os integrantes do movimento negro encontraram formas de luta na arte e na cultura. Em São Paulo surgiu o Centro de Cultura e Arte Negra e no Rio de Janeiro o movimento Black Rio, de música *Soul*. Somente em fins dos anos 1970 o movimento negro pôde voltar a atuar politicamente.

Os estudantes, junto com artistas e intelectuais, realizavam passeatas, apesar de a Polícia Militar reprimi-las com violência. A mais conhecida foi a “Passeata dos 100 mil”, no Rio de Janeiro, em junho de 1968.



A. Ferreira/Agência Jornal do Brasil

Em 26 de junho de 1968, milhares de pessoas promoveram ato de protesto contra a ditadura no evento que ficou conhecido como “Passeata dos 100 mil”. Estudantes, trabalhadores, artistas, jornalistas e intelectuais caminharam pela avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, RJ, exigindo o fim da repressão policial e da ditadura militar.

Para desenvolver

Com relação à Frente Ampla, a seu critério, explique aos alunos que Carlos Lacerda foi um dos principais conspiradores contra o regime democrático e apoiou entusiasticamente o golpe militar em 1964. Sua ambição era ser presidente da República. Quando o general Castelo Branco tornou as eleições indiretas, ele passou para a oposição, exigindo o restabelecimento da democracia. Ressalte também para a turma que, entre o final de 1966 e meados de 1968, principalmente,

cresceu no âmbito da sociedade civil brasileira a oposição popular à ditadura militar, com a realização de grandes manifestações públicas como a “Passeata dos 100 mil” – realizada em 26 de junho desse último ano no Rio de Janeiro e da qual participaram, por exemplo, artistas e intelectuais consagrados, como Gilberto Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano Veloso, Clarice Lispector, Grande Otelo, Tônia Carrero, Vinicius de Moraes e Norma Bengell, entre outros.

O aumento da repressão

O governo do marechal Costa e Silva derrotou as duas oposições: a da Frente Ampla e a dos estudantes. Em 1968, declarou a Frente Ampla ilegal. Depois, prendeu centenas de estudantes que participavam de um congresso no município de Ibiúna, interior de São Paulo.

Após derrotar seus opositores, o marechal presidente Costa e Silva impôs ao país, no mesmo ano, o Ato Institucional nº 5, também conhecido como AI-5. O presidente podia fechar o Congresso Nacional, e o direito ao **habeas corpus** foi suspenso para crimes considerados políticos. Assim, ninguém podia ser libertado até o final do julgamento.

O AI-5 proibiu o direito de as pessoas expressarem livremente sua opinião. Jornais, revistas, rádios e canais de televisão ficaram sob severa censura. Com o AI-5, o regime deixou de ser uma ditadura disfarçada e assumiu abertamente que se tratava de um regime autoritário.

Habeas corpus: é expressão em latim cuja tradução literal é “que tenhas o corpo”. É instrumento constitucional que garante a liberdade ao cidadão durante o andamento de um processo e seu julgamento.

Para desenvolver

Ao explicar as principais medidas impostas pelo AI-5, de 13/12/1968, resalte para os alunos que, a partir desse instrumento jurídico autoritário, houve a institucionalização da perseguição e tortura aos opositores do regime e também o fechamento completo do sistema político no Brasil, tendo em vista que os generais-presidentes foram autorizados a:

- fechar o Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas estaduais, como de fato ocorreu em 1969;
- legislar por meio de decretos-leis, em substituição aos parlamentos que fecharam e sem se submeter à revisão judicial;
- intervir em estados e municípios, em nome da “segurança nacional”, suspendendo as autoridades locais e nomeando interventores federais;
- impor a censura prévia à imprensa e aos demais meios de comunicação, bem como a qualquer tipo de produção cultural (músicas, filmes, teatro, literatura, exposições de arte e televisão);
- proibir reuniões públicas e impor toque de recolher;
- suspender o *habeas corpus*;
- cassar mandatos parlamentares, demitir servidores públicos e suspender os direitos políticos dos acusados de “subversão”.

OUTRAS HISTÓRIAS ARTES

Movimentos musicais

A primeira fase da ditadura, entre a vitória do golpe militar em abril de 1964 e a imposição do AI-5, em dezembro de 1968, foi um período de grande produção e inovação artística no Brasil. Canais de televisão promoviam festivais de música, que revelaram nomes que depois ficaram consagrados na música brasileira, como Chico Buarque de Hollanda, Elis Regina, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Geraldo Vandré. Muitas canções continham mensagens com protestos políticos e sociais.

Também nessa época surgiu a Tropicália, que propôs juntar a música brasileira com o movimento de contracultura e o *rock* internacional. Os nomes mais conhecidos do tropicalismo eram os de Caetano Veloso e Gilberto Gil.

Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado



Marília Medalha e Edu Lobo se apresentam no 3º Festival de Música Popular Brasileira, no Teatro Record, em São Paulo, SP. Eles apresentaram a música “Ponteio”, de Edu Lobo e Capinam, e conquistaram o primeiro lugar. Fotografia de 1967.



- Uma das canções de protesto mais conhecidas é “Apesar de você”, de Chico Buarque de Hollanda, lançada em 1970. Considerando que a canção tinha como objetivo denunciar a situação política do país, pesquise sua letra na internet e explique o significado do pronome **você** na canção.



Outras histórias

Artes

- Na letra da canção “Apesar de você”, de Chico Buarque de Hollanda, o pronome “você” pode se referir tanto a uma pessoa quanto ao governo militar. Essa ambiguidade é proposital e foi criada pelo autor da música para burlar a censura que havia no país naquele período.

Fique ligado

O texto integral do Ato Institucional nº 5 está disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 10 out. 2018.

Para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre a agitação política e cultural existente no Brasil entre as décadas de 1960 e 1970, indicamos o artigo acadêmico e os livros a seguir:

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA, Mariana Martins. Tropicalismo: as relíquias do Brasil em debate. *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100003>. Acesso em: 10 out. 2018.

REIS, Daniel Aarão; MORAES, Pedro de. *1968: a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Fique ligado

Professor, para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre a realidade brasileira durante os anos do “milagre econômico”, entre as décadas de 1960 e 1970, indicamos os livros, o texto acadêmico e o filme a seguir:

CANO, Wilson. Milagre brasileiro: antecedentes e principais consequências econômicas. In: FICO, Carlos; ARAÚJO, Maria Paula (Org.). 1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil. *Anais*. Rio de Janeiro: Faperj; 7Letras, 2004.

CORDEIRO, Janaína Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: FGV/Faperj, 2015.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (Org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. v. 2.

LAGO, Luís Aranha Correia do. Milagre econômico brasileiro. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Bye, bye Brasil (Brasil). Direção de Cacá Diegues, 1980. 105 min.

Grupo de artistas viaja pelo interior do Nordeste e da região amazônica, em fins dos anos 1970, conhecendo os modos de viver nas pequenas comunidades.

FIQUE DE OLHO

Uma noite em 67 (Brasil). Direção de Ricardo Calil e Renato Terra, 2010. 93 min.

Documentário sobre o III Festival da Música Popular Brasileira, da TV Record, de 1967. O filme reconstitui, com imagens de arquivo, o ambiente musical da época, com apresentações de Chico Buarque de Hollanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo, Sérgio Ricardo e Mutantes.

Os militares tinham planos de ocupar a Amazônia para explorar economicamente a região. A estrada Transamazônica, ainda em construção na imagem, tinha esse objetivo. Fotografia de c. 1974.



246

1969: Posse de Emílio Garrastazu Médici. Sequestro do embaixador dos Estados Unidos.

Ditadura em segundo movimento: segurança e desenvolvimento

Em 1969, o marechal-presidente Costa e Silva adoeceu e faleceu. Os generais do Exército indicaram para a presidência do Brasil outro representante da “linha dura”, o general Emílio Garrastazu Médici.

Havia nos mercados financeiros internacionais muito dinheiro disponível para empréstimos a juros baixos. Desde 1968, os economistas do governo militar usaram esse dinheiro para realizar grandes investimentos no país. Começava o que, mais tarde, seria conhecido como “milagre econômico brasileiro”.

O “milagre econômico”

A ditadura investiu fortemente em várias áreas da economia. No setor de telecomunicações, modernizou a telefonia interurbana e internacional, bem como a televisão via satélite.

Na área de energia, construiu várias hidrelétricas e a usina nuclear de Angra dos Reis. Outra obra de grande porte foi a ponte Rio-Niterói. Muitas estradas foram abertas, sendo a maior delas a Transamazônica.

Grandes proprietários de terras receberam financiamentos para plantar e exportar soja, laranja, milho e outros produtos consumidos nos Estados Unidos e na Europa.

O governo militar criou várias empresas estatais e apoiou empresários brasileiros. Também facilitou a entrada no país de empresas estrangeiras, principalmente as que produziam bens de consumo, como automóveis e eletrodomésticos. Para facilitar o consumo da população, foi criado o sistema de compras por crédito.

O período de 1968 a 1973 foi o auge da ditadura militar. A economia cresceu nessa época. Os empresários tinham lucros em seus negócios, as classes médias compravam apartamentos e automóveis, seus filhos estudavam em universidades federais e havia empregos disponíveis para os trabalhadores.

Para desenvolver

Na análise do forte endividamento financeiro que a ditadura militar realizou antes de o “milagre econômico brasileiro” deslanchar, se julgar pertinente, explique para os alunos que nos centros financeiros da Inglaterra e dos Estados Unidos havia, entre os anos 1960 e 1970, muitos dólares acumulados pelos países produtores de petróleo. Eram os chamados “petrodólares”. Com muita oferta de dinheiro no mercado financeiro, os juros eram baixos a princípio,

mas com a crise do petróleo, em 1973, eles subiram de maneira rápida, provocando uma crise econômica de grandes dimensões no Brasil. Realçando a imagem presente na página 246 de um trecho da Transamazônica, ressalte para a turma que nos anos 1970 não havia preocupação alguma com a ecologia e a preservação do meio ambiente em nosso país. A Amazônia, por exemplo, era chamada de “inferno verde”.

O outro lado

Aproveitando a conjuntura favorável, o governo militar realizou vasta propaganda política. Nas estações de rádio, canais de televisão, jornais e revistas apareciam mensagens elogiosas ao governo.

Nesse período, contudo, milhões de pessoas empobreceram. Nas periferias das grandes cidades, começaram a surgir favelas e loteamentos clandestinos onde viviam trabalhadores em situação de grande miséria.

Pequenos proprietários rurais perderam suas terras e foram obrigados a trabalhar nas grandes fazendas, cuja produção era voltada para a exportação. Surgiu a figura miserável do **boia-fria**.

Outro aspecto negativo da ditadura militar foi a degradação da escola e da saúde públicas. Até aquele momento, as escolas e os hospitais públicos eram conhecidos pelo alto padrão de qualidade. Contudo, o governo passou a privilegiar as escolas e os planos de saúde privados.

O aspecto mais negativo do milagre econômico foi a concentração de riqueza do país. Os ricos ficaram mais ricos, enquanto os pobres empobreceram mais ainda. Começavam a aparecer crianças vendendo mercadorias nos cruzamentos das ruas. O Brasil tornou-se a 8ª maior economia do mundo, mas o povo estava empobrecido.

Boia-fria: trabalhador rural temporário nas grandes fazendas, empregado na época da sementeira e da colheita. A expressão surgiu porque a comida que levavam para o trabalho, chamada de boia, estava fria na hora do almoço. Atualmente, eles são chamados de trabalhadores rurais.

CÁ ENTRE NÓS

Na Copa do Mundo de Futebol de 1970, no México, o Brasil venceu o campeonato, tornando-se tricampeão e ganhando a Taça Jules Rimet. Pelé, Tostão, Rivelino, Gérson e muitos outros craques fizeram uma campanha que empolgou o povo brasileiro. A ditadura tentou tirar proveito do título da seleção brasileira de futebol, apresentando a Copa do Mundo como se fosse uma conquista do regime militar.



Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

Em dezembro de 1970, mulher lava roupa em frente de sua moradia, um barraco construído na periferia da cidade de São Paulo, SP.

A esquerda armada

Surgiu uma oposição cujo objetivo era atacar a ditadura recorrendo à luta armada. Eram organizações de esquerda, que pretendiam implantar o regime socialista no Brasil. A mais conhecida foi a Ação Libertadora Nacional (ALN), liderada por Carlos Marighella. Mas havia outras. Para conseguir recursos que financiassem suas atividades, os guerrilheiros começaram a assaltar bancos.

Fique ligado

Para ampliar suas informações sobre os grupos e organizações de esquerda que optaram pelo enfrentamento armado à ditadura militar, num contexto de forte repressão política e social imposto pelo Estado de Exceção inaugurado pelo AI-5, indicamos os seguintes livros e filmes:

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas – a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990.

TAVARES, Flávio. *Memórias do esquencimento*. São Paulo, Globo, 1999.

NOSSA, Leonencio. *Mata! O major Curio e as guerrilhas no Araguaia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Hércules 56 [Brasil]. Direção de Cláudio Torres, 2007. 94 min.

Depoimentos de integrantes do sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, que resultou na libertação de quinze presos políticos.

Lamarca [Brasil]. Direção de Sérgio Rezende, 1994. 130 min.

O filme narra os dois últimos anos de vida de Lamarca, que, optando pela luta revolucionária, desertou do Exército levando armas e munições.

Marighella [Brasil]. Direção de Isa Grinspum Ferraz, 2012. 90 min.

Documentário sobre a trajetória de Carlos Marighella, um dos mais destacados líderes da esquerda armada contra a ditadura.

Repare bem [Brasil]. Direção de Maria de Medeiros, 2013. 95 min.

O filme é baseado na história de uma filha de militantes da luta armada.

Para desenvolver

No exame das consequências políticas e sociais do “milagre econômico”, se considerar adequado, lembre aos alunos que o ministro da Fazenda da ditadura militar no período 1967-1974, Antônio Delfim Neto, argumentava que era necessário fazer o “bolo” (isto é, a riqueza nacional) crescer para depois reparti-lo. De fato, o “bolo” cresceu bastante em tal período, com o Produto Interno Bruto (PIB) elevando-se anualmente numa média de 10%, mas foi repartido de maneira extremamente desigual, com as maiores e melhores fatias sendo entregues aos setores que historicamente ocupavam as estreitas partes superior e média da pirâmide social. Além do aumento da concentração de renda e das

desigualdades sociais, houve uma significativa degradação dos indicadores sociais, tendo em vista o arrocho salarial e a falta de investimentos públicos consistentes em saúde, educação, habitação, saneamento e assistência social, entre outros setores. Soma-se a tais fatores a intensificação das relações promíscuas entre interesses privados e órgãos e agentes do Estado, num contexto marcado também pelo aumento da repressão política, pela censura e pela realização de maciços investimentos públicos em grandes obras de infraestrutura (estradas, usinas elétricas, redes de telecomunicação e extração mineral, em especial).

Fique ligado

Para que você possa obter mais informações sobre as ações de resistência política e social e o contexto de violência e repressão institucionalizadas vivido no país no auge da ditadura militar, indicamos os seguintes portais na internet:

MEMÓRIAS reveladas. Disponível em: <<http://www.memoriasreveladas.gov.br/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

PROJETO Brasil: Nunca mais. Disponível em: <<http://bnmdigital.mpf.mp.br/pt-br/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

MEMORIAL da Resistência de São Paulo. Disponível em: <<http://www.memorialdaresistenciasp.org.br/memorial/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Professor, sobre esses mesmos temas, indicamos também os livros e filmes a seguir:

FICO, Carlos. *Como eles agiam – os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política.* Rio de Janeiro: Record, 2001.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar.* Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

D'ARAÚJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio A. D.; CASTRO, Celso (Org.). *Visões do Golpe.* Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

Batismo de sangue (Brasil). Direção de Helvécio Ratton, 2007. 110 min.

Em fins dos anos 1960, frades dominicanos que apoiam a Ação Libertadora Nacional, de Carlos Marighella, são presos e torturados.

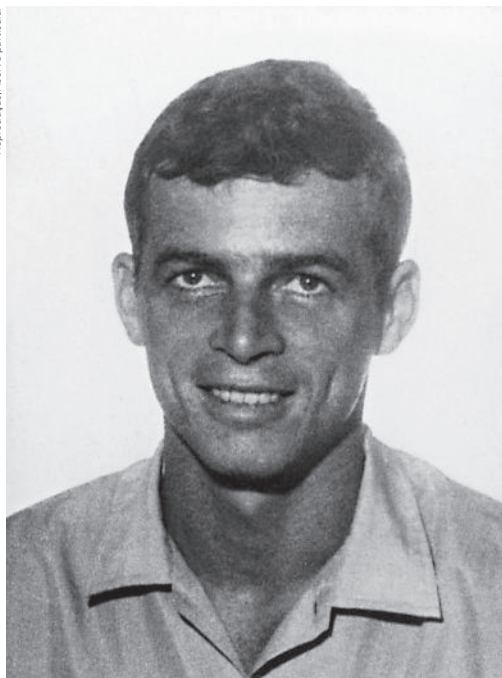
Pra frente, Brasil (Brasil). Direção de Roberto Farias, 1982. 105 min.

Uma coincidência infeliz leva homem aos porões da ditadura, onde sofre as piores torturas.

Ação entre amigos (Brasil). Direção de Beto Brant, 1998. 76 min.

Amigos que participaram da luta armada foram presos e torturados. Anos mais tarde eles reconhecem um dos torturadores.

Reprodução/Arquivo particular



Fotografia de Stuart Angel, c. 1967.

Enquanto isso, a vida seguia tranquila para Zuzu Angel. Sua grife tornou-se conhecida internacionalmente e sua loja em Ipanema fazia grande sucesso. O que ela não sabia era que seu filho, Stuart Angel, estudante de Economia, tinha aderido à luta armada. Ele integrava o Movimento Revolucionário Oito de Outubro, o MR-8. Em 1971, aos 25 anos de idade, Stuart foi preso pelos militares. A mãe, desesperada, soube de sua prisão, mas não sabia onde o filho estava.

Anos de chumbo

Os militantes de esquerda acreditavam que a luta armada teria sucesso e que o povo iria aderir à luta, mas isso não aconteceu. Sem apoio popular, eles não tinham como enfrentar as Forças Armadas.

A ditadura militar criou um sistema repressivo brutal para perseguir os grupos de esquerda armada. Quando prendiam um guerrilheiro, os agentes da repressão o torturavam barbaramente, forçando-o a delatar seus colegas. Muitos guerrilheiros presos, depois de torturados, eram condenados por tribunais militares a longas penas de prisão. Outros eram assassinados.

Uma mãe contra a ditadura

Segundo o relato de um colega de cela, Stuart Jones foi torturado e amarrado com a boca em um cano de descarga de um jipe. Arrastado pelo pátio da Base Aérea do Galeão, ele morreu sufocado e esfolado.

Zuzu Angel ficou desesperada com o sumiço do filho. Nesse momento ela percebeu o que era a ditadura militar. Percorreu corajosamente quartéis militares perguntando pelo filho, mas os comandantes nada diziam.

Revoltada, Zuzu enfrentou a ditadura militar. Criou vestidos com estampas de protesto político, com manchas de sangue, pássaros presos em gaiolas ou um anjo ferido. Denunciou a morte do filho a artistas de cinema de Hollywood e chegou mesmo a entregar um dossiê com denúncias de tortura no Brasil ao Secretário de Estado dos Estados Unidos.

Algumas organizações guerrilheiras resolveram sequestrar diplomatas estrangeiros no Brasil. O objetivo era trocar o diplomata sequestrado pelos companheiros detidos. Presos políticos foram libertados das prisões da ditadura e banidos do Brasil.

Os grupos revolucionários de esquerda armada não tiveram apoio da sociedade e ainda enfrentaram a violência de militares e policiais. Os guerrilheiros foram derrotados e a luta armada de esquerda acabou em 1973.

FIQUE DE OLHO

O que é isso, companheiro? (Brasil). Direção de Bruno Barreto, 1997. 110 min.

O filme reconstitui o sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, por um grupo de guerrilheiros. O objetivo deles era libertar companheiros presos pela ditadura.

Para desenvolver

Ao analisar o brutal sistema de repressão política empregado pela ditadura militar durante os “anos de chumbo”, entre as décadas de 1960 e 1970, explique para os alunos que tal sistema envolveu a violação sistemática e institucionalizada dos direitos humanos por parte de agentes do Estado brasileiro, com grande número de casos de execuções sumárias, prisões arbitrárias e aplicação de torturas e humilhações (como choques elétricos, espancamentos, “pau-de-arara”, afogamentos, entre outras barbaridades). Ressalte aos alunos que centenas de famílias nessa época, como a de Zuzu Angel, viveram o terror e a dor.

◀ Ditadura em terceiro movimento: a abertura

Em 1974, os comandantes do Exército concordaram que o próximo presidente seria o general Ernesto Geisel. Geisel assumiu a Presidência com o compromisso de realizar uma “abertura lenta, gradual e segura”. Não se tratava da redemocratização plena do Brasil, e sim da criação de um regime menos repressivo, aceito pela população e sob o controle dos militares.

Crise econômica

Ernesto Geisel começou seu governo com planos grandiosos de crescimento econômico, mas naquele momento o Brasil foi atingido diretamente pela crise do petróleo. O país importava 80% do petróleo que consumia. Em 1973, os países produtores de petróleo haviam aumentado o preço do barril em 70%. Depois, aumentaram ainda mais os preços.

Como resultado da crise econômica internacional, provocada pelo aumento dos preços do petróleo, os bancos estrangeiros elevaram os juros, o que fez a dívida externa do Brasil subir rapidamente. A inflação também aumentou. A partir daí, o país viveu grave crise econômica.



Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

Primeira página do jornal O Estado de S. Paulo com manchete sobre a crise do petróleo, 17 de novembro de 1973.

FIQUE DE OLHO

O ano em que meus pais saíram de férias (Brasil). Direção de Cao Hamburger, 2006. 110 min.

O filme mostra um menino de 11 anos, que gosta muito de futebol e é filho de um casal de guerrilheiros. Junto com a vizinhaça do bairro, o menino acompanha a seleção brasileira de futebol na Copa de 1970, esperando a volta dos pais.

Fique ligado

Verdade 12.528 (Brasil). Direção de Paula Saccheta, 1989. 100 min.

O documentário trata da importância da Comissão Nacional da Verdade, através de depoimentos de vítimas da repressão, ex-presos políticos e outras pessoas afetadas direta ou indiretamente pela ditadura militar entre 1964 e 1985.

Eu me lembro (Brasil). Direção de Edgard Navarro, 2012. 96 min.

Trata-se de um documentário sobre os cinco anos das Caravanas da Anistia que procura reconstruir a luta dos perseguidos por reparação, memória, verdade e justiça, com imagens de arquivo e de entrevistas.

Diário de uma busca (Brasil). Direção de Flávia Castro, 2011. 105 min.

A cineasta Flávia Castro constituiu a trajetória de seus pais, que, durante a ditadura, aderiram à luta armada.

Em busca de Iara (Brasil). Direção de Flávio Frederico, 2014. 91 min.

A jovem Iara Lavelberg abandonou os estudos para participar da luta armada e se apaixonou por Carlos Lamarca.

Que bom te ver viva (Brasil). Direção de Lúcia Murat, 1989, 100 min.

Mulheres presas e torturadas relatam experiências dolorosas vividas diante do horror da repressão.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

A ditadura militar prejudicou a vida de muitas pessoas. Milhares de homens e mulheres foram injustamente perseguidos e muitos deles sofreram violências físicas e psicológicas. Converse com seus familiares e familiares de seus amigos. Converse também com seus professores. Procure saber o que ocorreu durante o período da ditadura.

De olho na BNCC

Ao analisar com os alunos a ampliação dos movimentos sociais de resistência e denúncia do regime ditatorial e em defesa da anistia e da redemocratização do país, temas presentes entre as páginas 249 e 255 do livro do aluno, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades EF09HI19, EF09HI20 e EF09HI21 da BNCC.

O seu lugar na História

Resposta pessoal. A atividade leva os estudantes à conclusão de que a ditadura não ocorreu apenas em grandes centros ou em certas cidades de maior destaque político; ela esteve presente no cotidiano de toda a população.

Para desenvolver

Ressalte para a turma que, no contexto de profunda crise que fez ruir o “milagre econômico”, o quarto general-presidente da ditadura militar assumiu o poder tendo que lidar com o avanço eleitoral do MDB (Movimento Democrático Brasileiro) e a crescente oposição ao regime vinda de setores e entidades da sociedade civil – como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Nas eleições de 1974, o MDB obteve 161 vagas contra 203 conquistadas pelo partido favorável ao regime, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que se enfraqueceu também no Senado.

Para desenvolver

A seu critério, na análise das conjunturas econômicas da ditadura militar (1964-1985), além de explicar os dados da tabela vinculada à atividade proposta na página 250 do livro do aluno, você pode apresentar informações referentes a outros indicadores econômicos muito importantes, como a evolução do salário mínimo e do índice Gini (que mede o grau de concentração de renda em um país ou região) no Brasil entre as décadas de 1960 e 1980.

A História não está sozinha

Matemática

- Na primeira conjuntura, do governo de Goulart, o crescimento do PIB diminuiu, a inflação aumentou e a dívida externa permaneceu estável. Na segunda conjuntura, do governo de Castelo Branco, o crescimento do PIB foi muito pequeno, a inflação caiu, embora ainda permanecesse alta, e a dívida externa também se manteve estável. Na terceira conjuntura, dos governos de Costa e Silva e Médici, o crescimento do PIB foi muito alto, a inflação manteve-se alta (na faixa dos 30%) e a dívida externa começou a aumentar a partir de 1971. Na última conjuntura, que corresponde ao governo de Geisel, encontramos uma situação muito desfavorável: o PIB diminuiu, a inflação retomou o ritmo de aceleração e a dívida externa cresceu demasiadamente.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Matemática

Na Matemática, é comum o uso de tabelas. Para o historiador, as tabelas podem ajudar a compreender fenômenos ao longo de vários anos. É o caso da tabela abaixo.

Observe, entre 1961 e 1978, a evolução, na economia brasileira, do Produto Interno Bruto, da inflação e da dívida externa, considerando a conjuntura política de cada época.

Evolução da economia brasileira (1961-1978)				
Governos	Ano	Crescimento do PIB	Inflação	Dívida externa (bilhões de dólares)
João Goulart	1961	9	35	3,8
	1962	7	50	4,0
	1963	1	78	4,0
Castelo Branco	1964	3	90	3,9
	1965	2	58	4,8
	1966	7	38	5,3
Costa e Silva e Médici	1967	4	27	3,3
	1968	10	27	3,8
	1969	10	20	4,4
	1970	10	16	5,3
	1971	11	20	6,6
Geisel	1972	12	20	9,5
	1973	14	23	12,6
	1974	8	35	17,2
	1975	5	34	21,2
	1976	10	48	26,0
	1977	5	46	32,0
	1978	5	39	43,5

(O general Geisel governou o país de 15 de março de 1974 a 15 de março de 1979).

Fontes: ATLAS histórico do Brasil. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2016. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br>>; IBGE: séries históricas e estatísticas. Disponível em: <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 nov. 2018.



- Analise as quatro conjunturas econômicas vividas pelo país considerando o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), da inflação (aumento dos preços) e da dívida externa.

Fique ligado

Para que você possa ampliar suas informações sobre as conjunturas econômicas do Brasil durante a ditadura militar (1964-1985), indicamos o texto acadêmico e os artigos jornalísticos a seguir:

MATTOS, Fernando Augusto Mansor de; NASCIMENTO, Natassia. Aspectos históricos dos efeitos da evolução do salário mínimo, do mercado de trabalho e da

estrutura tributária sobre o perfil distributivo brasileiro desde meados do século XX. Disponível em: <<https://www.anpec.org.br/encontro/2015/submissao/files/I/i3-93e29ec918cd89d294b2bc5bbfe9be.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2018.

Série inédita brasileira mostra salto da desigualdade no começo da ditadura. *El país*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/29/economia/1446146892_377075.html?rel=mas>. Acesso em: 10 out. 2018.

O LADO obscuro do 'milagre econômico' da ditadura: o boom da desigualdade. *El país*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812_344807.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

O LADO obscuro do 'milagre econômico' da ditadura: o boom da desigualdade. *El país*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/29/economia/1506721812_344807.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

Diminuição do apoio político

A ditadura com Ernesto Geisel enfrentou muitas dificuldades. O governo dos Estados Unidos deixou de apoiar os regimes ditatoriais na América Latina. Em 1974, o MDB foi vitorioso nas eleições para deputados e senadores. O presidente do MDB, deputado Ulysses Guimarães, liderou a luta contra a ditadura.

Os militares da “linha dura” continuaram assassinando pessoas inocentes. Em 1975, na cidade de São Paulo, foi morto o jornalista Wladimir Herzog.

No ano seguinte, Zuzu Angel sofreu grave acidente com seu carro, que resultou na sua morte. Embora sem provas, é provável que ela tenha sido vítima de um atentado. Zuzu Angel estava incomodando os militares com seus protestos.



Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

O deputado Ulysses Guimarães assumiu a liderança na oposição à ditadura militar, Brasília, DF. Fotografia de 1976.

Oposição e repressão

Depois da morte de Wladimir Herzog, diversas organizações da sociedade civil se declararam em oposição à ditadura, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Começou, também, ampla campanha pela **anistia** a todos os punidos pela ditadura, como os presos políticos e os exilados.

Em 1977, os estudantes voltaram às ruas para protestar contra a ditadura e, no ano seguinte, sindicatos de trabalhadores da região metropolitana de São Paulo entraram em greve. Donas de casa também protestaram contra a alta dos preços. O regime militar respondia com repressão policial.

Anistia: palavra de origem grega que significa “esquecimento”. Em determinadas situações, o Poder Legislativo declara nulas as punições para delitos cometidos por cidadãos. Há vários tipos de anistia, sendo a mais conhecida a que revoga punições para crimes considerados políticos.

FIQUE DE OLHO

Zuzu Angel (Brasil). Direção de Sergio Resende, 2006. 108 min.

Durante a ditadura militar, uma famosa estilista de moda, Zuzu Angel, descobre que seu filho, Stuart Angel, foi preso por militares, barbaramente torturado e morto. Ela passa a acusar a ditadura de prática de tortura.



Fique ligado
Para ampliar as suas informações sobre as repercussões na época e as investigações ocorridas após o fim da ditadura militar, das mortes de Wladimir Herzog, Manoel Fiel Filho e Zuzu Angel, indicamos os artigos jornalísticos e documentários a seguir:

Vlado, trinta anos depois (Brasil). Direção de João Batista de Andrade, 2005. 84 min. O filme revela a trajetória de Wladimir Herzog e enfatiza que a reação de sua esposa, Clarice, dos amigos e da sociedade, recusando a farsa montada para justificar a morte do jornalista, tornou o fato um marco na luta pela redemocratização do país.

Perdão, Mr. Fiel (Brasil). Direção de Jorge Oliveira, 2005. 84 min. O documentário aborda as repercussões políticas da morte sob tortura do operário Manoel Fiel Filho por agentes da repressão, em 1976, nos porões do DOI-CODI de São Paulo.

MINISTÉRIO Público reabre investigação sobre morte de Herzog. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/minist%C3%A9rio-p%C3%BAblico-reabre-investiga%C3%A7%C3%A3o-sobre-morte-de-herzog/a-44890587>>. Acesso em: 11 out. 2018.

IVO HERZOG: O Brasil insiste em virar a página da ditadura mas sem escrevê-la antes. *El país*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/21/politica/1526935775_966311.html>. Acesso em: 11 out. 2018.

Material digital
Para contribuir para o desenvolvimento desse tema, assista ao material audiovisual *O movimento estudantil contra a ditadura militar* localizado no material digital do Manual do Professor.

Para desenvolver

Destaque para a turma que as circunstâncias das mortes do jornalista Wladimir Herzog, em outubro de 1975, e do metalúrgico Manoel Fiel Filho, em janeiro de 1976, são semelhantes: ambos estavam presos nas dependências do Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo, e foram barbaramente torturados antes de serem assassinados. Nos dois

casos, a explicação oficial na época foi a mesma – “suicídio”. Em abril de 1976, ocorreu a morte de Zuzu Angel, num acidente automobilístico no Rio de Janeiro, sobre o qual pairam sérias dúvidas de que tenha se tratado, na verdade, de um atentado planejado por agentes do regime ditatorial então vigente no Brasil.

Documento

- Para o professor Godoffredo, nas ditaduras a sociedade não elege seus governantes nem participa do governo, como em um regime democrático. É o governo separado da própria sociedade. As ditaduras governam sem o povo e perseguem seus opositores. Entre os vários direitos dos cidadãos no regime democrático podemos citar: o direito de votar e ser votado; o direito de ser considerado igual a todos perante a lei; o direito de organização; o direito de exprimir livremente o pensamento; o direito à propriedade; o direito de ter uma imprensa livre; o direito de reunião e associação, entre outros.

Texto complementar**Anistia e Forças Armadas no Brasil**

Por que negar a evidente necessidade da memória?

(Pergunta do personagem feminino no filme *Hiroshima, meu amor*, de Alain Resnais, 1979, ao se referir aos horrores provocados pela bomba atômica.)

Uma das questões mais delicadas para transição brasileira, a exemplo de outros países, foi o tratamento a ser dado aos agentes do Estado que praticaram ações tipificadas, já nessa época, como crimes contra a humanidade. O Brasil não foi original quando optou por uma “anistia recíproca”, aprovada em lei pelo Congresso Nacional em 1979, ainda durante a ditadura (1964-1985). Essa foi uma anistia negociada com a oposição, que contemplava crimes e transgressões cometidos pelos adversários do regime, mas também os agentes estatais responsáveis pelas práticas de tortura, mortes e desaparecimentos. Desde então, as Forças Armadas do Brasil têm se valido dessa decisão para revidar qualquer iniciativa que vise punir aqueles que praticaram crimes contra a humanidade durante o regime militar (1964-1985). A lei de 1979, segundo os militares e grande parte da sociedade brasileira, teria sentenciado uma única possibilidade de interpretação da história.

O Brasil não foi, assim, o único país a aprovar uma anistia desse teor em momentos de transição para a democracia. Muito menos foi o único em que fortes reações

DOCUMENTO**Trecho da Carta aos Brasileiros**

No dia 8 de agosto de 1977, o jurista Goffredo da Silva Telles Jr. leu a Carta aos Brasileiros. Ela foi assinada por diversas pessoas, incluindo juristas e professores universitários. A Carta foi lida na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e teve grande repercussão política.

Chamamos de Ditadura o regime em que o Governo está separado da Sociedade Civil. Ditadura é o regime em que a Sociedade Civil não elege seus governantes e não participa do Governo. Ditadura é o regime em que o Governo governa sem o Povo. Ditadura é o regime em que o Poder não vem do Povo. Ditadura é o regime que castiga seus adversários e proíbe a contestação das razões em que ela se procura fundar. Ditadura é o regime que governa para nós, mas sem nós. Como cultores da Ciência do Direito e do Estado, nós nos recusamos, de uma vez por todas, a aceitar a falsificação dos conceitos. Para nós a Ditadura se chama Ditadura, e a Democracia se chama Democracia. Sustentamos que um Estado será tanto mais evoluído quanto mais a ordem reinante consagre e garanta o direito dos cidadãos [...]; o direito de escolher em pleitos democráticos seus governantes e legisladores, o direito de ser eleito governante ou legislador [...]; o direito à liberdade justa, que é o direito de fazer ou de não fazer o que a lei não proíbe; o direito à igualdade perante a lei, que é o direito de cada um de receber o que a cada um pertence; o direito à intimidade e à inviolabilidade do domicílio; o direito a propriedade e o de conservá-la; o direito de organizar livremente sindicatos de trabalhadores, para que estes possam lutar em defesa de seus interesses; [...] o direito de imediata e ampla defesa dos que forem acusados de ter praticado ato ilícito; [...] o direito de nunca ser submetido a tortura, nem a tratamento desumano ou degradante; [...] o direito de ter uma imprensa livre; o direito de fruir das obras de arte e cultura, sem cortes ou restrições; o direito de exprimir o pensamento [...]; o direito de resposta; o direito de reunião e associação.

Carta aos brasileiros. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 9 ago. 1977.

- Ao ler a “Carta aos Brasileiros”, o professor Goffredo expõe dois regimes opostos: a ditadura e a democracia. Justifique essa afirmação, apresentando definições e, também, exemplos de direitos num regime democrático.

Esperança e frustração

Ao final de seu mandato, Geisel revogou o AI-5. Indicou como seu sucessor o general João Baptista Figueiredo, que assumiu em 1979. Nesse momento, o Brasil vivia uma grave crise econômica: queda da atividade industrial, desemprego e descontrole dos preços. A inflação aumentava a cada ano. A insatisfação social com o governo militar era muito grande.

252 ► UNIDADE 4 | América Latina e Brasil: democracia, ditadura e revolução

aconteceram, quando se tratou de levar a cabo julgamentos de crimes contra os direitos humanos praticados durante a ditadura. No entanto, é o país em que os agentes do Estado envolvidos com esses crimes tiveram mais sucesso como *veto players* quando se tratou de rever o período à luz de novos dados e de novas perspectivas políticas, humanas ou jurídicas. A peculiaridade do país se deve ao fato de ser, até meados de 2012, o único país da América Latina em que nenhum militar ou policial envolvido com esses crimes chegou ao banco dos réus.

A partir desta constatação, o trabalho propõe-se a demonstrar que o sucesso dos militares como *veto players* na questão do julgamento

dos crimes contra a humanidade está relacionado ao tipo de relações civil-militares construídas no país. A impunidade tem a ver também com a cultura de direitos humanos existente numa sociedade. No Brasil, os direitos humanos são um tema emergente e um valor em construção. Essa realidade, combinada a uma tradição de autonomia militar, criou o pior cenário para a responsabilização individual dos crimes praticados durante os governos de exceção, e até mesmo nas questões criminais sem cunho político.

Nossa hipótese é que a existência de uma grande autonomia militar antes, durante e depois da ditadura, associada aos baixos níveis de

Enquanto isso, o MDB crescia a cada eleição e aumentava a luta pela anistia política, fortalecida por grandes mobilizações populares. Muitas esposas e mães de presos políticos exigiam sua libertação. Em 1979, o general Figueiredo obteve do Congresso Nacional uma anistia limitada. Mesmo assim, os prisioneiros políticos foram libertos e os exilados puderam retornar ao país.

Partidos políticos e anistia

Novos partidos políticos surgiram, entre eles o PT (Partido dos Trabalhadores), liderado por Luiz Inácio da Silva, o Lula, e o PDT (Partido Democrático Trabalhista), de Leonel Brizola. O MDB transformou-se em PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). A Arena mudou de nome, tornando-se o PDS (Partido Democrático Social).

A anistia proposta pelo governo e aprovada pelo Congresso Nacional em 1979 beneficiou a maioria dos presos políticos, mas beneficiou também os torturadores. Foi “recíproca”. Até hoje essa questão é debatida e motivo de muitas polêmicas. Os críticos dessa anistia argumentam que torturadores não podem ser anistiados, pois a tortura é considerada “crime contra a humanidade”. Para os defensores da ditadura, o melhor é “esquecer o passado”, anistiando também aqueles que praticaram a tortura.

Passeata pelas ruas da cidade de São Paulo, SP, em 1979, exigia que a anistia fosse ampla, geral e irrestrita.

Juca Martins/Oihar Imagem



253

Fique ligado

Para ampliar seus conhecimentos sobre o contexto em que foi promulgada a Lei da Anistia e a respeito dos atentados praticados nessa época, indicamos os livros, o texto acadêmico e os artigos jornalísticos a seguir:

RODEGHERO, Carla Simone; DIENSTMANN, Gabriel; TRINDADE, Tatiana. *Anistia ampla, geral e irrestrita: história de uma luta inconclusa*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2003.

COSTA, Marcelo. *Comitê Brasileiro Pela Anistia (CBA). CPDOC/FGV*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comite-brasileiro-pela-anistia-cba>>. Acesso em: 11 out. 2018.

SECRETÁRIA da OAB morta em 1980 foi vítima de agentes do Exército, diz comissão. *Agência Brasil/EBC*. Disponível em: <<http://agencia.brasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-09/secretaria-da-oab-morta-em-atentado-em-1980-foi-vitima-de-agentes>>. Acesso em: 11 out. 2018.

ATENTADO do Riocentro foi 'ação articulada do Estado', diz CNV. *Agência Brasil/EBC*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-04/atentado-do-riocentro-foi-a-%C3%A7%C3%A3o-articulada-do-estado-diz-cnv>>. Acesso em: 11 out. 2018.

▶ respeito aos direitos humanos na sociedade brasileira, e ao baixo interesse do Congresso e do governo em geral pelo tema das Forças Armadas, garantiram espaços para que a corporação militar atuasse como *veto player* sempre que se tentou rediscutir ou rever a Lei da Anistia de 1979 ou algumas prerrogativas da corporação.

D'ARAÚJO, Maria Celina. O estável poder de veto das Forças Armadas sobre o tema da anistia política no Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 573-597, jul/dez. 2012, p. 574-575. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752012000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 9 out. 2018.

Para desenvolver

Na análise do contexto em que foi promulgada a Lei da Anistia – Lei n. 6.683, de 28/08/1979, destaque para a turma que, na perspectiva defendida por entidades da sociedade civil – como o Movimento Feminino pela Anistia e o Comitê Brasileiro pela Anistia –, a anistia aos atingidos pelos atos de exceção cometidos pela ditadura militar deveria ser ampla, geral e irrestrita. Com relação aos atentados praticados no início dos anos 1980 por agentes da “linha dura” da ditadura, a seu critério, comente com os alunos o assassinato da secretária da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Lyda Monteiro da Silva, de 60 anos de idade. Ao abrir uma carta-bomba enviada à OAB em 27 de agosto de 1980, ela teve morte imediata.

Para desenvolver

Sobre as atividades do movimento das Diretas Já, entre 1983 e 1984, ressalte para a turma que os maiores comícios dessa campanha por democracia ocorreram em 10 e 16 de abril desse último ano, respectivamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, reunindo em cada um mais de 1 milhão de pessoas. No entanto, em um Congresso Nacional ainda controlado pelo governo ditatorial, a proposta de emenda constitucional estabelecendo as eleições diretas para presidente da República (conhecida como Emenda Dante de Oliveira) não prosperou, pois alcançou apenas 298 dos 320 votos necessários para a sua aprovação.

Atividade complementar

A seu critério, selecione e apresente para a turma canções da época que se relacionem com as campanhas pela anistia – como “O bêbado e a equilibrista” e “Tô voltando”, interpretadas respectivamente pelas cantoras Elis Regina e Simone – e pelas Diretas Já – como “Menestrel das Alagoas” e “Coração de Estudante”, interpretadas por Milton Nascimento. Analise e contextualize a letra de tais canções com os alunos e organize rodas de conversa para que eles possam apresentar também suas impressões.

Outras histórias Episódios

- Os militares que tentaram pôr bombas no Riocentro e matar milhares de jovens não foram punidos devido ao fato de a ditadura militar protegê-los. O autoritarismo do governo militar ignorava os crimes cometidos por seus agentes.

OUTRAS HISTÓRIAS EPISÓDIOS

Atentado no Riocentro

A “linha dura” militar estava insatisfeita. Muitos militares queriam a continuação da ditadura. Eles passaram a pôr bombas em bancas de jornais e a enviar cartas-bombas pelos correios, matando e ferindo pessoas inocentes. Eles estavam praticando atos de terrorismo.

Um dos episódios mais graves durante a ditadura militar ocorreu na noite de 30 de abril de 1981. No pavilhão do Riocentro, no Rio de Janeiro, milhares de jovens assistiam a um show. Agentes da “linha dura” do governo

militar planejaram desativar a energia elétrica e, em plena escuridão, pôr uma bomba no meio da multidão.

Trancados no pavilhão e sem luz, os agentes esperavam que milhares de jovens morressem. No entanto, enquanto os dois agentes preparavam a bomba dentro do carro, ela acidentalmente explodiu. O sargento Guilherme Pereira do Rosário morreu na hora, enquanto o tenente Wilson Machado ficou gravemente ferido. Ninguém foi punido.



Carro utilizado no atentado do Riocentro, em abril de 1981. A bomba que estava sendo montada pelo sargento Guilherme Pereira do Rosário explodiu em seu colo. Se esse plano terrorista militar tivesse dado certo, muitos jovens poderiam ter morrido.

Ricardo Chaves/Arquivo da editora

- Como você interpreta o fato de ninguém ter sido punido nesse acontecimento?

Foi nesse contexto que surgiu a campanha das Diretas Já, em 1983. Tratava-se de proposta apresentada ao Congresso Nacional para que a eleição para presidente da República voltasse a ser direta, ou seja, que o povo elegeisse o presidente.

Imensos comícios foram realizados nas capitais dos estados, mas o Congresso Nacional recusou a proposta. O sentimento de frustração tomou a sociedade brasileira.

Fique ligado

Para ampliar seus conhecimentos sobre a campanha pelas Diretas Já e a transição da ditadura para a democracia no começo dos anos 1980, indicamos o livro, o texto acadêmico e o documentário a seguir:

D'ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio A. D.; CASTRO, Celso [Org.]. *Volta aos quartéis* – A memória militar sobre a abertura. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

KINZO, Maria D'Alva G. A democratização brasileira: Um balanço do processo desde a transição. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 4, out./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400002>. Acesso em: 11 out. 2018.

Diretas Já – O grito das ruas (Brasil). TV Senado, 2014. 46 min. O documentário conta com entrevistas de artistas, políticos e jornalistas que participaram ativamente do movimento Diretas Já, que ansiava pelo fim da ditadura militar e pela conquista das liberdades democráticas.

▶ Pela porta dos fundos: o fim da ditadura

O presidente da República seguinte seria eleito pelo Colégio Eleitoral, formado por senadores e deputados. A ditadura militar não tinha mais como continuar. Líderes políticos do MDB decidiram concorrer no próprio Colégio Eleitoral. Tancredo Neves foi o candidato da oposição. José Sarney, que até então presidia o partido que apoiava a ditadura, rompeu com o governo militar e tornou-se candidato a vice-presidente de Tancredo Neves.

As Forças Armadas estavam muito malvistas na sociedade. No dia 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral elegeu Tancredo Neves, mas quem assumiu foi o candidato a vice-presidente José Sarney. Tancredo Neves estava gravemente doente, falecendo no dia 21 de abril. A ditadura militar acabou naquele dia. Começa a Nova República.

Cartaz de propaganda eleitoral de Tancredo Neves à presidência da República. O slogan "Muda Brasil" expressava a vontade da sociedade por mudanças.



Fundação Getúlio Vargas/CPDOC



Manifestação de mulheres em frente ao Congresso Nacional por eleições diretas para presidente da República, Brasília, DF. Fotografia de 1984.

Cynthia Brito/Olhar Imagem

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 240?

Créditos das imagens de cima para baixo: Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/ Agência Estado; Acervo do autor/Arquivo da editora; Evandro Teixeira/Tyba; Juca Martins/Olhar Imagem; Arquivo do jornal Folha de S. Paulo/Folhapress; Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado; Arquivo do jornal O Estado de S. Paulo/Agência Estado

255

■ Para desenvolver

Explique para a turma que, na eleição presidencial realizada por meio do Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985, o opositor Tancredo Neves obteve 480 votos (72,4%), enquanto o candidato do governo ditatorial, Paulo Maluf, recebeu apenas 180 votos (27,3%).

Fique ligado

Para ampliar as suas informações sobre os acontecimentos em torno da eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral e a sua morte antes da posse, em abril de 1985, indicamos o documentário e os artigos jornalísticos a seguir:

Céu aberto (Brasil). Direção de João Batista de Andrade, 1985. 78 min.

Documentário sobre a campanha das Diretas Já, a eleição de Tancredo Neves, a agonia de sua doença e sua morte. O filme dedica-se aos bastidores do poder, denunciando as tramas políticas.

JUNGSMANN, Mariana. Eleição de Tancredo faz 30 anos e continua influenciando política brasileira. *Agência Brasil/EBC*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-01/eleicao-de-tancredo-completa-30-anos-e-continua-influenciando-politica>>. Acesso em: 11 out. 2018.

LOURENÇO, Iolando. Há 30 anos Brasil perdia Tancredo Neves. *Agência Brasil/EBC*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2015-04/morte-de-tancredo-neves-completa-30-anos>>. Acesso em: 11 out. 2018.

MOURA, Pedro Marcondes de. Uma série de tragédias mudaram os rumos da política brasileira. *El país*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/13/politica/1407952185_249145.html>. Acesso em: 11 out. 2018.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, oriente os alunos a rerelem as respostas que elaboraram para a pergunta presente na página 240, estabelecendo a seguir um debate sobre a importância da democracia e das liberdades políticas e sociais para a ampliação e consolidação dos direitos de cidadania em nosso país.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Os Atos Institucionais foram impostos para justificar legalmente as práticas repressivas e antidemocráticas da ditadura militar. As principais medidas foram: fim das eleições diretas para presidente da República, governadores de estado e prefeitos de capitais; cidadãos poderiam ser punidos com a perda dos direitos políticos por 10 anos; extinção dos partidos políticos e imposição do bipartidarismo; o presidente da República passou a ter o poder de dissolver o Congresso Nacional; imposição da censura aos meios de comunicação; cerceamento da liberdade de expressão e do direito de reunião; fim do *habeas corpus* para crimes considerados políticos, entre outras medidas autoritárias.
2. O lado positivo foi o grande crescimento econômico que levou o Brasil a se tornar a 8ª economia do mundo. São também positivos os investimentos em infraestrutura, como telecomunicações, energia, transportes, etc. O lado negativo foi o processo de concentração da renda, multiplicando a riqueza dos ricos e aumentando a pobreza das classes baixas. Ocorreu também a degradação do ensino e da saúde públicas.
3. Muitos militantes de esquerda acreditavam que tinham forças para derrotar a ditadura pelas armas e implantar um regime socialista em seu lugar. Para financiar os gastos com a luta armada, os grupos guerrilheiros assaltavam bancos. Eles acreditavam que a população iria apoiá-los e aderir à luta armada. Não foi o que aconteceu. Sem apoio da sociedade, os guerrilheiros tiveram de enfrentar a repressão policial e militar. A ditadura recorreu a métodos extremamente repressivos, utilizando as mais bárbaras torturas contra os prisioneiros. Muitos guerrilheiros não suportaram e morreram nas dependências militares. Muitos foram presos, enquanto outros optaram por se exilar.
4. Entre os principais proble-

256

ROTEIRO DE ESTUDOS

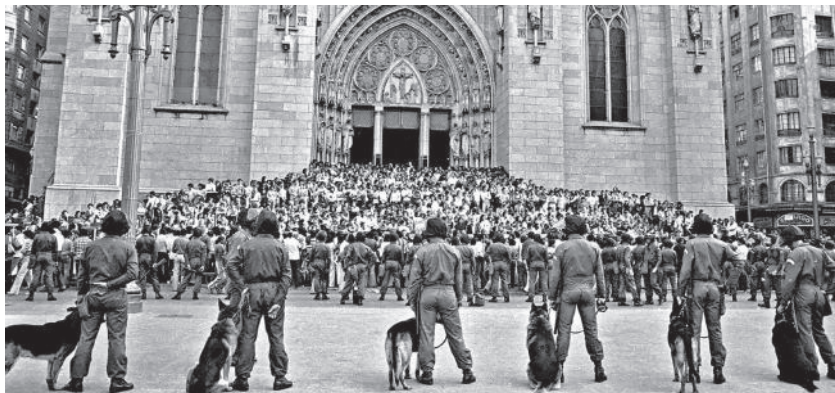
FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Por meio de Atos Institucionais, os governos Castelo Branco e Costa e Silva estabeleceram a ditadura no Brasil. Quais foram as principais medidas impostas por eles para acabar com a democracia no país?
- 2 | Indique os aspectos positivos e negativos do “milagre econômico brasileiro”.
- 3 | Por que muitos jovens aderiram à luta armada contra a ditadura e como foram derrotados?
- 4 | Quais foram os principais problemas enfrentados por Ernesto Geisel?
- 5 | O que foi a campanha das Diretas Já?
- 6 | Como a “linha dura” militar reagiu diante da crise da ditadura e do avanço das oposições?
- 7 | O que o deputado federal Ulysses Guimarães tem a ver com a ditadura militar?
- 8 | A anistia política de 1979 até hoje é debatida e questionada por diversas organizações democráticas. O que de mais importante é criticado na lei da anistia?
- 9 | Por que a seguinte frase é falsa?
Com a imposição do Ato Institucional nº 5 teve início a fase de democratização do Brasil.
- 10 | Por que a região amazônica foi importante para os planos econômicos da ditadura militar?

PESQUISA

Forme um grupo com quatro ou cinco colegas. A seguir, acessem dois sites. O primeiro é o Memórias da Ditadura, disponível no endereço: <<http://memoriasdadtadura.org.br/>> (acesso em: 16 jun. 2018). O segundo é o Memórias Reveladas, que pode ser acessado no endereço: <www.memoriasreveladas.gov.br> (acesso em: 16 jun. 2018). Nesses dois sites, vocês terão acesso a textos que versam sobre diferentes temas a respeito da ditadura: arte e cultura, repressão política a trabalhadores e movimentos sociais, mortos e desaparecidos, etc. Escolham um tema e façam um trabalho sob a orientação do professor.



Manifestação do Movimento contra a Carestia é vigiada pela Polícia Militar, na praça da Sé, em São Paulo, SP, em agosto de 1979.

mas podem ser citados a crise econômica internacional, as críticas do governo dos Estados Unidos às ditaduras militares na América Latina, as vitórias eleitorais do MDB, a reação da CNBB, OAB e ABI diante do assassinato do jornalista Wladimir Herzog, os protestos estudantis nas ruas e a resistência da “linha dura” das Forças Armadas ao próprio presidente Geisel.

5. Foi apresentado no Congresso Nacional um projeto que tornava diretas as eleições para presidente da República. Para pressionar o Congresso Nacional a aprovar o projeto, vários

comícios foram realizados em diversas capitais do país durante o ano de 1984.

6. Os militares insatisfeitos passaram a praticar atos de terrorismo, explodindo bancas de jornais e enviando cartas-bombas, como a que matou a secretária da OAB. O ato terrorista mais conhecido foi a tentativa frustrada de criar pânico e matar centenas de jovens que assistiam a um *show* no Riocentro, no Rio de Janeiro.
7. Ulysses Guimarães era presidente do único partido de oposição, o MDB. Nas eleições de 1974, a oposição cresceu muito

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Na época do “milagre econômico brasileiro”, a ditadura militar produziu propaganda política elogiosa ao governo. A propaganda política estava nas estações de rádio, emissoras de televisão e jornais. Era comum, também, a distribuição de adesivos para colar nos vidros dos automóveis.

Algumas mensagens produzidas pela propaganda oficial afirmavam: “Esse é um país que vai pra frente”, “Brasil: ame-o ou deixe-o”, “Pra frente Brasil”, “Ninguém mais segura esse país”. Na propaganda política dos militares, amar o seu país ou ser patriota era o mesmo que apoiar o governo militar.



Acima e ao lado, cartazes produzidos pelo governo durante a ditadura. Algumas revistas que apoiavam o regime também valorizavam as conquistas do povo brasileiro, como a Copa do Mundo de Futebol.



- Como você criticaria essas mensagens contidas na propaganda política da ditadura?

O PASSADO PRESENTE

No dia 10 de dezembro de 2014, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) entregou o relatório final de suas atividades à presidente Dilma Rousseff. Após dois anos e sete meses de trabalho sistemático, a CNV produziu relatório de mais de 4 mil páginas.

No relatório, os presidentes do regime militar são acusados de responsabilidade pelas torturas. São apontados 377 agentes que atuaram diretamente na repressão, na tortura e na morte de guerrilheiros. O relatório revelou que foram 434 pessoas mortas e desaparecidas com a repressão.

A CNV também denunciou os métodos de tortura e as perseguições a religiosos, indígenas, gays e aos próprios militares. Entre outras recomendações, propôs a revisão da Lei da Anistia, que beneficiou agentes da repressão e torturados. Segundo o relatório, a tortura, as execuções e a ocultação de cadáveres são crimes contra a humanidade e não podem receber anistia.

Existem aqueles que são contra a revisão da Lei da Anistia. Alegam que os agentes da repressão combatiam guerrilheiros que assaltaram bancos, sequestraram embaixadores e mataram militares.

Os guerrilheiros afirmam, no entanto, que sofreram punições: foram torturados e ficaram anos na prisão. Lembram que outros foram mortos. Argumentam, também, que os policiais e militares eram funcionários públicos e que poderiam agir de acordo com a lei e não de maneira cruel e desumana.



- Forme um grupo com os colegas de turma e debatam a questão: A Lei da Anistia deve ser mantida como está ou deve ser revisada, permitindo a punição dos torturadores?

Pesquisa

Resposta pessoal. Esta atividade pode ser iniciada na sala de informática da escola. Você pode pedir para que os estudantes naveguem nos sites, explorando-os primeiro. Em seguida, poderá sugerir que escolham o tema que mais chamou a atenção do grupo: arte e cultura; a repressão política a trabalhadores e movimentos sociais; os mortos e desaparecidos; banco de imagens, entre outros que você selecionar. Os estudantes deverão, em seguida, desenvolver o tema em uma primeira parte do trabalho e, posteriormente, analisar a forma como o tema é tratado nos sites pesquisados, apresentando os pontos de vista destes com relação ao assunto escolhido. O banco de imagens poderá ser analisado a partir da escolha de algumas fotografias dos sites pelo grupo.

Imagens contam a história

Gostar do seu país ou ser patriota não tem qualquer relação com apoio político ao governo. A ditadura procurava confundir o país Brasil com o governo desse país, ou seja, o governo militar. Pode-se gostar do país e opor-se ao governo, assim como também é possível gostar do país e apoiar o governo. Uma coisa (gostar do país) nada tem a ver com outra (apoiar ou não o governo).

O passado presente

Resposta pessoal. Você poderá dividir a classe em dois grupos: um defenderá a Lei da Anistia da forma como está e o outro argumentará a favor da punição dos torturadores. Os dois grupos devem pesquisar, antes do debate, argumentos para a sua posição. Ao final, você poderá tirar conclusões com os estudantes, fornecendo, também, exemplos de como a situação dos torturadores foi tratada em países como o Chile e a Argentina.

- ▶ em número de deputados e senadores, demonstrando a insatisfação da sociedade em relação à ditadura militar. Ulysses Guimarães tornou-se a liderança mais importante na luta contra a ditadura militar.
- 8. O governo militar estabeleceu como condição para a aprovação da Lei de Anistia que os agentes a serviço da ditadura não fossem punidos pelas torturas e assassinatos que cometeram. Assim, a anistia passaria a valer tanto para os guerrilheiros quanto para os torturadores. O que as organizações democráticas questionam é a anistia aos torturadores.

- 9. Com o AI-5, todas as garantias constitucionais foram suprimidas. O presidente da República tinha a prerrogativa de fechar o Congresso Nacional, os meios de comunicação sofriam censura prévia, enquanto os direitos ao *habeas corpus* para crimes considerados políticos foram suspensos. O AI-5 foi o instrumento jurídico mais violento da ditadura militar.
- 10. O regime militar tinha o objetivo de povoar a Amazônia. Para isso, deu início à construção de uma rodovia que atravessaria a Floresta Amazônica, conhecida como Transamazônica.

Unidade 5

Passagem de século: crises e mudanças globais

Unidade composta dos capítulos 15, 16 e 17, vinculados ao estudo do Brasil nos anos da Nova República, a partir de 1985, e do mundo na passagem do século XX para o XXI. O capítulo 15 aborda as mudanças socioeconômicas experimentadas pela sociedade brasileira entre as décadas de 1980 e 2010, com destaque para os processos de redemocratização e de expansão dos direitos de cidadania. Já o capítulo 16 examina as transformações geopolíticas decorrentes do fim da Guerra Fria e a imposição de uma Nova Ordem Mundial na virada dos anos 1980 e 1990, enquanto o capítulo 17 tem como tema central o mundo no início do século XXI, realçando as ações norte-americanas no curso da Guerra ao Terror e as consequências globais do colapso do sistema financeiro dos EUA em 2007.

A imagem de abertura da Unidade 5 é uma fotografia de um dos protestos de rua realizados pelo movimento *Occupy Wall Street* (OWS), iniciado em setembro de 2011 no Zuccotti Park, localizado no distrito financeiro de Manhattan, em Nova Iorque, EUA. O “Ocupe Wall Street”, dentre outras pautas, protesta contra o que acusam de relações corruptas e indevidas mantidas entre o governo norte-americano e as grandes instituições financeiras do país, muitas delas altamente beneficiadas pela crise econômica de 2007.



258

Competências Gerais da Educação Básica	Competências Específicas de Ciências Humanas	Competências Específicas de História
CG1, CG2, CG4, CG5, CG7, CG8, CG9, CG10	CCH1, CCH2, CCH3, CCH4, CCH5, CCH6, CCH7	CEH1, CEH2, CEH4, CEH6, CEH7

Créditos das imagens de baixo para cima: Patrick Hertzog/Agência France-Press; Goran Tomasevic/Reuters/Fotoarena, Juca Martins/Olhar Imagem.

VAMOS ESTUDAR

- » JOSÉ SARNEY, A TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA E O PLANO CRUZADO
- » FERNANDO COLLOR DE MELLO E A CRISE POLÍTICA
- » ITAMAR FRANCO E O PLANO REAL
- » FERNANDO HENRIQUE CARDOSO E AS POLÍTICAS NEOLIBERAIS
- » OS GOVERNOS LULA E DILMA: DESENVOLVIMENTO E DIREITOS SOCIAIS
- » A CRISE DOS ANOS 1970 E A REVOLUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA
- » A ERA DO NEOLIBERALISMO
- » A SEGUNDA GUERRA FRIA
- » A DESAGREGAÇÃO DO BLOCO SOVIÉTICO
- » A NOVA ORDEM MUNDIAL E A GLOBALIZAÇÃO
- » 2001: ATAQUE A NOVA YORK
- » GUERRA NO AFGANISTÃO E NO IRAQUE
- » A CRISE ECONÔMICA DE 2007
- » A REVOLTA ÁRABE

Em setembro de 2011, no centro financeiro de Nova York, Estados Unidos, começaram protestos contra o modelo neoliberal que gerou grave crise econômica. O movimento *Occupy Wall Street* (Ocupe Wall Street) teve início com esses protestos.

5

UNIDADE

PASSAGEM DE SÉCULO: CRISES E MUDANÇAS GLOBAIS

A partir de 1985, com o fim da ditadura militar, os brasileiros voltaram a conviver em um regime democrático. Contudo, a crise econômica e as injustiças sociais permaneceram.

Nas últimas décadas do século XX, os regimes comunistas deixaram de existir e o neoliberalismo e a globalização geraram a Nova Ordem Mundial.

Os Estados Unidos invadiram países árabes e, em 2007, o capitalismo conheceu uma das mais graves crises de sua história.

O povo foi para as ruas. Estados Unidos, Espanha, Brasil e muitos países árabes tornaram-se palco de grandes manifestações.

259

Objetivos da Unidade

- Analisar o processo de re-democratização brasileira nos anos 1980, destacando tanto as conquistas sociais presentes na Constituição de 1988 quanto os contextos econômicos vivenciados no Brasil entre as décadas de 1980 e 2010.
- Examinar as mobilizações sociais por direitos e justiça no Brasil desde meados da década de 1980, realçando os avanços sociais alcançados e também os graves problemas que persistem em nossa sociedade na atualidade.
- Analisar as transformações que se processam nas economias capitalistas centrais entre os anos 1970 e 1980, destacando as experiências neoliberais da época em países como a Inglaterra e os Estados Unidos.
- Avaliar tanto a desagregação da União Soviética e do Bloco Socialista, entre os anos 1980 e 1990, quanto as características assumidas nessa época pelo processo de globalização econômica.
- Analisar os desdobramentos geopolíticos dos atentados terroristas de setembro de 2001 nos EUA, bem como as causas e consequências da crise econômica norte-americana de 2007.
- Examinar as causas e os múltiplos resultados da Revolta Árabe, verificada entre 2010 e 2011 em diversos países do Norte da África e do Oriente Médio.

Habilidades da BNCC trabalhadas na Unidade

EF09HI22	EF09HI23	EF09HI24	EF09HI25	EF09HI26	EF09HI27
EF09HI28	EF09HI32	EF09HI33	EF09HI35	EF09HI36	

Capítulo 15

O Brasil recente entre conquistas e desilusões

O capítulo abrange o estudo das transformações políticas, culturais e socioeconômicas experimentadas no Brasil entre as décadas de 1980 e 2010, com destaque para os eventos mais significativos do processo de consolidação da ordem democrática no país, como a elaboração e promulgação da Constituição de 1988 e as eleições presidenciais ocorridas a partir de então. O personagem histórico em destaque é o seringueiro Francisco Alves Mendes Filho, conhecido internacionalmente como Chico Mendes, líder na luta contra o desmatamento na Amazônia e que foi assassinado por fazendeiros em dezembro de 1988.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar o processo de redemocratização do Brasil após 21 anos de Ditadura Militar, realçando eventos como a elaboração e promulgação da Constituição de 1988, marco fundamental no restabelecimento e conquista de importantes direitos de cidadania em nosso país.
- Examinar as mudanças econômicas, políticas e sociais ocorridas durante os sucessivos governos eleitos pelo voto popular no Brasil entre as décadas de 1980 e 2010.
- Analisar as mobilizações por direitos e justiça realizadas por diferentes setores e organizações da sociedade civil desde meados da década de 1980, realçando tanto as conquistas políticas e sociais decorrentes de tais mobilizações democráticas quanto a persistência de graves problemas na realidade presente do país.



Jovens se pintam com as cores da bandeira brasileira durante manifestação pedindo a saída do presidente Fernando Collor de Mello, na cidade de São Paulo, SP. Fotografia de 1992.

CAPÍTULO 15

O BRASIL RECENTE ENTRE CONQUISTAS E DESILUSÕES

Em 1985, após 21 anos vivendo sob uma ditadura militar, a sociedade brasileira retornou à vida democrática. A concentração de renda fazia do Brasil um dos países mais injustos do mundo. Os mais pobres sofriam ainda com o aumento acelerado dos preços das mercadorias, resultado do descontrole da economia.

Desde então, o Brasil conheceu muitos avanços, sobretudo nas áreas da economia e dos direitos sociais, mas ainda convive com graves problemas, como a violência e a corrupção.

Nesta segunda década do século XXI, os brasileiros ainda procuram soluções para os problemas do país, participando de sua vida política.

O regime democrático permite o livre debate e a convivência com diferentes opiniões.

A consolidação da democracia no Brasil é o caminho para a construção de um país melhor.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Em 1992, milhares de jovens protestaram contra a corrupção, exigindo que o presidente da República deixasse o poder. O movimento de protesto recebeu um nome bastante conhecido. Você saberia dizer que movimento foi esse?

Créditos das imagens de cima para baixo: Rodrigo Lobo/JC Imagem/Agência Estado; Jorge Cardoso/Correio Braziliense/D.A. Press; Reuters/Fotoarena; Juca Martins/Olhar Imagem; Renato dos Anjos/Agência Estado; Rogério Carneiro/Folhapress.

260

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI22	EF09HI23
EF09HI24	EF09HI25
EF09HI26	EF09HI27

Puxando pela memória

Movimento dos caras-pintadas. A expressão ficou conhecida dessa maneira porque jovens protestavam nas ruas com os rostos pintados de verde e amarelo.

Chico Mendes

Francisco Alves Mendes Filho, conhecido como Chico Mendes, nasceu no município de Xapuri, no Acre, em 1944. Ainda criança, aprendeu o ofício de seringueiro com o pai e, aos 9 anos, já trabalhava na floresta. Como os proprietários dos seringais não permitiam a existência de escolas em suas terras, Chico Mendes aprendeu a ler somente aos 20 anos de idade.

Chico Mendes começou a enfrentar problemas durante a ditadura militar. Grandes proprietários dos seringais exploravam os trabalhadores e desmatavam a floresta. Além de cometer crime ambiental, deixavam milhares de habitantes da floresta sem emprego.

Em 1975, Chico Mendes participou da luta sindical. Junto a outros seringueiros, impediu o desmatamento, realizando os chamados “empates”: os seringueiros usavam seus próprios corpos para defender as árvores. Pretendiam impedir a continuidade do desmatamento da floresta.

Perseguições e ameaças

Em 1979, Chico Mendes reuniu sindicalistas, religiosos e trabalhadores rurais para discutir os conflitos com os grandes fazendeiros. Foi preso pelos militares e recebeu ameaças de morte dos proprietários de seringais, fazendeiros de gado e madeireiros.

Mesmo com as perseguições, Chico Mendes continuou sua luta pela preservação da Floresta Amazônica. Em 1982, assumiu a Presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. As ameaças de morte continuaram.

Ricardo Azoury/Pulsar Imagens

Vista aérea de grande área desmatada da Floresta Amazônica no município de São Félix do Xingu, Pará. Na imagem, é possível verificar a fumaça gerada por queimadas para preparo de pasto. Fotografia de 2016.



Chico Mendes em frente ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre. Fotografia de 1988.

FIQUE DE OLHO

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

Disponível em: <www.icmbio.gov.br/portal/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Atividade complementar

A seu critério, selecione e exiba para a turma um trecho significativo de 15 a 20 minutos do documentário *Chico Mendes – Cartas da floresta* (Brasil, 2009). A seguir, organize uma roda de conversa para que eles possam se expressar oralmente sobre, principalmente, a importância das Reservas Extrativistas para preservação dos povos e florestas amazônicas na atualidade.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre a trajetória de Chico Mendes e a luta nos anos 1980 em torno da preservação dos povos e florestas da Amazônia, em especial, confira o *site* e o documentário a seguir:

Memorial Chico Mendes. Disponível em: <<http://memorialchicomendes.org>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Chico Mendes – Cartas da floresta (Brasil). TV Câmara, 2009. 43 min. Nesse documentário produzido pela TV Câmara, cartas, bilhetes e entrevistas mostram como Chico Mendes aprendeu a ler, a escrever e se tornou o principal líder da luta dos seringueiros contra a pressão do latifúndio e a devastação da floresta.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala, com os alunos, as mudanças políticas e econômicas ocorridas durante o governo Sarney e os eventos em torno da elaboração e promulgação da Constituição de 1988, temas presentes entre as páginas 261 e 266 do livro do estudante, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades:

- EF09HI22 – Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988.
- EF09HI23 – Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacionados à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.

Para desenvolver

Destaque para a turma que a situação econômica, política e social do país após duas décadas de Ditadura Militar era muito grave – dívida externa altíssima, descontrolado inflacionário, extremas desigualdades sociais, dentre outros problemas. Nesse difícil contexto, os sucessivos planos de estabilização econômica lançados durante a presidência de José Sarney (1985-1990) – planos Cruzado I e II (1986), Bresser (1987) e Verão (1989) – não foram capazes de conter a escalada inflacionária, que entre os anos de 1980 e 1990 configurou-se como “hiperinflação”, na casa dos 80% em média por mês, com médias anuais altíssimas de 233,5% no período 1980-1989 e ainda mais altas, de cerca de 499,2% ano, entre 1990 e 1999, de acordo com dados da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe).

Material digital

Para ampliar os temas abordados no bimestre, verifique, no plano de desenvolvimento, o projeto integrador *Meu consumo e o lixo que produz impactam o meio ambiente*.

CÁ ENTRE NÓS

Ao final do ano de 1985, a inflação acumulada foi de 225,16%. Isso significa que, se no começo de janeiro de 1985 um produto custava 100, em dezembro seu preço era de 325,16. Quem mais sofria com o aumento dos preços eram as pessoas pobres. Seus salários não acompanhavam o aumento dos preços.

Fiscais da Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) fecham casa comercial no centro do Rio de Janeiro por não respeitar o tabelamento dos preços. Fotografia de julho de 1986.

A Nova República

Com a morte de Tancredo Neves, quem assumiu o cargo de presidente da República foi José Sarney. Por decisão do Congresso Nacional, as leis autoritárias da ditadura foram revogadas. Algumas das medidas foram:

- » fim da censura aos meios de comunicação;
- » direito de realizar greves;
- » liberdade para a criação de partidos políticos;
- » liberdade de expressão, inclusive de opiniões contrárias ao governo.

Sarney recebeu dos militares um país falido. A dívida externa era enorme, alcançando 100 bilhões de dólares. O país não tinha como pagar nem mesmo as parcelas da dívida. A inflação entrou em descontrole.

O Plano Cruzado

Em fevereiro de 1986, José Sarney anunciou um plano econômico chamado Plano Cruzado. De acordo com esse plano, todos os preços das mercadorias, salários, aluguéis e tarifas públicas estavam congelados – não poderiam aumentar.

A sociedade brasileira apoiou com entusiasmo o Plano Cruzado. O governo emitiu tabelas de preços de todos os produtos e convocou a população a fiscalizá-los e a denunciar os comerciantes que não respeitassem as tabelas. Nos supermercados, pessoas se declaravam “fiscais do Sarney”. Policiais e cidadãos prendiam comerciantes que alteravam os preços. O país foi tomado por verdadeira euforia.



Rogério Carneiro/Folhapress

262 ► UNIDADE 5 | Passagem de século: crises e mudanças globais

Fique ligado

Para ampliar as suas informações sobre o cenário político, econômico, social e cultural do país no começo do governo Sarney (1985-1990), indicamos os livros, os textos acadêmicos e o documentário a seguir:

SALLUM JR., Brasília. *Labirintos – Dos generais à Nova República*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

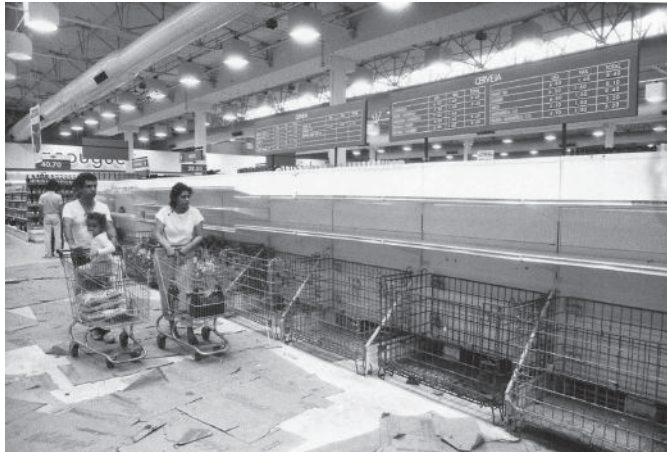
História do Brasil por Bóris Fausto – Redemocratização (Brasil). TV Escola / MEC, 2002, 30 min. Esse episódio analisa o processo que fez o país se tornar, novamente, uma democracia, a partir das experiências dos governos José Sarney, Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, na sucessão presidencial que também viu a nação conseguir manter uma economia saudável. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video?idItem=5455>>. Acesso em: 12 out. 2018.

À euforia não durou muito

Os economistas do governo alertaram que o congelamento dos preços não podia durar muito tempo, mas Sarney insistiu em mantê-lo até as eleições que ocorreriam em novembro de 1986. As mercadorias começaram a desaparecer das prateleiras. Os preços estavam congelados, mas não havia produtos para comprar.

Dias depois das eleições, Sarney liberou os preços. A população, que havia acreditado no fim da inflação, se sentiu traída. Os índices de popularidade de Sarney caíram imediatamente. Além disso, surgiram escândalos de corrupção no governo, o que decepcionou ainda mais a sociedade brasileira.

Wilson Melo/Folhapress



Consumidores observam a falta de mercadorias em supermercado de São Paulo, SP. Fotografia de 1986.

OUTRAS HISTÓRIAS PERSONAGENS

Mário Juruna, o indígena deputado

Mário Juruna nasceu em uma aldeia de indígenas xavantes, no estado do Mato Grosso, e teve contato com pessoas de fora de sua aldeia somente aos 17 anos.

Nos anos 1970, ele percorreu vários escritórios da Fundação Nacional do Índio exigindo a demarcação das terras indígenas. Comprou um gravador de fita K-7 para gravar todas as conversas com autoridades públicas, comprovando como os indígenas eram enganados com promessas nunca cumpridas.

Juruna resolveu lutar pela causa dos indígenas candidatando-se a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, sendo eleito para o período de 1983 a 1987. Foi o primeiro indígena a ser eleito para o Congresso Nacional. Morreu em 2002, muito pobre.

Jorge Cardoso/Correio Brasileiro/D.A. Press



O então deputado Mário Juruna, em seu gabinete no Congresso Nacional, fala acompanhado de seu gravador. Fotografia de 1986.



- Em um de seus pronunciamentos na Câmara dos Deputados, Mário Juruna disse: “Eu nasci para morrer, eu nasci para brigar. Não nasci para ser expulso. Porque estou dentro do Brasil que é do índio... Eu nasci para isso” (disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/mario-juruna.htm>>, acesso em: 17 jun. 2018). De que forma você pode relacionar essa declaração com as informações sobre Juruna contidas nesta seção?



Fique ligado

Para obter maiores informações sobre o contexto político, social e cultural dos anos 1980 no Brasil, confira as indicações a seguir:

ABRANCHES, Sérgio Henrique. *Presidencialismo de Coalizão: o dilema institucional brasileiro*. Dados. *Revista de Ciências Sociais*, v. 31, n. 1, 1988. Disponível em: <<https://politica3unifesp.files.wordpress.com/2013/01/74783229-presidencialismo-de-coalizao-sergio-abranches.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

GRANGEIA, Mario L. *Brasil: Cazuza, Renato Russo e a transição democrática*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BRYAN, Guilherme. *Quem tem um sonho não dança: cultura jovem brasileira nos anos 80*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Santa Marta – Duas semanas no morro [Brasil]. Direção de Eduardo Coutinho, 1987. 50 min.

Nesse documentário, o diretor retrata o dia a dia, nos anos 1980, dos moradores do morro Santa Marta, Zona Sul do Rio de Janeiro.

Cidade de Deus [Brasil]. Direção de Fernando Meireles, 2002. 130 min.

Rapaz pobre vive no Cidade de Deus quando, nos anos 1980, o tráfico de drogas cresce no Rio de Janeiro. Com sua máquina fotográfica, ele se preserva do mundo do crime.

Faroeste caboclo [Brasil]. Direção de René Sampaio, 2013. 105 min.

Livremente inspirado na canção homônima da banda Legião Urbana, o filme aborda a história de um nordestino que chega a Brasília em 1987, torna-se traficante e apaixona-se por uma moça, também disputada por um traficante rival.

Cazuza – O tempo não para [Brasil]. Direção de Sandra Werneck, 2004. 98 min.

Filme biográfico sobre Cazuza, do início de sua carreira ao auge do sucesso com a canção “Brasil” nos anos 1980.

Para desenvolver

Resalte para a turma que a decisão do então presidente José Sarney de manter o congelamento de preços para além do tempo recomendado por sua equipe econômica tinha um claro objetivo eleitoral: aproveitar sua popularidade para beneficiar seu partido, o PMDB. Como resultado de tal estratégia política, nas eleições de novembro de 1986, nas quais cerca de 70 milhões de brasileiros foram às urnas para escolher os parlamentares que elaborariam uma nova Constituição para o país, o PMDB elegeu 22 dos 23 governadores do país, obtendo também a maioria no Senado e 260 das 487 cadeiras da Câmara dos Deputados, em que o também governista PFL elegeu 118 deputados.

Outras histórias Personagens

- Juruna lutava pelas causas indígenas no Congresso Federal. Entre elas estava a demarcação de Terras Indígenas, garantindo juridicamente suas terras. A afirmação de Juruna relaciona a sua identidade ao papel que buscava desempenhar no Congresso, a de defensor dos direitos dos povos indígenas.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre as mobilizações populares pela conquista de direitos entre os anos de 1980 e 1990, confira os livros, o texto acadêmico e os filmes a seguir:

FERNANDES, Bernardo Mançano; STEDILE, João Pedro. *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, André Magalhães. Assembleia Nacional Constituinte de 1987-88. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/assembleia-nacional-constituente-de-1987-88>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Terra para Rose (Brasil). Direção de Tete Moraes, 1987. 84 min.

O filme aborda a sensível questão da reforma agrária no Brasil, no período de transição pós-regime militar, retratando o início de um importante movimento social, o MST.

Brincando nos campos do Senhor (EUA). Direção de Héctor Babenco, 1991. 190 min.

Missionário tem a missão de converter indígenas ao cristianismo na Amazônia. No entanto, ele tem que enfrentar funcionários do governo e mercenários que querem se apropriar das Terras Indígenas.

As populações indígenas se mobilizaram na luta por seus direitos. Grupo vindo do norte do Pará acompanha votação sobre demarcação de terras indígenas no plenário da Câmara dos Deputados. Brasília, DF. Fotografia de 1988.

Os povos da floresta

A luta de Chico Mendes continuava. Ele organizou o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros em outubro de 1985, em que apresentou a proposta de União dos Povos da Floresta, composta de indígenas, seringueiros, pescadores, quebradeiras de coco de babaçu, entre muitos outros.

A proposta de Chico Mendes era criar reservas extrativistas que preservassem a floresta e as áreas onde os indígenas residiam. Desse modo, os “povos da floresta” viveriam em harmonia com a própria floresta, preservando-a da destruição.

Repercussão internacional

Convidado a discursar no Congresso dos Estados Unidos, Chico Mendes denunciou a devastação da Floresta Amazônica. Além disso, revelou que bancos internacionais financiavam o desmatamento para a formação de grandes fazendas, expulsando os seringueiros.

Diante das denúncias, os bancos internacionais suspenderam os financiamentos. Chico Mendes foi acusado pelos fazendeiros de “impedir o progresso do estado do Acre”. Sua luta em defesa da Floresta Amazônica foi reconhecida internacionalmente, e ele ganhou vários prêmios, inclusive da ONU.



Claudio Versani/Arquivo de editora

Para desenvolver

Destacando a imagem de lideranças indígenas numa sessão da Câmara dos Deputados em 1988, presente na página 264 do livro do estudante, explique para os alunos que durante a Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) diversos setores e organizações da sociedade civil – sindicalistas, professores, trabalhadores rurais e sem-terra, sem-teto, mulheres, indígenas, quilombolas e negros, dentre outros grupos – se mobilizaram fortemente para conquistar e garantir direitos há muito reivindicados. Nesse sentido, resalte que o regimento interno da Constituinte previa a rea-

lização de audiências públicas e a possibilidade de apresentação de emendas populares, ou seja, propostas elaboradas por entidades representativas e endossadas por pelo menos 30 mil eleitores. No curso desses trabalhos, 122 emendas reunindo mais de doze milhões de assinaturas foram apresentadas, abrangendo temas como os direitos da criança e do adolescente, a reforma agrária e a urbana, a educação pública, a previdência social, os direitos trabalhistas e a defesa dos direitos humanos, do consumidor, de mulheres e da juventude.

▶ A transição democrática

Deputados e senadores que formaram a Assembleia Nacional Constituinte promulgaram, em 1988, a Constituição em vigor atualmente. A Constituição incluiu uma série de direitos políticos, direitos sociais e garantias fundamentais do cidadão. Ulysses Guimarães, presidente da Câmara Federal, chamou-a de “Constituição cidadã”.

Hiperinflação

Com a nova Constituição, o país avançava para a democracia, mas também para a hiperinflação. Os ricos e a classe média conseguiam se defender da inflação com investimentos financeiros. Os trabalhadores foram os mais prejudicados, pois não tinham acesso ao sistema bancário. Sarney deixou o problema da inflação para o seu sucessor resolver.



João Reméd/Arquivo da editora

O deputado Ulysses Guimarães, ao centro, durante ato de promulgação da nova Constituição, Brasília, DF. Fotografia de 5 de outubro de 1988.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Matemática

A Matemática pode auxiliar o historiador a conhecer processos sociais do passado. Vejamos a situação do Brasil durante a hiperinflação de 1989.



- Se, em janeiro daquele ano, uma camisa custasse 100, quanto custaria a mesma camisa em dezembro, sabendo que a hiperinflação anual era de 1968,87%?



Atividade complementar

A seu critério, selecione e exiba para a turma um trecho com cerca de 15 a 20 minutos da reportagem especial “A Constituição da cidadania” (2013, 62 min.), produzida pela TV Senado e disponível no seguinte endereço: <<https://www.senado.leg.br/noticias/TV/Embed.asp?y=Nc-1GIZD1t0>>. Acesso em: 12 out. 2018. A seguir, oriente os alunos que se expressem oralmente e apontem elementos do

programa que confirmam a seguinte afirmação, presente na página 265 do livro do estudante: “A Constituição incluiu uma série de direitos políticos, direitos sociais e garantias fundamentais do cidadão. Ulysses Guimarães, presidente da Câmara Federal, chamou-a de ‘Constituição cidadã’.”

■ Para desenvolver

Em relação à Constituição de 1988, promulgada em 5 de outubro de 1988, explique para a turma que ela é também conhecida como a “Constituição cidadã” por ser a mais abrangente e extensa de todas as anteriores no que se refere aos Direitos e Garantias Fundamentais, trazendo muitos avanços, por exemplo, no reconhecimento dos direitos individuais e sociais das mulheres, idosos, crianças e adolescentes, no estabelecimento de garantias legais para os povos indígenas e por representar um marco para a proteção do meio ambiente. Você pode consultar o texto integral da Constituição de 1988, com as alterações que ele recebeu nesses trinta anos de vigência, neste endereço: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

A História não está sozinha Matemática

- Em dezembro, a camisa custaria 2.068,87.

Fique ligado

Para saber ainda mais sobre as mobilizações populares pela conquista de direitos entre os anos de 1980 e 1990 e sobre a Constituição de 1988, consulte os temas “Número de sindicatos por central sindical – 1988-1992”, “As bases da CUT”, “Estrutura e bancadas da Constituinte” e “O sistema político da ‘Constituição cidadã’ de 1988”, no *Atlas histórico do Brasil*, plataforma *on-line* mantida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que se encontra disponível no endereço: <<https://atlas.fgv.br/capitulos/nova-republica-1985-2009>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Para desenvolver

Lembre a turma que o presidente Sarney, depois dos insucessos dos planos Cruzado I e II, ainda tentou controlar a inflação com dois outros planos de estabilização: o Plano Bresser (elaborado pelo ministro da Fazenda Luís Carlos Bresser Pereira), em junho de 1987, e o Plano Verão (articulado pelo ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega), em junho de 1989. Esses planos recorreram ao congelamento de preços e ambos também fracassaram.

Documento

- Segundo a Constituição, a prática do racismo é crime inafiançável e imprescritível. Isso significa que quem pratica o racismo não pode obter liberdade sob fiança e que não há prazo para que ele seja extinto. Por fim, o texto constitucional diz que a pena para o crime de racismo é de prisão de acordo com os termos da lei. Professor, explique para os estudantes que o inciso é uma subdivisão de uma lei.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos em relação às mobilizações de entidades vinculadas aos movimentos de mulheres e negros entre os anos 1980 e 1990, confira o livro e o documentário a seguir:

VERSIANI, Maria Helena. *Correio político: os brasileiros escrevem a democracia (1985-1988)*. Rio de Janeiro: Contra Capa / Faperj, 2014.

Abolição (Brasil). Direção de Zózimo Bulbul, 1987. 84 min.

No centenário da Abolição de 1888, os problemas e lutas sociais da população negra brasileira são abordados em entrevistas com diferentes lideranças do movimento antirracista da época, como Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez.

Fim de um líder

Chico Mendes não teve tempo para ver completada a transição democrática do Brasil. Sua luta em defesa da Floresta Amazônica provocou o ódio de muitos fazendeiros que queriam o desmatamento.

Em dezembro de 1988, dois meses depois de promulgada a Constituição, um fazendeiro e seu filho mataram Chico Mendes com tiros de escopeta. Sua morte teve repercussão internacional. Os assassinos foram julgados e condenados a vários anos de prisão.

DOCUMENTO



Newton Aguiar/Agência Estado

Movimento pelos direitos dos negros contou a sua versão sobre a escravidão no Brasil, São Paulo, SP. Fotografia de maio de 1988.

Constituição de 1988

Durante a ditadura militar, a falta de liberdade impedia que os brasileiros reivindicassem seus direitos. Quando o Brasil retornou ao regime democrático, muitas categorias profissionais declararam greves, pleiteando melhores salários. Os negros exigiram o fim da discriminação e punição para o racismo. As mulheres reivindicaram direitos iguais aos dos homens. Foram muitas as demandas da sociedade brasileira por trabalho, moradia, saneamento básico, escolas, hospitais e respeito pela dignidade humana. Leia dois incisos do artigo 5º da Constituição Federal:

Capítulo I

Dos direitos e deveres individuais e coletivos

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I – homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; [...]

XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; [...].

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 17 jun. 2018.

- Explique o significado desse texto constitucional.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *Os movimentos sociais e a elaboração da "Constituição cidadã" de 1988*, localizada no material digital do Manual do Professor.

Votando para presidente da República

Em 1989, os brasileiros puderam eleger seu presidente. O eleitor tinha à disposição vários candidatos com programas políticos definidos, mas quem se destacou foi o então pouco conhecido Fernando Collor de Mello.

Fernando Collor declarava-se o “novo” na política; também prometeu acabar com a inflação e a corrupção no país.

Collor soube expressar o desejo de mudança da sociedade brasileira. Quando subiu nas pesquisas e mostrou-se capaz de derrotar Lula e Brizola, recebeu apoio de poderosos grupos econômicos e de comunicação.

No primeiro turno, Collor ficou em primeiro lugar e Lula em segundo. No segundo turno, o resultado foi 42,75% dos votos para Collor e 37,86% para Lula. Muitas esperanças foram depositadas em Collor.



Renato dos Anjos/Agência Estado

No segundo turno das eleições presidenciais, Mário Covas (PSDB), à esquerda, e Leonel Brizola (PDT), à direita, apoiaram a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, ao centro. Eles participaram de comício no Rio de Janeiro, RJ. Fotografia de 1989.

FIQUE DE OLHO

*Museu Afro Digital
Rio de Janeiro.*

Disponível em:
<<http://museuafrodigitalrio.org/>>.

Acesso em:
17 jun. 2018.

O site do Museu Afro Digital disponibiliza exposições, imagens, vídeos e outras mídias sobre a arte e a cultura afro-brasileira.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala com os alunos tanto as mudanças econômicas e políticas quanto as mobilizações por direitos e justiça realizadas por diferentes setores e organizações da sociedade civil entre o final da década de 1980 e os anos 2010, temas presentes entre as páginas 267 e 277 do livro do estudante, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades:

- EF09HI23 – Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.
- EF09HI24 – Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.
- EF09HI25 – Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.

↳ O governo Collor

Quando Collor assumiu a Presidência da República, em março de 1990, a inflação daquele mês tinha sido de 80%. Para responder ao descontrole da economia, o governo Collor recorreu ao congelamento de preços e salários, aumentou as tarifas públicas, abriu o país para importações e demitiu milhares de funcionários públicos.

A medida mais drástica, contudo, foi a de impedir que as pessoas sacassem o próprio dinheiro depositado nos bancos, nas contas correntes e nas cadernetas de poupança. Cada correntista poderia sacar uma quantia limitada, enquanto todo o restante ficaria indisponível por 18 meses. Sem dinheiro em circulação, os preços não tinham como subir.

O Brasil recente entre conquistas e desilusões | CAPÍTULO 15 ◀ 267

Para desenvolver

Relembre com os alunos que a última eleição presidencial pelo voto direto tinha ocorrido em 1960, quando foi eleito Jânio Quadros, tema abordado no capítulo 13 deste livro. Ressalte também para a turma que, no primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, entre nada mais nada menos do que 22 candidatos, Collor ficou em primeiro lugar com 28,53% dos votos, seguido, respectivamente, por

Lula com 16,08% e Brizola com 15,45%. No segundo turno, 70,2 milhões de brasileiros compareceram às urnas na expectativa de que o futuro governo implementasse mudanças para que o país superasse a profunda crise econômica em que se encontrava. Não foi de fato o que aconteceu, e o presidente eleito em menos de dois anos no cargo acabou afastado do poder.

Fique ligado

Para obter mais informações sobre as eleições presidenciais de 1989 no Brasil, confira o artigo do jornal *Deutsche Welle (DW)* e o mapa histórico disponibilizado pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC): Histórico das eleições presidenciais no Brasil. *DW*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/hist%C3%B3rico-das-eleic%C3%A7%C3%B5es-presidenciais-no-brasil/av-45614814>>. Acesso em: 12 out. 2018.

A vitória de Collor na eleição de 1989. *CPDOC/FGV*. Disponível em: <<https://atlas.fgv.br/marcos/governo-collor-1990-1992/mas/vitoria-de-collor-na-eleicao-de-1989resultado-na-cional-do-1o>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Para desenvolver

Ao abordar em sala as manifestações populares que culminaram no *impeachment* de Fernando Collor de Mello, em dezembro de 1992, destaque para a turma que a partir de agosto desse ano, sob a liderança de entidades estudantis como a União Brasileira dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), milhares de pessoas foram às ruas em diversas capitais e cidades brasileiras. O slogan “Fora Collor”, o predomínio das roupas pretas em sinal de protesto, pois Collor pediu a seus apoiadores que fossem às ruas vestindo verde-amarelo, e os rostos pintados dos participantes são símbolos importantes dessas manifestações.

Fique ligado

Para obter mais informações sobre o contexto político, social e cultural do Brasil no início dos anos 1990, confira os filmes e os textos jornalísticos a seguir:

Terra estrangeira [Portugal/Brasil]. Direção de Walter Salles, 1995. 100 min.

Com a crise econômica durante o governo Collor, jovem vai para Portugal, mas se envolve com criminosos.

Carandiru [Brasil]. Direção de Hector Babenco, 2003. 146 min.

Médico no Carandiru convive com violência, mas também valores humanitários entre os detentos. O filme aborda também o massacre ocorrido em 2 de outubro de 1992, em que 111 presos foram assassinados pela polícia.

O *impeachment* dos caras-pintadas: a queda de Fernando Collor em 1992. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/15/album/1460673173_292998.html#foto_gal_1>. Acesso em: 12 out. 2018.

Vinte anos depois do *impeachment*, democracia brasileira está fortalecida. *DW*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/vinte-anos-de-apos-do-impeachment-democracia-brasileira-esta-fortalecida/a-16271167>>. Acesso em: 12 out. 2018.

CÁ ENTRE NÓS

Em 1991, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai assinaram o Tratado de Assunção e formaram o Mercosul, ampliando tratados comerciais anteriores. O objetivo era integrar as economias dos quatro países, estabelecendo regras comerciais comuns e o fim das barreiras alfandegárias. A Venezuela foi admitida no Mercosul em 2012. A Bolívia e o Chile preferiram ficar na condição de membros associados.

Impeachment:

palavra de origem inglesa, cuja tradução é impedimento. Com a comprovação de crimes ou abuso de poder pelo presidente da República, governador de estado ou prefeito, eles perdem o mandato após decisão do Poder Legislativo.

Estudantes realizam manifestação exigindo o *impeachment* de Collor, em São Paulo, SP. Eles formavam o movimento conhecido como “caras-pintadas”. Fotografia de 1992.

1998: Privatização do sistema Telebras. Vigência do Código Brasileiro de Trânsito. Reeleição de Fernando Henrique Cardoso.



Fernando Collor de Mello durante a cerimônia de posse da Presidência da República em 15 de março de 1990, Brasília, DF. Collor prometeu acabar com a inflação e a corrupção.

Recessão e crise

Durante o governo Collor, o país entrou em recessão, com falência de empresas, desemprego e baixos salários, sacrificando enormemente a população brasileira. Infelizmente, o sacrifício foi inútil. Logo a inflação voltou e os preços tornaram a subir. Para piorar, surgiram notícias de que Collor estava envolvido em grave esquema de corrupção.

Com os rostos pintados de verde e amarelo, os jovens foram para as ruas exigir a saída de Collor da Presidência. Os protestos ficaram conhecidos como movimento dos “caras-pintadas”. Começava, ali, a luta da sociedade brasileira pela ética na política.

Em decorrência das graves acusações de corrupção, o Senado Federal aprovou o *impeachment* de Collor. Quem assumiu foi o vice-presidente Itamar Franco.



268 ► UNIDADE 5 | Passagem de século: crises e mudanças globais

Atividade complementar

Considere realizar com seus alunos, organizados em grupos e utilizando os recursos tecnológicos disponíveis na escola, uma pesquisa de imagens das manifestações realizadas no Brasil, durante o segundo semestre de 1992, pelo *impeachment* de

Fernando Collor de Mello. Cada grupo pode, por exemplo, selecionar cinco imagens eloquentes para apresentar para a turma e explicar os sentidos dos *slogans* presentes em adesivos, cartazes e faixas dessa época.

↳ O governo Itamar Franco no caminho da estabilidade

Itamar Franco era um político respeitado e havia se destacado na oposição ao regime militar. Seu ministro da Fazenda era Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. Com o apoio de vários economistas, Fernando Henrique implantou o Plano Real, no início de 1994. Tratava-se de um plano de estabilização econômica para acabar com a inflação.

Inicialmente, os economistas criaram a Unidade Real de Valor (URV). Uma URV era igual a 1 dólar. O país, então, conviveu com dois padrões monetários: o primeiro era a URV, cujo valor era 1 dólar; o segundo era o papel-moeda, o cruzeiro real. Enquanto a URV tinha o dólar como uma referência estável, o cruzeiro real era desvalorizado pela inflação.

Sergio Amaral/Agência Estado



Logo após o Senado Federal confirmar o *impeachment* do presidente Fernando Collor, o vice-presidente Itamar Franco recebe documento do Congresso Nacional investindo-o no cargo de presidente da República, Brasília, DF. Fotografia de 1992.

CÁ ENTRE NÓS

Normalmente, sabemos que o valor de uma dúzia de bananas é menor do que o de uma impressora. Mas essa referência se torna inútil quando a inflação chega a 2000% ao ano; não fica bem definido o que é caro e o que é barato. Com a hiperinflação, perde-se a noção da referência entre os preços das mercadorias. Torna-se difícil avaliar se o produto está muito caro ou se poderia ser mais barato.

A criação do Real

Os preços das mercadorias, salários, serviços, etc. passaram a ser avaliados pela URV. Em determinado momento, o governo transformou a URV em uma moeda: o real, atual moeda brasileira. Como a referência do real era o dólar, tratava-se de uma moeda valorizada.

Os preços pararam de subir, mas foram necessários muitos sacrifícios. O governo aumentou os impostos e cortou gastos, sobretudo nas áreas da saúde e da educação, e aumentou a taxa de juros. Com os juros altos, o Brasil viveu um período de queda da produção industrial e desemprego. A sociedade brasileira suportou os sacrifícios para que houvesse o fim da hiperinflação.

O ministro da Fazenda do presidente Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, obteve muito prestígio com o Plano Real. Nas eleições presidenciais de 1994, ele candidatou-se à Presidência da República pelo PSDB, concorrendo com Lula, do PT. Com o sucesso do Plano Real, Fernando Henrique foi eleito no primeiro turno.

■ Para desenvolver

Na análise em sala das principais medidas integrantes do Plano Real, implantado no começo de 1994 durante o governo de Itamar Franco, explique para os alunos que para manter a paridade entre o real e o dólar era necessário atrair capitais internacionais para o mercado financeiro do país, o que ocorreu por meio de uma política de juros altos que garantiu enormes lucros para os investidores nacionais e estrangeiros, especialmente os grandes bancos privados. Com relação à eleição presidencial de 1994, resalte para a turma que cerca de 78 milhões de eleitores compareceram às urnas, elegeu Fernando Henrique Cardoso (PSDB) já no 1º turno, com 54,2% dos votos válidos, contra 27,0% do candidato do PT, Lula, o 2º colocado.

Fique ligado

Para obter mais informações sobre o Plano Real, confira o filme e os textos jornalísticos a seguir:

Real: o plano por trás da história (Brasil). Direção de Rodrigo Bittencourt, 2017. 95 min.

O filme aborda a criação do Plano Real em 1993, num cenário econômico marcado por uma inflação de 40% ao mês, um desemprego recorde e uma desvalorização sem precedentes da moeda.

20 anos do Real: plano controlou inflação, mas falta crescimento. *Portal da Câmara dos Deputados*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/ECONOMIA/470831-20-ANOS-DO-REAL-PLANO-CONTROLOU-INFLACAO,-MAS-FALTA-CRESCIMENTO.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Balanço: pontos positivos e negativos do Plano Real. *Portal da Câmara dos Deputados*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/PONTO-DE-VISTA/471043-BALANCO-PONTOS-POSITIVOS-E-NEGATIVOS-DO-PLANO-REAL.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Para desenvolver

No exame das principais medidas adotadas pelo governo brasileiro entre 1995 e 1998, que corresponde ao primeiro período de Fernando Henrique Cardoso na presidência da República, ressalte para a turma que houve uma intensificação no processo de privatizações de estatais, que já vinham ocorrendo durante a gestão de Itamar Franco. Naqueles quatro anos, oitenta empresas públicas foram privatizadas, com destaque para a venda da Vale do Rio Doce, em maio de 1997, e da Telebras, em julho de 1998, em operações controversas e que provocaram fortes críticas dos setores que se opunham a tal modelo de redução do papel do Estado na vida econômica nacional.

Fique ligado

Para que você possa ampliar os seus conhecimentos sobre o contexto político, social e cultural do Brasil durante o 1º governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), indicamos os livros e o documentário a seguir:

SANTANA, Marco Aurélio e RAMALHO, José Ricardo. Além da fábrica: trabalhadores, sindicato e a nova questão social. São Paulo: Boitempo, 2003.

CARDOSO, Adalberto. *A década neoliberal e a crise dos sindicatos no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2003.

Privatizações – A distopia do capital (Brasil). Direção de Sílvio Tendler, 2014. 56 min.

O documentário problematiza a visão do Estado mínimo, a venda de ativos públicos ao setor privado e o ônus decorrente das políticas de desestatização, apresentando fatos, imagens e depoimentos que constituem uma importante reflexão sobre a história recente do Brasil.

CÁ ENTRE NÓS

O governo FHC adotou políticas neoliberais, inauguradas nos anos 1980 pela primeira-ministra britânica Margaret Thatcher e também adotadas pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e por outros países nos anos 1990.

O governo Fernando Henrique Cardoso

Fernando Henrique teve ampla maioria no Congresso Nacional durante todo o seu mandato. Os economistas do governo afirmavam que eram necessárias reformas para manter o equilíbrio financeiro do país.



Fernando Henrique Cardoso toma posse na Presidência da República e recebe a faixa presidencial de Itamar Franco, Brasília, DF. Fotografia de 1º de janeiro de 1995.

Antonio Scrozza/Agência France-Press

Privatizações

Fernando Henrique deu início a um vasto programa de privatizações: bancos estaduais, empresas siderúrgicas e do setor elétrico, ferrovias e rodovias foram privatizados.

Algumas das privatizações mais importantes foram as da Companhia Vale do Rio Doce e da Embraer. Contudo, o setor que rendeu mais lucro ao governo com as privatizações foi o telefônico. A privatização do sistema Telebras, em 1998, rendeu 22 bilhões de dólares ao governo.

Importações e gastos públicos

Abrir o país para empresas estrangeiras e liberar as importações foram outras medidas tomadas pelo governo FHC. O objetivo era baratear os produtos para os consumidores e obrigar a indústria nacional a se modernizar para poder competir com as empresas estrangeiras.

Para controlar os gastos públicos, o governo diminuiu suas despesas e aumentou os impostos. Gastos nos setores sociais, como saúde e educação, foram reduzidos. Com a reforma da previdência, a idade para os trabalhadores se aposentarem aumentou.

Avanços políticos e sociais

O governo de Fernando Henrique também buscou alterar práticas políticas e sociais no Brasil. Com a Lei de Responsabilidade Fiscal, por exemplo, prefeitos, governadores e presidentes da República não poderiam criar dívidas além de determinado patamar. Com o novo Código Brasileiro de Trânsito, que entrou em vigor em 1998, as leis tornaram-se mais severas contra infrações no trânsito.

Na área da saúde, o governo de Fernando Henrique quebrou as patentes de remédios de combate à aids e incentivou a comercialização dos medicamentos conhecidos como genéricos. Em ambos os casos, o resultado foi o barateamento dos preços dos remédios.

Reeleição

Em 1997, Fernando Henrique foi beneficiado com a aprovação de uma emenda à Constituição, que permitia a reeleição para cargos do Poder Executivo: presidente da República, governadores de estados e prefeitos.

Em outubro de 1998, Fernando Henrique concorreu à reeleição. Seu principal adversário foi novamente Luiz Inácio Lula da Silva. Fernando Henrique venceu as eleições no primeiro turno com 53% dos votos.

Os problemas do primeiro mandato de Fernando Henrique foram os altos juros, o baixo crescimento econômico e o desemprego. Mesmo assim, a população brasileira, depois de décadas sofrendo com a inflação dos preços, queria manter as conquistas do Plano Real.

CÁ ENTRE NÓS

Para atrair investidores e capitais especulativos, o governo brasileiro tomou a decisão de aumentar a taxa de juros.

Os juros altos provocaram o aumento da dívida do governo. Parte do dinheiro arrecadado com as privatizações foi utilizada para pagar esses juros. Além disso, os juros também provocaram falências de empresas e queda da produção industrial, resultando no desemprego de trabalhadores.

Para desenvolver

Explique para os alunos que na eleição presidencial de 1998 cerca de 83 milhões de eleitores compareceram às urnas. Novamente Fernando Henrique Cardoso venceu no 1º turno, com 53% dos votos válidos, contra 32,0% do candidato do PT, Lula, o 2º colocado. A seu critério, ressalte que a manutenção dos juros altos continuou a ser um dos parâmetros centrais da política econômica de tal governo, provocando o crescimento contínuo no endividamento público, num cenário marcado também por baixo crescimento do PIB e índices elevados de desemprego. A insatisfação popular era crescente, o que possibilitou em 2002 a vitória dos setores oposicionistas.

O que há na imagem?

O político mostra-se indignado com os indígenas que reivindicam participar das comemorações dos 500 anos da chegada da frota de Pedro Álvares Cabral. Mas eram os indígenas que aqui viviam antes dos europeus chegarem. Para o político, os habitantes da terra – que os portugueses chamaram de Brasil – deveriam ser excluídos dos festejos.

Fique ligado

Para complementar os seus conhecimentos sobre o contexto político, social e cultural do Brasil durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998 / 1999-2002), indicamos uma pesquisa sobre os temas: "A trajetória de FHC", "Vitórias eleitorais de Fernando Henrique – 1994-1998", "As privatizações de Fernando Henrique", "Economia no governo Fernando Henrique – Crise de 1999" e "Ocupações de terras no período FHC", no *Atlas histórico do Brasil*, plataforma *on-line* mantida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculado à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que se encontra disponível no endereço: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

QUE HÁ NA IMAGEM?

A charge ao lado satiriza as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil. Analise-a criticamente.



Charge do cartunista Samuca sobre os 500 anos do descobrimento, publicada no jornal *Diário de Pernambuco*, em 2000.

Fique ligado

Entre os anos 1990 e 2000, a violência urbana se acentuou em todo o país e se consolidou como um dos principais temas no debate público sobre as relações entre o Estado e a sociedade. Confira os filmes e documentários listados a seguir com objetivo de ampliar seus conhecimentos sobre essa temática:

Notícias de uma guerra particular (Brasil). Direção de Kátia Lund, 1999. 57 min.

O documentário retrata o cotidiano dos traficantes e moradores da favela Santa Marta, no Rio de Janeiro, nos anos de 1997 e 1998.

Ônibus 174 (Brasil). Direção de José Padilha, 2002. 150 min.

Documentário sobre episódio ocorrido no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 2000, quando um ônibus foi sequestrado e a violência que se seguiu com a chegada da polícia.

O prisioneiro da grade de ferro (Brasil). Direção de Paulo Sacramento, 2004. 124 min.

Presos do Carandiru, meses antes do massacre que deixou 111 mortos, registram em vídeo cenas do cotidiano do presídio, que chegou a ser o maior da América Latina.

Falcão – Meninos do tráfico (Brasil). Direção de MV Bill, 2006. 58 min.

Produzido pelo rapper MV Bill, esse documentário retrata a vida de jovens de favelas brasileiras envolvidos no tráfico de drogas.

Tropa de elite (Brasil). Direção de José Padilha, 2007. 175 min.

O capitão Nascimento está à frente de grupo de elite da PM, o BOPE, mas em um ambiente marcado pela corrupção.

Última parada 174 (Brasil). Direção de Bruno Barreto, 2008. 110 min.

Drama baseado em fatos reais sobre a vida do rapaz Sandro do Nascimento, menino de rua que sobreviveu à chacina da Candelária e, em 2000, sequestrou um ônibus no Rio de Janeiro.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... em apagão elétrico? A falta de investimentos no setor elétrico e uma grande seca resultaram na diminuição do nível de água dos reservatórios das usinas hidrelétricas. Em 2001, o país foi obrigado a racionar energia elétrica.

Novo mandato

No segundo mandato presidencial de Fernando Henrique, nenhuma reforma importante foi aprovada. Os juros altos, o aumento da dívida pública, o baixo crescimento econômico e o desemprego dos trabalhadores continuaram. Fernando Henrique limitava-se a administrar as crises.

No mesmo ano, o governo criou três programas que beneficiaram as pessoas mais pobres. O Bolsa Alimentação auxiliava mulheres pobres na alimentação de seus filhos. O Bolsa Escola incentivava os pais a manterem os filhos estudando. O Auxílio Gás ajudava os mais pobres a comprar gás de cozinha.

Em busca de mudanças

Em outubro de 2002, ocorreram eleições presidenciais no Brasil. Luiz Inácio Lula da Silva concorreu pelo PT, disputando com o candidato do PSDB, e venceu as eleições.

A sociedade brasileira queria manter a estabilidade dos preços conquistada com o Plano Real, mas também queria mudanças. A vitória da oposição demonstrou a insatisfação social com o baixo crescimento econômico e o desemprego.



O presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva sobe a rampa do Palácio do Planalto na solenidade de posse. De costas, o então presidente Fernando Henrique Cardoso o recebe com a faixa presidencial. O regime democrático consolidava-se no Brasil. Brasília, DF. Fotografia de 1ª de janeiro de 2003.

Para desenvolver

Explique para a turma que nas eleições de 2002, nas quais votaram aproximadamente 95 milhões de eleitores, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disputou a presidência pela quarta vez e venceu o 2º turno com 61,2% dos votos válidos, derrotando o candidato governista, José Serra (PSDB), que obteve 38,7%. De 2003 a 2006, durante o seu pri-

meiro período presidencial, sem alterar o fundamental nas bases do Plano Real, Lula implementou medidas econômicas de teor desenvolvimentista, que contribuíram para a queda do desemprego, o aumento do poder de compra do salário e o crescimento constante, no período, do Produto Interno Bruto.

▶ O governo Luiz Inácio Lula da Silva

Na Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva deu continuidade ao Plano Real, mas inovou ao incentivar as exportações das empresas nacionais. Com a economia apresentando números positivos e a inflação sob controle, o governo suspendeu as privatizações das empresas estatais, incentivou o aumento da produção industrial e reajustou o salário mínimo acima dos índices da inflação.

Com maior poder de consumo, os trabalhadores compraram mais mercadorias, aquecendo as vendas do comércio e, conseqüentemente, a produção da indústria. O resultado mais imediato foi o aumento do número de empregos. O país cresceu em média 4% ao ano.

Programas sociais

O governo Lula deu ênfase ao crescimento econômico e aos programas sociais. Uma das principais medidas foi o Bolsa Família, que reuniu programas sociais anteriores (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Auxílio Gás) em um único programa, aumentando o valor do auxílio e ampliando o número de beneficiados.

As famílias beneficiadas pelo Bolsa Família são obrigadas a manter os filhos na escola. Jornais estrangeiros consideraram o programa Bolsa Família uma das mais importantes iniciativas para a erradicação da miséria.

Educação e política externa

O ensino público recebeu grandes investimentos. Foram construídos vários Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, bem como criadas novas universidades federais.

Na política externa, o governo mudou a orientação adotada anteriormente, que privilegiava o alinhamento político com os Estados Unidos. Sem desprezar as boas relações com os Estados Unidos, o governo Lula voltou suas atenções para o Mercosul e para novos mercados, como a União Europeia, a Ásia e os países africanos.

Em solenidade no Palácio do Planalto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anuncia a Rede Pública de Fiscalização do Programa Bolsa Família, assinando convênios com o Tribunal de Contas da União e a Controladoria Geral da União. Uma família presente na solenidade representou milhares de outras que passaram a receber o Bolsa Família. Brasília, DF. Fotografia de janeiro de 2005.

Sérgio Lima/Folhapress



Fique ligado

Para obter mais informações sobre a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano e do coeficiente de Gini do Brasil nas décadas de 1990, 2000 e 2010, bem como sobre a persistência de profundas desigualdades sociais no país, indicamos o texto acadêmico, os sites e os textos jornalísticos a seguir:

NERI, Marcelo. Gini e Desigualdades. *Centro de Políticas Sociais/FGV*. Disponível em: <[https://www.cps.fgv.br/cps/pesquisas/Políticas sociais alunos/2012/Site/Gini.pdf](https://www.cps.fgv.br/cps/pesquisas/Políticas%20sociais%20alunos/2012/Site/Gini.pdf)>. Acesso em: 12 out. 2018.

PNUD Brasil. *Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil*. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/home/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Evolução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mostra “progresso impressionante” do Brasil, diz representante da ONU. *EBC*. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/07/evolucao-do-idhm-mostra-progresso-impressionante-do-brasil-diz-representante>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Redução da desigualdade no Brasil está no caminho certo, diz representante da ONU. *DW*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/redu%C3%A7%C3%A3o-da-desigualdade-no-brasil-est%C3%A1-no-caminho-certo-diz-representante-da-onu/a-18091071>>. Acesso em: 12 out. 2018.

■ Para desenvolver

Ao analisar com a turma as políticas sociais adotadas durante o 1º governo Lula (2003-2006), a seu critério, destaque que ao longo dessa década o Brasil também fez progressos importantes tanto no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM/PNUD) – uma vez que de 1991 a 2010 o IDHM brasileiro passou de 0,493 para 0,727 – quanto no coeficiente de Gini, que mede a desigualdade na distribuição de renda.

Entre 2001 e 2011, o valor do coeficiente de Gini brasileiro recuou de 0,594 para 0,527, indicando nesse período uma importante redução das desigualdades sociais no país – que não obstante esses avanços, ainda são muito graves e demandam fortes e contínuos investimentos do Estado para diminuir, como recomenda a representação no Brasil do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Para desenvolver

Explique para a turma que nas eleições presidenciais de 2006, 102 milhões de brasileiros foram às urnas. O então presidente Lula foi reeleito, obtendo 60,83% dos votos válidos no 2º turno contra 39,17% alcançado por Geraldo Alckmin (PSDB). Não obstante o escândalo do “mensalão”, a manutenção de uma política econômica desenvolvimentista combinada com medidas governamentais que favoreciam a redução das disparidades sociais e regionais, deu a esse governante e seu partido índices de aprovação elevados e que se materializaram em mais uma importante vitória eleitoral, com a eleição de Dilma Rousseff à presidência da República em 2010. No 2º turno desse pleito, em que votaram 106,6 milhões de eleitores, Dilma (PT) alcançou 56,05% dos votos válidos, enquanto José Serra (PSDB) obteve 43,95%.

VOCE JÁ OUVIU FALAR

... nas jornadas de julho de 2013? Naquele mês, na cidade de São Paulo, manifestantes protestaram contra o aumento das passagens do transporte público. A violência policial gerou ondas de protestos em todo o país. Milhares de pessoas tomaram as ruas das grandes capitais protestando também contra a má qualidade dos serviços públicos, a corrupção, entre outras reivindicações.

Mensalão e reeleição

O bom desempenho do governo foi abalado em meados de 2005. Dirigentes do Partido dos Trabalhadores foram acusados de usar dinheiro de empresas para obter apoio de deputados federais de outros partidos para projetos do governo. O escândalo ficou conhecido como “mensalão”. Mesmo assim, o presidente Lula terminou seu mandato com altos índices de aprovação ao seu governo, por causa do controle da inflação, do crescimento econômico e dos programas de combate à pobreza.

Em outubro de 2006, Luiz Inácio Lula da Silva disputou a reeleição à Presidência da República. Foi vitorioso no segundo turno das eleições, com 60% dos votos válidos.

Segundo mandato de Lula

Lula iniciou o segundo mandato no primeiro dia de 2007, anunciando um ambicioso plano de investimentos em diversas áreas da economia, chamado de Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). A economia do país continuou a crescer.

Com o aumento do salário mínimo, do número de pessoas empregadas e da oferta de crédito, o consumo das famílias cresceu, em particular das mais

pobres, impedindo que a economia brasileira fosse afetada pela crise econômica mundial que abalou os Estados Unidos e a Europa em 2007.

Durante os dois mandatos de Lula (2003-2010), a inflação e o desemprego caíram, enquanto a economia crescia. Ao final de oito anos de governo, pesquisa do Datafolha apontava que 83% dos brasileiros consideravam seu governo como bom ou ótimo.

De Lula a Dilma

Na sucessão presidencial, Lula indicou Dilma Rousseff como sua candidata. Concorrendo pelo Partido dos Trabalhadores, Dilma disputou as eleições presidenciais de outubro de 2010 com o candidato do PSDB, saindo-se vitoriosa. Era a primeira vez que uma mulher se tornava presidente da República Federativa do Brasil.



Após receber a faixa presidencial do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a presidente Dilma Rousseff sobe a rampa do Palácio do Planalto, Brasília, DF. Fotografia de 1ª de janeiro de 2011.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre o contexto político, social e cultural do Brasil durante os dois governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006 / 2007-2010), indicamos uma pesquisa sobre os temas “Luiz Inácio da Silva”, “A trajetória de Lula” e “Imagem do governo Lula nas pesquisas”, no *Atlas Histórico do Brasil*, plataforma *on-line* mantida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), vinculada à Fundação Getúlio Vargas (FGV), que se encontra disponível no endereço: <<https://atlas.fgv.br/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Atividade complementar

A seu critério, organize a turma em grupos e proponha aos alunos uma pesquisa sobre a evolução do eleitorado e da participação política dos brasileiros nas eleições para presidente da República realizadas no Brasil nos anos de 1989, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018. Cada grupo, por exemplo, pode ficar responsável pela apresentação dos dados e do contexto político e social dos anos eleitorais em questão, produzindo cartazes com tabelas, gráficos e

imagens para compor um painel coletivo sobre essas três décadas de experiência democrática em nosso país. Confira o *site* a seguir, para obter os dados eleitorais em questão:

REPOSITÓRIO de dados eleitorais / Tribunal Superior Eleitoral [TSE]. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/>> repositório-de-dados-eleitorais>. Acesso em: 13 out. 2018.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Lei Maria da Penha

Maria da Penha Maia Fernandes nasceu em 1945, em Fortaleza, capital do estado do Ceará. Durante os seis anos de casamento, o marido a espancou. Como Maria da Penha não denunciava as agressões, o marido mostrou-se cada vez mais violento, tentando matá-la duas vezes. Em consequência das agressões, Maria da Penha ficou paraplégica. Hoje locomove-se em uma cadeira de rodas.

Quando teve consciência de que corria risco de morte, Maria da Penha decidiu denunciar o marido. Ele foi julgado, mas somente foi preso em 2002 – 19 anos após cometer os crimes. Dois anos depois, ele estava livre.

A revolta de Maria da Penha foi muito grande. O governo brasileiro foi acusado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) de negligência e omissão em casos de violência doméstica.

Após aprovação no Congresso Nacional, o presidente da República, em agosto de 2006, sancionou a lei número 11 340, conhecida como “Lei Maria da Penha”. Com a mudança na legislação, o autor de violência doméstica não pode mais escapar do crime pagando multa ou doando cestas básicas, como ocorria até então.



Maria da Penha participa da cerimônia de lançamento do selo comemorativo dos dois anos da lei que leva seu nome, no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil, na cidade do Recife, Pernambuco. Fotografia de 2008.

Rodrigo Lobo/Jc Imagem/Agência Estado



- No texto acima, é informado que o caso de Maria da Penha chegou à Organização dos Estados Americanos (OEA). Faça uma breve pesquisa e responda: qual era a relação entre esse caso e os direitos humanos?



↳ Governo Dilma Rousseff

A eleição de Dilma Rousseff foi um passo a mais na consolidação da democracia no Brasil. Era a sexta eleição presidencial consecutiva desde o fim da ditadura militar e era a primeira vez que uma mulher era eleita para o cargo de presidente do Brasil.

A presidente Dilma deu continuidade aos programas do governo anterior, como o controle da inflação, o incentivo ao crescimento econômico, a distribuição de renda e a construção de casas populares e de novas escolas técnicas e universidades federais.

O Brasil recente entre conquistas e desilusões | CAPÍTULO 15 ◀ 275

■ Para desenvolver

Lembre à turma que Dilma Rousseff foi a primeira mulher a ocupar a presidência da República no Brasil e manteve índices elevados de aprovação durante quase todo seu 1º governo, de 2011 a 2014. Mas havia também grande descontentamento popular com os rumos políticos do país, e nos meses de junho e julho de 2013, em especial, grandes manifestações públicas foram realizadas nas principais cidades brasileiras. As reivindicações das “Jornadas de Julho”, como

ficaram conhecidos tais protestos, englobavam um leque variado de questões, tais como a redução dos preços dos transportes urbanos e melhoria de sua qualidade, a crítica à corrupção política e aos gastos exorbitantes nas obras vinculadas à Copa do Mundo (2014) e aos Jogos Olímpicos (2016) e a denúncia dos casos de violência policial praticadas contra os manifestantes, entre outros temas.

Fique ligado

Para ampliar suas informações sobre as “Jornadas de Julho” (2013) e a respeito dos cerca de treze anos em que políticos do Partido dos Trabalhadores (PT) estiveram à frente do governo federal, em coalização com outros partidos, indicamos a seguir:

Junho – O mês que abalou o Brasil (Brasil). Direção de João Wainer, 2014. 71 min.

O documentário mostra como as manifestações contra o aumento das tarifas de transporte público em São Paulo, em junho de 2013, ganharam dimensão nacional e atingiram centenas de cidades.

SADER, Emir (Org.). *Lula e Dilma. Dez anos de governos pós-neoliberais no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.

SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LULA, da ascensão política à condenação na Lava Jato. DW. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/lula-da-das-cens%C3%A3o-pol%C3%ADtica-%C3%A0-condena%C3%A7%C3%A3o-na-lava-jato/a-43128879>>. Acesso em: 13 out. 2018.

O LEGADO dos 13 anos do PT no poder em seis indicadores internacionais. *BBC Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru>. Acesso em: 13 out. 2018.

Outras histórias Lutas sociais

- Os direitos humanos devem garantir a integridade física e a dignidade das pessoas. Todos os seres humanos têm direito à vida e à segurança pessoal, e ninguém pode ser submetido a tratamentos cruéis. As agressões a que Maria da Penha foi submetida e a falta de ação do Estado brasileiro podiam ser caracterizadas como uma clara violação dos direitos humanos, daí a denúncia à Organização dos Estados Americanos (OEA).

Para desenvolver

Explique para a turma que nas eleições presidenciais de 2014, mais uma vez marcada pela disputa acirrada entre PT e PSDB, cerca de 115 milhões de brasileiros votaram. Dilma Rousseff foi reeleita presidente da República, obtendo 51,64% dos votos válidos e derrotando Aécio Neves, que alcançou 48,36%, por aproximadamente 3,5 milhões de votos. Ressalte para os alunos que essa foi, até então, a eleição presidencial mais disputada desde a redemocratização do Brasil, que nos anos seguintes atravessou períodos de crescente polarização política e ideológica.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre o contexto de crise econômica, política e institucional durante o segundo governo de Dilma Rousseff (2015-2016), indicamos os livros, o documentário e os textos jornalísticos a seguir:

LEITE, Paulo Moreira. *A outra história da Lava-Jato – Uma investigação necessária que se transformou numa operação contra a democracia*. São Paulo: Geração, 2016.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso – Da escravidão à Lava Jato*. São Paulo: Leya, 2017.

O processo (Brasil). Direção de Maria Ramos, 2018. 137min.

Documentário sobre a crise política brasileira desde 2013 até a votação do impeachment de Dilma Rousseff, no primeiro semestre de 2016.

Processo de impeachment de Dilma Rousseff. DW. O jornal *Deutsche Welle* reuniu nesse link diversas notícias sobre o desenrolar do processo e da crise política no Brasil nos anos de 2015 e 2016. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/processo-de-impeachment-de-dilma-rousseff/t-19178526>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Três visões sobre o impeachment. *BBC Brasil*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37215524>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Visões sobre o impeachment: 'Provoca aumento de intolerância no país'. *BBC Brasil*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37215524>>. Acesso em: 13 out. 2018.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Atualmente, você vive o que os historiadores chamam de Tempo Presente. É o seu tempo. Avalie mudanças que possam ter ocorrido na História do Brasil no tempo atual. Você avalia essas mudanças de maneira positiva ou negativa? Projetos sociais do governo beneficiaram você e sua família? Você tem participado de movimentos sociais ou de mobilizações de protestos? Afinal, como você tem vivido a História do seu Tempo Presente?

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... da Operação Lava-Jato? Trata-se da maior operação contra a corrupção até então desenvolvida no país. Membros do Poder Judiciário e do Ministério Público desvendaram vasta rede de corrupção envolvendo empresas estatais, políticos, empresários e integrantes do governo federal. A condenação do ex-presidente Lula gerou muitas controvérsias.

A nova classe média

Com a ascensão social de milhões de brasileiros, surgiu uma nova classe média, com pessoas que deixaram o estado de pobreza. A mudança começou a ocorrer com o Plano Real. Na sequência, vieram as políticas de crescimento econômico e de distribuição de renda. Por fim, o aumento real do salário mínimo e a criação de 15 milhões de novos empregos. Muitos brasileiros passaram a ter acesso a bens de consumo, e perceberam a importância da educação para o futuro dos filhos.



Homem acessa a internet em sua casa, que fica na zona rural do município de Lençóis, na Bahia. Fotografia de outubro de 2014.

Eduardo Zappalá/Pulsar Imagens

A reeleição de Dilma e a crise política de 2016

Dilma Rousseff concorreu à reeleição e venceu por pequena margem de votos, 51,64%. Ela tomou posse na Presidência da República em 1º de janeiro de 2015. As oposições não se conformaram com a derrota e logo começou um grande movimento contra seu governo.

Na campanha eleitoral, ela havia prometido continuar com o crescimento econômico. No entanto, ao final de seu governo, os gastos públicos eram maiores do que a arrecadação, resultando na alta da inflação. Ao assumir o segundo mandato, a presidente adotou política contrária, com corte nos investimentos e juros altos. As oposições aproveitaram a crise econômica e as medidas tomadas por Dilma para criticar duramente seu governo.

276 ► UNIDADE 5 | Passagem de século: crises e mudanças globais

O seu lugar na História

Resposta pessoal. Os estudantes devem perceber que estão vivendo a História do Tempo Presente mesmo que eles não tenham plena consciência disso. Essa é uma atividade importante para refletir sobre o fato de que somos sujeitos históricos.

Um grupo de advogados impetrou pedido de *impeachment* contra a presidente, alegando crime de responsabilidade – as chamadas **pedaladas fiscais**. O presidente da Câmara dos Deputados, adversário político de Dilma, aceitou a denúncia e deu início ao processo de *impeachment*.

Pedalada fiscal: prática do governo de atrasar o repasse de financiamento a órgãos públicos, resultando em *superavit* provisório nas contas do governo.

Outro tema aproveitado pelas oposições foi o da corrupção. A atuação conjunta de juízes e Ministério Público na **Operação Lava-Jato** resultou no indiciamento de diretores de empresas estatais, empresários e parlamentares, tanto de partidos políticos que apoiavam o governo quanto de oposição.

Manifestações nas grandes cidades, sobretudo de setores das classes médias, exigiam o *impeachment* de Dilma. Grupos empresariais também apoiaram a campanha das oposições.

Em 31 de agosto de 2016, o Senado Federal votou favoravelmente o *impeachment*. Assumiu a Presidência seu vice, Michel Temer.

O *impeachment* de Dilma Rousseff dividiu a sociedade brasileira. Para muitos, tratou-se de um processo que obedeceu estritamente ao que diz a Constituição. Para outros, foi um golpe parlamentar com o apoio da mídia. Todos os opositores ao governo Dilma se uniram para retirá-la do poder.

Temer presidente

Na Presidência da República, Michel Temer aprofundou a recessão econômica, resultando em aumento do desemprego e da pobreza. Também levou adiante reformas, como a trabalhista, retirando direitos sociais dos trabalhadores.

Denúncias de corrupção em seu governo criaram ainda mais problemas. Ele mesmo foi denunciado pelo Supremo Tribunal Federal por corrupção.

O Brasil continua muito marcado pela desigualdade social, pela desvalorização da educação e por baixos investimentos em saúde. A corrupção é um grave problema, contribuindo para o descrédito da população brasileira nos partidos políticos – o que pode ameaçar a própria democracia. Caberá aos próprios brasileiros construir um país mais justo e democrático.

➤ O legado de Chico Mendes

Os governos de Fernando Collor e de Itamar Franco adotaram a proposta de Chico Mendes de criar reservas extrativistas, as chamadas Resex (Reservas Extrativistas). Foram criadas 43 Resex, que garantem a sobrevivência de 40 mil famílias.

Em 2007, foi criada uma autarquia federal chamada Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Essa autarquia é responsável pelas Resex, bem como pela pesquisa, proteção e conservação da biodiversidade no território nacional.



PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 260?

Créditos das imagens de cima para baixo: Rodrigo Lobo/JC Imagem/Agência Estado; Jorge Cardoso/Correio Braziliense/D.A. Press; Reuters/Fotoarena; Juca Martins/Olhar Imagem; Renato dos Anjos/Agência Estado; Rogério Carneiro/Folhapress; Michael Nagle/Getty Images/AFP; Eduardo Zappia/Pulsar Imagens.

277

■ Para desenvolver

Ressalte para a turma que o governo Temer, entre agosto de 2016 e dezembro de 2018, foi marcado tanto por casos de corrupção quanto pela retirada de direitos sociais e trabalhistas e pela proposta de uma polêmica reforma na Previdência Social, que não chegou a ser votada no Congresso Nacional, tendo em vista a forte oposição popular a tal projeto. A persistência da crise econômica, o aumento do desemprego e a redução dos investimentos públicos nas áreas sociais e na ampliação da infraestrutura do país, dentre outros fatores, comprometeram seriamente os avanços que o país vinha realizando nos índices internacionais que medem a qualidade de vida da população e o nível de desigualdades de renda.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre as consequências sociais da crise econômica e política durante o segundo governo Dilma (2015-2016) e nos anos da presidência de Michel Temer (2016-2018), indicamos os textos acadêmicos e jornalísticos a seguir:

Pobreza e desigualdade aumentaram nos últimos 4 anos no Brasil, revela estudo. *Centro de Políticas Sociais/FGV*. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/destaques/pobreza-e-desigualdade-aumentaram-nos-ultimos-4-anos-no-brasil-revela-estudo>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Alta da desigualdade e da pobreza, superação da crise e políticas de renda. *Centro de Políticas Sociais/FGV*. Disponível em: <<https://cps.fgv.br/alta-da-desigualdade-e-da-pobreza-superacao-da-crise-e-politicas-de-renda>>. Acesso em: 13 out. 2018.

BRASIL estagna no ranking de IDH pelo terceiro ano seguido. *DW*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/brasil-estagna-no-ranking-de-idh-pelo-terceiro-ano-seguido/a-45495543>>. Acesso em: 13 out. 2018.

BRASIL despenca 19 posições em ranking de desigualdade social da ONU. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/21/politica/1490112229_963711.html>. Acesso em: 13 out. 2018.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, a seu critério, após retomar com os alunos a pergunta da página 260 e as respostas que eles elaboraram, estabeleça um debate com a turma para comparar os protestos em favor do *impeachment* de Fernando Collor de Mello, em 1992, com os movimentos que pediam o fim do segundo governo de Dilma Rousseff, em 2016.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. O Plano Cruzado teve como base o congelamento dos preços das mercadorias, dos salários, dos aluguéis e das tarifas públicas. Também houve a troca da moeda: o cruzeiro foi substituído pelo cruzado. Fracassou porque o congelamento foi mantido além do que deveria, tendo resultado no desabastecimento de mercadorias e cobrança do "ágio".
2. Novamente o governo recorreu ao congelamento de preços e salários. Além disso, as pessoas não podiam sacar seus depósitos em dinheiro nas contas bancárias e cadernetas de poupança, pois tinham sido bloqueadas. Somente uma quantia muito pequena, estipulada pelo governo, poderia ser retirada, e o restante seria devolvido em 18 meses. Funcionários públicos foram demitidos, tarifas públicas aumentadas e houve a abertura do país às importações.
3. Seguindo as orientações do Consenso de Washington, o ministro da Fazenda do presidente Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, aumentou os impostos e cortou gastos na área de saúde e educação. Também deu início às privatizações de empresas estatais. Com as contas públicas equilibradas, deu início ao Plano Real com a criação da URV, medida monetária que equivalia a 1 dólar. Depois, transformou a URV em moeda: o real. As vantagens foram muitas, sobretudo o fim da inflação e a estabilidade dos preços. Contudo, os custos sociais também foram muitos, como as altas taxas de juros, a recessão econômica e o desemprego.
4. As privatizações das empresas estatais, a abertura do país à entrada de empresas estrangeiras, a liberalização das exportações, o controle dos gastos públicos, reduzindo despesas na área social, reforma da previdência, como o aumento do limite de idade para aposentadorias, entre outras.



ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | A política econômica do governo Sarney chamou-se Plano Cruzado. Quais foram seus fundamentos e por que resultou em fracasso?
- 2 | O plano de estabilização econômica do governo Collor chamou-se Plano Brasil Novo. Ele também fracassou. Com base nas informações do capítulo, explique quais foram seus fundamentos.
- 3 | O plano de estabilização econômica do governo de Itamar Franco chamou-se Plano Real. Quais foram seus fundamentos? Quais foram as vantagens e os custos do Plano Real para a sociedade?
- 4 | Quais as principais reformas no Estado brasileiro promovidas pelo governo de Fernando Henrique Cardoso?
- 5 | Que medidas foram tomadas no governo de Luiz Inácio Lula da Silva para promover o desenvolvimento econômico e a distribuição de renda?
- 6 | Por que as medidas implementadas nos governos de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff permitiram a ascensão social de milhões de pessoas, surgindo uma nova classe média no país?
- 7 | O que Fernando Henrique Cardoso tem a ver com o Plano Real?
- 8 | Qual é a relação entre a Constituição de 1988 e a instauração do regime democrático no Brasil?
- 9 | Explique o que é a Operação Lava-Jato.
- 10 | A partir do que foi estudado no capítulo, responda: por que o município de Xapuri, no Acre, tornou-se referência para a história da defesa da Floresta Amazônica e do meio ambiente no Brasil?

PESQUISA

Após ser eleito presidente da República, Fernando Henrique Cardoso declarou aos meios de comunicação que a "Era Vargas acabou".

As reformas neoliberais realizadas em seu governo tinham realmente o propósito de mudar o modelo de Estado construído na época de Vargas.

A principal característica da política de Fernando Henrique foi a substituição do estatismo pelas privatizações.

No governo de Fernando Henrique Cardoso, várias empresas estatais foram privatizadas, ou seja, vendidas a empresários nacionais ou estrangeiros.

A questão é polêmica.

Até os dias atuais, há os que defendem a necessidade de manter empresas estatais e os que afirmam a necessidade de que elas sejam vendidas para empresários privados.

São duas fortes tradições políticas no Brasil: o estatismo e o privatismo.

- Converse com seus professores, seus familiares (pais, avós, tios) e também com familiares de seus amigos.

Procure conhecer os argumentos dos que são a favor de preservar as empresas estatais e os daqueles que defendem as privatizações. Ouça os dois lados e chegue a suas próprias conclusões.

278

5. O governo apoiou o aumento da produção industrial. Também reajustou o salário mínimo acima do índice da inflação. Com maior poder de compra, os trabalhadores passaram a consumir mais produtos, beneficiando assim a indústria, o comércio e o setor de serviços. O governo Lula também criou o Bolsa Família, beneficiando as famílias mais pobres. As políticas de incentivo ao crescimento econômico e de distribuição de renda apresentaram números positivos.
6. Durante o período em que esteve à frente da presidência da República, entre 2003 e 2011, Luiz Inácio Lula da Silva preservou

a política de Fernando Henrique Cardoso de estabilização da moeda e dos preços que formavam a base do Plano Real, mas promoveu também ações em prol do desenvolvimento econômico, envolvendo a retomada de obras de infraestrutura, o estímulo às exportações e o aumento da produção nacional. Houve assim a geração de grande número de empregos que, associado à valorização do salário mínimo, favoreceu o aumento do consumo, especialmente da chamada "classe C", composta por milhões de pessoas que superaram o estado de pobreza e ascenderam à condição de "classe média". Somam-se a esses

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

As duas fotografias abaixo são da campanha eleitoral de 1994 para presidente da República. Na fotografia da esquerda, o candidato Fernando Henrique Cardoso. Na fotografia da direita, o candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

- As eleições são momentos fundamentais para a continuidade do regime democrático. Desse modo, como podemos interpretar a visita dos então candidatos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva a municípios do interior do país?



FHC na cidade de Delmiro Gouveia, em Alagoas.

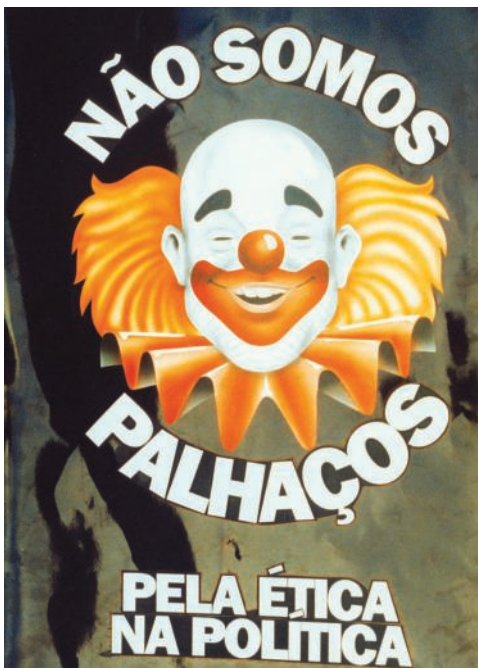


Lula na cidade de Madalena, no Ceará.

O PASSADO PRESENTE

Muitos anos se passaram desde que o cartaz ao lado foi produzido, mas parece que a sua mensagem ainda é muito atual.

- Você concorda sobre a atualidade do cartaz? Justifique sua resposta.



O cartaz "Não somos palhaços" foi produzido em 1992 pelo Movimento Ética na Política e exibido durante as manifestações pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello.

Pesquisa

Resposta pessoal. Entre os argumentos favoráveis às empresas estatais é que elas têm condições de competir com empresas estrangeiras e que bem administradas podem dar lucro. As empresas estatais visam o crescimento do país e não o lucro privado. Os que defendem as privatizações das empresas estatais alegam que o setor privado tem mais competência para a administração e capitais para investir na empresa.

Imagens contam a história

Nos regimes democráticos, os candidatos procuram convencer os eleitores de que as suas propostas políticas são as melhores, mas também entram em contato com o povo e conhecem suas dificuldades ao ouvir suas reivindicações. As campanhas eleitorais são momentos importantes para a prática democrática, sobretudo para o eleitor conhecer os candidatos e votar de maneira consciente.

O passado presente

Resposta pessoal. Os estudantes poderão relacionar o fato do mensalão com o cartaz – caso muito discutido na mídia. Além disso, há também outros casos de corrupção e desvio do dinheiro público por parte de empresas privadas e órgãos governamentais, que são fartamente noticiados pela imprensa, como no caso da Petrobras. Os estudantes, desse modo, poderão compreender que a corrupção não é um fato isolado na história brasileira ou de responsabilidade de apenas alguns governantes, já que esses diversos casos investigados evidenciam um problema ético mais amplo nas formas de se conduzir a gestão das empresas e do Estado.

- fatores as políticas sociais – como a ampliação do acesso à educação federal, o programa “Bolsa Família” e de habitação popular – que permitiram inúmeras famílias melhorarem as suas condições de vida e trabalho. O governo de Dilma Rousseff deu continuidade a diversas políticas de seus antecessores.
- 7. Fernando Henrique Cardoso era ministro da Fazenda no governo de Itamar Franco e foi um dos responsáveis pela elaboração do Plano Real, composto de uma série de medidas para conter a inflação.
- 8. Com o fim da ditadura militar, uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita pelo voto popular, formulou a atual Constituição, aprovada em 1988. Denominada “Constituição cidadã”, ela garante aos brasileiros viver sob o regime da demo-

- cracia representativa, exercendo seus direitos civis, políticos e sociais.
- 9. Trata-se de uma série de operações conjuntas de juízes, de membros do Ministério Público e da Polícia Federal, iniciadas em março de 2014, que desvendaram vasta rede de corrupção envolvendo diretores de empresas estatais, políticos e empresários.
- 10. Em Xapuri, começaram as lutas contra o desmatamento da Floresta Amazônica realizado por madeireiros e criadores de gado. Chico Mendes começou sua luta sindical em 1975, durante a ditadura militar, ao fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília, e em 1982 assumiu a presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Mesmo ameaçado de morte, lutou na defesa dos chamados “povos da floresta”, e ganhou vários prêmios internacionais, inclusive da ONU.

Capítulo 16 A Nova Ordem Mundial, neoliberalismo e globalização

O capítulo aborda as transformações geopolíticas, econômicas e culturais por que o mundo passou nas décadas de 1970 e 1980, período em que uma “Nova Ordem Mundial” emergiu, em função sobretudo do avanço da doutrina neoliberal e do término gradual da “Guerra Fria”, com a desagregação da União Soviética e do Bloco Socialista por ela hegemonizado. A trajetória do pugilista fictício Rocky Balboa, interpretado no cinema pelo ator Sylvester Stallone, é destacada no capítulo para que a relação entre determinadas produções cinematográficas e os objetivos políticos-ideológicos de países como os Estados Unidos, nessa época de transição, fiquem também realçadas.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as consequências da crise econômica provocada pela alta mundial do preço do petróleo e os impactos que os processos de inovações tecnológicas e mudanças na produção industrial tiveram, entre os anos 1970 e 1980, nas sociedades capitalistas centrais.
- Examinar os fundamentos da doutrina neoliberal e as práticas de governos nos anos 1980 nela inspiradas, especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra.
- Analisar as causas e consequências da crise e desagregação da União Soviética e do Bloco Socialista no decurso da década de 1980 e início dos anos 1990.
- Examinar a emergência e importância da China no cenário mundial entre os anos 1980 e 1990, marcado pela globalização e o neoliberalismo.



População comemora a queda do Muro de Berlim, na Alemanha. Construído em 1961 no auge da Guerra Fria, esse longo muro dividia a população de Berlim, importante cidade europeia. Mas o Muro de Berlim, como ficou conhecido, também separava dois sistemas políticos, econômicos e ideológicos. Fotografia de 10 de novembro de 1989.

CAPÍTULO 16

A NOVA ORDEM MUNDIAL, NEOLIBERALISMO E GLOBALIZAÇÃO

O mundo conheceu muitas mudanças nas décadas de 1970 e 1980. Crise econômica nos anos 1970, avanço rápido das tecnologias de informática, mudanças no processo produtivo das fábricas, retorno da Guerra Fria, fim dos regimes comunistas, globalização da economia mundial e muitos países adotando políticas neoliberais.

Entre o início dos anos 1970 e o fim dos anos 1980, o mundo tinha mudado tanto que estudiosos inventaram uma expressão para nomear essas alterações: Nova Ordem Mundial.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Que sistemas econômicos e sociais o Muro de Berlim separava?

Créditos das imagens de cima para baixo: Simon Kwong/Reuters/Fotoarena; Richard Melloul/Agência France-Presse; Sadyuki Mikami/Associated Press/Glow Images; United Artists/Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Gerard Malie/Agência France-Presse; J. Scott Applewhite/Associated Press/Glow Images.

280

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI28

EF09HI32

EF09HI33

Puxando pela memória

Capitalismo e comunismo.

↳ O cinema e a História

Em 1976, um ator pouco conhecido surgiu nas telas de cinema com filme de roteiro simples, mas elogiado pelo público. O ator era Sylvester Stallone e o filme chamava-se *Rocky: um lutador*.

A crise econômica dos anos 1970, que atingiu gravemente os países capitalistas, é o pano de fundo do filme. Nos Estados Unidos, as cidades empobreceram, o desemprego aumentou, as mercadorias e os serviços passaram a custar mais, a criminalidade tornou as ruas perigosas e o tráfico de drogas cresceu enormemente.

Rocky Balboa mora em um bairro pobre da Filadélfia, não conseguiu estudar nem alcançar empregos estáveis. Sempre aparentando tristeza, Rocky trabalha carregando carnes em um frigorífico e para um agiota. Nas horas vagas, treina boxe em uma academia.

Sem perspectivas, Rocky tem a oportunidade de participar de uma luta de boxe com o campeão mundial, Apollo Creed. Apesar de ser uma luta de exibição, Rocky levou a sério, pois entendia que era uma grande oportunidade em sua vida e não queria perdê-la. O amor pela namorada, Adrian, o estimula a treinar com dedicação.

↳ A crise econômica dos anos 1970

A crise econômica dos anos 1970 tem origem nos grandes gastos do governo dos Estados Unidos em programas sociais, na Guerra do Vietnã e na corrida espacial. O governo estadunidense passou a imprimir mais dólares do que frequentemente fazia.

A decisão do governo estadunidense começou a gerar desconfiança nos mercados financeiros em relação ao real valor do dólar. Em diversos países surgiram problemas, como o aumento dos preços, a especulação financeira, a desordem na emissão de moeda e os gastos excessivos do governo.

Rocky Balboa, interpretado por Sylvester Stallone (à esquerda), e Apollo Creed, personagem de Carl Weathers (à direita), no filme *Rocky: um lutador*, de 1976.



281

De olho na BNCC

Ao analisar em sala de aula com os alunos as crises econômicas e transformações na produção industrial e na condução dos governos capitalistas centrais entre os anos 1970 e 1980, temas presentes entre as páginas 281 e 286 do livro do aluno, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades:

- EF09HI32 – Analisar mudanças e permanências associadas ao processo de globalização, considerando os argumentos dos movimentos críticos às políticas globais.
- EF09HI33 – Analisar as transformações nas relações políticas locais e globais geradas pelo desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Para desenvolver

A seu critério, no estudo das causas da crise econômica dos anos 1970 e suas relações com a alta do preço mundial do petróleo nessa época, relembre os conteúdos estudados nos capítulos 8 e 11 – como os resultados do Plano Marshall e as consequências das decisões tomadas pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) entre as décadas de 1960 e 1970. Ao realçar o papel dos Estados Unidos no agravamento dessa crise, explique que, pelos Acordos de Bretton Woods, firmados em 1944, o dólar teria como garantia o ouro estocado em tal país e que, em 1971, o presidente estadunidense Richard Nixon desvinculou o dólar da sua equivalência ao ouro, gerando uma instabilidade financeira mundial.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre o contexto social, político e cultural dos EUA e do mundo capitalista nos anos 1970, indicamos o livro e os filmes a seguir:

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre (Dir.). *História do Século XX – De 1973 aos dias atuais*. Volume 3. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

Taxi driver (EUA). Direção de Martin Scorsese, 1976. 115 min.

Veterano da Guerra do Vietnã ganha a vida como taxista em Nova York nos anos 1970. Ele convive com a crise econômica que gera violência, prostituição e tráfico de drogas.

Os embalas de sábado à noite (EUA). Direção de John Badham, 1978. 118 min.

Nos anos 1970, vendedor de loja de tintas, sem perspectivas de melhorar de vida, encontra satisfação dançando em uma discoteca.

Para desenvolver

A estagflação

Explique para a turma que a partir de 1975, a crise econômica produziu algo que não estava nos livros de economia: a chamada *estagflação*. Até então, quando os preços aumentavam (inflação), o governo diminuía a atividade econômica, gerando recessão. Logo, os preços caíam porque as pessoas compravam menos mercadorias. Com a crise dos anos 1970, aconteceu algo que ninguém esperava: recessão econômica com o aumento da inflação – chamada de estagflação. Trata-se do pior dos mundos: estagnação econômica, desemprego e inflação em alta.

Fique ligado

Para que você possa obter mais informações sobre as causas da crise econômica e a alta do preço mundial do petróleo dos anos 1970, indicamos o documentário e o texto jornalístico a seguir:

A História do Petróleo (EUA). History Channel, 2010. 200 min.

Série de televisão com quatro episódios, produzida pelo History Channel, que aborda os impactos da política de preços do petróleo sobre a economia e a geopolítica mundiais.

Opep completa 50 anos com menos força do que no início. *Deutsche Welle*. Disponível em: <[https://www.dw.com/pt-br/opep-com-pleta-50-anos-com-menos-forca-do-que-no-inicio/a-5994756](https://www.dw.com/pt-br/opep-com-pleta-50-anos-com-menos-forca-do-que-no-inicio)>. Acesso em: 13 out. 2018.

FIQUE DE OLHO

Rocky: um lutador (EUA). Direção de John G. Avildsen, 1976. 119 min.

Em meio à crise econômica dos Estados Unidos dos anos 1970, Rocky Balboa, um estadunidense que vive de empregos temporários e informais, treina boxe em seu tempo livre. Surge uma oportunidade de Rocky enfrentar o campeão mundial de boxe, Apollo Creed, em uma luta. Ele se prepara com dedicação para a luta, que acredita ser uma grande chance para melhorar sua vida.

1973: Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) aumenta em quatro vezes o preço do petróleo.

O preço do petróleo

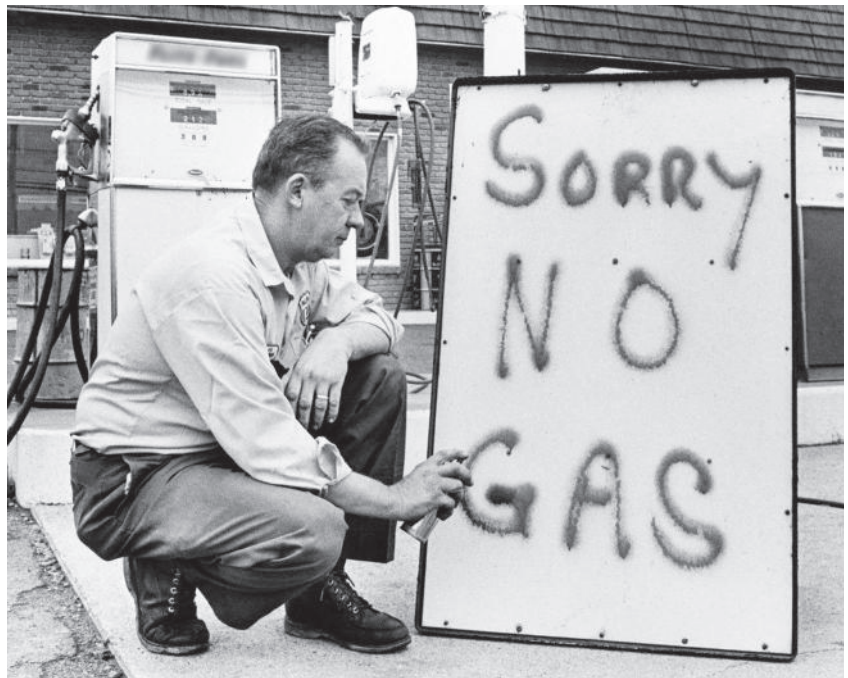
O preço do barril de petróleo estava baixo até o início da década de 1970. O apoio dos Estados Unidos a Israel durante a Guerra de 1973, contudo, mudou o rumo dos acontecimentos. Os países árabes, membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), tomaram a decisão de usar o petróleo como arma política contra o governo estadunidense.

O preço do barril de petróleo que custava cerca de 3 dólares foi reajustado, naquele ano, para 12 dólares, um aumento de quatro vezes. Depois, houve um aumento ainda maior. Os efeitos do aumento do preço do petróleo foram imediatos nos Estados Unidos, no Japão e nos países da Europa ocidental, que dependiam enormemente da importação de petróleo.

Nos países capitalistas desenvolvidos, a produção industrial caiu, aumentando o desemprego. Países mais pobres, como o Brasil e o México, também foram afetados pela crise.

Rocky Balboa, personagem central do filme de 1976, viveu nessa época de grave crise econômica. No filme, ele não quer fazer uma luta de exibição, mas entrar no ringue para vencer. Era o meio que encontrou para escapar da pobreza em que vivia. Três anos depois, em 1979, Sylvester Stallone retornou ao cinema, continuando a viver o personagem Rocky Balboa. Era o filme *Rocky 2 – A revanche*. Ele continua passando por dificuldades: sem emprego, com uma lesão em um dos olhos resultante da luta anterior e com a gravidez de risco de Adrian, com quem se casou. Sem muitas opções, ele aceita o desafio de Apollo para uma luta de revanche. Rocky Balboa, vivendo em um mundo em crise econômica e social, tem que lutar para viver.

Dono de posto de gasolina avisa que não há gasolina nas bombas em Persakie, Pensilvânia, Estados Unidos. Com a crise do petróleo, os preços dos combustíveis aumentaram várias vezes e os consumidores sofriam com a falta do produto. Fotografia de 1973.



282 ► UNIDADE 5 | Passagem de século: crises e mudanças globais

Atividade complementar

A seu critério e utilizando o laboratório ou sala de informática da escola, se possível, proponha aos alunos uma pesquisa na internet sobre notícias e imagens relacionadas às causas e consequências da paralisação nacional realizada por caminhoneiros de todo o Brasil entre 21 e 31 de maio de 2018. Divididos em grupos, eles poderão elaborar uma breve apresentação de slides, por exemplo, e relatar numa roda de conversa as suas me-

mórias sobre esse evento que teve fortes repercussões sobre o cotidiano da população brasileira nesse período. Sobre esse tema, indicamos a seguinte entrevista de Ricardo Antunes, professor do IFCH/Unicamp:

Paralisação de caminhoneiros é um misto de greve e locaute, diz sociólogo do trabalho. *BBC*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44256413>>. Acesso em: 13 out. 2018.

▶ A Revolução Técnico-Científica

O capitalismo vivia grave crise. Os trabalhadores reagiam com protestos e greves. As primeiras respostas a essa situação vieram da indústria. O sistema produtivo sofreu transformações profundas com a utilização de novas tecnologias baseadas na informática. O processo de desenvolvimento das novas tecnologias ficou conhecido como Revolução Técnico-Científica.

A Revolução Técnico-Científica, também chamada de Terceira Revolução Industrial, começou em fins dos anos 1950, tomou impulso nas décadas de 1960 e 1970 e não parou de avançar até os dias atuais. Os fundamentos da Revolução Tecnológica são a eletrônica, a informática, a telemática e a robótica.

Telemática: transmissão de dados a longa distância por rede de telecomunicações.

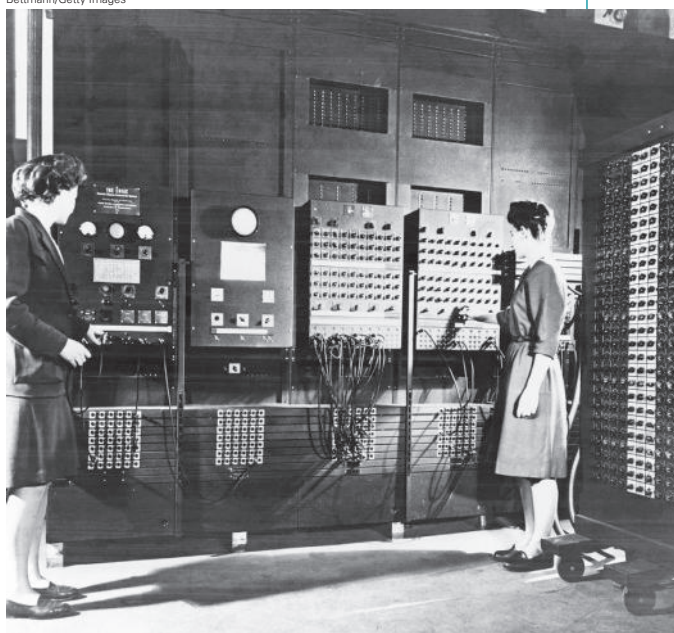
AO MESMO TEMPO

A era da informática

O computador e a transmissão de dados e mensagens são alguns dos principais exemplos do desenvolvimento de novas tecnologias. O primeiro computador foi construído em 1946. A gigantesca máquina usava 27 mil válvulas, que geravam forte calor e queimavam constantemente. O uso do primeiro computador era militar e em nada se parecia com um computador atual.

Em 1971, quando o circuito integrado foi transformado em microprocessador, foi possível fabricar o computador como conhecemos hoje. Em 1977, a Apple e a IBM criaram os primeiros computadores para uso doméstico. Daquele ano em diante, a sofisticação tecnológica somente aumentou. Quando a informática, junto do restante dos fundamentos da Revolução Técnico-Científica, foi introduzida nas fábricas, o sistema produtivo sofreu uma grande transformação: o toyotismo.

Bertmann/Getty Images



As programadoras Frances Bilas e Bety Jean Jeunings operam o Eniac, o primeiro computador, na cidade da Filadélfia, Pensilvânia, Estados Unidos. Fotografia de 1946.



- As tecnologias de informática avançam muito rapidamente. Atualmente, é possível adquirir um *notebook* com 16 GB de memória RAM e disco rígido de 1 TB. Mas há 40 anos, em 1969, astronautas chegaram à Lua com um computador com capacidade muito modesta. Pesquise sobre esse computador e compare com as tecnologias de hoje.

Para desenvolver

A seu critério, relembre as corridas espacial e armamentista nuclear estudadas no capítulo 8, realçando que elas se inserem também no contexto da Revolução Técnico-Científica dos anos 1950, 1960 e 1970. Ressalte ainda para os alunos que em 1971 surgiu o microprocessador e, em 1977, os computadores de uso pessoal. Ambos foram inventados em plena crise econômica e no curso da Revolução Técnico-Científica dessa época. As empresas buscaram nas inovações tecnológicas saídas para a crise. Com os computadores e a invenção de novas tecnologias, foram desenvolvidos os robôs industriais e a telemática, ou seja, a transmissão de dados por telefone (fax, e-mail e arquivos).

Ao mesmo tempo

- A nave com que os norte-americanos chegaram à Lua em julho de 1969, a Apollo 11, tinha um computador chamado de Apollo Guidance Computer (AGC). Comparada à dos dias atuais, sua tecnologia era muito modesta: 2 KB de memória RAM e sem disco rígido. Sua capacidade era menor do que a de uma calculadora dos dias atuais. No entanto, foi com esse computador muito simples que os astronautas foram até à Lua e retornaram a salvo.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre os avanços da Revolução Técnico-Científica nos anos 1970, confira os filmes a seguir:
 2001 – Uma odisseia no espaço (EUA/Reino Unido). Direção de Stanley Kubrick, 1968. 141 min.

O filme aborda a relação entre o homem e a tecnologia, quando o computador, com inteligência artificial, tenta assumir o controle de nave rumo a Júpiter. O filme foi o primeiro a discutir a possibilidade do controle dos computadores sobre a humanidade.

Piratas da Informática (EUA). Direção de Martyn Burke, 1999. 95 min.

O filme mostra como Bill Gates e Steve Jobs fundaram as respectivas Microsoft e Apple, a concorrência entre os dois para ver quem chegava primeiro e as estratégias que utilizaram para criar suas empresas.

Jobs (EUA). Direção de Joshua M. Stern, 2013. 133 min.

Biografia de Steve Jobs, inventor do Macintosh, o primeiro computador pessoal e de empresa com tecnologia de ponta. O filme também apresenta sua personalidade difícil e as dificuldades de relacionamento.

Para desenvolver

Explique para os alunos que o termo “toyotismo” se relaciona diretamente à marca Toyota, fabricante japonesa de automóveis. Entre 1948 e 1975, no momento em que o Japão reestruturava a sua indústria, engenheiros da Toyota desenvolveram um método produtivo que permitia fabricar com o menor custo possível, por meio da introdução das seguintes mudanças: produção flexível e adequada à demanda (*just in time*); redução dos estoques; diversificação dos produtos fabricados; automatização de etapas da produção; e mão de obra muito mais qualificada e multifuncional.

O que há na imagem

Os robôs produzem mais em menos tempo e, quando programados corretamente, não cometem erros nem se cansam. Além disso, os donos das indústrias lucram com os robôs porque não necessitam pagar salários, seguro social, dentre outros benefícios trabalhistas. Desse modo, um robô pode fazer o trabalho de vários operários, mas essa mudança gera o desemprego.

CÁ ENTRE NÓS

O toyotismo mostrou-se bem flexível e ágil para enfrentar a crise dos anos 1970 e as mudanças do mercado consumidor. As indústrias dos Estados Unidos, da Europa ocidental e do Japão substituíram os rígidos métodos de produção industrial do taylorismo pela agilidade oferecida pelo toyotismo. No entanto, com a informatização trazida pelo toyotismo, milhares de operários foram demitidos, gerando desemprego.

Do taylorismo ao toyotismo

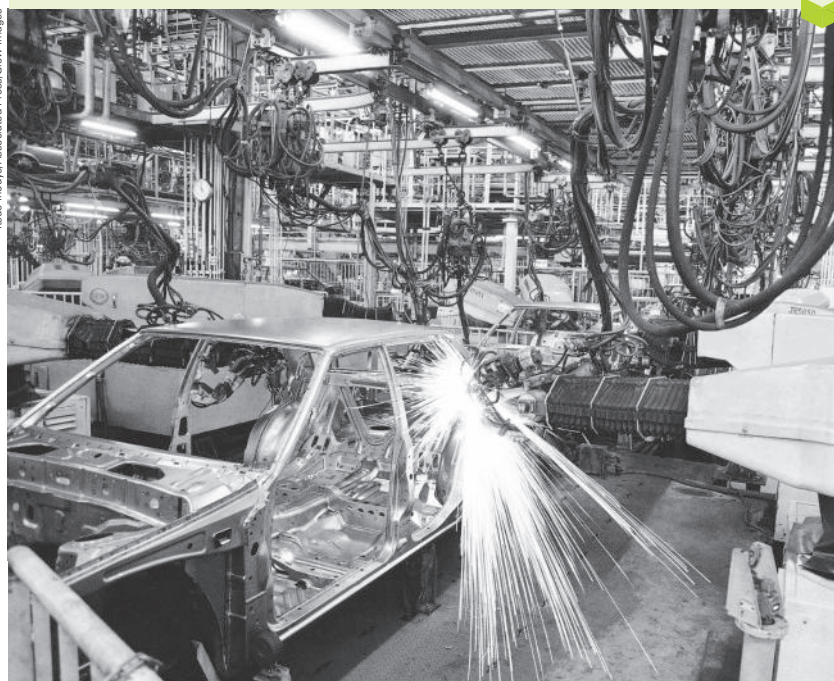
Desde o início do século XX, o taylorismo orientava a produção industrial. Os operários, especializados em uma única atividade, eram dispostos ao longo de uma esteira móvel e montavam o produto. O trabalho era repetitivo e cansativo, mas a esteira de produção não podia parar. A produção era em massa e os produtos eram padronizados.

Nos anos 1970, a crise do capitalismo exigiu a criação de novos métodos de produção. A inovação surgiu na fábrica de automóveis Toyota. O novo método de trabalho, conhecido como toyotismo, exigia um operário bastante qualificado, exercendo várias funções e responsável pela qualidade do produto que fazia. A fábrica não produzia em grandes quantidades padronizadas, mas de acordo com as encomendas.

A Revolução Técnico-Científica foi fundamental para o toyotismo, oferecendo máquinas sofisticadas, sistemas de computadores e o uso de robôs industriais para aumentar a capacidade produtiva em menor tempo possível e com menor número de operários trabalhando nas fábricas.

QUE HÁ NA IMAGEM?

A introdução dos robôs nas fábricas provocou duas importantes consequências: a primeira, o aumento da produtividade industrial porque o robô produz mais em menor tempo; a segunda, o crescimento do desemprego, sobretudo no setor industrial. Qual a relação entre o uso da robótica nas fábricas e o desemprego dos operários?



Fábrica japonesa de automóveis introduz robôs industriais no processo produtivo. Fotografia de 1981.

Fique ligado

Para que você possa obter mais informações sobre o toyotismo e o contexto de inovação dos métodos produtivos nos anos 1970 em diante, indicamos o livro e o artigo acadêmico a seguir:

ALVES, Giovanni. *Trabalho e subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo, 2011.

WOOD JR., Thomaz. Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. *Revista de Administração de Empresas*. v. 32, n. 4. São Paulo, set./out. 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75901992000400002&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 out. 2018.

Nos tempos do neoliberalismo

Durante a década de 1970, alguns políticos e economistas passaram a criticar as ideias do economista britânico John Maynard Keynes e a defender uma doutrina política e econômica praticamente oposta, chamada de neoliberalismo. Algumas de suas propostas eram:

- » não intervenção do Estado na economia – as atividades industriais, comerciais e financeiras e as relações entre patrões e empregados não deveriam ser regulamentadas pelo Estado;
- » privatização das empresas estatais (pertencentes ao Estado) – as empresas estatais deveriam ser vendidas para os empresários;
- » redução da cobrança de impostos sobre lucro e riqueza – empresas e pessoas ricas investiriam mais na economia se pagassem menos impostos;
- » equilíbrio do orçamento do país – os gastos sociais com saúde e educação deveriam ser reduzidos para equilibrar as contas públicas.

Foi nessa época que defensores das ideias neoliberais e representantes da chamada **Nova Direita** assumiram o poder no Reino Unido e nos Estados Unidos: Margaret Thatcher e Ronald Reagan.

Nova Direita:

expressão que define as ideias defendidas por Ronald Reagan e Margaret Thatcher, em particular as políticas neoliberais, a supressão dos benefícios sociais aos trabalhadores, a intransigência diante do movimento sindical e o anticomunismo.

O neoliberalismo dificilmente poderia deixar de impor tais requisitos. A diferença é que o faz não somente no campo das relações internacionais, mas também sobre a direção e conteúdo das políticas e instituições internas. Por isso, se integram em normas e regras, que auspiciam determinadas políticas e eliminam os conteúdos em outros modelos, inspirados em planejamentos ideológicos racionalizadores. O estabelecimento dessas normas e suas consequências justificam alterações profundas na vida dos países, particularmente na divisão do trabalho entre o Estado e o mercado ou entre os poderes dos governos nacionais e os da globalização. Consequentemente, o neoliberalismo e a globalização postulam critérios que devem satisfazer os governos – singularmente os do Terceiro Mundo –, quase sempre com escassa ou nula anuência dos cidadãos afetados.

Em consequência, o pós-modernismo neoliberal anuncia o fim da história, dos grandes relatos filosóficos e suas ideologias, e inclusive a do Estado-Nação com suas responsabilidades sociais e seu empenho em cuidar do bem comum, da soberania e identidade nacionais. Em troca, situa a esperança na eficiência de mecanismos automatizados, fora do desejo humano, como o mercado ou estado de direito construído ex professo, em torno do próprio cânone neoliberal. Trata-se de cumprir regras, acompanhadas de incentivos e castigos que, supostamente, afastam os cidadãos de decisões caprichosas e os canalizam à otimização economicista dos seus comportamentos, como se aí esgotassem todos os propósitos humanos.

Em termos propagandísticos, o neoliberalismo difundiu, no Terceiro Mundo, a tese esperançosa de que o jogo livre dos mercados fecharia a brecha do atraso, ao passar não somente pela abertura de fronteiras, como também pela estabilização de preços e contas públicas. Com algum simplismo, postulou-se que o desenvolvimento exportador e de investimento estrangeiro erradicariam a pobreza crônica do subdesenvolvimento, enquanto a difusão automática das melhoras tecnológicas elevaria os padrões de vida e se inverteriam em favor da orientação mercantil das políticas públicas. De modo análogo, sublinhou-se que os mercados abertos e a transparência das transações do governo ou dos particulares colocariam um fim na procura de gastos ou privilégios desmerecidos, isto é, serviriam de antídoto eficaz contra a corrupção.

IBARRA, David. O neoliberalismo na América Latina. *Revista de Economia e Política*, v. 31, n. 2, São Paulo, abr./jun. 2011.

OUTRAS HISTÓRIAS ECONOMIA

Keynesianismo

John Maynard Keynes defendia que o Estado deveria intervir na economia, tanto para estimular o crescimento econômico como para evitar a queda da produção e o aumento do desemprego. Os vários setores da economia lucrariam mais com os trabalhadores empregados e ganhando bons salários. Para Keynes, altos impostos deveriam ser cobrados das empresas e investidos em políticas sociais que beneficiassem os trabalhadores, como saúde e educação.

Ronald Reagan recebe a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher na Casa Branca, em Washington, D.C. As políticas neoliberais de Reagan e Thatcher foram no sentido oposto ao do keynesianismo, recusando a intervenção do Estado na economia, diminuindo impostos das empresas e reduzindo benefícios sociais dos trabalhadores. Fotografia de 1985.

J. Scott Applewhite/Associated Press/Glow Images



- Pesquise quais são as principais características da política econômica liberal e compare-as com as ideias de Keynes.



Outras histórias Economia

- A principal característica do liberalismo é que o Estado não deve intervir na economia ou nas relações entre trabalhadores e empresários. O liberalismo econômico defende que o próprio mercado capitalista resolva os problemas econômicos e sociais. As ideias de Keynes caminham, justamente, em sentido oposto: o Estado deveria intervir na economia e atuar na área social.

Texto complementar

O neoliberalismo na América Latina

A globalização neoliberal é uma das transformações históricas de ordem econômica internacional que se expressam sucessivamente no regime colonial, o padrão ouro, o acordo de Bretton Woods e a supressão atual das fronteiras comerciais. Em todos esses esquemas distintos existem, evidentemente, relações de dominação entre os países centrais e a periferia, mas também há acordos indispensáveis para a convivência pacífica e a ordem das transações econômicas entre nações.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre os fundamentos do neoliberalismo e sua aplicação na Inglaterra, EUA e América Latina nos anos 1980 e 1990, confira os livros e filmes a seguir:

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e implicações*. São Paulo: Loyola, 2005.

MORAIS, Reginaldo. *Neoliberalismo: de onde vem, para onde vai?* Rio de Janeiro: Editora Senac, 2001.

Billy Elliot (Reino Unido/França). Direção de Stephen Daldry, 1999. 110 min.

Um garoto de 11 anos vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Nelas trabalham seu pai e irmão, que são líderes de uma grande greve contra o governo neoliberal de Margareth Thatcher. Obrigado pelo pai a treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé e resolve enfrentar o preconceito e se dedicar à dança.

Roger e eu (EUA). Direção de Michael Moore, 1989. 90 min.

O documentário aborda o fechamento de fábricas da General Motors nos EUA no fim dos anos 1980, que provocou cerca de 30 mil demissões e devastou a economia local de diversas cidades no estado de Michigan.

Eu, Daniel Blake (Reino Unido/França/Bélgica). Direção de Ken Loach, 2016. 101 min.

Analfabeto digital e enfrentando burocracia insensível, Daniel Blake não consegue o benefício social a que tem direito. Apesar de excluído pelas políticas governamentais neoliberais, ele não perde o sentimento de solidariedade social.

Nove rainhas (Argentina). Direção de Fabián Bielinsky, 2001. 115 min.

Dois estelionatários planejam vender coleção de selos falsificados a colecionadores, cuja riqueza tem origem nas privatizações dos anos 1990. Novos comparsas são convocados, mas ninguém confia no outro. O filme é uma crítica ao neoliberalismo.

FIQUE DE OLHO

A dama de ferro (França/Reino Unido). Direção de Phyllida Lloyd, 2011. 105 min.

O filme narra a trajetória política de Margareth Thatcher até sua ascensão ao cargo de primeira-ministra britânica, as medidas impopulares que tomou e sua determinação durante a guerra com a Argentina.

Margareth Thatcher

Em 1979, no Reino Unido, Margareth Thatcher, líder do Partido Conservador, tornou-se primeira-ministra. Thatcher determinou a privatização de empresas estatais, eliminou benefícios sociais, em particular os recursos para a educação, e aboliu o salário mínimo. Seu objetivo era reduzir drasticamente os gastos públicos para diminuir a inflação.

Thatcher obteve do Parlamento a aprovação de leis que diminuiriam o poder do sindicalismo inglês. Por esse motivo, recebeu o apelido de Dama de Ferro.

Ronald Reagan

Ronald Reagan, político do Partido Republicano, assumiu a Presidência dos Estados Unidos em 1980. Como Thatcher, ele adotou o modelo neoliberal: reduziu impostos das empresas e das pessoas ricas, aboliu leis que regulavam a atuação das empresas, cortou verbas para programas sociais e privatizou todo o serviço de saúde do país. Contudo, Reagan não conseguiu equilibrar as contas do governo porque investiu bilhões de dólares em armas nucleares e nas forças militares de seu país.

Com incentivo de Reagan, a propaganda anticomunista voltou forte aos meios de comunicação. Sob sua Presidência, o governo dos Estados Unidos combateu movimentos de esquerda em vários países do mundo.

Fala do então presidente estadunidense Ronald Reagan no Portão de Brandemburgo, Berlim, Alemanha. Fotografia de 1987.



Para desenvolver

Ao analisar os fundamentos da doutrina neoliberal e as práticas de governos nela inspiradas, resalte para a turma que no caso da Inglaterra de Margareth Thatcher, nos anos 1980, diante dos cortes nos gastos em saúde e educação públicas e das privatizações das empresas estatais, o movimento sindical inglês reagiu com greves e manifestações de protesto.

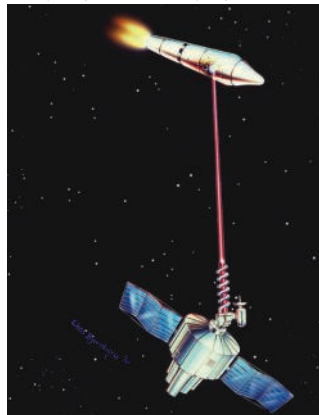
Segunda Guerra Fria

O presidente dos Estados Unidos retomou o discurso agressivo contra a União Soviética e liberou grandes recursos financeiros para a fabricação de armas nucleares.

Ronald Reagan também anunciou um programa que custaria bilhões de dólares: a construção de uma espécie de escudo que protegeria os Estados Unidos de ataques de mísseis nucleares. O programa de militarização do espaço ficou conhecido como **Guerra nas Estrelas**.

O projeto, conhecido como Guerra nas Estrelas, chamava-se Iniciativa Estratégica de Defesa. Consistia em uma rede de sistemas em órbita da Terra, capaz de destruir inimigos intercontinentais ainda no espaço. Na figura, vemos a representação de um artefato destruindo um míssil.

Chris Bjornberg/Science Source/Getty Images



OUTRAS HISTÓRIAS ARTES

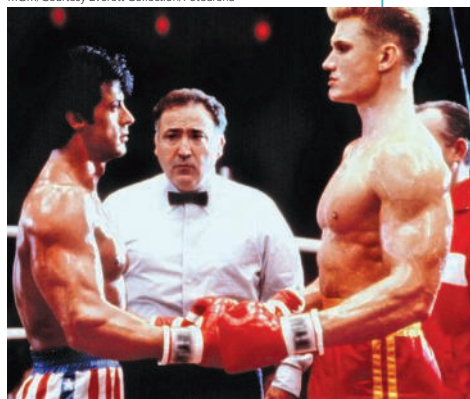
O elogio e a crítica pela arte

O cinema estadunidense não ficou indiferente à Segunda Guerra Fria nos anos 1980, ora apoiando Ronald Reagan e sua política externa anticomunista, ora denunciando a possibilidade de destruição da humanidade por causa de uma guerra nuclear.

Em 1985, Sylvester Stallone apoiou a política agressiva de Reagan contra a União Soviética em *Rocky IV*. No filme, Rocky Balboa vai a Moscou vingar a morte do amigo Apollo Creed. Rocky Balboa, representando os Estados Unidos, aparece no filme como homem com valores morais. Ao contrário, Drago, boxeador da União Soviética, é apresentado como perverso, cruel e impiedoso.

Muito diferente é o caso de *O exterminador do futuro*, de 1984, estrelado por Arnold Schwarzenegger. O filme denuncia o que poderia acontecer com a humanidade se ocorresse uma guerra nuclear. Apesar de conter cenas de violência, o filme tem mensagens pacifistas.

MGM/Courtesy Everett Collection/Fotoarena



Em *Rocky IV*, de 1985, as mensagens anticomunistas são bem definidas: o estadunidense Rocky é honesto e leal, enquanto o lutador soviético é cruel e arrogante.



- Assista aos filmes *Rocky IV* e *O exterminador do futuro I*. Em *Rocky IV*, observe as mensagens anticomunistas. Anote as principais cenas em que os soviéticos são apresentados como pessoas perversas, e os estadunidenses, como pessoas íntegras. No caso de *O exterminador do futuro I*, anote os momentos em que o filme defende propostas pacifistas. Em seguida, utilize essas informações para criar uma espécie de crítica cinematográfica a respeito dos dois filmes. Os textos devem explorar o tema da Guerra Fria relacionado às obras cinematográficas. Combine um dia com o professor para que todos possam compartilhar as descobertas realizadas com base nos filmes.



Para desenvolver

Ressalte para a turma que o programa Guerra nas Estrelas, anunciado por Ronald Reagan, exigiria bilhões de dólares para ser viabilizado. Para competir com os Estados Unidos, a União Soviética teria de investir muito dinheiro, acarretando grandes sacrifícios para a sua população. Investimentos em armas significariam menor produção de roupas e televisores, por exemplo. O objetivo de Reagan, com o programa Guerra nas Estrelas, era quebrar financeiramente a União Soviética.

Fique ligado

Sobre o contexto de reaquecimento do confronto entre EUA e URSS no início dos anos 1980, confira os filmes a seguir:

O dia seguinte (EUA). Direção de Nicholas Meyer, 1983. 126 min.

Guerra nuclear eclode entre Estados Unidos e União Soviética. O filme narra como seria o dia seguinte à guerra. Apesar das cenas dramáticas, o filme tem mensagem pacifista apontando para os perigos da política externa agressiva de Ronald Reagan.

O Exterminador do futuro (EUA). Direção de James Cameron, 1984. 108 min.

Androide vem do futuro para matar mulher que dará vida ao líder da rebelião contra o domínio das máquinas. Apesar da violência, o filme tem mensagem pacifista, sendo uma crítica à retomada da Guerra Fria e ao projeto Guerra nas Estrelas, de Ronald Reagan.

Rocky IV (EUA). Direção de Sylvester Stallone, 1986. 91 min.

O contexto do filme é a Segunda Guerra Fria desencadeada por Ronald Reagan. Com mensagens anticomunistas, Rocky vai a Moscou lutar contra o cruel lutador soviético Drago.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala de aula com os alunos o reaquecimento da Guerra Fria no início dos anos 1980 e as causas e consequências da desagregação da União Soviética e do Bloco Socialista no curso dessa década e começo da seguinte, temas presentes entre as páginas 287 e 289 do livro do aluno, você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades EF09HI28, EF09HI32 e EF09HI33 da BNCC.

Outras histórias

Artes

- A atividade pode ser feita de forma interdisciplinar com Língua Portuguesa e Arte. A primeira pode explorar as técnicas para a realização de uma crítica cinematográfica, e a segunda pode promover debates a respeito dos diversos elementos artísticos possíveis de serem analisados em um filme, como, por exemplo, a fotografia.

Para desenvolver

Explique para os alunos que o cargo de Secretário Geral do Partido Comunista da União Soviética, ocupado por Mikhail Gorbachev a partir de 1985, era equivalente ao de primeiro-ministro nas democracias parlamentaristas ocidentais ou de presidente nas repúblicas presidencialistas. Gorbachev era homem simpático, elegante e que agia com desenvoltura nos encontros internacionais. Pela primeira vez, a imprensa internacional passou a descrever de maneira positiva um chefe de governo da URSS. Em vez de alimentar a corrida armamentista de Reagan, Gorbachev fez o oposto. Propôs ao presidente Reagan eliminar todas as armas nucleares do mundo até o ano 2000.

Texto complementar

A revolução do Solidariedade e o fim da União Soviética

O Comunismo encaixa na Polónia como uma sela encaixa numa vaca”, disse uma vez José Estaline. Esta opinião do ditador do Kremlin foi muitas vezes confirmada pelos polacos – em 1956, 1968, 1970 e 1976 – em protestos contra o regime totalitário imposto pelo Exército Vermelho. O movimento pela democracia generalizou-se com o aparecimento do Solidariedade em 1980, que era muito mais do que um sindicato: representava a sociedade civil. Em dezembro de 1981, o general Jaruzelski tentou restabelecer a ordem comunista. No entanto, apenas alcançou uma parte do seu objetivo: o movimento de libertação foi proibido, mas sobreviveu. Na década seguinte, a Polónia testemunhou a luta pacífica do Solidariedade pelo direito à representação e, por outro lado, a defesa, pelas armas, dos comunistas do monopólio de poder.

O fator determinante para a mudança na política do regime comunista polaco foi a situação em Moscovo. Em 1985, Mikhail Gorbachev tornou-se o líder do Partido Comunista na União Soviética [...]. em abril de 1985, durante um encontro de líderes comunistas em Varsóvia, Gorbachev declarou que cada partido no poder era inteiramente responsável pelo que estava a acontecer nos seus próprios países, deixando claro que os partidos comunistas eram independentes. Foi um primeiro sinal do abandono da chamada “doutrina de Brejnev”, segundo a qual a União Soviética tinha o direito à intervenção militar nos países comunistas. A



Lea Goodman/Hulton Archive/Getty Images

Venda improvisada de vegetais em um pequeno mercado no subúrbio de Moscovo, Rússia, que abastecia a população com alimentos. Fotografia de 1983.

CÁ ENTRE NÓS

A indústria da União Soviética produziu tecnologia e inovou na área científica somente em dois setores: na produção de armas (convencionais e atômicas) e na corrida espacial.

288 ► UNIDADE 5 | Passagem de século: crises e mudanças globais

▶ A desagregação do bloco soviético

Enquanto os países capitalistas da Europa Ocidental, Estados Unidos e Japão passavam pelo processo conhecido como Revolução Técnico-Científica, a União Soviética e os países da Europa Oriental atravessavam um período de estagnação em suas economias. As fábricas dos países socialistas ainda produziam segundo os antigos métodos de trabalho do taylorismo, perdendo a capacidade de competir com as indústrias capitalistas.

União Soviética: das reformas à desagregação

As indústrias da União Soviética eram antiquadas, os métodos de produção não se modernizavam e faltavam tecnologias inovadoras. A estagnação também ocorria na agricultura.

Nessa mesma época, o governo Reagan voltou a investir em armas nucleares. Com o país em crise, os governantes da União Soviética não conseguiam competir militarmente com os Estados Unidos.

O objetivo de Reagan, com o programa Guerra nas Estrelas, era quebrar financeiramente a União Soviética.

A nova liderança soviética: Mikhail Gorbachev

Em 1985, Mikhail Gorbachev assumiu o poder no país. Ele fez uma proposta surpreendente a Reagan: eliminar todas as armas nucleares do mundo até o ano 2000.

Perestroika e glasnost

Mikhail Gorbachev lançou dois programas para modernizar a União Soviética: a *perestroika* e a *glasnost*. Em língua russa, *perestroika* pode ser traduzida como “reestruturação”. Gorbachev propunha reestruturar a economia, modernizando a indústria.

Com a *glasnost*, que significava “transparência” em russo, Gorbachev pretendia instaurar a liberdade de expressão no país.

A *perestroika*, contudo, não apresentava resultados enquanto a *glasnost* avançou além do esperado. Com o fim da censura aos meios de comunicação, a população soviética passou a criticar a corrupção, os privilégios das elites do país e a falta de produtos nos mercados.

No Partido Comunista, setores conservadores ficaram insatisfeitos com a *glasnost*. Para eles, Gorbachev tinha ido longe demais.

partir daí, as capitais do Bloco Soviético tinham liberdade de ação na questão das reformas internas.

Obviamente, para os comunistas que governavam em Varsóvia, a posição de Moscovo era muito importante. [...] A política de Gorbachev centrou-se na reforma do sistema soviético e no desenvolvimento de uma relação construtiva com o Ocidente. Isto permitiu uma liberalização cautelosa em Varsóvia.

[...] Foi um teste difícil para a política de Gorbachev: o consentimento para a legalização do movimento Solidariedade e o início das negociações da Mesa-Redonda. Era o início de um conjunto com-

pletamente diferente de reformas, que enfraqueceram os dogmas do socialismo real e que poderiam levar à divisão ou mesmo à perda de poder dos comunistas. O exemplo da Polónia podia também encorajar outros países do Bloco a envolverem-se em experiências semelhantes. Poderia Moscovo assistir passivamente a estes acontecimentos?

SKÓRZYŃSKI, Jan. A revolução do Solidariedade e o fim da União Soviética. *Relações Internacionais*, n. 33, Lisboa, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-91992012000100006&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 13 out. 2018.

Europa oriental rumo à democracia liberal

A abertura democrática iniciada por Gorbachev com a *glasnost* abriu perspectivas de mudanças profundas para os países do Leste Europeu. A Hungria, a Tchecoslováquia, a Bulgária e a Romênia abandonaram o regime comunista e adotaram a democracia representativa.

Na Polônia, o regime comunista chegou ao fim após muitas lutas dos trabalhadores organizados em um sindicato independente, o Solidariedade.

Na Alemanha comunista, em 1989, milhares de pessoas da parte oriental de Berlim exigiram livre acesso para entrar na parte ocidental da cidade. O governo comunista alemão, sem alternativas, liberou a passagem no muro em 9 de novembro de 1989. O maior símbolo da Guerra Fria foi derrubado pelo povo.

O fim do regime comunista na Iugoslávia resultou em sangrenta guerra civil e na formação de vários pequenos países.

O fim da União Soviética

Com o fracasso da *perestroika* e com a *glasnost* indo além do planejado, Gorbachev ainda teve de enfrentar o nacionalismo nas repúblicas soviéticas. Em 1990, os parlamentos de várias repúblicas declararam independência.

Vários países surgiram no lugar dessas repúblicas e, em dezembro de 1991, a União Soviética foi oficialmente extinta.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... em Chernobyl? Trata-se de uma usina nuclear localizada na Ucrânia. Em 1986, o reator explodiu. O material radioativo liberado na atmosfera foi imenso, espalhando-se por vastas regiões da União Soviética, países da Europa oriental, Escandinávia e Reino Unido. Cálculos apontam para 56 mortos, 4 mil pessoas contaminadas pela radiação e 200 mil obrigadas a sair de suas casas. A região encontra-se altamente contaminada por material radioativo.

A queda do Muro de Berlim foi um dos episódios mais significativos da história do século XX. Fotografia de 11 de novembro de 1989.

Para desenvolver

Ao analisar a crise do socialismo na URSS e no Leste Europeu, explique para a turma que a Hungria abandonou o regime comunista e adotou pacificamente a democracia representativa entre 1988 e 1989. Também em 1989, ano em que o Muro de Berlim foi derrubado, manifestações populares levaram à queda das ditaduras na Bulgária, Romênia e Polônia, onde o líder operário Lech Walesa foi eleito presidente da República e iniciou a transição para a economia de mercado nesse país. No ano seguinte, 1990, ocorre a reunificação da Alemanha, com a dissolução da República Democrática Alemã (RDA/Alemanha Oriental). No rastro dessas transformações políticas no Leste da Europa, antigos conflitos étnicos, sobretudo entre sérvios e croatas, conduziram a uma guerra civil sangrenta na Iugoslávia nos anos de 1991 e 1992, resultando na formação dos seguintes países: Sérvia, Croácia, Bósnia e Herzegovina, Montenegro, República da Macedônia, Eslovênia e Kosovo. Já a antiga Tchecoslováquia abandonou o regime comunista em 1989, dividindo-se pacificamente em dois novos países em 1993, ambos com democracia representativa: a República Tcheca e a Eslováquia.



General Michael Hagedorn/Francoeur Presse

289

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre desagregação da União Soviética e do Bloco Socialista, entre as décadas de 1980 e 1990, indicamos os livros e filmes a seguir:

ELEY, Geoff. *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2002.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Ana, dos 6 aos 18 (Rússia). Direção de Nikita Mikhalkov, 1995. 80 min.

O diretor filma sua filha dos 6 aos 18 anos, entre 1980 e 1991, fazendo perguntas. Surgem críticas à corrupção, ao nepotismo e às dificuldades vividas pelo povo sovié-

tico até o fim da própria União Soviética.

Adeus, Lenin! (Alemanha). Direção de Wolfgang Becker, 2004. 118 min.

Na Alemanha Oriental, mulher desmaia e desperta após o fim do comunismo, com a Alemanha reunificada e capitalista. Para evitar o sofrimento da mãe, filho faz de tudo para aparentar que os comunistas ainda governam o país.

1989: Eleições democráticas na Hungria. Queda do Muro de Berlim. Fim dos regimes comunistas na Alemanha Oriental, Romênia e Tchecoslováquia. Massacre da Praça da Paz Celestial.

De olho na BNCC

Ao analisar em sala de aula com os alunos a emergência e importância da China e outros países asiáticos no cenário mundial entre os anos 1980 e 1990, marcados pela globalização e o neoliberalismo, temas presentes entre as páginas 290 e 293 do livro do aluno, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades EF09HI32 e EF09HI33 da BNCC.

Para desenvolver

Destaque para os alunos que desde 2009 a China é o maior parceiro comercial do Brasil no planeta, com as trocas comerciais entre os dois países alcançando a cifra de US\$ 58,5 bilhões em 2016, ano em que 25% das exportações brasileiras se destinaram ao mercado chinês. O Brasil exporta principalmente para a China soja, minério de ferro, petróleo, carnes e aviões e importa principalmente eletroeletrônicos, painéis solares, adubo, pneus e peças para computadores. Em termos de investimentos diretos no Brasil, de 2003 a 2017, houve a concretização de 93 projetos e a atração de 53,5 bilhões de dólares de empresas chinesas para o Brasil, a maior parte aplicada nos setores de logística, agricultura, extração mineral e energia, incluindo negócios nos campos de petróleo e do pré-sal.

O seu lugar na História

Resposta pessoal. A atividade valoriza a cultura da região em que os estudantes vivem e a relaciona ao tema da globalização.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

A homogeneização dos gostos, costumes e comportamentos é uma tendência da globalização. Inúmeras coletividades resistem a essa tendência mantendo características culturais próprias.

No Brasil, podemos citar o Festival de Parintins, no Amazonas, a Semana Farroupilha, no Rio Grande do Sul, as festas de bumba meu boi, no Norte e Nordeste do país, as Congadas e as festas de São João e de Folia de Reis.

E na sua cidade? Que festejos e costumes foram preservados? Faça uma breve pesquisa sobre os eventos que você conseguiu selecionar e combine um dia com o professor para que todos possam compartilhar os trabalhos em sala de aula.

Ganhando baixos salários e sem leis que garantam certos direitos sociais, operárias em uma fábrica de Shanghai, na China, produzem rádios e televisores que serão exportados e vendidos a preços baixos. Fotografia de 1980.

China: comunista com capitalismo

A China era uma potência militar e nuclear, mas até os anos 1970 era um país pobre, abastecido por uma agricultura pouco produtiva. As experiências de Mao Tsé-tung com o Grande Salto Para a Frente e a Revolução Cultural Proletária haviam conduzido o país ao fracasso econômico e à repressão política.

Depois da morte de Mao Tsé-tung em 1976, um grupo político liderado por Deng Xiao Ping assumiu a direção do Partido Comunista Chinês, dando início a grandes mudanças no país. Inicialmente, acabou com as fazendas coletivas e permitiu que famílias camponesas fossem proprietárias das terras. Em poucos anos, a renda dos camponeses aumentou, tornando-os capazes de consumir produtos industriais.

Abertura de mercado e globalização

Em seguida, empresas estatais chinesas foram privatizadas, copiando tecnologias de fábricas estrangeiras. Empresas estadunidenses e europeias foram atraídas para se instalarem no país, aproveitando a farta mão de obra, os salários baixíssimos e a ausência de leis trabalhistas. Rapidamente a China tornou-se grande exportadora de todo tipo de mercadorias manufaturadas.

O governo chinês manteve o modelo socialista soviético. Há um único partido (o Partido Comunista Chinês), os meios de comunicação são severamente controlados e nenhuma oposição é tolerada. Os governantes afirmam que o regime é comunista, mas adotam o capitalismo, tendo o país ingressado na economia globalizada.



290 ► UNIDADE 5 | Passagem de século: crises e mudanças globais

Fique ligado

Para que você possa obter mais informações sobre a China em fins dos séculos XX e início do XXI, confira os livros, a notícia e o documentário a seguir:

FAIRBANK, John King e GOLDMAN, Merle. *China – Uma nova história*. Porto Alegre: L&PM, 1992.

QUAGIO, Ivan. *Olhos abertos – A história da nova China: da morte de Mao à crise econômica*. Brasília: Verbena, 2009.

MITTER, Rana. *China moderna*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Relação entre Brasil e China é dinâmica, diz embaixador em Pequim. *Agência Brasil/ÉBC*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-06/relacao-bilateral-entre-brasil-e-china-e-dinamica-diz-embaixador-em-pequim>>. Acesso em: 13 out. 2018.

China Blue (EUA). Direção de Micha X. Peled, 2005. 87 min.

O documentário aborda os efeitos da globalização na China, realçando o árduo cotidiano de jovens operárias de uma fábrica de calças jeans, onde predominam altas jornadas de trabalho.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Praça da Paz Celestial

Em abril de 1989, estudantes universitários, intelectuais e trabalhadores se reuniram na Praça da Paz Celestial, em Pequim, para exigir a democratização do país, denunciar a repressão policial, criticar a corrupção e protestar contra a inflação. Estima-se que o número de manifestantes tenha alcançado os cem mil.

Um mês depois, os dirigentes do Partido Comunista Chinês enviaram tropas do exército e tanques de guerra para reprimir a manifestação. Acredita-se que cerca de mil pessoas teriam morrido e entre 10 mil a 30 mil teriam sido presas. O episódio ficou conhecido como o “Massacre da Praça da Paz Celestial”.

Sadayuki Mikami/Associated Press/Glow Images



Na Praça da Paz Celestial, milhares de pessoas, sobretudo estudantes universitários, exigiram liberdade de expressão e democratização do país. Fotografia de abril de 1989.



- As menções a esse acontecimento na Praça da Paz Celestial permanecem proibidas na China. Em sua opinião, por que o governo chinês age dessa forma?

A Nova Ordem Mundial

Quando a União Soviética foi extinta, o mundo passou por profunda reorganização econômica e política, resultando no que ficou conhecido como Nova Ordem Mundial.

A Nova Ordem Mundial estabeleceu o domínio dos Estados Unidos sobre o mundo. Da bipolaridade dos tempos da Guerra Fria, o mundo conheceu a unipolaridade, com a hegemonia política, econômica e militar estadunidense.

Globalização e neoliberalismo

Os países capitalistas, ricos ou pobres, mantinham intenso comércio, mas até o final dos anos 1980 muitos setores de suas economias eram fechados para empresas estrangeiras com o objetivo de proteger as indústrias nacionais.

Com o colapso da União Soviética, os Estados Unidos pressionaram os antigos países socialistas e os países capitalistas pobres a abrir suas economias para a entrada de capitais especulativos.

Com a globalização, o comércio entre os países aumentou consideravelmente e a movimentação de capitais ficou livre de regulamentos. Bilhões de dólares podiam ser investidos em países que ofereciam vantagens, mas logo transferidos para outras regiões. O objetivo não era investir na produção, mas na especulação financeira.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era um país formado por várias repúblicas? As diversas repúblicas eram formadas por povos de culturas e línguas diferentes. O forte nacionalismo das repúblicas era controlado e frequentemente reprimido pelo Partido Comunista da União Soviética. A república mais importante em termos econômicos e políticos e que exercia domínio sobre as outras era a República da Rússia.

Outras histórias Lutas sociais

- Os protestos que ocorreram em 1989 na Praça da Paz Celestial denunciaram a corrupção, a falta de democracia, a repressão policial e a alta dos preços. Como o governo chinês não tolera críticas, procura, com a censura, provocar o esquecimento na sociedade daqueles acontecimentos.

Para que você possa ampliar os seus conhecimentos sobre as consequências da globalização das medidas neoliberais nos anos 1990, indicamos os livros e documentários a seguir:

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado*: política, sociedade e economia. São Paulo: Contexto, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

Vozes contra a globalização 1 – Os senhores do mundo (Espanha). 2006. 60 min.

Primeiro episódio de uma série de 7 documentários produzida pela TVE espanhola, que aborda de maneira objetiva os efeitos nocivos da globalização do capital

sobre as populações e o meio ambiente.

A doutrina de choque (Inglaterra). Direção de Michael Winterbottom, 2009. 79 min.

Remontando às teorias do economista neoliberal Milton Friedman e traçando exemplos na história contemporânea, o filme mostra que o propagandeado mercado livre internacional não foi erguido democraticamente.

Para desenvolver

Se julgar adequado, explique para a turma que na América Latina, medidas econômicas neoliberais foram aplicadas pela primeira vez no Chile, já em meados da década de 1970. Nessa época, o país estava sob o domínio do violento regime ditatorial de Augusto Pinochet (1973-1990), que patrocinou a privatização não apenas de empresas públicas como da previdência social, resultando num quadro de exclusão de cobertura previdenciária que atingia cerca de 40% da população chilena ao final dessa ditadura, percentual semelhante ao de pessoas que viviam abaixo da linha da pobreza no Chile no mesmo período. Ressalte também para os alunos que a séria crise financeira, política e social vivida pela Argentina no início dos anos 2000, constituiu-se após anos de aplicações de medidas neoliberais durante os governos de Carlos Menem (1989-1999) e Fernando de la Rúa (1999-2001).

CÁ ENTRE NÓS

Organizações internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, impunham a vários governos que pediam empréstimos a adoção de medidas neoliberais, como a privatização de empresas estatais, cortes nos gastos com saúde e educação, redução de impostos para ricos e empresas e abertura do país para empresas estrangeiras.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... do G7? Os Estados Unidos formaram com o Reino Unido, o Canadá, a França, a Alemanha, o Japão e a Itália um grupo de países chamado de G7, que passou a ditar as regras econômicas mundiais.

Em uma fábrica em Taiwan, China Nacionalista, especializada na produção de tênis e calçados caros, uma trabalhadora examina o produto em sua fase final. Toda a produção é exportada para diversos países do mundo, incluindo Estados Unidos e Brasil. Fotografia de 1997.

1991: Início da guerra civil da Iugoslávia. Tentativa de golpe contra Mikhail Gorbachev. Extinção da União Soviética. Fundação do Mercosul.

A globalização é um fenômeno político e econômico mundial. Um tênis de famosa grife dos Estados Unidos é fabricado no Vietnã com matéria-prima retirada de Angola e distribuído pelo mundo por empresa holandesa a preços baixos. Empresa da Itália se associa a outra da Espanha, estabelece uma fábrica no Brasil e seus reais donos são alemães em sociedade com franceses.

Problemas econômicos, entretanto, surgiram com a globalização, como a exploração dos trabalhadores dos países pobres, a falta de empregos, o aumento da pobreza no mundo, a alta lucratividade das empresas multinacionais e a concentração da riqueza em uma minoria de pessoas.

Os tempos da globalização não foram bons para Rocky Balboa. No filme *Rocky V*, de 1990, ele perdeu toda sua fortuna devido à especulação financeira. Em 2006, Sylvester Stallone ressurgiu com o último filme da série, intitulado apenas de *Rocky Balboa*. Com mais de 50 anos, Rocky tornou-se dono de restaurante. Como ocorre nos tempos da globalização, a fama e o sucesso podem durar pouco tempo: ele tornou-se ignorado e esquecido pelo público, apenas um nome no passado.

Questões culturais e sociais

Novas questões culturais também surgiram com a globalização, como sua tendência em padronizar os gostos e as preferências, identificados com os padrões vigentes nos Estados Unidos. Cadeias de lanchonetes produzem os mesmos sanduíches, jornais e televisões apresentam as mesmas informações, aparelhos de informática, peças de vestuário, músicas e comportamentos podem ser os mesmos nos mais diversos países.



Simon Kwong/Reuters/Contrasto

Fique ligado

Para que você possa obter mais informações sobre as consequências socioeconômicas da aplicação de medidas neoliberais por governos latino-americanos entre os anos 1970 e 2000, indicamos os documentários a seguir:

Encontro com Milton Santos – O mundo global visto do lado de cá (Brasil). Direção de Silvio Tendler, 2007. 89 min.

Silvio Tendler entrevistou o geógrafo Milton Santos em janeiro de 2001, que abordou o tema da globalização e seus efeitos nos países e cidades do planeta.

Memória do Saqueio (Argentina). Direção de Fernando E. Solanas, 2004. 120 min.

O documentário aborda a crise política e econômica na Argentina em fins de 2001, que resultou na renúncia do governo neoliberal de Fernando de la Rúa.

The Take (Argentina). Direção de Naomi Klein; Avi Lewis, 2004. 120 min.

O documentário retrata a história de operários argenti-

nos, desempregados após anos de políticas neoliberais, que tomam as indústrias falidas, reativando-as.

Vozes contra a globalização 6 – A longa noite dos 500 anos (Espanha). TVE, 2006. 60 min.

O sexto episódio dessa série da TVE espanhola, enfoca os movimentos na América Latina que nos anos 1990 e 2000 se opunham às medidas neoliberais patrocinadas nessa porção do continente pelos EUA e pelo Banco Mundial.

1992: Formação da União Europeia.

A globalização foi positiva em algumas questões sociais. Pessoas de diferentes nacionalidades foram aproximadas, sobretudo pela internet. Outra vantagem foi a democratização da informação. A internet e as redes sociais tornaram-se importantíssimos veículos de denúncia das injustiças sociais.

1993: Fundação da República Tcheca e da Eslováquia.



Em Pequim, na China, chineses aderem aos fast-foods, tipo de comida muito popular nos Estados Unidos. Fotografia de 2006.

Frederic J. Brown/Agência France-Press

DOCUMENTO

Exploração do trabalho

Bangladesh é um país asiático que exporta produtos a preços muito baixos, resultado da exploração dos trabalhadores. O desabamento de um prédio que causou a morte de 1 100 trabalhadores obrigou o governo a reconhecer as péssimas condições de trabalho no país.

O Ministério dos Têxteis de Bangladesh informou hoje que aumentará o salário mínimo dos funcionários das confecções e autorizará a criação de sindicatos [...]. As medidas são reveladas 19 dias após o desabamento de um prédio na cidade de Savar, que deixou mais de 1.100 mortos.

No local, funcionavam cinco confecções com mais de 3.500 funcionários, que faziam peças para empresas europeias e americanas. [...]

Atualmente, o salário médio dos operários de confecções de Bangladesh é de R\$ 76 mensais. De acordo com fontes do governo, os trabalhadores pedem um aumento para R\$ 204, e não sabem se serão atendidos.

[...]

A decisão sobre o aumento do salário mínimo sai dias após o aumento da pressão da União Europeia contra o governo de Bangladesh para melhorar as condições de trabalho no setor têxtil. [...]

Após tragédia, Bangladesh sobe salário e permite sindicato em fábricas.
Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2013/05/1277711-apos-tragedia-bangladesh-sobe-salario-e-permite-sindicato-em-fabricas.shtml>.
Acesso em: 8 jul. 2019.



- Por que o custo de produção de roupas em Bangladesh, para grifes europeias e estadunidenses, é tão baixo?



Fique ligado

Para saber mais sobre os pautas e ações das edições mais recentes do Fórum Social Mundial, confira os seguintes textos jornalísticos:

Com apoio da ONU, mulheres negras debatem articulação política durante Fórum Social Mundial. *ONU no Brasil*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/com-apoio-da-onu-mulheres-negras-debatem-articulacao-politica-durante-forum-social-mundial/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Marcha de movimentos populares abre Fórum Social em Porto Alegre. *Agência Brasil/EBC*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-01/marcha-de-movimentos-populares-abre-forum-social-em-porto-alegre>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Fórum Social Mundial quer que migração seja declarada um direito humano. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/forum-social-mundial-quer-que-migracao-seja-declarada-um-direito-humano/a-18117484>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Para desenvolver

Explique para a turma que desde 2001, anualmente, são realizadas edições do Fórum Social Mundial (FSM) sob o slogan “Um outro mundo é possível”, em contraposição às políticas neoliberais e aos aspectos da globalização considerados negativos pelos movimentos sociais dos mais diversos países. Em 2005, o FSM aprovou um documento intitulado “Manifesto de Porto Alegre” [Disponível em: <<http://www.polis.org.br/uploads/756/756.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018], com doze propostas – divididas nos itens “Medidas Econômicas”, “Paz e Justiça” e “Democracia” – consideradas fundamentais por seus participantes para que o mundo caminhe no futuro para um cenário com maior igualdade e paz. Tal manifesto foi elaborado e firmado por intelectuais como José Saramago, Eduardo Galeano, Tariq Ali e Immanuel Wallerstein, dentre outros.

Documento

- Porque as empresas pagam salários baixíssimos aos operários. Eles não têm o direito de se organizar em sindicatos e não têm acesso a atendimento médico-hospitalar. Nessas condições, o custo da mão de obra é muito baixo, permitindo assim o barateamento dos preços das roupas, sapatos, tênis e bolsas de grifes famosas.

Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, oriente os alunos a relerem as respostas que elaboraram para a pergunta presente na página 280, estabelecendo a seguir um debate com a turma a respeito da existência e significados na atualidade de outros grandes muros que separam países e povos que possuem realidades sociais, políticas e econômicas bastante distintas – como ocorre, por exemplo, na fronteira dos Estados Unidos com o México ou na faixa desmilitarizada que separa a Coreia do Sul da Coreia do Norte.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 280?

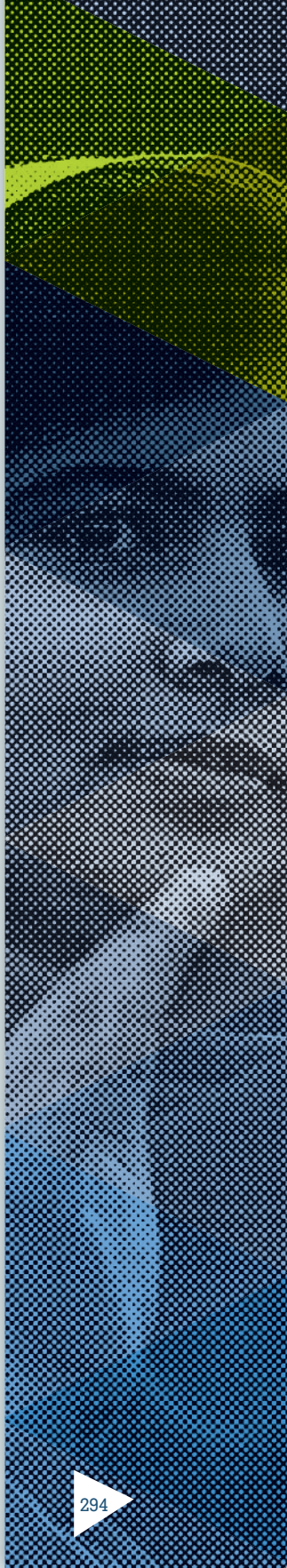
Créditos das imagens de cima para baixo: Simon Kwong/Reuters/Fotoarena; Richard Melloul/Agência France-Press; Sadyuko Mikami/Associated Press/Glow Images; United Artists/Courtesy Everett Collection/Fotoarena; Gerard Maile/Agência France-Press; J. Scott Applewhite/Associated Press/Glow Images; Itsumi Inouye/Associated Press/Glow Images; Associated Press/Glow Images.

293

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. O primeiro foi em 1971, quando o presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, desvinculou o valor do dólar ao do ouro. A falta de referência de valor do dólar gerou dúvidas entre os governos e especulação no mercado financeiro. O segundo episódio ocorreu em 1973. Naquele ano, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) quadruplicou o preço do petróleo. O objetivo era retaliar os Estados Unidos pelo apoio dado a Israel na guerra contra países árabes naquele mesmo ano.
2. Os fundamentos da Revolução Técnico-Científica foram a eletrônica, a informática, a telemática e a robótica. A partir deles surgiram novos métodos de trabalho e de produção industrial conhecido por toyotismo. No sistema produtivo da fábrica foram introduzidas máquinas sofisticadas e robôs, além de investimentos na pesquisa científica e na inovação tecnológica.
3. Os governos que adotam o neoliberalismo evitam intervir na economia e regulamentar o mercado financeiro, mas defendem a privatização das empresas estatais. Os impostos sobre as empresas e as pessoas ricas são reduzidos. O orçamento do Estado (o quanto arrecada em impostos e o quanto gasta) deve ser equilibrado para pôr fim à inflação dos preços. Para equilibrar orçamentos, os governos neoliberais diminuem gastos na área social, em particular, com saúde e educação.
4. Em língua russa, *perestroika* significa reestruturação. O objetivo de Gorbachev era reestruturar a indústria soviética. As fábricas produziam pouco e com baixa qualidade. Além disso, havia escassez de bens de consumo para a população. A *perestroika*, visava promover uma série de reformas para modernizar o setor industrial.
5. Após 1976, com a morte de Mao Tsé-tung, o governo chinês privatizou empresas estatais, atraiu empre-



Patrick Hertzog/Agência France-Press

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | Comente dois episódios que afetaram os países capitalistas nos anos 1970 e que resultaram em grave crise econômica. O primeiro diz respeito ao valor do dólar. Já o segundo episódio está relacionado à crise do petróleo.
- 2 | Quais foram os quatro elementos que fundamentaram a Revolução Técnico-Científica? Explique como os novos métodos de trabalho na indústria permitiram que os Estados Unidos, o Japão e os países da Europa Ocidental superassem a crise dos anos 1970.
- 3 | A crise dos anos 1970 abriu caminho para a ascensão, na década de 1980, de uma doutrina política e econômica conhecida como neoliberalismo. Quais são os fundamentos das políticas neoliberais?
- 4 | O líder soviético Mikhail Gorbachev, ao assumir a liderança política na União Soviética, lançou a *perestroika*. Qual era o objetivo da *perestroika*?
- 5 | O governo comunista da China promoveu reformas na economia, mas preservou o sistema político. Explique essa afirmação.
- 6 | Comente algumas características do processo de globalização da economia mundial.
- 7 | O que Ronald Reagan tem a ver com a chamada Segunda Guerra Fria?
- 8 | Qual a relação entre a globalização e os baixos salários pagos a trabalhadores de países asiáticos?
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?
O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e a primeira-ministra britânica, Margareth Thatcher, aplicaram políticas econômicas com base no keynesianismo, cobrando altos impostos das empresas para aplicá-los na expansão da rede de saúde e educação públicas.
- 10 | Por que os acontecimentos na Praça da Paz Celestial, em 1989, foram importantes para a história recente da China?

PESQUISA

Em artigo publicado em revista sobre economia, lemos o seguinte:

Tome qualquer lista das principais companhias chinesas [...]. Essas empresas têm se destacado graças a um diferencial competitivo devastador: a capacidade de vender por preços “chineses”, ou seja, incompreensivelmente reduzidos. Não raro, um terço ou um quarto do preço universal de um produto. Há 20 anos, o fenômeno estava restrito a quinquilharias de baixa qualidade. Na última década, passou a incluir de computadores a pianos; de bens de capital a motocicletas. Agora, vale também para automóveis.

“Existe um mistério por trás do preço chinês”, afirma o economista Antônio Barros de Castro, assessor da presidência do BNDES e estudioso das empresas chinesas. “O mundo todo se pergunta: como é possível vender tão barato?”

O segredo dos preços chineses. *Época Negócios*. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Epocanegocios/0,EDR84198-8374,00.html>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

- Com o apoio do professor, realize uma pesquisa para responder à seguinte pergunta: como as empresas chinesas conseguem vender produtos a preços tão baixos?

estrangeiras, incentivou empreendimentos privados, entre outras reformas de caráter capitalista. No entanto, manteve o modelo político do socialismo soviético, com regime de partido único e rígido controle dos meios de comunicação, além de não tolerar oposição ao regime.

6. A globalização da economia mundial se expandiu no início dos anos 1990, logo após a dissolução do bloco de países comunistas. Entre algumas características estão: abertura da economia dos antigos países comunistas e dos países pobres às empresas multinacionais, livre circulação de capitais espe-

culativos, adoção de políticas neoliberais, rapidez na circulação das informações e padronização dos gostos e costumes.

7. Ronald Reagan retomou o anticomunismo com críticas à União Soviética. Reagan financiou movimentos de direita contra governos de esquerda na América Latina. Bilhões de dólares foram reservados para gastos militares e construção de armas nucleares. Além disso, tinha planos de militarizar o espaço sideral.
8. Um dos muitos cenários ocorridos no contexto da globalização foi a abertura de mercado dos países asiáticos, que permitiu

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

Margareth Thatcher esteve à frente do governo do Reino Unido entre 1979 e 1990. Mas as insatisfações contra sua política econômica continuaram. Em 2013, manifestantes protestaram contra a decisão do Partido Conservador, ao qual ela pertencia, de cortar recursos para o Serviço Nacional de Saúde. No cartaz, redigido em inglês, podemos ler: “Ela se foi, mas as políticas permanecem. Os conselhos. O desemprego. Os doentes. Os pobres. O setor público. O desemprego. Os inválidos. O serviço de saúde. Estudantes. Crianças”.



Manifestante segura cartaz de protesto contra a decisão do Partido Conservador britânico, Manchester, Inglaterra. Fotografia de 2013.

- O movimento sindical no Reino Unido promoveu oposição sistemática à primeira-ministra britânica Margaret Thatcher e às suas políticas neoliberais. Por que as acusações no cartaz sobre o desemprego, o serviço de saúde e a pobreza estão associadas à sua imagem?

O PASSADO PRESENTE

Em abril de 1986, um dos reatores da usina nuclear de Chernobyl explodiu. A radiação espalhou-se pela atmosfera, atingindo várias repúblicas da União Soviética e países europeus. Milhares de pessoas adquiriram doenças devido à radiação e outras, que ainda nascerão, também ficarão doentes.

Em março de 2011, no Japão, aconteceu outro acidente nuclear: um terremoto provocou um tsunami que atingiu a Central Nuclear de Fukushima. De seus 6 reatores, 3 derreteram e se fundiram, liberando enormes quantidades de material radioativo que escoaram para o mar, contaminando todo o ecossistema da região.

A energia nuclear é motivo de controvérsias. Para os seus defensores, ela é capaz de produzir grande quantidade de energia elétrica. O movimento ecológico, por sua vez, condena o uso de usinas nucleares para geração de energia elétrica, lembrando os casos de Chernobyl e Fukushima.

- Informe-se sobre esse debate e conheça os argumentos favoráveis e contrários ao uso de usinas nucleares como fontes de energia elétrica. Em seguida, combine um dia com o professor para que um debate seja realizado em sala de aula.

A Nova Ordem Mundial, neoliberalismo e globalização | CAPÍTULO 16 ◀ 295

Pesquisa

As empresas chinesas utilizam mão de obra barata em todos os setores da produção, e não apenas no chamado chão de fábrica. Os salários pagos aos trabalhadores são muito pequenos. Não há legislação social, o que torna o custo da mão de obra ainda mais reduzido. No que se refere à engenharia da produção, as empresas chinesas utilizam uma diversidade de tecnologias, desde a “última tecnologia” até aquelas menos desenvolvidas, característica não encontrada nas empresas ocidentais. Além disso, há grupos de empresas em distritos industriais que se empenham em fabricar um só produto, diminuindo ainda mais o preço final das mercadorias. Por fim, as empresas chinesas lucram em quantidade vendida, e não por unidade. Isso porque preferem vender as peças com preços baixos e, com isso, ganham em número.

Imagens contam a história

Thatcher privatizou empresas estatais, reduziu benefícios sociais, extinguiu o salário mínimo, diminuiu gastos governamentais com saúde e educação, aprovou legislação que reduziu o poder do sindicalismo e triplicou o número de desempregados no país.

O passado presente

Separe os estudantes em dois grupos: aqueles que defenderão as usinas nucleares e aqueles que serão contra elas. Cada grupo poderá elaborar cinco questões ao oponente, de forma que se torne possível utilizar os argumentos pesquisados a fim de defender o próprio ponto de vista. Argumentos a favor: com as usinas nucleares, as emissões de CO₂ para o ambiente são menores. As usinas também são responsáveis por uma grande quantidade de energia se comparadas com outras fontes, além de possuírem um forte sistema de segurança. Argumentos contrários: as usinas são uma grande ameaça à população e ao ecossistema em caso de vazamento radioativo. Possuem um alto custo, por causa do sistema de segurança, e produzem lixo radioativo que precisa ser isolado por séculos.

- ▶ a entrada de capital estrangeiro na região. Muitas empresas estadunidenses e europeias foram atraídas pelas condições de trabalho existentes nestes países: os trabalhadores eram muitos e recebiam salários baixíssimos devido à ausência de leis trabalhistas.
- 9. Ronald Reagan e Margaret Thatcher adotaram políticas neoliberais, reduzindo os impostos das pessoas ricas e das empresas, além de diminuir recursos para a rede de saúde e educação públicas.

10. Em abril de 1989, na Praça da Paz Celestial, milhares de estudantes universitários, intelectuais e trabalhadores protestaram contra o governo chinês. Exigiam democratização do país e criticavam a corrupção e a repressão policial. A reação governamental aos protestos foi muito violenta, com milhares de mortos e presos. O Massacre da Praça da Paz Celestial demonstrou que o governo chinês estava preocupado com o crescimento econômico, sem pretensões de criar instituições democráticas.

Capítulo 17

Guerras sem fronteiras e crise da economia mundial

O capítulo tem como tema central os conflitos e crises mundiais no início do século XXI, enfocando tanto as consequências geopolíticas dos atentados de setembro de 2001 nos EUA quanto os desdobramentos socioeconômicos, em diferentes países, do colapso do sistema financeiro norte-americano em 2007. O personagem microanalítico do capítulo é o tunisiano Mohamed Bouazizi, cuja morte trágica no começo de 2011 desencadeou uma série de manifestações no norte da África e no Oriente Médio – a Revolta Árabe.

Objetivos gerais do capítulo

- Analisar as consequências geopolíticas dos atentados terroristas realizados nos EUA em setembro de 2001, especialmente os conflitos militares que integram a “Guerra ao Terror” deflagrada a partir de então por aquele país.
- Examinar as causas e consequências da crise econômica norte-americana de 2007, destacando também os movimentos de críticas aos planos de austeridade implementados em vários países nesse contexto.
- Analisar os eventos relacionados à Revolta Árabe, procurando compreender suas causas e seus múltiplos resultados.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF09HI35 EF09HI36

Puxando pela memória

Iraque.

Família escapa de bombardeio estadunidense em Baçorá, Iraque. Fotografia de 2003.



CAPÍTULO

17

GUERRAS SEM FRONTEIRAS E CRISE DA ECONOMIA MUNDIAL

Cronologicamente, o século XXI começou no dia 1^a de janeiro de 2001. Mas o marco da mudança do século ocorreu no dia 11 de setembro, em Nova York, quando dois aviões de passageiros se chocaram contra as duas torres do World Trade Center, um complexo de escritórios, ícone do capitalismo praticado pelos Estados Unidos.

O mundo mudou a partir daí.

Os Estados Unidos voltaram a invadir países no Oriente Médio, intensificando os conflitos. Uma grave crise econômica atingiu a economia mundial em 2007, provocando grandes manifestações. Em vários países árabes, revoltas populares derrubaram ditaduras. No mundo, cresceu a consciência de que o aquecimento global atinge todos os habitantes do planeta.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Em março de 2003, família foge para não ser atingida pelos bombardeios dos exércitos dos Estados Unidos e do Reino Unido. Você sabe qual foi o país invadido por tropas militares estadunidenses e inglesas naquele ano?

Créditos das imagens de cima para baixo: Goran Tomasevic/Reuters/Fotoarena; Russell Boyce/Reuters/Fotoarena; Davids Camera Craft/citizenside.com; Zahid Hussein/Reuters/Fotoarena; Christophe Ena/Associated Press/Glow Images; Darren Whiteside/Reuters/Fotoarena.

296

Texto complementar

A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro

Uma das grandes ironias da arte da previsão política e econômica é que os que preveem nunca são capazes de antever qual a altura em que os grandes acontecimentos terão lugar. Podem muito bem saber, e até ter expectativas, de que venham a verificar-se certas mudanças de paradigma nas relações internacionais, mas não são capazes de identificar o momento em que elas vão ocorrer, nem conseguem reconhecer os catalisadores dessa mudança. Os acontecimentos do início de 2011 no Norte de África parecem encaixar nesta categoria da

imprevisibilidade. Com efeito, a maior parte dos observadores sabia que uma mudança de algum tipo era inevitável, mas ninguém sabia quando é que ela teria lugar, nem estavam cientes dos acontecimentos que fariam deflagrar o processo. E o que é mais notório é que só uns poucos observadores se aperceberam da vulnerabilidade daquelas autocracias e da fragilidade que elas mostrariam perante a contestação.

[...] Com efeito, a evolução das crises em cada Estado deu-se em função das naturezas políticas dos próprios regimes, uma vez que, apesar da sua intensa repressão política, os regimes de Ben Ali e de Mubarak, na Tunísia e no Egito – à semelhança do regime de Bouteflika na Argélia, e ao contrário do regime líbio –, tinham vindo progressivamente

▶ Uma revolta explosiva

Mohamed Bouazizi era um jovem que vivia na Tunísia, país árabe do norte da África – cuja maioria da população é de religião muçulmana. O governo da Tunísia era uma ditadura que oprimia o povo, e seu presidente, o militar Ben Ali, estava há 24 anos no poder.

Órfão de pai desde os 10 anos de idade, Mohamed vendia produtos nas ruas após sair da escola. Em dezembro de 2010, aos 26 anos, ele trabalhava nas ruas vendendo frutas e legumes. Sustentava sua família com pouco, o equivalente a 150 dólares por mês. Aos 26 anos, o jovem tinha um sonho: se livrar do carrinho de mão onde colocava os produtos que vendia e comprar uma pequena caminhonete.

Em 17 de dezembro de 2010, Mohamed saiu cedo de casa para mais um dia de trabalho. Tudo daria errado. Ele foi abordado por três fiscais do governo. Eles queriam que Mohamed desse dinheiro para eles. Tratava-se de corrupção.

Indignação

Mohamed negou. Não era justo. Ele trabalhava e os fiscais ficavam com seu dinheiro. Os agentes do governo reagiram com violência: confiscaram todos os produtos de Mohamed, incluindo as balanças que usava para vender as mercadorias. O rapaz resistiu. Ele foi espancado e testemunhas afirmam que um dos fiscais cuspiu em seu rosto.

Indignado com a injustiça que estava sofrendo, Mohamed foi até a sede do governo. Ele queria recuperar seus produtos. Não foi recebido por ninguém. Revoltado e sem ter a quem recorrer, ele resolveu protestar. Comprou gasolina, jogou o combustível em suas roupas e ateou fogo em si mesmo. Mohamed foi levado para o hospital em estado gravíssimo.

Mohamed não chegou a saber, mas sua atitude alterou a história de povos de diversos países do norte da África e do Oriente Médio.

Bessema Bouazizi desenrola pôster com a imagem de Mohamed Bouazizi em sua casa, na cidade de Sidi Bouzid, Tunísia. O gesto extremo de seu irmão provocou protestos generalizados na Tunísia e em outros países. Fotografia de 2011.



Louaif Larbi/Reuters/Corbis

política. [...] Em resultado disso, estes movimentos precursoros apenas necessitavam de um agente catalítico adequado para se expandirem até formar movimentos sociais, contestando diretamente o poder do regime, que agora se deparava com um grave dilema no respeitante à resposta a apresentar perante a contestação. As autocracias assumidas, claro, não tinham grande problema. Não só não enfrentavam movimentos sociais organizados de contestação ao regime, pois não tinham permitido a criação de um espaço público autónomo, como, por outro lado, a sua reação envolveria sempre o uso manifesto da força, sobre a qual eles detinham o monopólio formal. No caso das autocracias liberalizadas, contudo, o dilema era o seguinte: a repressão manifesta podia ameaçar a credibilidade do regime, que é fundamental para a sua sobrevivência, já que agora o controle do poder político podia ser alvo de contestação. [...]

JOFFÉ, George. A Primavera Árabe no Norte de África: origens e perspectivas de futuro. *Relações Internacionais*, n. 30, Lisboa, jun. de 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000200006>. Acesso em: 14 out. 2018.

▶ Para desenvolver

Explique aos alunos que a Tunísia localiza-se no norte da África, com fronteiras tanto com a Argélia quanto com a Líbia, na bacia do Mediterrâneo. A capital do país, Túnis, contava no começo dos anos 2000 em sua região metropolitana com uma população de cerca de 2 milhões de habitantes, predominantemente muçulmanos sunitas. Mohamed Bouazizi, a exemplo de outros milhares de outros jovens tunisianos, enfrentava cotidianamente uma realidade social muito difícil, marcada pela exclusão econômica e pela falta de liberdade em função da ditadura então existente naquele país. Nesse sentido, destaque para a turma que a renda média de um vendedor ambulante em Túnis em 2011 era baixíssima, em torno de 75 dólares mensais, menos de 1/3 do valor do salário mínimo no Brasil [2018].

▶ abrir espaço para um certo grau de autonomia de expressão e de ação social e econômica. Esse fenômeno estava ligado a processos de liberalização política com o propósito de assegurar que o controle do regime nunca seria ameaçado. Eram, em poucas palavras, «autocracias liberalizadas», segundo a expressão criada por Daniel Brumberg, ou «democracias iliberais», como Fareed Zakaria as designou alguns anos antes. Isto significava, contudo, que ao contrário das conclusões a que Daniel Brumberg tinha chegado em 2002, nos casos em que as instituições permitidas da sociedade civil faziam parte do pacote de manutenção dos regimes autocráticos, quando chegou o momento do confronto final com o Estado autoritário, havia instituições autó-

nomas para mobilizar movimentos sociais que podiam, com êxito, desafiar os regimes em questão. Só no caso da Líbia, onde vigorava uma autocracia total, é que a mudança radical política não tinha outra alternativa senão desembocar numa guerra civil. [...]

Colapso dos regimes e sobrevivência dos regimes

[...] Por outras palavras, ironicamente, as autocracias liberalizadas estabeleceram as condições para a sua própria derrocada ao criarem espaço para o surgimento de movimentos precursores autónomos – manifestamente sob o controle do regime – que, dadas as circunstâncias certas, podiam transformar-se em movimentos de contestação

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala as consequências geopolíticas dos atentados terroristas realizados nos EUA em setembro de 2001, temas presentes entre as páginas 298 e 301 do livro do estudante, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades:

- EF09HI35 – Analisar os aspectos relacionados ao fenômeno do terrorismo na contemporaneidade, incluindo os movimentos migratórios e os choques entre diferentes grupos e culturas.
- EF09HI36 – Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

Para desenvolver

Ressalte para a turma que o termo “terrorismo” é polissêmico, contempla muitas definições e enquanto fenômeno histórico e social pode ser interpretado de diversas formas. Nesse sentido, analise com a turma o significado que esse termo assumiu na geopolítica internacional a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, que resultaram na morte de cerca de 3 mil pessoas, de mais oitenta nacionalidades diferentes em cidades e edifícios-símbolos do poder econômico e geopolítico dos Estados Unidos.

Material digital

Como sugestão para trabalhar essas habilidades, acompanhe a sequência didática *Os ataques de 11 de setembro e o terrorismo contemporâneo* localizada no material digital do Manual do Professor.

FIQUE DE OLHO

Voo United 93. (EUA/França/Reino Unido). Direção de Paul Greengrass, 2006. 105 min.

O filme reconstitui os acontecimentos durante voo da United Airlines no dia 11 de setembro, quando passageiros descobrem que o avião foi sequestrado por terroristas.

Vivendo sob a Nova Ordem Mundial

Durante os anos 1980, o mundo viveu duas experiências marcantes. A primeira, logo no início da década, foram as políticas neoliberais inauguradas por Margaret Thatcher no Reino Unido e por Ronald Reagan nos Estados Unidos. A segunda, no final daqueles anos, foi o colapso do mundo comunista.

Nos anos 1990, o mundo conheceu o período que muitos chamaram de Nova Ordem Mundial: o domínio político, econômico e militar de uma única potência mundial, os Estados Unidos da América; a formação do grupo de países conhecidos como G7, que impunha políticas econômicas ao restante do mundo; a adoção das políticas neoliberais por diversos países diante das pressões do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. O resultado foi um movimento político, econômico e cultural conhecido como globalização.

O mundo entrou no século XXI relativamente em paz. O domínio econômico dos Estados Unidos e do G7, além da globalização e das políticas neoliberais, parecia que se manteria por muito tempo. Não foi o que aconteceu. Havia um componente a mais na nova ordem do mundo: o **terrorismo**.

Ataque aos Estados Unidos

O dia 11 de setembro de 2001 parecia normal em Nova York. Mas às 8 h 46 da manhã um grande avião de passageiros atingiu a Torre Norte do World Trade Center. A princípio, ninguém entendeu o que estava acontecendo. Pouco tempo depois, às 9 h 03, outro avião atingiu a Torre Sul. O pânico tomou conta dos moradores de Nova York. Tratava-se de um ataque terrorista.

Descobriu-se que aviões tinham sido sequestrados em pleno voo por grupos terroristas e usados como armas. Às 9 h 37, outro avião de passageiros atingiu o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, em Washington, capital do país.

Um quarto avião, também sequestrado, tinha o objetivo de atingir o Capitólio, sede do Poder Legislativo. No entanto, versões afirmam que os passageiros, sabendo dos outros três atentados, tentaram desarmar os sequestradores, resultando na queda do avião.

O saldo dos ataques terroristas foi trágico. As duas torres desabaram. O total de vítimas fatais nas torres e nos aviões foi de quase três mil pessoas além dos bombeiros que tentavam salvar vidas.

O desafio ao poder

O objetivo dos ataques era atingir símbolos do poderio estadunidense: o poder financeiro nas Torres Gêmeas, o militar no Pentágono, o político no Capitólio. Era um desafio direto à maior potência política, econômica e militar do planeta.

A ação dos terroristas atemorizou não apenas a população dos Estados Unidos. Visto nos canais de televisão do mundo inteiro, o recado era claro: ninguém estava seguro no mundo.

Fique ligado

Para ampliar os seus conhecimentos sobre os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, acesse o site do *National September 11 Memorial Museum*, disponível também em português no seguinte endereço: <<https://www.911memorial.org/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Sobre o tema do terrorismo, indicamos ainda os livros, os textos jornalísticos e o documentário a seguir:

CHOMSKY, Noam. *11 de setembro*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

WRIGHT, Lawrence. *O vulto das torres – a Al-qaeda e o caminho até 11/9*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

2001: Atentado terrorista às Torres Gêmeas nos EUA. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/2001-atentado-terrorista-%C3%A0s-torres-g%C3%A0-meas-nos-eua/a-18708622>>. Acesso em: 14 out. 2018.

11 de setembro (Reino Unido / França/ EUA). Vários diretores, 2002. 130 min.

Onze curtas com referências aos ataques de 11 de setembro de 2001 em Nova York.

102 minutos que mudaram o mundo (EUA). History channel, 2008. 102 min.

O filme é formado por uma sequência cronológica de cenas captadas nos minutos intermináveis da tragédia.

A população dos Estados Unidos ficou indignada. O presidente do país naquela época, George W. Bush, aproveitando o grande apoio popular para combater o terrorismo, assinou decretos que cerceavam os direitos fundamentais dos cidadãos. Essas medidas permitiam, por exemplo, que órgãos policiais vigiassem a privacidade das pessoas.

Mas quem eram os terroristas que planejaram e executaram os ataques aos Estados Unidos?

QUE HÁ NA IMAGEM?

Eventos muito marcantes ou traumáticos na história de um povo, de uma nação ou mesmo no plano internacional dificilmente são esquecidos. O ataque às Torres Gêmeas é um exemplo. Procure cinco pessoas que, em 2001, tinham mais de 20 anos. Pergunte sobre o ataque terrorista, como foi, onde a pessoa estava, o que estava fazendo, se estava acompanhada, o que sentiu naquele momento. Relate suas conclusões ao professor e aos colegas.



Fotografia das torres do World Trade Center atingidas por aviões na cidade de Nova York, Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001.

De volta ao Oriente Médio

O Afeganistão, país muito pobre na Ásia, foi invadido pelo exército da União Soviética em 1978. O governo marxista afegão não conseguia controlar a oposição e, então, pediu ajuda ao governo soviético.

Como resultado da rivalidade entre as duas superpotências, a guerrilha de oposição, os *mujahidins*, recebeu dinheiro e armas do governo dos Estados Unidos. Dez anos depois, em 1989, sem ter como derrotar os *mujahidins*, o exército soviético deixou o país.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... em terrorismo? Trata-se de uma expressão polêmica. Em termos gerais, é aceita a definição de que terrorismo é um ato de violência física ou psicológica, voltado de maneira indiscriminada contra a população. O objetivo é provocar o medo e o terror generalizados. Não é considerado terrorismo quando grupos armados enfrentam as forças militares de um governo. É o caso das esquerdas armadas no Brasil que, nos anos 1960 e 1970, tinham o propósito de derrubar a ditadura militar. Nesse caso, dá-se o nome de guerrilha – urbana ou rural.

FIQUE DE OLHO

As Torres Gêmeas (EUA). Direção de Oliver Stone, 2006. 129 min.

Dois policiais, cujo objetivo era salvar vidas durante o ataque às torres do World Trade Center, têm de lutar também por suas próprias vidas.

TERRORISMO de direita é perigo crescente na Alemanha. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/terrorismo-de-direita-%C3%A9-perigo-crescente-na-alemanha/a-45733415>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Jean Charles (Reino Unido). Direção de Henrique Goldman, 2009, 93min.

Baseado em caso real ocorrido em Londres, em julho de 2005, Jean Charles é assassinado pela polícia, confundido erroneamente com um terrorista.

Para desenvolver

Explique para a turma que, após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos EUA, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) adotou resoluções criando um Comitê Antiterrorismo. Esse comitê, com o qual os estados-membros da ONU têm de necessariamente colaborar, coordena desde então um esforço internacional para reduzir ao máximo a capacidade financeira dos grupos terroristas e impedir que armas de destruição em massa (químicas, biológicas e nucleares) sejam acessadas por tais grupos, dentre outras preocupações.

O que há na imagem?

Resposta pessoal. A atividade visa mostrar que o impacto do ataque às Torres Gêmeas não foi apenas no plano político, mas, também, na vida pessoal dos indivíduos que presenciaram esse acontecimento histórico.

Atividade complementar

Sugerimos que, a partir das notícias que indicamos nessa parte do Manual do Professor, você divida os alunos em grupos para que eles, sob sua orientação, analisem essas informações, organizem os principais dados dos atentados (data, local, vítimas, meios utilizados e motivações dos terroristas) e elaborem uma definição para o termo “terrorismo” que abranja as diversas situações estudadas.

Fique ligado

Para que você possa obter mais informações sobre os atentados registrados depois de 2001 e os esforços internacionais para combater as ações terroristas, confira os artigos jornalísticos e o filme a seguir:

CRONOLOGIA do terrorismo após o 11 de Setembro. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/cronologia-do-terrorismo-ap%C3%B3s-o-11-de-setembro/a-38093309>>. Acesso em: 14 out. 2018.

ATAQUE Barcelona 17-A. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tag/atentado_barcelona_17_agosto_2017>. Acesso em: 14 out. 2018.

NORUEGA lembra dois anos dos atentados de Oslo e Utøya. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/noruega-lembra-dois-anos-dos-atentados-de-oslo-e-utoya/a-16967579>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Para desenvolver

Ressalte para os alunos que logo após o 11 de setembro de 2001, as autoridades norte-americanas apontaram os talibãs e o grupo terrorista *Al Qaeda* e seu líder, o saudita Osama bin Laden, como responsáveis pelos atentados aos EUA. Nesse sentido, explique que o movimento fundamentalista Talibã governou de forma autoritária o Afeganistão de 1996 até 2001, quando perdeu o poder após esse país ter sido ocupado por tropas da OTAN lideradas pelos Estados Unidos. No entanto, juntamente com remanescentes da *Al Qaeda*, os talibãs continuaram a enfrentar as forças de ocupação e o novo governo afegão nos anos seguintes, sobretudo por meio de atentados e ataques de baixa intensidade a civis e militares no Afeganistão e no vizinho Paquistão.

Fique ligado

Para que você possa ampliar os seus conhecimentos sobre o Afeganistão durante a ditadura implantada pelo movimento fundamentalista Talibã, indicamos os livros, o artigo jornalístico e o filme a seguir:

YOUSAFZAI, Malala e LAMB, Christina Lamb. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LEFÈVRE, Didier; GUIBERT, Emmanuel e LEMERCIER, Frédéric. *O fotógrafo* (volumes 1 e 2). Trata-se de uma reportagem detalhada sobre o Afeganistão nos anos 1980 e 1990, mesclando fotografias e quadinhos.

Conheça as origens do Talibã, movimento que reivindica atentado no Paquistão. *BBC*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160327_origens_taleba_if>. Acesso em: 14 out. 2018.

O caçador de pipas (EUA). Direção de Marc Forster, 2008. 122 min.

Dois amigos de infância afegãos se desentendem e um deles vai viver nos Estados Unidos. Ao retornar 20 anos depois, tentará resolver o problema do passado e enfrentar o poder do Talibã.

Talibã: em tradução literal, “estudantes”.

CÁ ENTRE NÓS

Não apenas os talibãs tinham ódio dos Estados Unidos. Milhões de árabes que vivem no Oriente Médio revoltam-se contra o apoio estadunidense a Israel, enquanto o povo palestino vive sem território próprio. Nascido na Arábia Saudita e de família rica, Osama bin Laden fundou o grupo terrorista Al-Qaeda (A Base, em língua árabe). Com apoio dos talibãs, a Al-Qaeda planejou, financiou e executou os ataques aos Estados Unidos em 2001.

Mulher afegã refugiada em Mardan, Paquistão, mostra ordens impostas pelos talibãs em 2009: a burca deixou de ser uma opção de vestuário e tornou-se obrigatória para todas as meninas e mulheres. Nenhuma mulher podia sair de casa sem autorização do marido. E, se saísse, deveria estar acompanhada por algum homem adulto da família. Fotografia de 2009.

O talibã e a perseguição às mulheres

Dos vários grupos políticos que formavam os *mujahidins*, havia um que tomou o poder no Afeganistão: o talibã. Tratava-se de um pequeno grupo político que seguia a religião islâmica de maneira extremamente rigorosa e radical. O governo talibã proibiu ver televisão, ir ao cinema, usar computadores e máquinas fotográficas. Música e dança também foram proibidas. Os talibãs impuseram o poder pela força e pela violência. Todos deviam obedecê-los e seguir sua interpretação intolerante da religião islâmica.

As mulheres foram as que mais sofreram com o governo talibã. Tratadas de maneira cruel, elas eram consideradas seres inferiores. Foram proibidas de trabalhar e de estudar. Diversos serviços médicos lhes foram negados; muitas foram vítimas da falta de atendimento hospitalar. Elas foram obrigadas a vestir a burca, traje que cobre o corpo da cabeça aos pés, escondendo também o rosto. Milhares de mulheres morreram devido à crueldade dos talibãs.



Guerra ao Terror

Após o ataque às Torres Gêmeas, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, lançou a seguinte palavra de ordem: Guerra ao Terror.

Bush, com grande apoio popular em seu país, ordenou a invasão do Afeganistão em outubro de 2001, menos de um mês após o ataque às Torres Gêmeas. O presidente dos Estados Unidos alegou que os talibãs apoiavam a Al-Qaeda e não respeitavam os direitos humanos. Em pouco tempo, o governo talibã foi destituído, mas seus guerrilheiros passaram a lutar nas montanhas do país.



Russell Boyce/Reuters/Fotorema

Cartazes espalhados pelos Estados Unidos com a foto de Osama bin Laden dizem: "Procurado morto ou vivo. Osama bin Laden. Por assassinato em massa na cidade de Nova York". Fotografia de 2001.



Zahed Hussain/Fotorema/Fotorema

Jovens muçulmanos cultuam Osama bin Laden e protestam contra a invasão de tropas militares estadunidenses ao Afeganistão em Carachi, Paquistão. Fotografia de 1998.

A invasão do Iraque

George W. Bush também ordenou que tropas dos Estados Unidos invadissem o Iraque no início de 2003.

Após a invasão militar, o Iraque passou a viver uma situação de caos. Ódio entre muçulmanos sunitas e xiitas provocou atentados e mortes. Grupos armados passaram a atacar soldados estadunidenses com emboscadas, tiros de fuzil e bombas.

Em 2001, quando ocorreram os ataques às Torres Gêmeas, a popularidade de George W. Bush chegou a 90%. Após seis anos, os estadunidenses estavam desiludidos. O número de mortos ou mutilados era muito alto. Em 2007, Bush tinha apenas 29% de aprovação, tornando-se um dos presidentes estadunidenses mais impopulares da história do país.

Para desenvolver

Comente com a turma que os casos de práticas de tortura em presos na base militar dos EUA em Guantánamo integram um conjunto maior de polêmicas em torno da estratégia global de "Guerra ao Terror" após os atentados de setembro de 2001. Existem também denúncias de que para obter apoio interno e exter-

no para a invasão do Iraque, iniciada em março de 2003, a administração Bush teria mentido tanto sobre as relações do ditador iraquiano Saddam Hussein com a Al Qaeda quanto sobre a existência no Iraque de armas de destruição em massa – especialmente armas químicas.

FIQUE DE OLHO

Guerra ao terror (EUA). Direção de Kathryn Bigelow, 2010. 131 min.

O trabalho perigoso no esquadrão antibombas no exército dos Estados Unidos no Iraque gera conflitos entre seus integrantes.

Fahrenheit, 11 de setembro (EUA). Direção de Michael Moore, 2004. 116 min.

O diretor, crítico dos ex-presidentes dos Estados Unidos George Bush e George W. Bush, tenta comprovar ligações dos Bush com Osama bin Laden.

CÁ ENTRE NÓS

Em sua estratégia de Guerra ao Terror, George W. Bush determinou que suspeitos de terrorismo fossem levados para a base militar dos Estados Unidos em Guantánamo, em Cuba. Sob jurisdição militar, os prisioneiros, sem direito à defesa, sofreram torturas físicas e psicológicas.

Fique ligado

Para ampliar seus conhecimentos sobre as ações globais dos EUA e seus aliados durante a "Guerra ao Terror" nas décadas de 2000 e 2010, indicamos os livros e filmes a seguir:

MILAN, Rai e CHOMSKY, Noam. *Iraque: plano de guerra*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ANDERSON, Jon Lee. *A queda de Bagdá*. São Paulo: Objetiva, 2004.

HOBBSBAM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOWE, Norman. *História do mundo contemporâneo*. Porto Alegre: Penso, 2011.

Iraque à venda: os lucros da guerra (EUA). 2006, 75 min.

O documentário analisa os interesses econômicos de grandes empresas norte-americanas, como a petroleira Halliburton, na invasão do Iraque em 2003.

Guerra sem cortes (EUA). Direção de Brian de Palma, 2007. 90 min.

O filme mescla cenas reais e ficção para mostrar diversas histórias sobre um pequeno grupo de soldados norte-americanos em combate no Iraque, mostrando como cada um dos lados é afetado pelo conflito e o que acontece quando ambos se encontram.

Restrepo (EUA). Direção de Tim Hetherington, 2010. 93 min.

O documentário narra a implantação de um pelotão de soldados dos Estados Unidos no Vale Korengal, considerado um dos pontos mais perigosos durante a Guerra do Afeganistão.

A hora mais escura (EUA). Direção de Kathryn Bigelow, 2013. 149 min.

Após os ataques de 11 de setembro, o medo invade a sociedade estadunidense, permitindo ações no território do Paquistão na caça a Osama bin Laden.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala a crise econômica norte-americana de 2007 e os movimentos de oposição aos planos de austeridade implementados nos anos seguintes, temas presentes entre as páginas 302 e 304 do livro do estudante, lembre-se de que você continuará promovendo também o desenvolvimento das habilidades EF09HI35 e EF09HI36 da BNCC.

Para desenvolver

Explique para os alunos que, entre os anos 1990 e 2000, os juros nos Estados Unidos eram baixos para estimular as empresas a investir e as pessoas a consumir. Dessa forma, era comum pessoas tomarem empréstimos bancários para comprar casas e, a seguir, hipotecarem o imóvel para comprar outro melhor. Também era comum um banco fazer empréstimos a outro banco para disponibilizar mais dinheiro a seus clientes. Quando os juros subiram, a crise eclodiu: as pessoas não puderam pagar as hipotecas e perderam suas casas. Com muitas casas no mercado, o valor desses imóveis caiu muito abaixo do valor emprestado inicialmente ao consumidor. O banco não só deixou de receber o pagamento do empréstimo como não conseguia vender os imóveis tomados dos consumidores. Sem dinheiro, os bancos não conseguiam saldar o financiamento feito com o outro banco. Bancos começaram a falir e, com eles, outras empresas que necessitavam de crédito bancário para funcionar. Com as falências, as empresas de seguros passaram a não ter caixa para cobrir tantos prejuízos. A crise se espalhou rapidamente com muitas falências de empresas, bancos e seguradoras.

O que há na imagem?

Resposta pessoal. Espere-se que os estudantes identifiquem a ironia do autor à crise econômica dos Estados Unidos, em 2007.

À crise econômica de 2007

Na década de 1990, as políticas neoliberais de Thatcher e Reagan tornaram-se regra para vários governos do mundo: o Estado deixou de regulamentar as relações econômicas, permitindo que as empresas agissem livremente no mercado. Empresas estatais foram privatizadas. Os governos controlavam as suas despesas para evitar aumento de gastos, reduzindo investimentos nas áreas de saúde e educação. Estas foram algumas regras econômicas que se tornaram dominantes na Nova Ordem Mundial.

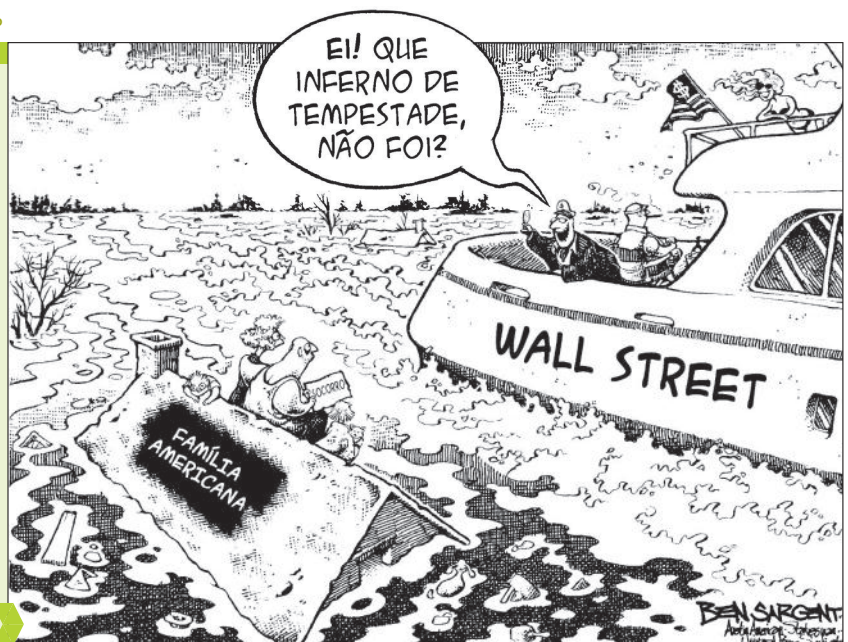
Ocorre que, em 2007, a Nova Ordem Mundial chegou ao fim. Era a crise do projeto neoliberal. Naquele ano, muitas empresas estadunidenses anunciavam prejuízos, particularmente os bancos. A crise começou em 2007, quando bancos especializados em financiamento de imóveis quebraram. Em setembro do ano seguinte, um dos mais importantes bancos dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, declarou falência. Diversos outros bancos e empresas de seguros também declararam falência.

A crise era gravíssima. Bancos, seguradoras e empresas, que até então haviam mostrado solidez no mercado, estavam falindo. A Bolsa de Valores de Nova York teve violenta queda – uma das maiores de sua história.

Os governos de George W. Bush e de seu sucessor Barack Obama tomaram medidas que, até então, eram consideradas negativas para a economia: emprestaram milhões de dólares para que bancos, seguradoras e empresas não fechassem as portas. A seguradora AIG e a fábrica de automóveis General Motors foram estatizadas para evitar a falência.

QUE HÁ NA IMAGEM?

A charge ao lado está relacionada à crise nos Estados Unidos. Explique qual é a ironia criada pelo cartunista.



Na charge de Ben Sargent, de 2009, um homem rico no iate Wall Street encontra casa afundando, com família americana pedindo socorro.

Fique ligado

Para que você possa ampliar os seus conhecimentos sobre a crise norte-americana iniciada em 2007 e seus impactos na economia mundial, indicamos os livros e os artigos jornalísticos a seguir:

LEWIS, Michael. *A jogada do século*. Rio de Janeiro, Best Seller, 2016.

KRUGMAN, Paul. *A crise de 2008 e a economia da depressão*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

ONDE a crise de 2008 pode se repetir. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/onde-a-crise-de-2008-pode-se-repetir/a-45441537>>. Acesso em: 14 out. 2018.

A PRÓXIMA crise econômica mundial pode ser pior que a de 2008?. *BBC*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43504687>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Os efeitos da crise

Com a economia globalizada, a crise logo chegou aos países europeus. Falências de empresas geravam o desemprego de trabalhadores. Sem salários, não havia como comprar mercadorias. Os que estavam empregados não gastavam seu dinheiro. Isso provocava queda no consumo e, por consequência, mais falências de empresas e mais trabalhadores desempregados.

No Brasil, o governo reduziu impostos sobre produtos industrializados e, com o aumento da renda da população brasileira, o consumo interno cresceu. Com a economia aquecida, o Brasil foi pouco atingido pela crise de 2007.

O avanço da crise: União Europeia

A crise econômica começou nos Estados Unidos e logo chegou à Europa. Mas alguns países que integram a União Europeia já estavam com grandes problemas antes da crise de 2007. Grécia, Portugal, Espanha e Irlanda tinham dívidas elevadíssimas.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... em Brics?

Juntando as iniciais dos nomes de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (o S de *South Africa*), surgiu a sigla Brics. Os países do Brics não formam uma aliança comercial, mas são potências emergentes e têm defendido interesses comuns.

OUTRAS HISTÓRIAS LUTAS SOCIAIS

Ocupe Wall Street

Nos Estados Unidos e em vários países europeus, jovens, trabalhadores, sindicalistas e movimentos sociais se mobilizaram em atos de protestos contra a ganância, a corrupção e a desigualdade social. O primeiro deles ocorreu em Nova York, em 17 de setembro de 2011, em um movimento chamado Ocupe Wall Street (Occupy Wall Street).

A partir de então, milhares de jovens passaram a protestar em apoio ao movimento, em várias cidades dos Estados Unidos e da Europa. O lema dos manifestantes era "Nós somos 99%" – eles afirmavam que faziam parte da maioria do povo que sofria com a crise econômica provocada pelo 1% que ganhou muito dinheiro no mercado financeiro.

Spencer Platt/Getty Images



No dia 17 de novembro de 2011, manifestantes do movimento Occupy Wall Street avançaram pelas ruas de Nova York, Estados Unidos, e bloquearam o tráfego de veículos.



- Em manifestações como as do Ocupe Wall Street, os ativistas utilizaram redes sociais para divulgar seus atos. Discuta com seus colegas qual é a importância das redes sociais para a articulação de movimentos de contestação em nossos dias.

Outras histórias

Lutas sociais

- Espere-se que os estudantes percebam que as redes sociais podem divulgar diversas notícias a respeito de atividades políticas e protestos. Essas atividades não costumam receber destaque na mídia tradicional.

Fique ligado

Sobre as causas da crise norte-americana iniciada em 2007 e seus impactos na economia mundial, confira também os documentários e filmes a seguir:

Capitalismo: Uma história de amor (EUA). Direção de Michael Moore, 2009. 127 min.

O diretor Michael Moore denuncia a forma escandalosa como, durante a presidência de George W. Bush, alguns magnatas por detrás das grandes corporações norte-americanas enriqueceram vertiginosamente, enquanto milhares de cidadãos comuns perdiam as suas casas face a situações de absoluta ruína financeiro.

Trabalho Interno (EUA). Direção de Charles H. Ferguson, 2010. 108 min.

O documentário revela verdades incômodas da crise econômica mundial de 2008. A quebra geral, cujo custo é estimado em US\$ 20 trilhões, resultou na perda de emprego e moradia para milhões de pessoas.

Wall Street – O dinheiro nunca dorme (EUA). Direção de Charles H. Ferguson, 2010. 131 min.

Homem deixa a prisão após cumprir pena por delitos financeiros. Vive de palestras, mas um encontro mudará o rumo de sua vida.

Grande demais para quebrar (EUA). Direção de Curtis Hanson, 2011. 98 min.

Financistas e membros do governo tentam salvar o Lehman Brothers.

Para desenvolver

Explique para a turma que, com a crise de 2007, os Estados Unidos não podiam mais se impor ao mundo com poucos aliados. Surgiu, então, o G20, fórum de países que passaram a discutir os rumos da economia mundial. O G20 é integrado pelos países do G7 (EUA, Alemanha, Canadá, França, Reino Unido, Itália e Japão), além dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Coreia do Sul, México, Indonésia, Turquia e o

Banco Central da União Europeia. Com o G20, o poder mundial tornou-se mais abrangente. Nesse contexto, os governos de diversos países voltaram a intervir na economia, criaram novas regras para a atuação das empresas e suspenderam as privatizações de estatais. As políticas econômicas neoliberais perderam o prestígio que tinham até então. Como consequência, houve pequena recuperação econômica nos Estados Unidos em 2009.

Para desenvolver

Ressalte para a turma que os acordos realizados para a formação da União Europeia exigiam que os países não tivessem dívidas além de 60% do Produto Interno Bruto (PIB). A dívida da Grécia alcançava 144,9% do PIB. Mesmo se o governo grego entregasse aos credores tudo o que o país produzisse durante um ano, permaneceria endividado. Embora o Banco Central Europeu tivesse a obrigação de fiscalizar as contas dos países-membros da União Europeia, nada fez realmente. Com a crise econômica, os bancos exigiram mais garantias para emprestar dinheiro. Os investidores, cautelosos, transferiram seus capitais para outros centros financeiros. As sociedades dos países em situação mais crítica ainda sofrem os efeitos da crise.

Documento

- Diego Cañamero denuncia que os cortes nas despesas do governo atingem principalmente os trabalhadores, resultando em 25% da população ativa desempregada. Os cortes também prejudicam a saúde, a educação, os serviços públicos, pensões e auxílios sociais. Também denuncia que, enquanto os trabalhadores sofrem com a crise, o governo beneficia empresários e banqueiros.

O seu lugar na História

Nos regimes democráticos é comum setores da sociedade reivindicarem seus direitos e promoverem atos de protestos. Exemplos disso são demandas por melhorias nos serviços públicos por moradores de uma rua ou bairro ou quando trabalhadores reivindicam aumentos salariais.

O SEU LUGAR NA HISTÓRIA

Nos regimes democráticos é comum setores da sociedade reivindicarem seus direitos e promoverem atos de protestos. Exemplos disso são demandas por melhorias nos serviços públicos por moradores de uma rua ou bairro ou quando trabalhadores reivindicam aumentos salariais. Você tem conhecimento de protestos recentes que ocorreram em seu bairro ou em sua cidade? Se não conhece, procure se informar sobre algum movimento que aconteceu no passado. Descreva como ocorreram os protestos e quais foram os motivos que levaram a população a reclamar seus direitos. Apresente os resultados ao professor. Com o apoio dele, exponha o texto que você escreveu no mural da escola.

As medidas de austeridade

O resultado foi uma grave crise econômica e social, que levou a um altíssimo número de desempregados. Em 2013, a taxa de desemprego entre a população de 15 a 40 anos chegou a 27,2% na Grécia.

Para solucionar a crise, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Central Europeu (BCE) fizeram novos empréstimos aos países com problemas. Em troca, exigiram a redução de direitos e benefícios sociais dos trabalhadores, o reajuste dos impostos e dos preços da energia elétrica e combustíveis e, por fim, o aumento do tempo de trabalho para obter aposentadoria.

Na Grécia, na Espanha e em Portugal ocorreram grandes protestos contra as medidas impopulares impostas pela União Europeia, pelo FMI e pelo BCE – chamados pelos manifestantes de “Troika”. Em 2012, surgiu em Portugal o movimento “Que se lixe a Troika! Queremos as nossas vidas!”. Uma das manifestações reuniu um milhão de portugueses.

DOCUMENTO

Marchando contra a crise

Leia o texto abaixo e responda à questão.

Milhares de manifestantes vindos de toda a Espanha, alguns a pé, realizavam uma grande passeata neste sábado (22 [mar. 2015]) em Madri para denunciar a “emergência social” gerada pelo desemprego recorde de 26% e os cortes orçamentários do governo.

“A ideia é unir todas as forças em um plano: ou nossas reivindicações são atendidas, ou o governo terá que arrumar as malas”, ameaçou Diego Cañamero, porta-voz do Sindicato Andaluz de Trabalhadores, uma das 300 organizações participantes. [...]

O texto [do manifesto dos organizadores da passeata] reclama que as políticas de austeridade beneficiaram apenas os privilegiados, enquanto “centenas de milhares de famílias ficaram sem casa”.

“Esta é uma crise capitalista sem precedentes, para a qual os governos, que representam banqueiros e empresários, uns e outros corrompidos até a espinha, não têm proposta alguma que não seja tirar de nós auxílios, pensões e serviços públicos”, denunciam.

Milhares fazem protesto em Madri contra cortes do governo da Espanha. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/milhares-fazem-protos-to-em-madri-contras-cortes-do-governo-da-espanha.html>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

- Quais os principais argumentos que Diego Cañamero utiliza em seu protesto contra o governo espanhol?

Fique ligado

Para ampliar suas informações sobre as consequências sociais na Europa da aplicação de medidas de austeridades nas décadas de 2000 e 2010, confira os artigos jornalísticos a seguir:

GRÉCIA: crônica de uma crise longamente anunciada. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/>

pt-br/gr%C3%A9cia-cr%C3%B4nica-de-uma-crise-longamente-anunciada/a-18554457>. Acesso em: 14 out. 2018.

COMO PORTUGAL, Espanha e Irlanda enfrentaram a crise. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/como-portugal-espanha-e-irlanda-enfrentaram-a-crise/a-18557889>>. Acesso em: 14 out. 2018.

CRÔNICA dos 10 anos da crise que mudou o mundo. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/07/internacional/1536333092_303809.html>. Acesso em: 14 out. 2018.

▶ A Revolta Árabe

Mohamed Bouazizi foi internado no hospital em estado gravíssimo. Sua atitude gerou uma onda de grandes protestos na Tunísia contra o autoritarismo do governo, a corrupção, o desemprego, os baixos salários e o descaso com a saúde e a educação públicas.

A dura repressão policial fez com que multidões ainda maiores fossem para as ruas. Quando Bouazizi faleceu, o ditador Ben Ali fugiu do país. A Tunísia, a partir daí, conheceu a transição para o regime democrático.

Eleições foram realizadas e uma Assembleia Nacional Constituinte redigiu uma nova Constituição. A democratização da Tunísia foi o início de um processo conhecido como Primavera Árabe ou Revolta Árabe.

Até janeiro de 2011, muitos países árabes de religião muçulmana no norte da África e no Oriente Médio eram governados por ditadores. Os países capitalistas do Ocidente, como Estados Unidos, Inglaterra e França, tradicionalmente apoiavam essas ditaduras.

A Revolução da Praça Tahrir

Onze dias depois da fuga do ditador da Tunísia, no dia 25 de janeiro, a população da cidade do Cairo, capital do Egito, participou de grande manifestação contra o autoritário presidente Hosni Mubarak. Ele estava há 30 anos no poder.

A manifestação popular se direcionava contra a pobreza, o desemprego, o autoritarismo do governo e a má qualidade dos serviços públicos, como a saúde e a educação. O ditador caiu e a população comemorou na Praça Tahrir. Atualmente, o Egito é governado por um militar com o apoio das Forças Armadas.

População do Cairo, capital do Egito, comemora um ano do início da revolta popular que levou à queda do ditador Hosni Mubarak. As mulheres tiveram participação ativa nas manifestações. Fotografia de 26 de janeiro de 2012.

Jeff J Mitchell/Getty Images



Christophe Ena/Associated Press/Glow Images



As mulheres tunisianas participaram ativamente da democratização do país. Na capital, Túnis, elas realizaram manifestação durante primeira reunião da Assembleia Nacional Constituinte. As mulheres apoiaram a elaboração de uma Constituição democrática e foram contra a intervenção estrangeira no país, sobretudo dos Estados Unidos. No cartaz à direita pode-se ler: "Saia agora". Fotografia de janeiro de 2011.

De olho na BNCC

Professor, ao analisar em sala os eventos relacionados à Revolta Árabe e vinculados aos dilemas ambientais de nosso tempo e à Era Trump nos EUA – temas abordados entre as páginas 305 e 309 do livro do estudante –, lembre-se de que você estará promovendo o desenvolvimento das habilidades EF09HI35 e EF09HI36 da BNCC.

Para desenvolver

Explique para os alunos que os movimentos de protesto que ocorreram em diversos países do mundo árabe entre a passagem de 2010 e 2011 até meados de 2012 foi chamado também de "Primavera Árabe", em alusão à "Primavera de Praga", Tchecoslováquia, um movimento igualmente motivado pelo desejo de maior liberdade política e social e desencadeado por jovens, mas vinculado ao contexto europeu dos anos 1960. No caso da "Revolta Árabe", há um uso intenso das redes sociais para as mobilizações e denúncias dos atos arbitrários dos governos da região.

Fique ligado

Para que você possa ampliar os seus conhecimentos sobre a Revolta Árabe, indicamos o livro, o filme e os artigos jornalísticos a seguir:

BANDEIRA, Moniz. *A Segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos: das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

Assim que abro meus olhos [França/Tunísia/Bélgica]. Direção de Leyla Bouzid, 2017. 106 min.

Em 2010, em Túnis, antes da revolta que derrubou o governo de Benm Ali, garota de 18 anos participa de protestos sem saber que é vigiada pela polícia política.

UM ANO de Primavera Árabe: a revolução inacabada. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/um-ano-de-primavera-%C3%A1rabe-a-revolu%C3%A7%C3%A3o-inacabada/a-15608722>>. Acesso em: 14 out. 2018.

NOMEAÇÃO de ex-integrante do governo Mubarak agrava protestos no Egito. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/nomea%C3%A7%C3%A3o-de-ex-integrante-do-governo-mubarak-agrava-protestos-no-egito/a-15558174>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Para desenvolver

Ressalte para os alunos que a natureza, a dimensão e os resultados das “Revoltas” registradas no mundo árabe de 2010 a 2012 foram distintos em cada país: na Tunísia e no Egito houve revoluções que levaram à queda de ditaduras; grandes protestos aconteceram na Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã e Líbano, enquanto em países como Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental, as manifestações tiveram pequenas proporções. Já na Líbia e na Síria, por uma série de razões, protestos inicialmente pacíficos evoluíram para sangrentas e destrutivas guerras civis, inclusive com a ação de grupos terroristas como o Estado Islâmico e a presença de tropas estrangeiras na região.

Fique ligado

Para que você possa ampliar as suas informações sobre a eclosão de guerras civis na Líbia e na Síria, indicamos o filme e os artigos jornalísticos a seguir:

ANALISTAS temem guerra civil na Síria. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/analistas-temem-guerra-civil-na-s%C3%A0ria/a-15558264>>. Acesso em: 14 out. 2018.

CINCO anos pós-Kadafi, Líbia segue refém da violência. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/cinco-anos-p%C3%B3s-kadafi-l%C3%ADbia-segue-ref%C3%A9m-da-viol%C3%Aancia/a-36106870>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Crise na Síria (Alemanha/Síria). Direção de Eugeny Afineersky, 2017. 111 min.

O documentário foca em manifestantes, ícones da revolução, ativistas e seus parentes, e gerais do exército de alto escalão que desertaram para se juntar à luta do povo. Ele conta a história do povo sírio que nunca perdeu a esperança.

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR

... nos atentados terroristas na Europa? Desde o início do século XXI, cidades europeias tornaram-se alvos do terrorismo. Episódio traumático foi a morte de 12 pessoas na redação do jornal *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015, em Paris. Os terroristas atacam a população com fuzis, bombas, carros-bomba e veículos para atropelar pessoas. Alguns atentados foram assumidos pelo Estado Islâmico.

CÁ ENTRE NÓS

Grupos terroristas do Iraque e da Síria formaram uma organização chamada Estado Islâmico. Para impor seu domínio, eles utilizaram o medo e o terror. Quem não obedecia era torturado e morto. Ofensiva militar do Estados Unidos e da Rússia enfraqueceu e desarticulou o Estado Islâmico.

Embarcação espanhola chega ao porto de Málaga, na Espanha, com 96 pessoas resgatadas no mar Mediterrâneo, entre elas, 17 mulheres e 2 crianças. Fotografia de 2018.

As revoltas em outros países

Tunisianos e egípcios lutaram por democracia e melhores condições de vida – e não por razões religiosas. No Marrocos, milhares de pessoas saíram às ruas exigindo o fim da corrupção e mais liberdade política. O rei Mohamed VI concordou em reduzir seus poderes e convocou eleições para aprovar uma nova Constituição.

Na Líbia, os rebeldes, com a ajuda militar da Otan, foram vitoriosos contra o ditador Muammar al-Kadhafi. No entanto, o país passou a ser controlado por grupos políticos armados.

No caso da Síria, as manifestações resultaram em sangrenta guerra civil. O ditador Bashar al-Assad atacou o próprio povo. O país foi destruído e cerca de um milhão de sírios deixaram o país.

Em outros países, os protestos provocaram promessas de democratização, como na Argélia e na Jordânia.

O mundo no tempo presente

A crise migratória

Principalmente a partir de 2010, diversos países europeus tiveram de lidar com um sério problema: a chamada “crise migratória”. Populações do Oriente Médio e da África, vítimas de guerras, extrema pobreza, fome e perseguições políticas, partiram rumo à Europa – por terra e, sobretudo, por mar. Eram sírios, líbios, iraquianos e afegãos que fugiam das guerras, mas também povos africanos da Nigéria, Senegal, Guiné, Somália, Eritreia, Gâmbia, entre outros. Em barcos superlotados, eles atravessavam o mar Mediterrâneo com o objetivo de encontrar vida melhor na França, Alemanha e Grã-Bretanha. Calcula-se que, até 2015, tenham entrado na Europa cerca de um milhão de refugiados. Na perigosa travessia marítima, acredita-se que mais de 20 mil pessoas morreram.



Guillaume Piron/WuPhoto/Agence France-Presse

Um episódio de intolerância

O Brasil recebeu refugiados da guerra civil na Síria. Em agosto de 2017, um desses refugiados, Mohamed Ali, vendia esfirras em uma barraca em Copacabana, no Rio de Janeiro. Um homem irado surgiu e agrediu verbalmente Mohamed: “Saia do meu país! Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes. São miseráveis, vamos expulsar ele!”. Mais tarde, Mohamed Ali alegou que ele e outros sírios vieram para o Brasil “porque os amigos sempre diziam que o Brasil aceita outras culturas e religiões e as pessoas são amáveis, e todos os refugiados procuram paz”. Muitos brasileiros ficaram comovidos com as palavras de Mohamed e pediram desculpas pela agressão.

Em solidariedade a Mohamed Ali, foi marcado evento em uma rede social intitulado “Comer esfirra na barraca do Mohamed”. Filas se formaram diante de sua barraca. Ele vendeu 3 mil esfirras. Várias pessoas manifestaram seu apoio a Mohamed com abraços. Muito emocionado, ele disse: “Agora meu coração está muito feliz com o Brasil. Muito obrigado a todo mundo”.

Fontes das informações: Refugiado sírio é agredido enquanto vendia esfihas em Copacabana. *UOL*. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/08/03/refugiado-sirio-e-e-agredido-enquanto-vendia-esfihas-em-copacabana.htm>>. Acesso em: 8 jul. 2019; Cariocas formam fila em “esfirraço” em homenagem a refugiado agredido. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/08/1909497-cariocas-formam-fila-em-esfirraço-em-homenagem-a-refugiado-agredido.shtml>>. Acesso em: 8 jul. 2019.

Miguel Hijar/Acervo do fotógrafo

No bairro de Copacabana, milhares de pessoas foram comer esfirras na barraca do sírio Mohamed Ali, Rio de Janeiro, RJ. Ele manifestou sua emoção e gratidão com o ato de solidariedade da população do bairro. Fotografia de agosto de 2017.



Intolerância é a incapacidade de compreender que as outras pessoas são diferentes. O intolerante não consegue aceitar a diversidade dos seres humanos, suas culturas, crenças, ideias, comportamentos e práticas religiosas. O resultado da intolerância é o desrespeito e a discriminação, podendo resultar em violência. O que ocorreu em Copacabana foi expressão de intolerância. Mas houve reação contrária, com milhares de pessoas demonstrando sua solidariedade ao refugiado sírio.

- Com colegas de turma, discutam o significado da intolerância. Você, alguma vez, presenciaram práticas de intolerância? Como devemos agir diante de atitudes desse tipo?

Para desenvolver

Ao abordar em sala os temas da intolerância e da solidariedade, que articulam a atividade proposta na página 307 do livro do estudante, você pode lembrar aos alunos, por exemplo, eventos vinculados à perseguição dos judeus na época do nazismo que resultaram no holocausto – assuntos estudados nos capítulos 05 e 06. De modo semelhante, lembre à turma também o que estudaram (respectivamente nos capítulos 7, 9 e 10) sobre os movimentos por direitos civis e contra a segregação racial no Estados Unidos, e as lutas de Nelson Mandela contra o *apartheid* na África do Sul e a de Abdias do Nascimento, no Brasil, para pôr fim ao racismo e conquistar direitos para a população negra do país.

Outras histórias

Crenças

- O intolerante não aceita ações e modos de viver que contrariem suas crenças. Portanto, diante de alguém com ideias intolerantes é importante mostrar com argumentos por que ela não precisa ser inflexível. Contudo, se o intolerante ofender outra pessoa, como, por exemplo, com uma atitude racista, pode-se chamar as autoridades responsáveis.

Fique ligado

Para que você possa ampliar as suas informações em relação aos temas da intolerância e da solidariedade, indicamos os seguintes programas da TV Escola:

Intolerância religiosa: o que a escola tem com isso? TV Escola, 2017. 50 min.

Entre 2011 e 2015, o Brasil registrou 697 denúncias de intolerância religiosa, casos que cresceram muito em

2016, passando de 300 denúncias até setembro, sobretudo em relação às religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video/salto-para-o-futuro-intolerancia-religiosa-o-que-a-escola-tem-com-isso>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Direitos Humanos e Educação. TV Escola, 2016. 50 min.

Há 68 anos, a Assembleia Geral da ONU lançava a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Quase sete décadas depois, porém, ainda são inúmeros os desafios para que esses direitos sejam garantidos em todo o mundo. Disponível em: <<https://tvescola.org.br/tve/video/salto-para-o-futuro-direitos-humanos-e-educacao>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Para desenvolver

Comente com os alunos que na campanha eleitoral e durante sua presidência nos EUA, Donald Trump adotou um estilo de comunicação bastante controverso e agressivo, transferindo para a política interna e externa o seu modo de atuar nos negócios, atacando a imprensa norte-americana de forma sistemática e emitindo declarações polêmicas, muitas vezes desmentidas por ele mesmo algum tempo depois, quase sempre pelas redes sociais. Tal comportamento fez com que grandes órgãos da imprensa norte-americana, mesmo jornais conservadores, fossem assumindo posturas cada vez mais críticas e mesmo claramente oposicionistas em relação à administração Trump, como são os casos do *Usa Today*, do *New York Times*, do *The Washington Post*, do *Los Angeles Times* e do *San Francisco Chronicle*, entre outros. Em agosto de 2018, por exemplo, em resposta aos crescentes ataques de Donald Trump à mídia, mais de 350 veículos de comunicação dos Estados Unidos publicaram editoriais sobre a importância da preservação da liberdade de imprensa.

Material digital

Para avaliar o aprendizado de seus estudantes, verifique a proposta de acompanhamento da aprendizagem do 4º bimestre localizada no material digital do Manual do Professor.

FIQUE DE OLHO

O invasor americano (EUA). Direção de Michael Moore, 2016. 120 min.

Michael Moore “invade” vários países em busca de exemplos de benefícios sociais e trabalhistas que possa levar para seu próprio país, os Estados Unidos.

Uma verdade inconveniente (EUA). Direção de Davis Guggenheim, 2006, 98 min.

O ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore analisa o problema do aquecimento global e alerta para as alterações climáticas que poderão causar catástrofes no futuro próximo.

O dia depois de amanhã (EUA). Direção de Roland Emmerich, 2004. 124 min.

Alterações climáticas rápidas e radicais modificam o clima do planeta, tornando inviável a vida no hemisfério Norte.

Presidente Donald Trump discursa na Casa Branca, Washington, D.C., Estados Unidos. Fotografia de 2018.

Estados Unidos em tempos de Trump

Nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, o eleito foi o multimilionário Donald Trump.

Seu programa de governo foi muito polêmico, mas conquistou a simpatia de muitos insatisfeitos no país. Uma das promessas era construir um muro separando os Estados Unidos do México para impedir a entrada de mexicanos no país. O custo do muro, segundo ele, seria pago pelo governo do México.

No governo, Trump tentou desmontar tudo o que seu antecessor, Barack Obama, realizou, a começar pelo programa de saúde. Retomou a produção do carvão, combustível altamente poluente. Também retirou os Estados Unidos do Acordo de Paris. Pelo acordo, países de todo o mundo se comprometeram a diminuir os gases que provocam o “efeito estufa”, motivo para o aquecimento global.

Trump emitiu decreto proibindo que cidadãos de vários países de religião islâmica entrassem no país e reconheceu a cidade de Jerusalém como capital de Israel, insuflando o ressentimento dos árabes.

Suas relações com a imprensa são péssimas, por vezes insultando jornalistas.

Além desses problemas, Trump tem de lidar com o novo equilíbrio de poder no mundo. Os Estados Unidos não são mais a única potência mundial. A China é uma potência militar e comercial, a Rússia dispõe de poderio militar e a Coreia do Norte possui mísseis armados com ogivas nucleares capazes de alcançar o território estadunidense.



Saül Loeb/Agência France-Press

Fique ligado

Para que você possa ampliar seus conhecimentos sobre a Era Trump nos EUA, indicamos os artigos jornalísticos a seguir:

TRUMP ajudou família a evitar milhões em impostos, diz 'NYT'. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/trump-ajudou-fam%C3%ADlia-a-evitar-milh%C3%B5es-em-impostos-diz-nyt/a-45735367>>. Acesso em: 15 out. 2018.

O DIÁLOGO em que Trump teria sugerido a ministro espanhol construir muro no Saara para barrar imigrantes. *BBC*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45585520>>. Acesso em: 15 out. 2018.

OS EUA dão dinheiro demais à ONU, como diz Trump?. *BBC*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-45664353>>. Acesso em: 15 out. 2018.

TRUMP acusa Brasil de tratar EUA injustamente. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/trump-acusa-brasil-de-tratar-eua-injustamente/a-45720422>>. Acesso em: 15 out. 2018.

COM O GOVERNO fechado, Trump comemora primeiro aniversário no poder. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/19/internacional/1516398744_485329.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

A HISTÓRIA NÃO ESTÁ SOZINHA

Ciências da natureza

O aquecimento global é resultado do “efeito estufa”. O efeito estufa é algo que ocorre naturalmente e garante a vida no planeta. O processo acontece da seguinte maneira: o Sol emite calor para a Terra, mas ele é refletido pelo solo do planeta e retorna ao espaço. Parte desse calor fica retida na atmosfera terrestre pela ação de gases que estão nas partes mais altas da atmosfera terrestre, como o dióxido de carbono (CO_2), o gás metano (CH_4) e o óxido nitroso (N_2O). É o efeito estufa que permite ao planeta Terra ter temperaturas amenas, abrigando a vida animal e vegetal. Sem o efeito estufa, a Terra seria um planeta muito frio. Desde a Revolução Industrial, no século XVIII, quantidades enormes de gases são produzidas pelas fábricas e jogadas na atmosfera terrestre. O uso de petróleo, carvão e gás como combustível resulta na produção de toneladas de CO_2 por ano. O que era benéfico tornou-se perigoso. Cada vez mais o calor emitido pelo Sol fica retido na atmosfera terrestre. O resultado é o aumento da temperatura do planeta.



Christian Peters/Getty Images

No Parque Nacional Los Glaciares, na Patagônia argentina, um bloco se desprende da geleira Perito Moreno. O aquecimento global é o responsável pelo derretimento de geleiras e por outras alterações ambientais. Fotografia de 2018.



- 1 | Por que o efeito estufa, em seu processo natural, é benéfico para a humanidade?
- 2 | O que contribui atualmente para o aquecimento global?

A História não está sozinha

Ciências da natureza

1. Trata-se de fenômeno que garante o calor na Terra. A radiação solar incide sobre o planeta e parte é refletida para o espaço. Contudo, uma parcela desse calor é retirada por gases que pairam sobre a atmosfera, como o dióxido de carbono, o metano e o óxido nitroso, o que garante o aquecimento e, portanto, a vida no planeta.
2. A grande emissão, por países como Estados Unidos e China, de gases como o dióxido de carbono; a queima de florestas nos países pobres; o uso de combustíveis fósseis, como petróleo e carvão, em todo o planeta; além do gás metano expelido pelo gado bovino. O acúmulo excessivo de gases na atmosfera impede a dissipação do calor para o espaço, tornando o efeito estufa catastrófico ao planeta pelo aumento da temperatura.

Para desenvolver

Certamente os estudantes tiveram conhecimento do assunto nos anos anteriores nas disciplinas de Ciências da Natureza e Geografia, mas relembra com eles as causas do fenômeno conhecido como “aquecimento global”, provocado pelo chamado agravamento do “efeito estufa”. O calor do Sol chega ao nosso planeta e é refletido de volta ao espaço, mas uma parte dele é retida na atmosfera. O gás metano, o dióxido de carbono e o óxido nitroso existentes nas partes mais altas da atmosfera retêm parte desse calor. O problema é que as atividades industriais e agropecuárias produzem toneladas diárias desses gases. O resultado é o aumento da potencialidade do “efeito estufa”, retendo mais calor na Terra. Com o aquecimento global, a temperatura aumenta continuamente, pondo em risco a própria vida no planeta.

Fique ligado

Cultura do Desperdício: por uma sociedade mais consciente (Brasil). Direção de Sérgio Lopes, 2017. 52 min.

O documentário mostra o desperdício em toda a cadeia produtiva de alimentos, procurando atingir a sociedade como um todo, para promover uma mudança de padrão cultural, incentivando a ação certa para o fim da cultura do desperdício e para a promoção da cidadania consciente.

A última hora (EUA). Direção de Nadia Conners, 2007. 95 min.

O documentário reúne entrevistas com mais de 50 renomados cientistas, pensadores e líderes, que ajudam a esclarecer os dilemas ambientais globais e a pensar sobre as alternativas ainda possíveis.

PUXANDO PELA MEMÓRIA

Após o estudo do capítulo, você manteria sua resposta à pergunta da página 296?

Créditos das imagens de cima para baixo: Goran Tomasevic/Reuters/Fotoarena; Russell Boyce/Reuters/Fotoarena; Zahid Hussein/Reuters/Fotoarena; Christophe Ena/Associated Press/Glow Images; Darren Whiteside/Reuters/Fotosens; citizenside.com; © 2009 Ben Sargent/Dist. by Universal Uclick.

309

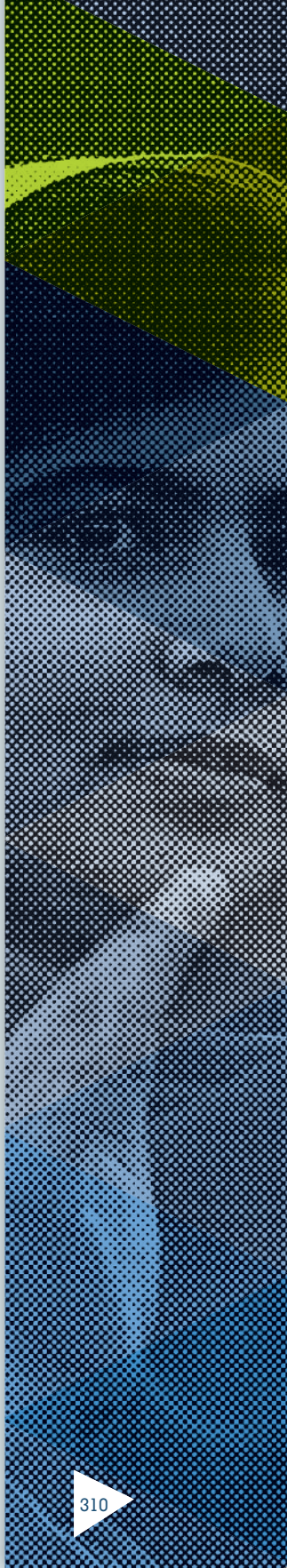
Puxando pela memória

Resposta pessoal. Professor, retome com os alunos a pergunta da página 296 e, a seu critério, estabeleça um debate com a turma sobre as consequências das ações militares desencadeadas pelos EUA no curso da “Guerra ao Terror”, iniciada durante a presidência de George W. Bush, para as populações de países como o Iraque e o Afeganistão.

Roteiro de estudos

O que aprendemos?

1. Após o ataque terrorista ao World Trade Center, o presidente dos Estados Unidos conseguiu que o Congresso aprovasse o *Patriot Act*, legislação que permite suspender direitos constitucionais dos cidadãos. Determinou também a invasão militar do Afeganistão e do Iraque.
2. Ao adotar políticas econômicas neoliberais, o governo dos Estados Unidos suspendeu a regulamentação das empresas, sobretudo no mercado financeiro. Com os juros muito baixos, os bancos financiaram a compra de imóveis para clientes com baixa capacidade de pagamento. Eram empréstimos conhecidos como *subprimes* – de alto risco. Quando a taxa de juros subiu, milhares de pessoas que não puderam pagar seus empréstimos perderam suas casas. Os bancos tiveram grandes prejuízos. A crise provocou a queda das ações negociadas na Bolsa de Valores, o fechamento de fábricas e o crescente desemprego.
3. A crise de 2007 alcançou a Europa, mas os problemas em alguns países europeus eram anteriores a ela. Alguns países-membros da União Europeia, como Portugal, Espanha, Grécia, Bélgica, entre outros, entraram em recessão com falências de empresas e desemprego. Para receber ajuda financeira, os governos diminuíram os salários dos funcionários públicos e aumentaram o tempo para o trabalhador ter direito a aposentadoria, reajustou preços dos combustíveis e da tarifa de energia elétrica, entre outras medidas impopulares.
4. A Revolta Árabe foi um conjunto de movimentos populares ocorridos em países árabes de religião muçulmana, no norte da África e no Oriente Médio. O povo se revoltou contra o autoritarismo dos governos, a falta de direitos básicos, a corrupção governamental e a precariedade dos serviços públicos.



310

ROTEIRO DE ESTUDOS

FAÇA NO CADERNO

O QUE APRENDEMOS?

- 1 | “Guerra ao Terror” ou “guerra ao terrorismo” são expressões criadas pelo presidente estadunidense George W. Bush para nomear algumas medidas tomadas durante seu mandato. Que medidas foram essas?
- 2 | Quais foram as causas da crise econômica que eclodiu em 2007 nos Estados Unidos?
- 3 | Como a crise econômica estadunidense afetou os países europeus?
- 4 | Quais foram as motivações populares para a Revolta Árabe?
- 5 | Que países estão relacionados à sigla Brics e por que eles foram considerados importantes nas relações internacionais?
- 6 | Por que as ações do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, são tão criticadas?
- 7 | Relacione Mohamed Bouazizi à Revolta Árabe.
- 8 | Qual é a relação entre a crise econômica de 2007 e o fim da Nova Ordem Mundial?
- 9 | Por que a frase seguinte é falsa?
O ataque às Torres Gêmeas em 2001, em Nova York, não pode ser considerado ato de terrorismo porque foi um ato de defesa dos povos árabes contra o poder militar dos Estados Unidos.
- 10 | Por que o Afeganistão foi fundamental para o presidente George W. Bush justificar sua “Guerra ao Terror”?

PESQUISA

Malala Yousafzay vivia no Paquistão em uma área dominada pelas milícias talibãs. Em 2012, aos 15 anos de idade, seu ônibus escolar foi parado e um talibã deu um tiro em sua cabeça. O motivo: ela, uma menina, estava estudando. Ela sobreviveu ao ataque e, nove meses depois, ao discursar na Assembleia de Jovens da ONU, defendeu o direito de todas as crianças terem acesso às escolas: “Nossos livros e nossos lápis são nossas armas. A educação é a única solução, a educação em primeiro lugar”, disse ela.



Malala Yousafzay, durante a cerimônia em que recebeu o prêmio Sakharov, na França. Esse prêmio é entregue a pessoas que lutam pela defesa dos direitos humanos. Fotografia de 2013.

- Pesquise sobre a vida de Malala e procure saber por que, apesar de tão jovem, ela ganhou vários prêmios, entre eles o Prêmio Nobel da Paz de 2014.

5. BRICS é sigla que representa os seguintes países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Os membros do BRICS defendem interesses comuns e influenciam outros países na tomada de decisões em encontros internacionais.
6. Trump é criticado por discriminar outros povos, como hispânicos e muçulmanos. Ele ainda rompeu com o Acordo de Paris, que diminuía os gases poluentes. Trump também reconheceu Jerusalém como capital de Israel, provocando ódios e ressentimentos entre os árabes.
7. Mohamed Bouazizi era um jovem tunisiano que vendia frutas e legumes para sustentar a família. Ao se recusar a pagar propina a fiscais corruptos, ele sofreu agressões físicas e humilhações. Como forma de protesto, ele ateou fogo em si mesmo. Sua morte provocou a revolta da população da Tunísia, alastrando-se em seguida por outros países do norte da África e do Oriente Médio.
8. A crise econômica de 2007 demonstrou a falência das políticas neoliberais. O governo dos Estados Unidos emprestou milhões

IMAGENS CONTAM A HISTÓRIA

O ataque terrorista às Torres Gêmeas, em Nova York, ocorreu em 11 de setembro de 2001. Dias depois, em 28 de setembro, manifestantes muçulmanos em Jacarta, capital da Indonésia, protestaram contra os Estados Unidos. Observe os cartazes registrados na fotografia ao lado. O primeiro à esquerda mostra o então primeiro-ministro israelense Ariel Sharom. Na parte de cima, em inglês, está escrito: “Procurado. Vivo ou morto”. No cartaz do meio, também em inglês, está escrito: “Procurado o comandante da cruzada, George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, por crimes contra Deus e a humanidade”. O terceiro cartaz, igualmente em língua inglesa, afirma: “Quem são os verdadeiros grandes terroristas? Israel e Estados Unidos”. Em todos eles está escrito Gaza, uma referência aos palestinos que vivem nessa região.



Manifestantes muçulmanos protestam contra os Estados Unidos poucos dias após os atentados de 11 de setembro, em Jacarta, Indonésia. Fotografia de 2001.

- Com base neste capítulo e no capítulo 11, analise os dizeres dos três cartazes e responda: quais as razões que levam os muçulmanos a manifestar tanta repulsa aos governos dos Estados Unidos e de Israel?

O PASSADO PRESENTE

Em sua Guerra ao Terror, o governo de George W. Bush autorizou a *Central Intelligence Agency* (Agência Central de Inteligência, CIA) a criar prisões fora do território estadunidense, como a base militar de Guantánamo, em Cuba. Ali, entre as muitas formas de tortura, a vítima era impedida de dormir por 180 horas, obrigada a ficar em posição desconfortável, mantida isolada em cela escura com barulho em alto volume, passava por simulação de afogamento e sofria com banhos gelados e espancamentos.

Após cinco anos de investigações, uma comissão do Senado dos Estados Unidos apresentou, em dezembro de 2014, relatório denunciando os graves abusos contra os prisioneiros. O relatório também concluiu que o uso da tortura foi ineficaz para obter informações relevantes de combate ao terrorismo. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, condenou o uso da tortura, ao declarar: “Esses métodos não apenas foram inconsistentes com nossos valores como nação, como não serviram aos nossos esforços gerais contra o terrorismo nem aos nossos interesses de segurança nacional. Eles prejudicaram significativamente a imagem da América e a sua posição no mundo”.

- Por que Barack Obama afirmou que os métodos de interrogatório e tortura utilizados na prisão de Guantánamo são prejudiciais à imagem dos Estados Unidos da América perante o mundo?

Pesquisa

Malala Yousafzay é a autora de um *blog* chamado de Diário de uma estudante paquistanesa. Nesse *site*, ela escrevia sobre a difícil vida no Paquistão dominado pelo talibã e demonstrava o seu apreço pelos estudos. Ela deu entrevistas para a TV e participou de um documentário. Em 2011, foi indicada ao Prêmio Internacional da Paz da Infância, mas não ganhou. Essas atividades fizeram com que ela fosse vítima de um atentado do talibã. Após a sua recuperação, passou a atuar a favor da educação das crianças e jovens.

Imagens contam a história

Em diversos países muçulmanos, há um forte sentimento contra os Estados Unidos por apoiarem Israel e não se importarem com a reivindicação dos palestinos para terem seu próprio país. O governo estadunidense apoiou os israelenses na guerra de 1967. Na guerra de 1973, a ajuda militar dos Estados Unidos foi fundamental para a vitória de Israel contra os ataques do Egito e da Síria. O governo estadunidense não demonstrou contrariedade quando os israelenses tomaram terras dos palestinos e, nas reuniões da Organização das Nações Unidas, votou contra a fundação do Estado palestino. O ressentimento dos árabes contra os Estados Unidos aumentou ainda mais com a Primeira Guerra do Golfo em 1991, com a implantação de diversas bases militares no Oriente Médio, e com a Guerra ao Terror, iniciada por George W. Bush, em 2001.

O passado presente

A tortura praticada por agentes dos Estados Unidos contra suspeitos de terrorismo viola inúmeros tratados internacionais assinados pelo país, a começar pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, reconheceu que a prática da tortura não deu resultados, não contribuiu para o combate ao terrorismo nem garantiu a segurança do país. Mais grave, ao adotar a prática da tortura, o governo dos Estados Unidos negou os próprios valores do país, além de prejudicar sua imagem e sua posição no mundo.

▶ de dólares para empresas e bancos e estatizou empresas privadas, como a seguradora AIG e a fábrica de automóveis General Motors. Os governos de diversos países voltaram a intervir na economia e suspenderam as privatizações de empresas estatais. A crise econômica iniciada em 2007 pôs fim à Nova Ordem Mundial e às políticas neoliberais.

9. A frase é falsa porque o ataque às Torres Gêmeas é considerado ato de terrorismo. As vítimas eram civis, trabalhadores, pessoas comuns, e seu objetivo era criar medo e pânico.

10. Depois que as tropas da União Soviética deixaram o Afeganistão, o país passou a ser governado pelo talibã, grupo político autoritário e violento. O grupo terrorista Al Qaeda, liderado por Osama bin Laden, recebeu apoio e recursos do talibã para planejar e realizar os ataques às Torres Gêmeas.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Lia Calabre. *A era do rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BANDEIRA, Moniz. *O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil – 1961-1964*. 8. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado*. Política, sociedade e economia. São Paulo: Contexto, 2001.
- BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BERTONHA, J. Fábio. *A Segunda Guerra Mundial*. 3. ed. São Paulo: Atual, 2010.
- BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália fascista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALLENGER, Melanie; FILIPOVIC, Zlata (Org.). *Vozes roubadas: diários de guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- COX, Michael. *Elvis e sua pélvis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- D'ARAUJO, Maria Celina. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FERRAZ, Francisco Cesar Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GAZIER, Bernard. *A crise de 1929*. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- GELVIN, James L. *Israel x Palestina*. 100 anos de guerra. São Paulo: Edipro, 2017.
- GOMES, Angela de Castro. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil*. Passado, presente e futuro. São Paulo: Contexto, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos*. O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOWARD, Michael. *Primeira Guerra Mundial*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- JANOTTI, Maria de Lourdes M. *Sociedade e política na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1999.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. *História do tempo presente*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007. (Col. Textos e Documentos, 7).
- _____. *História contemporânea através de textos*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2008. (Col. Textos e Documentos).
- MEIRA, Béa. *Modernismo no Brasil*. São Paulo: Ática, 2007.
- MITTER, Rana. *China moderna*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- NAVES, Santuza Cambraia. *Da bossa nova à Tropicália*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- PARADA, Maurício; MEIHY, Murilo Sebe Bon; MATTOS, Pablo de Oliveira. *História da África contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Pallas, 2013.
- PINHEIRO, Leticia A. *Política externa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- PINSKY, Jaime et al. *História da América através de textos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Col. Textos e Documentos, 4).
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias*. Uma revisão da "política do café com leite". 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- VISENTINI, Paulo F. *As revoluções africanas*. Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.
- SMITH, S. A. *Revolução Russa*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- STRATHERN, Paul. *Oppenheimer e a bomba atômica em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ISBN 978-854723620-5



9 788547 1236205